RB199389

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

EXPOSIÇÃO
DOS
FACTOS, E MAQUINAÇÕES,
COM QUE SE PREPAROU A USURPAÇÃO
DA
COROA DE HESPANHA,
E DOS MEIOS QUE O IMPERADOR DOS FRANCEZES TEM POSTO EM PRATICA PARA REALIZALLA.

ESCRITA EM HESPANHOL
POR
D. PEDRO CEVALLOS,
Primeiro Secretario de Estado, e do Despacho de S. M. C. Fernando VII.

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ,
E publicada para desengano da Nação, e conhecimento da detestavel Protecção Franceza.

LISBOA. M. D. CCCVIII.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Casa da Gazeta.

EXPOSIÇÃO

DOS

PACTOS, E MAQUINAÇÕES,

COM QUE SE PREPAROU A USURPAÇÃO

DA

COROA DE HESPANHA,

A DOS MEIOS QUE O IMPERADOR DOS FRANCEZES TEM POSTO EM PRATICA PARA REALIZALLA.

ESCRITA EM HESPANHOL

POR

D. PEDRO CEVALLOS,

Primeiro Secretario de Estado, e do Despacho de S. M. C. Fernando VII.

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ,

E publicada para desengano da Nação, e conhecimento da detestavel Protecção Franceza.

LISBOA. M. D. CCCVIII.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Casa da Gazeta.

QUANDO a Nação tem feito, e continúa a fazer os esforços mais heroicos para sacudir o jugo, com que se pertendia reduzi-la á escravidão, todos os bons Cidadãos devem contribuir, do modo que lhes for possivel, para illustralla sobre as verdadeiras causas, que a conduzírão ao estado actual, e para a manter firmemente no nobre ardor que a anima.

Manifestar á Hespanha, e ao Mundo inteiro, os torpes meios, de que se tem servido o Imperador dos Francezes para aprisionar ao nosso Rei Fernando VII., e avassallar a esta Nação grande, e generosa, he hum objecto mui digno de quem, como eu, se acha no caso de o poder fazer; porque as circumstancias me puzerão em situação de ser testemunha dos successos, que precedêrão á catastrofe de Bayona, e me achei nella. Não me tem sido possivel revelallos antes por falta de liberdade, e por não haver reunido os documentos, que devem justificar a minha exposição. Faltão todavia alguns, que foi preciso queimar, por assim o exigirem as arriscadas circumstancias, em que tudo se podia temer; outros desapparecêrão por differentes combinações destes dias aziagos; porém os que apresento, são assás sufficientes para comprovar a atroz violencia, que se fez ao nosso amado Rei Fernando VII., e a toda a Nação.

Ainda que a conducta da Hespanha com a França desde a Paz de Basiléa, parte mui interessante da sua Historia Politica nestes ultimos tempos, está intimamente unida com os importantes acontecimentos, de que vamos a tratar nesta exposição, não ha para que nos demoremos em recorrer por miudo as suas épocas principaes. Bastará recordar o que toda a Nação, e a Europa inteira sabem, que o systema politico da Hespanha tem sido constantemente neste periodo conservar a amizade, e a melhor intelligencia com a França, e sustentar a todo o custo a ruinosa Alliança estipulada em 1796.

Para conseguir este fim, não tem havido sacrificios de especie alguma, que a Hespanha não tenha feito; e como a conservação do privado Principe da Paz no alto gráo de favor, que go-

gozava ao lado do Senhor D. Carlos IV. descendia em grande parte da continuação deste systema, foi extremada a constancia, e exquisito o empenho em sustentallo. Esquadras, Exercito, dinheiro, tudo se sacrificava á França; humilhações, e condescendencias, tudo se soffria, tudo se fazia para satisfazer a insaciavel exigencia do Governo Francez, sem que se pensasse nunca em preservar a Nação das maquinações de hum Alliado, que hia correndo a Europa como Conquistador.

Apenas havia concluido o Tratado de Tilsit, em que apparentemente mostrou haver-se decidido em seu favor o destino do Universo, quando voltou seus olhos ao Occidente, e resolveo a ruina de Portugal, e de Hespanha, ou o que vem a ser o mesmo, assenhorear-se desta vasta Peninsula, para fazer tão felices a seus habitantes, como aos de Italia, Hollanda, Suissa, e Confederação do Rhin.

Já nesta época revolvia na sua mente o Imperador alguns designios funestos á Hespanha; pois pensou em começar a desarmalla, exigindo hum Corpo respeitavel das nossas Tropas, para empregar o seu valor em Regiões remotas, e interesses alheios. Conseguio-o sem trabalho, e ficou á sua disposição hum luzido, e escolhido Exercito de 16$ homens de todas as Armas.

A empreza de assenhorear-se da Hespanha não era tão facil como imaginava Napoleão: sobre tudo era necessario buscar algum pretexto para pôr por obra o gigantesco, e atrevido plano de avassallar huma Nação amiga, e alliada, que tantos sacrificios havia feito pela França, e que o mesmo Imperador havia elogiado por sua fidelidade, e nobreza de caracter.

Sem embargo disto, acostumado a obrar com aquella falta de delicadeza na eleição dos meios, que he propria de quem imagina, que a conquista do Mundo inteiro, a devastação da especie humana, e o furor das armas podem conduzir á verdadeira gloria, se propôz fomentar a discordia entre a Familia Real de Hespanha, por meio do seu Embaixador nesta Corte.

Este, talvez sem estar iniciado no grande segredo de seu Amo, procurou seduzir ao Principe de Asturias, agora nosso Rei, e Senhor, e lhe suggerio a idéa de se desposar com huma Princeza, parenta do Imperador. A oppressão, que S. A. padecia por hum conjuncto de circumstancias tão lamentaveis, como notorias, e o desejo de evitar outro casamento, a que o

que-

querião violentamente obrigar, com huma Senhora da eleição de seu maior inimigo, e que só por este titulo repugnava, o movêrão a condescender com as suggestões do Embaixador; porém com a modificação de que se prestaria a isso, huma vez que fosse do agrado de seus Augustos Pais; por isso mesmo que deste modo se asseguraria mais e mais a amizade, e alliança, a esse tempo subsistentes entre as duas Coroas. Persuadido S. A. de humas razões tão poderosas aos olhos da politica, e cedendo ás instancias do Embaixador, escreveo neste supposto a S. M. I.

Poucos dias depois de se haver prestado o nosso amavel Principe a escrever esta Carta, aconteceo a escandalosa prisão de sua Augusta Pessoa no Real Mosteiro do Escurial, e o escandalosissimo Decreto, que se fez rubricar por ElRei, e se dirigio ao Conselho de Castella. Ha vehementes indicios para crer, que a mão desconhecida, que fez abortar aquella supposta conjuração, fosse algum agente Francez, com o objecto de levar adiante o plano, que Napoleão se havia proposto.

Por fortuna a Nação Hespanhola estava mui penetrada da sua situação, tinha huma justa idéa da boa indole, e religiosa moralidade de seu Principe de Asturias, e logo suspeitou que tudo era huma calumnia armada pelo Privado, com tão grande absurdo, como audacia, para sacrificar o unico obstaculo, que então se oppunha ás suas vistas.

Verificada a prisão do Principe de Asturias, sabe-se que ElRei Pai escreveo ao Imperador, sem dúvida por suggestão do Privado, queixando-se da conducta do Embaixador *Beauhernois*, nas suas relações clandestinas com o Principe de Asturias, e estranhando que o Imperador não obrasse de acordo com S. M. em materia de tanta consequencia entre Soberanos.

Como a prisão do Principe de Asturias, e sobre tudo o escandalosissimo Decreto fulminado contra a sua Real Pessoa, produzírão hum effeito inteiramente contrario ao que esperava o Privado, chegou este a intimidar-se, e julgou conveniente retroceder, e fazer-se mediador para a reconciliação entre os Reis Pais, e o Filho. Para este effeito consta pelo resumo da causa do Escurial, publicado pelo Conselho de Ordem de S. M. em 8. de Abril, que forjou humas Cartas, e fez que na sua prisão as assignasse o Principe de Asturias, as quaes postas nas mãos dos Reis Pais, se figurou terem enternecido o seu coração.

ção. Por este singularissimo modo obteve o innocente Principe a sua apparente liberdade.

Neste estado se achavão as cousas, quando chegou ao Real sitio do Escurial hum correio Francez, portador de hum Tratado concluido, e assignado em Fontainebleau a 27 de Outubro por D. Eugenio Izquierdo, como Plenipotenciario de S. M. C., e o Marechal *Duroc* em nome do Imperador dos Francezes. O seu conteúdo, e o da Convenção separada são, como se vê nos Numeros I., e II. dos Documentos Justificativos, que se ajuntão como continuação desta exposição.

He muito para notar que de nenhum dos passos dados por D. Eugenio Izquierdo em Paris, como assim mesmo da sua nomeação, Correspondencias, Instrucções, e outros manejos, havia a menor noticia no Ministerio de Estado do meu Cargo.

O fim deste Tratado foi apoderar-se o Imperador com mui pouco custo do Reino de Portugal; ter hum motivo plausivel para introduzir seus Exercitos na nossa Peninsula com o objecto de a dominar a seu tempo, e tomar immediatamente a Toscana.

O Privado adquiria por sua parte os Algarves, e o Além-Téjo em toda a sua propriedade, e soberania; porém dependia ainda da resposta do Imperador ás Cartas d'ElRei; ignorava-se absolutamente qual ella seria, e isto o tinha cheio de cuidados, e temores.

As relações intimas, que a esse tempo tinha o Privado com o Grão Duque de Berg, por via do seu confidente Izquierdo, o lisonjeavão de que tudo se comporia á medida do seu desejo, ainda que fosse necessaria a intervenção de alguns milhões. Porém o Privado, e o seu confidente não conhecião as verdadeiras intenções das personagens, com quem tratavão em Paris. Com effeito, logo que o Imperador vio compromettido o Privado, e desacreditados os Reis Pais, não quiz responder ás Cartas de S. M., com o fim de os ter irresolutos, e talvez de infundir-lhes terror, para que projectassem alguma fuga, ainda que então não tinha tomado bem todas as medidas necessarias para se aproveitar della.

O Grão Duque escreveo ao Privado, que poria todos os meios para o suster; porém que o negocio era muito delicado, attendidas as considerações do extraordinario amor, que se tinha em Hespanha ao Principe de Asturias, e os respeitos de huma Princeza, sobrinha da Imperatriz, e achando-se

met-

mettido neste negocio o Embaixador *Beauharnois* seu parente. (1)

Então foi quando o Privado começou a conhecer claramente o muito que decahia o seu credito, e se julgou perdido, faltando-lhe o apoio de seu imaginado protector o Imperador dos Francezes. Não houve então meio, que deixasse de tentar para ganhar mais e mais a boa vontade do Grão Duque de Berg. Expressões, differenças, tudo se póz em prática; e para melhor conjurar a tempestade imminente, fez que os Reis Pais escrevessem directamente ao Imperador, pedindo-lhe huma sobrinha sua para casalla com o Principe de Asturias.

Entretanto que isto succedia, mostrou o Imperador dos Francezes estar muito desgostoso dos manejos de Izquierdo, e o apartou de seu lado, para cortar deste modo a communicação directa, e fazer-se mais impenetravel.

Verificou S. M. I. a sua viagem á Italia com o apparato que toda a Europa sabe, e deo-lhe tal importancia, que se devia julgar hia a fixar o destino do Universo. Porém he de suspeitar que na realidade não teve outro objecto que o de chamar alli a attenção para allucinar as gentes, em quanto as suas vistas se dirigião á invasão de Portugal, e da Hespanha.

Não chegou porém a tanto esta artificiosa dissimulação, que não descobrisse com ella hum artigo do Tratado secreto de Fontainebleau, exterminando da Toscana a Rainha Regente, e seus Filhos do modo mais repentino, e despojando o Palacio Real, e todas as caixas públicas de huma Corte, que ignorava o Tratado, e não tinha commettido por isso mesmo nenhuma traição, ou aleivosia.

Em quanto o Imperador tinha suspensa a Europa com a sua viagem de Milão, e Veneza, julgou acertado responder a tres Cartas, que lhe levava já escritas ElRei Pai, e assegurou a S. M. não ter tido a menor noticia de quanto lhe havia communicado ácerca de seu filho o Principe de Asturias, nem tinha recebido já mais Carta alguma de S. A. (2) Não obstante consentia S. M. I. no proposto casamento com huma Prin-

ce-

(1) Tudo isto consta da correspondencia do Privado com o Grão Duque, arrancada por este da Secretaria de Estado, durante o seu Governo.

(2) Coteje-se esta asserção com a cópia da Carta de S. M. I. a ElRei Fernando (N.º III.) em que diz ter em seu poder a Carta, que lhe escreveo o Principe de Asturias por inducção do Embaixador *Beauharnois*.

ceza da sua Familia, com o objecto sem dúvida de entreter aos Reis Pais, em quanto fazia marchar para a Hespanha, debaixo de pretextos apparentes, todas as Tropas, de que a esse tempo podia dispôr; e fazia espalhar mui de proposito a voz, de que favorecia a causa do Principe de Asturias, procurando deste modo captar a vontade geral da Nação Hespanhola.

Preoccupados os Reis Pais do terror, que lhes inspirava a conducta do Imperador, e ainda mais preoccupado o Privado, nenhum obstaculo puzerão á entrada das Tropas Francezas nos seus Estados, mas antes derão as ordens mais efficazes, para que fossem recebidas, e tratadas melhor que as Hespanholas.

O Imperador, debaixo do pretexto da seguridade das mesmas Tropas, mandou a seus Generaes, que por vontade, ou por força se assenhoreassem das Fortalezas de Pamplona, S. Sebastião, Figueiras, e Barcelona, como unicas que podião offerecer obstaculos a huma invasão. Com effeito forão tomadas por surpreza, e engano, ainda que affectando sempre sentimentos de amizade, e alliança, com escandalo, e desgosto de toda a Nação.

Senhor já, a seu parecer, o Imperador de toda a Hespanha, e julgando ser já chegado o tempo de apressar as suas medidas, achou conveniente escrever huma Carta a ElRei Pai, accusando a S. M. em tom aspero, por não lhe ter renovado a petição de huma Princeza Imperial para seu Filho o Principe de Asturias. ElRei houve por bem responder-lhe, que ratificava o mesmo que tinha dito, e estava prompto para que se verificasse o casamento.

Faltava sem dúvida algum passo importante para levar o projecto a hum gráo de madureza conveniente; e o Imperador não querendo fiallo da penna, imaginou que não podia lançar mão de melhor instrumento que de D. Eugenio Izquierdo, a quem tinha em París no maior abatimento, e cheio de hum terror, que artificiosamente lhe tinha sabido inspirar, para desempenhar a commissão de infundir o mesmo terror aos Reis Pais, e ao Privado.

Sem demora mandou o Imperador a Izquierdo, que viesse a Hespanha; o que executou com precipitação, e mysterio. Segundo as suas relações verbaes, elle não trazia proposição alguma por escrito, nem devia levalla, e tinha ordem de não se demorar mais de tres dias.

As-

Assim foi com effeito. Chegado a Aranjuez, conduzio o Privado á presença dos Reis Pais, e as suas Sessões forão tão secretas, que ninguem pode penetrar o objecto da sua vinda. Porém mui pouco tempo depois da sua partida desta Corte, se começou a descobrir a resolução de SS. MM. de abandonar a Capital, e a Peninsula, e passarem ao México.

O recente exemplo de huma semelhante resolução, que havia tomado a Familia Real de Portugal, parecia haver enchido as vistas do Imperador; e he de crer que S. M. I. se promettia igual exito em Hespanha.

Porém era necessario não conhecer o caracter Hespanhol, para deixar-se lisonjear desta esperança. Effectivamente, apenas se divulgou a noticia de que SS. MM. pensavão abandonar a sua residencia, o que annunciavão evidentemente muitos preparativos, e disposições, quando logo o descontentamento, e o temor se virão pintados com viveza nos semblantes de todas as pessoas da Corte, e de todos os individuos de todas as classes. Isto só bastou para que SS. MM. fizessem desmentir a voz, que corria a este respeito, e assegurassem ao Povo que não o abandonarião.

Sem embargo disso, era tal a desconfiança geral, tão enorme a grandeza dos males, que se devião seguir, e taes, e tantos os symptomas da resolução de se ausentarem, que todos vivião álerta, e conhecião a necessidade de impedir huma medida tão cheia de inconvenientes. Cresceo o perigo, crescêrão os temores do público, e á maneira de huma explosão inesperada, succedêrão repentinamente os movimentos de Aranjuez a 17 e 19 de Março, nos quaes o Povo foi conduzio por huma especie de instincto da sua conservação, e cujo resultado foi a prisão do Privado, que sem o titulo de Rei havia exercido, por assim dizer, exclusivamente, e por muitos annos as funções de Soberano.

Apenas se vio verificada esta estrepitosa cahida, quando os Reis Pais, vendo-se sem o apoio do seu favorito, tomárão a inesperada, e espontanea resolução, a que estavão determinados, havia algum tempo, de abdicar a sua Coroa, como com effeito a abdicárão em seu Filho, e Herdeiro o Principe de Asturias.

Ignorando o Imperador este successo repentino, e não suspeitando mesmo que os Hespanhoes fossem capazes de seme-

lhante resolução, havia mandado ao Principe Murat que marchasse com o seu Exercito para Madrid, na supposição de que a Familia Real estaria já prompta onde devia embarcar-se; e que longe de encontrar o menor obstaculo nos Póvos, o receberião todos com os braços abertos como a seu Libertador, e Anjo tutelar. Suppunha que a Nação vivia summamente descontente do seu Governo, e não comprehendia que só o estava dos abusos, e má administração.

Logo que o Grão Duque de Berg soube do que tinha acontecido em Aranjuez, resolveo adiantar-se com todo o seu Exercito a occupar a Capital do Reino, com animo sem dúvida de aproveitar-se da occasião, e tomar o partido, que melhor conviesse para realizar por qualquer meio o plano de assenhorear-se da Hespanha.

Entretanto a mysteriosa obscuridade dos projectos do Imperador, a proximidade de suas Tropas, e a ignorancia, em que se estava ácerca do verdadeiro objecto da sua vinda, determinárão a ElRei Fernando VII. a tomar aquellas medidas de conciliação, que parecêrão a proposito a S. M. para ganhar a benevolencia do Imperador. Não julgando bastante haver-lhe dado parte da sua exaltação ao Throno, em termos os mais amigaveis, e expressivos, nomeou ElRei huma Deputação de tres Grandes de Hespanha, para que passasse em seu Real Nome a Bayona á cumprimentar a S. M. I.; e nomeou igualmente outro Grande de Hespanha para que fizesse hum semelhante cumprimento ao Grão Duque de Berg, que á esse tempo se achava nas visinhanças de Madrid.

Huma das maquinações, que puzerão immediatamente em prática os Agentes Francezes, foi o segurar ElRei, e divulgar por todas as partes que S. M. I. estava a chegar por momentos á esta Capital. Com este motivo se derão as disposições convenientes para preparar em Palacio hum alojamento correspondente á dignidade de tão Augusto Hospede; e ElRei escreveo novamente ao Imperador, manifestando-lhe quanto lhe seria agradavel conhecello pessoalmente, e poder-lhe assegurar de palavra os seus ardentes desejos de consolidar mais e mais a amizade, e alliança, que subsistião entre ambos os Soberanos.

O Grão Duque de Berg fez entretanto a sua entrada em Madrid á testa das suas Tropas. Apenas se informou do estado das cousas, começou a semear a discordia, fallando artificio-

ciosamente da abdicação da Coroa feita por ElRei Pai a favor de seu Filho em meio do tumulto de Aranjuez, e dando a entender que em quanto o Imperador não reconhecesse a Fernando VII., lhe era impossivel a elle fazer demonstração alguma de reconhecimento, e se via precisado a tratar só com ElRei Pai.

Não deixou esta especie de produzir o effeito, que se propunha o Grão Duque. Noticiosos della os Reis Pais, aproveitárão esta circumstancia para salvar ao Privado, que se conservava em prisão, e em cujo favor mostrou interessar-se o Principe Murat, sem outro objecto que o de lisonjear a SS. MM., por isso mesmo que favorecia o partido contra Fernando VII., e semear de novo a discordia entre os Pais, e o Filho.

Nesta situação de cousas fez o novo Rei a sua entrada pública em Madrid, sem mais apparato, nem ostentação que o numerosissimo concurso de todo o Povo da Corte, e da Comarca, e os extremos de amor, e lealdade, os vivas, e acclamações do pasmoso enthusiasmo de todos os seus Vassallos, scena verdadeiramente grande, e terna, em que se vio o Joven Rei, qual Pai em meio de seus filhos, entrar na sua Capital, como Regenerador, e Anjo Tutelar da Monarquia.

Foi testemunha desta scena o Duque de Berg; e longe de abandonar o seu plano, se propôz levallo adiante com maior empenho. O ensaio feito com os Reis Pais havia produzido o desejado effeito; porém em quanto estivesse á vista o adorado Rei, que subia ao Throno com tão bons auspicios, não era possivel realizar este plano. Por isso todo o seu esforço foi trabalhar por separar a Fernando VII. de Madrid.

Para o conseguir, espalhava o Grão Duque a cada instante a noticia da chegada de hum novo correio com os avisos da sahida do Imperador de París, e da sua proxima chegada a esta Corte. Primeiro tomou o empenho de que sahisse o Senhor Infante D. Carlos a receber a S. M. I., no supposto de que ao segundo, ou terceiro dia de jornada o encontraria; com isto condescendeo S. M. possuido das mais puras, e beneficas intenções. Apenas conseguio a sahida do Senhor Infante, manifestou vivissimos desejos de que ElRei fizesse o mesmo, e não houve meio, de que se não valesse para obrigar a S. M. a decidir-se, promettendo que este passo teria os resultados mais felices para ElRei, e para todo o Reino.

Ao mesmo tempo que o Grão Duque de Berg, o Embaixador, e todos os Agentes Francezes trabalhavão para este fim, manobravão por outro lado com os Reis Pais para lhes arrancar huma formal Protestação contra a abdicação da Coroa feita espontaneamente a favor de seu Filho, e herdeiro legitimo, com as solemnidades costumadas.

Instado urgentemente ElRei para que sahisse ao encontro ao Imperador, lutava S. M. entre a necessidade de ter huma condescendencia com o seu Alliado, de que lhe promettião tão vantajosos resultados, e o desejo de não abandonar ao seu leal, e amado Povo em tão criticas circumstancias.

Nesta espinhosa situação posso dizer de mim ter sido o meu constante dictame, como Ministro d'ElRei, que S. M. não sahisse da sua Corte, senão quando tivesse noticia segura de que o Imperador, dentro já de Hespanha, se avisinhava a Madrid; e que só então fosse a mui curta distancia, para não pernoitar fóra da sua Corte.

S. M. susteve por alguns dias a resolução de não sahir de Madrid antes de ter avisos certos, de que o Imperador se avisinhava; e provavelmente assim o teria feito, se a chegada do General Savary não tivesse augmentado muito mais peso ás multiplicadas instancias do Grão Duque, e do Embaixador Beauharnois.

Annunciou-se logo o General Savary como Enviado do Imperador; e nessa qualidade pedio huma Audiencia a S. M., que lhe foi immediatamente concedida. Nella manifestou que elle vinha da parte do Imperador para cumprimentar a ElRei, e saber de S. M. unicamente se os seus sentimentos a respeito da França erão conformes aos d'ElRei seu Pai; em cujo caso o Imperador prescindia de tudo quanto havia acontecido, não se intrometteria em cousa alguma do interior do Reino, e reconheceria desde logo a S. M. por Rei de Hespanha, e das Indias.

Recebida por Savary huma resposta a mais satisfatoria, manifestou a sua satisfação em termos tão lisonjeiros, que nada restava a desejar; e terminou-se a Audiencia, assegurando elle por sua parte, que o Imperador deveria ter já sahido de Paris, e estaria mui perto de Bayona para se dirigir a Madrid.

Apenas se despedio este Emissario, começou a fazer as mais vivas diligencias para decidir S. M. a que sahisse ao encon-

contro do Imperador. Assegurava que este obsequio seria mui lisonjeiro, e grato a S. M. I.; e protestou tão positiva, e repetidamente, que o Imperador estava para chegar por momentos, que foi forçoso dar credito ás suas palavras. Era com effeito mui difficil suspeitar ao menos que viesse determinadamente a enganar hum General Enviado de hum Imperador.

ElRei cedeo em fim a tantas instancias, e tão lisonjeiras esperanças, e seguridades; e o amor a seus Vassallos, o ardente desejo de fazer a sua felicidade, pondo fim a esta terrivel crise, triunfárão em seu generoso coração de toda a repugnancia, e temor.

Chegou o dia assignalado para a sahida d'ElRei; e o General Savary, mostrando apparentemente o maior zelo, e interesse por S. M., manifestou desejar a honra de o acompanhar na sua viagem, que poderia ser o muito até Burgos, segundo as noticias que dizia acabava de receber da aproximação do Imperador.

Em quanto durava esta ausencia, que se suppunha de mui poucos dias, deixou ElRei estabelecida em Madrid huma Junta Suprema de Governo, composta dos Secretarios d'Estado, e presidida por seu Tio o Senhor Infante D. Antonio, para que cuidasse dos Negocios urgentes do Governo.

Seguio o General Savary a ElRei em hum coche separado até Burgos; e como não estivesse alli o Imperador, se empenhou com todo o esforço, em que S. M. continuasse a sua viagem ao menos até Vitoria. Houve então varios debates sobre o partido que devia tomar-se; porém o artificio, e a perfidia lutavão contra a honra, a innocencia, e a boa fé; e em luta tão desigual, as mesmas beneficas intenções, que havião arrebatado a ElRei da sua Corte, o arrastárão até Vitoria.

Bem persuadido o General Savary de que S. M. estava resolvido não passar mais adiante, continuou a sua viagem até Bayona, sem dúvida com o designio de informar o Imperador de tudo, e obter huma Carta, que decidisse ElRei a separar-se de seus Póvos.

Recebeo S. M. em Vitoria a noticia de que o Imperador tinha chegado a Bordeos, e se encaminhava a Bayona: com esta noticia o Senhor Infante D. Carlos, que estava esperando em Tolosa, se pôz em caminho para Bayona, convidado pelo Imperador, que ainda tardou em chegar alguns dias.

Na-

Nada particular occorreo em Vitoria, senão que havendo dado parte a Junta Suprema do Governo de Madrid, de que o Grão Duque de Berg exigia imperiosamente a liberdade, e entrega do Privado, S. M. não teve por bem acceder a tal requisição, fazendo-o saber á Junta do Governo, para que tivesse entendido, que não devia entrar em contestação com o Grão Duque sobre a sorte do preso. (1)

Entretanto combinou o General Savary com o Imperador o meio, que devia pôr-se em prática para dar o ultimo golpe; e em quanto as Tropas Francezas, que se achayão nas visinhanças de Vitoria, fazião (segundo se soube depois) alguns movimentos suspeitosos, se apresentou naquella Cidade com a Carta do Imperador (N.º III.) para S. M.

A's expressões pouco decorosas, e não muito lisonjeiras desta Carta, ajuntou Savary taes, e tantas protestações do interesse, que tomava o Imperador por S. M., e pela Hespanha, que chegou a dizer: » Eu offereço a minha cabeça, se hum » quarto de hora depois de ter chegado S. M. a Bayona não » for reconhecido pelo Imperador como Rei de Hespanha, e » das Indias. Para suster o seu empenho, começará provavel- » mente dando-lhe o tratamento de Alteza; porém cinco mi- » nutos depois lhe dará Magestade, e nos tres dias estará tu- » do regulado, e S. M. poderá restituir-se a Hespanha imme- » diatamente.

Vacillou não obstante ElRei sobre o partido, que deveria tomar; porém desejoso de sahir do empenho, em que estava já constituido, e ainda mais que tudo de tirar a seus amados Vassallos da cruel inquietação, em que se achavão, fechou o seu coração a todo o temor, e os seus ouvidos aos meus conselhos, e aos de alguns outros sujeitos da sua comitiva, não menos que aos clamores daquelle leal Povo; e determinou passar a Bayona, não podendo conceber seu Real animo, que hum Soberano seu Alliado o quizesse hospedar para o aprisionar, e para acabar com huma dynastia, que, longe de o haver já mais offendido, lhe tinha dado provas tão relevantes de amizade.

Ape-

(1) Todos sabem que o preso foi por fim entregue aos Francezes, e conduzido por elles com escolta a Bayona. Esta entrega se fez só por ordem da Junta do Governo, cedendo ás circumstancias imperiosas, e ás peremptorias ameaças do Grão Duque, como mais largamente se manifesta no Appendix, que acompanha este escrito.

Apenas pôz ElRei os pés no territorio de França, notou S. M. que ninguem sahia a recebello, até que chegando a S. João da Luz se apresentou o Maire com toda a Municipalidade: parou o coche, e fallou a S. M. com as mais vivas demonstrações de júbilo que o animavão, por ser o primeiro que tinha a honra de receber a hum Rei Amigo, e Alliado da França.

A poucos passos se encontrou a Deputação dos tres Grandes de Hespanha, que lhe vinhão sahir ao encontro; e a sua explicação a respeito das intenções do Imperador não foi a mais lisonjeira. Sem embargo disto a proximidade, em que se achava de Bayona, não dava já lugar a mudar de rumo, e continuou-se a viagem.

Sahírão ao encontro d'ElRei o Principe de Neufchatel, e o Marechal de Palacio Duroc, com huma partida da Guarda de Honra, que os Bayonezes tinhão armado para serviço do Imperador; e convidárão a S. M. para que entrasse em Bayona, onde lhe estava preparado o seu alojamento. Este pareceo a todos, e era na realidade mui pouco conforme ao decóro do Augusto Hospede, que o devia occupar: descuido assás notavel, e significativo, que fazia huma extraordinaria differença da magnificencia, e esmero, que ElRei havia empregado no que tinha preparado em Madrid ao seu Alliado.

Extasiado ficou S. M. vendo hum recebimento tão pouco para esperar, quando o avisárão que vinha o Imperador a visitallo. Chegou com effeito S. M. I. acompanhado de muitos Generaes: desceo ElRei a recebello até á porta da rua, e alli se abraçárão ambos os Monarcas com demonstrações de affecto, e amizade. Deteve-se o Imperador hum breve espaço com S. M., e se despedio renovando os abraços.

Pouco tempo depois veio o Marechal Duroc convidar a ElRei a jantar com S. M. I., cujos coches devião vir conduzir S. M. ao Palacio de Marrac, e assim se verificou. Desceo o Imperador a receber a ElRei ao estribo do coche, abraçou-o, e o conduzio pela mão á sua habitação.

Apenas ElRei voltou á casa da sua residencia, se lhe apresentou o General Savary para communicar a S. M. que o Imperador havia determinado irrevogavelmente que não reinasse em Hespanha a dynastia de Bourbon, e que em seu lugar lhe succedesse a sua; para o que queria S. M. I. que ElRei re-

nun-

nunciasse por si, e por toda a sua Familia a Coroa de Hespanha, e de suas Indias, a favor da dynastia de Bonaparte.

Não he facil pintar a surpreza, que experimentou o Real animo de S. M., e o assombro, que perturbou todos os sujeitos mais chegados á sua Real Pessoa ao ouvir semelhante proposição. Ainda não tinha bem descançado ElRei das fadigas da sua penosa viagem, quando o mesmo homem, que o tinha enchido de seguridades em Madrid, e pelo caminho; que o havia arrancado da sua Corte, e do seu Reino para regular em Bayona pontos importantes aos dous Estados, e ser reconhecido por S. M. I., tem a ousadia de ser elle mesmo o mensageiro de huma proposição tão escandalosa.

No dia seguinte fui chamado pelo Imperador ao seu Real Palacio, onde me esperava o Ministro das Relações exteriores Mr. de Champagni, para discutir as proposições apresentadas verbalmente pelo General Savary. Desde logo me queixei da perfidia, com que se procedia em tão importante negocio: expuz que ElRei meu Amo tinha vindo a Bayona fiado na segurança, que em nome do Imperador lhe havia protestado o General Savary, estando presentes os Duques do Infantado, e de S. Carlos, D. João Escoiquiz, e eu, de que S. M. I. o reconheceria no momento, que se verificasse a entrevista dos dous Soberanos no Palacio Imperial de Marrac; que quando S. M. esperava ver realizado o offerecido reconhecimento, havia sido surprendido com as mencionadas proposições; e que S. M. me tinha authorizado para protestar contra a violencia, que se fazia á sua Pessoa, não lhe permittindo voltar a Hespanha; e para responder ás solicitações do Imperador categorica, e terminantemente, que ElRei não podia, nem devia renunciar a sua Coroa a favor de outra dynastia, sem faltar ao que devia a seus Vassallos, e á sua propria reputação; que tão pouco o podia fazer em prejuizo dos individuos da sua Familia, chamados neste caso pelas Leis fundamentaes do Reino; muito menos podia condescender em que reinasse outra dynastia, que só deveria ser chamada ao Throno pela Nação Hespanhola, em virtude dos direitos originarios, que tem para eleger outra Familia, logo que se extingua a que actualmente reina.

Insistio o Ministro das Relações exteriores na pertenção da dita renúncia; allegando, que a que tinha feito Carlos IV. em 19 de Março, não havia sido espontanea.

Ma-

Manifestei então a minha estranheza, de que se solicitasse d'ElRei a renúncia da sua Coroa, ao mesmo passo que se defendia não haver sido livre a de seu Augusto Pai. Pudéra, disse eu, escusar-me de entrar nesta discussão, por não reconhecer no Imperador a menor authoridade, para se embaraçar em negocios, que são puramente domesticos, e peculiares do Governo Hespanhol, seguindo neste caso o exemplo do Gabinete de París, quando desprezou como incompetentes as reclamações de S. M. ElRei Pai a favor do desgraçado Luiz XVI. seu Alliado, e Primo Co-Irmão.

Não obstante, quiz todavia dar á verdade, e á innocencia hum testemunho, que só ella tinha direito para o exigir de mim; e continuei, dizendo, que tres semanas antes do movimento de Aranjuez, ElRei Carlos IV. na minha presença, e de todos os outros Ministros do Despacho tinha dito a S. M. a Rainha: „ Maria Luiza, retirar-nos-hemos a huma Pro„ vincia, viviremos tranquillos, e Fernando, que he moço, „ carregará com o peso do Governo „

Fiz-lhe ver que nos dias 17, 18, e 19 de Março nenhuma violencia se tinha feito a S. M. para a abdicação da Coroa, nem pelo Povo, commovido unicamente pelo sentimento, de que S. M. se ausentasse para Sevilha, e dalli para a America; nem por parte de seu Filho o Senhor Principe de Asturias, nem por outra alguma pessoa; do que estavão bem persuadidos assim os Ministros do Corpo Diplomatico, como as pessoas da Corte, pois huns e outros tinhão felicitado, e cumprimentado ao novo Soberano, á excepção do Embaixador de França, que pretextou não estar authorizado com as competentes Instrucções, sem reparar no exemplo dos seus Collegas, que tambem as não havião recebido das suas respectivas Cortes.

Conclui finalmente provando por consequencia, que a renúncia d'ElRei Pai não havia sido outra cousa, que o resultado da predilecção que S. M. tinha por huma vida tranquilla e privada, e da persuasão em que estava, de que as suas forças, diminuidas pela idade, e por molestias, erão insufficientes para supportar o pesado cargo do Governo.

Desvanecida esta impertinente objecção, me disse o Senhor Champagny, que o Imperador não podia estar seguro da Hespanha no caso de huma guerra contra as Potencias do

Norte, em quanto a Nação Hespanhola estivesse governada por huma dynastia possuida do sentimento de ver despojado o seu ramo primogenito da Monarquia de França.

Respondi, que semelhantes prevenções em huma ordem regular de cousas já mais prevalecem contra o interesse dos Estados; e que a conducta politica de Carlos IV. desde o Tratado de Basiléa, era huma recente prova, de que os Soberanos não se mettem nos interesses de familia, quando estes estão em contradicção com os de seus Reinos: que a amizade entre a Hespanha, e a França estava escorada em interesses locaes e politicos: que a situação topografica dos dois Reinos bastava por si só para demonstrar quanto importava á Hespanha viver em boa intelligencia com a França, unico Estado do Continente da Europa, com quem tinha relações directas, e respeitaveis; e que por conseguinte todas as razões da Politica persuadião á Hespanha, que vivesse em perpetua paz com a França. ¿ Que teria pois, accrescentei eu, que recear o Imperador de huma Nação, que ás reflexões do interesse une a inflexivel, e religiosa lealdade, com que em todas as épocas, segundo o sentir dos mesmos Escritores Francezes, tem observado o seu systema federativo?

Prosegui, que não erão menos poderosos os motivos, que a França tinha para não comprometter a boa harmonia, que desde o Tratado de Basiléa havia sustentado, com tanta vantagem sua, com a Hespanha: que esta Nação, cuja generosidade, energia, e amor a seus Reis, havia passado em proverbio; se por hum principio de fidelidade havia sido docil aos arbitrios do despotismo, cobertos com o véo da Magestade, pelo mesmo principio lançaria mão do seu acreditado valor, quando visse ultrajada a independencia e seguridade do seu idolatrado Soberano: que se por desgraça a França commettesse tão atroz insulto, esta Potencia perderia hum alliado, cujos Exercitos, forças maritimas e Thesouros, tanto tinhão em grande parte contribuido aos seus triunfos: que a Inglaterra, que em vão havia tentado a constante boa fé do Gabinete Hespanhol para que se separasse da França, aproveitaria esta conjunctura para diminuir as forças da sua inimiga, e para augmentar as suas com as relações pacificas de huma Potencia, a quem auxiliaria com Armas, Thesouros, e Marinha na gloriosa empreza de defender a independencia, e se-

gu-

guridade de seu Rei e Senhor natural : que as debeis Colonias da França não verião em tal caso empregadas as forças Maritimas de Hespanha em entorpecer as idéas de conquista da Grã-Bretanha : e que o Commercio desta Potencia não teria que competir nos Mercados Hespanhoes com a privilegiada concurrencia das Mercadorias Francezas.

Além destas considerações, que tem huma tendencia directa aos dois Estados, expuz outras não menos poderosas, e relativas á reputação do Gabinete Francez.

Lembrei ao Ministro que em 27 de Outubro ultimo se havia assignado em Fontainebleau hum Tratado, pelo qual o Imperador garantia a independencia e integridade da Monarquia Hespanhola, tal como se achava naquella época : que desde então nenhuma cousa havia occorrido, que pudesse justificar a sua infracção ; antes pelo contrario a Hespanha havia continuado em ajuntar novos titulos para a confiança e reconhecimento do Imperio Francez ; o que assim mesmo havia confessado S. M. I. nos elogios, que tinha dedicado á boa fé, e constante amizade de sua íntima, e primeira alliada.

¿ Que confiança, ajuntei eu, poderá ter a Europa em seus Tratados com a França, á vista da perfidia com que se falta á fé do de 27 de Outubro ? ¿ E qual será a sua admiração, vendo os meios capciosos, os affagos seductores, e as falsas promessas, com que S. M. I. desterrou a ElRei na Cidade de Bayona para despojallo de huma Coroa ; a que com inexplicavel júbilo de seus Póvos ha sido chamado pelas Leis fundamentaes do Reino, mediante a espontanea abdicação de seu Augusto Pai ? A posteridade não poderá crer que o Imperador haja podido dar hum golpe tão decisivo á sua reputação, cuja perda não deixa ás suas guerras outro meio de concluillas que o estrago, e a exterminação.

Este era o estado da questão, quando o Imperador, que havia escutado a conferencia, nos mandou entrar á sua presença, onde com sobeja surpreza me vi ultrajado por S. M. I. com o infame nome de traidor, sem outro fundamento que o de que havendo sido Ministro de Carlos IV, continuava servindo a seu Filho Fernando VII. Criminando-me igualmente, com tom irritado, porque havia sustentado em huma conferencia de Officio com o General Montion, que ElRei meu Amo para ser Rei de Hespanha não necessitava do reconhe-

cimento do Imperador, não obstante que este lhe era preciso para continuar as suas relações com o Governo Francez. Ainda foi maior a sua cólera ao lembrar-se S. M. I. de que eu houvesse dito a hum Ministro Estrangeiro, acreditado na Corte de Hespanha, que se o Exercito Francez offendia a integridade, e a independencia da Soberania Hespanhola, trezentos mil homens farião conhecer que não se insulta impunemente a huma Nação forte e generosa.

Terminando este tratamento tão satisfatorio em seus verdadeiros motivos, como sensivel pela Regia Pessoa de quem vinha, renovou S. M. I., com sua natural aspereza, a conversação sobre pontos já discutidos. Não desconheceo nem a firmeza das minhas razões, nem a solidez dos principios, com que apoiava os direitos d'ElRei, os da sua dynastia, e os da Nação; porém não obstante concluio, dizendo-me: *J'ai ma politique à moi: vous devez adopter des idées plus libérales: être moins sensible sur le point d'honneur; et ne sacrifier la prospérité de l'Espagne à l'intérêt de la famille de Bourbon.* (1)

Desconfiado o Imperador da minha docilidade ás advertencias, que se dignou fazer-me, quando me despedio da sua audiencia, fez dizer a ElRei, que para este negocio convinha outro Negociador mais flexivel. Ao mesmo tempo que S. M. destinava o sujeito, que me devia succeder nesta Negociação, se apresentou o Arcediago D. João de Escoiquiz, hum dos muitos parceiros que jogavão nesta intriga, e o persuadio que fosse visitar o Ministro Champagny. Foi com effeito Escoiquiz, penetrado do melhor zelo pelos interesses de S. M., e obteve do Ministro das Relações exteriores, que lhe dictasse as proposições, que novamente fazia o Imperador, as quaes escreveo o dito Senhor Escoiquiz; e são taes, como se vê no Documento N.º IV.

Neste estado, tendo-se inteirado S. M. das circumstancias, de que era adornado o Excellentissimo Senhor D. Pedro Labrador, Ministro d'ElRei junto da Corte de Florença, e Conselheiro Honorario de Estado, o authorizou com os

(1) Eu tenho huma politica particular minha: Vós deveis adoptar humas idéas mais francas; ser menos delicado sobre o ponto de honra; e não sacrificar a prosperidade da Hespanha ao interesse da Familia de Bourbon.

os seus plenos poderes e correspondentes instrucções, que são as do N.º IV., prevenindo-o que apresentasse aquelles ao Ministro das Relações exteriores : que exigisse deste a apresentação de outros iguaes ; e que as proposições de S. M. I. se fizessem de hum modo authentico. Huma e outra requisição foi negada pelo Ministro Champagny, debaixo do frivolo pretexto de que *estas cousas erão humas meras formulas, absolutamente desnecessarias á essencia da Negociação.*

Insistio o Senhor Labrador sobre a importancia de hum e outro requisito, muito principalmente em huma materia de tanta consequencia, ajuntando que sem elles nada podia discutir, e que ElRei seu Amo os exigia para variar, se fosse necessario, as instrucções, que lhe havia dado ; porém tudo foi em vão. Sem embargo disto, fallou o Senhor Champagny sobre as ultimas proposições do Imperador, com alguma differença das propostas pelo General Savary, porém não menos irritantes e violentas ; e concluio com dizer ao Senhor Labrador, que na sua mão tinha a prosperidade de Hespanha, e a sua propria.

Respondeo este Ministro, que daria parte a ElRei seu Amo das novas proposições. Fez sobre ellas as reflexões proprias de seu acreditado talento, e de seu inflexivel zelo pelo serviço de S. M., e pelo bem de sua Patria ; e expôz que a prosperidade de seu Soberano, e a da sua Nação, estavão unidas e conformes entre si : que a estes dois objectos havia sacrificado todos os seus desvelos em varios destinos, tendo merecido em todos que o governo classificasse seu desempenho com os mais lisonjeiros testemunhos ; e por ultimo, que era tanto mais certo que tinha em sua mão sua propria fortuna, quanto que cifrando-a na reputação adquirida de fiel servidor d'ElRei de Hespanha, de nenhum outro dependia senão de si mesmo o conservalla como huma nova prova de rectidão incorruptivel. Antes de concluir a conferencia, perguntou categoricamente o Senhor Labrador ao Ministro Champagny, se o Rei estava em liberdade ; e lhe contestou, que não podia duvidar-se : repetio Labrador, que em tal caso poderia restituir-se S. M. a seus Estados ; ao que respondeo, que em quanto ao regresso da Hespenha, era necessario que ElRei Nosso Senhor se entendesse com S. M. I. e R. de palavra, ou por escrito.

Es-

Esta resposta, unida a outras provas, não deixou dúvida a ElRei de que seu estado em Bayona era o de hum verdadeiro prisioneiro: não obstante, para dar maior authenticidade á violencia, que se praticava com S. M., passei de Sua Real Ordem huma Nota, que he a do N.º V., ao Ministro das Relações exteriores, manifestando-lhe que ElRei estava determinado a voltar a Madrid para acalmar a agitação de seus amados Vassallos, e prover no despacho dos graves negocios de seu Reino, assegurando que dentro delle continuaria tratando com S. M. I. sobre os negocios de reciproça utilidade. Não se deo resposta alguma a este Officio, nem teve outro resultado que o de redobrar as precauções, e a vigilancia sobre a pessoa de S. M.

Sem dúvida não era o Cavalleiro Labrador o sujeito, que se buscava, pois que então se lhe pretextou que não tinha o emprego correspondente ao do Senhor Champagny, e de que seu caracter era pouco differente.

Como os artificios da Diplomacia não pudérão triunfar da firmeza d'ElRei, nem do zelo de seus Representantes, e dos individuos de Sua Real comitiva, que deliberárão em Junta presidida por S. M. sobre os interesses d'ElRei e da Nação, se vio o Imperador na necessidade de mudar de meio para consummar sua começada obra, e que os Reis Pais fossem a Bayona para tornallos o instrumento da oppressão, e desgraça de seu Filho. A este fim mandou ao Grão Duque de Berg que usasse de todas as suas artes para se realizar a viagem de SS. MM. a Bayona.

Os Reis Pais exigirão que o Privado os precedesse, e o Grão Duque recorreo differentes vezes á Junta de Governo para obter sua liberdade. A Junta carecia de faculdades para fazer a entrega, porque ElRei lhas havia cortado neste ponto desde Vitoria, como já se tem dito; porém surprendida pelas suggestões de S. M. I., e intimidada com a ameaça de que se obteria por huma força irresistivel o que não se concedesse voluntariamente, subscreveo á soltura de D. Manoel de Godoi, que immediatamente foi conduzido a Bayona com escolta segura. O Decreto N.º VI. de punho d'ElRei, remettido de Sua Real Ordem ao Conselho, he huma prova authentica da resolução de S. M. neste ponto.

Emprehenderão os Reis Pais sua viagem com muito maior

acce-

acceleração do que o permittia o lastimoso estado da saude do Senhor D. Carlos IV., porém assim o queria a inexoravel resolução do Imperador.

Muito arduo era o empenho de S. M. I. Necessitava para seus designios riscar do coraçaõ d'ElRei Pai, e arrancar de suas entranhas o amor por seu Filho primogenito, que a intriga mais horrenda da Corte naõ havia podido extinguir de todo: demais era preciso que estes Pais amantes, e desvelados por alguns de seus Filhos, substituissem á ternura paternal a mais fria e cruel indifferença. Para realizar suas idéas, exigio Napoleão que os Reis Pais fossem o instrumento da miseria, abatimento e mortificação de seus filhos; que fossem como seus verdugos; e com assombro da natureza tudo obteve seu poder.

Tenho provado que a renúncia d'ElRei Pai em Aranjuez foi espontanea; e que a causa que a inspirou, foi a predilecção de S. M. pela vida privada. Em Bayona disse a ElRei seu Filho, que naõ queria reinar, nem voltar a Hespanha, sem embargo disto, quer que S. M. renuncie em seu favor a Coroa, para fazer hum presente com ella ao Imperador; isto he, a hum Soberano, que ha sido em parte a origem das necessidades de Hespanha, a unica causa da perda de nossas Esquadras, o principio dos temores, e sobresaltos da Corte, e da Nação; e da intentada viagem da Familia Real a Sevilha, e á America, desvanecida pela explosão de 17 de Março.

Deixo á discrição dos Soberanos da Europa o julgar se he possivel, que hum Monarca amante de seus filhos, dotado de luzes, penetrado dos principios da Religião, e piedoso sem superstição, esqueça em hum momento, sem estar violentado, todas as suas relações de familia, e firme o Decreto de prescripção de toda a sua dynastia, para chamar outra, que naõ estima, antes bem detesta como attentadora aos Thronos, que podem lisonjear sua ambição. Talvez he este o primeiro exemplo, que com taes circumstancias offerece a Historia.

ElRei Fernando VII., conduzido pelo respeito, preso, e forçado pelas circumstancias, fez no 1.º de Maio huma renúncia condicional de sua Coroa a favor de seu Augusto Pai, que he a do N.º VII. A este passo se seguio a Carta d'El-

Rei

Rei Pai a seu Filho, N.º VIII., e a prudentissima contestação d'ElRei Filho ao Pai, N.º IX.

No dia 5 do mesmo mez de Maio ás quatro da tarde foi visitar o Imperador aos Reis Pais, e durou sua conferencia até ás cinco, hora em que foi chamado ElRei Fernando por seu Augusto Pai, para ouvir na presença da Rainha, e do Imperador expressões, e ditos tão offensivos, e humilhantes, que se nega a mão a escrevellos. Todos estavão assentados, menos ElRei Fernando, a quem seu Pai deo ordem de fazer huma renúncia absoluta, e sobpena de ser tratado, com toda a sua comitiva, como usurpador da Coroa, e conspirador contra a vida de seus Pais.

S. M. houvera arrostado a morte, porém não querendo envolver na sua desgraça a muitos comprehendidos na ameaça de Carlos IV., teve de fazer outra renúncia, N.º X., que leva em si os caracteres da violencia, e que de nada serve para colorar ao menos a usurpação projectada pelo Imperador.

Estas são as unicas renúncias, em que tenho intervido como Ministro e Secretario d'Estado. Da que se disse feita em Bordéos, não hei tido o menor conhecimento; porém consta-me que o Imperador na conferencia de despedida com ElRei Fernando VII., disse a S. M.: *Prince, il faut opter entre la cession, et la mort.* (1)

Quanto ao mais, todo o Mundo sabe que o Senhor D. Carlos IV. renunciou a Coroa no Imperador, ao passo em que se violentou o que se reputava Principe de Asturias, a seu Irmão o Senhor Infante D. Carlos, e a seu Tio o Senhor Infante D. Antonio, a que fizessem por sua parte a renúncia de seus Direitos; e que o Imperador, crendo-se já dono da Coroa de Hespanha, a trespassou a seu Irmão José Napoleão, Rei de Napoles.

Já se tem dito, que ainda que S. M. partio de sua Corte por poucos dias; havia julgado S. M. conveniente authorizar huma Junta presidida pelo Senhor Infante D. Antonio, com amplas faculdades para resolver por si, e em seu Real nome todos os assumptos, que não permittissem a dilação de sua consulta ao Soberano. Todas as nóites expedia eu hum correio a esta Junta, participando-lhe quanto interessava á sua intelligencia e governo.

Des-

(1) Principe, he forçoso eleger entre a cessão, e a morte.

Desde que ElRei chegou a Bayona, e que em o mesmo dia de sua chegada se lhe communicou o violento designio do Imperador, comecei a temer o perigo de que fossem interceptados os correios extraordinarios, como com effeito o forão. Entre as contestações que tive com o Ministro Champagny sobre varios incidentes, a que deo lugar a prisão dos correios de Gabinete, he mui notavel a resposta, que elle deo a huma Nota minha de reclamação, que se acha entre as peças justificativas com o N.° XI.

Nestas circumstancias tomei a precaução de dobrar as communicações por differentes vias. Com este arbitrio consegui que a Junta do Governo não ignorasse o estado de oppressão, e de cativeiro, em que se achava ElRei.

Era facil o prever que não seria respeitada a liberdade da Junta, quando a pezar de todas as offertas, e garantias do Imperador se attentou á do mesmo Rei em Bayona, e que os nobres designios de alguns vogaes daquella, energicamente manifestados, serião atropellados pela irresistivel força do representante do Imperador. A esta sem dúvida deve attribuir-se o não se ter consultado a orfandade do Reino, nem o remedio de suas consequencias, com a erecção de huma Junta de Regencia em sitio seguro, e livre de bayonetas inimigas.

Admirado ElRei de que a Junta não participasse em correio immediato ter tomado tão precisa determinação, lhe communiquei, sem perder momento, huma Real Ordem, *para que executasse quanto convinha ao serviço d'ElRei e do Reino, e que com effeito usasse de todas as faculdades, que S. M. empregaria, se se achasse dentro de seus Estados* (1).

Não podia escrever-se mais claro. A segurança das communicações se diminuia por momentos; e eu não devia esperar que o Imperador respeitasse o sagrado das correspondencias, depois que não respeitou o Soberano a quem servião.

A Junta não obstante crêo devia consultar a S. M., e pedir-lhe suas ordens sobre varias medidas, que lhe parecêrão necessarias para salvar o Reino; e a este fim despachou a Bayona huma pessoa de toda a confiança, e acreditado zelo

D pe-

(1) O correio de Gabinete, portador desta Real Ordem, foi interceptado, e em consequencia despachei hum duplicado, que foi recebido pela Junta; e cuja minuta he huma das que não pude salvar.

pelo Real Serviço, com a obrigação de transmittir a ElRei verbalmente as proposições seguintes.

1.ª Se julgava S. M. conveniente authorizar a Junta, para que se substituisse, em caso necessario, na pessoa, ou pessoas da mesma, ou de fóra della, que S. M. nomeasse, ou designasse a Junta authorizada para isto, a fim de se trasladar para sitio, em que se pudesse obrar com liberdade.

2.ª Se era vontade de S. M. que se principiassem as hostilidades contra o Exercito Francez, e neste caso, como, e quando deveria executar-se.

3.ª Se era igualmente da vontade d'ElRei, que se começasse por impedir a entrada de novas tropas Francezas em Hespanha, cerrando os passos da fronteira.

4.ª Se julgava S. M. conducente que se convocassem as Cortes, para o que era necessario hum Decreto de S. M. dirigido ao Conselho Real, e na falta deste, por ser possivel que ao chegar a resposta d'ElRei não estivesse em liberdade de obrar, a qualquer Chancellaria, ou Audiencia do Reino, que se achasse desembaraçada de tropas Francezas. Por ultimo, de que materias deverião occupar-se as Cortes.

O sujeito encarregado destas proposições chegou a Bayona no dia 4 de Maio por noite: apresentou-se-me immediatamente, e dando-me parte da sua commissão, a elevei ao conhecimento de S. M. sem perder momento.

Tomadas por ElRei em consideração as quatro proposições da Junta, se servio S. M. expedir dois Reaes Decretos na manhã do seguinte dia 5, hum escrito todo de sua Real mão, dirigido á Junta de Governo em contestação ás suas proposições, e outro firmado por S. M. (Eu ElRei) dirigido em primeiro lugar ao Conselho, e na sua falta a qualquer Chancellaria, ou Audiencia do Reino, que se achasse desembaraçada.

Estes Decretos originaes enviados por mim com toda a reserva, e por conductor seguro, se sabe que chegárão ás mãos de hum dos Ministros individuos da Junta, que já se acha ausente, e a cujo nome vinha o primeiro sobrescrito; porém a Junta he certo que não fez uso algum do que lhe competia, nem tão pouco remetteo ao Conselho o que a elle vinha dirigido (1).

As

(1) Quando estes dois Reaes Decretos chegárão ás mãos da Junta, já ha-

As minutas destes dois Decretos não existem em meu poder, porque a situação crítica, em que ElRei se achava em Bayona, e a necessidade de evitar todo o compromettimento a S. M., me obrigárão a rasgallas. Não obstante, conservo bem na memoria, e attestão, e certificão o mesmo os tres Secretarios de S. M., Officiaes de sua primeira Secretaria de Estado D. Eusebio Bardaxi e Azara, D. Luiz de Onis, e D. Evaristo Peres de Castro, que nessa occasião se achavão ao meu lado naquella Cidade, e virão, e lêrão os dois citados Decretos originaes, que seu theor era em substancia como se segue:

Dizia ElRei á Junta de Governo, *que se achava sem liberdade, e conseguintemente impossibilitado de tomar por si medida alguma para salvar sua Pessoa, e a Monarquia; que por tanto authorizava á Junta na fórma mais ampla, para que em corpo, ou substituindo-se em huma, ou muitas pessoas, que a representassem, se trasladasse ao sitio, que julgasse mais conveniente; e que em nome de S. M., e representando sua mesma Pessoa, exercesse todas as funções da Soberania. Que as hostilidades deverião começar desde o momento, em que entranhassem a S. M. na França, o que não succederia senão por violencia. E por ultimo, que em chegando esse caso, tratasse a Junta de impedir, do modo que parecesse mais a proposito, a entrada de novas tropas na Peninsula* (1).

No Decreto dirigido ao Conselho Real, e na sua falta a qualquer Chancellaria, ou Audiencia, dizia S. M.: *Que na situação em que se achava, privado da liberdade para obrar por si, era sua Real vontade, que se convocassem*

as

---

via dias que tinha por seu Presidente o Grão Duque de Berg; já tinha passado o aziago dia 2 de Maio. O Imperador, depois da partida dos Reis Pais, arrancou precipitada, e indecentemente desta Corte a todos os individuos da Familia Real, e os conduzio á Bayona; porém ainda restava o passo importante de apoderar-se completamente do Governo, e para verificallo se fez abortar a sanguinosa scena de 2 de Maio; scena de horror, e de iniquidade, bem conforme á conducta que tem usado em outros Paizes os Francezes modernos, para chegar a hum resultado semelhante.

(1) He muito de notar o perfeito acordo, que na substancia tem havido entre a vontade d'ElRei, manifestada á Junta no seu Real Decreto de 5 de Maio, e a determinação de seus fieis Vassallos, pois temos visto quasi todas as Provincias da Monarquia levantar-se a hum mesmo tempo espontaneamente contra a oppressão, sem ter o menor indicio da vontade do seu Soberano.

as Cortes no sitio que parecesse mais amplo ; que logo se occupassem unicamente em proporcionar os arbitrios , e subsidios necessarios para attender á defensa do Reino , e que ficassem permanentes para o mais que pudesse occorrer (1).

Já ficão demonstrados os tortuosos meios , de que se valeo o Imperador para extorquir as renúncias da Coroa de Hespanha em seu favor ; porém não acabou ahi o tecido das violencias de Bonaparte. Conhecia este , em meio de sua cega ambição , os vicios , de que adoecião os actos de renúncia , e tratou de os sanar por meio de huma Assembléa , que chamou Nacional , e que devia reunir-se em Bayona (2).

Fez nomear huns cento e cincoenta Hespanhoes de differentes classes , Estados , e Corporações , ainda que só assistirão noventa. Parte delles representando algumas Cidades , Tribunaes , ou Corpos , levarão humas instrucções á maneira de poderes , dadas por aquelles a quem representavão ; porém absolutamente insufficientes para servir ao objecto que se pertendia : os Ministros do Conselho forão sem poderes , nem instrucções algumas , arbitrio que adoptou este Tribunal , de acordo com seus commissionados , para precaver todo o involuntario compromisso : os mais Deputados não tiverão outros poderes que a simples ordem de partir ; e muitos não pertencião a Corpos , ou classe determinada.

Lisonjeou-se o Imperador de obter com a acquisição destes individuos hum titulo , com que cobrir a usurpação ; porém ficou frustrada a sua esperança. Em lugar de almas frouxas , e accessiveis aos tramas da ambição , e do interesse , encontrou Ministros incorruptiveis , Grandes dignos de sua classe , e outros representantes fiéis defensores do interesse , e da honra de seu

(1) Os tres Secretarios d'ElRei com exercício de Decretos abaixo assignados , certificamos ter visto , e lido em Bayona os dois Decretos originaes expedidos por S. M. o Senhor D. Fernando VII. em 5 de Maio deste presente anno , de que se faz menção neste escrito ; e ser o seu contheudo em substancia , segundo nossa lembrança , o mesmo que nelle se manifesta. Madrid 1 de Setembro de 1808. *Eusebio de Bardaxi e Azara.* = *Luiz de Onis.* = *Evaristo Peres de Castro.*

(2) Todos sabem que esta Junta se reunia em Bayona , segundo manifestou ao público o impresso de 19 de Maio , para tratar alli da *felicidade* de toda a Hespanha , propondo todos os males que o anterior systema havia occasionado , e as reformas , e remedios mais convenientes para destruillos em toda a Nação , e em cada Provincia em particular.

seu Páiz. Huns, e outros fizerão presente; que era mui resumida a esfera de suas faculdades, e que por nenhum de seus actos podia ficar compromettida a Hespanha, cuja representação não tinhão.

Estas reflexões, e outras semelhantes forão graduadas de insultos no Tribunal do Usurpador; e longe de retardar a marcha de seus attentados, pôz em movimento todos os meios de oppressão, que tinha em sua mão, persuadindo-se que as victorias de huma parte, e as corrompidas prensas de outra, darião por fim a seus titulos o colorido de justiça que necessitava, para não ser olhado no Mundo como o perturbador do socego geral.

Não entro nas particularidades do occorrido neste congresso: talvez algum dos Ministros do Conselho de Castilha, que tanto honrárão a toga, contentará a curiosidade do público sobre este interessante objecto.

Não devo fallar do que tenho soffrido pelo meu Rei, e pela minha Nação: para melhor dizer, não hei soffrido; pois tudo se deve a tão sagrados respeitos. Era para mim da maior satisfação ver minha pousada em Bayona guardada pelos satéllites do Governo, aos quaes succedêrão os espias, que sempre abundão, quando mandão aquelles, que usurpão na Historia o nome de heroes. Meus passos erão contados, minhas vistas observadas; a espionagem, disfarçada com o véo da compaixão, se aproximava a esquadrinhar os segredos da minha alma; porém nada perturbava a tranquillidade do meu espirito. O que não podia supportar era ver-me condemnado, segundo me constava por avisos fidedignos, a huma confinação dentro de França, até que o Imperador julgasse que minha relação de sua chronica escandalosa não havia de entorpecer a violenta fábrica da nova Soberania Hespanhola. Em vão molestei durante dois mezes ao Ministro das Relações exteriores com a solicitação de regressar á minha amada Patria: a heroica resistencia desta aos esforços da usurpação, ensurdecia o Governo Francez ás minhas reclamações, crendo, não sem razão, que eu intentaria inflammar o heroismo, denominado insurreição, nos papeis periodicos de Bayona.

Em tão terriveis circumstancias se me apresentou hum meio de evadir-me de hum desterro indeterminado: tal foi o das repetidas instancias de José Napoleão, para que continuas-

se

se servindo-o em qualidade de Ministro; ás quaes cedi com repugnancia, e violencia; porém sem prejuizo de meu direito de abandonallo em tempo de segurança.

Esta a encontrei, desde o momento que puz os pés em Madrid. Desde este instante só pensei em proporcionar-me a occasião mais prompta, e opportuna de fazer minha renúncia, que com effeito verifiquei nos termos que contém o Documento N.º XII.

Não pode ser sensivel a José Napoleão o retiro de hum Ministro, que frequentemente se oppunha ás suas disposições, e que, no conceito de algumas das pessoas, que o rodeavão mais intimamente, *era tão extravagante em suas maximas, que não podia desenvolver os altos designios do maior dos heroes em favor da* regeneração *da Hespanha.*

Tenho apresentado nesta exposição com singeleza, e fidelidade a série dos principaes successos desta época importante, fugindo cuidadosamente de entrar em particularidades, ou detalhes, que fossem alheios de meu objecto, ou capazes de fazer minha narração demasiadamente prolixa; e tenho procurado pôr diante dos olhos de meus Leitores, debaixo de seu verdadeiro ponto de vista, toda a injustiça, e violencia, com que o Governo Francez se tem conduzido contra nosso Amado Soberano, e a Nação inteira.

Fica pois provado que a renúncia do Senhor D. Carlos IV. em favor de seu filho o Principe de Asturias, não se enfranquece de vicio algum. No ligeiro quadro, que temos delineado das artes pérfidas, e enganosas, com que o Imperador tem chegado até onde havemos visto, fica traçada para eterna memoria a série dos insultos atrozes, que se hão feito á Hespanha, e a seu desgraçado Rei D. Fernando VII.

Consterna o Imperador ao Senhor D. Carlos IV., para que fugindo para a America com toda a Familia Real, lhe abandonasse a Peninsula: incendêa a discordia entre os Reis Pais, e o Filho, para debilitar a Hespanha, dividindo-a em partidos, depois de haver desacreditado a seus Reis: arranca a Fernando VII. de sua Corte com palavras fementidas, e enganosas: o faz cativo em Bayona; e quando ha visto que a virtude do Joven Rei sabe resistir a seus manejos; que Fernando não se presta á renúncia, que se lhe exige, faz conduzir a Bayona aos Reis Pais com todas as restantes pessoas da Real

Fa-

Familia, como para apresentallos a todos sem liberdade ante o Tribunal Imperial, que era Juiz, e Parte: trabalha em desnaturalizar aos Pais, e os obriga a ser o instrumento da oppressão do Filho: arranca deste a renúncia mais illegal, e violenta, que já mais se vio entre os homens; e por huma série de renúncias amontoadas com a mesma illegalidade, chega a considerar-se dono da Coroa de Hespanha, que transfere a seu irmão, sem reparar no escandalo, e sobresalto, que produziria nos Gabinetes da Europa a usurpação de huma Monarquia amiga, e alliada.

¿ Quem haverá pois que não conheça com evidencia, que a renúncia executada por Fernando VII. a favor de seu Augusto Pai, e a que successivamente se formalizou a favor do Imperador, são de absoluta nullidade? ¿ Quem não vê que, ainda quando a ultima tivesse emanado de huma vontade livre, nem por isso prejudicaria aos Direitos da dynastia de Bourbon? ¿ Quem he que ignora, que na extinção desta, e pela natureza da Monarquia, só a Nação póde chamar outra dynastia, ou introduzir a fórma de Governo, que lhe agradar?

Por outra parte tenho feito ver que Fernando VII. era demasiadamente recto para temer que o Imperador abrigasse tão atrozes designios. Desejava ElRei libertar a Hespanha do gravame das Tropas Francezas; se lisonjeava de regular esta e outras cousas com o Imperador, e voltar ao seu Reino com o fruto de seus desvélos pelo bem dos seus Vassallos, e nenhuma hora lhe parecia intempestiva para trabalhar em beneficio destes. Eu o vi; eu posso attestallo: em sua confinação nada affligia seu generoso coração senão a sorte de seus Póvos; e quando sua apparente liberdade estava a extinguir-se, lhes fez o legado mais proprio de seu paternal cuidado; tal foi a Ordem para que se erigisse huma Regencia, naturalmente reclamada desde que foi reconhecida a sua prisão; e que se celebrassem Cortes para determinar o que fica indicado em seu lugar.

O valor e o Patriotismo tem armado com o melhor successo a toda a Nação em sua propria defensa, e na de seu legitimo Soberano, sem ter a menor noticia da vontade de seu amado Fernando: o Patriotismo, e a prudencia a uniráõ agora irresistivelmente para realizar com promptidão a importantis-

sima

sima obra do Governo central, ou de Regencia, que administre o Reino em nome de S. M.

Assim ficará cumprida em beneficio de todos a ultima expressão da vontade, que ElRei se dignou manifestar no momento antes de renunciar forçadamente a sua Coroa: assim, salva a Nação de tão terrivel tempestade, haverá dado á Europa hum assignalado exemplo de lealdade, honra e generoso esforço, que será admirado em todas as idades, e em todos os Paizes.

Madrid 1 de Setembro de 1808.

Pedro Cevallos.

DO:

DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS.

N.º I.

Tratado secreto entre S. M. Catholica, e S. M. o Imperador dos Francezes, pelo qual as Altas Partes contratantes estipulão todo o relativo á sorte futura de Portugal. Em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

NApoleão por Graça de Deos e da Constituição, Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin. Tendo visto, e examinado o Tratado concluido, regulado, e firmado em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807, pelo General de Divisão Miguel Duroc, Grão Marechal de nosso Palacio, Grão Cordão da Legião de Honra, etc. etc. em virtude dos plenos poderes, que lhe havemos conferido para este effeito, com D. Eugenio Izquierdo de Ribera e Lezaun, Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra de S. M. ElRei de Hespanha, igualmente authorizado com plenos poderes de seu Soberano; de cujo Tratado he o theor como se segue.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin, e S. M. Catholica ElRei de Hespanha, querendo regular de commum acordo os interesses dos Estados, e determinar a sorte futura de Portugal de hum modo, que concilie a politica dos Paizes, tem nomeado por seus Ministros Plenipotenciarios, a saber: S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin, o General de Divisão Miguel Duroc, Grão Marechal de seu Palacio, Grão Cordão da Legião de Honra; e S. M. Catholica ElRei de Hespanha a D. Eugenio Izquierdo de Ribera e Lezaun, seu Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra; os quaes, depois de haver trocado seus plenos poderes, se tem convencionado no seguinte.

Artigo I.

A Provincia Entre Minho e Douro com a Cidade do Porto se dará em toda a propriedade, e Soberania a S. M. ElRei de Etruria com o titulo de Rei da Lusitania Septentrional.

II.

A Provincia de Além-Téjo, e o Reino dos Algarves se darão em toda a propriedade, e Soberania ao Principe da Paz, para que as desfrute com o titulo de Principe dos Algarves.

III.

As Provincias da Beira, Traz-os-Montes, e a Estremadura Portugueza, ficarão em deposito até á paz geral, para dispôr dellas segundo as circumstancias, e conforme ao que se convenha entre as duas Altas Partes contratantes.

IV.

O Reino da Lusitania Septentrional será possuido pelos descendentes de S. M. ElRei de Etruria hereditariamente, e seguindo as Leis de successão, que estão em uso na Familia Reinante de S. M. ElRei de Hespanha.

V.

O Principado dos Algarves será possuido pelos descendentes do Principe da Paz hereditariamente, e seguindo as Leis de successão, que estão em uso na Familia Reinante de S. M. ElRei de Hespanha.

VI.

Na falta de descendentes, ou herdeiros legitimos d'ElRei da Lusitania Septentrional, ou do Principe dos Algarves, estes Paizes se darão por investidura por S. M. ElRei de Hespanha, sem que já mais possão ser reunidos debaixo de huma mesma cabeça, ou á Coroa de Hespanha.

VII.

O Reino da Lusitania Septentrional, e o Principado dos Algarves reconheceráõ por Protector a S. M. Catholica ElRei de Hespanha; e em nenhum caso os Soberanos destes Paizes poderáõ fazer nem a paz, nem a guerra sem sua intervenção.

VIII.

VIII.

No caso de que as Provincias da Beira, Traz-os-Montes, e Estremadura Portugueza, tidas em sequestro, fossem entregues á paz geral á Casa de Bragança em cambio de Gibraltar, Trindade, e outras Colonias, que os Inglezes tem conquistado sobre a Hespanha, e seus Alliados, o novo Soberano destas Provincias teria com respeito a S. M. Catholica ElRei de Hespanha os mesmos vinculos, que ElRei da Lusitania Septentrional, e o Principe dos Algarves, e serão possuidas por aquelle debaixo das mesmas condições.

IX.

S. M. ElRei de Etruria cede em toda a propriedade e Soberania o Reino de Etruria a S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia.

X.

Quando se effeitue a occupação definitiva das Provincias de Portugal, os differentes Principes, que devem possuillas, nomearáõ de acordo Commissarios para fixar seus limites naturaes.

XI.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, constitue-se Garante a S. M. Catholica ElRei de Hespanha da possessão de seus Estados do Continente da Europa, situados ao Meio dia dos Pyreneos.

XII.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, se obriga a reconhecer a S. M. Catholica ElRei de Hespanha, como Imperador das duas Americas, quando tudo esteja preparado, para que S. M. possa tomar este titulo, o que poderá effeituar-se na occasião da paz geral, ou o mais tardar dentro de tres annos.

XIII.

As duas Altas Potencias contratantes se entenderáõ para fazer huma divisão das Ilhas, Colonias, e outras propriedades Ultramarinas de Portugal.

O presente Tratado ficará secreto: será ratificado, e as ratificações serão trocadas em Madrid, vinte dias o mais tardar depois do dia em que se tem firmado. Feito em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

Firmado = *Duroc.* = *E. Izquierdo.*

Havemos approvado, e approvamos o precedente Tratado em todos e cada hum dos Artigos conteúdos nelle; declaramos que está acceitado, ratificado e confirmado, e promettemos que será observado inviolavelmente. Em fé do que havemos dado a presente, firmada de nossa mão, referendada, e sellada com o nosso sello Imperial em Fontainebleau a 29 de Outubro de 1807.

Firmado = *Napoleão.*

O Ministro das Relações exteriores
Firmado = *Champagny.*

Pelo Imperador, o Ministro Secretario de Estado
Firmado = *Hugo Maret.*

N.º II.

Convenção secreta firmada em Fontainebleau entre S. M. ElRei de Hespanha, e S. M. o Imperador dos Francezes, pela qual as duas Altas Partes Contratantes regulão todo o relativo á occupação de Portugal. Em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

NApoleão pela Graça de Deos, e da Constituição, Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin. Havendo visto, e examinado a Convenção concluida, regulada, e firmada em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807, pelo General de Divisão Miguel Duroc, Grão Marechal de nosso Palacio, Grão Cordão da Legião de Honra, etc. etc. em virtude dos plenos poderes, que lhe temos conferido para este effeito, com D. Eugenio Izquierdo de Ribera e Lezaun, Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra de S. M. ElRei de Hespanha, igualmente authorizado com plenos poderes de seu Soberano, o theor da qual Convenção he como se segue.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin, e S. M. Catholica ElRei de

de Hespanha, querendo regular o que he relativo á occupação, e conquista de Portugal, segundo se tem estipulado pelo Tratado firmado neste dia, hão nomeado, a saber: S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin, o General de Divisão Miguel Duroc, Grão Marechal de seu Palacio, Grão Cordão da Legião de Honra; e S. M. Catholica ElRei de Hespanha a D. Eugenio Izquierdo de Ribera e Lezaun, seu Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra, os quaes, depois de haverem trocado seus plenos poderes, tem concordado no que se segue.

ARTIGO I.

Hum Corpo de Tropas Imperiaes Francezas de vinte e cinco mil homens de Infanteria, e de tres mil homens de Cavallaria, entrará na Hespanha, e marchará em direitura a Lisboa: reunir-se-ha a este Corpo outro de oito mil homens de Infanteria, e de tres mil de Cavallaria de Tropas Hespanholas, com trinta peças de Artilheria.

II.

Ao mesmo tempo huma Divisão de Tropas Hespanholas de dez mil homens tomará posse da Provincia de Entre Minho e Douro, e da Cidade do Porto; e outra Divisão de seis mil homens, composta igualmente de Tropas Hespanholas, tomará posse da Provincia de Além-Téjo, e do Reino dos Algarves.

III.

As Tropas Francezas serão sustentadas, e mantidas pela Hespanha, e seus soldos pagos pela França, durante todo o tempo de seu transito por Hespanha.

IV.

Desde o momento em que as Tropas combinadas tenhão entrado em Portugal, as Provincias de Beira, Traz-os-Montes, e Extremadura Portugueza (que devem ficar sequestradas) serão administradas e governadas pelo General Commandante das Tropas Francezas; e as Contribuições, que se lhes impuzerem, reverterão a beneficio da França. As Provincias, que devem formar o Reino da Lusitania Septentrional, e o Principado dos Algarves, serão administradas, e governadas pelos Generaes Commandantes das Divisões Hespanholas, que en-

entrarem nellas; e as Contribuições, que se lhes impuzerem, reverterão a beneficio da Hespanha.

V.

O Corpo do centro estará debaixo das ordens do Commandante das Tropas Francezas, e a elle estarão subordinadas as Tropas Hespanholas, que se reunirem áquellas: sem embargo do que, se ElRei de Hespanha, ou o Principe da Paz julgarem conveniente passar-se a este Corpo de Exercito, o General Commandante das Tropas Francezas, e estas mesmas estarão debaixo das suas ordens.

VI.

Hum novo Corpo de quarenta mil homens de Tropas Francezas se reunirá em Bayona, o mais tarde até 20 de Novembro proximo, para estar prompto a entrar na Hespanha para se transferir a Portugal, no caso de que os Inglezes enviem reforços, e ameacem atacallo. Este novo Corpo não entrará com tudo na Hespanha, até que as Altas Potencias contratantes se ponhão de acordo para este effeito.

VII.

A presente Convenção será ratificada, e a troca das ratificações se fará ao mesmo tempo, que a do Tratado deste dia.

Feito em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

Firmado = *Duroc.* = *E. Izquierdo.*

Havemos approvado, e approvamos a Convenção precedente em todos, e cada hum dos Artigos conteúdos nella: declaramos que está acceita, ratificada, e confirmada; e promettemos que será observada inviolavelmente. Em fé do que temos dado a presente, firmada de nossa mão, referendada e sellada com o nosso sello Imperial em Fontainebleau a 29 de Outubro de 1807.

Firmado = *Napoleão.*

O Ministro das Relações exteriores.

Firmado = *Champagny.*

Pelo Imperador = O Ministro Secretario de Estado.

Firmado = *Ugo Maret.*

N.º III.

N.º III.

Carta de S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin.

IRmão meu: Tenho recebido a Carta de V. A. R.: já se terá convencido V. A. pelos papeis, que ha visto d'ElRei seu Pai, do interesse, que sempre lhe tenho manifestado: V. A. me permittirá que nas circumstancias actuaes lhe falle com franqueza, e lealdade. Eu esperava, em chegando a Madrid, inclinar a meu illustre Amigo, a que fizesse nos seus Dominios algumas reformas necessarias, e que désse alguma satisfação á opinião pública. A separação do Principe da Paz me parecia huma cousa precisa para sua felicidade, e felicidade de seus Póvos. Os successos do Norte tem retardado minha viagem: as occurrencias de Aranjuez hão sobrevindo. Não me constituo juiz do que tem acontecido, nem da conducta do Principe da Paz; porém o que sei bem, he que he muito perigoso para os Reis acostumar seus Vassallos a derramar o sangue, fazendo justiça por si mesmos. Rogo a Deos que V. A. não o experimente hum dia. Não seria conforme ao interesse da Hespanha, que se perseguisse a hum Principe casado com huma Princeza da Familia Real, e que tanto tempo ha governado o Reino. Já não tem mais amigos: V. A. não os terá tão pouco, se algum dia chega a ser desgraçado. Os Póvos se vingão gostosos dos respeitos, que nos tributão. Demais, ¿como se poderia formar causa ao Principe da Paz, sem formalla tambem ao Rei, e á Rainha vossos Pais? Esta causa fomentaria o odio, e as paixões sediciosas; o resultado seria funesto para vossa Coroa. V. A. R. não tem a ella outros Direitos, senão os que sua Mãi lhe tem transmittido: se a causa mancha sua honra, V. A. destroe seus Direitos. Não preste V. A. ouvidos a conselhos débeis e pérfidos. Não tem V. A. direito para julgar o Principe da Paz; seus delictos, se se lhe imputão, desapparecem nos Direitos do Throno. Muitas vezes tenho manifestado meu desejo de que

se

se separasse dos negocios o Principe da Paz : se não tenho feito mais instancias, ha sido por hum effeito de minha amizade por ElRei Carlos, apartando a vista das fraquezas de sua affeição. ¡ Oh miseravel humanidade ! Debilidade e erro, tal he nossa divisa. Mas tudo isto se póde conciliar, que o Principe da Paz seja desterrado da Hespanha, e eu lhe offereço hum asylo na França.

Em quanto á abdicação de Carlos IV., ella ha tido effeito no momento, em que meus Exercitos occupavão a Hespanha : e aos olhos da Europa, e á posteridade poderia parecer que eu tinha enviado todas essas Tropas com o unico objecto de derribar do Throno a meu Alliado, e meu Amigo. Como Soberano visinho devo inteirar-me do acontecido, antes de reconhecer esta abdicação. Eu o digo a V. A. R., aos Hespanhoes, e ao Universo inteiro ; se a abdicação d'ElRei Carlos he espontanea, e não tem sido violentada a ella pela insurreição, e motim succedido em Aranjuez, não tenho difficuldade em admitilla, e em reconhecer a V. A. R. como Rei de Hespanha. Desejo pois conferenciar com V. A. R. sobre este particular.

A circumspecção, que de hum mez a esta parte tenho guardado neste assumpto, deve convencer a V. A. do apoio que achará em mim, se já mais succedesse, que facções de qualquer especie viessem inquietallo em seu Throno. Quando ElRei Carlos me participou os successos do mez de Outubro proximo passado, elles me causárão o maior sentimento, e me lisonjeio de haver contribuido por minhas insinuações ao bom exito do assumpto do Escurial. V. A. R. não está isento de faltas : basta para prova a Carta, que me escreveo, e que sempre tenho querido esquecer. Sendo Rei, saberá quão sagrados são os direitos do Throno : qualquer passo de hum Principe hereditario, junto de hum Soberano Estrangeiro, he criminoso. O Matrimonio de huma Princeza Franceza com V. A. R. o julgo conforme aos interesses de meus Póvos, e sobre tudo com huma circumstancia, que me uniria com vinculos novos a huma Casa, a quem não tenho senão motivos de estima, e de louvor, desde que subi ao Throno. V. A. R. deve recear-se das consequencias das emoções populares : poder-se-ha commetter algum assassinato sobre meus soldados esparzidos ; porém isto só attrahirá a ruina da Hespanha. Hei visto com

sen-

sentimento, que se tem feito circular em Madrid humas Cartas do Capitão General da Catalunha, e que se ha procurado exasperar os animos. V. A. R. conhece todo o interior do meu coração: observará que me acho combatido por varias idéas, que necessitão fixar se; porém póde estar seguro de que em todo o caso me conduzirei com sua Pessoa do mesmo modo que o tenho feito com ElRei seu Pai. Esteja V. A. persuadido do meu desejo de conciliar tudo, e de encontrar occasiões de dar-lhe provas de meu affecto, e perfeita estimação. Com o que rogo a Deos vos conserve, Irmão meu, em sua santa, e digna guarda. Em Bayona a 16 de Abril de 1808.

Firmado = *Napoleão.*

N.º IV.

Instrucções dadas ao Ex.mo Senhor D. Pedro Labrador.

EX.mo SENHOR.

VOssa Excellencia está inteirado das proposições feitas pelo General Savary no mesmo dia, em que chegou ElRei a esta Cidade, e do occorrido na conferencia, em que as discuti com o Ministro das Relações exteriores. As proposições novamente feitas por este, algum tanto differentes, ainda que não menos repugnantes, são do theor seguinte:

1.ª Que tem determinado o Imperador irrevogavelmente, que não reine já em Hespanha a dynastia de Bourbon.

2.ª Que o Rei deverá ceder seu Direito Pessoal á Coroa por si, e por seus Filhos, se os tiver.

3.ª Que no caso que convenha nisto, se lhe conferirá para si, e seus descendentes a Coroa de Etruria *com a Lei Sálica.*

4.ª Que o Infante D. Carlos fará a mesma renúncia de seus Direitos, e os terá á Coroa de Etruria na falta de descendencia d'ElRei.

5.ª Que o Reino de Hespanha será possuído daqui em diante por hum dos Irmãos do Imperador.

6.ª Que o Imperador se constitue por garante de sua integridade total, e da de todas as suas Colonias, sem a segregação de huma só Aldêa.

7.ª Que igualmente se constitue por garante da conservação da Religião, das propriedades, etc.

8.ª Que se ElRei não acceitar este Tratado, ficará sem compensação; e S. M. I. o fará executar de condescendencia, ou por força.

9.ª Que se S. M. lhe convem, e pede o enlaçar-se com a sua Sobrinha, se assegurará este enlace, logo que se firme o Tratado.

Tem-se discutido estas proposições na Junta presidida por ElRei: expuz nella meu modo de pensar, que foi adoptado por Vossa Excellencia, e mais Senhores Vogaes, e approvado por S M., que quer se formem as instrucções para Vossa Excellencia, segundo seu theor.

Vossa Excellencia sabe que promessas mui lisonjeiras, e seguranças as mais satisfatorias dadas a ElRei pelo Grão Duque de Berg, pelo Embaixador de França, e pelo General Savary de Ordem do Imperador, em quanto a que este nenhuma repugnancia poria em reconhecello como Soberano das Hespanhas, e que nada desejava em prejuizo da integridade de seu Reino, arrancárão a S. M. de Madrid para obsequiar a seu intimo Alliado, a quem se suppunha, pelas noticias que espalhárão tres sujeitos, dentro de Hespanha, e em direcção a Madrid, onde se lhe havia preparado hum digno alojamento. Dilatou-se a viagem do Imperador; e S. M., seduzido por novas seguranças dadas pelo General Savary em nome de S. M. I., continuou a sua até esta Cidade.

Deverá Vossa Excellencia perguntar a Mr. de Champagny, se ElRei se acha em plena liberdade; em cujo caso S. M. poderá regressar a seus Reinos para ouvir o Plenipotenciario, que nomear o Imperador. No caso contrario, Vossa Excellencia sabe que todo o acto he de notoria nullidade, e por conseguinte o de que se trata não teria outro effeito, que o de manchar a reputação do Imperador á vista de todo o Mundo, que tem os olhos fitos sobre as suas acções, e a quem consta o que a Hespanha tem feito em favor da França.

Tenho manifestado a Vossa Excellencia o Tratado de 27 de Outubro ultimo, pelo qual tem garantido o Imperador a integridade das Hespanhas em seu Rei, com o titulo de Imperador das Americas. Nenhuma causa ha sobrevindo, que possa

des-

destruir tal Tratado; antes ao contrario a Hespanha tem attrahido novos titulos ao reconhecimento da França.

ElRei está resoluto a não condescender com as solicitações do Imperador: nem sua reputação, nem o que deve a seus Vassallos o permittem: não póde obrigar a estes a que reconheção a dynastia de Napoleão; nem menos privallos do Direito, que tem a eleger outra Familia Soberana, quando se extingua a que actualmente reina.

Não he menos repugnante a ElRei o admittir a compensação da Coroa de Etruria; pois além de ter esta seu legitimo Soberano, a quem não deve prejudicar, S. M. está satisfeito com a Coroa, que lhe ha dado a Providencia; e não quer separar-se de huns Vassallos, a quem ama com ternura de Pai, e de quem tem recebido as provas menos equivocas do mais respeitoso amor.

Se por esta negativa o Imperador se crê authorizado a usar dos meios da força, S. M. espera que a Divina Justiça, dispensadora dos Thronos, protegerá sua boa causa, e a de seus Reinos.

Como Vossa Excellencia está penetrado destes principios, e os tem desenvolvido com a energia, que dá a justiça ao homem de probidade, e amante de seu Rei, e de sua Patria, he ocioso que eu me diffunda em prolongadas instrucções inuteis para hum Ministro, de cujo Patriotismo, e amor aos Reaes interesses está ElRei bem persuadido.

Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Bayona 27 de Abril de 1808. = *Pedro Cevallos.* = Senhor D. Pedro Comes Labrador.

N.º V.

Officio passado ao Ministro de Estado do Imperador pelo Senhor D. Pedro Cevallos em 28 de Abril de 1808.

EX.mo SENHOR.

AInda que até agora se tenha contido a agitação de animo, em que se acha toda a Nação Hespanhola, por ter visto impressos, e proclamados pelo Grão Duque de Berg, e por todos os Generaes Francezes, que se achão na Hespanha, os

sentimentos de paz, amizade, e boa harmonia, que S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia desejava conservar com ElRei meu Amo; e porque tem sabido mais as seguranças, que o Embaixador de S. M. I. em Madrid, o Grão Duque de Berg, e o General Savary derão a S. M. da proxima vinda do Imperador á dita Villa, com cujo motivo se determinou ElRei a sahir-lhe ao encontro até Burgos, para dar-lhe esta pública demonstração de seu affecto, e do alto apreço, que fazia de sua Augusta Pessoa; não póde já responder-se por mais tempo pela tranquillidade de tantos Póvos, maiormente sabendo todos, que seu Rei se acha ha seis dias em Bayona, e não tendo noticia alguma de seu regresso á Hespanha. Neste estado não póde menos S M. desejar a quietação de seus amados Vassallos, e restituir-se com este objecto a seu seio, para acalmar sua agitação, e attender ao grave peso dos negocios, tanto mais que do contrario exporia seus Póvos a males incalculaveis, cuja responsabilidade pesaria eternamente sobre seu coração. ElRei o prometteo assim a seus Póvos, do modo mais solemne, em consequencia das seguridades, que o Imperador deo sobre o restituir-se muito em breve á Hespanha, reconhecido por S. M. I.

Em consequencia me manda S. M. communicar a V. Excellencia estas idéas, para que se sirva fazellas presentes a S. M. I., cujo applauso merecerão sem dúvida; sem que por isto pertenda ElRei meu Amo deixar de continuar tratando em Hespanha com S. M. I. sobre os pontos, que tenha por inconvenientes, com a pessoa que para esse effeito authorize (1).

N.º VI.

(1) Este Officio não foi contestado, e produzio hum effeito mui contrario do que devia esperar-se n'huma ordem regular de successos: tal foi o de se dobrarem os espias de dentro, e as guardas de fóra do Palacio d'ElRei, que soffreo por duas noutes o insulto de hum augazil, que desde a porta da rua obrigou a S. M., e ao Senhor Infante D. Carlos a que retrocedessem para seus alojamentos. Do primeiro insulto se formou queixa muito energica: o Governo deo boas palavras; manifestou muito desagrado, porém nem por isso se evitou a segunda offensa, e estas provavelmente se terião repetido, se S. M. não se tivesse abstido de sahir de noute de seu Palacio.

N.º VI.

Real Decreto dirigido ao Supremo Conselho de Castilha pelo Senhor D. Fernando VII.

POuco tempo depois de se ter encarcerado a pessoa do Principe da Paz, se fizerão as mais frequentes, e efficazes instancias pelo Grão Duque de Berg, pelo Embaixador de França, e pelo General Savary, em nome do Imperador, meu íntimo Alliado, para que o mandasse entregar ás Tropas Francezas, a fim de que estas o conduzissem a França, onde S. M. I. o mandaria julgar pelas offensas, que tinha recebido do dito Principe da Paz. Estas solicitações as mais das vezes forão acompanhadas com a ameaça de arrebatar, em caso de negativa, o preso pela força. Em Vitoria se repetirão com igual vigor; e desejando tomar sobre este particular a determinação mais conveniente, consultei o Duque do Infantado, o de S. Carlos, a D. João Escoiquiz, e a D. Pedro Cevallos, meu primeiro Secretario de Estado. Em consequencia fallou este Ministro, dizendo: Senhor, se désse ouvidos a meus sentimentos pessoaes, desde logo me inclinaria á entrega da pessoa do Principe da Paz; porém estes sentimentos devem suffocar-se, como com effeito os suffoco, quando se trata de fixar as obrigações, em que está V. M. de desaggravar sua Sagrada Pessoa, e de administrar justiça aos Vassallos offendidos por D. Manoel de Godoi. Esta obrigação he essencial á Soberania; e não póde o Soberano prescindir della sem atropellar quanto ha de mais respeitavel entre os homens. Neste conceito creio deve contestar-se o Imperador, inteirando-o ao mesmo tempo de que V. M. tem offerecido a seus Augustos Pais de perdoar ao Principe da Paz a pena de morte, se o Conselho o condemnar a ella; e que em cumprimento desta offerta, sem exceder a authoridade, que lhe concedem as Leis, dará V. M. ao Mundo hum sinal de magnanimidade, a seus Amados Pais huma prova de seu affecto, e o Imperador ficará satisfeito, vendo com quanta Sabedoria concilia V. M. os deveres da justiça com as vistas, que reclamão suas relações com S. M. I. e R.

To-

Todos os mais adoptárão tão prudente dictame; e eu não hesitei hum momento em abraçallo, e em prover nelle com circumspecção.

Eu o communico ao Conselho reservadamente, assim para sua intelligencia, e governo, como para que tome as medidas mais activas para pôr a cuberto de todo o movimento popular as casas, e familias dos indicados quatro sujeitos. = Eu ElRei = Em Bayona a 26 de Abril de 1808. = Ao Decano do Conselho.

N.º VII.

Carta d'ElRei Nosso Senhor a seu Pai o Senhor D. Carlos IV.

VEnerado Pai, e Senhor: V. M. tem convido em que Eu não tive a menor influencia nos movimentos de Aranjuez, dirigidos, como he notorio, e a V. M. consta, não a desgostallo do Governo, e do Throno, senão a que se mantivesse nelle, e não abandonasse a multidão daquelles, que em sua existencia dependião absolutamente do mesmo Throno. V. M. me disse igualmente, que sua abdicação fôra espontanea; e que ainda quando me assegurassem o contrario, não o acreditasse, pois que já mais havia firmado cousa alguma com tanto gosto. Agora me diz V. M., que ainda que he certo que fizera a abdicação com toda a liberdade, com tudo se reservou em seu animo voltar a tomar as rédeas do Governo, quando o julgasse conveniente. Tenho perguntado em consequencia a V. M. se quer tornar a reinar, e V. M. me ha respondido, que nem queria reinar, nem menos voltar á Hespanha. Não obstante manda-me V. M. que renuncie em seu favor a Coroa, que me tem dado as Leis fundamentaes do Reino, mediante sua espontanea abdicação. A hum Filho, que sempre se tem distinguido pelo amor, respeito, e obediencia a seus Pais, nenhuma prova, que possa qualificar estas qualidades, he violenta á sua piedade filial, principalmente quando o cumprimento dos meus deveres com V. M., como Filho seu, não estão em contradicção com as relações, que como Rei me ligão a meus amados Vassallos. Para que nem estes, que tem o primeiro di-

rei-

reito ás minhas intenções, fiquem offendidos, nem V. M. descontente de minha obediencia, estou prompto, attentas as circumstancias em que me acho, a fazer a renúncia de minha Coroa em favor de V. M. debaixo das seguintes condições:

1.ª Que V. M. volte a Madrid, até onde o acompanharei, e servirei como seu filho mais respeitoso. 2.ª Que em Madrid se reuniráõ as Cortes; e pois que V. M. recusa huma congregação tão numerosa, convocar-se-hão para este effeito todos os Tribunaes, e os Deputados do Reino. 3.ª Que á vista desta Assembléa se formalizará minha renúncia, expondo os motivos, que a ella me conduzem: estes são, o amor que tenho a meus Vassallos, e o desejo que tenho de corresponder ao que me professão, procurando-lhes a tranquillidade, e redemindo-lhes os horrores de huma guerra civil por meio de huma renúncia dirigida a que V. M. volte a empunhar o Sceptro, e a reger huns Vassallos dignos de seu amor, e protecção. 4.ª Que V. M. não levará comsigo pessoas, que justamente tenhão sujeitado o odio da Nação. 5.ª Que se V. M., como me tem dito, não quer reinar, nem tornar á Hespanha, em tal caso Eu governarei em seu Real Nome como seu Lugar-Tenente. Nenhum outro póde ser a Mim preferido: tenho o chamamento das Leis, o voto dos Póvos, o amor de meus Vassallos; e ninguem póde interessar-se em sua prosperidade com tanto zelo, nem com tanta obrigação como Eu. Contrahida minha renúncia a estas limitações, comparecerá aos olhos dos Hespanhoes, como huma prova de que prefiro o interesse de sua conservação á gloria de governallos; e a Europa me julgará digno de reger huns Póvos, a cuja tranquillidade hei sabido sacrificar quanto ha de mais lisonjeiro, e seductor entre os homens. Deos guarde a importante Vida de V. M. os muitos, e felices annos, que lhe pede prostrado aos Reaes pés de V. M. seu mais amante, e rendido Filho = FERNANDO. = *Pedro Cevallos.* = Bayona o 1 de Maio de 1808.

N.º VIII.

N.º VIII.

Carta do Senhor D. Carlos IV. a seu Filho o Senhor D. Fernando VII.

FIlho meu: Os conselhos pérfidos dos homens, que vos rodeão, tem conduzido a Hespanha a huma situação crítica; só o Imperador póde salvalla.

Desde a paz de Basiléa tenho conhecido que o primeiro intento de meus Póvos era inseparavel da conservação da boa intelligencia com a França. Nenhum sacrificio tenho omittido para obter este importante objecto: ainda quando a França se achava dirigida por governos efímeros, suffoquei minhas inclinações particulares para não escutar senão a politica, e o bem de meus Vassallos.

Quando o Imperador teve restabelecido a boa ordem na França, se dissipárão grandes sobresaltos, e tive novos motivos para conservar-me fiel ao meu systema de alliança. Quando a Inglaterra declarou a guerra á França, logrei felizmente ser neutral, e conservar a meus Póvos os beneficios da paz. Apoderou-se depois de quatro Fragatas minhas, e me fez a guerra ainda antes de havella declarado; então me vi precisado a oppôr a força á força, e as calamidades da guerra assaltárão a meus Vassallos.

A Hespanha rodeada de Costas, e que deve huma grande parte de sua prosperidade a suas possessões Ultramarinas, soffreo com a guerra mais do que qualquer outro Estado: a interrupção do Commercio, e todos os estragos, que ella attrahe, affligírão meus Vassallos, e certo número delles teve a injustiça de attribuillos a meus Ministros.

Tive ao menos a felicidade de ver-me tranquillo por terra, e livre de inquietação, quanto á integridade de minhas Provincias, sendo o unico dos Reis da Europa, que se sostinha no meio das borrascas destes ultimos tempos. Ainda gozaria desta tranquillidade sem os conselhos, que vos hão desviado do caminho recto. Vós vos tendes deixado seduzir com demasiada facilidade pelo odio, que vossa primeira mulher tinha á França; e haveis participado inflexivelmente de seus in-

jus-

justos sentimentos contra meus Ministros, contra vossa Mãi, e contra Mim mesmo.

Julguei-me obrigado a recordar meus Direitos de Pai, e de Rei: mandei prender-vos, e achei nos vossos papeis a prova do vosso delicto; mas proximo a finalizar minha carreira, reduzido a dor de vêr perecer meu Filho n'hum cadafalso, me deixei levar de minha sensibilidade, avistando as lagrimas de vossa Mãi, e vos perdoei. Não obstante, meus Vassallos estavão agitados pelas prevenções enganosas da facção, de que vos tendes declarado Chéfe. Desde este instante perdi a tranquillidade da minha vida, e me vi precisado a unir as penas, que me causavão os males de meus Vassallos, aos pezares, que devi ás dissensões de minha mesma Familia.

Calumniavão-se meus Ministros junto ao Imperador dos Francezes, o qual pensando que os Hespanhoes se separavão de sua alliança, e vendo os espiritos agitados (ainda no seio de minha Familia) cobrio, debaixo de varios pretextos, meus Estados com suas Tropas. Em quanto estas occupavão a margem direita do Ebro, mostrando ter por objecto o manter a communicação com Portugal, tive a esperança de que não abandonaria os setimentos de apreço, e de amizade, que sempre me havia liberalizado; porém ao ver que suas Tropas se encaminhavão até á minha Capital, conheci a urgencia de reunir meu Exercito em torno de minha pessoa, para apresentar-me a meu Augusto Alliado, como convem ao Rei das Hespanhas. Tendo aclarado suas dúvidas, e regulado meus interesses, dei ordem ás minhas Tropas para sahirem de Portugal, e de Madrid, e as reuni sobre varios pontos de minha Monarquia, não para abandonar meus Vassallos, mas para sustentar dignamente a gloria do Throno. Demais, minha larga experiencia me dava a conhecer que o Imperador dos Francezes podia muito bem ter algum desejo conforme a seus interesses, e á politica do vasto systema do Continente, sem que estivesse em contradicção com os interesses de minha Casa. ¿ Qual tem sido nestas circumstancias vossa conducta? O haver introduzido a desordem no meu Palacio, e amotinado o Corpo de Guardas de Corpos contra minha Pessoa. Vosso Pai tem sido vosso prisioneiro: meu primeiro Ministro, que Eu tinha creado, e adoptado em minha Familia, coberto de sangue, foi conduzido de hum a outro carcere. Haveis desdourado minhas cãs, e as tendes despojado

de huma Coroa possuida com gloria por meus Pais, e que Eu tinha conservado sem mancha. Tendes-vos sentado sobre meu Throno, e vos puzestes á disposição do Povo de Madrid, e de Tropas Estrangeiras, que naquelle momento entravão.

Já a conspiração do Escorial tinha obtido suas vistas: os actos de minha administração erão o objecto do desprezo público. Velho, e opprimido de enfermidades, não tenho podido sobrelevar esta nova desgraça. Hei recorrido ao Imperador dos Francezes, não como hum Rei á frente de suas Tropas, e no meio da pompa; mas sim como hum Rei infeliz, e abandonado. Tenho achado protecção, e refugio em sua magnanimidade; devo-lhe a vida, a da Rainha, e a de meu primeiro Ministro, tendo vindo finalmente até Bayona; e haveis conduzido este negocio de maneira, que todo depende da mediação, e da protecção deste grande Principe.

Pensar em recorrer a agitações populares, he arruinar a Hespanha, e a conduzir ás catastrofes mais horrorosas a vós, ao meu Reino, aos meus Vassallos, e á minha Familia. Meu coração se tem manifestado abertamente ao Imperador: elle conhece todos os ultrajes, que tenho recebido, e as offensas, que se me tem feito. Tem-me declarado que não vos reconhecerá já mais como Rei, e que o inimigo de seu Pai nunca poderá inspirar confiança aos estranhos. Tambem me ha mostrado Cartas de vossa mão, que fazem ver claramente vosso odio á França.

Nesta situação, meus direitos são claros, e muito mais meus deveres. Não derramar o sangue dos meus Vassallos, nada fazer nos meus ultimos dias, que possa causar estrago, e incendio á Hespanha, reduzindo-a á mais horrivel miseria. Certamente, que se fiel a vossas primeiras obrigações tivesseis desprezado os conselhos pérfidos, e constantemente sentado ao meu lado para minha defensa, tivesseis esperado o curso regular da natureza, que devia signalar vosso posto, dentro de poucos annos, Eu teria podido conciliar a politica, e os interesses de Hespanha com os de todos. Sem dúvida ha seis mezes que as circumstancias tem sido críticas; porém por mais que o hajão sido, ainda tivera obtido das disposições de meus Vassallos, dos debeis meios, que ainda tinha, e da força moral, que houvera adquirido, apresentando-me dignamente ao encontro de meu Alliado, a quem nunca déra motivo algum de queixa;

Eu

Eu diligenciaria hum ajuste, que teria conciliado os interesses dos meus Vassallos com os de minha Familia. Vós pelo contrario, arrancando-me a Coroa, tendes desfeito a vossa, despojando-a de quanto tinha de mais augusta, e a fazia sagrada a todo o Mundo.

Vossa conducta comigo, vossas Cartas interceptadas, tem posto hum barreira de bronze entre vós, e o Throno de Hespanha; e não he do vosso interesse, nem do da Patria, que pertendais reinar. Guardai-vos de incender hum fogo, que causaria inevitavelmente vossa completa ruina, e a desgraça de Hespanha.

Eu sou Rei pelo direito de meus Pais: minha abdicação he o resultado da força, e da violencia: não tenho pois nada que receber de vós, nem menos posso consentir em nenhuma reunião em Junta: nova, e nescia suggestão dos homens sem experiencia, que vos acompanhão.

Tenho reinado para a felicidade de meus Vassallos, e não quero deixar-lhes a guerra civil, os motins, as Juntas populares, e a revolução. Tudo deve praticar-se para o Povo, e nada por elle: esquecer esta maxima, he tornar-se complice de todos os delictos, que lhes são inherentes. Tenho-me sacrificado toda a minha vida pelos meus Póvos; e na idade, em que estou, nada farei que se opponha á sua Religião, á sua tranquillidade, e á sua dita. Tenho reinado para elles; constantemente me occuparei delles; esquecerei todos os meus sacrificios; e quando finalmente esteja seguro que a Religião de Hespanha, a integridade de suas Provincias, sua independencia, e seus Privilegios serão conservados, descerei ao sepulchro, perdoando-vos a amargura de meus ultimos annos.

Dado em Bayona no Palacio Imperial, chamado do Governo, aos 2 de Maio de 1808. = CARLOS.

N.º IX.

Carta que o Senhor Rei D. Fernando VII. escreveo a seu Augusto Pai em resposta á antecedente.

SENHOR.

MEu venerado Pai e Senhor: Tenho recebido a Carta, que V. M. se dignou escrever-me com data d'antes de hontem, e

tratarei de responder a todos os pontos, que abraça, com a moderação, e respeito devido a V. M.

Trata V. M. em primeiro lugar de justificar sua conducta politica com respeito á França desde a paz de Basiléa; e na verdade creio que não terá havido na Hespanha quem della se tenha queixado: antes ao contrario todos unanimemente tem louvado a V. M. por sua constancia, e fidelidade nos principios, que havia adoptado. Os meus neste particular são inteiramente identicos aos de V. M., e disto tenho dado provas irrefragaveis desde o momento, que V. M. abdicou em Mim sua Coroa.

A causa do Escorial, que V. M. dá a entender tivesse por origem o odio, que minha mulher me havia inspirado contra a França, contra os Ministros de V. M., contra minha amada Mãi, e contra V. M. mesmo, se se tivesse seguido por todos os termos legaes, haveria provado evidentemente o contrario; e não obstante não ter Eu a menor influencia, nem mais liberdade que a apparente, em que estava guardado á vista pelos criados, que V. M. quiz me servissem de sentinellas, os onze Conselheiros elegidos por V. M. forão unanimemente de parecer, que não havia motivo de accusação, e que os supposstos réos estavão innocentes.

V. M. falla da desconfiança, que lhe causava a entrada de tantas Tropas estrangeiras na Hespanha, e de que se V. M. havia chamado as que tinha em Portugal, e reunido em Aranjuez, e seus suburbios as que havia em Madrid, não era para abandonar a seus Vassallos, mas sim para sustentar a gloria do Throno. Permitta-me V. M. lhe faça presente, que não devia sobresaltallo a entrada de humas Tropas amigas e alliadas; e que debaixo deste conceito devião inspirar huma total confiança. Permitta-me V. M. ponderar lhe igualmente, que as ordens communicadas por V. M. forão para a sua viagem, e a de sua Real Familia a Sevilha: que as Tropas se havião postado para manter livre aquelle caminho; e que não havia huma só pessoa, que não estivesse persuadida, de que o fim de quem dirigia tudo, era transportar a V. M., e sua Real Familia á America. V. M. mesmo publicou hum Decreto para socegar o animo de seus Vassallos sobre este particular; porém como continuassem a estar embargadas as carruagens, e postados os tiros, e se vião todas as disposi-

ções

ções de huma proxima viagem á Costa de Andaluzia, a desesperação se apoderou dos animos, e resultou o movimento de Aranjuez. A parte, que eu tive nelle, V. M. sabe que não foi outra, que ir por seu mandado a salvar do Povo o objecto de seu odio, porque o considerava author da viagem.

Pergunte V. M. ao Imperador dos Francezes, e S. M. I. lhe dirá sem dúvida o mesmo, que me disse a mim n'huma Carta, que me escreveo a Vitoria; a saber: que o objecto da viagem de S. M. I. e R. a Madrid era induzir a V. M. a algumas reformas, e a que separasse de seu lado ao Principe da Paz, cuja influencia era a causa de todos os males.

O enthusiasmo, que sua detenção produz em toda a Nação, he huma prova evidente do mesmo que disse o Imperador. Quanto ao mais, V. M. he ocular testemunha de que no meio da fermentação de Aranjuez não se ouvio huma só palavra contra V. M., nem contra pessoa alguma de sua Real Familia; ao contrario applaudirão a V. M. com as maiores demonstrações de júbilo, e de fidelidade á sua Augusta Pessoa. He assim que a abdicação da Coroa, que V. M. fez em meu favor, surprendeo a todos, e a mim mesmo, porque ninguem o esperava, nem eu a havia solicitado. V. M. mesmo communicou sua abdicação a todos os seus Ministros, dando-me a reconhecer a elles por seu Rei e Senhor natural; participou verbalmente ao Corpo Diplomatico, que residia junto á sua Pessoa, manifestando-lhe, que sua determinação procedia de sua espontanea vontade, e que a tinha tomado d'antemão. Isto mesmo disse V. M. a seu muito amado Irmão o Infante D. Antonio, accrescentando-lhe, que a firma, que V. M. tinha posto no Decreto de abdicação, era a que havia feito com mais satisfação em sua vida; e ultimamente me disse V. M. a mim mesmo tres dias depois, que não julgasse que a abdicação havia sido involuntaria, como alguns dizião, pois tinha sido totalmente livre e espontanea.

Meu supposto odio contra a França, tão longe de apparecer, por nenhum lado resulta dos factos, que vou a recordar rapidamente.

Apenas abdicou V. M. a Coroa em meu favor, dirigi varias Cartas desde Aranjuez ao Imperador dos Francezes, as quaes são outros tantos protestos, de que meus sentimentos com respeito ás relações de amizade, e estreita alliança, que

fe-

felizmente subsistião entre ambos os Estados, erão os mesmos que V. M. me havia inspirado, e havia observado inviolavelmente. Minha viagem a Madrid foi outra das maiores provas, que pude dar a S. M. I. e R. da confiança illimitada, que me inspirava, posto que havendo entrado o Principe Murat no dia anterior em Madrid com huma grande parte de seu Exercito, e estando a Villa sem guarnição, foi o mesmo que entregar-me nas suas mãos. Aos dois dias de minha residencia na Corte, se me deo conta da correspondencia particular de V. M. com o Imperador dos Francezes, e achei que V. M. lhe tinha pedido recentemente huma Princeza de sua Familia para enlaçalla comigo, e assegurar mais deste modo a união, e estreita alliança, que reinava entre os dois Estados. Conforme inteiramente com os principios, e com a vontade de V. M., escrevi huma Carta ao Imperador, pedindo-lhe a Princeza por Esposa.

Enviei huma Deputação a Bayona, para que cumprimentasse em meu Nome a S. M. I. e R.: fiz que partisse pouco depois meu querido Irmão o Infante D. Carlos, para que o obsequiasse na Fronteira; e não contente com isto, sahi Eu mesmo de Madrid, em consequencia das seguranças, que me havia dado o Embaixador de S. M. I., o Grão Duque de Berg, e o General Savary, que acabava de chegar de Paris, e me pedio huma audiencia, para dizer-me de parte do Imperador, que S. M. I. não desejava saber outra cousa de Mim, senão se meu systema com respeito á França seria o mesmo que o de V. M., em cujo caso o Imperador me reconheceria como Rei de Hespanha, e prescindiria de tudo o mais. Cheio de confiança nestas promessas, e persuadido de encontrar no caminho a S. M. I., vim até esta Cidade; e no mesmo dia, em que cheguei, se fizerão verbalmente proposições a alguns sujeitos de minha comitiva, tão alheias do que até então se tinha tratado, que nem minha honra, nem minha consciencia, nem os deveres, a que me comprometti, quando as Cortes me jurárão por seu Principe e Senhor, nem os que me impuz novamente, quando acceitei a Coroa, que V. M. houve por bem abdicar em meu favor, me tem permittido acceder a ellas.

Não comprehendo como podem achar-se Cartas minhas em poder do Imperador, que confirmem meu odio contra a

Fran-

França, depois de tantas provas de amizade que lhe tenho dado, e não havendo escrito Eu cousa alguma, que o indique. Posteriormente se me tem manifestado huma cópia de protestação, que V. M. fez ao Imperador sobre a nullidade da abdicação; e logo que V. M. chegou a esta Cidade, perguntando lhe Eu por este objecto, me disse V. M., que a abdicação havia sido legitima, ainda que não para sempre. Perguntei-lhe assim mesmo, porque não mo tinha dito, quando a fez; e V. M. me respondeo, porque não havia querido; do que se infere que a abdicação não foi violenta, e que Eu não pude saber que V. M. pensava em voltar a tomar as rédeas do Governo. Tambem me disse V. M., que nem queria reinar, nem tornar a Hespanha.

A pezar disto, na Carta, que tive a honra de dirigir a V. M., manifestava estar disposto a renunciar a Coroa em seu favor, mediante a reunião das Cortes, ou na falta destas dos Conselheiros, e Deputados dos Reinos; não porque o julgasse necessario para dar valor á renúncia, mas porque o supponho mui conveniente para evitar a repugnancia desta novidade, capaz de produzir choques, e partidos, e para salvar todas as considerações devidas á dignidade de V. M., á minha honra, e á tranquillidade dos Reinos.

No caso de que V. M. não queira reinar por si, reinarei Eu em seu Real Nome, ou no meu, porque a ninguem corresponde senão a mim o representar sua Pessoa, tendo, como tenho em meu favor, o voto das Leis, e dos Póvos; nem he possivel que outro algum tenha tanto interesse como Eu na sua prosperidade.

Repito a V. M. novamente, que em taes circumstancias, e debaixo das ditas condições, estarei prompto a acompanhar a V. M. a Hespanha, para fazer alli minha abdicação na referida fórma; e em quanto ao que V. M. me ha dito de não querer voltar a Hespanha, peço-lhe com as lagrimas nos olhos, e por quanto ha de mais sagrado no Ceo e na Terra, que no caso de não querer com effeito reinar, não deixe hum Paiz já conhecido, em que poderá eleger o clima mais analogo á sua debilitada saude, em o qual poderá desfrutar maiores commodidades, e tranquillidade de animo que em outro algum.

Rogo por ultimo a V. M. encarecidamente, que se penetre de nossa situação actual, e de que se trata de excluir

pa-

para sempre do Throno da Hespanha nossa dynastia, substituindo em seu lugar a Imperial de França: que isto não o podemos fazer sem o expresso consentimento de todos os individuos, que tem, e possão ter direito á Coroa, nem tão pouco sem o mesmo expresso consentimento da Nação Hespanhola, reunida em Cortes, e em lugar seguro: que além disto, achando-nos em hum Paiz estranho, não haveria quem se persuadisse que obravamos com liberdade; e só esta consideração annullaria quanto fizessemos, e poderia produzir fataes consequencias.

Antes de acabar esta Carta, permitta-me V. M. dizer-lhe, que os Conselheiros, que V. M. chama pérfidos, já mais me tem aconselhado cousa, que desminta o respeito, amor e veneração, que sempre tenho professado, e professo a V. M., cuja importante vida rogo a Deos conserve felices, e dilatados annos. Bayona 4 de Maio de 1808. = Senhor = Aos Reaes Pés de V. M. = Seu mais humilde Filho = FERNANDO.

N.º X.

Carta d'ElRei nosso Senhor a seu Pai o Senhor D. Carlos IV.

VEnerado Pai e Senhor: Em o primeiro do corrente puz nas Reaes mãos de V. M. a renúncia de minha Coroa em seu favor. Julguei ser da minha obrigação modificalla com as limitações convenientes ao decóro de V. M., á tranquillidade de meus Reinos, e á conservação de minha honra, e reputação. Não sem grande surpreza tenho visto a indignação, que tem produzido no Real animo de V. M. humas modificações dictadas pela prudencia, e reclamadas pelo amor, de que sou devedor a meus Vassallos.

Sem mais motivo que este, ha crido V. M., que podia ultrajar-me na presença de minha venerada Mãi, e do Imperador com os titulos mais humilhantes; e não contente com isto, exige de mim que formalize a renúncia sem limites, nem condições, sobpena de que Eu, e quantos compõe minha comitiva, seremos tratados como réos de conspiração. Em tal

tal estado de cousas faço a renúncia, que V. M. me ordena, para que volte o Governo da Hespanha ao estado, em que, se achava em 19 de Março, em que V. M. fez a abdicação espontanea de sua Coroa em meu favor.

Deos guarde a importante vida de V. M. os muitos annos, que lhe deseja, prostrado aos Reaes Pés de V. M., seu mais amante e rendido filho = FERNANDO. = *Pedro Cevallos.* Bayona 6 de Maio de 1808.

N.º XI.

Nota do Ministro das Relações exteriores de França Mr. Champagny, em resposta a outra de D. Pedro Cevallos, em que se queixava de haver-se detido hum correio de Gabinete, despachado de Ordem do Senhor Rei D. FERNANDO VII. com prégos para Madrid, e lhe pedia rubricasse hum passaporte para outro.

O Ministro das Relações exteriores ha recebido a Nota, que o Senhor de Cevallos lhe fez a honra de dirigir-lhe, quixando-se do impedimento, que se tem posto á partida dos correios de Sua Excellencia. Esta medida ha sido motivada pela notificação, que S. M. I. lhe tem encarregado de fazer-lhe, de que não conhece outro Rei senão a Carlos IV. Disto resulta por consequencia, que o Imperador não póde admittir em seu territorio nenhum acto, ou passaporte dado em nome de outro Rei; e he pelo mesmo motivo, que elle Ministro não pôde rubricar o novo passaporte, que lhe tem enviado o Senhor de Cevallos. Porém se apressa a prevenir-lhe, que todas as Cartas, que levava o correio, que ha sido detido, tem sido entregues á administração Franceza de correios, a qual cuidará de que se remettão a Burgos, e a Madrid com a maior exactidão, e que se praticará o mesmo com todas as que os Hespanhoes, que estão em França, ou Hespanha, quizerem fazer passar, já seja pelo correio ordinario, ou já pelo estafeta Francez. Todas serão enviadas a seus destinos com huma escrupulosa pontualidade, e exactidão; e a correspondencia

entre os dois Estados, longe de experimentar o meror atrazo, adquirirá huma nova actividade.

Mr. de Champagny, dirigindo por este bilhete ao Senhor de Cevallos este aviso, tem a honra de asseguralla da sua alta consideração (1).

Bayona 29 de Abril de 1808.

N.º XII.

Renúncia que o Senhor D. Pedro Cevallos fez de seu emprego de Ministro das Relações exteriores nas mãos de José Napoleão no dia 28 de Julho.

SENHOR.

QUando V. M. teve a bondade de convidar-me a que continuasse no ministerio de Negocios Estrangeiros, persuadi-me que devia offerecer á sua consideração certas reflexões, segundo as quaes nem V. M. podia ter a menor confiança em mim, nem eu a menor segurança da protecção de V. M.; pois que me achava ultrajado, e observado cuidadosamente pelo Imperador seu Augusto Irmão, de quem devia recear, que sua influencia no coração de V. M. não me seria de modo algum favoravel.

V. M. insistio na sua resolução, dizendo-me, que queria ter ao seu lado pessoas bem vistas da Nação; porém como eu não desejava mais que voltar á minha amada Patria, o que se me havia negado por espaço de dois mezes de inuteis instancias a S. M. I. e R., me foi preciso admittir á nomeação de V. M. para pôr termo á triste separação, em que me achava de minha familia, e de meus compatriotas, salvo o direito, que ninguem deve renunciar de seguir o voto da maior parte da Nação, sempre que esta não quizesse reconhe-

(1) Em quanto o Imperador solicitava d'ElRei que renunciasse em seu favor a Coroa, nenhuma difficuldade se achou em rubricar os passaportes, que eu dava em seu Real Nome; porém logo que o Governo Francez viõ desvanecidas as suas esperanças, se negou a dar passe a todas as expedições de correios.

nhecer a V. M. por seu Soberano. Depois tenho feito ver a V. M. que a Hespanha quasi unanimemente está opposta a reconhecello por tal: se falta este titulo, não resta outro, em virtude do qual possa V. M. ser Soberano destes Reinos. Neste estado eu atraiçoaria meus principios, se continuasse, exercendo hum ministerio acceito em consequencia das referidas circumstancias, e não por desejo de ter influencia alguma no Governo de V. M., que renuncío desde logo, para me transportar ao meu retiro, onde consagrarei á minha triste Patria meus votos, e lagrimas pelos males, que quizera poder remediar para bem de huma Nação nobre, generosa, leal, e bizarra.

APPENDIX

Sobre o modo com que o Grão Duque de Berg surprendeo a Junta do Governo, para que lhe mandasse entregar a pessoa do preso D. Manoel de Godoi.

DEsde que o Grão Duque de Berg, Lugar-Tenente dos Exercitos do Imperador, pôz os pés no territorio da Hespanha, procurou com o maior artificio esparzir a voz, que vinha a fazer o nosso bem, e procurar algumas reformas uteis em nosso Governo, dando a entender com estudo, que protegeria a causa do Principe das Asturias, e expulsaria o Principe da Paz, objecto do odio universal da Nação. Não deixou tambem de derramar algumas especies sobre o grande influxo, que a Rainha tinha nos negocios. Sabia muito bem que não era necessario mais para captar-se a benevolencia de todos os Hespanhoes opprimidos; e como sua missão era dirigida ao que depois se tem visto, he preciso convir, em que o cálculo do Imperador dos Francezes, seu Amo, não era mal fundado.

Porém como todas as cousas deste Mundo estejão sujeitas a variações, occorrêrão os movimentos, para sempre memoraveis, de Aranjuez, e transtornárão todo aquelle plano. Apenas os soube o Grão Duque de Berg, se propôz variar de

meios, e affectou tomar hum grande interesse na sorte de D. Manoel de Godoi, com quem havia tido correspondencia da maior intimidade; ainda que não se conhecião pessoalmente. Não se occultou á sua sagacidade o grande empenho, que tinhão os Reis Pais em salvar a seu Favorito: e assim he que começou desde logo a fazer as instancias mais efficazes para o libertar da prisão; porém forão inuteis, em quanto permaneceo em Madrid nosso Amado Rei Fernando VII. Nem por isso desmaiou o Grão Duque de Berg.; pois apenas soube que S. M. tinha chegado a Burgos, quando renovou as suas instancias para obter o que havia intentado, ameaçando, em caso negativo, que usaria da força, que tinha á sua disposição.

A Junta resistio, não obstante os primeiros ataques; e consultou a ElRei o partido, que deveria tomar em tão críticas circumstancias. S. M. houve por bem dizer-lhe o que acabava de responder sobre este particular ao Imperador dos Francezes, que havia solicitado directamente de S. M. a liberdade do preso, e he o que se segue:

« O Grão Duque de Berg., e o Embaixador de V. M. » I. e R. tem feito em differentes occasiões instancias ver- » baes para obter, que D. Manoel de Godoi, preso por cri- » mes de Estado no Real Palacio de Villa-Viçosa, seja pos- » to á disposição de V. M.

» Nada me seria mais agradavel, que o poder acceder á » sua exigencia; porém as consequencias, que desta accessão » podem resultar, são tão graves, que me vejo na precisão » de as expôr á prudente consideração de V. M.

» Por huma consequencia da obrigação, em que estou » de administrar justiça a meus Póvos, tenho ordenado ao » mais respeitavel dos Tribunaes de meu Reino, que julgue » segundo as Leis a D. Manoel de Godoi, Principe da Paz. » Hei promettido a meus Póvos a publicação dos resultados » de hum Processo, do qual depende a reparação da honra » de hum grande número de meus Vassallos, e a preservação » dos Direitos de minha Coroa. Em toda a extensão de meus » Dominios não ha hum só Povo, por pequeno que seja, » que não tenha elevado ao meu Throno suas queixas contra » o preso. Todos os meus Vassallos tem feito extraordiarias » demonstrações de alegria, no momento em que tiverão a

» no-

» noticia da prisão de D. Manoel de Godoi ; e todos tem » fitos os olhos sobre o procedimento , e decisão de sua » causa.

» V. M., tão sabio Legislador , como grande Guerrei- » ro , poderá conhecer facilmente o peso destas considera- » ções. Mas se V. M. se interessa pela vida de D. Manoel » de Godoi , Eu lhe dou minha palavra Real , de que , no » caso de que , depois do exame mais rigoroso , seja con- » demnado á pena de morte , Eu o indultarei della por con- » sideração á mediação de V. M. I.

» Deos guarde a vida de V. M. I. muitos annos. Vi- » toria 18 de Abril de 1808. = FERNANDO. »

Previne de mais á Junta , de Real Ordem , com a mes- ma data « Que se o Grão Duque de Berg renovasse suas » instancias em favor de Godoi , respondesse : que este nego- » cio se tratava entre os dois Soberanos , e que dependia ex- » clusivamente da resolução d'ElRei. » E tendo sabido S. M. que os Reis Pais , sem dúvida mal informados , se havião queixado ao Grão Duque do mao tratamento , que se dava *na* prisão ao Principe da Paz , me mandou S. M. a pezar de que estava mui seguro da delicadeza , com que procedia o Marquez de Castelar , que prevenisse o maior cuidado com a saude do preso , como o fiz com a mesma data.

Apenas recebeo o Imperador a Carta d'ElRei nosso Se- nhor , quando , com a sua costumada velhacaria , abusou del- la , e escreveo ao Grão Duque de Berg , dizendo-lhe : que o Principe das Asturias havia posto á sua disposição o preso D. Manoel de Godoi , mandando-lhe que o reclamasse com energia. Não foi necessario mais , para que Murat , cujo ca- racter he naturalmente violento e ousado , fizesse passar a se- guinte Nota á Junta do Governo :

« Havendo S. M. o Imperador e Rei manifestado a S. » A. I. e R. o Grão Duque de Berg , que S. A. R. o Prin- » cipe das Asturias acabava de escrever-lhe , dizendo , que o » fazia arbitro da sorte do Principe da Paz ; S. A. me encar- » rega em consequencia que faça sciente á Junta das inten- » ções do Imperador , que lhe repete a ordem de pedir a » pessoa deste Principe , e de enviar-lho a França.

» Póde ser que esta determinação de S. A. R. o Princi- » pe das Asturias não tenha chegado todavia á Junta. Neste

» ca-

» caso se deixa conhecer que S. A. R. haverá esperado a » resposta de S. M. o Imperador ; porém a Junta compre- » henderá , que o responder ao Principe das Asturias seria » decidir huma questão differente; e já he sabido que S. M. » I. não póde reconhecer senão a Carlos IV.

» Rogo pois á Junta se sirva de tomar esta Nota em » consideração , e ter a bondade de instruir-me sobre este as- » sumpto , para dar conta a S. A. I. o Grão Duque da de- » terminação que tomar.

» O Governo , e a Nação Hespanhola só acharáõ nesta » resolução de S. M. I. novas provas do interesse , que toma » pela Hespanha ; porque com o exterminio do Principe da » Paz , quer tirar á malevolencia os meios de crer possivel , » que Carlos IV. de novo concedesse o poder , e sua con- » fiança ao que deve tella perdido para sempre ; e por ou- » tra parte a Junta de Governo faz certamente justiça á no- » breza dos sentimentos de S. M. o Imperador , que não » quer abandonar a seu fiel Alliado.

» Tenho a honra de offerecer á Junta a segurança da » minha alta consideração. = O General e Chéfe do Estado » Maior General, *Augusto Belliard.* = Madrid 20 de Abril » de 1808. »

Accrescentou de palavra tão atrozes , e inauditas ameaças , que a Junta , temerosa sem dúvida de que as realizasse , e se compromettesse a quietação de Madrid , teve a debilidade de acceder á proposta , e mandou ao Marquez de Castelar , de Ordem d'ElRei , que aquella mesmo noite entregasse o preso , como com effeito o fez , não sem muita repugnancia sua , e dos mais Officiaes , que o guardavão.

Em honra da verdade he preciso dizer , que o Senhor Balio Fr. D. Francisco Gil , Secretario de Estado , e do Despacho da Marinha , e em consequencia individuo da Junta de Governo , se oppôz á entrega do preso , porque ElRei não o authorizava.

Não he facil conceber como depois de huns factos tão positivos , como os que vão citados , procedesse a Junta de Governo a manifestar ao Conselho , e ao Público , por meio de duas Gazetas extraordinarias , que a entrega do Principe da Paz se havia feito de Ordem d'ElRei. Tão pouco o he , como pôde a mesma Junta querer subsanar sua debilidade ,

des-

deslocando clausulas da correspondencia de Officio, como por exemplo, a que passou ao Conselho, e cita este Tribunal no seu manifesto fol. 14. da impressão em 4.°, que diz assim:

« Pelo que respeita ao preso D. Manoel de Godoi, me » manda ElRei inteirar á Junta, para que faça desta noticia » o uso conveniente, que faz S. M. demasiado apreço dos » desejos, que tem manifestado o Imperador dos Francezes, » para não comprazer-lhe, usando ao mesmo tempo de gene- » rosidade em favor de hum Réo, que ha offendido sua Real » Pessoa. »

Por pouco que se reflexione, deverá vir-se no conhecimento de que nesta supposta ordem não se previne a liberdade do preso, senão que ElRei estava disposto a usar de generosidade com elle por consideração ao Imperador; e para saber que especie de generosidade era, basta recorrer ao Decreto, que S. M. dirigio ao Conselho, e que este Tribunal encorpóra em seu manifesto a fol. 15 da mesma edição. Com a mesma data de 18 de Abril previne de Real Ordem ao Marquez de Castelar; sem embargo de que S. M. estava muito penetrado da equivocação, que padecião os Reis Pais, que cuidasse da saude do preso; e se ao mesmo tempo houvesse mandado ElRei, que a Junta de Governo o puzesse em liberdade, teria sido ociosa, e ainda ridicula semelhante prevenção. Além disto, quando a Junta de Governo deo conta a ElRei das considerações, e motivos, que teve para pôr em liberdade o preso, que forão as mesmas, que ficão referidas, S. M. me mandou responder-lhe nos termos seguintes:

« ElRei fica inteirado dos motivos, que ha tido a Jun- » ta de Governo para proceder á entrega do preso *sem or-* » *dem sua.* »

Desta representação da Junta, e da resposta d'ElRei, certificão os dois Officiaes Maiores da primeira Secretaria de Estado, e do Despacho, D. Eusebio de Bardaxi e Azara, e D. Luiz de Onis, por cujas mãos tem passado.

Hei crido de minha obrigação publicar estes factos, para que toda a Nação fique instruida do que deo lugar á entrega de D. Manoel de Godoi, attribuida falsamente a huma ordem de S. M., que nunca pensou faltar á solemne palavra dada a seu amado Povo, de julgallo segundo as Leis; e para que com este motivo se affiance cada vez mais o accen-

dido amor, que justamente professa a nosso muito amado Rei Fernando VII., que Deos nos restitua quanto antes, para complemento de nossa felicidade. = *Pedro Cevallos.*

D. Eusebio de Bardaxi e Azara, e D. Luiz de Onis, Secretarios d'ElRei nosso Senhor, com exercicio de Decretos, e Officiaes Maiores da mesma Secretaria de Estado, e do Despacho, certificamos ser certa a representação da Junta de Governo, e resposta, que deo ElRei a ella, e estarem concebidas nos termos, que expressa em sua exposição o Excellentissimo Senhor D. Pedro Cevallos, pelos termos visto, e haverem passado ambas por nossas mãos; e para que conste, o assignamos em Madrid a 3 de Setembro de 1808.

= *Eusebio de Bardaxi e Azara.* = *Luiz de Onis.*

N. 2º

MANIFESTO

IMPARCIAL E EXACTO

DOS

ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

QUE HOUVE

EM

ARANJUEZ, MADRID E BAYONA,

Desde 17 de Março até 15 de Maio de 1808 sobre a quéda do Principe da Paz, e sobre o fim da amizade, e alliança dos Francezes com os Hespanhoes:

ESCRITO EM MADRID.

Esta Obra deve servir de Supplemento á Exposição de D. Pedro de Cevallos.

TRADUCÇÃO DE HESPANHOL.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1808.

Com licença.

Vende-se na Loja de Francisco Xavier de Carvalho, junto á Igreja dos Martyres.

MANIFESTO

IMPARCIAL E EXACTO

POR

ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

QUE HAVEM

EM

ARANJUEZ, MADRID E BAYONA,

Desde 17 de Março até 17 de Maio de 1808 sobre a vinda do Principe da Paz, e sobre o seu da [illegible], e alliança dos Francezes com os Imperadores:

Escripto em Madrid

Pelo Obra [illegible] de [illegible] e [illegible] de D. Pedro de [illegible].

Traducção de Hespanhol.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1808.

Com Mesma.

Vende-se na Loja de Francisco Xavier di Carvalho, junto á Igreja dos Martyres.

DO AUTHOR AO PUBLICO.

A Rapidez, que se notará em alguma parte desta relação, e o consequente desatavio do estilo pedem indulgencia, porque escrevi este papel entre ameaças e riscos; e os dous mezes, que abraça a minha Historia, encerrão o valor de hum seculo em cousas extraordinarias, que exigião tempo, e descanço para representallas bem. Mas decretou-se huma Commissão Militar-Imperial e Real (*) para perseguir os criminosos de lesa-perfidia-napoleonica, que, como eu, escrevem a verdade, e dizem mal de S. M. I. e R.: já não pude escrever com socego, e sómente tratei de concluir de qualquer modo, para esconder meu papel. Varias vezes quiz rasgallo, porque me parecia passo mui desabrido ser arcabuzeado sem utilidade da Patria. ¡ Cousa cruel e horrivel! ¡ ver-se sentenceado á morte pela faculdade de pensar! ¿ Que será das nossas outras propriedades, se deste modo nos privão da mais sagrada? Pude finalmente escapar de Madrid com o meu borrão dentro das botas; e ainda que agora pudera limallo, não devo resistir aos desejos de varios amigos, que me instão que o publique tal qual está.

(*) Tudo he imperial e real em Napoleão. Sua perfidia, suas usurpações, e seus assassinios são imperiaes e reaes.

A Europa esperava os resultados da desfigurada scena do Escorial. Os bons Hespanhoes gemião murmurando, sem atrever-se a atacar a justiça. O accusador Godoy, tão ambicioso como dissoluto, delirava com a coroa, que havia de cingir sua cabeça em hum canto de Portugal. Carlos caçava, e vegetava. Maria Luiza afiava o cutélo, que havia de degolar os Duques d' Infantado, e de S. Carlos, e Escoizquiz. Fernando esperava seu desaggravo, casando-se com huma Princeza da dynastia mais moderna, e mais intrusa do Universo. Napoleão occupava e saqueava Portugal por amigo dos Inglezes: desenthronizava o Rei d' Etruria, suppondo ajustes com seu avô: fazia marchar suas tropas sobre a Hespanha: volta de Italia a París, e annuncía huma visita amigavel a seu *íntimo amigo* e *alliado*. Tal era o estado das cousas nos mezes de Novembro e Dezembro de 1807.

Em vão se conjecturava sobre o objecto daquellas tropas. O unico ponto, em que concordavão as opiniões, era que o leão rugia buscando a quem devorar. Erão tão diversos os interesses dos calculadores, que era impossivel a uniformidade. Carlos, e Maria Luiza crião que a *íntima amizade* e *alliança* devião embotar as garras para elles. Fernando que lhe havia pedido huma sobrinha, implorando a sua protecção, se considerava livre dos dentes aguçados. Godoy desvanecido com as quimeras dos Algarves, não se imaginava ameaçado: e a Nação que descançava sobre sua justiça, e sobre sua generosidade, nem

se quer sonhava que aquella boca, sempre faminta, se saboreava já na victima mais innocente. Huns dizião que as expedições Ultramarinas, ou contra Gibraltar, erão o destino do Exercito: outros que era huma reforma parcial, em que se suppunha a regencia de Fernando, e a ruina de Godoy, este tão enganado como todos, e tão perfido como Napoleão, não se sabe o que pensava: alguns imaginárão desmembrações da Hespanha, e com as cartas na mão reduzião no Ebro os limites da insaciavel ambição do Corso: navegava-se tambem pela America, e se abrião nossos mais ricos portos ao commercio dos Francezes: fazião-se tres partes de Portugal: huma para Godoy; outra para a Rainha de Etruria; e o centro reservado para a volta do Principe do Brazil. Tudo se pensava, tudo se imaginava; e vagando sempre, e todos buscando ou o justo, ou o verosimil, ninguem pôde aproximar-se sem horror ás idéas abominaveis: ninguem observou o peito de Napoleão inchado de negra perfidia, que como de hum volcão vomita aquellas erupções de lava sanguinolenta, que affligem o genero humano.

Os assassinios de Enghien e de Pichegrú, o desterro de Moreau, e os gritos de outras muitas innocentes victimas de sua atrocidade, despertavão alguns animos, que se atrevião a prognosticar desastres; mas seus receios erão tratados como delirios de cabeças desasisadas. Oppunha-se a memoria das quatro fragatas Hespanholas, e a destruição de Copenhague, para provar que o Imperador dos Francezes não seria capaz de exceder tanto em perfidia aos *tyrannos do mar.* (*a*). Aquellas victimas já que não desculpaveis, ao menos forão em tempo em que elle não tinha a

(*a*) Esta denominação que se dá aos Inglezes, as quatro fra-

sua gloria tão estabelecida, e não queria manchalla com a infamia, que o cobriria, fazendo traição á sua *íntima alliada* a Hespanha. ¡ Funesto erro, que não servio mais que para nos encubrir o perigo, e para que se fortificasse a confiança Hespanhola que fez ás tropas, que se dizião *amigas*, aquelle acolhimento fraterno e generoso, que he tão conforme ao caracter Nacional!

Assim forão entrando em nossos lares abertos com a mascara da amizade; e com o seguro passo que lhes permittia nossa franqueza, forão occupando os postos vantajosos a seus intentos. Da maneira que hum tigre move a cauda brandamente para acalmar o desasocego da preza que espreita, e o cordeiro incauto julgando ir ás demonstrações do carinho, se acha despedaçado entre as garras encobertas, assim Napoleão falla incessantemente da *íntima amizade e alliança*, e o Hespanhol generoso não descobre as unhas da féra, senão quando sente laceradas suas entranhas. A Cidadella de Pamplona foi surprendida; seguio-se a de Barcelona entregue com o Castello do Monjuí. Estas violencias assustárão o povo; mas Manoel dizia; *que aquillo erão medidas de segurança e precauções*

---

gatas, e Copenhague são como os cavallos de batalha, com que se quer influir a opinião pública. Não ha Gazeta de França, que não esteja ornada com esta representação; e o nosso Diario actual a tem citado tres vezes em quatro dias. Já não he tempo de figurar com estas illusões: porque estamos certos que os Inglezes nos tomárão as fragaaas, porque eramos amigos e alliados de Napoleão, e atacárão a Dinamarca pela mesma causa, e por mui justas precauções. Bernadotte *aconselhou* já ao Principe Real que não se coroasse até á paz. ¿ Ha maior descaramento, depois de haver gritado tanto contra os Inglezes em Copenhague? Devemos pois convir em que não ha amizade mais prejudicial que a dos Francezes, em quanto vive o monstro; e decretemos a sua morte, para restabelecer a amizade, e a boa intelligencia das Nações.

mui justas, que devia tomar o Exercito alliado, n' hum paiz, que se considerava em revolução pelas dissensões entre o Pai e o Filho.

Entretanto o Supremo Conselho de Castella declarou o que já todos nós sabiamos. Que não houve taes dissensões entre Pai e Filho : e que a causa do Escorial não foi mais que hum tecido horrivel da injustiça e da calumnia. Com tudo erão necessarias algumas victimas para lançar hum vêo, com que intentárão cobrir-se huma mãi desnaturalizada, e hum privado iniquo. Forão desterrados os Duques d' Infantado, de S. Carlos, e Ezcoizquiz, levando comsigo os votos da Nação.

Segue-se a marcha das tropas : o *intimo amigo* segue occultando o objecto a *seu fiel alliado*, e segue até avizinhar-se á Capital. Manoel Godoy já começava a inquietar-se, quando chegou de París seu Agente Izquierdo, segundo se disse, com a nova da projectada ruina dos Bourbões, e se dispóz a evasão da Familia Real.

O successo provou que era a unica medida prudente nas circumstancias; mas proposta pelo Principe da Paz, não teve hum unico partidista. Não se reflectio que as vistas do malvado de França não podia conhecellas senão outro malvado, que visse a possibilidade em sua mesma capacidade: ninguem vio que o accusador do Escorial era o unico, que podia suspeitar os partidos, que da divisão supposta entre o Pai e o Filho queria tirar o usurpador das Nações: ninguem calculou mais do que sobre seus interesses: ninguem em fim se lembrou da Nação. Hum Ministro, que ainda que bastantemente iniquo para não ser enganado, não teve a applicação de estudar os elementos de Machiavelo para se aperfeiçoar, ou para melhor dizer, que tendo a vontade carece dos meios

de ser malvado de primeira ordem; ou não descobrio as intenções de Napoleão, ou se as entrevio, não se occupou mais que de contrariar o Principe da Paz. Representou a Carlos *que o heroe, que o Conquistador da Austria e da Prussia tinha deixado sobre o throno aquelles Soberanos, não arrancaria o seu ao Rei fiel e generoso, que se tinha sacrificado a seus mesmos caprichos: que a evasão hia a submergir a Hespanha n'hum abysmo de males; e que em todo o caso devia buscar sua segurança antes nos braços, e nos peitos de seus valorosos vassallos, do que na fuga.* Carlos se persuadio não tanto por estas reflexões, como porque naquelles mesmos dias recebeo huma carta muito *amigavel* do Imperador, em que lhe confirmava a annunciada visita; tambem augmentou a sua confiança a chegada de quatorze formosos cavallos Normandos de presente; e foi portador de hum e outro meio de seducção hum Gentil-homem Grão-Cruz da Legião d' Honra. Não poderia dizer-se que hum Imperador usasse de meios tão baixos, e tão aleivosos, se não vissemos já confundido entre os reptis asquerosos o homem extraordinario, que antes vimos com assombro, disputando ou contrafazendo o alto e magestoso vôo das aguias.

Não obstante o Principe da Paz, que media os passos do Duque de Berg, insistia só na evasão (*a*), e por fim pôde convencer o Rei. Deo as ordens con-

(*a*) Como hum homem de bem não póde dar passos seguros na cova tortuosa e obscura, que abriga a perfidia, he preciso que conjecture segundo os resultados. Estes me assegurão que a evasão não era convenção de Godoy com Napoleão. Outros pensão que sim; mas eu que não pretendo accrescentar execração ao nome de Godoy, quando cada passo de sua vida basta para merecer a abominação universal, e que sómente trato de buscar a verdade, sigo a minha opinião, porque não vejo a trama de

venientes ao intento: sahio de Madrid sua primeira mulher com seus filhos, e huma parte de seus thesouros: reunio em Aranjuez as tropas da casa Real, e mandou que o nosso Exercito sahisse de Portugal, sem dúvida com as vistas de assegurar a retaguarda dos desgraçados Bourbões, que por seu interesse unicamente queria conservar. Tudo estava disposto em segredo para sahir á meia noite de 17 de Março, conforme se julgou bem fundadamente.

Fernando não queria arredar-se do Exercito Francez, que considerava seu vingador. O povo não podia supportar a ausencia do seu Rei, especialmente quando se lhe fazia hum mysterio dos motivos, e do objecto da evasão; e como hum e outro desejavão que Godoy fosse unica victima da ira de Napoleão, não querião que evitasse o castigo, que lhe preparava por sua correspondencia com Alexandre, a qual se suppôz

---

ajuste com seu interesse. He certo que as tropas entrárão, occupando Castellos com passaportes, e ordens de Godoy; mas elle ignorava as intenções de Napoleão. Todos vimos suas angustias, e todos ouvimos suas contradicções sobre a marcha dos Francezes; até que vendo já a Murat nas visinhanças de Madrid, sem lhe trazer sua sonhada coroa dos Algarves, resolveo intempestivamente fugir com a Familia Real. O mais verosimil he, que a sua condescendencia até áquelle dia foi para recommendar-se com o tyranno para obter o *emprego de Rei*, que era já de *beneficio*; e que vendeo e sacrificou a Hespanha nescientemente, sem haver ajustado o preço de sua traição. Os que julgão que estava de acordo, se fundão em que o protegeo tirando-o da prizão; e isto nada significa, porque póde ser por consolar Maria Luiza, ou por hum refinamento de malicia, para Napoleão diminuir o odio dos Hespanhoes, fazendo recahir a maior parte sobre o infame, que lhe entregou os Castellos e Cidades. Não ha contra as minhas conjecturas mais do que a impunidade de Izquierdo, que voltou á França, e não sabemos que o haja enforcado Bonaparte. E isto não prova mais senão que ou foi seu Emissario, ou que todos não tem a sorte que merecem.

entregue na original, e tenebrosa paz de Tilsit. ¡Como permitte o Ceo tal, e tão encadeado enlace de circunstancias, e ainda de sonhos, para que hum malvado chegue ao termo de suas maquinações! ¡Como o genio infernal, que fecunda a perfidia póde fazer que onde se fecha hum caminho se abrão outros para augmentar e consummar a atrocidade! Bonaparte com seus procedimentos obscuros havia preparado a evasão da Familia Real para ter o pretexto de occupar o Reino, quando lhe fugião vindo como amigo (*a*). Godoy ajudava suas intenções sem ter o mesmo objecto. Fernando e o povo as contrariavão, julgando auxiliallas; mas todos á huma corrião para a sua perdição, e não fazião mais que variar e peiorar o modo, com que havião de ser despedaçadas as victimas.

Rodeado Fernando de espias mui vigilantes, pôde illudillas hum momento para dizer a hum Guarda de Corps na manhã de 17 de Março: *Esta noite he a viagem, e eu não quero ir.* Se o raio he mui veloz na sua carreira, e nos seus effeitos, tambem o forão estas palavras nos corações de hum povo, que receava já que Godoy estava de acordo com Napoleão, e que não podia soffrer já a oppressão de hum valido desprezivel, desde que o olhárão como hum

---

(*a*) O Embaixador de França, que foi corretor do ajustado contrato de Matrimonio da causa do Escorial, imaginando que seu amo e parente, muito honrado com esta união, vinha defender Fernando contra Godoy, contribuio de boa fé para dissuadir a evasão, e para derribar este. Ficou em desgraça, e removido, porque commetteo o delicto diplomatico de não adivinhar a perversidade de Napoleão, que queria a fuga dos Bourbões, e que subsistisse a privança odiosa de Godoy, porque então esperava que os Hespanhoes approvassem sua meditada usurpação, e o recebessem como a hum redemptor, se quer pela regra, *do mal o menos*. Mas enganava-se; Godoy não era peior que elle.

traidor contra o mesmo Rei (*a*), e contra a Patria, sacrificados na evasão. Tal he a origem, o nó e a trama do que se tem chamado revolução de Aranjuez. Testemunha imparcial dos successos que refiro, sem pertencer a partido algum mais do que ao da verdade, posso offerecer meu testemunho á Nação, ao mundo inteiro, e á posteridade mais remota, a quem devem chegar os factos, que a mim mesmo me parecem sonhados.

Os moradores de Aranjuez, assustados como se assustão os filhos ternos, que temem a ausencia de seu pai, rondavão (*b*) aquella noite, sem outras vistas mais do que as de atulhar os caminhos com suas pessoas apinhoadas sem armas, e abrandar o Rei com seus gemidos, e suas lagrimas. Sentem algum movimento na casa do traidor, se avisinhão curiosos; e os Hussares que a guardavão, commettem a imprudencia de fazer fogo sobre os exploradores solicitos; e accendida no mesmo instante a indignação geral, accommettem a casa. Registrão-na, destroem-na, mas não a roubão; buscão-no, e não o achão; suppõem-no fugido, e

(*a*) Isto explica muito bem a indolencia, que os Francezes tem notado aos Hespanhoes, porque soffrerão o despotismo de Godoy por espaço de 18 annos. Sua paciencia era effeito do amor, e da lealdade, que lhes fazia mais toleravel a oppressão, e os abusos do seu governo, do que possivel a resolução de dar desgosto a hum Monarca, que amava extremosamente ao seu Privado. Mas esta consideração cessou, apenas suspeitárão que Godoy ingrato para com o mesmo Rei destruia a Nação de huma vez. Mereçamos pois o epitheto de generosos, e deixemos o de indolentes aos que soffrerão a época do terror, e hoje tolerão Napoleão.

(*b*) Era tão innocente o objecto, que hum criado me pedio licença francamente para fazer o seu quarto de ronda, e lha concedi; porque me representou que se o Rei podia escapar clandestinamente, o povo podia pertender que o não abandonasse.

aquelle povo exprime o sentimento da justiça com que procedeo, entrando, sem outras consequencias do movimento, na tranquillidade que lhe inspirava a opinião de que Godoy não podia já roubar-lhe o seu Rei. Apresentou-se S. M. com toda a sua Real Familia em huma varanda do palacio: corrêrão lagrimas de alegria de hum povo o mais docil do Universo; e as acclamações erão tão affectuosas e cordiaes, como são roucos e frios os *vivas* compassados, que a toque de caixa se fazem dar os tyrannos (*a*). O dia e a noite de 18 de Março forão os mais tranquillos, que eu nunca vi em Aranjuez.

Mas a 19 se renovou a scena com estrondo. Aquelle miseravel teve a constancia cobarde de conservar a vida para dar-nos o espectaculo mais decisivo de sua carreira vergonhosa: aquelle villão tinha comsigo hum par de pistolas, essas consolações tão prezadas da desesperação, e não soube descarregallas sobre sua cabeça pejada de atrocidades. Elle se tinha escondido debaixo de huma esteira com as suas pistolas, e algumas alfaias de que a sua alma cobiçosa pôde occupar-se em momento tão crítico. A fome e a sede o descobrírão: descoberto, se ajuntou o povo para despedaçallo; e quando o buscava, chegou o generoso Fernando, enviado por Carlos IV. Ainda que a sua protecção, e a actividade com que o defendêrão os Guardas de Corps, que o escoltavão, lhe salvárão a vida, com tudo não se pôde evitar que lhe dessem algumas bofetadas, e algumas pancadas, que desfigurárão algum tanto aquelle rosto bello, com que fez sua fortuna, e a ruina da Nação. Foi conduzido ao

(*a*) Napoleão, que perdeo já todos os seus direitos ao amor do povo Francez que o detesta, se faz acclamar em seus Exercitos a compasso de tambor, e he ceremonia de ordenança nas paradas.

quartel, onde o curárão esmeradamente. Já assegurado alli, e tendo se feito a offerta ao povo que seria julgado segundo as suas Leis, se apresentou outra vez para renovar aos Soberanos as mais ternas demonstrações de sua lealdade, alegria e socego. Todos se forão para suas casas, e não parecia que Aranjuez tivesse sido o theatro, onde se representou huma scena tão ruidosa.

Muito pouco durou o silencio; porque ás quatro horas da tarde dispozerão Carlos, e Maria Luiza que em hum coche sahisse Manoelito para Granada. Advertio o povo o movimento e o objecto; e novamente irritado com o engano que se lhe fazia, se apresentou no quartel, fez em pedaços o coche, e recordou a palavra Real, que se lhe tinha dado pela manhã. A consequencia deste rumor foi tão prompta, como d'antemão deliberada. Abdicou ElRei a Coroa, e Fernando VII. foi acclamado.

Entretanto o povo de Madrid exercia sua justiça sobre o fruto dos máos usos de administração; e os bens dos irmãos, e Satellites de Godoy forão pasto das chammas. ¡ Tão sordidos parecêrão que não excitárão á pilhagem hum povo cheio de dignidade em seu mesmo enojo! Este movimento durou trinta e seis horas sem cousa notavel, á excepção de alguns accidentes de embriaguez. Mas tudo cessou no momento, em que o Governo decretou a necessidade da ordem e da tranquillidade: e talvez não apresentarão as Historias huma revolução como esta, se se póde assim chamar, em que não houve mais sangue derramado do que o muito pouco, que distillárão as faces do Principe da Paz.

Logo que Fernando subio ao throno, communicou estas novidades a Napoleão, fazendo-lhe mui sinceras expressões de amizade, e renovando-lhe seus de-

sejos de unir-se mais com elle, casando-se com a Sobrinha pedida. O segundo passo que deo foi consagrado ao reconhecimento, que lhe tem sido tão funesto, e chamou os desterrados do Escorial. Abrio tambem as portas de Madrid a todos os homens de bem retirados para as Provincias; e os nomes de Floridablanca, Sáavedra, e Jovellanos puderão pronunciar-se com o respeito, e com as esperanças que sempre inspirão. Incessantemente se occupou dos meios de fazer feliz a Nação que governava: começou a rodear-se de homens acreditados, extinguio abusos, projectou estabelecimentos e reformas saudaveis, e tudo annunciava, ou tudo descobria já nos orientes da Hespanha a aurora da felicidade.

Ficou Fernando em Aranjuez cinco dias acompanhando Carlos, e Maria Luiza, que não derão nesse tempo demonstração alguma de arrependimento da abdicação voluntaria que fizerão. O primeiro ainda estava contente de se ver livre de huma tarefa superior ás suas forças, e se recreava em ver as brilhantes disposições de seu filho, segundo o expressou a varias pessoas fidedignas: e a segunda, ainda que triste e sombria, se mostrava satisfeita por então, com a offerta que lhe fez o generosissimo Fernando de perdoar a Manoelito, e conservar-lhe a vida. Assim foi que não se occupárão mais do que em escolher a Cidade de residencia, consultando a commodidade, o clima, e mais circumstancias relativas a dous velhos. Ajustado, e disposto isto, fez Fernando a sua entrada em Madrid no dia 24 de Março. He não só ocioso, mas impossivel pintar o alvoroço deste povo, vendo na sua frente hum joven Rei, amabilissimo, e com todas as qualidades sobre que se podem fundar esperanças lisonjeiras. ¡ Ai! ¡ As lagrimas mais inesgotaveis devêrão começar desde esse momento! Já não

era Rei ; já estava sitiado na sua mesma Capital !

No dia antecedente tinha entrado aqui Murat com 18$ homens: Murat não o visita : Murat não o reconhece (*a*): Murat, que vinha como hospede, não acceita o Palacio do Retiro , e se aloja na casa sequestrada de Godoy , onde havia as preciosidades que buscava. Murat , que entrou dizendo que hia a Cadis , permanece de dia em dia , e não perde hum instante, dirigindo seus preparativos odiosos. Elle observa , mede , e pretexta a commodidade de suas tropas para apoderar-se de Madrid , e de seus arredores : elle , e seu Ajudante La Vougion (*b*) fazião viagens nocturnas a Aranjuez , e concertavão com a branda e benefica Maria Luiza o destino da Naçáo. Ainda que tudo se fazia com cautéla , e tudo invocando *amizade* e *alliança* , tudo annunciava huma crise espantosa. O povo a receia, a vê (*c*) , e a arrostra. Varias ve-

---

(*a*) Não basta a experiencia para diminuir o assombro com que se deve olhar o descaramento, com que se contradizem , e com que roubão os predilectos de Napoleão. Murat não reconhece Fernando VII. ; mas lhe pede a espada de Francisco I. : não o reconhece , mas come e bebe á sua custa : não o reconhece , mas despendura quadros , extrahe livros preciosos , toma baixella de prata , e estribos de ouro da casa de Godoy , que era d'El-Rei. ¡ E estes são Principes !

(*b*) Este he filho daquelle Embaixador de França , que na revolução se refugiou em Madrid. Hum e outro gozárão da incançavel generosidade dos Hespanhoes , e vivêrão da pensão que lhes assignou Carlos IV. Era preciso que o filho mostrasse agora seu reconhecimento , sendo o mais activo , e o mais cruel *Aide-camp* de Murat contra os Matritenses. ¡ Queira Deos que seja esta a unica vibora , que tenhamos alimentado em nosso mesmo seio !

(*c*) Como o povo havia destruido a Godoy , não póde acalmar-se , desde que não existio tal objecto , o que suppôz ás tropas Francezas. Por tanto , sempre que ao diante diga que *se acreditou* , fallo dos Ministros. Nunca se entenda que trato nem de

zes quiz desfazer esse Exercito; e o tivera conseguido então que não estava organizado, nem conhecia, nem possuia os postos; e varias vezes o deteve Fernando confiado e enganado, assegurando a seus vassallos que *estava satisfeito de seu íntimo alliado e amigo*: *que suas tropas marchavão contra o inimigo commum*: *que era preciso auxiliallas com huma generosidade, que seria considerada como hum serviço distincto a S. M.*; Ah Fernando! O povo te obedecia, mas não se enganava.

Chega hum Aposentador Francez para preparar o alojamento de S. M. I. e R. Fernando tão crédulo como honrado (porque he a honra a mãi da confiança) cede sua propria habitação, e a orna de novo com toda a magnificencia, com que hum Monarca generoso devia receber a hum Imperador, que se dizia seu *amigo*. Chegárão carros fechados (*a*) com inscripções, que denotavão móveis de Napoleão.... He preciso reprimir a raiva para continuar esta farça propria de Ciganos. O Aposentador tirou dos carros hum chapéo, e humas botas *imperiaes*; e para accrescentar a profanação ao insultante engano, as collocou no dormitorio dos Reis d'Hespanha. Murat fez explicações muito circunstanciadas sobre os banhos de S. M. I. e R.; sobre que a delicadeza de seu Soberano resistiria a que Fernando fornecesse huma meza de vinte talheres para Bonaparte, e outra de cem para seus servidores.

Aquelle sempre grande, sempre generoso, e sem-

Fernando, cuja experiencia e moderação o fizerão entregar-se aos conselhos daquelles, nem do povo, que, ainda que reprimido, nunca se enganou.

(*a*) Não seria estranho que estivessem recheados de fazendas de contrabando, como o estiverão os mais dos carros, que entrárão com mui pomposas inscripções.

pre confiado respondeo ; que não era justo privallo de alguma das demonstrações do prazer, com que recebia hum hospede tão grande : decretou as mais esplendidas mezas, illuminações, festas, e todos os espectaculos, com que se assinalão os mais distinctos regozijos publicos. Hum Ministro convocava as *Maestranzas* (*) : outro dispunha bailes no Retiro ; e dous Magistrados se occupavão nas horas de descanço em organizar estes obsequios. O tempo era curtissimo, assim porque o mais dilatado parecia pouco para preparar-se dignamente, como porque se annunciou a chegada de Napoleão no perfixo termo de tres dias.

Expirou aquelle prazo, e correo muito mais tempo sem receber ao menos huma carta do Imperador. Este silencio já inquietava hum pouco o nosso Gabinete; e na incerteza, não fez mais do que ridiculizar-se com Gazetas extraordinarias as mais contradictorias e despreziveis, que nunca sahírão da Impressão Real. ¡ Cousa singular ! A cegueira, em que o Senhor Ezcoizquiz (*a*), por engano, pôz o Rei, nunca pôde communicar-se ao povo ; e as mais infimas classes gritavão contra o silencio de Napoleão, contra a permanencia de seu Exercito dentro da Capital, e contra a vergonhosa credulidade em humas promessas tantas vezes desmentidas ; ¡ e circunstancia todavia mais singular ! Esse mesmo Gabinete tão cégo não teve tino mais do que para conter a torrente, que teria desfeito esse montão de Soldados. ¡ Já se vê !

(*) *Junta de varios sujeitos de qualidade para se exercitarem no manejo dos cavallos com destreza.*

(*a*) Ezcoizquiz, enganado com as discussões que teve com Beauharnois a respeito do casamento, adquirio huma confiança magistral e diplomatica para contentar os desconfiados, manifestando que elle tinha motivos particulares para conhecer que Napoleão era tão racionavel como justo, e que era preciso ouvillo, e contentallo de todos os modos.

Era preciso que se combinassem todos os agentes da desgraça: e era muito facil reprimir hum povo docil, quando ao Soberano mesmo, que excitava seu zelo, e sua lealdade, fazião repetir que *tinha seguranças do seu íntimo alliado e amigo.*

O Exercito se apodera com violencia, e com ultraje pessoal do mesmo Rei, da casa de campo. O ruido das portas, e das arvores derribadas resoa em Madrid. O povo murmura, e se alvoroça. ¡ Ah Ministros ! ¿ Com que desculpareis a vossa indolencia? ¿ Como respondereis ao Ceo, á Nação, a vós mesmos pela indifferença, com que vieis a perfidia e a atrocidade, que marchavão já á cara descoberta? O sangue se avisinha.... Mas sigamos o fio da Historia, e não a interrompamos, anticipando reflexões terriveis. Murat podia preparar-se, e afiar seus cutélos dentro de nossos mesmos domicilios: elle tomava postos; estabelecia acampamentos; disciplinava seus desgraçados conscriptos: suas grandes guardas rodeavão todas as noites o recinto de Madrid: detinha viveres, e se apoderava de nossas munições nos caminhos, e o que he mais... ¡ Santos Ceos! pedia polvora e chumbo, e se lhe dava... ¿ Para que? Não havia outro objecto immediato se não para despedaçar as entranhas de hum povo fiel, a quem debilitava e desunia o nosso mesmo Governo, para que não pudesse concertar, quando não hum ataque contra a infamia, ao menos hum plano de defensa, com que responder a estas ameaças.

Savary (*a*) chegou nestas circunstancias; e como

(*a*) Este he hum General, cujo merecimento principal consiste n'hum descaramento sobrepujante ainda entre Francezes. A este ajunta huma fecundidade de perfidia, e dissimulação tão inalteravel, que jámais se acha surprendido pelo máo exito de hum meio de seducção. No mesmo momento substitue outro e outros, até chegar aos seus fins. Napoleão o estima, como hu

se huma pomba pudesse ser hum emissario de Napoleão, se acreditou ver em sua boca hum ramo de oliveira, quando teve a bondade de pronunciar o tratamento de *Magestade* para dizer a Fernando, *que seu amo já em caminho desejava dar-lhe hum abraço antes de entrar em Madrid.* Estas palavras, sem Credenciaes, e sem huma carta ao menos das amigaveis de Napoleão, se recebêrão com a fé cega que tinha inspirado este monstro de falsidade. E sem embargo de que huma Deputação de tres Grandes d' Hespanha, e não hum Savary, tinha ido com Credenciaes, e todas as solemnidades a cumprimentar a S. M. I. e R., a pedir-lhe a Sobrinha do encanto: sem embargo de que tambem tinha sahido hum Infante de Castella, o amavel D. Carlos, e não hum Savary; e sem embargo de que não era decoroso que hum Rei d' Hespanha sahisse a mais distancia de huma legoa, Fernando se dispõe a sahir dentro de quarenta e oito horas; porque o falso Savary lhe assegurou que já estaria Napoleão em Hespanha; e sahe determinado a ir até Burgos muito persuadido de encontrallo antes. Estabeleceo huma Junta de Governo presidida pelo Infante D. Antonio: não consultou a viagem com o Supremo Conselho de Castella, porque só teve tempo para communicar-lhe hum Decreto: e se despedio de seu povo de Madrid, que ainda que não approvava sua

---

devido, e já lhe dá amplas faculdades em suas missões para obrar segundo as circunstancias. Agora veio com a condição de seduzir Fernando, e de levar o Principe da Paz. Logrou o principal: e como achou repugnancia no segundo, o renunciou com ar indifferente, e disse ao Duque d' Infantado, e a O-ffarrill: ¿ Que importa a vida desse miseravel para empenharmo-nos agora em contestações e difficuldades ? O Imperador desejava ser seu padrinho por compaixão; mas huma vez que o povo quer que seja julgado, siga embora o processo, e soffra a pena que merece.

ausencia ; não a temeo demasiado , pela segurança com que acreditou que S. M. não passaria de Burgos.

Já Murat hia publicamente ao Escorial, aonde Carlos, e Maria Luiza tinhão ido com o devoto pretexto da Semana Santa. Dous dias depois de huma visita, em que recebeo magnificos presentes, pedio á Junta, em nome do Imperador, suppondo ordem de Fernando, que lhe entregasse o Principe da Paz, que estava n' huma prizão tres leguas de Madrid. Este lhe foi entregue, a pezar das representações do Marquez de Castellar, encarregado da sua custodia : e o povo, que vio desta maneira illudida a sua justa vingança, manifestou seu resentimento com dignidade silenciosa : recebeo como hum *banho d'agoa de neve* (esta era a sua expressão) a ridicula Gazeta extraordinaria , em que se lhe participou a noticia, quando já o réo estava muitas leguas longe de Madrid ; e em sua dôr chegou a mostrar huma quasi indifferença sobre a sorte d' ElRei.

Mas como a lealdade acrisolada dorme sentida algumas vezes, mas nunca se apaga, começou a despertar muito excitada desde que soube que ElRei não encontrou Napoleão em Burgos. Em vão as famosas Gazetas querião socegar os animos. O Infante D. Carlos passou a Bayona : ElRei se adiantou até Victoria, e estes passos derramárão em todos os corações os mais funestos presagios, e já não se fallava mais do que em estragos e tristeza. Murat repetia suas providencias hostis ; e a Junta de Governo se occupava unicamente de medidas de policia, para reprimir e desunir hum povo sensivel, que estava ameaçado por ser amante de seu Rei. As patrulhas, as rondas, os bandos, os *gazetazos* extraordinarios , (como dizião os

chibantes) já dictados (*a*), já alterados por Murat; tudo se empregava para arraigar mais e mais a obediencia, essa virtude que havia de dar á Nação pezares eternos.

Em quanto aqui se dispunhão assim as victimas, Napoleão com insinuações carinhosas attrahia a sua preza favorita para Bayona. Escreve-lhe huma carta, que se foi tal (*b*) como appareceo nos papeis publicos, era a mais apropositada para inquietar a confiança de Fernando; mas elle se deslumbrou tambem, porque o sublimado Machiavelo fez sahir de Paris naquelles dias a Imperatriz, para que a suppozessem conductora da Sobrinha; e forão baldados os conselhos do honradissimo Cevallos, e de outros bons Hespanhoes, para que não passasse de Victoria; mas S. M. vai dizendo, *que não chegaria mais do que a huma casa de campo na fronteira, onde devia acabar de ajustar com seu íntimo amigo e alliado os interesses das duas Nações.* Marcha; e em quanto piza o terreno de França, o recebe hum General com numerosa escolta; se avisinha a elle, o saúda com trata-

---

(*a*) Chegou a tal ponto a degradação da Junta de Governo, que por suggestão de Murat affixou Editaes para annunciar ao público que se estava imprimindo huma Gazeta com mui importantes noticias. O povo acudio ancioso, quando já devia estar impressa; mas Murat tinha dito que já não podia responder pela verdade das noticias. Foi preciso imprimir outra precipitadamente, e encher huma folha de papel de parvoices. ¿ Quem foi o illudido? O povo não; porque conhecia que o objecto de Murat era debilitar e extraviar a opinião pública com alternados temores e esperanças. Sim, foi a Junta, que se fez o ludibrio da perfidia.

(*b*) Como não a temos visto se não nos papeis publicos de França, que mentem mais do que dizem, me parece que fosse outra cousa a que recebeo Fernando: porque tal como appareceo, não podia enganar ninguem.

mento de *Alteza* para annunciar-lhe sua degradação, e o leva como prezo a Bayona. Alli encontra a seu amigo Carlos, e chorão os dous irmãos sobre a sua já inevitavel desgraça (*a*). Deixemo-los por ora alojados mesquinhamente, em contraposição da magnificencia, com que o palacio de Madrid teria hospedado o Corso, e vamos a tirar do Escorial a Carlos, e Maria Luiza.

Seja pelo habito, ou pelo simulacro do respeito, ou pelo mesmo respeito, que he devido ao filho do immortal Carlos III., e ao Pai de Fernando VII.: he preciso deter a minha penna para não correr mais do que hum canto da cortina. Mas não póde omittir-se que a Senhora tinha jurado salvar *Manoel*, e *desenthronizar seu filho Fernando*: que Carlos IV. firmou quanto Maria Luiza tinha concertado com Murat: que teve já desejos de recobrar o sceptro; e que sahio para Bayona, a pezar dos gravissimos achaques que o affligião.

E os Ministros, e a Junta de Governo, essas sentinellas da Nação ¿que fazião? Vendo as Sessões eternas que dia e noite se celebravão, se persuadio o povo de que alguma cousa se tratava da sua salvação; mas nada disto se fazia; e o resultado dos acordãos era produzir alguma Gazeta extraordinaria de parvoices: receitar medidas de policia para neutralizar a lealdade Hespanhola, e para impedir que se organizasse hum

---

(*a*) Disse-se que hum bilhete de aviso, que enviou o Infante D. Carlos a Fernando VII., para que por nenhum motivo passasse a Bayona, foi denunciado a Napoleão, por hum Grande d'Hespanha, que ha tempo que estava em França. O Correio, que levava o bilhete, occultou, e negou, até que vio a morte visinha; e já inutil a sua fidelidade, entregou o bilhete. ¡ Que contraste entre hum Grande, e hum Correio.!

sonhado regimento de Chisperos (*a*) : ouvir e obedecer a Murat, que os fatigava com frivolas, ou graves proposições que levavão Grouchy, Belliard, ou Laforêst (*b*), e esperar com frescura que Fernando prezo, e que não podia escrever mais do que aquillo que Napoleão lhe dictava, dissesse á Junta que era preciso salvar a Patria. ¿ Fizerão, ou acordárão outra cousa ? Sim, acordárão. *Pela parte d'ámanhã*, disse hum vogal da Junta, *veremos mais claro a vontade d'ElRei* ... ¡ D'ElRei, que sabião que foi tratado de *Alteza* logo que pizou o terreno de França !... Por certo se deo este discretissimo voto, que fez acordão unanime no dia 27 d'Abril, que foi a ultima parte que recebeo a Junta. Já Napoleão tinha enchido nesse tempo a medida de suas manobras, e cerrou o passo a toda a communicação; mas Murat sim recebia diariamente hum ou dous Correios. A Junta via tudo isto: já não podia esperar que Fernando lhe dictasse os meios de evitar o naufragio; e com tudo não teve hum piloto ousado, que empunhasse o

(*a*) Chamão-se Chisperos (Officiaes de ferreiro) aos homens, e chibantes, ou valentões, e ás mulheres que compõem o legitimo povo de Madrid: e ainda que esta gente feria mais com os gracejos picantes de seus ditos, do que com suas navalhas embotadas de picar tabaco do Brazil. Murat os temia, e designava como hum regimento organizado *des Chispers*. Era para admirar este temor; porque Murat não tinha visto o valor dos Matritenses se não na postura determinada e fera, com que o desprezavão.

(*b*) Grouchy he hum General de divisão, que tinha o titulo de Governador do Exercito; porém realmente era Governador politico e militar de Madrid. Belliard, tambem General de divisão, era Chefe do Estado Maior. Laforêst diplomatico sublime, segundo as maximas de Napoleão. Os tres se alternavão incessantemente para interromper a Junta de Governo, e particularmente o Ministro da Guerra, julgando que se occupavão em planos de defensa da Patria. Petulancia inutil, porque ninguem pensou que estava em perigo.

leme, para dirigir a náo a mais bem tripulada que nunca se vio. Eu não chamarei traidores, como o vulgo inconsiderado, a todos os Membros da Junta. Eu não direi senão que huns erão egoistas, outros ineptos ou cobardes, alguns enganados, e todos bastantemente insensiveis para ser instrumentos (*a*) da maldade a mais atroz, que póde forjar o entendimento

---

(*a*) Entre os repetidos annuncios, que teve o nosso Governo para despertar, se distingue a tentativa que fez Murat para imprimir huma Proclamação em nome de Carlos IV. O Impressor, a quem se dirigirão tres Agentes Napoleonicos, os denunciou ao Supremo Conselho de Castella, que os fez prender; mas immediatamente reclamados por Murat, forão entregues. Então levou este Principe I. e A. huma impressão para sua casa, e della sahio, entre outros folhetos sediciosos, o parto do *Official retirado de Toledo*, com cuja capa quiz disfarçar-se o desprezivel Marchena, bastantemente *retirado* da carreira da honra.

Tambem teve a Junta hum exemplo insigne, que resultou daquelle principio. Entre os juizos, que a multidão fazia sobre o conteudo daquella Proclamação, houve hum que disse, que era hum bando, em que se decretava o saque das Igrejas, e a atroz Contribuição, semelhante á de Portugal: ouvio isto pasmado hum Chispero (Official de ferreiro), e perguntou inquieto ¿ Se isso era verdade? Assegurou-se-lhe que sim; e este homem se retirou dalli, comprou huma navalha, e desde logo investio com todo o Francez que encontrava. Acudio a Policia, e o metteo na cadeia. Ouçamos, e admiremos este Hespanhol em sua confissão. Pergunta-se-lhe ¿ se era sua aquella navalha? Responde *que sim, por sinal que a comprei em tal parte por 35 quartos.* ¿ Se os Francezes feridos lhe havião feito algum damno? Responde que *não.* ¿ Com que intenção, e porque motivo os ferio? Disse, que *sua intenção era matar a esses, e a quantos Francezes tivesse podido. Que o motivo era porque esses velhucos vinhão saquear aqui os Templos do Deos verdadeiro, e a roubar o fruto de seus suóres: que se enganou imaginando que todo o homem de bem faria o mesmo que elle, e se achou só nas ruas.* Em Roma, e na Grecia este homem teria apparecido logo na lista dos Horacios, e dos Trezentos Espartanos. ¡ Em Madrid estava destinado a hum supplicio!

humano, se se tivera alojado em essoutras máquinas, que se chamão tigres.

Murat, já dictador á cara descoberta, mandou á Junta que *no dia 2 de Maio* .... Os meus nervos estão em convulsão .... Meu coração estremece .... ¡ Dia luctuoso !.. ¡ Dia eterno !... Recebe o tributo de minha sensibilidade patriotica na mesma interrupção de minha narração ... Necessito de repouso, e de novo alento para approximar-me ao sangue innocente... Por fim, ao cabo de tres horas de huma mistura prodigiosa de abatimento e de energia, ao cabo de huma luta, em que a indignação, e a ternura se tem disputado huma victoria mui alternada sobre minha alma tão sensivel como Hespanhola, pude alcançar da filosofia o esforço necessario para continuar a relação.

A' Junta mandou Murat, que no dia 2 de Maio sahisse para Bayona a Rainha d' Etruria : e que annunciada a sua sahida, como que era indifferente ao povo, a seu abrigo sahisse tambem o Infante D. Francisco no mesmo dia. Mandou que na Gazeta se preparasse a opinião pública para receber huma nova dynastia : e mandou outras diversas cousas que não cito, porque me empenharião em discussões, que poderião descobrir o modesto, e virtuoso Vogal, de quem tenho relações mui miudas. Baste dizer que a Junta nocturna no dia primeiro não delibera, mas obedece : tres Alcaides de Corte (*) a interrompem para advertir os movimentos do Exercito Francez, que occupava aquella noite os pontos mais vantajosos de Madrid, e principalmente as avenidas do Palacio : o povo dormia tranquillo, julgando que o Governo vigiava sobre sua conservação... Os Vogaes se retirão

(*) Juiz togado dos que na Corte compõem a Sala chamada dos Alcaides.

á huma hora da manhã do dia 2, e nem ao menos fizerão huma reflexão de que estava corrida a cortina da desolação de Madrid! As medidas já estavão tomadas desde o dia precedente. ¡ Ah! dia em que se derão ordens mui positivas á guarnição Hespanhola para não proteger os movimentos do povo fiel e generoso, que sem disposição nem plano queria sacrificar-se por sua Religião, por sua Patria, e por seu Rei.

Amanhece o dia 2, e huma porção de curiosos se ajunta na praça do Palacio: vê sahir a Rainha de Etruria, e não se inquieta; mas ao chegar outro coche para o Infante D. Francisco, começa o rumor, até que cortárão os tirantes do coche. Os Francezes preparados correm em tropel para sustentar o rapto deste Infante: os Hespanhoes, ainda que desprevenidos, com tudo se oppõem. Os Francezes usão de suas armas, carregadas não só de chumbo, como de huma fria traição: os Hespanhoes apresentão seus peitos tão firmes como abrazados em amor patriotico. Communica-se o movimento; mas communica-se com a vantajosa differença, que tem hum Exercito, que ataca prevenido a hum povo, que não tinha nem plano, nem Chefe, nem ao menos aviso de ser atacado em semelhante dia.

Dentro de Madrid, por huma parte 12ꝺ Francezes disciplinados e aguerridos; huma Cavallaria escolhida: hum trem formidavel de artilheria: mais 7ꝺ Soldados, que da casa de campo acudírão ao primeiro tiro, e hum plano de ataque premeditado para aquelle dia por Generaes, e Officiaes experimentados. Da outra parte hum povo surprendido, sem mais armas do que as embotadas navalhas de picar tabaco, e humas 300 espingardas: quasi sem outras munições senão seus desejos: sem outra guia mais do que seu

valor: tão dispersos que nas duas horas, que durou o vivo da acção, não se vio hum só corpo de 50 homens armados; e tão desabrigados, que por mais que chamavão as tropas Hespanholas em seu soccorro (*a*), não se arredárão dos seus postos, conforme se lhes tinha prevenido. Não obstante, esses homens assim desunidos se arremeçavão hum e hum sobre as filas Francezas, e recebião a morte, dando-a a muitos Soldados: os que tiverão espingardas, se consideravão capazes de responder aos canhões, e com este erro de valor fizerão estragos indiziveis. Não he possivel circunstanciar as acções heroicas; porque talvez forão tantas, quantos erão os passos do punhado de homens obscuros, e desconhecidos, que, insultados aleivosamente, se pozerão no caso de resistir á força com a força: e já que não podião igualalla com sua intrepidez desordenada, buscavão a morte para não serem subjugados, e a recebião com a maior consolação, se conseguião trocar-se com hum Francez. Mas se este se lhes rendia, como aconteceo com muitos, se contentavão em desarmallos sem lhes fazer damno: generosidade mui propria de Hespanhoes, cujo valor heroico não sabe irritar-se com os vencidos, nem póde supportar mais sangue do que o necessario para a victoria.

No quartel da Artilheria se fez destroço consideravel. Não havia mais do que seis Officiaes, e 18 Soldados Artilheiros; hum Official, e 25 Soldados do Regimento do Estado; e alguns trinta paizanos que apenas sabião disparar (*b*); e este pequeno nú-

(*a*) Huma multidão de paizanos, convencidos quão fraca he a desorganisação, se apresentou a hum Batalhão nosso, que estava formado no seu quartel. Venhão v. ms., lhes dizião com enthusiasmo ancioso, nós iremos adiante, ou nos misturaremos nas filas.

(*b*) Hum paizano que apanhou huma pistola, ensaiando-se

mero sostido por hum só canhão mal municiado (porque não se achou o guarda do armazem) fez entregar as armas a mais de 450 Francezes, em tres partidas, com os seus respectivos Officiaes, em cujo número havia hum Coronel. Mas por fim chegou huma columna de 1$300 homens: não foi possivel fazer larga resistencia a forças tão enormes; e ainda que a mortandade dos inimigos foi grande, a nossa perda foi incomparavelmente maior, porque morrêrão os Capitães Daoiz e Velarde, que de certo valião infinitamente mais do que os 500 Francezes, que pouco mais ou menos perecêrão alli. Tambem foi ferido gravemente Ruiz, o bravo Official do Regimento do Estado; hum Cabo de Artilheria, dous Soldados, e cinco paizanos, dos quaes morrêrão dous.

Ninguem duvída que os movimentos populares são terriveis; ou quando o povo de concerto tem aprazado o dia do seu furor, ou quando se lhe permitte o tempo necessario, para que se communique em todos os pontos a acção, que o fez mover inopinadamente. E o dia 2 nem estava aprazado pelo povo, que, reprimido pela Policia, nunca pôde combinar-se, nem se lhe deo tempo a incender-se geralmente. Porque se os Francezes por hum lado fazião descargas sobre tudo o que havia nas ruas, mulheres, meninos e velhos, que não tiverão tempo de acolher-se aos seus asilos, por outro corrião as Authoridades, Generaes e Officiaes Hespanhoes, para conter os poucos homens armados. Assim succedeo, que não tomárão parte os visinhos mais numerosos, e os mais uteis tal-

---

em disparalla, levantou a si mesmo a parte superior do craneo. He para notar aqui o ardor dos Matritenses, que não gostavão se não de armas brancas, ou curtas de fogo para offender de mais perto.

vez para dirigir : que não se fez fogo das janellas e varandas (*a*) , e que se apagou a fogueira , quando começava a accender-se , e quando já crescia o número dos nossos armados com os despojos dos inimigos. ¡ Ah ! se todas as classes da povoação tivessem feito a guerra ! Se a pequena guarnição de Madrid tivesse entrado em batalha , era indubitavel a ruina do Exercito , e a liberdade da Patria. Porém sahírão as Autoridades , e a obediencia se communicou com maior rapidez , do que foi a com que se pôde communicar a indignação.

¡ Ministros , Generaes , Magistrados ! ¿ Quão agudos serão agora os vossos remorsos ? Quando tendes visto vossas funcções pacificas , convertidas em meios da mais atroz , e mais segura vingança ? ¿ Porque não capitulastes com esses monstros tão cobardes como

(*a*) Isto he huma verdade incontestavel , ainda que os Francezes fingirão que se lhes fez fogo de todas as partes para pôr Madrid a par de Marengo e de Dantzig , e ainda que designárão as casas do Duque de Hijar , e de D. Eugenio Aparicio. O facto foi que estas casas , por serem ricas na sua opinião , devião saciar a rapacidade dos Mamelucos , esses ladrões facinorosos , favoritos de Napoleão ; e para pretextar de algum modo o saque disposto pelo Governador Grouchy se disse , que desde a casa de Hijar matárão o cavallo de hum Mameluco ; e desde a de Aparicio hum Mameluco. ¡ E o roubo das casas , e o assassinio do antigo Porteiro de Hijar , executados friamente depois da *batalha* , devião vingar a morte de duas bestas , que morrêrão no calor da acção. ! Isto supposto , quero conceder que se lhes fez fogo , e fica demonstrado que só duas casas de huma grandissima povoação obrárão hostilmente. Isto não admitte dúvida , porque não saqueárão outras ; e não he crivel que as panthéras , que arcabuzeárão hum cégo , porque gritava *viva Fernando VII.* , tivessem perdoado ás casas , que tinhão contra si o attractivo da pilhagem. Pela relação que publicárão da *batalha* de Madrid , poderemos ajuizar do verdadeiro merecimento das pinturas avultadas de façanhas , com que nos fizerão ver o heroismo em hum pequeno corpo , que não encerra mais do que perfidia.

s nguinarios? Se não ereis pessoas para tratar com elles, e fazer-lhes respeitar os mais sagrados direitos: se justamente desconfiados não contaveis com as suas promessas, ¿ porque empregastes a vossa persuasão para conter hum povo docil? ¿ porque atastes, por assim o dizer, as mãos das victimas, que havião de bradar no Prado, e na posteridade, contra a vossa indolencia, e a vossa cegueira? Com effeito esse Exercito aleivoso, e como envergonhado de que hum pequeno número de homens resolutos o tivesse posto na consternação, e nas dúvidas do successo (*a*): esse Exercito, que nas ruas contava mais cadaveres Francezes do que Hespanhoes (*b*), fez o mais feroz, e o

(*a*) O Conselho Supremo de Castella, desejoso de evitar a effusão de sangue, e os males que ameaçavão esta numerosa povoação, e conhecendo as perversas intenções do infame Murat, que unicamente se dirigião ao saque, e destruição desta Capital, tratou, e ajustou com elle socegar por sua parte os seus honrados, e obedientes habitantes, fazendo o mesmo Murat, mandando ás suas tropas que cessassem ao mesmo tempo com as hostilidades, o que teve effeito por parte do povo, mas não pela de Murat, e de seu Exercito, que, depois de tudo apaziguado, executárão com os innocentes os assassinios mais atrozes, sem que as repetidas instancias, e reconvenções do Conselho sobre o comprimento do ajustado, e a violação do direito das gentes, fossem bastantes para contellos.

(*b*) Por noticias dos Alcaides de Bairro, e por indagações mui escrupulosas, se crê que com pouca differença morrêrão na acção mais de 1$\frac{3}{4}$700 Francezes, e apenas 300 Hespanhoes entre homens, mulheres, meninos e velhos. Esta differença, que parece incrivel, deveo resultar de que os vencedores de Jena e de Austerlitz temião huma emboscada em toda a esquina, que occupada por hum ou dous paizanos costumava deter huma grossa columna, fazendo lhe grandes estragos. Hum Matritense que vivia da caça, teve 28 cartuchos, que empregou utilmente em outros tantos gaviões Francezes; e acabadas suas munições na rua do Carmo, largou a espingarda, pegou n' hum punhal, e investio com hum batalhão, onde morreo matando. Hum Carvoeiro, defronte da casa da Duqueza de Osuna, derribou com huma bor-

mais sacrilego abuso, que jámais se fez da força. Logo que notárão o socego que tinha succedido, não ao estrepito das suas armas, mas sim á voz dos Magistrados, sahírão os Francezes pelas ruas, fazendo prizioneiros todos os que achárão com armas, e ainda sem ellas; entendendo-se por armas até os canivetes: .... eis-aqui como cento e quarenta pessoas forão arcabuzeadas no Prado na noite do dia 2..... Alguns feridos forão alli arrastados para os acabar de todo.... Outros mais gravemente feridos, forão assassinados nos privilegiados leitos da humanidade enferma, onde os curava a esposa, a mãi, ou a filha.... Varios Sacerdotes forão degolados nos seus mesmos asilos sagrados....

¡ Hespanhoes! ¿ Não ouvis os clamores daquellas victimas interessantes? Os ouvis, ¿ e respondeis com huma compaixão esteril? ¡ Ah! Aquelles varões fortes desdenhão vossa ternura, e reclamão o heroismo, com que elles se sacrificárão, por não sobreviverem ao opprobrio da sua Nação. *Vamos morrer, porque já estamos cançados de humilhações*; forão as ultimas palavras, com que o illustre Daoiz, e o sabio Velarde se despedírão de seus amigos. Os paizanos, que se distinguírão, e cujos nomes precisos ignoro, combatêrão com aquella mesma divisa. ¡ Heroes immortaes! Descançai tranquillos. A Nação Hespanhola he mui sensivel aos gritos da honra. Ainda não he tempo de levantar vossas estatuas, e de lavar esse en-

---

doada a hum Dragão, tirou-lhe a espada, e accommetteo a huma Companhia de Granadeiros, onde derrotou sete, cahindo morto com oito feridas. Se se calcular Francez por ferida, se conhecerá o pequeno número de homens armados que havia em Madrid, e não parecerá estranha a differença da perda. Porém os tigres empregárão o seu modo de indemnizar se com as victimas do Prado.

sanguentado prado com os monumentos triunfaes de vossa gloria. Não está longe o dia; e as laureas immarcessiveis, fertilizadas com vosso sangue espirituoso, começão já a brotar abundantes ramos, que cingirão vossos bustos, e os de vossos dignos imitadores.

O dia 3 appareceo para nos fazer ver o luto, a angustia, e a desesperação, que havia em nossos peitos. Os assassinos do Prado se apresentavão com o semblante alegre de huma victoria. ¡ Miseraveis! Elles bem se conhecião; mas acostumados a disfarçar seus sentimentos, para serem dignos agentes da perfidia Napoleonica, querião parecer militares vencedores, quando suas consciencias lhes dizião, que não forão mais do que infames e frios verdugos. ¿ He possivel que huma Nação chamada á dignidade e á grandeza por suas bellas e excellentes qualidades, se acha prostituida assim aos mais vís ministerios? Isto he admiravel; mas não he menos certo que Napoleão os tem feito falsos, traidores, crueis, vingativos, avarentos. ¡ Quão funesta he a aptidão dos Francezes! Marco Aurelio teria feito huma Nação de Filosofos. Leonidas teria formado hum Exercito de Heroes; e Napoleão tem alistado hum milhão de bandoleiros. Porém sigamos a relação lastimosa de nossa desgraça.

As ruas estavão quasi desertas de homens, e de mulheres, e cheias de Soldados, de canhões, e de todo o apparato da desolação. As officinas fechadas indicavão a perda irreparavel da industria e das artes. As casas meio abertas, apenas deixavão sahida aos suspiros, e aos lamentos tímidos da viuvez e da orfandade. Familias inteiras emigravão espavoridas, sem levar nem ainda o necessario para seu abrigo e sustento. Os Hespanhoes todos em silencio mui profundo, evitavão o encontro de seus olhos humedecidos, para não dar curso á unanime e vehemente expres-

são, com que se representavão em todos os semblantes os effeitos de huma calamidade espantosa. ¡ Que horror! ¡ Que tristeza! ¡ Que afflicção!... Mas já Murat nos preparava os lenitivos da dôr. A ordem do dia em que a impostura e a crueldade compuzerão a tinta, com que ella se escreveo, nos condemna a ser arcabuzeados a seu arbitrio; trata-nos de assassinos e de ladrões; e destina ás chammas o povo onde se derramar o sangue de hum Francez. No dia 4 fez sahir o Infante D. Antonio. No dia 5 deo ordem á Junta (*a*) de que o nomeasse Presidente: se lhe obedeceo e tivemos á testa do governo hum estrangeiro, sem outro titulo mais do que as baionetas.

Era consequente tratar de que as cadeias, que opprimião a Capital, abrangessem tambem a Peninsula, e as possessões Ultramarinas: e com a maior actividade se despachárão Correios extraordinarios, que acalmárão por então as fermentações de indignação, com que se preparava nas Provincias a vingança do ultraje de Madrid. ¿Como não havião de aquietar-se os Hespanhoes, que confiados no patriotismo, e no pundonor da Junta de Governo (*b*), esperavão

(*a*) Esta Junta se compunha dos Ministros, e de outros Magistrados. Desde o 1.º de Maio se augmentárão arbitrariamente: não houve mais número fixo, porque alguns desertavão, e a cada occurrencia houve novos Vogaes. De maneira que não he possivel representar a organização desta Junta. Por desgraça não houve mais do que nove Vogaes no dia 5, e prevaleceo á pluralidade de cinco votos pela presidencia contra quatro, que se lhe oppuzerão em presença do mesmo Murat, que foi alli com as pretensões de Cesar. Dous accrescentárão a isto a sua demissão, e impugnárão as instancias de Murat perto de dous dias; mas chegou a nomeação de Lugar-Tenente, e este titulo especioso os fez voltar ás suas funcções.

(*b*) Eu já disse o que era a Junta de Governo. Ha della muitos homens, que merecem o apreço, e o respeito da Nação; mas tenho o pezar de os não nomear, porque ficarião designados

sua voz para levantar-se em massa contra os opprés-sores da Patria ? ¿ Como não esperarião, se estavão persuadidos de que, quando menos, se lhes teria advertido, que prezos todos aqui não tinhão liberdade para exercer as suas augustas funcções ? Mas o prazer de mandar, essa paixão tão funesta para os povos, que faz falso o homem, para que não renuncie a autoridade, ainda quando se sente incapaz ; que o faz duro para exercella com regras injustas ; e que o abate para recebella das mãos illegitimas de hum usurpador : essa paixão se apoderou de alguns Vogaes ; e em vez de advertirem á Nação de que estavão influidos e sujeitos, para que precavesse a escravidão vergonhosa, ao contrario, parecia que se empenhavão em estabelecella, e que abusavão do mesmo credito público, que os tinha elevado para despedaçar as cadeias. Enviárão pessoas de confiança a prégar ás Provincias ; e todas ficárão, se não já subjugadas, como paralyticadas em huma triste inacção.

Porém já as veremos despertar, se dermos huma volta a Bayona, e viermos carregados da relação de absurdos, de violencias, e de iniquidades, com que Napoleão julgou consummar a obra de sua perfidia. *O arbitro das Nações* propôz finalmente de todo o plano da annunciada *felicidade* de Hespanha ; e consistia a nossa fortuna em que a casa de Bourbon deixaria de reinar. *Huma familia já degenerada, e remissa por antiga* (*a*). *Hum Rei Carlos indolente e*

os que são dignos de desprezo, e não quero ser accusador. Por este motivo me tenho abstido de referir boas ou más acções : e fallo sempre collectivamente, porque tal he a sorte dos corpos Collegiados.

(*a*) ¿ Acreditar-se-ha que o supplicio de Napoleão he a antiguidade das casas reinantes, e da nobreza da Europa ? Pois não he outro o motivo de seu projecto em destruir todas as dynasrias.

achacado: *huma Rainha dissipadora*: *outro Rei Fernando revolucionario contra seu mesmo pai*, *não devião commandar huma Nação grande e generosa como a Hespanha*; *e era preciso que esta recobrasse todo o seu esplendor*, *dirigida por hum membro de huma dynastia vigorosa*. Taes erão os principios de justiça com que Napoleão, que se diz o *Grande*, decretava em seu coração *recto* o destino da Hespanha.

D. Pedro de Cevallos, esse firme e honrado Ministro que não era conhecido, porque nunca esteve no caso de mostrar aquella alma superior do homem público, que deve arrostar todos os perigos, e sómente temer a infamia: o benemerito Cevallos representou ao mesmo Napoleão, que não tinha titulo algum para arbitrar assim: que os Hespanhoes, que não tinhão implorado o seu favor, não approvarião a abdicação

---

Se fosse seu objecto saciar a cobiça, claro está que seu plano teria sido subjugallas, e dallas em feudo. Mas elle quer as Pessoas Reaes, cuja serie dilatada de seus avoengos virtuosos e grandes, lhe tacha a cada passo a sua recente, apadrinhada, e bastarda origem. Elle quer destruir os nobres antigos, e crear huma nobreza, cujos elementos sejão a prostituição, a polygamia, o assassinio e o roubo. Seja Chefe o Imperador, que para obter o commando do Exercito de Iralia *se prostituio*, casando-se com a Concubina de Barras. Seja Rei de Westfalia seu irmão Jeronymo, que para fazer-se digno da dynastia Imperial, estando na idade, em que o amor he a paixão explosiva dominante, teve a barbaridade de repudiar huma formosissima e virtuosa Americana, e não temeo a *polygamia*, casando-se com a Princeza de Wurtemberg. Seja Principe de Berg Joaquim Murat, unico Conselheiro do assassinio de Enghien, e executor de outras muitas atrocidades, com que se tinha ensaiado, para envidar o resto em Madrid. Seja Duque de Abrantes Junot, que em Portugal nos tem feito ver a cruel, e prodigiosa variedade de modos de roubar. E sejão Condes, Marquezes, e Senhores, os Subalternos La Vougion, D'Esmenarde, e outros, que se distinguem mais ou menos em cada huma destas *virtudes*, que constituem a nobreza Napoleónica.

que fizera Fernando em paiz estrangeiro, e cercado de baionetas; porque a base de toda a negociação era a liberdade das partes contratantes: e impugnou aquella injuriosa e offensiva proposição, com toda a força dos principios sagrados da justiça, e com a dignidade que cumpria ao primeiro Ministro de huma Nação valorosa. Mas já não era tempo para raciocinios; e o tyranno enojado lhe voltou as costas, chamando-lhe traidor. ¡Ditoso Cevallos! Quão promptamente gozaste da recompensa de tua animosa fidelidade! Essa injúria vomitada por aquella boca escumosa, levará teu nome á posteridade, rodeado do respeito, e do reconhecimento de todos os teus compatriotas. Cevallos se retira, e Napoleão chama a Fernando para terminar a *negociação. Minha tranquillidade*, lhe diz, *e o bem de minha familia, exigem que a Casa de Bourbon renuncie em meu favor a Coroa de Hespanha.* Fernando o ouve, vai responder-lhe; e como a primeira palavra que pronunciou não foi a de consentir, o interrompe o monstro, e accrescenta: *Principe, deixemo-nos de explicações; escolhei entre a morte, e a renuncia* .... Ha casos em que he necessario que quem escreve, deixe o Leitor entregue ás suas proprias reflexões.

Dito isto com aquella fria rigidez, que só tem possuido em summo gráo os genios infernaes de Robespierre e Napoleão, se terminárão todas as *conferencias*, e todas as *transacções.* ¡Assim forão os resultados! Primeiro, a protestação de Carlos IV. contra a abdicação de 19 de Março, implorando a mediação do Imperador, para dirimir as differenças com seu filho, que foi a consequencia das viagens nocturnas de Murat, e das deliberações proditorias em Aranjuez, e no Escorial. Segundo, a abdicação do innocente Fernando em seu pai. Terceiro, o Decreto deste, no-

meando a Murat Lugar-Tenente do Reino. Quarto, a renúncia dos Bourbões de todos os seus direitos á Coroa de Hespanha a favor de Napoleão. Quinto, a distribuição de pessoas da Familia Real para seus respectivos desterros : a assinação de rendas miseraveis, e a declaração de tratamentos de *Alteza Real* a Fernando VII., e só de *Alteza* aos Infantes de Castella, sem mencionar seus descendentes, pelo tacito decreto de celibato, para extinguir a familia.

Para tão bellos materiaes, que esperava Murat, se tinha apoderado do Diario de Madrid ; e tinha redactores infames, que nos communicárão o destino da Nação com a dureza e grosseria, que era necessaria para irritalla mais. Com effeito, os insultos repetidos ; a annunciada liberdade das impressões suspensas pela força para nos vexar ; o desenfreamento da injustiça para nos humilhar ; as imprudencias, os desatinos, as contradicções, e as inepcias mais ridiculas compunhão o papel o mais sordido que jámais se dedicou ao capricho do despotismo. E a indignação, que não estava mais do que reconcentrada nos corações, e reprimida pelas armas em Madrid, se manifestou, ameaçando de todos os pontos do Reino (*a*).

(*a*) Esta proposição, e algumas mais de meu papel farão crer que as escrevi sobre factos. Mas realmente fundei as minhas esperanças, ou as medi pelos rumores surdos das Provincias : pela disposição encendida dos Matritenses, e porque meu coração fervoroso scintillando sentimentos patrioticos, suppunha os mesmos em todos os Hespanhoes. ¡ Bemdito seja Deos, que premiou meus desejos antes de os publicar ! ¡ Bemdita seja a Nação Hespanhola, que assim consagra os principios da virtude, da honra e da justiça ! No dia 4 de Junho se tinhão realizado movimentos solemnes e magestosos, que chegárão a Madrid na ordem seguinte. O Principado de Asturias foi o primeiro que arvorou o estandarte da lealdade, e com passos mui discretos annunciou em seus papeis que outra vez tirou a Hespanha de hum esmoreci-

Em vão repete a enganosa voz da usurpação aquella *independencia*, e aquella *integridade* da Hespanha. ¿ Como póde conciliar-se esta *independencia*, quando não se conta com o seu voto para a degradação de huma dynastia, e para a substituição de outra? Que significa pois *independencia*? Como não conheço o idioma da perfidia, conjecturo que entrando a Hespanha na lista das Nações subjugadas, não *dependeria* de outra escrava. ¿ E como traduziremos a *integridade*? Mui facilmente, considerando a preza *inteira* da féra. O lobo não separa nem o coração, nem as pernas do cordeiro bem cevado que arrebata, e o devora *inteiro*. ¡ Que jogo de palavras! ¡ Que zombaria de idéas! ¡ Que desprezo de principios! Se he que não se julga que huma Nação não seja mais do que hum rebanho de ovelhas, que se levão, e se trazem para as tosquiar á vontade, parece que tal linguagem não poderia empregar-se com homens. Porém já verá Napoleão que a Nação Hespanhola não he o que elle pensou: já verá que he a união de doze milhões de almas, que se recordão de seus illustres antepassados;

---

mento. Depois seguio se o Corpo de Sapadores, que abandonando Alcalá, e buscando as montanhas de Cuenca, semea em sua marcha o ardente patriotismo, com que os guia o benemerito Veguer. Ao mesmo tempo o formidavel Aragão fixou a independencia, só porque a tem jurado. As montanhas de Santander com o seu Bispo á testa, e os Reinos de Valença e Murcia, acclamárão tambem Fernando VII. O firme Costa commandava os constantes Castelhanos. Andaluzia, Extremadura, e Galliza rebentárão em outros tantos volcões; e já he geral o incendio, que tem de purificar a Hespanha, destruindo os bandidos que a infestão Já succedêrão cousas que farião maiores aos Gregos e Romanos, porque são feitos distinctos de Hespanhoes. Mas não me toca circunstanciallos, porque cheguei aos limites do meu objecto, e vi o termo aonde alcança a minha penna. Não faltarão Homeros onde ha muitos Achilles.

e já verá que firme como os rochedos, que limitão o mar embravecido, está decidida a pôr huma barreira invencivel á sua ambição desenfreada.

Fernando VII., ou a morte, he a divisa dos Hespanhoes: he a palavra sagrada, que se tem adoptado no templo sacrosanto, que em todos os corações se tem erigido á lealdade, e he finalmente a resposta unanime que dão ás abdicações, e renuncias de Bayona, e ás pomposas promessas de *felicidade Napoleonica*. Sabemos que todos aquelles actos forão extorsões das baionetas traidoras; e ainda quando tivessem sido voluntarios, o povo conhece sua dignidade, e seus direitos para não ser huma propriedade vendivel e renunciavel: sabemos que os Ministros prezos, e dominados na mesma Capital, não podião contradizer a usurpação, que huns não souberão, e outros não quizerão precaver: sabemos que, quando o ruido espantoso dos canhões faz debil e trémula a voz do Supremo Concelho de Castella, não podemos ouvilla, nem devemos obedecer-lhe: e sabemos que essa Junta de *Notaveis*, que havia de celebrar-se em Bayona, não he mais do que a reunião de pessoas illegalmente nomeadas pela força, e cuja representação não seria mais do que a de huma comitiva theatral, com que se pretendia dar claros de legitimidade aos escuros da usurpação e da perfidia.

¿ Que he isto? pensaste, Napoleão, que a ponta da tua espada riscaria no mundo os principios indeleveis da justiça? Enganaste-te miseravelmente. He verdade que os tens perseguido, e quasi desalojado da Europa; mas os Pyreneos, e o Oceano os acolhem, e a America os adora. Somos doze milhões de almas na Peninsula, e pouco mais ou menos outros doze na America. ¿ Queres saber qual he a opinião concorde, se exceptuas huma duzia de miseraveis empregados

que tens seduzido? Vou dizer-ta partindo de huma de tuas descaradas contradicções, e de hum dos abusos execraveis, com que a cada passo profanas a razão. Disseste na Polonia que oito milhões de almas tem direito incontestavel para dar a si huma Constituição. ¿Que fizeste com os honrados Polacos? Crêrão que era o mesmo pronunciar, que applicar os principios; e allucinados recebêrão o Rei, e a Constituição que quizeste dar-lhes. Fizeste mais; os trouxeste enganados desde o Norte ao Meio-dia, para atormentar seus corações generosos, fazendo instrumentos da tyrannia aos Compatriotas do virtuoso Kosciusko. Mas já está decretada sua vingança, e nossa liberdade. ¡Sim, monstro! ¿Tu estremeces a ouvir que invocamos essa Divindade amavel e benefica, que tu tens calcado aos pés em França, e ultrajado em outras partes? Sim, a liberdade he a opinião de todos os Hespanhoes. Não te consoles calculando os males, que possão sobrevir-nos de huma mal entendida liberdade. Aqui não ha partidos: aqui não ha as emulações da ambição: aqui não se pretendem abolições incompativeis e repugnantes: aqui não se quer desenthronizar a hum Rei, nem degradar a Nobreza: aqui não ha impios, que insultem a Religião, nem a seus sagrados Ministros: aqui não se intenta mais do que libertar-se da tyrannia. Nós estavamos quietos, mui contentes, e mui cheios de esperanças, com a dynastia *envelhecida* entre nossos braços: introduziste-te em nossos lares tão pacificos, como agazalhadores: nos atacas aleivosamente; te resistimos, porque podemos, como o caminhante resiste, quando póde, contra o direito da pistola do ladrão, que lhe pede a bolsa.

¡Liberdade! Sim, a que tem todo o povo para nomear o seu Rei: liberdade, a que teve a França allucinada, já arrependida, para eleger-te Imperador

contra o voto, com que se te oppôz o austero Carnot. Liberdade, para manter illésa nossa Religião pura, que pretendeste manchar, alistando-te hypocritamente nella, como foste Mahometano no Egypto. Liberdade, para assegurar nossas leis, nossos usos e costumes, nossas honras e dignidades, e nossas propriedades já calculadas por teus vorazes Generaes. Liberdade, para nos aquentarmos em nossos lares, alimentando nossos pais anciãos, acompanhando nossas modestas mulheres, e educando nossos queridos filhos. Liberdade, para não nos expatriarmos com o odioso exercicio de subjugar para ti outras Nações, entregando nossas muralhas inexpugnaveis a tuas guarnições oppressoras. Liberdade, para sermos felizes a nosso modo. Liberdade em fim, para conservar nosso Rei Fernando.

¿ E pensarás que, havendo-nos feito este roubo precioso, tens cortado a arvore pelo tronco ? Não: ha hum ramo de Bourbon no Brazil: ha outro, que tem mofado de ti, em Sicilia: ha hum Archiduque Carlos, e hum D. João de Austria, que pondo-se á nossa frente te farão tremer: e ha finalmente qualquer homem, e qualquer Constituição, com tanto que não sejas tu, ou os que nos queres dar por força. Quando não tivessemos estes recursos, nos constituiriamos mui facilmente em Estados federativos, e seriamos invenciveis e felizes. A America he nossa, porque nós somos della. Não esperes desunir-nos, porque aquelles são nossos filhos, nossos netos, nossos irmãos, e nossos amigos. Somos de huma mesma familia; e em paz domestica inalteravel, estão já ajustados nossos interesses communs. Elles seguirão nossa sorte, se formos felizes; e quando fossemos exterminados, elles serião independentes, e nos darião asilo. Tal he a revolução de Hespanha já organizada em todos os corações.

¡ Napoleão ! Não intentes alteralla : e crê que serão baldados teus esforços para semear a discordia, e fomentar partidos. A opinião he tão unanime, como incontrastavel. Os Hespanhoes todos reduzidos, por assim dizer, a hum ponto de contacto, tem sentido a hum mesmo tempo o abalo electrico de tua injustiça. Já não pódes enganar-nos mais com teus ardís. Julgaste que era esta a ultima seducção, que tinhas que fazer por estas regiões : tiraste a mascara : descobriste-te tal qual eras ; e huma desconfiança invencivel, será sempre a resposta ás tuas promessas. Tambem não penses subjugar-nos, porque temos muitos recursos : contamos com os amigos, que attrahe a justiça da nossa causa : são nossos os visinhos, que tens saqueado deshumanamente : esperamos que nossa energia e constancia estimularão o instincto da honra de algumas Potencias amortecidas pelo terror pánico, ou pela admiração estupida que lhes inspiraste : e sabemos tambem da mesma sorte que conhecemos nossos direitos ; que quando hum povo se dicide a resistir á oppressão, não ha forças bastantes para rendello. Não haverá desfiladeiros em Hespanha, que não sejão outras Thermopylas defendidas por trezentos Espartanos : huma planice, que não represente a batalha de Marathona : nem huma Cidade, que não renove as chammas inextinguiveis de Sagunto e de Numancia. Se nos primeiros encontros tiveres a vantagem da aleivosia, com que nos tens accommettido, não será tardia a dôr com que verás a differença que ha entre voluntarios e conscriptos. Ainda nos recordamos de que todo o poder de Carlos V. não reduzio os pescadores de Hollanda. Vemos a Borgonha arruinada por destruir a pequena Suissa, que tambem sustentou a sua liberdade contra as forças da Alemanha. Conhecemos em nossos dias a independencia dos Americanos, sua

prosperidade e grandeza, para ser o refugio dos hómens de bem, que tens perseguido na Europa. Nos recreamos com o opprobrio das melhores tropas Francezas, vencidas por aquelles simplices, mas valerosos cultivadores de la Vendée; e revezando-se entre as armas e o arado, não forão ás barcas das deshumanas *noyades* (*), até que os sitiou a perfidia para desunillos. E em summa temos admirado essa mesma França, que triunfou de todos os Exercitos ligados, que quizerão opprimilla, para cahir hoje na horrivel inconsequencia de perturbar a paz do Universo. Tal tem sido sempre o resultado da guerra, em que hum povo inteiro resiste aos Soldados sempre debeis, quando seguem as bandeiras de hum usurpador. O Ceo não protege nunca a oppressão. O Ceo favorecerá nossa causa.

J. de A.

F I M.

(*) Afogamentos em agua, que foi o supplicio dado a muitos Realistas no fervor da Revolução Franceza.

N.3.º

MANIFESTO

DOS

INTENSOS AFFECTOS DE DOR,

AMOR, E TERNURA

DE

D. FERNANDO VII.

PARA SERVIR DE CONTINUAÇÃO

A'

EXPOSIÇÃO DE D. PEDRO CEVALHOS,

SEGUIDO DE OUTROS ESCRIPTO RELALIVOS AO MESMO ASSUMPTO.

TRADUZIDO DO HESPANHOL.

LISBOA,

NA IMPRESSAM REGIA.

ANNO 1808.

Com licença.

MANIFESTO

DO

INTENSOS AFFECTOS DE COR,

AMOR, E TERNURA

DE

D. FERNANDO VII

PARA SERVIR DE CONTINUAÇÃO

A

EXPOSIÇÃO DE D. PEDRO CEVALHOS,

[illegible]

TRADUZIDO DO HESPANHOL.

LISBOA,

NA IMPRESSAM REGIA.

ANNO 1808.

Com licença.

MANIFESTO

Dos Intensos Affectos de Dôr, Amor, e Ternura do Augusto combatido Coração do Nosso Invicto Monarca

FERNANDO VII.

Exhalados por triste desafogo no seio do seu estimado Mestre e Confessor

O SENHOR ESCOIQUIZ,

O qual por particular recommendação de S. M. os communica á Nação, e á sua Capital no seguinte Discurso, o qual por hum dos muitos protentos, que a Providencia obra em S. M. e em nós, os póde transmittir da sua reclusão de Valencey.

QUando considero o estado, em que se achará a minha amada Nação, sem o seu bom Rei, e toda a Augusta Familia, vendo ao mesmo tempo no seu seio a mais venenosa serpente; e quando vejo por outra parte com a mais amarga dôr, que apenas haverá hum Hespanhol, que me não olhe como o movil de tão espantosas desgraças, creio que he da minha obrigação, não tanto o desculpar os meus fataes, posto que bem inten-

cionados conselhos, quanto o expôr á face do Mundo inteiro os tortuosos passos, e simuladas maquinações, que procedêrão ao monstruoso e fementido aborto da França. Devo dizello? E para que hei de callar o encadeamento da mais horrorosa, e negra perfidia, com que poz o cúmulo á sua ambição o heróe do Norte? Eu levanto o véo, que escondia tão enormes iniquidades, para vos fazer vêr com toda a evidencia o perverso designio, que desde muitos mezes nutria a ambição desmedida do violento Imperador dos Francezes; mas que tinha sabido vestir, e dissimular com as roupas da boa fé.

Vãos serião os meus esforços, se vos quizesse descobrir miudamente os máos tratamentos, e a oppressão, que soffreo o nosso amado Monarca, e meu caro Discipulo o Senhor D. Fernando VII., trazendo á memoria o terrivel tempo, em que sem ordem, nem concerto corrião os Negocios de Hespanha debaixo do impulso cégo daquelle, que se havia arrogado torpemente os titulos mais honorificos do Reino, do Monstro de Badajoz, que tão nobremente o anatomizárão os seus mesmos Compatriotas. He desnecessario (pois que todos o sabeis) o referir-vos o grande aperto e abatimento, em que não huma, mas muitas vezes se vio S. M., impellindo-o diversas occasiões a desabafar comigo os senti-

mentos, de que estava penetrado o seu Real e generoso Peito. Eu o vi, eu o vi em distinctas occasiões, e lugares levantar as suas puras mãos ao Ceo; eu o vi pedir abertamente ao Ente Supremo, que se dignasse abrir o livro da verdade, e dar a seu Veneravel Pai, o inestimavel dom do conselho, para restabelecer a felicidade, e bem geral da Nação; eu o vi, em fim, offerecendo-se como victima para applacar a justa cólera de Deos, excitada pelos nossos peccados, para que perdoasse ao seu amado e futuro Povo. Compadecendo-me da amargura do seu coração, e vendo que os ouvidos d'ElRei seu Pai se achavão interceptados pelos fortes muros da preoccupação e da lisonja; e observando o perigo, a que estava exposta de ser traidoramente cortada esta fecunda, e tênra planta, escarmentado além disto na pessoa da sua defunta Esposa dignamente chorada, não achou a minha lisongeira inclinação outro meio para conciliar os interesses do meu Discipulo com os de seus Pais, que o de lhe suggerir hum arbitrio, que parecia o mais conveniente, e opportuno. Estabelecei, Senhor, lhe disse eu, huma estreita conrespondencia com o Conquistador do Norte, indicai-lhe o vosso desejo de vos enlaçar com huma Princeza da sua Familia, pedindo-lhe a sua protecção, para a segurança da vossa Pessoa, que não duvído vo-la o

otorgue, porque he sobre tudo neste ramo, que elle faz consistir a sua maior gloria. Por este modo affiançareis huma alliança, a qual poderá assegurar mais, e mais a felicidade dos dous Reinos. Convidai-o vós mesmo, Senhor, a que vo-la venha entregar pela sua mão, e vereis derrubar em hum momento esse colosso sem base, esse destruidor da Monarquia.

Sim, Hespanhoes, Fernando VII. deo este passo, no meio dos temores, que tinha de que não fosse agradavel tal procedimento a Godoy, e por consequencia a seus Pais, os quaes suggeridos por aquelle não omittirião meio algum para impossibilitarem o Principe por meio de outros esponsaes, de que conseguisse o que a sua politica suppunha que arruinaria o seu vergonhoso Imperio. Mas que não pudéra eu dizer aqui, referindo-me a diversas notas e bilhetes, que se entregárão ao Principe ácerca dos sentimentos humanos, que no papel sómente prodigava aquelle infame impostor? A sua prematura affeição facilitava tudo. „ Elle „ escrevia que se terminaria tudo, quando os „ dous se pudessem vêr, e abraçar; = a Im- „ peratriz, e eu te veremos, e acolheremos; „ e as formosas azas da Aguia do Imperio te „ cobrirão todo em roda. „ Já neste tempo occupavão Lisboa as Tropas Estrangeiras; e as da Nação entravão no Porto, quando suc-

cedeo o tumulto de Aranjuez, e não deixarei de dizer aqui que aquelle astuto, e mesquinho Seductor entretinha em huma vacillante prespectiva, não só a este, mas ao mesmo Godoy, e a todo o Ministerio. Porém aquelle accidente momentaneo de Aranjuez transtornou radicalmente os seus projectos. Ouvio Napoleão com o maior sentimento e raiva, que se não realizou a fuga das Pessoas Reaes, e que pela espontanea abdicação de Carlos IV. fôra proclamado Fernando VII. Rei legitimo, e verdadeiro com jubilo universal, e com o enthusiasmo de toda a Hespanha. Vendo Napoleão illudidas as suas maquinações, e assombrado dos leaes, e nobres sentimentos dos Hespanhoes para o seu novo Soberano, abandona o seu primeiro projecto, e recorre a novos estratagemas: corre o véo transparente, e apresenta outro tão denso, que não deixa perceber a menor sombra da vil aleivosia, que substituio á primeira trama, que principiará a urdir para realizar os seus depravados intentos. Ah! Multiplicavão-se os correios, multiplicavão-se as demonstrações de affecto, e de sinceridade; e para melhor esconder a negra traição, com que quer perpetrar o mais horrendo de todos os crimes, faz marchar a Imperatriz a grandes jornadas. Ah Falso! Que bem soubeste occultar a tua aleivosia! Com que designio fazes vir a Bayona tua Mulher,

acompanhada de tantas Personagens? Em fim, o doloso Politico insta; e sahe a recebello o Infante D. Carlos.

Parecendo ainda pequena a ElRei esta demonstração extraordinaria, sahe elle mesmo a esperar aquelle, que olhava como seu generoso Protector; e posto que não fosse o seu intento sahir do Reino, cede por fim ás instancias de Napoleão, o qual sabendo que os Habitantes de Victoria, receosos de alguma traição o não querião deixar passar a França, prevalece-se disto mesmo para lhe dizer que os seus Vassallos lhe não sabem fazer justiça, suppondo-lhe vistas indecorosas. Protesta-lhe que se não moverá de Bayona, se elle lhe não provar por hum procedimento nobre, desprezando a errada preoccupação, e vãos temores da desvairada Plebe de Victoria, que hum Rei deve ser superior a tão baixas paixões; e que o unico meio de se mostrar digno de si mesmo, e da opinião do seu Protector, era o de lhe entregar o traidor Godoy para o processar e punir, segundo o Direito, depois de se convencer de todas as suas maquinações contra a causa commum de ambas as Nações. Diz ao mesmo tempo que se quer tranquillizar sobre a livre abdicação de seu Pai, feita no meio do tumulto; e protesta á fé de Napoleão, que só quer ter duas, ou tres conferencias com elle, para regular os interesses

de ambas as Nações, e acabar de solemnizar o enlaçe e alliança entre ellas. Confesso que o generoso peito do innocente Fernando se vio neste lançe fortemente atacado do receio de se apresentar em hum Reino estranho sem a menor Guarda das suas Tropas; porém eu me oppuz a este prudente receio. Eu devêra deixar aqui hum claro, para não confessar eu mesmo o meu fatal erro em approvar que S. M. fosse a Bayona. Fiei-me em demasia no meu proprio raciocinio; mas se ha cousas capazes de dar huma certeza moral dos acontecimentos, concorrêrão sem dúvida para esta todas as que se reputão essencialmente necessarias. Não se diga que se obrou sem graves fundamentos, attendendo ao seu exito; porque se se houvesse de esperar sempre o resultado de huma acção para deliberar sobre a sua boa, ou má consequencia, deveriamos obrar sem conselho; pois que as mais prudentes, e naturaes reflexões falhão muitas vezes; e se a fatalidade, ou antes o sordido interesse não tivesse interceptado a communicação do Senhor Infante D. Carlos, gozaria ainda hoje Hespanha da amavel presença do seu Rei; mas a sorte estava lançada sobre tudo quando vimos, que todas as Pessoas Reaes forão chegando successivamente áquelle infausto lugar.

Quem pudéra explicar agora a dolorosa

lembrança, que interrompia de contínuo o somno ao nosso Monarca, pensando no triste, e deploravel estado dos seus nobres, e leaes Vassallos! *A minha vida*, me disse elle, *seja muito embora sacrificada ao opprobrio desse Conquistador*; *mas os meus amados Povos*, *a Religião*, *e os costumes*! *Oh*! *Que cruel lembrança*! *Não tornarei mais a vêr meus Irmãos*, *meus Filhos*, *e principalmente os meus fieis Habitantes de Madrid*! *Qual será neste momento a sua sorte*! Assim desafogava o seu espirito opprimido em meus braços, quando se retirava para o seu Gabinete. Chega em fim o instante appetecido por aquelle infame homem, cuja infamia se não tinha podido perceber em nenhum dos obsequios, com que nos havia tratado; chega o momento de propôr a S. M. o horrivel projecto de abdicar a Coroa nas suas mãos, promettendo-lhe outros Estados igualmente usurpados com traições. Aqui muda ElRei de côr, e olha o Pérfido com hum desprezo insultante, que lhe manifesta bem todo o horror daquella negra proposição. Foi tal a força do seu enojo, que o fez emmudecer; mas por fim soltárão os seus labios estas curtas expressões, semelhantes ao trovão: *Morrerei*, *mas será sendo Rei de Hespanha.*

Detevê-o o Imperador, quando vio que elle se queria retirar; e fingindo huma modesta, e temperada conformidade, scintillão os-

seus olhos, e intentão dar outro sentido á vergonhosa Sessão; mas S. M. lança-lhe em rosto com energia toda a fealdade da sua ingratidão, e da sua traição; e despede-se, ameaçando-o com as armas; porém Fernando he huma Alfaia, que o tyranno não quer deixar escapar das suas mãos. Dão-se ordens apertadas, para que o não percão de vista, nem se lhe permitta communicação alguma, e tomão-se a meu respeito, e da mais comitiva as mesmas providencias. Desde este momento não vimos á roda de nós senão semblantes carrancudos, insultantes, e desprezadores, esperando de dia em dia o aziago resultado da ambição do oppressor.

Pouco depois principiárão-se a prodigar finezas, e obsequios extraordinarios aos Reis Pais; e estes a reprehender severamente seu Filho. Godoy foi posto em liberdade, e restituirão-se-lhe todas as suas honras. Este teve o descaramento de se apresentar a ElRei, e a todos nós para nos ultrajar; e Fernando foi por fim violentado a abdicar a Corôa em seu Pai, o qual, a solicitações do Imperador, nomeou o Duque de Berg, Tenente General do Reino, e renunciou segunda vez a Corôa nas mãos de Napoleão. Apenas o Rei Pai teve tempo de reflexionar sobre o passo que acabava de dar, conhecendo quanto era precária a sua situação, geme consternado e afflicto; e

não sabendo já o que fazia, he instado pela Rainha a assignar huma carta sem a ler, huma carta vergonhosa, e cheia de expressões de cólera, de que elle não estava possuido. Napoleão sabendo que a Hespanha principiava a fermentar, assusta-se de novo sobre o seu resultado, e obriga o Principe, e os Infantes D. Antonio, e D. Carlos a que renunciem os direitos, que tem ou possão vir a ter á Corôa, e propõe ao Conselho de Castella para Rei hum certo Estrangeiro. Conhecendo porém que isto se não póde fazer sem o pleno consentimento das Cortes, determina ao Duque de Berg, que obrigue varios sujeitos do Reino a ajuntarem-se em Bayona, para formar alli hum Congresso geral. . . Infelizes ôs que vierem a este Congresso! Se podem fazer alguma força as expressões de hum homem, que vio os perigos de tão perto, crede-me não pizeis huma terra inimiga. Em outra occasião, se me for possivel, vos farei conhecer com mais extensão o nobre procedimento do Duque do Infantado, e dos outros Confidentes de S. M., pois que agora he forçoso seguir o destino, aonde a Divina Providencia nos conduz a purgar os nossos descuidos no interior da França; porém antes de sahir quero communicar-vos duas importantes verdades. O Imperador dos Francezes valeo-se de mil ardis para me fazer suspeito á Nação, propondo-me, como a

hum homem venal, hum emprego no Conselho de Estado, para patentear a minha maldade depois que o acceitasse. Os sentimentos do *Senhor D. Fernando VII.* atrevo-me assegurallo com a minha propria vida, serão eternamente os mesmos que teve sempre de se sacrificar pelo bem, e pela felicidade dos seus Vassallos. Se o Deos dos Exercitos se compadecer de nós, e lhe conceder por huma providencia extraordinaria que volte para os seus Estados, lisongea-se, que escarmentado na sua propria Pessoa, e conhecidos pela experiencia os desgostos, que causou aos seus mais leaes Vassallos, não omittirá meio algum de promover o respeito da Religião, e a prosperidade geral do Estado. S. M. me encarrega muito que vos participe „ que espera tudo „ da vossa lealdade, e valor; que, segundo o „ exigirem as circunstancias, obreis todos com „ hum consentimento unanime para evitar a „ cruel sorte de soffrer os ferros da França. „ Pede-vos sobre tudo com o mais cordeal af- „ fecto que não haja scismas, nem divisões „ entre os seus Povos, antes que de commum „ acordo com o Supremo Conselho de Cas- „ tella, com os Capitães Generaes do seu Rei- „ no, e com o voto dos mais homens bons, „ em huma palavra, que animados todos do „ mesmo espirito, mostreis firmemente aos „ vossos Inimigos, que aquelle, que vos quiz

„ perder com artificios e enganos, póde por
„ meio da força, do valor, e de huma vigo-
„ rosa resistencia, ser involvido na mesma rui-
„ na, que vos preparava tão indignamente. Re-
„ commenda finalmente, que tenhais entendi-
„ do, que quanto se publicar no Reino da
„ sua parte, ou em seu nome, que possa con-
„ trariar o que merece huma Nação tão nobre
„ como a Hespanhola, o reputeis desde lo-
„ go como falso, considerando-o de nenhum
„ valor, nem effeito; porém que no meio de
„ tantos males vos não esqueçais nunca de
„ S. M. nas vossas Orações, ás quaes se en-
„ commenda como Christão Catholico, e vos
„ sauda mil, e mil vezes com as faces banha-
„ das das mais ardentes lagrimas.

TRATADO

De abdicação e cessão d' ElRei Carlos IV.

NApoleão, Imperador dos Francezes, Rei d'Italia, e Protector da Confederação do Rheno.

E Carlos IV. Rei de Hespanha, e das Indias, animados de hum igual desejo de terminar promptamente a anarquia, que devora a Hespanha, e de livrar esta intrepida Nação das desordens das facções, querendo poupar-lhe todas as convulsões da guerra civil e estrangeira, e polla, sem abalos, na unica situação, que nas circumstancias extraordinarias, em que ella se acha, possa sustentar a sua integridade, garantir-lhe as suas Colonias, e polla em estado de reunir todos os seus meios aos da França, para conseguir huma paz maritima, tem resolvido reunir todos os seus esforços, e regular com huma Convenção particular tão estimaveis interesses. Elles nomeárão para este fim, a saber:

S M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rheno,

M. o General de Divisão Duroc, Grão-Marechal do Palacio:

S. M. O Rei das Hespanhas, e das Indias,

S. A. S. D. Manoel Godoy, Principe da Paz, Conde de Evora Monte.

Os quaes depois de trocarem os seus plenos-poderes, concordárão no que se segue:

ARTIGO I.

S. M. ElRei Carlos não tendo tido em vista toda a sua vida, senão a felicidade dos seus Vassallos, e constante no principio de que todos os actos de hum Soberano devem tender unicamente para conseguir este fim; e não podendo as circumstancias actuaes ser senão huma origem de dissensões tanto mais funestas, quanto são maiores as intrigas que semeárão a discordia na sua Familia, resolveo ceder, como cede pelo presente a S. M. o Imperador Napoleão, todos os seus direitos ao Throno de Hespanha, e das Indias, como o unico, que no estado a que tem chegado as cousas póde restabelecer a ordem: bem entendido, que a sobredita cessão não deve ter lugar senão para fazer gozar os seus Vassallos das duas condições seguintes:

ARTIGO II.

1.º Conservar-se-ha a integridade do Reino: o Principe, que S. M. o Imperador Napoleão julgar conveniente estabelecer no Throno de Hespanha, será independente, e os limites da Hespanha não soffrerão alteração alguma.

2.º A Religião Catholica Apostolica Romana será a unica em Hespanha. Não será lá tolerada nenhuma Religião reformada, e ainda menos infiel, segundo o uso que se acha estabelecido.

ARTIGO III.

Todos os actos feitos contra quaesquer dos nossos fieis Vassallos desde a Revolução de Aranjuez são nullos, e de nenhum valor; as suas propriedades lhes serão restituidas.

ARTIGO IV.

S. M. ElRei Carlos tendo assegurado assim a prosperidade, a integridade, e a independencia dos seus Vassallos, S. M. o Imperador se obriga a dar refugio nos seus Estados a ElRei Carlos, á Rainha, á sua Familia, ao Principe da Paz, bem como aos seus criados, que o quizerem acompanhar, os quaes

gozarão em França de huma graduação equivalente á que tinhão em Hespanha.

ARTIGO V.

O Palacio Imperial de Compiegne, e os Parques, e Bosques da sua dependencia, ficão á disposição d'ElRei Carlos durante a sua vida.

ARTIGO VI.

S. M. o Imperador dá, e garante a S. M. ElRei Carlos huma renda de trinta milhões de *reales*, (*) que S. M. o Imperador Napoleão lhe fará pagar directamente todos os mezes pelo Thesouro da Coroa.

Pela morte d'ElRei Carlos, ficarão de Arras á Rainha Viuva dous milhões de renda.

ARTIGO VII.

S. M. o Imperador Napoleão se obriga a dar a todos os Infantes de Hespanha huma renda annual de quatrocentos mil francos, para gozarem perpetuamente della elles, e os seus Descendentes, salva a reversão da dita renda de hum Ramo da Familia para outro, no caso da extincção de hum delles, e segun-

(*) Tres milhões de cruzados.

do as Leis civis. Em caso de extincção de todos os Ramos, as ditas rendas serão reversiveis para a Coroa de França.

ARTIGO VIII.

S. M. o Imperador Napoleão regulará com o futuro Rei de Hespanha o arranjamento, que julgar conveniente para o pagamento das rendas comprehendidas nos Artigos precedentes; mas S. M. ElRei Carlos IV. não terá relação alguma sobre este objecto, senão com o Thesouro de França.

ARTIGO IX.

S. M. o Imperador Napoleão dá em troca a S. M. ElRei Carlos o Palacio de Chambord com os Parques, e Bosques, e Rendas da sua dependencia, para os desfrutar como proprios, e poder dispôr delles como bem lhe parecer.

ARTIGO X.

Em consequencia S. M. ElRei Carlos renuncía a favor de S. M. o Imperador Napoleão a todas as propriedades livres e particulares, que elle possue como proprias, sem fazerem parte da Coroa de Hespanha.

Os Infantes de Hespanha continuarão a desfrutar o rendimento das Commendas que possuem em Hespanha.

ARTIGO XI.

A presente Convenção será ratificada, e as ratificações serão trocadas dentro de oito dias, ou antes se possivel for.

Feito em Bayona a 5 de Maio de 1808.

(Assignado) *Duroc.*

Principe da Paz.

ACTO

De Cessão do Principe das Asturias.

SUA M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rheno, e S. A. R. o Principe das Asturias, tendo differenças para regular, nomeárão por seus Plenipotenciarios, a saber:

S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia, o General de Divisão Duroc, Grão-Marechal do Palacio, e

S. A. R. o Principe das Auturias a D. João de Escoiquitz, Conselheiro de Estado de S. M. Catholica, Cavalleiro Grão-Cruz da Ordem de Carlos III.,

Os quaes depois de trocarem os seus plenos poderes, concordárão nos Artigos seguintes:

ARTIGO I.

S. A. R. o Principe das Asturias consente na cessão feita por ElRei Carlos dos seus direitos ao Throno d'Hespanha e das Indias, a favor de S. M. o Imperador dos Francezes,

é Rei de Italia; e renuncía tanto como for necessario aos direitos que tem, como Principe das Asturias, á Coroa das Hespanhas, e das Indias.

ARTIGO II.

S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia concede em França a S. A. R. o Principe das Asturias o Titulo de Alteza Real, com todas as honras e prerogativas, de que gozão os Principes de sangue.

Os Descendentes de S. A. R. o Principe das Asturias conservarão o Titulo de Principe, e o tratamento de Alteza Serenissima; e terão sempre em França a mesma graduação, que tem os Principes dignatarios do Imperio.

ARTIGO III.

S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia cede, e dá pelo presente em toda a propriedade a S. A. R. o Principe das Asturias, e a seus Descendentes, os Palacios, Parques, e Rendas de Navarra, e os Bosques da sua dependencia até á concorrencia de cincoenta mil *arpentes*, (*) tudo livre de hypo-

(*) Hum *arpente* consta de dous mil pés quadrados.

thecas, e para o gozar como proprio, depois da assignatura do presente Tratado.

ARTIGO IV.

A dita propriedade passará aos Filhos e Herdeiros de S. A. R. o Principe das Asturias; e na sua falta, aos Filhos e Herdeiros do Infante D. Carlos; e na falta destes, aos Descendentes e Herdeiros do Infante D. Francisco; e na falta destes em fim, aos Filhos e Herdeiros do Infante D. Antonio. Passar-se-hão *Letras-patentes*, *e particulares* de Principe áquelle destes Herdeiros, em quem recahir a dita propriedade.

ARTIGO V.

S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia concede a S. A. R. o Principe das Asturias hum apanagio de quatrocentos mil francos de renda, pagos pelo Thesouro de França em doze quarteis, hum cada mez, para os gozar elle e os seus Descendentes; e vindo a faltar a Descendencia directa de S. A. R. o Principe das Asturias, este apanagio passará ao Infante D. Carlos, a seus Filhos, e Herdeiros; e na sua falta, ao Infante D. Francisco, a seus Descendentes, e Herdeiros.

ARTIGO VI.

Independentemente do que fica estipulado nos Artigos precedentes, S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia, concede a S. A. R. o Principe das Asturias huma renda de seiscentos mil francos, igualmente pagos pelo Thesouro de França, para a desfrutar durante a sua vida. Ametade da dita renda passará á Princeza sua Esposa, se lhe sobreviver.

ARTIGO VII.

S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia concede, e afiança aos Infantes D. Antonio, Tio de S. A. R. o Principe das Asturias, D. Carlos, e D. Francisco, Irmãos do dito Principe:

1.º O tratamento de Alteza Real, com todas as honras, e prerogativas, de que gozão os Principes do seu sangue; os Descendentes de Suas Altezas Reaes conservarão o Titulo de Principe, e o tratamento de Alteza Serenissima; e terão sempre em França a mesma graduação, que tem os Principes dignatarios do Imperio:

2.º Gozarão do rendimento de todas as suas Commendas em Hespanha durante a sua vida:

3.º Terão hum apanagio de quatrocentos mil francos annuaes, de que gozarão perpetuamente elles, e os seus Herdeiros, sendo da mente de S. M. I. que vindo a morrer os Infantes D. Antonio, D. Carlos, e D. Francisco sem deixar Herdeiros, ou extinguindo-se a sua Posteridade, o apanagio da dita renda recahirá em S. A. R. o Principe das Asturias, ou nos seus Descendentes e Herdeiros, tudo com a condição que SS. AA. RR. D. Carlos, D. Antonio, e D. Francisco consentem no presente Tratado.

ARTIGO VIII.

O presente Tratado será ratificado, e as ratificações serão trocadas dentro de oito dias, ou antes se possivel for.

Bayona 10 de Maio de 1808.

(Assignado) *Duroc.*

(Assignado) *João de Escoiquitz.*

REFLEXÕES

Sobre os precedentes Tratados.

AInda que Fernando VII. não manifestasse os ardentes votos, que faz pela felicidade dos seus leaes Vassallos, e o desejo de que perfeitamente unidos resistão á oppressão do Tyranno que os quer subjugar, toda a Hespanha, e o Mundo inteiro reconhecem estes Tratados como huma continuação das tramas insidiosas, com que o pérfido Napoleão pertende illudir os nobres e generosos Hespanhoes. A ambição, que céga este Aborto do Inferno, he tão sem limites, que lhe faz perder a luz da razão, confundindo com os mais abominaveis crimes os sentimentos sublimes de huma Nação, que se sabe sacrificar pelo amor da Religião, da Patria e do Soberano. Mas o que deve sobre tudo causar maior admiração, he que elle se deixe allucinar até o ponto de considerar huma Nação respeitavel, como hum bando de estupidos; e que depois de tantos, e tão repetidos exemplos da sua fallaz perfidia, tente ainda novos enganos para a fazer cahir nos seus traidores laços! Quando

os horriveis attentados deste Monstro contra as Augustas Familias de Bourbon, e de Bragança não bastassem para abrir os olhos aos Hespanhoes, poderião elles ser insensiveis á execranda perfidia, com que lhe arrebatou toda a Familia Real, e sobre tudo o Monarca que elles idolatravão? Este infeliz captivo não podia dar huma prova mais evidente dos intensos affectos do seu coração pela prosperidade dos seus leaes Vassallos, que a que acaba de lhes transmittir pelo orgão do seu consternado Mestre. S. Magestade, diz este, me encarrega muito que vos participe „ que espe„ ra tudo da vossa lealdade e valor; e que „ segundo o exigirem as circunstancias, obreis „ todos com hum sentimento unanime, para „ evitar a cruel sorte de soffrer os ferros da „ França. „ Póde dar-se huma prova mais completa de verdadeira amizade? Fernando VII. sem embargo de conhecer perfeitamente, que se expõe a soffrer os terriveis effeitos de hum Tyranno exasperado, faz votos sinceros, para que os seus amados Vassallos não caião debaixo da escravidão, de que os vê ameaçados.

„ Pede-vos sobre tudo com o mais cor„ dial affecto, continúa o afflicto Escoiquitz, „ que não haja scismas, nem divisões entre „ os seus Povos, antes que de commum acor„ do com o Supremo Conselho de Castella,

„ com os Capitães Generaes do seu Reino,
„ e com o voto dos mais homens bons ; em
„ huma palavra, que animados todos do mes-
„ mo espirito, mostreis firmemente aos vossos
„ Inimigos, que aquelle, que vos quiz perder
„ com artificios e enganos, póde por meio
„ da força, do valor, e de huma vigorosa re-
„ sistencia ser involvido na mesma ruina, que
„ vos preparava tão indignamente. Recom-
„ menda finalmente que tenhais entendido,
„ que quanto se publicar no Reino da sua par-
„ te, ou em seu nome, que possa contrariar o
„ que merece huma Nação tão nobre, como a
„ Hespanhola, o reputeis desde logo como
„ falso, considerando-o de nenhum valor, nem
„ effeito. „ Estas ultimas expressões offerecem motivos assás fortes para suspeitarmos, que a prepotencia do pérfido Napoleão começava já a ameaçar o infeliz captivo, para lhe extorquir com violencias novos Actos, para proseguir nas suas usurpações.

Carlos IV. e Napoleão dizem no preambulo do famoso Tratado de Abdicação e cessão do Throno de Hespanha, que resolvêrão reunir todos os seus esforços, e regular com huma convenção particular os estimaveis interesses de terminar promptamente a anarquia que desola a Hespanha. Esta anarquia não existe senão na cabeça de Napoleão. Pelo contrario, a Nação Hespanhola despertando do profundo lethrago, em que a tinha

o insolente Godoy, despedaçou os grilhões, que a obrigavão a suffocar os sentimentos da natureza, e estabeleceo hum Governo, o qual posto que provisorio trabalha com energia no restabelecimento da paz, perseguindo mortalmente os pérfidos Inimigos, que se entranhárão aleivosamente até á sua Capital com a capa da amizade. Neste mesmo preambulo diz Napoleão, que lhe *quer garantir as suas Colonias*; e isto sabendo todo o Mundo que elle sacrificou já não só a Marinha da França, mas a das Nações, que cahírão em seu poder, ou que tiverão a fraqueza de se ligarem com elle. Como poderá garantir as Colonias Hespanholas quem perdeo quasi todas as da França, e dos Alliados da França? Esta garantia he ainda mais irrisoria que o Decreto de Berlin, que bloqueava todos os Portos da Nação, que a sua mesma prepotencia elevou ao dominio dos Mares.

No primeiro artigo faz fallar Carlos IV., dizendo, que não tendo em vista toda a sua vida senão a felicidade dos seus Vassallos, cede ao Imperador Napoleão todos os seus direitos ao Throno de Hespanha e das Indias, como o unico que póde restabelecer a ordem no estado, a que tem chegado as cousas. Carlos IV. podia ter sentimentos admiraveis, e desejar a felicidade dos seus Vassallos; mas a desgraça quiz que o seu reinado fosse

funesto a toda a Hespanha, á sua Familia, e a si mesmo; porque entregando-se cégamente nas mãos do mais ingrato de todos os homens, consentio em que este Monstro atropellasse as Leis, insultando pelo espaço de vinte annos a Religião, os Povos, e os deveres mais sagrados da humanidade. Diz-se no mesmo Artigo, que a sobredita cessão se deve entender com a obrigação *de fazer gozar os Hespanhoes das duas condições seguintes*: 1.° *A integridade do Reino será conservada*: *o Principe, que o Imperador estabelecer sobre o Throno de Hespanha, será independente*; *e os limites da Hespanha não soffrerão alteração*: 2.° *A Religião Catholica Apostolica Romana será a unica em Hespanha. Não será tolerada Religião alguma reformada, e ainda menos infiel, segundo o uso actualmente estabelecido.*

Os Hespanhoes querem conservar o Reino em toda a sua integridade; mas querem esta integridade debaixo do Soberano, legitimo herdeiro da Monarquia, do Soberano que elles acclamárão unanime e conformemente; porque o reconhecem como seu verdadeiro e unico Soberano, porque o amão, porque o estimão, e porque querem seguir em tudo os principios eternos da justiça. Querem Fernando VII., porque conhecem as suas virtudes, e os puros sentimentos, de que he animado, e porque sabem que se interessa sinceramente

na felicidade da Nação, que he a sua propria felicidade ; pois que em hum Governo bem constituïdo, os interesses do Soberano são inseparaveis dos interesses dos Vassallos.

Quando Napoleão vio transtornados os seus projectos pelos generosos esforços dos Hespanhoes, destes Hespanhoes, que elle considerava como hum rebanho de carneiros, promptos para seguir a direcção, que lhe quizesse dar o execravel Murat, attribuio esta nobre resistencia a preoccupações de fanatismo, e a idéas supersticiosas. Eis-aqui o que o determinou a annunciar no segundo Artigo do imaginario Tratado, que a Religião Catholica seria a unica Religião da Hespanha, com exclusão de todas as outras; suppondo que os illudia com esta ridicula dissimulação ; e que elles serião tão simples que se fiassem nos seus embustes. Se os Hespanhoes reunem todos os seus esforços para repellirem a aggressão violenta dos Francezes, he porque estão íntimamente convencidos, de que a defensa da Patria he o primeiro, e o mais sagrado dever do Cidadão, e não por principios de fanatismo, e idéas supersticiosas, como o espalhão os Francezes nas suas Gazetas venaes, nestas Gazetas, que se transformárão em instrumentos da mentira e da falsidade desde o momento, em que os Francezes se aviltárão até o

ponto de se sujeitarem á dominação do infame Corso, que os tyranniza.

Que protecção póde esperar a Religião de hum homem, que não cessou ainda hum só instante de a perseguir; que se fez Mahometano no Egypto; e que protestou em huma Proclamação pública, que dirigio aos Inimigos da Fé, que tinha destruido o Papa, porque era inimigo de Mafoma; e que destruíra os Cavalleiros de Malta pelo mesmo motivo? Mas quando não tivessemos documentos tão positivos da sua impiedade, como as suas Proclamações do Egypto, bastarião os sacrilegios perpetrados tão constantemente pelas suas Tropas, para nos convencermos de que Bonaparte he hum inimigo irreconciliavel da Religião Catholica Romana: desta mesma Religião de que se diz Protector, no mesmo tempo em que os seus Generaes a pizão aos pés por toda a parte com tanta indignidade.

No Artigo 3.º diz: *todos os actos feitos contra aquelles dos nossos fieis Vassallos desde a revolução de Aranjuez são nullos, e de nenhum valor, e as suas propriedades lhes serão restituidas.* Este Artigo tem principalmente em vista o Principe da Paz, e os infames Agentes deste monstro, os quaes havião accummulado riquezas immensas, roubando por mil modos o Estado e os particulares. Mas pouco importa que Napoleão forge Tratados para a restitui-

ção destes bens; pois não podem produzir effeito algum, a não ser o de fazer rebentar de raiva o pérfido que os forjou.

Pelo Artigo 4.º *obriga-se o Imperador a dar refugio nos seus Estados ao Rei Carlos IV.*, *á Rainha*, *á sua Familia*, *ao Principe da Paz*, *e aos Criados*, *que o quizerem acompanhar*, *os quaes gozarão em França de huma graduação equivalente á que tinhão em Hespanha.* O gigantesco Napoleão conseguio huma cousa extraordinaria, que foi o transtorno absoluto das expressões. Chama amigavelmente hum Soberano a Bayona, dando-lhe todas as seguranças da rectidão dos seus sentimentos; e depois que consegue havello á mão, o reduz com perfidia a hum duro captiveiro, e chama a isto dar hum refugio nos seus Estados. Devemos ficar entendendo daqui em diante, que as expressões de captivar, e prender significão, segundo a accepção em que Bonaparte as toma, favorecer, e dar refugio, assim como a de proteger significa hoje roubar, destruir, e assassinar. Grande Deos! Que monstruosidades! A Posteridade olhará seguramente a historia dos nossos tempos, como hum Romance mais extravagante que os contos absurdos de fadas.

Pelo Artigo 5.º *põe o Palacio de Compiegne com as suas dependencias á disposição d'ElRei Carlos*; *pelo* 6.º *dá-lhe*, *e garante-lhe tres milhões de cruzados*, *com a sobrevivencia de duzentos mil*

cruzados para a Rainha; pelo Artigo 7.º obriga-se a conceder aos Infantes de Hespanha seiscentos e quarenta contos de reis de renda annual, e perpetua. Primeiramente devem considerar-se todas estas promessas, como huma continuação dos seus costumados embustes, feitas com a mesma sinceridade, com que fez os Tratados de Fontainebleau, que forjou unicamente pará adormecer este mesmo Soberano, que acaba de atraiçoar, reduzindo-o a hum vil captiveiro, e insultando-o por cima de tudo isto, assim como a toda a Hespanha, dizendo que lhe concede hum refugio nos seus Estados. Passemos em silencio a desproporção da troca da Soberania das Hespanhas, e Indias pelo que Bonaparte diz que ha de dar á Familia Real de Hespanha. Ainda prescindindo desta extraordinaria desproporção, toda a troca forçada, e violenta he hum roubo em todo o rigor do termo; e hum roubo peior que o de hum salteador de estradas.

A penna cahe da mão, de enojo e indignação, quando se lêm os Artigos deste Tratado, que Bonaparte data de 5 de Maio de Bayona, posto que fosse forjado com muito vagar em París pelos dignos Ministros das suas horriveis traições.

O Principe da Paz he o plenipotenciario de Carlos IV.; quando Napoleão pedio este Malvado a Fernando VII. assegurou-o de que

o fazia unicamente com o designio de o processar, e punir dos seus crimes contra as duas Nações; mas o seu verdadeiro intento, como se patenteia tão claramente neste Tratado, era de se continuar a servir delle nos novos embustes que premeditava, e para se apoderar dos immensos cabedaes, que este monstro havia roubado em todo o tempo do seu funesto ministerio.

O segundo Tratado, ou Acto de cessão do Principe das Asturias he ainda mais irrisorio. Fernando VII. diz positivamente pelo orgão do seu Mestre D. João de Escoiquitz, que quanto se publicar em seu nome, que se oponha ao que merece huma Nação tão nobre como a dos Hespanhoes, se deve reputar como falso, e de nenhum effeito; o que contradiz formalmente o ridiculo Acto de cessão forjado por Bonaparte. Mas ainda que não tivessemos huma prova tão positiva como esta, da parte das intenções do verdadeiro e legitimo Monarca de Hespanha, com que fundamento pertende o atraiçoado Corso que os Hespanhoes, e a Europa acreditem o que elle nos diz? Demais haverá huma só Pessoa de senso, que se chegue a persuadir, que Fernando VII., Rei legitimo de Hespanha por direito de successão, pela abdicação espontanea de seu Pai Carlos IV., e pela acclamação geral dos seus Vassallos, tivesse a baixe-

za de se confessar elle mesmo degradado da Soberania, para satisfazer o capricho, e a sordida ambição de hum Pérfido, que se diz o Arbitro dos destinos dos Soberanos, e das Nações, levando a vaidade até o ponto de consentir que os seus infames Aduladores o qualifiqnem de *todo poderoso* em muitos escriptos públicos. Mas que se podia esperar de huma cabeça esquentada, que olhando o tratamento de Magestade como huma cousa insignificante, teve a estravagancia de se fazer tratar de *Vossa Pessoa sagrada.*

Fernando VII. não consentio, nem podia consentir de modo algum no Acto de cessão, que Bonaparte nos apresenta como hum Tratado legitimo, convencionado espontaneamente, e sem violencia. Além disto D. João de Escoiquitz diz que o Tyranno o quizera revestir do emprego de Conselheiro de Estado, que elle não acceitou, como o diz positivamente, antes admirando-se de que o oppressor ousasse porpôr-lho, considerou esta offerta como huma nova perfidia, para o desacreditar no espirito dos Hespanhoes. E se D. João Escoiquitz recusou hum emprego tão eminente, como o de Conselheiro de Estado, he incontestavel que havia de recusar a horrivel commissão de trahir os interesses do seu Soberano, de hum Soberano que idolatra, e por

quem sacrifica o seu socego, a sua liberdade, e até a mesma vida.

Pelo primeiro Artigo do segundo Tratado, ou supposto Acto de cessão, diz-se, *que o Principe das Asturias accede á abdicação de seu Pai, a favor de Napoleão, e que renuncía aos direitos que tem ao Throno, como Principe das Asturias.* Ainda suppondo-se sincera, e real a abdicação de Carlos IV., já não póde ter lugar, pois que pela primeira renunciou a todos os poderes, que antes tinha, muito mais por ser esta espontanea, e a favor de seu Filho legitimo, e unico Herdeiro da Monarquia de Hespanha. E se a abdicação de Carlos IV. he nulla, porque Napoleão assim o quer, e determina, em consequencia das altas prerogativas, que a *sua Pessoa sagrada* se arroga *de todo poderoso*, e *Arbitro dos Reis, e das Nações*, neste caso não precisa recorrer ao insidioso estratagema de forjar Tratados imaginarios, póde decretar de plena authoridade a respeito da Familia Real de Hespanha, o mesmo que fez a respeito da da Casa de Bragança. Por outra parte se faz renunciar Fernando VII. aos direitos, que tem ao Throno de Hespanha, como Principe das Asturias, para que o faz acceder a abdicação de seu Paiz, pois que lhe não attribue senão o direito que pertence ao Herdeiro presumptivo da Coroa?

Bonaparte sabe além disto muito bem,

que os Soberanos são huns meros Administradores dos Estados, que devem transmittir aos seus Descendentes, ou Herdeiros legitimos, segundo as Leis constitutivas, que os regem. Assim ainda que Carlos IV., Fernando VII., e toda a Familia Real da Hespanha cedessem dos seus direitos ao Throno, esta cessão seria nulla, e de nenhum effeito, se os Hespanhoes se não quizessem sujeitar a ella, sancionando-a por hum Acto solemne, que exprimisse a vontade geral, e espontanea da Nação, pelo orgão dos seus representantes, convocados legitimamente em Cortes.

Nos Artigos seguintes do tal Acto de cessão, estipula Bonaparte as condições, Titulos, tratamentos, e rendas, que concede a Fernando VII., e aos outros Principes da sua Familia, estipulando no *Artigo VII.*, *que concede tudo isto, com as condições de que SS. AA. RR. D. Carlos, D. Antonio, e D. Francisco, accedem ao presente Tratado.* Ponhamos de parte a irrisão, que deve causar este encadeamento ridiculo de absurdos, e de delirios, e perguntemos ao arbitro dos destinos, quem offerece elle para affiançar, e garantir estes Tratados? Porque motivo se esquece de que a Princeza do Brazil, e seus Filhos são Herdeiros legitimos por linha directa de Carlos IV; a Casa de Napoles por linha transversal, e Luiz XVIII., posto que em gráo mais apartado, não

perde o seu direito á Coroa de Hespanha na falta de outros Herdeiros mais proximos? As condições dos Titulos, tratamentos, e patrimonios, ou pensões estipuladas para os Principes da Familia Real, parece que deverião pertencer ao primeiro Tratado, feito com aquelle, que Bonaparte considera com o Rei de Hespanha, por ser o que tinha a seu cargo, os Infantes, e não com Fernando VII., que considerado simplesmente como Principe das Asturias não tinha obrigação alguma de fornecer as rendas necessarias para os sustentar, segundo o costume da Corte de Hespanha. Isto dá claramente a conhecer, que elle está convencido no seu coração, de que Fernando VII. he o verdadeiro, e legitimo Rei de Hespanha; pois que he com este, e não com seu Pai, que estipula tudo o que diz respeito aos Infantes de Hespanha. Como se esqueceo de accrescentar mais hum Artigo ao supposto Acto de cessão, para nos dizer, que os Infantes accedião com effeito ao tal *Acto*, devemos esperar por momentos hum terceiro Tratado, em que se diga que os ditos Infantes accedêrão com effeito a tudo.

Falta-lhe ainda a accessão da Casa de Bragança, a da Casa de Napoles, e a de Luiz XVIII., e sobre tudo a da Nação Hespanhola essencialmente necessaria para poder realizar os seus projectos. Não fallo aqui nos Indivi-

duos, que podem vir a ter direitos mais remotos, como a Casa de Medina Celi, de Orleans, e de Condé; porque a extinsão destas Casas estava já decretada *in pectore*, como o executou a respeito da ultima, assassinando o respeitavel Duque d'Enghien com tanta aleivosia, que ainda que lhe fosse possivel cobrir-se de louros, e de gloria com triunfos, e acções generosas, ser-lhe-hia impossivel lavar huma nodoa tão negra como esta; huma nodoa, que tornará a sua memoria execravel a todos os Seculos.

A vontade da Nação Hespanhola queria elle supprir com a Junta de Bayona, composta pela maior parte de homens levados alli com violencia, ou corrompidos com promessas illusorias, que não fazia tenção de realizar. Eis-aqui o verdadeiro voto da Nação sobre este assumpto, exprimido pelo orgão de hum suplemento ao Diario de Valencia:

„ Napoleão, o véo que cobria a tua in-
„ fame perfidia, he hoje mais transparente do
„ que o cristal; o mysterio, que a tua extrema
„ hypocrizia occultava, está já patente, mos-
„ trando com toda a evidencia que a tua cruel-
„ dade não tem limites, e que a tua desme-
„ dida ambição atropella cégamente todas as
„ Leis Divinas e humanas. Eis-aqui o mo-
„ bil dos teus contínuos embustes, o que te
„ faz mentir sempre; mentes para enganar;

„ enganas para que te acreditem; queres que
„ te acreditem para roubar; roubas para rei-
„ nar; e reinas para exterminar. Assim o fi-
„ zeste em Roma, em Napoles, na Alema-
„ nha, na Prussia, na Italia, na Etruria, na
„ Hollanda, em Portugal, e em Hespanha.
„ Ouve, e responde pelo menos huma vez
„ com verdade contra a tua inclinação natural.
„ Se roubares Hespanha, se a sujeitares, se rei-
„ nares nella por ti, ou por outro tal como
„ tu, se tirares da sua povoação trezentos
„ mil Leões, como tu o dizes, para os fazer
„ morrer aonde nem ao menos gozem de se-
„ pultura, não he verdade que has de empre-
„ gar as suas forças, e o seu valor, para ani-
„ quilar a Casa d'Austria, a quem desejas fa-
„ zer o mesmo que á de Bourbon? Não he
„ verdade que os que tirares da Austria os
„ has de fazer servir para escravizar com o teu
„ tyrannico Imperio os Eleitores de Alemanha,
„ arrebatando-lhes as mesmas Coroas, que lhes
„ puzeste na cabeça? Não he verdade que
„ has de tomar depois o nome de Imperador
„ do Occidente; e que ligando-te com o Rus-
„ so, e destroçando a Prussia, a Porta Otto-
„ mana, e a Persia, consentirás em que elle
„ se denomine Imperador do Oriente? Isto
„ promettes; mas segundo o teu depravado in-
„ tento, e o teu errado impulso, procurarás

„ destruir a quem te quizer igualar. Ambi-
„ ção sem limites; mas não sem castigo. „

„ Dize agora que pertendes fazer em Hes-
„ panha? Qual ha de ser a sua sorte? Hespa-
„ nha sempre tua alliada, e inimiga de In-
„ glaterra por amor de ti; Hespanha que te
„ facilitou as victorias de Marengo, de Aus-
„ terlitz, de Jena, e de Eylau, com o seu
„ dinheiro, com a sua inacção, e com a sua
„ amizade; Hespanha que está derramando
„ hoje o seu sangue na Suecia, para te com-
„ prazer; que não cessou hum só instante de
„ se prestar aos teus caprichos; que premio,
„ que paga, que correspondencia poderá es-
„ perar da tua decantada generosidade? Dis-
„ seste mil vezes que a amavas sinceramente;
„ que eras seu alliado fiel; que pagarias os
„ seus serviços; e que era digna da tua gran-
„ de protecção! Feliz Hespanha com tal, e
„ tão grande protecção! Protector enviado
„ pelo Ceo para a felicidade da Hespanha!
„ Para a fazer feliz mandaste as tuas tropas
„ a Hespanha; chamaste a Bayona toda a sua
„ Real Familia, e muita Grandeza, para os
„ instruir nas Leis do Codigo Francez, para
„ lhes dares certos conhecimentos, precisos
„ para reinar. Não he verdade? Napoleão,
„ levanta o panno do theatro aonde represen-
„ tas, e vai terminar a tua comedia em tra-
„ gedia. Tu cuidaste que todos os Hespanhoes

„ erão tão bons como Carlos, e Fernando,
„ para se deixarem enganar, ou tão pérfidos
„ como Godoy, para conspirarem como elle
„ contra a sua Patria. Crês acaso que Hes-
„ panha está aturdida com o fantasma do teu
„ sonhado poder, e amedrentada com as sa-
„ crilegas fanfarrices, com que os teus faccio-
„ sos aduladores a pertendem atroar? Crês
„ que a Hespanha terá a simplicidade de se
„ deixar illudir com a felicidade apparente
„ que lhe promettes, como Carlos, Fernan-
„ do, e o resto da Real Familia, para dei-
„ xar ao teu arbitrio a escolha do homem, que
„ a ha de Governar, ou que te supplicará co-
„ mo a Italia, que queiras ser seu Rei. Assim
„ o fizerão aquelles, constituindo-te Juiz arbi-
„ tro, e amigavel mediador das desavenças que
„ tu mesmo forjaste, e cujo imaginario cri-
„ me não podias por direito algum julgar,
„ nem punir. Tudo isto crês; mas enganas-
„ te. He verdade que Hespanha está reduzi-
„ da a hum esqueleto por amor de ti; he ver-
„ dade que huma pequena porção de infames
„ partidistas do traidor, cuja iniquidade só
„ podia ser patrocinada pela tua, pensou
„ talvez como o seu Chefe. He verdade que
„ hum grande número de Hespanhoes cuida-
„ vão até agora, que Napoleão era homem
„ de bem, ingenuo, amigo, e consequente.
„ Porém ouve, ouve o que te diz agora, *conhece*,

„ *sabe*, *crê*, *e espera de ti toda a Nação.* Una-
„ nimes são todos os votos. Ouve. „

„ *Hespanha conhece* que mentes quando fal-
„ las; que enganas todos aquelles com quem
„ tratas; que tens huma sede insaciavel de
„ sangue humano; e que és aquelle iniquo
„ Rei, que tinha sobre si os estrondosos ga-
„ fanhotos o mesmo que S. João vio, que
„ se havia de chamar *Apollyon*, que he o
„ mesmo que exterminador. Conhece que és
„ hum verdugo sahido do inferno, que Deos
„ mandou ao Mundo para o castigar; que
„ queres que Hespanha participe do calis de
„ amargura, que fizeste beber ás Nações, que
„ arruinaste com a promessa de as fazer feli-
„ zes, livres, e affortunadas; e conhece que
„ quanto pensas, fallas, e executas, he ana-
„ logo ao teu vil nascimento, á tua religião,
„ que não he nenhuma, e á tua criminosa con-
„ ducta. Ouve agora *o que sabe.* „

„ *Sabe Hespanha*, que tu mandaste a
„ tua Tropa, posto que com pretextos falsos,
„ para a sujeitar, saquear, e roubar. Sabe que
„ tudo quanto lhe dizião os teus Emissarios,
„ não tinha outro fim senão o de a inclinar a
„ amar-te, e a aborrecer os Bourbões. Sabe que
„ as Cartas, renuncias, e protestações de Car-
„ los, e Fernando são todas violentas, e for-
„ jadas por ti para enganar o Mundo; que ain-
„ da que fossem verdadeiras serião nullas por

„ serem forçadas; que os teus Decretos são nul-
„ los ; e que todas estas cousas são dictadas
„ pela tua ambição , e pela tua força. Sabe
„ que offerecendo, como offereces, e cumpres
„ tirar os impostos , tiras os direitos dos Se-
„ nhores aos lavradores; mas em lugar delles ,
„ cobras tu huma terça parte de tudo quanto
„ se colhe. Sabe que em França ha Pai, que
„ de sete filhos ficou sem nenhum, e mãi viu-
„ va , que não tornará mais a ver hum só dos
„ cinco que tinha. Sabe que se reinares em
„ Hespanha, os Pais não tornarão talvez a ver
„ na sua vida os filhos que tiverem , de 16
„ até 40 annos; porque não voltarão em quan-
„ to durar a guerra , nem esta terminará em
„ quanto tu viveres. *E sabe que acabará a sua*
„ *Religião em Hespanha*, como em toda a par-
„ te, aonde chega a tua dóminação; que exter-
„ minarás os seus Ministros ; que profanarás
„ os sagrados Templos; que roubarás as suas
„ alfaias; que os despojarás das suas rendas;
„ que despedaçarás as suas Imagens ; que te
„ apoderarás de todas as propriedades; e em
„ fim, que não deixarás nada. *Isto sabe.* Vê o
„ que crê. Crê Hespanha que és inimigo de
„ toda a Europa ; que arruinaste o Commer-
„ cio, a Agricultura, as Artes, e a Religião,
„ aonde tens entrado ; crê que se a governa-
„ res , lhe arrebatarás trezentos mil Hespa-
„ nhoes, e todas as suas riquezas , sem lhes

„ deixar senão os olhos para chorar as des-
„ graças, miserias, e pobrezas, que chorão
„ as outras Potencias que tu governas, sem
„ embargo das vociferações com que queres
„ persuadir que são felices. Crê que tens for-
„ jado as desavenças de Carlos e Fernando,
„ valendo-te do pouco talento do primeiro,
„ da bondade do segundo, e do pérfido cora-
„ ção de Godoy; que este te entregava como
„ hum presente seu, Madrid, Toledo, Sevi-
„ lha, e as mais Cidades de Hespanha; que
„ chamaste toda a Casa de Bourbon a Bayona
„ para a enterrar. Crê em fim, que só o Anti-
„ Christo, de quem és o percursor, póde ser
„ mais malvado e pérfido que tu. Isto crê.
„ Vê agora o que espera. „

„ Hespanha não espera nada de ti, por-
„ que lhe não podes dar nada. Espera que
„ unida em massa te resistirá, e zombará dos
„ teus talentos militares, e das tuas infernaes
„ tramas. Espera que os seus Hespanhoes an-
„ tes quererão perder a vida pela defensa da
„ sua Patria, da sua Religião, e das suas pro-
„ priedades, que serem conduzidos por ti aon-
„ de nem ao menos gozem de sepultura de-
„ pois de mortos. Espera não ser nunca go-
„ vernada por hum homem de tão baixo nas-
„ cimento como tu. Espera vencer Napoleão,
„ este monstro de iniquidades, e remir as Po-
„ tencias da Europa escravizadas e roubadas.

„ Em fim espera o teu desastrado fim, que
„ não póde ser senão o que tiverão Nabuco,
„ Sapor, e os que cheios de soberba como
„ tu, se embriagárão das expressões, que os
„ ignorantes, vis, e blasfemos aduladores
„ lhes tributarão, de *todo poderoso*. Espera
„ mais do que nas suas proprias forças, na
„ força irresistivel, e no poder do seu Deos,
„ que descobrio, e confundio as tuas infames
„ tramas a 19 de Março. Espera que hum
„ Deos Vingador te não permittirá que des-
„ truas por muito tempo aquelles, que se dis-
„ tinguem com o signal de Deos e que são
„ Christãos Hespanhoes. Espera que armados
„ estes com o signal da Cruz, que será a sua
„ principal divisa, será Hespanha o instru-
„ mento vaticinado por Deos, e pelos seus
„ Santos, de que se ha de servir para a con-
„ quista Christã de todo o Mundo. Espera em
„ fim despojar-te de tudo o que tens roubado
„ a Deos, á Igreja, e á Europa; castigar-te
„ como o merecem os teus crimes, livrar o
„ Mundo de hum horrivel usurpador, de hum
„ herege inquietador, de hum filho do pecca-
„ do, de hum perjuro, e de hum inimigo de
„ Deos; da Igreja, e de todo o genero Hu-
„ mano. „

„ Agora resta sómente saber o que es-
„ peras tu da Hespanha? Esperas que te pro-
„ clame Rei? Não o fará, porque está vendo

„ o que soffre a Italia pelo ter feito. Esperas
„ que te pedirá teu Irmão José para Rei? Ain-
„ da menos, porque não quer ser tão desgra-
„ çada como Napoles, nem póde querer se-
„ não Fernando; porque o jurou por successor
„ de Carlos. Esperas que terás em Hespanha
„ muitos amigos? Não o creias, porque sabe
„ o modo indigno com que trastaste Moreau,
„ Pechegrú, e Villeneuve, que forão os que
„ melhor te servírão, e os que mais contri-
„ buírão para a tua elevação, e usurpação do
„ Solio. Esperas que Hespanha confesse que
„ a tens conquistado, e que só na sua con-
„ quista perdeste 25 Francezes, cujas vidas
„ custárão tres mil Hespanhoes? Pois não,
„ não esperes que diga outra cousa senão a
„ verdade. Hespanha diz: que as Fortalezas,
„ que dizes nos teus papeis que tomaste, te
„ forão entregues por ordem do teu amigo
„ *Godoy*; que o mesmo succedeo com as Ci-
„ dades; e que huma prova he o que fez a
„ plebe de Madrid, a qual sem mais armas
„ que huma faca triunfou do valor dos teus
„ soldados, e matou mais de cinco mil, per-
„ dendo a penas 200 homens. Eis-aqui huma
„ verdade, que os teus papeis não disserão
„ nunca. Esperas em fim conquistar verdadei-
„ ramente Hespanha? Pois sabe, que se a
„ conquistas poderás perder muito; mas não
„ ganharás nem hum só coração. Mas que he

„ conquistar? Não esperes, não, não esperes
„ conquistalla; espera sim o castigo da mal-
„ dade mais escandalosa, que tem visto o Mun-
„ do. Espera o que tu mesmo annunciavas
„ fatal a Inglaterra pelo facto de Dinamar-
„ ca, e mais; pois que o teu crime he incom-
„ paravelmente maior. Espera que as tuas mes-
„ mas tropas te abandonem, e sejão tuas ini-
„ migas. Espera que vendo-te injustamente en-
„ carniçado em Hespanha te ataquem as Na-
„ ções que te aborrecem, que são todas. Es-
„ pera que aquelle Leão de que falla Esdras,
„ aquelle Principe que será duas vezes Rei,
„ segundo Santo Isidoro, aquelle grande Leão
„ que ha de resuscitar depois de morto, do
„ celebre Rocacelda, e que he a Hespanha,
„ te vencerá, e porá fim ao teu Imperio, e es-
„ tenderá o seu, propagando a Religião por to-
„ da a terra que o Sol allumeia. Treme, Napo-
„ leão, que he chegado o termo das tuas iniqui-
„ dades. Teme Hespanha, e o Deos que a pro-
„ tege, e em quem ella confia; o Deos dos
„ Exercitos, que não desampara os que defen-
„ dem a sua causa, confundindo o orgulho,
„ e a insolencia dos Malvados, que insultão,
„ como tu, os Altares, os Thronos, e a Hu-
„ manidade.

Reflexões sobre a conducta de Bonaparte em Bayona.

DIzem que as obras de Machiavelo são as unicas, que Napoleão estuda profundamente; e que a sua conducta não he senão a prática das maximas e artificios, que ensina este Escriptor Florentino; se he certo que Machiavelo escrevia para esta classe de Leitores, neste caso o Discipulo faz pouca honra á habilidade do Mestre. Este diz, que os negocios das Nações grandes se não devem manejar como os das pequenas, posto que tendão ao mesmo fim; que a primeira obrigação de quem quer dominar hum Povo, he a de conhecer o seu caracter e as suas inclinações; que he preciso conhecer a differença que ha entre Hespanhoes, Francezes e Italianos; que quando se trata com homens generosos e rectos, se deve sustentar com mais constancia a dissimulação das virtudes; em fim, que ao que se elevou com a mascara de Alexandre, não convêm deixalla pela de hum trapaceiro, como Cesar Borgia.

A *Exposição*, que annunciamos, relação breve e singella dos artificios e maquinações, que Bonaparte poz em obra, para adquirir o dominio de Hespanha, manifesta mais que todos os outros escriptos, de que temos noticia,

quaes são os talentos politicos, e quaes os recursos deste homem abominavel, em cuja cabeça pôz a Nação Franceza os destinos do Universo. Não faremos propriamente hum extrato deste Escripto; a notoriedade da maior parte dos seus factos o torna desnecessario, além de que a sua mesma brevidade o difficulta, mas não podemos deixar de fazer algumas reflexões sobre certas circunstancias menos sabidas; e que são como as feições principaes e caracteristicas deste retrato de iniquidades.

Com effeito, que papel tão digno do Imperador de França, e de quem se denomina, e crê arbitro da sorte da Europa, pôr-se a escutar á maneira de espreitador a conferencia entre o seu Ministro, e o de Fernando, e quando vê que as razões solidas e invenciveis do segundo convencem o outro, apresentar-se de repente, para interromper a conferencia, e intentar com a cólera, com que pertende atterrar o Hespanhol, ganhar o que não tinhão podido conseguir as cavillações diplomaticas do seu Servente!

Eu tenho a minha politica particular, diz elle ao nosso Ministro: *V. m. deve adoptar idéas mais liberaes, ser menos sensivel ao pundonor, e não sacrificar a prosperidade da Hespanha ao interesse da familia de Bourbon.* Isto vale o mesmo que dizer: Eu tenho huma politica, que não attende a razões de conveniencia, de equi-

dade, nem de justiça. Que me importa que Hespanha tenha observado com a sua costumada lealdade huma alliança, em que perdeo a sua Marinha, o seu commercio, e a sua Industria, de que a França tirou vantagens incalculaveis? Que me importa que os seus Principes me não tenhão dado motivo algum de queixa, nem de offensa? Que me importa, em fim, que em caso de discordia corrão torrentes de sangue nas duas Nações? *J'ai ma politique à moi.* V. m. não deve fazer caso de considerações de virtude e de lealdade; deve ser tão perverso como eu, e assentir aos caprichos, que eu chamo prosperidade de Hespanha; deve ser traidor ao seu Rei, e á sua Patria, e contribuir para que doze milhões d'Almas sejão tratadas como hum rebanho de carneiros, que se comprão, que se vendem, que se transplantão, e que se degolão como se quer.

Se ao total desprezo, que merece esta scena, quizermos que succeda a mais cruel indignação, basta que tracemos na idéa a sessão da tarde de 5 de Maio e que contemplemos o Principe reconhecido por Monarca de Hespanha, e das Indias, diante d'ElRei Carlos IV., de Maria Luiza, e do Imperador; estes assentados, e elle em pé, ouvindo da boca de seu Pai expressões e dicterios, que por decóro da Historia não devemos exprimir, e ameaçado de ser tratado com a sua

comitiva como traidor á Coroa, e como parricida. *Principes, he forçoso escolher entre a cessão, e a morte*, diz o farçante politico á innocente victima, preparando-se já no caso de resistencia, para ser o barbaro verdugo da sentença, mandada pronunciar pelo fascinado Pai. O innocente Monarca, sem auxilio, sem recurso, cercado de inimigos, vendo os seus fieis servidores com o cutélo na garganta, cede por fim, e lavra huma renúncia, que pelo seu mesmo contexto manifesta bem a violencia, com que lhe foi arrancada. Fernando parricida! Fernando condemnado, e ameaçado como tal! Vilipendiado assim! E por quem? Ah! não he possivel a nenhum Hespanhol lêllo, nem ouvillo; não he possivel saber destes ultrages feitos á Nação mais generosa do Mundo na Pessoa de hum Principe, que ella idolatra, sem que lhe ferva o sangue nas véas, sem jurar o exterminio do insolente tyranno que os perpetra, e da Nação infame que os permitte. Guerreiros Hespanhoes! Se a Fortuna continuar, como deve, a favorecer os vossos heroicos esforços; se vos achardes algum dia em Bayona, lembrai-vos destas palavras, que alli se pronunciárão: *Prince, il faut opter entre la cession et la mort.* Estas palavras forão huma sentença de morte contra a vossa Patria, e o vosso Rei, sejão ellas a sentença de morte, e de desolação contra os homens depravados,

que as consentírão, e contra os Edificios que os escutárão.

Com que côres pintará a Posteridade as Pessoas, que servem de instrumento para tão grandes iniquidades! Como pôde o Rei Pai suffocar todo o amor do seu Primogenito, convertendo-o em rancor tão obstinado, e tão cégo? Como pôde o desejo da vingança ganhar tanta força em huma Mãi, para lhe fazer suffocar os sentimentos naturaes do sangue, levando-a ao ponto de sacrificar todos os seus Filhos a este indigno Privado, e tornando-se ella mesma em certo modo o seu verdugo? A Historia não offerece exemplos desta natureza. Suppunha-se até agora que a força não podia ordenar taes sentimentos; mas como diz o Author da Exposição: *Napoleão conseguio tudo com assombro da natureza*; mas sem embargo da cándida imparcialidade que persuade o seu estilo; sem embargo da irrecusabilidade de huma testemunha, que tão digna, e notavelmente interveio em todos estes negocios; sem embargo de ter sido este facto notorio a todas as Nações da Europa, e do seu unanime testemunho, os Seculos futuros ficarão na dúvida, não podendo acreditar hum acontecimento tão opposto a todos os principios do interesse, e da decencia, e a todas as relações do sangue.

Desçamos ás Personagens subalternas, e

vejamos se he possivel encontrar caracteres mais baixos e mais odiosos. Hum Murat, que commandando perto de duzentos mil combatentes, vem unicamente para mentir com os Grandes, e para assassinar os Pequenos; hum Savary, que depois de conseguir com os mais solemnes embustes o illudir o crédulo Monarca, para que se entregasse nas mãos do seu inimigo, tem ainda o descaramento de intimar-lhe elle mesmo a necessidade da renúncia; hum Ministro Estrangeiro, convertido em vil espião, e descobrindo torpemente o que lhe tinhão confiado na seguridade, e franqueza da conversação; em fim, huma Junta de Governo em Hespanha, composta quasi toda de Ministros, tirados pela benignidade de Fernando do desterro e abandono, em que os tinha o anterior Governo, e que depois não dão hum só passo, nem tomão huma só medida, que não seja para vender o seu Rei e bemfeitor, e para entregar a Monarquia a hum infame usurpador.

Mas não he possivel que seja servido por outra qualidade de homens o insolente e descarado Tyranno, que não dá palavra, a que não falte; que não jura alliança, que não rompa; que não trata com Principe, que não atraiçoe. Hoje vende a Etruria para a arrebatar ao mesmo que a comprou; offerece agora huma soberania ao miseravel Godoy, e manda logo

hum Exercito, que o teria suppliciado, se o achasse ainda na privança; diz da Italia a Carlos IV., que não tinha recebido nunca carta de seu Filho; e depois cita a este como prova das suppostas culpas que lhe attribue, a carta que diz que elle lhe escrevera; confessa nesta mesma carta que não tem motivos senão para louvar á Casa Real de Hespanha, no mesmo tempo em que meditava sobre os meios de fazer todos os seus Individuos prisioneiros, para os privar da authoridade, e de todos os seus Estados. Visita, e abraça o enganado Rei, agazalha-o, e convida-o a jantar, e intima-lhe immediatamente que deve renunciar o Throno. Por fim põe em acção todas as paixões dos Reis Pais, e abusa dellas, e do respeito do Filho, para os despojar a todos dos seus Estados, e até da liberdade, mandando-os prezos com violencia e escarneo para o interior da França. Todos os que perpetrão, e trabalhão nestas infames tramas se denominão Soberanos, Ministros, Generaes, Negociadores! Aonde estamos, Grande Deos! Que accepção daremos ás palavras, pois que vemos condecorados com semelhantes dignidades, e encarregos do destino do Mundo homens tão vis, e tão desaforados, que sem embargo de terem o coração amassado com fel, não céssão de proferir os nomes respeitaveis da hon-

ra, da fidelidade, da liberdade, e do heroismo.

Mas todo este andaime, formado dos mais infames embustes, e das mais grosseiras intrigas, deo comsigo por terra com o *não*, proferido pelo Povo Hespanhol, por este Povo que o insensato Corso não teve em nenhuma conta no seu cálculo politico. Este terrivel, e energico *não* resoa agora por toda a Europa, e mostra poderosamente ás Nações amedrentadas, que os tyrannos não escravizão, senão aos que os querem servir. Este *não* dará valor a todas estas Nações, para castigarem, tomando o nosso exemplo, os atrozes ultrages, que tem recebido deste devorador de Póvos. Elle se enfurecerá sem dúvida contra huma collisão tão forte; e a sua ruina trabalhada com as vís maquinações de que elle tanto se préza, provará que a arte infame de enganar, de mentir, e de sobornar, a que tão impropriamente se tem dado o nome de politica, costuma ser como os frageis fios da têa aranha, que só tem força para acabar com o vil insecto que os fabrica.

FIM.

N.º 4º

A CONSTITUIÇÃO DE HESPANHA

FEITA EM BAYONA

POR

JOSÉ BONAPARTE,

PRECEDIDA D'HUM DISCURSO COMPARATIVO ENTRE ELLA

E AS CARTAS

DE

BONAPARTE

ESCRITAS

A

MURAT,

E JA' PUBLICADAS NO N.º 2.º E 1.º DO LEAL PORTUGUEZ.

COIMBRA:

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1808.

Com licença do Governo.

DISCURSO INTRODUCTORIO.

DISCURSO INTRODUCTORIO.

POr mais atilados Politicos, que nos tempos precedentes tenhão existido, e que dos seus principios quizessem tirar consequencias, que bem como profecias politicas, houvessem de predizer os acontecimentos futuros; nenhum pensou, nem ao menos sonhou na mais extraordinaria impudencia do infame *Usurpador* do Continente. Todos, que com espirito de imparcialidade lião nas suas mais indifferentes acções, logo reputárão Bonaparte, como hum homem insaciavel; mas não previão o mais atroz de todos os procedimentos. Affectando externamente os sentimentos de liberdade, que novamente estabelecia, huma Republica firmada sobre as ruinas de hum throno tão legitimamente occupado; seu coração se alimentava da esperança de ainda hum dia ser hum dos representantes da Republica. A ordem natural pouco promettia, que Bonaparte chegasse em tão poucos tempos a mudar os espiritos revoltosos dos Republicanos, e esquecerem-se tão rapidamente da fraternidade, e igualdade de Cidadão *Francez*. Parece que a Mão de DEOS quiz que esse homem raro, mas abominavel, chegasse a tão alta distincção, correndo hum tão grande espaço, como o que vai do seu nascimento até ao supremo grão de Imperador, para que na sua queda medisse com mais ponderação o espaço, que rapidamente franqueára.

De 1.º Consul passou a Imperador, e ainda não satisfeito com esta dignidade, seu coração ambicionava o Imperio do Continente, ou da Europa: para o conseguir era-lhe preciso praticar os infames planos, que se lhe tem suggerido, que com tanto que elles produzissem o desejado effeito, pouco importava que a Religião, o direito das gentes, a boa fé, e finalmente tudo quanto ha de mais sagrado, fosse postergado, e tido em conta nenhuma. As immensas, e abominaveis torpezas,

que elle praticou, ou praticárão os executores de seus decretos, em toda a parte onde chegárão, fizerão conhecer seus execrandos projectos; mas o terror das armas de seus numerosos Soldados, unicos favorecidos, fazião sepultar no fundo do coração os sentimentos naturaes d'huma seguridade individual.

Mas deixando todas as reflexões, que a este assumpto se poderião produzir, voltemos unicamente nossas attenções sobre *Hespanha e Portugal.* Para se conhecer d'hum golpe o perverso caracter desse Imperador dos *Francezes*, basta ver o atraiçoado procedimento com a Familia Real d'*Hespanha*; o que desgraçadamente nella effeituou, estava tambem destinado ao nosso Augusto PRINCIPE, o qual por huma magnanima resolução frustrou seus designios, e ulteriores planos. Este primeiro revéz, não esperado, cegou-o mais de pressa, e cuidando fascinar os outros, elle mesmo como por prestigio se achou fascinado. Encheo os Estados de *Hespanha* de numerosas Tropas *Francezas*, enganando com falsas promessas o Monarcha, que trahido pelo infame *Godoy*, accedeo a tudo quanto quiz Bonaparte; e mal que vio o caso em bom estado, fez transportar a Familia Real d'*Hespanha* para á *França*, debaixo d'hum pretexto tão pouco ardiloso, como offensivo, e tão mal emprehendido, que desta acção, e proceder, tem dimanado todos os revézes, que elle tem experimentado, e vai experimentándo.

Todos os nossos Comtemporaneos tem pasmado dos rápidos progressos, que elle tem feito; mas chegando mais á sua causa proxima, nós descubrimos, que as suas primeiras armas são de ouro, e que a sua tatica he facil, quando se encontrão muitos *Maks*, *Godoys*, *etc. etc.* Mas que o mesmo Bonaparte vá pasmando do modo quasi incrivel, e muito mais veloz, com que a sua ambição, avareza, e ufania vão retrogradindo para o ponto d'onde partira: que elle admire ver a nova familia *Napoleôa* tão depressa elevada ao Throno, como abatida, e espesinhada para nunca mais chegar nem ao 1.° degráo dos Thronos do Mundo.

Bonaparte prometteo hum Regenerador á *Hespanha*, que sería, dizia elle = *hum outro eu.* = Ninguem duvída que o chamado Rei *José*, não desempenhasse o caracter de seu Irmão, quando já tinha dado em *Napoles* muito boas provas. Des-

graçada *Hespanha*, se visses sentado no Throno d'*Affonso* o Sabio, *Philippe II.*, etc. e finalmente de teu legitimo Rei *Fernando VII.* hum outro *Napoleão*!

Felizmente, este homem começoso de deitar mão do mais protervo procedimento, para enthronizar o seu digno Irmão, e pensando que assim iria facilmente coroando toda a sua familia, foi cavar a sepultura a si, e a ella.

Por este facto horroroso, por onde obriga aos Soberanos d'*Hespanha*, a abdicar nas suas mãos a Coroa, e o Sceptro, toda a Europa não póde deixar de estremecer de horror, e ainda mesmo duvidar por algum tempo, que hum homem até á qui conhecido por hum atilado Politico, cahisse n'hum erro tão palmar, e faltasse a todas as Leis: mas o facto existe, e que a Europa, e os Soberanos do Continente, delle aprendão a calcular os futuros projectos, desse homem execrando, e a atinar com as justas consequencias sobre elles mesmos.

Foi preciso, que a sua maldade se fizesse tão patente, para que o Povo, e toda a Nação *Hespanhola* tomassem o ultimo partido.

A regeneração da *Hespanha*, estava determinada por hum homem degenerado, e totalmente aberrante dos principios de Religião, e da Natureza. Como era possivel, que elle desempenhasse agora o que promettia, quando já mais cumprio huma só coisa que pactuára? Como era possivel que elle quizesse conservar illesa a Religião, e seus Ministros, quando della tinha feito em todas as partes onde chegára, hum novo genero de negocio?

Elle queria regenerar a nossa Religião, fazêla mais respeitada, quando elle era o primeiro, a infringir as Leis Divinas, e todos quantos preceitos ella manda; que era o primeiro a authorisar toda a casta de violencias condemnadas pela Religião Christãa, e pela propria Natureza! A sua impudencia não póde transceder a mais.

Queria livrar a Religião de superstição, e a que elle queria evitar, era o uso das Alfaias dos Sanctuarios, dos Vasos Sagrados, roubando-os!

Queria regenerar a *Hespanha*, com a passagem de todos os Representantes das 3 Classes, para a *França*, voluntaria, ou involuntariamente com o despojo dos bens destes, dando-os a *Francezes*, e deixando-lhes as familias na mais cruel indi-

gencia ; e outras enormidades desta natureza : tentou porém fascinar a Nação com a Constituição , que se segue , quando podia haver a certeza , de que tudo quanto nella houvesse de favoravel já mais havia de ser cumprido.

Quem presumiria vendo o que elle mandou praticar em *Portugal*, e mesmo em *Hespanha* , que o artigo 124 seria em tempo algum desempenhado? E quem não vê a astucia do artigo 108?

Mas para fazer aborrecida a lembrança d'hum homem tal , basta unicamente ver o titulo 2.º.

Persuadido , que a sua força já mais havia de achar resistencia , tentou erigir della hum direito , e postergar as de mais ; sendo sómente a sua criminosa ambição , e avareza , o movel da sua força.

Mas quanto se enganou ! elle veio buscar á *Hespanha* a sua ruina irreparavel : ella he hum justo premio do modo atraiçoado com que procedeu com hum seu Alliado , a quem elle tinha protegido com o aniquilamento do Commercio ; com a perda contínua de Navios ; com a extorsão d'immenso numerario ; d'hum Exercito numeroso e brilhante , para mais facilmente executar seus infames designios ; com a introducção d'outro , commandado pelos homens mais barbaros que o Mundo tem visto. He esta a regeneração que promettia ; e quem erão os Executores ? Homens , elles mesmos os mais degenerados.

Portugal logo predisse o que aconteceo á *Hespanha* , que pelos seus proprios males calcula o que esta Potencia padece , e os que tem padecido as de mais onde elle entrou. A felicidade de *Portugal* , e *Hespanha* , havia ser a mesma que a de *Napoles* , *Hollanda* , *Italia* , *Prussia* , *etc.* Mas que os homens sensatos comparem os factos com o que elles publicão nos seus papeis , e que se deduza a justa consequencia.

Desnecessario he ponderar mais a este respeito , e produzir mais reflexões , lembremos unicamente por fim , em esboço a felicidade , e a regeneração premeditada , á *Hespanha* , e *Portugal.*

A Nação escrava. — Os Ministros da Religião despojados absolutamente de seus rendimentos. — Os empregos públicos occupados por *Usurpadores*. — Elles , Juizes das suas proprias causas , e das nossas. — O Commercio abatido , ou reduzido

a nada. — O numerario Nacional subtrahido, ou para milhor dizer, roubado por horrorosas Contribuições. — A mocidade Conscripta, e em consequencia destas duas ultimas causas, a Agricultura desfalecida; a fome e a miseria a poz. E deixarião deste modo de arrastar as vestes da miseria os mendigos? Toda a Nação assim o era; e elles unicos depositarios das nossas riquezas, que por esta razão já mais experimentarião e sentirião a miseria Nacional.

A publicação da presente Constituição, não foi senão para mostrar, ou para fazer mais pública a falta de fé do *Tyranno* do Continente, comparando-a com as Cartas, e Decretos que elle dirigia ao seu digno Cunhado *Murat*, e que já andão impressas em outros papeis.

CONSTITUIÇÃO

DO

REINO DE HESPANHA.

TITULO I.

ARTIGO I. A Religião Catholica, Apostolica Romana, he em *Hespanha*, e em todos os seus dominios, a Religião dominante e unica. Nenhum outro Culto será tolerado. —

TITULO II.

II. O Principe *José Napoleão*, Rei de *Napoles*, e *Sicilia*, he Rei das *Hespanhas*, e das *Indias*.

III. A Coroa das *Hespanhas*, e das *Indias*, será hereditaria na descendencia directa, natural, e legitima do sobredito Principe, de varão em varão, por ordem de primogenitura, com a exclusão perpetua das femeas. Em falta de descendencia masculina, natural, e legitima do Principe *José Napsleão*, a Coroa das *Hespanhas*, e das *Indias*, tornará a nós em nossos herdeiros, e descendentes masculinos naturaes legitimos, ou adoptivos.

Em falta de descendencia masculina, natural, legitima, ou adoptiva da nossa parte, ás descendencias masculinas, naturaes, e legitimas do Principe *Luiz Napoleão*, Rei de *Hollanda*.

Em falta de descendentes naturaes, e legitimos do Principe

Luiz Napoleão, aos descendentes masculinos naturaes, e legitimos do Principe *Jeronymo Napoleão*, Rei de *Westphalia*.

E em falta destes, ao filho mais velho antes da morte do ultimo Rei, da filha mais velha, entre aquellas que tem filhos varões, e á sua descendencia masculina natural, e legitima; e no caso que o ultimo Rei não designe, qual das filhas que tem filhos varões, aquelle que elle tiver designado por seu testamento; ou entre seus parentes, ou entre aquelles que elle julgar mais dignos de governar os *Hespanhoes*. Esta designação do Rei, será firmada em Côrtes por acceitação.

IV. A Corôa de *Hespanha* não poderá ser já mais reunida a outra Corôa sobre a mesma cabeça.

V. Em todos os Edictos, Regulamentos, Leis, ou Titulos, do Rei de *Hespanha* serão — D. *N.*. por graça de Deos, e da Constituição do Estado, Rei das *Hespanhas*, e das *Indias*. —

VI. O Rei subindo ao Throno, ou no momento da sua maioridade; prestará juramento sobre o Evangelho, ao povo *Hespanhol*, em presença de Côrtes, do Senado, do Conselho d'Estado, do Conselho de *Castella*, dos Arcebispos, e Bispos; o Ministro Secretario de Estado fará acto da prestação do juramento.

VII. Segue-se a formula do juramento.

» Eu juro aos Santos Evangelhos de respeitar, e fazer res-
» peitar a nossa Santa Religião, de manter a integridade do
» territorio de *Hespanha*, de respeitar e fazer respeitar a liber-
» dade individual, e de governar unicamente pelos interesses
» e felicidade, e gloria da Constituição *Hespanhola*.

TITULO III.

VIII. O Rei he menor até á idade de 18 annos completos. Durante a menoridade haverá hum Regente do Reino.

IX. O Regente deve ter ao menos 25 annos completos.

X Será Regente, o que tiver sido designado pelo Rei predecessor, entre os Infantes que tem a idade requesita pelo artigo precedente.

XI. Em falta de designação pelo Rei predecessor, a Regencia, pertence ao Principe mais affastado do Throno na ordem da herança, com tanto, que elle tenha 25 annos completos.

XII. Em caso de menoridade da parte do Principe mais affastado do Throno, a Regencia pertence ao Principe mais proximo, que continuará o exercicio de suas funcções até á maioridade do Rei.

XIII. O Regente não he responsavel dos actos da sua administração.

XIV. Todos os actos da Regencia se farão em nome do Rei menor.

XV. A dotação annual do Regente será o quarto da renda da dotação da Coroa.

XVI. Nos casos em que o Rei predecessor não tiver designado hum Regente, e em que todos os Principes forem menores, a Regencia será exercitada pelos Ministros reunidos em Conselho de Regencia.

XVII. Todos os negocios de Estado, se decidirão a pluralidade de votos no Conselho da Regencia. O Ministro Secretario de Estado fará hum registro das deliberações.

XVIII. A Regencia não terá algum direito sobre a pessoa do menor.

XIX. A guarda do Rei menor, he confiada a sua Mãi, e em sua falta ao Principe designado pelo Rei predecessor.

XX. O Conselho de tutella, composto de Ministros, será especialmente encarregado de vigiar na educação do Joven Rei; e elle será consultado nos negocios relativos á sua pessoa, e á sua Coroa.

TITULO IV.

Dotação da Coroa.

XXI. Os Palacios de *Madrid*, *Escurial*, *Santo Ildefonso d'Aranjuez*, *del Pardo*, e todos os outros, que fazem ao presente parte dos bens da Coroa, comprehendendo Jardins, Dominios, e Propriedades de qualquer natureza que sejão, formão o patrimonio da Coroa, e se elles não chegarem á somma annual de hum milhão forte de patacões, ser-lhe-hão juntos outros bens patrimoniaes até que a renda chegue á sobredita somma.

XXII. O Thesoureiro lançará annualmente no Thesouro da Coroa, huma somma forte de 2 milhões de patacas.

XXIII. Os filhos do Rei terão desde a idade de 12 annos a titulo d'alimentos, a renda annual seguinte. O Principe Herdeiro 200$ patacas; cada hum dos Infantes 100$, cada huma das Infantas 50$. Estas sommas serão lançadas no Thesouro da Coroa.

XXIV. A Renda da Rainha será de 400$ patacas, e será paga pelo Thesouro da Coroa.

TITULO V.

Dos Officiaes da Casa Real.

XXV. Os Chefes, e Officiaes Móres da Casa Real serão 6 a saber: hum Esmoler Mór; hum Mordomo Mór; hum Copeiro Mór; hum Escudeiro Mór; hum Monteiro Mór; e hum Mestre Mór de ceremonias.

XXVI. Os Gentis-homens da Camara, Mordomos, Capellães d'honra, e Escudeiros, são Officiaes da Casa Real.

TITULO VI.

Do Ministerio.

XXVII. Haverá 9 Ministros, a saber: Ministerio da Justiça, o do Culto, o dos Negocios Estrangeiros, do Interior, dos Dominios, da Guerra, da Marinha, das Indias, e da Policia Geral.

XXVIII. Hum Secretario de Estado, com qualidade de Ministro, assignará todos os actos.

XXIX. O Rei póde confiar diversos ministerios, a hum só Ministro.

XXX. Não ha outra presidencia entre os Ministros, senão a antiguidade de sua nomeação.

XXXI. Os Ministros, cada hum da sua parte, são responsaveis da execução das Leis, e das Ordens do Rei.

TITULO VII.

Do Senado.

XXXII. O Senado se compõe 1.° de Infantes de *Hespanha*, de idade de 18 annos completos; 2.° de 24 Individuos nomeados pelo Rei, entre os Ministros, Capitães Generaes, Embaixadores, Conselheiros d'Estado, e membros do Conselho de *Castella*.

XXXIII. Os Conselheiros d'Estado, são membros do Senado. Não será feita alguma nomeação, sem que elles sejão reduzidos a hum numero menor que o de 24, precedentemente determinado.

XXXIV. O Presidente do Senado he nomeado pelo Rei, e eleito entre os Senadores. A duração das suas funcções he de hum anno.

XXXV. O Senado se junta por Ordem do Rei, ou por requerimento das Juntas, ou de hum de seus Officiaes, para negocios ulteriores.

XXXVI. Em caso de sublevação de mão armada, ou de receios relativos á seguranga do Estado, o Senado, pela proposição do Rei, póde suspender o Imperio do acto constituicional em hum paiz, e por hum tempo determinado.

(Alguns outros artigos são relativos ao estabelecimento de duas Juntas Senatorias, compostas cada huma de 5 membros, que se renovaráõ por 5, todos os seis mezes, encarregadas huma de vigiar na liberdade individual, a outra na liberdade da Imprensa. Mas o Senado não nomeará estas 2 Commissões se não 2 annos depois de posto em vigor o presente Estatuto convencional, Epoca em que se restabelecerá a liberdade da Imprensa.)

XLIX. As operações de eleição pela nomeação dos Deputados das Provincias, ou das Juntas municipaes, pela nomeação dos Deputados das Cidades, não podem ser anuladas como inconstituicionaes, se não for pelo Senado, que conhecer desta materia por proposição do Rei.

TITULO VIII.

Do Conselho d'Estado.

L. Haverá hum Conselho d'Estado presidido pelo Rei, que se comporá de 30 membros ao menos, e de 60 pelo mais, que será dividido em 6 sessões: da Justiça, do Culto, do Interior e da Policia, das Finanças, da Guerra, da Marinha, e das Indias.

LI. São membros natos do Conselho d'Estado, os Ministros, e o Presidente do Conselho de *Castella*; elles assistiráõ ás sessões do Conselho d'Estado, quando julgarem conveniente; não fazem parte d'alguma sessão, e não se contão no numero fixo do artigo precedente.

LII. Ao Conselho d'Estado, são adjuntos Consultantes, Auditores, e Advogados.

LIII. Os projectos das Leis Civís, e Criminaes, e os regulamentos geraes d'Administração pública, são examinadas, e executadas pelo Conselho d'Estado.

LIV. Elle conhecerá da competencia, e Jurisdicção entre os Corpos administrativos, e judiciarios, do contencioso administrativo, e da citação em justiça, dos agentes ou empregados d'Administração pública.

LV. O Conselho d'Estado, no que pertence aos negocios de sua dotação, não tem senão a voz consultativa.

LVI. Os Decretos Reaes sobre os objectos que fazem parte das attribuições das Côrtes, depois que forem discutidos em Conselho d'Estado, tem força de Lei, até ao 1.° juntamento de Côrtes.

TITULO IX.

Das Côrtes.

LVII. As Côrtes ou Juntas da Nação, são compostas de 30 membros, divididos em 3 Estados ou Ordens: a do Clero, da Nobreza, e a do Povo. O Clero se colocará á direita do Throno, a Nobreza á esquerda, o Povo na frente.

LVIII. A ordem do Clero será composta de 25 Arcebispos ou Bispos.

LIX. A Ordem da Nobreza será formada de 25 Nobres, que tiverem titulo de Grandes de Cortes.

LX. A Ordem do Povo será formada de 62 Deputados das provincias, de 62 Deputados das Cidades principaes, de 15 Negociantes, ou Commerciantes, de 25 Deputados das Universidades, tomados das pessoas mais distinctas nas Sciencias, e Artes.

LXI. Os Arcebispos, ou Bispos, que compõem a Ordem do Clero, serão elevados á dignidade de membros de Côrtes, por huma sedula sellada com sello grande d'Estado. Não poderáõ ser privados do exercicio das suas funcções se não em virtude d'hum Juizo pronunciado por hum Tribunal competente, e em fórma autentica.

LXII. Os Nobres para serem elevados á Classe de Grandes das Côrtes, deveráõ gozar d'huma Renda annual de 20$ patacas pelo menos, e ter feito importantes Serviços na Carreira Civil, e Militar. Serão elevados a esta Classe, por huma sedula sellada com o sello grande d'Estado. Não poderaõ ser privados do exercicio de suas funcções, senão em virtude d'hum Juizo pronunciado por hum Tribunal competente, e em fórma autentica.

LXIII. Os Deputados das Provincias serão nomeados por elles, em razáõ d'hum Deputado por 300$ habitantes pelo menos. Para este effeito, as Provincias serão divididas em tantas eleições, quantas forem necessarias para ter a população, que dá direito á nomeação do Deputado. " Os artigos LXIV, LXV, LXVI, LXVII, LXVIII, LXIX, LXX, pertencem ás formalidades, pelas quaes os Deputados, ou do Povo, ou do Commercio, ou das Universidades devem ser eleitos.

LXXI. As Côrtes se ajuntão em virtude d'huma convocação do Rei. Não podem ser suspensas, prorogadas, nem dissolvidas sem ordem. Elles se juntaráõ ao menos huma vez todos os 3 annos.

LXXII. O Presidente das Côrtes será nomeado pelo Rei, e tomado em 3 Candidatos, nomeados pelas Côrtes, ao scrutinio, e á pluralidade absoluta de votos.

LXXIII., e LXXIV. Na abertura de cada sessão, as Côrtes nomearáõ 3 Candidatos para a Presidencia, 2 Vice-Presi-

dentes, 2 Secretarios, 3 Commissões cada huma de 5 membros, a saber: Commissão de Justiça, do Interior, e das Finanças.

LXXV. As sessões das Côrtes não seráõ públicas. Os votos serão recolhidos por scrutinio.

LXXVI. As opiniões, e os votos, não devem ser nem impressos, nem divulgados. Toda a publicação por via de impressão, ou bolletim, feita pela Junta das Côrtes, ou por algum de seus membros, será considerada como hum acto de Rebelião.

LXXVII. As mudanças que devem ter lugar, ou no Codigo Civil, ou no Criminal, ou no Systema dos Impóstos pecuniarios, serão propostas á deliberação das Côrtes pelos Oradores do Conselho d'Estado.

LXXIX. Os Decretos do Rei expedidos em consequencia d'huma deliberação das Côrtes, serão promulgados com esta formula. = *Oui, les Côrtes.* = Sim as Côrtes.

LXXX. No caso em que as Côrtes julgarem ter queixas graves, a formar sobre a conducta d'hum Ministro, a supplica que exposer as suas causas, e motivos, será levada aos pés do Throno por huma Deputação. O Rei fará examinar esta supplica por huma Commissáõ composta de 6 Conselheiros d'Estado, e de 6 membros do Conselho de *Castella.*

TITULO X.

Das Colonias.

LXXXII. As Colonias *Hespanholas*, d'*America*, e d'*Asia*, gozaráõ dos mesmos direitos que a metropole.

LXXXIII. Cada Reino, e Provincia, terá constantemente junto do governo, Deputados encarregados de vigiarem seus interesses, e servir-lhe de representantes nas Côrtes.

LXXXIV. Estes Deputados serão em n.° de 22, a saber: 2 da Nova *Hespanha*, 2 do *Perú*, 2 do Novo Reino de *Granada*, 2 de *Buenos-Aires*, 2 das *Filippinas*, 1 da *Ilha de Cuba*, 1 do *Porto Rico*, 4 da Provincia de *Venesuóla*, 1 de *Chareas*, 1 de *Quito*, 1 do *Chili*, 1 de *Guatimálá*, 1 de *Guadalaxaca*, 1 das Provincias ulteriores Occidentaes da Nova *Hespanha*, 1 das Provincias Orientaes.

LXXXVI. Estes Deputados exercitaráõ suas funcções durante 8 annos: se na expiração deste tempo, seus successores não tiverem chegado, elles continuaráõ suas funcções até á sua substituição.

TITULO XI.

Da Ordem Judiciaria.

LXXXVII. A *Hespanha* será regida por hum só Codigo de Leis Civís.

LXXXVIII. A Ordem Judiciaria he independente.

LXXXIX. A Justiça será administrada em nome do Rei, pelos Juizes, e Tribunaes, que por elle forem estabelecidos. Os Tribunaes que tem attribuições especiaes, e todas as justiças ecclesiasticas (*d'abaye*) d'Ordem, ou de Senhores quaesquer, são supprimidas.

XC. Os Juizes são nomeados pelo Rei.

XCI. Não se poderá proceder á distituição d'hum Juiz, se não em consequencia d'huma denunciação feita pelo Presidente, ou Procurador geral do Conselho de *Castella*, e a deliberação motivada deste Conselho, será submettida á approvação Real.

XCII. Haverá Juizes conciliadores, que formaráõ hum Tribunal de paz: Juizes de primeiras instancias, e Tribunaes, ou lugares de appello para todo o Reino, e hum Tribunal de revisão.

XCIII. As sentenças pronunciadas em ultimo Juizo, terão plena, e inteira execução, e não poderáõ ser conduzidas a algum Tribunal, sem que tenhão sido annuladas pelo Tribunal de revisão.

XCIV. O numero de Tribunaes de primeira instancia, será determinado segundo a extenção do territorio. O numero de Tribunaes, ou Lugares d'appello repartidos por todo o territorio, será de 9 pelo menos, e 15 pelo mais.

XCV. O Conselho de *Castella* encherá as funcções de Tribunal de revisão, para á *Hespanha*, e *Indias*. Haverá hum Presidente, e dous Vice-Presidentes. O Presidente, he membro nato do Conselho d'Estado.

XCVI. Haverá no Conselho de *Castella*, hum Procurador geral, ou Fiscal, e o numero de substitutos necessarios para a expedição dos negocios.

XCVII. Os processos criminaes serão públicos. Instituir-se-hão segundo as formalidades dos processos por jurados.

XCVIII. Poder-se-ha prover em revisão contra toda a sentença criminal; este recurso será levado ao Conselho de *Castella*.

XCIX. O direito de fazer mercês e perdões, pertence ao Rei, que o exerce depois de ter ouvido o Ministro da Justiça em hum Conselho privado, composto de 2 Ministros, 2 Senadores, 2 Conselheiros d'Estado, e 2 membros do Conselho de *Castella*.

C. Haverá hum só Codigo de Commercio para todo o Reino.

CI. Em cada Praça principal de Commercio haverá hum Tribunal de huma Junta de Commercio.

TITULO XII.

Da Administração das Finanças.

CII. Os vales Reaes são definitivamente constituidos em divida Nacional.

CIII. As Alfandegas interiores do districto, e de Provincia em Provincia, são supprimidas, e serão transferidas ás fronteiras de terra, e mar.

CIV. O systema de Contribuições será uniforme em todo o Reino.

CV. Todos os Privilegios, que existem actualmente concedidos a corporações, ou a particulares são supprimidos. Conceder-se-há a indemnidade pela suppressão dos Privilegios, que tiverem sido adquiridos com titulo oneroso.

CVI. A nomeação de todos os empregos, pertence ao Rei, ou ás authoridades a quem elle as confia, segundo as Leis e regulamentos.

TITULO XV.

Disposições geraes.

CVII. Haverá perpetuamente alliança offensiva, e defensiva, tanto por terra, como por mar, entre a *França* e a *Hespanha*. Hum tratado particular determinará os contingentes, que cada huma das 2 Potencias deve fornecer em caso de guerra de terra ou de mar.

CVIII. Os Estrangeiros que tem, ou tiverão feito serviços importantes ao Estado, os que podem ser uteis por seus talentos, invenções, ou industria, os que formão grandes estabelecimentos, ou tem adquirido huma propriedade territorial, por contribuição da qual paguem 50 patacas fortes, poderáõ ser admittidos a gozar do direito de neutralidade em *Hespanha*: o Rei concede este direito por via do Ministro do Interior, depois d'ouvido o Conselho de *Castella*.

CIX. A Casa de todo o habitante do territorio *Hespanhol* será hum asylo inviolavel; não se póde ahi entrar, se não de dia, e por hum objecto determinado por huma Lei, ou em virtude d'huma Ordem legal, e por escrito.

CX. Nenhuma pessoa residente no territorio *Hespanhol*, póde ser preza, se não em fragante delicto, ou em virtude d'huma Ordem legal, e por escrito.

CXI. Para que hum mandado de prizão possa receber sua execução, he necessario: 1.º que o motivo de prizão seja formalmente expresso, e que se cite a Lei, que o ordena; 2.º que ella emane d'huma authoridade, á qual a Lei lhe conceda formalmente o poder; 3.º que elle seja notificado á pessoa, que delle faz o objecto, e que se lhe deixe huma cópia.

CXII. Todo o Carcereiro será obrigado, sem que elle possa dispensar-se, por huma Ordem qualquer de representar a pessoa detida ao Magistrado encarregado da policia das Cadêas, todas as vezes que lhe for requerido.

CXIII. Nenhum Carcereiro poderá receber, ou deter, alguma pessoa sem ter copiado em seu registro o mandado de prizão, ou decreto d'accusação, ou sentença, ou em fim toda a ordem, em virtude da qual, elle retem a pessoa.

CXIV. Náo se poderá negar a entrada da prizão aos pa-

rentes, ou amigos do prezo, que se presentarem com ordem do Magistrado. Huma ordem só do Juiz significada ao Carcereiro poderá reter no segredo hum prezo.

CXV. Todos aquelles, que não tendo recebido da Lei mandado de poder passar mandados de prizão, ordenem ou, fação executar prizões de qualquer individuo que seja: todos aquelles que no caso de mandado de prizão authorisado pela Lei; recebão, ou detenhão hum prezo em lugar, que não he legalmente reconhecido como casa de prizão; todo o Carcereiro que contravenha as disposições dos 3 artigos precedentes, se fazem culpaveis do crime de detenção arbitraria.

CXVI. Todo o rigor, que não he necessario para se assegurar da pessoa d'hum prezo, e que não he expressamente authorisado pela Lei, he hum delicto.

CXVII. Se chegar ao conhecimento do governo, se trame alguma conspiração contra o Estado, o Ministro da Policia póde passar mandados de prizão contra os pervenidos, authores, ou cumplices.

CXVIII. Todo o fideicommisso, morgados, ou substituições, que podem existir sobre bens, que não produzão huma renda annual de 5$ patacas fortes, são abolidos; o possuidor actual destes bens continuará a gozar delles.

CXIX. Todo o possuidor de bens gravados de fideicommisso, morgados, e substituições, que produzão huma renda annual de mais de 5$ patacas fortes, poderá, se elle julgar a proposito, pedir que estes bens sejão livres; a permissão, para isto necessaria será concedida pelo Rei.

CXX. Todo o fideicommisso, morgados, ou substituições actualmente existentes, que produzem por si mesmos, ou pela reunião de muitos fideicommissos, morgados, ou substituições na mesma Cabeça huma renda de mais de 20$ patacas fortes, serão reduzidas ao capital, que produzir em liquidação a dita somma. Os bens que a isto pertencão serão então livres, e ficarão possuidores, e os actuaes proprietarios.

CXXI. O Rei fará no espaço de hum anno hum regulamento pela execução das disposições contidas nos 3 artigos precedentes.

CXXII. Entre tanto, não se poderá fazer algum fideicommisso, morgado, ou substituição, se não em virtude da concessão feita pelo Rei, em razão dos serviços feitos ao Estado,

e para perpetuar em dignidade as familias, que são dignas delles. A renda annual destes fideicommissos, morgados, ou substituições não poderá em caso algum exceder a 20$ patacas, ou menor que 5$.

CXXIII. Os differentes gráos, e Classe de Nobres actualmente existente, serão conservados com suas distincções respectivas, mas sem isenção de cargos, e obrigações públicas, e sem que nunca se possa exigir a qualidade de Nobre, para encher hum lugar, ou civil, ou ecclesiastico, ou para occupar hum posto nos Exercitos de terra e mar; os serviços, e os talentos, serão os unicos titulos que podem procurar adiantamento.

CXXIV. Ninguem poderá encher empregos civís, ou ecclesiasticos, senão *Hespanhol*, ou naturalisado *Hespanhol*.

CXXV. A dotação das differentes ordens de Cavalleiros, não poderá ser desviada da sua distincção primitiva, que he de recompensar serviços feitos ao Estado. Em caso algum huma mesma pessoa não poderá possuir muitas Commendas.

CXXVI. O presente Estatuto Constituicional será successivo, e gradualmente posto em execução, em virtude dos Decretos, ou Edictos do Rei, de modo que a totalidade de suas disposições seja posta em execução e vigor, antes do 1.° de Janeiro de 1813.

CXXVII. A liberdade da Imprensa será estabelecida depois que o presente Estatuto Constituicional seja posto em execução, segundo o modo prescripto pelo artigo precedente. As Côrtes farão huma Lei para a organisação de liberdade de Imprensa.

CXXVIII. Na primeira sessão de Cortes, que tiver lugar antes de 1820, poder-se-ha por Ordem do Rei submeter ao exame, e á deliberação as addições, modificações, ou melhoramento, que se julgarem dever-se fazer ao presente Estatuto Constituicional.

Dado em Bayona a 6 de Julho de 1808

(Assignado) *José.*

Approvado por nós membros da Junta. Bayona, [illegible] Julho.

N.º 5.º

REPRESENTAÇÃO

ESCRITA

POR

D. JOÃO ESCOIQUIZ,

MESTRE

DE

D. FERNANDO VII.

QUANDO ERA

PRINCIPE DAS ASTURIAS;

A qual sendo achada entre os Papeis do mesmo Principe, servio de primeiro fundamento para a causa do Escorial.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
1810.

Com licença.

REPRESENTAÇÃO
DO PRINCIPE DAS ASTURIAS
D. FERNANDO
A SEU PAI
D. CARLOS IV.

SENHOR.

O Filho mais humilde, e mais amante de V. M., prostrado aos seus Reaes Pés com profundo respeito, lhe roga pelo Deos que nos creou e remio, a graça de ler com reflexão e vagar esta respeitosa Representação, na qual nada menos se trata do que salvar o throno, a vida de V. M., a de toda a sua familia, e a sua propria, das maquinações da perfidia, e ambição desenfreada.

Se V. M., depois de a ler, não julgar poderosas (o que supponho impossivel) as palpaveis provas que dou da existencia e actividade destas maquinações, peço fervorosamente a V. M. seja servido conservar em profundo segredo esta Representação, e quanto lhe pertence, de modo que nem á mesma Rainha a communique, nem lhe dê de cousa alguma os menores indicios: pois se esta Senhora os tivesse, ficaria exposto seu triste filho a ser instantaneamente sacrificado á virgança dos inimigos de ambos, não por vontade de sua amada e digna Mãi, mas porque se tem conseguido com artes diabolicas preoccupa-la de tal modo, que, segura no bom conceito que delles fórma, tomaria por delirios estes justos queixumes e temores: não lhos encobreria a pezar de todas as instancias; e elles apenas tivessem a menor suspeita, commetterião a maior maldade.

Certo pois de que o amor paternal fará, pelo menos, que V. M. guarde religiosamente hum segredo, que recommenda e exige o Direito Natural, representarei quanto, com grande mágoa, tenho forçadamente occultado até agora no fundo da alma: horrores, que surprehenderão a V. M., por isso que os não espera.

Desejoso estará V. M. de ouvir já, e de saber, sobre tudo, quem he o atrevido e principal motor, e quaes são os perigos que o ameação. Admire-se V. M., não ha cousa mais pública. A Corte, a Nação, a Europa inteira o sabem! Só meu triste e adorado Pai o ignóra! Só ao Throno, por elevado, ainda não chegou o que he de todos conhecido. O mesmo succedeo ao justo Asuero, Rei da Persia: todos sabião, e ninguem revelava as maldades do conspirador Aman, em quem o Rei confiava; até que a Rainha, sua esposa, reduzida ao extremo de morrer com todo o seu povo ou de o accusar, tomou a resolução de descubrir quanto sabia, reservando sómente o nome do traidor para o momento, em que o Rei lhe perguntou: *Quem he o temerario, e que poderes tem para se arrojar a semelhantes excessos?* Então lhe respondeo: *He Aman, aquelle, em cujas mãos depositastes a vossa authoridade, e a quem distinguis com tão altas provas de estimação.* Assim, Senhor meu e Pai, respondo agora á mesma pergunta, que interiormente me fará V. M. = He D. Manoel Godoy, o Principe da Paz, o Generalissimo, o Almirante, aquelle que deveria por cada hum destes titulos beijar as pizadas de V. M.: aquelle, que honrado até ao extremo com a sua confiança e carregado de favores, devia sacrificar-se, servindo a V. M., a este seu desgraçado filho, e a toda a Real Familia. He elle o perverso, que abandonando todo o respeito, aspira claramente a despojar-nos do throno, e a destruir-nos totalmente. =

Sei que V. M., por mais que confie na minha veracidade, ficará confuso e duvidoso, ouvindo proposições tão contrárias ás idéas que tem concebido; porém não pertendo que acredite as minhas palavras, só desejo que pelas provas apontadas neste papel, onde se não podem citar testemunhos legaes, nem tão pouco expender, mas só indicar as razões e factos necessarios para provar a justiça da accusação, julgue se esta deve ser attendida, e se em materia tão importante se podem desprezar precauções, ou deixar de examinar fundamentos. Fazendo pois ver, como farei, que o dito Godoy he hum ambicioso, cubiçoso, inepto, e até hum conspirador, por todos os sinaes e procedimentos, espero que V. M. se queira (sem me dar credito e sem mo negar) servir, na averiguação completa da verdade, dos justissimos e adequados meios, que terei a honra de lhe indicar, sem os quaes não he possivel que ella chegue pura aos seus ouvidos.

Chama-se ambição desmedida a de hum homem, que tendo poucos ou nenhuns meritos, se levanta do infimo lugar á maior altura, nunca satisfeito de honras, dignidades, nem po-

deres. Godoy em menos de dezoito annos subio de simples Guarda de Corpos, e de Fidalgo particular e pobre a Generalissimo e Almirante; e não só chegou a Principe, e Grande de primeira classe, mas até a enlaçar-se com huma proxima parenta nossa, e a gozar do tratamento de Alteza, reservado até agora em Hespanha ás Pessoas Reaes, com quem se iguala. Está condecorado além disto com as insignias superiores de todas as Ordens do Reino, e muitas dos estranhos, e sem poder allegar que tudo se lhe deo e nada pedio; pois a mesma desculpa teria podido dar o citado Aman, e quantos favoritos ambiciosos tem existido no mundo, pois todos sabem disfarçar sua ambição, valendo-se do artificio de mover efficaz, mas indirectamente, o Soberano por terceiras pessoas, para se lhe multiplicarem as dignidades, sem serem pedidas directamente, e até affectar repugnancia, para lhe avivarem o desejo de dar, adquirindo ao mesmo tempo a reputação de moderados: trama esta, que por muito usada, já não serve para illudir. O homem verdadeiramente moderado longe de abusar do affecto de seus amos, recusa-se com tal firmeza a acceitar favores demasiados, que os obriga a não transpôrem os limites do justo: como os estima devéras, antes quererá perder quanto possue, do que expô-los ás justas censuras do público. E por ventura tem sido este o proceder de Godoy, que nem huma só vez resistio a V. M. com força, ou repugnou com sinceridade, dando provas verdadeiras de desinteresse, (e talvez nem falsas e apparentes) excepto quando se tratava de favores, que pouco lhe importavão? Que maiores provas se querem da sua illimitada ambição? E que meritos tem para semelhantes accessos, de cuja rapidez se admira o mundo? Se nelle houvera algum sentimento de honra e pundonor, vergonha teria de se ver sem merecimento em tão elevada altura, e de considerar como tem iniquamente enganado seus Soberanos, e trabalhado com todas as suas forças para sermos o objecto das práticas e murmurações dos vassallos.

No curto espaço de cinco annos, sem sahir da Corte, passou de Guarda e de particular a Capitão General do Exercito, Duque de Alcudia, Grande de primeira classe, e Ministro de Estado. Que serviços tinha feito na idade de vinte e seis annos, para lhe tocarem tão altos cargos? V. M. não poderá seguramente descubri-los, nem elle mesmo os assignará, ainda que se lhe consinta ser Juiz em causa propria; pois tudo deve aos artificios, com que se insinuou no coração benigno e candido de minha amada Mãi, e se aproveitou da bondade de V. M., que avaliando a generosidade dos outros pela sua, julgão que não existem corações dolosos e perfidos. Reconheça V. M. ambos

os vicios naquelle homem prejudicial e desagradecido.

Depois que se lhe conferio o Ministerio de Estado até agora, quaes são os seus novos merecimentos, ou serviços? Os fructos do seu governo tem sido huma guerra mal dirigida contra a França: huma paz onerosa: a total ruina e descredito do Erario: e huma serie de desgraças vergonhosas. Nem obsta que as nossas armas tenhão algumas vezes triunfado, pois no governo do homem mais inepto, se não forem igualmente inhabeis todos os Chefes de mar e terra, sempre alguma vez terão vantagem em acções particulares, ou na defeza dos pontos de que se encarregárão. Bem sei que para enganar minha amada Mãi e V. M., tem usado da trama de suppôr conspirações occultas por elle desconcertadas, sedições igualmente previstas e evitadas, e outras apparencias semelhantes; porém nunca deo da sua existencia mais prova, que a narração; e se entre ellas houve alguma verdadeira, (como supponho a de Picorrel e complices) não a descubrio elle; mas ainda que a descubrisse, seria acaso prova grande da lealdade revelar e cohibir hum attentado, em que elle pelo menos perigava, tanto como os seus Monarcas? Que forão provavelmente as outras, senão patranhas mal arranjadas, e inventadas, para que VV. MM. se receassem de todos, para ganhar exclusivamente a sua confiança, persuadir-lhe, que rodeados de inimigos, não podião viver em segurança sem a sua vigilancia e zelo, e chegar assim a domina-los, fazendo que depositassem toda a authoridade nas suas traidoras mãos? Se V. M. se recordar com reflexão do passado, julgo que reconheeerá que foi esta a sua tactica, e que não me engano nas minhas conjecturas.

Não he menos certo, que para reforçar esta geral disposição de receio e desconfiança nos sinceros e nobres corações de VV. MM., muitas vezes se terá servido de notar a frialdade, com que o Povo de Madrid os recebe, ha tempos, quasi sem *vivas*, persuadindo-lhe que são effeitos da falta de amor a seus Soberanos, e que se não fôra a sua actividade, e sábias providencias, haverião consequencias funestissimas. Ah Senhor! A principal, ou para melhor dizer, a unica causa da frieza de tão triste e leal Povo, e até de toda a Nação, não he huma criminosa falta de amor aos seus Monarcas, a quem tem amado, amão, e amarão sempre; mas a péssima e tyrannica administração desse homem, e a dor de verem, por hum effeito da mesma bondade, e rectidão do coração de V. M., elevado tal monstro ao poder com que domina e opprime todo o Reino. No mesmo instante em que V. M. desenganado, lhe suspender as faculdades, para examinar a sua conducta e a de seus adhe-

rentes, verá renascer o ardor, com que os Madrilenos, assim como os outros vassallos, amão seus dignos Soberanos, e entrando em Madrid, serão VV. MM. mais que nunca applaudidos e adorados. Como deixará a Nação de abominar o governo de Godoy, e de se indignar, vendo-se a elle sugeita, se além dos motivos mencionados, e de outros que depois exporei, conhece a sua crassa ignorancia, e por consequencia a sua absoluta incapacidade para empregos, cujo desempenho exige não conhecimentos vulgares, (dos quaes tambem carece) mas grandes talentos, luzes superiores, experiencia larga, e prudencia consummada? Com que desprezo o não olhará, se longe de lhe divisar o menor indicio de taes dotes, cada dia descobre claras provas da sua incrivel fatuidade? Não digo, Senhor, cousas imaginarias: V. M. deve conhecer isto mesmo, reflectindo sobre as suas conversações; pois com os vastos e sólidos conhecimentos, que V. M. tem em todas as materias, he impossivel que não descubra a sua ignorancia, a pezar da arte que tem de illudir os que o ouvem, encubrindo-a ora com silencio acompanhado de géstos de authoridade, ora com certos termos emphaticos, que reserva para taes casos, e em fim com o ar de mestre, com que assoalha o pouco que tem aprendido á força de tratar dos negocios, e com que augmenta o valor ás especies mais triviaes. Se V. M. não notou o que digo, he porque lhe não tem dado attenção; e nesse caso lance V. M. a vista para as poucas producções da sua penna, em que empregou todos os desvelos: para essas Proclamações que espalhou, fazendo alarde dos seus talentos, dirigidas ao Corpo respeitavel da Nação, para a consolar e animar, ou ao Exercito abundante de Generaes experimentados, e de Officiaes instruidos e benemeritos, e verá claramente indecencias e grosserias até improprias dos homens mais vulgares. Sirva de exemplo a famosa Proclamação dirigida ao Exercito, que debaixo do seu commando supremo se destinava a invadir Portugal, e publicada na Gazeta extraordinaria de Madrid de 24 de Maio de 1801. Com admiração lerá V. M. hum tecido de disparates compostos no estilo mais rasteiro e ridiculo, e entre elles a inaudita descuberta, que fez esse grande General, do célebre ardil com que se malogravão todas as nossas anteriores emprezas contra Portugal, communicado a todo o Exercito para sua instrucção: estratagema tão singular, que sómente a sua cabeça o poderia admittir. Eis-aqui as proprias palavras, com que o descreve. „ As guerras antecedentes contra es-
„ te mesmo Povo tem sido desgraçadas não só no exito, mas
„ tambem nas circumstancias. O inimigo, que acostumado
„ á fuga, raras vezes apresentava batalha, sabia fingir-se mor-

„ to, cubrindo-se, como podia, no campo de batalha, e apenas „ os nossos batalhões se retiravão olhando compadecidos para „ os estragos do seu valor, erguião-se estes mesmos fingidos „ cadaveres para os accommetter pelas costas, de sorte que não „ houve General, nem individuo algum, que não experimen- „ tasse a sua aleivosia. „ Omitto o que precede e se segue, bem que seja jocosissimo, e digno de se conservar para recreação dos vindoiros, e contento-me com esta amostra. Por ventura hum homem, que acredita e publica em lance tão serio tão grosseiros desatinos, possue a mais pequena idéa da guerra ou da arte militar? Que mais diria hum rustico, que nunca tivesse sahido da sua aldêa? Fazer-se morto hum Exercito inteiro: passar-lhe o inimigo por cima: não só julgar que está verdadeiramente morto pelas suas armas, mas compadece-lo, e depois resuscitar o Exercito defunto, accommetter o outro pela retaguarda, e não deixar nem General, nem soldado vivo, he talvez de todos os romances, que os cégos apregôão, o que abunda em mais tolices em menos palavras. Como póde hum tal homem mandar Exercitos, e dirigir huma campanha? Felizmente foi guerra de logração; aliás já teria a Hespanha chorado. Mas qual não foi a mófa e o escarneo, que tanto o Exercito, como a Nação fizerão da Proclamação e de seu author, bem que escondidamente, por causa do terror da tyrannia, e o que igualmente manifestárão sem rebuço as Nações estrangeiras com desdouro do nosso Governo, e da Patria? Godoy só mostrou talento para a intriga e fraude, e para a satisfação de todas as suas paixões, em cujos artigos tem sido Mestre, como ordinariamente o são todos os ineptos para o bem.

Que diremos da sua cobiça? Por não cançar a attenção de V. M., darei unicamente huma breve idéa della. Não contente com a rica devesa d'Alcudia, *el Soto de Roma*, e *la Albufera de Valencia*, e outras muitas pingues fazendas, que tem adquirido publicamente, e com aquellas que, segundo a voz geral, tem comprado ou adquirido occultamente, que bastavão para o fazer o mais oppulento vassallo, não desprezou arbitrio, nem poupou diligencia para se apoderar da maior parte do numerario de Hespanha. Além de ter acceitado todas as pensões, e crescidos soldos que se lhe derão, tem tirado e está tirando, como quer, do Real Erario todo o cabedal que precisa para a meza, construcção da sua casa, e outros objectos. E em que especie cobra os soldos, e tira essas quantias? Não só em metal, mas em ouro, sem receber a minima parte em papel, quando a toda a Real Familia, e a mim, se pagão os precisos alimentos que nos tocão em bilhetes ou letras, com prazos mui largos, e cujo

importe he de difficil conducção. Quem poderá calcular o que tem ganhado no cambio dos mesmos bilhetes, e no vasto commercio, que, segundo consta, faz debaixo de outros nomes, com as vantagens e a liberdade, que lhe dão as riquezas e a prepotencia? Basta a magnificencia da sua casa, e o luxo apurado de seus móveis e alfaias, em comparação do qual he nada o dos Palacios de V. M. para se conhecer (attendida a sua natural mesquinhez e avareza) que o seu bolcinho tem sido o abysmo de todas as riquezas do Reino..... e quando! em tempos calamitosos, nas épocas em que se não ouvião em toda a Hespanha mais que os clamores da pobreza, os soluços da miseria: quando seu mesmo Rei, seu bemfeitor, via com mágoa muitos criados seus obrigados a mendigar, pelo atrazamento forçoso das pagas: quando V. M. até diminuia a indispensavel decencia: quando faltava dinheiro para os Militares e Magistrados, e para os pagamentos dos Marinheiros e Artifices empregados nos Arsenaes, e Esquadras: quando não cobravão no tempo devido as viuvas e orfãas, nem os crédores dos fundos públicos: e quando em fim se despojavão os Templos dos seus ornatos sagrados para se supprirem as neeessidades do Reino. Moveo-se acaso alguma vez o coração empedernido desse homem miseravel e ingrato, compadecendo-se das mágoas dos seus Soberanos, e dos males da Patria? Cedeo soldos, ou sacrificou parte das suas riquezas para se mostrar grato a tantos beneficios, e terminar tantos apertos? Não deveria ter excedido todos os vassallos em zelo e generosidade, determinado ao menos pela vergonha de ver os donativos voluntarios dos mais pobres, que emulando com os ricos, tiravão do proprio sustento para remediarem as necessidades do Reino, e consolarem seus Monarcas? Mas que se podia esperar de homem tão cubiçoso, que a pezar de ver o augmento excessivo das urgencias do Erario, se não contenta com o que lhe tira, fechando com cem cadeados seu thesouro, e se atreve a receber o excessivo soldo de duzentos mil reales por mez, do emprego de Almirante, sem prejuizo de seus direitos e utilidades que recebe, cujo producto não sei avaliar, mas que deve ser quantioso, principalmente nas suas mãos?

Não sei se, por astucia, aventuraria algum offerecimento, ou mostraria a V. M. repugnancia para receber algum soldo; mas não o julgo verosimil, pois se assim fora, não bastarião todas as trombetas da Fama para publicar a noticia e applaudir a acção, ainda que insignificante fosse; e atrevo-me a affirmar, appellando para o seu mesmo Real testemunho, que nem a offerta, se a houvera, seria grande, nem a resistencia muito porfiada; e se contra os seus designios se realizassem estes desejos

apparentes, bom cuidado teria em ser indemnizado por outra parte com usura. Provas temos de sobejo para o reputarmos legalmente egoista, ambicioso, cubiçoso, ingrato, e deshumano sem limites.

Examinemos, Senhor, agora seus costumes, que chegárão ao mais alto gráo de corrupção, escandalo, e descaramento. Não só consegue com a authoridade, poder, e subornos, que se lhe prostituão as mulheres bellas de Hespanha, das altas e humildes classes, mas a sua casa com o pretexto das Audiencias privadas, e a Secretaria de Estado, em quanto a dirigio, forão como feiras públicas e francas de prostituições, estupros e adulterios, a troco de pensões, empregos, e dignidades; servindo-se assim da authoridade de V. M. para recompensar a vileza de se condescender com a sua desenfreada lascivia, e com os vicios torpes de seu coração corrompido. Apenas este homem dissoluto entrou no Ministerio, forão seus excessos tão públicos, que todos conhecêrão que o caminho unico e seguro de subir, ou obter cargos, era sacrificar á sua insaciavel e brutal lascivia a honra da filha, da irmã, ou da mulher. Por este motivo vemos tantos Empregados, que devem sua fortuna áquella indigna condescendencia, em quanto os homens honrados, porque se não valião de tão infames meios, solicitavão largo tempo qualquer emprego, e só o alcançavão raras vezes, á força de passadas e de incommodos. Porém, Senhor, para mostrar a V. M. quem he este homem abandonado da Mão de Deos, bastará o facto que vou apontar, actual, constante e público. Antes de se casar com a filha do Infante D. Luiz, nossa parenta, estava publicamente amancebado com D. Josefa Tudó, de quem já V. M. tem noticia, bem que forme della outro conceito. Sem interrupção continuou nesta mancebia, tendo varios filhos; e ainda hoje na mesma se conserva, fazendo vida de casado com mais publicidade, do que com a propria mulher; passando dias e noites na sua companhia, levando a comsigo em coche á vista de todo o povo que o soffre, apresentando se com ella e seus filhos, e affagando estes como proprios publicamente, e até na presença de sua esposa, de tal modo que se divulgou a voz de que estava casado com Tudó, antes de se casar com a nossa parenta, e que tinha por tanto duas mulheres; e não contente com tal procedimento, procura, com escandalo do mundo, satisfazer sua voraz torpeza com outras, que sem este titulo se lhe offerecem; tendo porém sempre o cuidado de pagar as prostituições á custa de V. M. e da Nação, com empregos e pensões, e nunca ou rarissima vez á custa do seu bolsinho; chegando por manhas e ousadia a conseguir

que V. M., ignorando taes abominações, mandasse alojar em huma Casa Real, como he o *Retiro*, a mesma Tudó, (não sei se manceba ou sua primeira mulher) e desse interinamente a Intendencia da dita Real Casa, e a propriedade ao mais velho dos seus filhos adulterinos, cujos criados para complemento de tão temerario desafforo, usão publicamente do chapéo e laço dos que pertencem ás Cavalheiriças Reaes.

São estes, Senhor, factos indubitaveis conhecidos em Madrid, e em toda a Hespanha, até das crianças, os quaes com outras infamias que omitto ou ignoro, e que, segundo a fama, são innumeraveis, influem (porque seu author não só está impune, mas elevado e applaudido) como activo contagio nos costumes públicos, chegando a estraga-los inteiramente, e a extinguir as ultimas reliquias da antiga honra da nossa Nação; pois bem que anteriormente houvessem grandes desordens, sempre inevitaveis, ao menos não se fazia jactancia dellas, como agora; a mulher suspeitada de taes excessos, ainda que os praticasse com reserva, era desprezada, e o homem que se deshonrava pela vileza de a vender, era obrigado a fugir da vista do público indignado, e particularmente das companhias honradas. Taes são as funestas consequencias dos crimes de hum homem, que longe de os moderar, em attenção ás multiplicadas graças que tem recebido, e em particular ao sublime laço que o ligou com huma prima co irmã de VV. MM., parece ter adquirido com estas vantagens mais ousadia para offender sua esposa, e ser cada dia mais preverso. Que horrivel ingratidão!

Hum homem tão extraordinariamente ambicioso, avaro, ingrato, e dissoluto, vendo se já quasi senhor de toda a authoridade Real, com poder despotico, e possuidor da maior parte dos cabedaes do Reino, seguramente aspirará á unica cousa que lhe resta, que he o Throno. Deixará por ventura seu corrompido coração de se valer de qualquer arbitrio para conseguir o ultimo objecto dos seus desvelos? Receará, por delicadeza de consciencia, empregar maldade alguma para alcançar o lisongeiro fim de seus desejos, o monstro que tantas tem commettido para facilitar os meios? Se por temer a lealdade Hespanhola, se não atrevesse a executa-lo á viva força, facil lhe seria, com o poder e as immensas riquezas que tem, lançar mão do veneno, para se livrar successivamente de nós, que somos os unicos estorvos que o impedem. A historia abunda de iguaes successos, e mais difficeis de prever do que este, bem descoberto a todos. Não queiramos pois, Senhor, ajuntar-lhe á nossa custa, e por indolencia culpavel, mais hum exemplo. V. M. sabe, melhor do que eu, pela lição e experiencia, que a tudo a ambição se atre-

ve ; e que será quando trabalhão com ella todos os vicios juntos ?

Sei que V. M. acostumado a formar delle diverso conceito, e a olha-lo com a indulgencia da amizade, horrorisado desras idéas, não quererá acredita-las. Em vão o entendimento conceberá a possibilidade destes factos ; a razão armada das provas que tenho dado e darei, se empenhará em lhe mostrar a sua realidade : e a prudencia lhe advertirá, que tratando se de materia tão importante, ainda que não houvesse mais que hum motivo remotissimo de suspeita, deverião tomar-se com cuidado todas as cautelas necessarias para precaver o risco. O coração nobre e sincero de V. M., oppondo-se a tudo, quererá julgar por seus proprios sentimentos, do coração desse cruel inimigo, e sem attender ás vozes de tres tão fieis Conselheiros, terá por impossivel a prática de taes delictos. Ah Senhor ! Não escute V. M. bondade tão prejudicial, despréze com horror, neste caso, as suas inspirações : não nos foi dado o coração para julgar de taes materias, pois estas pertencem privativamente ao entendimento, razão, e prudencia. Varões honrados, e bons Monarcas, tem sido victimas da ambição e da perfidia alheia, por não adoptarem estas maximas ; e bem moderno temos hum exemplo. Não perdeo nosso parente, Luiz XVI., o throno e a vida por este mesmo erro ? Se em lugar de seguir os impulsos de seu benigno coração, empregasse (como dictavão a razão e a prudencia) logo no principio da revolução, força e rigor para reprimir os malvados, nem elle nem a sua familia terião perecido. Não terei, Senhor, por indecente, citar em confirmação do que digo, hum rifão vulgar, mas que he maxima politica sam judiciosa : *Pensa bem do teu visinho, mas fecha sempre a tua porta* ; ou aquelle que diz : *Pensa mal e acertarás.* Quando pois V. M. se não convencesse das bem fundadas razões que allego, e que demonstrão tenções atraiçoadas, sempre seria prudente cortar-lhe o vôo, com que se remonta. Que deverá por tanto praticar, se, como julgo, eu fizer evidentes as provas ?

Para tornar mais poderosas as minhas razões, farei ver que o procedimento deste homem malvado, denota hum verdadeiro conspirador. O que fórma tal projecto, nas circumstancias em que este se acha, além de grangear sem limite, authoridade, honras, e riquezas, procura com ardîs captar a vontade dos Soberanos, para usurpar cada dia mais poder, e ganhar amigos e faccionarios ; cuida em separar do seu lado os homens honrados zelosos, e leaes ; não consente que de modo algum chegue a verdade aos seus ouvidos ; e conseguindo faze-los viver sós, e domina-los, tornão facil a sua ruina na occasião opportuna. Se

V. M. comparar este proceder com o de Godoy, não lhe achará differença. Desde o primeiro momento da sua elevação começou a intrigar e a separar successivamente da Corte ora para empregos desviados, ora para desterros, as pessoas fieis e instruidas, tanto grandes, como particulares; valendo-se para os desacreditar no conceito de V. M., de mil mexericos e embustes, humas vezes contados por elle, e outras por algum terceiro ou terceira da sua facção. Do mesmo methodo se serve, e da mesma politica Machiavelica com todos os diversos Empregados, que figurão pela sua elevação, especialmente os que residem em Madrid, pois destes mais receia que possão fazer chegar a V. M. a noticia de tantas insolencias. Queira V. M. lançar os olhos para o número infinito de Grandes, Ministros, Militares, Ecclesiasticos, e Magistrados, que gemem nas Provincias, desterrados, jubilados, ou depostos dos seus empregos; lembre-se do seu procedimento anterior, do seu caracter, e até do conceito que delles formava, e conhecerá que tanto no seu proprio juizo como no do público erão reputados por homens discretos, honrados, e irreprehensiveis. Pois como he possivel que todos mudassem repentinamente para malevolos e indignos? Provavelmente os delictos imputados pelo calumniador não passarião de = *fallar mal do Governo* =; e deveria sómente dizer que fallavão mal delle mesmo, porque os animos não se podião conter, vendo como abusava contra seus Soberanos do poder que lhe confiavão, e como fazia gemer a Nação por seus vicios e tyrannia. A' medida que os separáva da Corte e dos empregos, dava os lugares vagos a parentes ou affeiçoados, pondo assim ao lado de V. M. confidentes, que por conselhos favorecessem as suas maquinações, ou espias para observarem, e communicarem noticias. Quando faltavão pessoas desta qualidade, empregava os timidos e faltos de intelligencia, para que ao menos não fossem nocivos, já que não lhe podião ser uteis: methodo que bem se entende, apenas se repara o que elle praticou a respeito do pulpito e confessionario de VV. MM. Receando que por zelo catholico algum Prégador, sem temer a tyrannia, désse a VV. MM. alguma idéa dos seus escandalos, e perfidos projectos, ou das desgraças públicas, intentou e conseguio por astucias acabar o util e piedoso costume, que VV. MM. tinhão de assistir aos Sermões da Real Capella. Se V. M. reflectir sobre a origem desta novidade, verá que foi obra do perfido ergandor, que desviou talvez primeiro deste uso a Rainha minha Mãi, e por sua mediação a V. M., com o pretexto de evitar que as indiscrições de alguns Prégadores inquietassem imprudentemente suas consciencias, e incitassem o público a murmurar do Governo: bem

que sómente tremêsse o prever o de ouvir fallar dos seus crimes: porém obteve com este artificio o fim desejado, que era fechar mais huma porta á verdade. Não temia menos que ella penetrasse pelo terrivel e occulto caminho do confissionario, se para este se elegessem homens sabios e virtuosos; e por isso apenas entrou na privança, cuidou em que fossem nomeados para este ministerio creaturas suas, ou pessoas, que por temor, e incapacidade não podêssem conhecer nem dizer a verdade. A' força pois de intrigas conseguio que fosse Confessor de V. M. o Padre Moya, patricio e amigo seu, tão ignorante como pusillanime, e Confessor da Rainha minha venerada Mái o muito célebre Muzquiz, o mais público e baixo dos seus aduladores. Passado tempo, e vagando ambos os lugares, resolvêrão VV. MM. (sem súvida por influencia sua, pois não queria pessoas de authoridade) tomar Confessores sem titulo, e entrou o Padre Fernando sem repugnancia sua, por saber que não era homem que se atrevesse contra elle, e influio para que a Rainha tomasse Orrian, seu intimo amigo. Quando estes faltárão, como V. M. se adiantou a eleger o que tem agora, cuidou em que ficasse para Confessor da Rainha, minha querida Mái, o Carmelita seu familiar, e elegeo para mim o Frade Alcantarino, que foi seu Mestre, e depois humilde criado; o qual por tanto considero, ainda que o não seja, como espia sagrada, unida ás muitas seculares que me rodeão, bem como outros fazem a meus queridos Pais.

O que tem praticado na Corte usa nos cargos principaes de todos os ramos do Governo, pois delles expulsa os homens dignos, quando lhes tarda a morte, e até os incapazes, quando não são humildes escravos, substituindo-lhes a dilatada parentela de Godoys, Alvares, Morenos, etc., e, na falta destes, seus amigos e apaniguados. Tem igualmente trabalhado quanto póde para tirar os homens de bem e os vassallos fieis dos Conselhos e Corpos Civis, e se ficão alguns nos da Corte, onde mais os teme, he porque o ignora, ou receia fazer-se mais odioso. Estes e outros honrados, que até agora tem evitado desgraças, e permanecem junto a V. M., devem a sua conservação ao silencio profundo que guardão, e á corte que lhe fazem. O terror que produzem os golpes crueis, que descarrega sobre todas as classes de pessoas, por qualquer mexerico ou suspeita, e a certeza de estar Madrid, e os Sitios Reaes inçados de espiões, bastão para sufocar as vozes. Todos o abominão interiormente, mas longe de murmurar dobrão os joelhos. A Nação inteira padece opprimida com o jugo indigno do tyranno, porem ninguem se atreve a fallar a V. M. sobre hum tal assumpto.

Se V. M. ainda quer mais provas dos projectos e maquinações deste nosso inimigo, observe como tem procedido em meu damno. Quantas vezes se tem procurado indispôr contra mim os animos de VV. MM., ora notando que além de indocil e soberbo, desacreditava os Ministros, e condemnava as providencias do Governo, ora affirmando que eu distinguia os criados que me induzião a faltar ao respeito devido a meus amados Pais, e que me dava á lição dos Authores prohibidos, e papeis prejudiciaes? Estas intrigas sómente por elle tocadas, erão primeiramente insinuadas no coração de minha Mái: o que facilmente conseguia, por ter chegado a persuadi-la, que só podia esperar de mim provas de ingratidão e insensibilidade; e depois deste preliminar, passava a persuadir V. M., lançando sobre tudo as côres, com que enfeita seus embustes o malicioso intrigante: donde resultavão sempre contra mim ou indisposições ou desconfianças. O perfido propunha-se a tramar a nossa ruina, dividindo-nos: e como temia que pelo meu lugar eu soubesse com mais facilidade os seus crimes, e que os communicasse a V. M., tentava com enredos impedir-me a entrada do seu coração: e para que os meus ditos não merecessem credito, procurava envilecer-me na opinião de V. M. e na do Público, divulgando geralmente com seus partidistas, que eu era hum mancebo sem talentos, ignorante, ocioso, e em fim hum bruto. Com tanta honra me tratavão, elle e seus companheiros, nas conversações, de que eu era e sou ainda assumpto! Para dar nova força a estas idéas, desprezava me, e com altivez procurava humilhar-me, obrigando me a supportar os effeitos da sua prepotencia em minha affronta, não só encerrando me no meu quarto, mas até privando-me daquelles criados, de que eu fazia distincção; pois sempre os sinaes de affecto por mim, forão motivos de proscripção, chegando até a castigar-se como delicto a lealdade. Por este modo conseguio separar do meu lado os homens fieis e zelosos, e cercar-me de espias e inimigos, ou de indolentes e egoistas.

Que direi das continuas e apertadas ordens para embaraçar a entrada do meu quarto, fechando todas as communicações, como para ter segura huma féra? Sei, que receoso do amor que VV. MM. me consagrão, já deve ter córado estes rigores com o pretexto de evitar a prevaricação do meu caracter por pessoas mal intencionadas; porém, Senhor, na idade de vinte e dous annos, e já vivo, não se póde temer que me enganem e seduzão como a huma criança; e se esta he a causa, porque se não emprega o mesmo zelo e rigor no quarto de meu irmão Carlos, mais sujeito a ser enganado por sua idade e innocencia? Sup-

pôem me acaso inquieto, intrigante, ambicioso? E se eu tivesse taes defeitos, seria remedio para elles a dureza do tratamento? Porém eu posso affirmar, appellando para o testemunho de meu amado Pai, que tenho dado constantemente provas de amor e veneração a VV. MM., e supportado por seu respeito com resignação muitas e mui sensiveis injúrias de tão indigno monstro, e que se depois de tão largas lidas me atrevo a dirigir-lhe esta humilde Representação, tenho sómente por alvo livra-lo, e a toda a Real Familia do perigo eminente que nos ameaça. A oppressão em que vivo, os trabalhos, e as intrigas que agitão os meus quartos, são obras do pérfido, nem eu poderia attribui-las, sem injustiça, aos ternos e rectos corações de VV. MM.

Sempre, Senhor, sempre a negra e gangrenada consciencia do tigre temeo o que hoje lhe succede, isto he, que eu revelasse suas maldades e seus atrozes projectos: receava o effeito da voz de hum filho fiel no coração terno e nobre de seu Pai, e por isso inspirava desconfiança no animo de V. M., e procurava, desviando-me da sua communicação, privar-me do seu affecto; e como VV. MM. com intenções rectissimas e uteis, não querião que me affeiçoasse á caça, adoptou elle este methodo, com o fim unico de conseguir que nem no campo eu gozasse da amada companhia de V. M., e que não tivesse, em idade maior, occasiões de manifestar suas infamias. Por este mesmo receio até agora obstinadamente impede que eu assista ao despacho, a pezar do meu estado e idade. Quando assim fallo, Senhor, não pertendo ser admittido, pois a minha primeira satisfação he, e será sempre, obedecer a meus queridos Pais: mas quero que V. M. não possa duvidar da intriga subtil e uniforme, que o astucioso emprega para concluir seus infames projectos, abusando da candura e confiança de V. M., e fechando todas as portas á verdade, que sempre aterra tanto os malvados.

Todavia, Senhor, baldadas lhe tem sido suas infernaes astucias, e as minhas vozes já estão resoando nos ouvidos de V. M. Deos que protege a innocencia, e atalha as tramas injustas dos máos, descobre por mim a V. M. as dêsse traidor, dá-me forças para o fazer, e anima-me a abrir-lhe o meu coração, fazendo-me reconhecer, a pezar dos desgostos que soffria com os enredos do preverso, o amor de meus Pais, provado pela repugnancia com que ouvião o que se dizia contra mim. Quantas vezes enternecido escutei a meu amado Pai, dizendo: *Fernando não he capaz de fazer o que não deve.* Sim, Senhor, podeis estar certo, que Fernando só he capaz de derramar gostoso, por seu bom Pai, até a ultima gota de sangue. E quanto não tenho que agradecer a minha querida Mãi, bem que preoccupada con-

tra mim ? Por seu amor e cuidados vejo desmentida a calumnia ridicula de impotencia, inventada por elle mesmo para me fazer olhar como desprezivel pelo Público.

Não he porém estranho que procurasse desacreditar-me no Público quem assim pratica a respeito de seus Soberanos : cujo procedimento he tambem de conspirador, pois sabe-se quanto he proveitoso a taes homens a indisposição dos vassallos contra os Monarcas. Com quanto pezar sou obrigado a dizer, que já elle goza de maior consideração ? Quanto mais sumptuosa não he a sua casa do que a de seus Amos? Que comparação tem a guarda de VV. MM. com o luzimento da sua : o curto número dos que vem lisongea-los, com a immensa e lustrosa Corte, que sempre o rodea : e o escaço respeito que se lhes tributa, com as adorações que se fazem ao Idolo ? Como dispensador unico das graças, recebe tambem todos os incensos. As classes do Estado, Corporações, e Tribunaes, disputão entre si para com elle obediencia, obsequios, e applausos : os Grandes, os Militares, os Magistrados, e Ecclesiasticos de maior consideração, competem com seus inferiores sobre a honra vergonhosa de esperar largas horas não só nas ante salas, mas nas escadas e até nas cavalheiriças, para serem vistos, ou para conseguirem alguma palavra ou gésto risonho, com que se dão por felizes ; e desgraçado do individuo, que se não abate a taes vilezas, e recusa tributar lhe o culto, que só he devido aos Reis : escrito logo o seu nome no livro das proscripções, experimenta sem demora os effeitos da vingança. Nas Cidades e Provincias sahem todos os dias as Gazetas com baixas e fastidiosas lisonjas ; e a Nação inteira pasmada de tanto aviltamento, e quasi acostumada á escravidão, prognostica altamente que o tyranno, quando menos se pensar, dará os poucos passos que lhe faltão para se assentar no throno, derribando delle a nossa Familia. Que outro fim, Senhor, podem ter os esforços occultos, que, segundo a voz geral, tem feito para extinguir os *Guardas de Córpos* ? Para que reduziria á metade as forças dos batalhões de *Guardas de Infanteria*, se não tivera em vista ajudar suas maquinações, tirando a VV. MM. a defeza destes Córpos fieis e incorruptiveis, pois os deixa com pouca ou nenhuma guarda, em quanto elle augmenta a sua com gente numerosa e escolhida ? Com este mesmo fim de accrescentar suas forças militares, inventou e tomou a Coronelia geral de Suissos ; e por entender que poderia mais facilmente ganhar ou enganar estas trópas estrangeiras, do que as Hespanholas, principalmente acostumando as a olha-lo, e a depender delle como seu Chefe supremo, apossou-se do dito cargo até ao dia presente. Talvez são erradas suas idéas sobre a maior parte dos

Officiaes; porém abrindo cofres, seria certa a submissão dos soldados; e os Regimentos, commandados por parentes e amigos seus, provavelmente não resistirião ao poder do ouro, e talvez vacillasse sua fidelidade, disfarçando se o suborno com o pretexto de tomarem o partido de huma Princeza de nosso sangue, como he sua mulher. Repare pois V. M. que todos estes passos e procedimentos indicão hum verdadeiro conspirador.

Conheço, Senhor, que a pezar da força do que tenho expendido, V. M. não deixará de admirar se, ouvindo tantas accusações, e duvidará talvez dar-lhe credito, lembrando-se que algum malévolo m'as póde ter suggerido. Oxalá assim fôra, e quanto digo fosse falso! Porém, Senhor, são mui certas; e erão superfluas as insinuações particulares, quando a voz pública me tem communicado successivamente parte destes factos, e eu tenho, por assim dizer, tocado com as minhas mãos a outra parte. Ajunto ainda, que tudo quanto relato o sei com evidencia, pois he confirmado pelo testemunho das pessoas judiciosas e imparciaes, com quem trato, e até pelas práticas dos criados inferiores, pois não ha Hespanhol que não clame contra os males, que esse tyranno tem causado á Patria. Se não tivera tanta certeza, não me arriscaria a communicar estes factos ao meu Pai e Rei, que tanto amo e respeito; nem lhe daria motivos de sentimento e cuidado, se não fôra tão preciso informa-lo. Era porém indispensavel que eu tomasse esta resolução, porque esse homem senhor de novos poderes, como Almirante, e de outros que grangeará á sombra deste cargo, vai absorver a pouca authoridade, que resta a V. M., e as reliquias dos cabedaes, que até agora tinhão escapado á sua insaciavel cubiça. Finalmente era forçoso fallar, porque a sua astucia diabolica lhe suggerio a idéa de casar-me com a filha segunda do Infante D. Luiz, sua cunhada, cujo matrimonio tem, além de outros fins, os seguintes: 1.° elevar se e approximar se mais do throno: 2.° pôr ao meu lado huma mulher viva e astuta, cujo coração e costumes póde facilmente corromper e preverter pela communicação familiar, que deve ter com elle, e com a sua casa; donde se seguiria ficar eu com huma espia, e huma inimiga excessivamente perigosa por inseparavel: 3.° evitar por este meio mais a sua quéda, e mudança de fortuna. São estas as principaes vantagens que se promette conseguir com este laço, e por isso o persuade fortemente á Rainha, illudindo-a com as costumadas astucias, e razões apparentes, que facilmente se achão.

Confesso ingenuamente a V. M. que propondo-se-me o dito casamento na ultima jornada do Escorial, supprehendido de improviso, e não tendo (graças a vigilancia do nosso inimigo!)

pessoa judiciosa e fiel, com quem me aconselhasse, não me atrevi por acanhamento e respeito a fallar com franqueza a V. M., nem a resistir á intenção de minha Mãi ; e como receava além disto, que esse homem vingativo se apressasse a envenenar-me, se eu não condescendesse, tive a fraqueza de consentir no dito enlace ; isto he, na ruina de VV. MM., e na minha ; resulta certa daquella união. Reflecti porém comigo ; e conhecendo que qualquer mal seria menor do que precipitar-me no abysmo que se me abria, resolvi-me, animado com a certeza da invariavel e terna affeição de V. M., a depositar em seu coração todos os segredos do meu, e entre elles esta justissima repugnancia.

Finalmente he hoje tão grande o poder de Godoy com o Almirantado, que se não rompesse o silencio, participando, quanto digo, a V. M., exporia todo o Reino a funestos males. Conheço que se transluzem indicios deste meu proceder, corro eminente risco de ser envenenado por vingança, ainda antes de ser necessario para os seus infames projectos ; e como elle he senhor de todo o poder e riquezas do Reino, bem facil lhe he (sem que eu possa evita-lo) fazer me morrer de fome ou sede, passando os nossos alimentos por tantas mãos, e tendo no Palacio tantas espias e creaturas suas. Porém o pio coração de V. M., e seu paternal amor, segurão-me o segredo inviolavel que lhe pedi, dissimulando, e conservando, a pezar da impressão que lhe produzirá a leitura deste papel, a serenidade e alegria necessaria para não suscitar a minha amada Mãi a menor suspeita : pois qualquer mudança no gésto ou animo de V. M. seria percebida pela sua penetração, e Godoy avisado ; e sem dúvida este se arrojaria a commetter contra V. M. ou contra mim o cruel attentado, que ha muito receio sem este novo motivo, e cuja idéa me afflige, vendo que sem poder evita-lo, posso encontrar a morte em qualquer comida ou bebida.

Fallarei agora a V. M. de outro facto, que reservei para dar a ultima côr ao caracter desse preverso. Como se fosse tésta coroada, tem em França hum Embaixador, nem outro nome lhe posso dar ao Conselheiro de Estado, *Izquierdo*, que reside naquella Corte, sem outro titulo conhecido mais que o de seu Encarregado especial, como he voz constante e uniforme do Público : nem póde saber-se o seu verdadeiro destino senão pela dita voz ; pois bom cuidado terá Godoy em occultar esta Missão, prevenindo a V. M. com a idéa de ter enviado, por zelo do Real serviço, aquelle Conselheiro para se aggregar á Embaixada. He tambem natural, que para augmentar os receios de V. M., e dominar-lhe melhor o animo, lhe tenha ponderado com encarecimento as sinistras intenções daquelle Governo contra nós, e

insinuado que já não existiria o Reino de Hespanha sem as medidas de precaução por elle tomadas. Porém zombe, Senhor, de taes temores pueris; e saiba que longe de Godoy lhe conservar o throno, he só capaz por inepto e preverso de contribuir para lhe arrancarem o sceptro, se por si mesmo o não podér conseguir. *Izquierdo* he creatura sua, e sem mais merecimento que ter sido empregado alguns annos no Gabinete de Historia Natural, foi transformado por elle em Conselheiro Honorario de Estado: he homem astuto, e de idéas livres, e em fim idoneo para tratar em França negocios, que não devem chegar aos ouvidos do Rei. Se V. M. reparar na ligação de todos estes factos, conhecerá que delles resulta não só huma suspeita bem fundada, mas a demonstração clarissima das suas pérfidas intenções.

Como não pertendo que se julguem verdadeiras, sobre a minha palavra, as accusações que faço a Godoy, declaro que a verdade de humas póde V. M. conhecer pela connexão dos mesmos factos, e a de outras pelas combinações que lhe suggerir a sua memoria: mas para provar todas, appello para o testemunho unanime de todos os seus vassallos, á excepção dos parentes de Godoy, e seus familiares. Nada perde V. M. em fazer a experiencia, chamando á sua presença as pessoas mais judiciosas, honradas e sinceras, para fallarem diante de mim, sem que eu possa advertir-lhes antes cousa alguma; diga-lhes V. M. que sabe quanto se passa com Godoy, prometta-lhes á fé de Rei segredo inviolavel sobre as suas declarações, segure-lhes que não correm perigo, e exija profundo segredo: tomadas estas precauções, pergunte-lhes V. M. o que pensão sobre todos os artigos deste papel, e o que pensa a Nação inteira, e verá como todos confirmão o que escrevo, até na mais pequena circumstancia. Mas que digo! se V. M. chamasse agora á nossa presença qualquer da sua comitiva, ou ainda ao primeiro que passasse pela rua, e lhe désse as mesmas seguranças, o testemunho seria conforme; e sempre do mais judicioso ouviria mais relevantes demonstrações. Pondere agora V. M. qual he a evidencia das minhas accusações, não temendo expô-las a provas tão geraes e terriveis.

São necessarias as referidas seguranças de segredo e impunidade para se fazerem as declarações com franqueza, sem se disfarçar nem encubrir a verdade; pois se todos fórmão subido conceito da bondade e honra de V. M., tambem temem que por nobreza e candura, e pela inclinação que tem a Godoy, lhe communique o que ouvir, ou pelo menos que o participe á Rainha, e que esta Senhora, ainda mais preoccupada em seu favor, lhe descubra tudo: e em qualquer dos casos Godoy saberia illudir com artificios VV. MM., justificar-se, como em outras oc-

casiões tem feito, tratar de calumnias as accusações, e sacrificar á sua vingança os que tivessem declarado a verdade, arruinando até as familias, como tem succedido, por offensas infinitamente menores, a tantos homens honrados. Tão grande he o terror, com que o astuto tyranno abate todos os animos.

Se desejo que o exame das testemunhas se faça na minha presença, he porque sei que ainda as pessoas da mais alta classe estão tomadas de tal medo, que a pezar de todas as promessas de V. M., seguramente balbuciarião, e não se explicarião com tanta clareza, e verdade, como estando eu alli, pois me julgão pessoa imparcial e sem preoccupações, e até bem instruido dos procedimentos e delictos do réo.

Para que o exame se faça com liberdade e segredo, entendo, Senhor, que será preciso determinar huma caçada de alguns dias, ou nas visinhanças de Madrid, como no *Pardo*, ou antes na Casa de Campo, á qual V. M. me deve levar comsigo com algum pretexo crivel, ficando no *Sitio* minha Mãi, como regularmente faz, e tambem Godoy, pelo motivo bem natural de lhe fazer companhia. Huma só manhã bastará para se verificar o dito exame, ou pelas pessoas da comitiva, ou pelas que chegarem de Madrid, e que V. M. escolher, pois estou certo que não será preciso mais para obter sobejas provas.

Depois de sabida a verdade, não se afflija, nem se inquiete o coração piedoso de V. M., reparando que taes attentados são communs no mundo; que descubertos a tempo, como este, são faceis de prevenir; e que importa mais que tudo a este amante filho, e a todo o Reino, que se não altere a delicada saude de V. M.

Grande fortuna seria se V. M. não precisasse de exames de testemunhas, para se persuadir de que he indispensavel tirar a Godoy o poder que se lhe tem dado, diminuir-lhe as rendas e riquezas, e affasta-lo para lugar, donde não possa ser damnoso, pois assim evitaria V. M. muitos incommodos, cuidados, e cautelas. Para isso e muito mais, sobeja o que digo neste papel, confrontado com o que V. M. sabe, e se póde lembrar: porém quero prescindir de tudo, e limitar me sómente á reflexão seguinte, que não tem réplica. Ainda quando Godoy fosse, o que não he, hum homem moderado, acaso seria prudente conserva-lo na elevação a que subio, facto nunca visto em Hespanha? Não se desperta deste modo a ambição mais adormecida; e a occasião não póde fazer ruins as almas boas? Arriscada he sempre até para as pesoas fieis e moderadas a visinhança do throno, com meios faceis de poder usurpa-lo; e nada falta a Godoy para esse fim, pois tem mando, poder, riquezas immensas, e ligação com

a Familia Real. Quem póde prometter que elle resistirá sempre, ou que seu coração nunca desejará objecto tão lisongeiro ? A Historia e a experiencia attestão, que pessoas de extremada virtude tem naufragado neste escolho, e cedido a esta subtil e terrivel tentação ; e será por tanto indesculpavel temeridade quererem os experimentar o que fará Godoy em tal caso. Não será loucura incomprehensivel fazer depender a vida de V. M., e de toda a sua familia, a segurança do throno, e os destinos do Reino, do acaso, do tombo de hum dado, ou dos movimentos do coração humano, que são cousas identicas ? Não ordena a sá politica conformada com a justiça, que se evite quanto antes este azar, e que se desvie esse homem da occasião, tirando-lhe as causas que a produzem, isto he, authoridade, poder, e excessivas riquezas ? E como esta providencia deve excitar lhe vivo resentimento, não prescreve a prudencia, que sem perda de tempo se affaste da Corte, e se reduza a tal condição, que não possa tomar arbitrios de vingança ! Se elle he culpado, por muito feliz se dará de não soffrer outro castigo ; e se he innocente, não se lhe faz injustiça ; pois sómente supporta o prejuizo, que he indispensavel causar lhe para salvar a Monarquia da sua total ruina. Deste modo não se lhe tira a vida, não o desterrão da patria, não o privão absolutamente da liberdade, e dos bens não se lhe confiscão mais do que os demasiados e superfluos, tão nocivos a elle mesmo como á Nação, deixando-lhe o necessario para viver com a decencia e commodidade correspondentes ao nascimento de sua Esposa, mais illustre que o seu, e para desfructar em sua companhia a felicidade de hum socegado retiro. Em conclusão, só deve em taes casos governar o axioma que diz = *A suprema lei he a salvação do Estado* = ; e aquelle que reparasse em pequenos prejuizos particulares, cahiria n huma fraqueza tão ridicula como perniciosa.

Tenho provado, Senhor, segundo julgo, que a segurança de V. M. e a do Reino, exigem imperiosamente que Godoy, ainda que innocente seja, desça á condição que acabo de apontar, que medidas se não devem tomar, sendo réo de tantos e tão atrozes delictos ? Com tudo, não pertendo que soffra outro castigo : vou dar a razão.

São tres, Senhor, os fins, que se devem ter em vista em casos como este : 1.° privar o réo dos meios de fazer damnos : 2.° resarcir do modo possivel os que tiver feito : 3.° satisfazer a vingança pública, impondo-lhe a pena proporcionada, para exemplo dos outros. Para se conseguirem os dous primeiros fins, dispensa se a formação da causa, pois bastão as expostas medidas de precaução, assáz justificadas pela voz pública. O terceiro,

que he a imposição de pena proporcionada, depende da averiguação exacta dos delictos, e por consequencia de processo; e por isso he meu parecer, que alcançados os dois fins primeiros, se não trate do terceiro: 1.º porque he deshonrosa á nossa casa a publicação juridica dos delictos de Godoy, unido a ella por estreita affinidade: 2.º porque ficaria V. M. desacreditado no conceito do Povo, se constassem legalmente os crimes enormes de huma pessoa, a quem tem amado e elevado tanto, bem que tudo seja effeito de hum engano inculpavel: 3.º porque causaria extremo desgosto e opprobrio eterno a sua Esposa e Filha, ao respeitavel Cardeal seu cunhado, á Irmã deste, e a infinitos parentes, de nenhum modo complices nos seus crimes: 4.º porque a astucia e maldade de Godoy poderia misturar na dita causa, para a enredar, muitas pessoas honradas, valendo se de ficções e calumnias para a eternizar: 5.º e ultimo, porque, achando sempre protectores os malvados desta especie, entendo que serião tantos e de tal ordem os deste, que talvez obrigassem a V. M. a impôr lhe huma pena levissima, ou quasi nenhuma; e vale mais deixar occultos os delictos, do que publica-los, e mitigar o justo castigo.

Espero, pois, que a Real piedade de V. M. se contentará com os dois primeiros fins, e passará pelo ultimo, ainda sendo Godoy culpado: e confiando tambem que o coração magnanimo de V. M. saberá conservar socego no meio desta dolorosa, mas frivola tormenta, tomo a liberdade de indicar lhe o meu parecer a respeito do modo de a socegar com o menor trabalho, e maior segurança.

Suppondo já que V. M. ou sem o exame das testemunhas, ou depois de feito com o segredo requerido e as circumstancias apontadas, resolve tomar as medidas de precaução que ficão expostas, julgo, Senhor, necessarias as medidas seguintes, para as quaes, se forem por V. M. approvadas, lhe apresentarei formados os Decretos, sem faltar mais que firma los, para que deste modo fique o segredo entre nós ambos até á execução. Os primeiros Decretos ordenarão a prizão repentina de Godoy; a sua conducção provisional para hum Castello, onde esteja, até nova ordem, sem communicação: a apprehensão das suas casas, bens, e papeis, fazendo-se hum exame exactissimo até na sua pessoa, para se lhe tomarem os que levar comsigo: a prizão provisional dos seus criados: a conducção da Princeza sua esposa com segurança, mas com o decóro devido, para Talavera, ou para outro Povo pequeno e affastado do Arcebispado de Toledo: a prizão de Tudó, familia e criados, e apprehensão de seus bens e papeis: a ordem de sahirem da Corte, com determinadas demarca-

ções de terreno, todos os parentes de Godoy: e por fim á provisão interina de todos os cargos, que exercem os individuos comprehendidos nos Decretos antecedentes, para se evitar a suspensão do despacho dos negocios públicos, como, por exemplo, os do Almirantado, Secretaria de Estado, etc. etc.

Em quanto ao methodo e circumstancias da execução destes Decretos, combinação de horas, eleição de encarregados, forças militares que os devem acompanhar, e outras particularidades indispensaveis, logo que V. M. determinar o lugar para nos vermos, e o momento para dar o golpe, tudo terei prevenido de modo, que não falte mais que o aceno de approvação de V. M. Executadas estas providencias, com as quaes resuscitarião as esperanças e alegria da Nação, e que mostrarião evidentemente a V. M. os delictos de Godoy, e o precipicio de que nos salvávamos; resta ainda, meu querido Pai, a maior difficuldade para vencer: magôa me dize-lo, porém he obrigação sagrada não occultar verdade alguma neste caso, e nada se faria, se V. M. não estivesse prevenido para destruir o dito obstaculo. Temo, Senhor, o primeiro impeto do resentimento de minha querida, mas enganada Mãi, quando o souber, e o effeito que as queixas ou insinuações de huma pessoa tão amada podem fazer no coração sensivel e terno de V. M. Extremamente preoccupada a favor desse inimigo tanto seu, como de V. M. e meu, tudo empregará para o salvar, destruir as idéas que V. M. tiver contra elle, e desmentir assim as accusações, disfarçar os excessos, e diminuir e desculpar suas desordens: e por effeito da cólera, em que se accenderá contra mim, ou denegrirá meu caracter e puras intenções, ou quererá mostrar que tendo eu ainda pouca idade, homens malevolos abusão da minha singelleza para separarem do lado de V. M. o mais fiel e zeloso vassallo, o apoio do throno, a unica pessoa que o ama e merece a sua confiança. Póde ser tambem que a sua sagacidade lhe mostre outro caminho, que parecendo contrario, conduza ao mesmo fim, isto he, dissimular a ira, e o resentimento de termos assim praticado sem lho communicar, approvar tudo na apparencia, para não contrariar directamente a opinião de V. M., e nos momentos em que o vir só, empregar toda a ternura, e toda a viveza do seu engenho em destruir no animo de V. M. as idéas ainda as mais claras, quando não forem favoraveis ao objecto da sua preoccupação.

Como conheço a sensibilidade de V. M., e o justo amor que tem a minha Mãi, sei que ataques tão fortes o hão de affligir, fazer vacillar e talvez ceder de algum modo contra o que dicta a razão, e pede o bem geral. E que seria então de meu amado Pai, da sua familia, e do Reino! Seria universal a des-

graça, e eu a primeira victima: lembre-se porém V. M. do prognostico, que espero em Deos se não cumpra; V. M., minha Mãi, e toda a Real familia me seguirião sacrificados pela perfidia do monstro cruel, sendo por fraqueza e falta de prevenção, não só objectos de compaixão, mas de amargas censuras. Sei que o allucinado traidor não gozaria muito tempo do fructo dos seus crimes, pois inhabil e aborrecido da Nação inteira, miseravelmente acabaria, porém sempre teria a barbara consolação de nos ver primeiro desgraçados e extinctos.

He pois indispensavel, para evitar tão horrivel desgraça, que o meu adorado Pai se revista de fortaleza invencivel, e que, apenas se resolver a praticar o indicado, m'o advirta, para ordenar os planos e Decretos. Chegado o momento da execução, he necessario que eu me não separe hum instante do seu lado, para que minha Mãi lhe não falle só, e para que descarregue sobre mim os primeiros impetos do seu resentimento. Deste modo nada temo; pois como conheço bem a Godoy, nenhuma especie lembrará em seu favor, que eu não possa destruir; o que evitará a V. M. muitas dúvidas, e o confirmará mais na sua feliz resolução. V. M. verá como satisfaço ás queixas de minha Mãi, como desvaneço as suas objecções, a applaco e convenço, e como temos por fim o prazer de a desenganar de hum erro, que tem origem na excessiva bondade de seu coração. Porém até ao momento do desengano, e da bonança, he, torno a dizer, indispensavel, que eu esteja ao lado de V. M. para consolação sua, e de minha amada Mãi, e para o feliz exito deste projecto.

Tenho, Senhor, acabada a minha humilde Representação, extensa para o desejo de não molestar a V. M., e curta para os delictos de Godoy. Nella os expuz e provei em geral: indiquei a fórma de segura averiguação: demonstrei, que ainda sendo innocente, era preciso abate-lo, e segura-lo: e por fim apontei os meios suaves e justos de conseguir estes fins. Não me resta pois mais do que supplicar reverentemente a V. M., que me perdoe, se a precisão de dizer a verdade em assumpto tão importante, me obrigou a transpôr alguma vez os limites do profundo respeito que professo, e professarei, em quanto viver, aos meus queridos e venerados Pais.

Agora, Senhor, que V. M. tem acabado de ler este papel, se fosse, o que não creio, tão grande a desdita deste seu amante filho, que se não movesse o animo de V. M., e que determinasse depositar como até agora a sua confiança, ou a não tomar medidas algumas sem préviamente o participar a minha Mãi, torno a pedir a V. M. pelo Deos que nos ha-de julgar, que guarde em seu peito este perigoso segredo, como o guardarei nó

meu, e que se digne restituir-me este papel, em tal caso inutil, para o reduzir a cinzas, pois ao menos servirá isto de se não adiantar a minha morte e a sua.

Porém, Senhor, delirio seria huma tal desconfiança. O amor paternal de V. M., a sua penetração, e o muito que tem sempre confiado neste filho, que tanto o ama, me confirmão na persuasão de que ha-de adoptar as minhas justas e saudaveis idéas, com as quaes, mediando o favor Divino, salvará V. M. o Reino da ultima ruina, e grangeará as bençãos de todos os vassallos, e os applausos da Europa inteira. Nada mais desejo do que alcançar os referidos fins, e a conservação da vida preciosa de V. M., e de minha amada Mãi, por dilatados annos, e com infinitas venturas.

FERNANDO.

N. 6.º

MANIFESTO

DIRIGIDO

AOS FIEIS VASSALLOS DE S. M. C.,

O REI DAS HESPANHAS, E INDIAS,

POR S. A. R.

A SENHORA D. CARLOTA JOAQUINA,

INFANTA D' HESPANHA,

PRINCEZA DE PORTUGAL,

E DO BRAZIL.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1809.

Com licença.

D. CARLOTA JOAQUINA de Bourbon, Infanta d'Hespanha, Princeza de Portugal, e do Brazil: Faço saber aos leaes e fieis Vassallos d'El-Rei Catholico das Hespanhas e Indias; aos Chefes, e Tribunaes; aos Cabidos Seculares, e Ecclesiasticos; e ás mais Pessoas, em cuja fidelidade se acha depositada toda a authoridade, e administração da Monarquia, e depositados os Direitos da minha Real Casa, e Familia: Que o Imperador dos Francezes, depois de haver exhaurido a Hespanha de homens, e de cabedaes, que debaixo do pretexto de huma falsa, e caprichosa alliança lhe exigia continuamente para sustentar as guerras, que promovia sua illimitada ambição, e egoismo, quer por ultimo realizar o systema da Monarquia universal.

Este projecto, grande unicamente pelas grandes atrocidades, roubos, e assassinatos, que devem precedello, lhe suggerio a idéa de segurar primeiramente em si, e em sua familia o Throno, que a sanguinaria revolução usurpou á primeira linha de Minha Real Familia, e depositou em poder deste homem até então desconhecido. Para esse fim pertende exterminar, e acabar Minha Real Casa e Familia, reconhecendo que nella residem os legitimos Direitos, que retêm usurpados, e ambiciona justificar em seu poder.

Intentou primeiramente, por meio da mais falsa politica, apoderar-se de Nossa Pessoa, e das de Nossos muito amados Esposo e Filhos, debaixo do apparente, e enganoso principio de protec-

ção contra a Nação Britanica, de quem temos recebido as maiores provas de amizade, e alliança; porém, frustrados seus designios pela nossa retirada a este Continente, desaffogou sua ira, e sede insaciavel com o saque geral, que mandou praticar por *Junot* em todo o Reino de Portugal, sem respeitar cousa alguma, chegando a manchar suas mãos nos vasos do Sanctuario.

Suscitada pouco depois huma sublevação, ou tumulto popular na Corte de Madrid, contra meu Augusto Pai e Senhor, ElRei D. Carlos IV., para obrigallo a abdicar, ou renunciar o Throno a favor de Meu Irmão o Principe das Asturias, quiz logo envolver-se nestas agitações domesticas para conseguir o fim abominavel de convidallos a passar ao territorio do seu Imperio, affectando a maior segurança de Suas Pessoas, ao mesmo tempo que seu unico objecto era conservallas em situação de poder com ellas realizar o iniquo plano de seus projectos.

Conduz e arrasta Meu Augusto Pai com todos os demais Individuos de Minha Real Familia a Bayona de França, e alli os violenta, e obriga a assignar hum acto de abdicação e renúncia, por si mesmo nullo, debaixo dos illusorios, e fantasticos motivos de conservar a integridade da Hespanha, que só elle quer violar; e manter a Religião Catholica, que elle só ultraja e detesta: acto, pelo qual todos os Direitos de Minha Real Familia á Coroa de Hespanha, e Imperio das Indias se reputarião cedidos a favor deste Chefe ambicioso, se opportunamente não Reclamassemos da violencia injusta, e iniqua concebida e executada contra o Direito natural e positivo; contra o Direito Divino e humano; contra o Di-

reito geral de todas as gentes; e até desconhecida das Nações mais barbaras.

Estando desta sorte Meus muito amados Pais, Irmãos, e mais Individuos de Minha Real Familia de Hespanha, privados de sua natural liberdade, sem poder exercer sua authoridade, nem de modo algum attender á defeza, e conservação de seus Direitos, ao governo e direcção de seus fieis e amados Vassallos; observando por outra parte a perniciosa influencia, que póde ter hum semelhante acto nos animos perversos, e dispostos a propagar o scisma, e anarquia tão prejudiciaes á sociedade, e aos membros que a compõe; considerando-Me por estas razões sufficientemente Authorizada, e obrigada a exercer as vezes de Meu Augusto Pai, e Real Familia de Hespanha, existente na Europa, como sua mais proxima Representante neste Continente da America, para com seus fieis e amados Vassallos: Me pareceo conveniente, e opportuno dirigir-vos este Meu Manifesto, pelo qual Declaro absolutamente nulla a abdicação, ou renúncia, que Meu Senhor e Pai ElRei D. Carlos IV., e os outros Individuos de Minha Real Familia de Hespanha tem feito a favor do Imperador, ou Chefe dos Francezes, á qual declaração devem acceder, e adherir todos os fieis e leaes Vassallos de Meu Augusto Pai, em quanto que se não acharem livres, e independentes os Representantes de Minha Real Familia, que tem melhor direito, que Eu, de exercellos; pois não Me considero mais que huma Depositaria, e Defensora destes Direitos, que Quero conservar illesos, e intactos da perversidade dos Francezes para restituillos ao legal Representante da mesma Augusta Familia, que exista, ou possa existir in-

dependente na época da Paz geral : Igualmente vos Rogo e Encarrego encarecidamente, que prosigais, como até aqui, na recta administração da Justiça em conformidade das Leis, as quaes procurareis zelosamente se mantenhão illesas em seu vigor, e observancia; cuidando muito particularmente da tranquillidade pública, e defensa desses Dominios, até que Meu muito amado Primo, o Infante D. Pedro Carlos, ou outra Pessoa chegue entre vós authorizado interinamente, para regular os objectos do Governo desses Dominios, durante a desgraçada situação de Meus muito amados Pai, Irmão, e Tio, sem que Minhas novas providencias alterem de modo algum o disposto, e providenciado por Meus Augustos Predecessores.

Esta declaração, que vai por Mim assignada e referendada por quem serve de Meu Secretario, vo-la remetto, para que a guardeis, cumprais, e façais guardar, e cumprir a todos os subditos de vossa jurisdicção, fazendo-a communicar do modo e fórma, que até agora se communicavão as Ordens de Meu Augusto Pai, a fim de que conste a todos, não sómente quaes são Meus Direitos, mas tambem a firme resolução, em que Me acho de mantellos inviolavelmente; certificando da mesma sorte, que, como Depositaria, não he, nem será nunca de Minha Real Intenção alterar as Leis fundamentaes da Hespanha, nem violar os privilegios, honras e izempções do Clero, Nobreza, e Póvos da mesma Monarquia; que todos, e todas reconheço aqui, e diante do Ser Supremo, que abençoará esta solemne, e tão justa, como bem fundada protestação.

Dado no Palacio de Nossa Real habitação do

Rio de Janeiro sob Nosso Real Sello aos 19 de Agosto de 1808.

A Princeza *D. CARLOTA JOAQUINA de Bourbon.*
(L. S.)

D. PEDRO CARLOS de Bourbon e Bragança, Infante de Hespanha, Grande Almirante das Esquadras de S. A. R. o PRINCIPE REGENTE de Portugal, etc. Faço saber a todos os fieis Vassallos do Meu mui amado Senhor e Rei de Hespanha, e Indias; aos Chefes, e Tribunaes; aos Cabidos Seculares, e Ecclesiasticos, e a todas as mais Pessoas constituidas em Dignidade em todos os Dominios da Soberania Hespanhola: Que achando-se Meu Augusto Tio, e outros Individuos de Minha Real Familia de Hespanha debaixo do poder oppressivo dos Francezes, ao qual forão conduzidos pelos meios vís de seducção e engano, e privado de sua natural liberdade, se achárão violentados e constrangidos a assignar huma abdicação, ou renúncia a favor do Imperador dos Francezes, pela qual todos os Direitos de Minha Real Familia passarião a seu poder, se não houvéra sido executada por meios tão injustos e iníquos, como são os do engano, usurpação e violencias; e, se em tempo opportuno não declarasse inteiramente nulla aquella abdicação, Conformando-me, como Me Confórmo em tudo ao theor do Manifesto, que Minha mui querida Prima D. Carlota Joaquina, Infanta de Hespanha, e PRINCEZA de Portugal, e do Brazil, vos tem dirigido, o qual Approvo e Ratifico em todos seus Artigos, reservando e mantendo em consequencia desta mesma Minha Approvação, o Direito de anterio-

ridade e preferencia, que pertence aos Individuos da Minha Real Familia, comprehendida a de Meu muito amado Tio, Rei de Napoles e das duas Sicilias, segundo a ordem de successão constituida pelas Leis fundamentaes da Monarquia Hespanhola, cujos Direitos e prerogativas Quero se conservem da maneira e fórmas expressadas, até que a Divina Providencia se sirva restituir a seu antigo estado os Individuos da Minha Real Familia de Hespanha, em quem reconhecemos o melhor, e primeiro direito: E para que assim o tenhais entendido, vos remettemos este Nosso Manifesto sellado com o Nosso Sello Real, e referendado por aquelle, que faz as funcções de Nosso Secretario; e vos rogamos, e encarregamos o façais circular por vossa respectiva jurisdicção, do mesmo modo, e fórma, em que até agora circulavão, e se communicavão as Ordens de meu Augusto Tio e Senhor ElRei D. Carlos IV.

Dado no Palacio da Minha Real Habitação no Rio de Janeiro aos 20 de Agosto de 1808.

O Infante *DOM PEDRO CARLOS de Bourbon e Bragança.*

(L. S.) *D. Fernando José de Portugal.*

N. 7.º

REPRESENTAÇÃO

FEITA

AO

PRINCIPE REGENTE N. S.

POR

SUA AUGUSTA ESPOSA,

E PELO

SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. PEDRO CARLOS

COM A RESPOSTA DO MESMO SENHOR.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.

Com Licença.

DISSERTAÇÃO

REPRESENTAÇÃO.

AS tristes noticias recebidas d'Hespanha a respeito da occupação da Capital, e outros lugares importantes pelos Francezes, declarados inimigos da Coroa de Portugal, e não menos adversos na sua conducta á de Hespanha, nos affligirão profundamente: e desde este momento nos parecia antever a escravidão da fiel, e generosa Nação Hespanhola, e a consequente ruina do Throno de nossos Maiores.

A iniqua conducta do Imperador dos Francezes, e as atrocidades de seus Generaes, e Ministros, ha muito nos davão abundantes motivos para manifestarmos o nosso justo resentimento, que a pezar disso julgamos convinha conter em silencio; considerando que o auxilio da nossa voz não era necessario para expôr a razão, e justiça da nossa causa, ultrajada pelo despotismo de hum poder absoluto, e arbitrario. Porém agora que estamos scientes da perfidia, com que debaixo do pretexto de huma conferencia amigavel o Rei Chefe, e Cabeça da nossa Casa, e os ramos da nossa Familia na Hespanha forão persuadidos a confiar suas pessoas daquelle mesmo, que ameaçava os seus direitos, os nossos, e os de todos os vassallos do Rei d'Hespanha; perfidia pela qual elles forão violentados a assignarem actos formaes de abdicação, e renúncia; forão individualmente levados para fóra do seu Reino, e prezos em lugares já d'antes manchados com o sangue de outros ramos da Famila Real. Nós cheios então de horror de semelhantes procedimentos, julgamos que he do nosso dever implorar o auxilio de V. A. R., como nosso immediato, e natural protector, supplicando-lhe interponha a sua authoridade contra a propagação deste systema de usurpações, que vai devorando todos os Estados da Europa hum após outro; pedindo nós, ao mesmo tempo, o soccorro de V. A. R. em favor da nossa Casa, a fim de que pelo seu poder, e influencia, Nós (como os mais proximos parentes do Rei d'Hespanha) nos vejamos na situação de preservar seus direitos, e de assegurar firmemente

os nossos pela união das forças Portuguezas, Hespanholas, e Inglezas, a fim de obviarmos que os Francezes possão com os seus Exercitos commetter aqui os mesmos actos de violencia, e subversão, que tem praticado em toda a Europa.

V. A. R. em consideração do estado, e circumstancias, em que se acha nosso Augusto Pai, e Tio, com o resto da Familia da nossa Augusta Casa d' Hespanha, não deixará de approvar este procedimento; procedimento, que tem por base os principios fundamentaes da Monarquia Hespanhola, á qual jámais renunciaremos; procedimento justificado pelos incontroversos principios da justiça natural, e Divina. E nesta certeza esperamos tambem que este passo mereça a approvação do nosso querido Tio o Rei das Duas Sicilias, da sua Real Familia, e de todas as personagens, que nisto se interessão. Além disso, consideramos este procedimento como huma medida já esperada pelos Membros da nossa infeliz Familia, que se achão em estado de constrangimento, e oppressão, fóra do seu Reino, e (o que he mais duro ainda) arrancados do seio de seus queridos vassallos os fieis, constantes, e generosos Hespanhoes.

Tal nos parece ser o verdadeiro objecto, que nossos queridos Primos, e Tio, o Principe das Asturias, e os Infantes D. Carlos, e D. Antonio quizerão dar-nos a entender, e insinuar-nos, quando depois de descreverem a entrada das tropas Francezas, e a sua superioridade em número, continuão do modo seguinte:

« Neste estado de cousas SS. AA. RR. reflectindo na situação, em que elles actualmente se achão, assim como nas delicadas circumstancias, em que está a Hespanha; e considerando, que em huma crise de tanta difficuldade qualquer tentativa da parte do povo Hespanhol, para recobrar seus direitos, será mais capaz de trazer comsigo ruina, que vantagens, pois não póde ter outro resultado, que o de fazer que corrão torrentes de sangue, e o de occasionar a perda certa da maior parte das suas Provincias, e de todas as Colonias de Ultramar... »

Este estilo de expressões parece offerecer evidentes provas: em primeiro lugar, da violencia exercitada com os Principes para obrigallos a escrever, mas sem consentir que escrevessem quanto desejavão, e quanto convinha para manifestarem seus verdadeiros sentimentos: em segundo lugar, de que talvez se a Hespanha não estivesse naquellas circumstancias, e occupada por hum exercito inimigo, elles mesmos julgarião que cumpria aos seus habitadores,

fazerem todos os esforços para recobrarem seus direitos: em terceiro lugar, que se as Colonias transmaritimas fossem reduzidas a huma situação semelhante, ficarião perdidas de todo. Por tanto nestas expressões nós descobrimos huma tacita, porém mui obvia insinuação, dirigida por elles a nós, e aos seus mais fieis Concidadãos, que ainda se acharem livres, de que todos de commum acordo contribuão para a defeza, e guarda de seus direitos.

Nós por tanto estamos firmemente persuadidos de que na mesma opinião hajão de concorrer comnosco nosso Tio em Sicilia, assim como todos os outros Membros da nossa Real Familia, e todos os outros nossos Concidadãos, que se acharem em liberdade, e longe de semelhantes insultos, e oppressão.

Roma, depositaria da nossa Sagrada Religião, outra vez se acha insultada, e sujeita ao poder arbitrario do perturbador commum da Europa. Em vão Sua Santidade protesta contra o desterro dos Eminentissimos Cardeaes: em vão lhes ordena, que não hajão de ausentar-se até que não sejão compellidos a isso por violencia. Elle já não tem mais recurso que o de queixumes, e lamentações, segundo nos consta da nota assignada pelo Eminentissimo Cardeal *Doria*, em que diz: « Que semelhantes procedimentos são manifestamente dirigidos á destruição, e subversão do Poder da Igreja. »

Damo-nos por felizes em nos vermos desta outra parte do Atlantico, aonde nos não consideramos vencidos, nem em circumstancias de o ser, se, banindo de nós todo o espirito de partido, cultivarmos aquella perfeita união, e alliança, em que a hum tempo se identifiquem nossos sentimentos, e se consolidem nossos recursos, os quaes são bastantes para formarem huma força respeitavel, e sufficiente a repellir qualquer invasão, e assegurar os nossos interesses, liberdade, e vidas contra a ambição da França.

Não podemos hum só instante duvidar da lealdade, e affeição, que em todo o tempo os habitadores da America tem mostrado á nossa Augusta casa, e em particular a nosso mui querido Pai, por quem elles ha tão pouco sacrificárão suas vidas, e fazendas, dando-lhe as mais altas provas de fidelidade.

Nestas idéas, e convencidos de que as desgraças da nossa Familia haverão de encher de afflicção todos os corações, que tomem qualquer parte na conservação de nossos direitos, confiamos que debaixo do poder, e auxilio de V. A. R. se poderá conseguir huma perfeita alliança com os Americanos, vassallos

do Rei d'Hespanha, pela qual fiquemos seguros contra os ataques do inimigo; entretanto que por medida tão justa, e saudavel virão a destruir-se todas as sementes daquellas disputas de familia, que continuamente nascem entre os vassallos de dous Reinos, e produzem sempre consequencias lamentaveis.

Com o intento de realizarmos os nossos justos, e saudaveis designios, desejamos ter occasião de os communicar aos Governadores, Tribunaes, e outras Pessoas, que são legitimos depositarios da authoridade de nosso Rei, e Senhor, a qual por modo nenhum desejamos alterar, ou restringir; antes pelo contrario anciosamente queremos preservar, e defender contra as forças da França. Para esse fim esperamos que V. A. R. queira interessar-se com o Almirante do nosso grande, e poderoso alliado o Rei da Gran-Bretanha, a fim de que disponha suas forças por tal modo, que sem injuria da defeza de V. A. R. nas costas do Brazil, contribua tambem para a das costas do Rio da Prata, e outros Dominios da America Hespanhola, sem prejuizo da navegação, e commercio, que cultivão os habitadores dos ditos Dominios com este, e outros portos do Brazil. Confiamos que huma tal protecção nos haverá de ser immediatamente prestada pela generosidade, e nobreza de caracter do Rei da Gran-Bretanha, e de sua poderosa Nação.

Concluimos supplicando a V. A. R. seja servido pôr á nossa disposição todos os meios necessarios para communicarmos estas nossas intenções aos Governadores, e Authoridades Civis, ou Ecclesiasticas, em quem reside na sua inteira força, e vigor a authoridade de nosso Augusto Rei, e Senhor, e a cuja lealdade estão confiados os direitos da nossa Augusta Casa, que desejamos anciosamente preservar inviolaveis, durante a continuação de desgraças, com que a ambição Franceza tem opprimido a nossa Real Familia d' Hespanha.

Palacio do Rio de Janeiro 19 d'Agosto de 1808.

(Assignados) A Princeza *D. Carlota Joaquina de Bourbon.*

O Infante *D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança.*

RESPOSTA DO PRINCIPE REGENTE.

VOssas Altezas Reaes me fazem justiça, julgando-me disposto a sustentar os seus Direitos, e os daquelles Hespanhoes, que forem fieis á sua Coroa, e Patria. No Manifesto que publiquei, ao chegar a este Continente, podia ter exprimido os meus justos resentimentos sobre a conducta do Governo Hespanhol, em quanto consentio a passagem das tropas Francezas, e se unio a ellas para invadir Portugal: contive-me de assim o praticar, e apenas me mostrei disposto á fazer justiça aos sentimentos de dôr, que todos os fieis Hespanhoes necessariamente haverião de ter ao verem-se compellidos a executar huma medida tão contraria aos interesses dos seus Principes, e á sua propria segurança.

Confiava eu que ainda haveria de chegar tempo, no qual nos unissemos como alliados para o fim de mutua defeza contra tão enormes, e multiplicadas aggressões.

Convenho com Vossas Altezas Reaes em que he chegado o tempo de entrarmos em semelhante união para irmos todos contra o commum inimigo; e confio em que de acordo com os meus Alliados, entte os quaes reconheço a Sicilia, que necessariamente se deve considerar tal, nós poderemos oppôr huma barreira ao progesso das Conquistas, que a França intenta fazer-nos. Pelo menos, eu da minha parte farei quanto está em meu poder para effectuar a saudavel combinação, e alliança, que Vossas Altezas Reaes acabão de propôr-me, e anciosamente desejo, que os Americanos, convencidos comnosco da urgente necessidade, que tem de serem protegidos, haverão de unir todos os seus meios, e forças para darem inteiro, e completo effeito aos desejos que tenho de assegurar-lhes a paz, e prosperidade de que elles são susceptiveis pela sua situação local.

Dado no nosso Real Palacio do Rio de Janeiro debaixo do nosso Real Sello aos 19 de Agosto de 1808.

PRINCIPE.

(Extrahido do *London Chronicle* Novembro 24 25 de 1808.)

RESPOSTA DO PRINCIPE REGENTE.

V. Ex.ª [illegible]

PRINCIPE.

(Extrahido do Jornal Civilisador Novembro 14 de 1828.)

N. 8.°

A SALVAÇÃO DA PATRIA.

PROCLAMAÇÃO AOS PORTUGUEZES SOBRE A SUA HONRA, E O SEU DEVER NAS ACTUAES CIRCUMSTANCIAS DA MONARQUIA.

POR

JOSÉ ACCURSIO DAS NEVES.

LISBOA M. DCCCIX.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Littora Littoribus contraria, fluctibus undas
Imprecor, arma armis: pugnent ipsique, nepotesque.

Virg. Ænead. Lib. IV. v. 629.

PORTUGUEZES.

QUando o General Junot se apresentou com o seu Exercito ás vossas fronteiras em Novembro de 1807, proclamava, que vinha em soccorro do nosso Augusto Soberano contra a imaginaria invasão dos Inglezes : acreditastes as suas aleivosas palavras ; porque as disposições do nosso Governo parecião confirmallas, e os pérfidos entrárão sem resistencia. Hum momento depois vós vistes aquelle Amavel Principe embarcar fugitivo com toda a Real Familia, para escapar ao furor das Aguias, que voavão a ensopar-se no seu sangue : então conhecestes o engano ; mas se por huma parte a indignação, o amor, a saudade vos armárão de huma colera terrivel contra este bando de salteadores, por outra vos desarmárão as Ordens deste Exemplar dos Soberanos amantes dos

seus vassallos, que tendo só em vista o vosso bem, vos prohibio huma resistencia, que nesse tempo seria tão indiscreta, como inutil, e serviria sómente de tornar em lagos de sangue as Provincias de Portugal. He assim que os pérfidos conseguírão atravessar o Reino com a capa de amigos, e protectores, e plantar a bandeira de tres côres sobre os muros da Capital.

Vós ignoraveis, que o indomito, o ambicioso Imperador dos Francezes mandava este Exercito, para executar contra vós, e contra a Real Casa de Bragança o anathema proferido ha dez annos sobre as margens do Nilo pelo General em Chéfe do Exercito do Oriente, e consummar a usurpação de Portugal projectada pelo primeiro Consul da Républica Franceza desde a Paz de Luneville. (*) Vistes em poucos dias desarmada a Na-

(*) Quando Bonaparte vio cruzar as Esquadras Portuguezas diante de Malta, e de Alexandria, durante a sua Expedição do Egypto, mandou publicar na Ordem do dia ao seu Exercito, que viria tempo, em que a Nação Portugueza havia de pagar com lagrimas de sangue a affronta, que fazia á Républica Franceza, (a Républica tinha rompido as hostilidades contra Portugal) e logo depois da Paz de Luneville tratou de atacar-nos de acordo com Carlos IV., com o qual fez huma Convenção datada em Madrid, em que tratárão occupar hum quarto de Portugal até á Paz definitiva. Se o Usurpador apanhasse ás mãos hum quarto, he

Nação, dissolvido o vosso Exercito, arrancado d'entre vós hum brilhante corpo das vossas melhores tropas, para irem arrastar longe de vós dias infelices na miseria, e talvez no crime, occupadas as Praças, saqueados os Palacios, invadidos os bens da Coroa, o Erario, os Arsenaes, e o proprio Governo. Tragastes o copo fatal, que vos apresentárão, sem saberdes o mortifero veneno, que continha, achastes-vos maniatados, sem terdes sentido os ferros. Roubárão-vos, assassinárão muitos dos vossos irmãos, deshonrárão as vossas casas, ultrajárão a Religião, e os seus Ministros, devastárão, e prostituírão sacrilegamente os Templos, abatêrão o Throno, fizérão em fim de Portugal hum cadaver lastimoso, sempre com promessas de grandes felicidades, e insultárão-vos de todos os modos possiveis, sem que lhe pudesseis dar remedio. A Nação inteira, sepultada no opprobrio, e na escravidão, deplorava tantos males, mas em segredo; porque até os suspiros erão

facil de prever, qual seria a sorte do restante. Elle estava tão decidido neste projecto de usurpação, que não quiz approvar o Tratado de Badajoz entre Portugal, e Hespanha; e fez intimar a S. M. C. que se persistisse em ratificallo, teria por consequencia immediata o perder a Ilha da Trindade; e cumprio a palavra. Estes mysterios nos forão revelados no *Cod. Diplomat. Tom. II. pag.* 451.

punidos de morte pelos satéllites de hum Tyranno, cujos Direitos consistem na força, e de que a força he unicamente sustentada pelo terror.

No meio do vosso cativeiro com que prazer não vistes raiar na Hespanha o clarão da liberdade! Com que alvoroço não recebestes os liberaes soccorros da Grã-Bretanha, e correstes ás armas de todos os pontos da Monarquia! Quizestes ser livres, e cahírão os ferros; quizestes voltar ao nosso legitimo Governo, e o Augusto Nome de João foi repetido entre vivas por tres milhões de vozes com todos os caractéres de huma alegria pura, e sem limites; e em quanto as soberbas Aguias erão calcadas por vós no Occidente, as Quinas triunfantes partião para todos os mares, levando até os confins do Universo o espectaculo de huma pequena Nação guerreira, e livre, que ousou enfrear a *Omnipotencia* do barbaro Usurpador, que tinha encadeado tantos Reis sobre os Thronos, e submettido tantos Póvos ao seu poder!

Desde então devieis prever, que o Tyranno procuraria de novo subjugar-vos, e aos valerosos Hespanhóes: ambição, capricho, e orgulho, tudo o estimulava a empenhar as suas forças nesta empreza; e desde então devieis prevenir-vos para repellir os seus novos ataques. Assim o fizestes, a hon-

honra, o valor, e o patriotismo vos elevárão desde os atoleiros de hum Mundo corrompido até a luminosa Esfera dos Affonsos, dos Nunos, dos Duartes, e de tantos outros, de cujos nomes he tecido o florão brilhante dos Fastos Portuguezes. As Raias de Portugal pareceráõ barreiras impenetraveis a todo o poder do Usurpador; e na effervescencia do vosso enthusiasmo, só o duvidallo vos pareceria huma temeridade, e, póde ser, hum crime.

Mas que vejo eu agora? Hum pequeno corpo desses mesmos Tyrannos, de que tinheis jurado a destruição, apresenta-se ás vossas fronteiras, e abrindo caminho por entre montanhas, que se julgavão inaccessiveis, atravessa duas Provincias, e vai apoderar-se da rica, e populosa Cidade do Porto! O Porto, o foco, donde tinhão partido os primeiros raios, que abatêrão os pérfidos, defendido por duzentos canhões, por trincheiras formidaveis, e por hum Povo intrepido, que insultava as forças do Inimigo, não resiste senão dous dias! E em que tempo? Quando os Exercitos mais numerosos, que já mais vio Portugal, estão em movimento para salvarem a Patria, servindo-lhes de Corpo de Reserva a Nação inteira armada em massa!

Sombras Immortaes dos Fundadores da Monarquia, e de hum Imperio mais vasto que o de

Alexandre, dos Conquistadores do Oriente, dos Vencedores dos dous Mundos, que tantas vezes tingírão com o seu sangue, triunfando de inimigos dez vezes superiores em número, para deixarem hum Nome eterno aos seus, Gloria, e Liberdade á Nação! Sombras Immortaes! Sustentai o valor, e a virtude dos vossos filhos, para que não desmaiem no começo de huma tão bella carreira! Mas não encontrareis vós senão filhos degenerados, que curvem de novo os pescoços, para receberem o jugo, que vem impor-lhes hum Exercito dez vezes inferior em forças; e que entreguem á discrição dos barbaros usurpadores da Europa a Religião, o Throno, a honra, as vidas, as fortunas?... Não são degenerados, honra, e valor não lhes faltão: são outras as causas, que os tem conduzido ás bordas do precipicio. Não he necessario, que inflameis os seus espiritos; pelo contrario precisão de huma severa Disciplina, que os contenha, e conduza á voz dos seus Chéfes, que lhes modere o fogo impetuoso, de que são animados. A insubordinação, e a Anarquia, estes poderosos Agentes do Tyranno, que por toda a parte lhe tem abatido as muralhas, e aberto os cofres, são os que estiverão a pontos de lhe entregarem hum Exercito Portuguez em Chaves, os que abrírão ao Marechal Soult o ca-

mi-

minho do Gerez, depois de repellido com tanto vigor pelas margens do Minho, e na Raia Secca, os que armárão os valerosos Portuenses huns contra os outros, fazendo correr o sangue dos nossos Concidadãos, quando era necessario, que corresse o dos inimigos, e em fim os que entulhárão os fossos, e arrazárão as trincheiras daquella importante Cidade. Que terrivel exemplo!

Sombras Immortaes! O valor dos braços, que animastes, assombrou o Mundo; mas foi sempre subordinado aos Chéfes, que vos conduzião. Nenhum de vós deixou de estremecer ao nome odioso da escravidão; mas nenhum já mais julgou offendida a verdadeira, a bem entendida Liberdade, com a mais exacta obediencia ás Ordens das Authoridades legitimas. Levantai-vos com a dignidade, que vos compete, mostrai ao Mundo os ferros, em que geme huma grande parte do Genero Humano, e os que se preparão para o resto: ensinai-lhe como se quebrão os ferros; e apontai com o dedo aos vossos filhos o caminho da verdadeira gloria. Fazei-lhes conhecer, que he do caracter dos Portuguezes, desde os tempos conhecidos, serem sempre vencedores debaixo da direcção de Chéfes habeis, e sempre vencidos nos combates tumultuarios.

A escravidão degrada o homem, e o assemelha

lha aos brutos. Nada de escravidão, briosos Portuguezes, que não nascestes para serdes tratados como bestas. Não vos deixeis eludir com as Proclamações, com que esse Enviado do Usurpador, o Marechal Soult, tem querido enganar os habitantes das Provincias do Norte, são como as que enviou aos Póvos da Suissa, quando foi atacar os chamados insurgentes de Schwitz, e outros Cantões visinhos, cheias de promessas, e palavras de paz, seguidas do roubo, da morte, e da deshonra. Se o duvidais, perguntai aos Póvos da Galliza, que o recebêrão sem resistencia, qual he a protecção, que nelle achárão. Perguntai aos Prelados, Capitulares, Abbades, Religiosos, Religiosas, e Cidadãos de todas as classes das Provincias invadidas, que em tropel concorrem á vossa Capital, qual he o motivo porque abandonão as suas Igrejas, os seus Conventos, e Clausuras, os seus Campos, e os seus Lares? Perguntai a vós mesmos pela protecção, que achastes no Exercito de Junot, tendo entrado como Amigo, e Alliado, e julgai a que podereis esperar de Soult, que entra a ferro, e fogo, e tem a vingar os caprichos de Napoleão, a injúria das Aguias, e o destroço dos *Invenciveis*? Junot, e Soult são Alumnos da mesma Escola.

Correi ás armas com valor, e observai as Ordens

dens dos Chéfes, que o nosso providente Governo vos tem nomeado, e a Patria será salva. Se alguem quizer aterrar-vos com as grandes forças do Inimigo, e com a nova Tactica, de que elle se serve, conhecei, que estas vozes só podem nascer da falsidade, ou da cobardia. Respondei, que sois Portuguezes, descendentes de Portuguezes, que nunca se intimidárão do que vírão, e muito menos do que não vírão; e zombai da novidade de huma Tactica, que não soube evitar o destroço dos *Invenciveis* do Norte na Rolissa, no Vimeiro, em Caminha, Chaves, Baylen, na Mancha, Aragão, por toda a Galliza, &c. &c. Véde como hum punhado de Soldados Portuguezes unidos ao Povo Bracharense detem por tres dias o passo a este mesmo Exercito; e como o tem agora encerrado no Porto, e suas visinhanças, com todas as suas communicações cortadas, esperando pelo ultimo golpe, que ides sem dúvida descarregar-lhe.

O Exercito de Soult não he maior, que o de Junot, que vencestes no Vimeiro. E em que tempo ganhastes esta victoria? Quando as vossas forças se achavão quasi reduzidas ao Exercito auxiliar Britanico, e todas as vossas Praças, e Arsenaes estavão em poder do Inimigo, que vos não tinha deixado nem huma arma para o vosso uso. Agora todas as Praças, e todo o Territorio de

Por-

Portugal estão livres, á excepção desse pequeno espaço, em que tendes encurralados os Tyrannos, toda a Nação armada, hum grande Exercito commandado por hum grande General, armas, e munições com abundancia, e huma força auxiliar Ingleza maior, do que quando vencestes o Exercito de Junot: seria esta a occasião, em que vos deixasseis possuir de medo?

Estou bem persuadido de que Portugal tem hoje forças combinadas, que igualão as que o Usurpador conserva em toda a Peninsula, e vejo claramente, que a causa deste principiou a decahir na Hespanha, desde que elle se vio obrigado a abandonar a preza, para ir acudir, se pudesse, á nova tempestade, que o ameaça pelo Oriente, e pelo Norte. Se os seus Exercitos avançárão algumas leguas na Extremadura, perdêrão a Galliza, e derão lugar a renascer hum Exercito Hespanhol, que davão por anniquilado, o qual, unido ao das Asturias, vai dar huma nova direcção aos successos da Peninsula. A Austria já começou a vibrar os seus raios contra o Usurpador, e seus satéllites, as Potencias do Norte dão todas as esperanças de entrarem na nova coalisão, e até o Serralho de Constantinopla cessou em fim de ser inaccessivel aos principios de huma boa Politica. Cayena entregou-se ás armas Portuguezas, quasi tudo o que os

Ty-

Tyrannos possuião em S. Domingos, e na Martinica aos Hespanhóes, e Inglezes, as Ilhas Mauricias, que lhes não servião, senão para covil das suas piraterias, estão rigorosamente bloqueadas, estreitão-se todos os dias á França despovoada, sem commercio, e sem navegação, todos os meios da sua prosperidade, e da subsistencia dos seus Exercitos, que só vivem de rapinas. E seria esta a occasião, em que vacillasse a firmeza dos peitos Lusitanos? Apartemos daqui a imaginação; porque só em pensallo fariamos injuria á Nação.

Nada de escravidão, Portuguezes, que vos igualaria ás bestas: cahi por hum movimento bem combinado á voz do vosso General sobre o Exercito de Soult, e eu vos prometto a victoria. Se algum outro se atrever a penetrar vossas fronteiras, repeti a mesma operação com a rapidez, que exigem as grandes crises, e tereis o mesmo successo. Soult está reduzido a experimentar no Porto a sorte de Monte-cretto (*), e Beresford a pontos de renovar-lhe as lições de Melas, e Suwarow. Soffrei com firmeza os males, que póde causar-vos hum Corpo destes nas suas correrias, que se acaso não são filhas de hum Plano, de que as

(*) Na acção do Campo de Monte-cretto ficou prisioneiro o General Soult, depois de huma bala lhe ter quebrado a perna direita. *Galer. Milit. Tom. VII.* em *Soult.*

as outras partes se não poderáõ executar, parecem mais depressa producções de loucura, do que da Arta Militar: he por meio da constancia, e paciencia nos revezes, que em fim chegareis ao triunfo. Fortificai, e abastecei as Praças, que são os escolhos, onde quebrão as suas forças estes Corpos volantes, depois de enfraquecidos pelas suas mesmas correrias: semelhantes ao touro, que avança no curro com toda a sua furia, deixando em roda as trincheiras, mas que em fim cahe opprimido de cançaço, e dos farpões lançados a proposito, elles aprenderáõ á sua custa a respeitar a Arte dos Vauban, e dos Cohorn, que agora affectão desprezar com altivez.

Juremos, Portuguezes, hum odio eterno, huma guerra implacavel aos Tyrannos, que nos querem encadear: *Littora littoribus contraria, fluctibus undas imprecor.* Tendes tomado as armas, para segurar a independencia Nacional, e a segurança pessoal, não as deponhais, sem terdes abatido os monumentos da Tyrannia; e tremão os Palacios do Usurpador, de que os materiaes forão amassados com o sangue de nossos irmãos!

N.º 5.º

NOVA PROCLAMAÇÃO DOS HESPANHOES AOS PORTUGUEZES,

EXTRAIDA DO DIARIO DA CORUNHA DE 6 DE NOVEMBRO DE 1808.

LISBOA;

NA OFFICINA DE JOÃO EVANGELISTA GARCEZ;

Anno 1808.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

DIARIO DA CORUNHA
de 6 de Novembro de 1808.

Nunc animis opus est, nunc pectore firmo.

PORTUGUEZES. Vós que em todos os tempos tendes sido Amantes da vossa independencia; zelosos observadores das vossas Leis, Religiosas, e Civís; fieis a vossos Soberanos, e Enthusiastas da gloria da vossa Patria: Vós que não obstante cubrir-vos o mesmo clima, habitares o meſmo terreno, professares a mesma Religião, e teres quasi as mesmas Leis, Idioma, e Costumes que os Hespanhoes, tivestes por desdouro arvorar nos vossos Estandartes as Aguias Imperiaes de Austria, e os Castellos e Leões de Heſpanha, fazendo huma parte integral da dominação dos Filippes; e que contra todo o seu poder, recobrasteis tão gloriosamente a vossa independencia, e a vossa liberdade, pondo a Coroa na cabeça dos Heroes da Casa de Bragança, vossos legitimos, e Amados PRINCIPES; que forão sempre o unico ob-

objecto das vossas delicias, e que sempre competírão com os Reis mais Poderosos, pelo amor especialissimo que os Portuguezes conságrão aos seus Monarchas: Vós que conservando com a maior pureza, a Religião Catholica, tendes merecido pela vossa lealdade a Deos, e ao Rei, o epiteto de Fidelissimos, dado ao Soberano em representação da Nação inteira; que zelando o recato de vossas Esposas, considerastes sempre a honestidade como parte mais essencial da belleza; que mais Politicos, e Sábios que os outros Estados de huma ordem igual, tendes sabido manter illesa a íntima alliança que vos liga com os Inglezes, a fim de conservar, contra a força, e ambição das Potencias Maritimas da Europa, as vossas Colonias adquiridas com tanta gloria, reconhecendo que desta união, que vos facilita o transporte dos generos, e o vosso Commercio Maritimo, depende a vossa felicidade e oppulencia, e que não obstante a decadencia da vossa Marinha (arbitra em outro tempo dos Mares) vistes em circunstancias mais arriscadas, e críticas, as variações, e perdas que soffrêrão Veneza, Holanda, e outras Potencias de maior Ordem, com augmento sempre do vosso Commercio, e admiração, e inveja de

to-

do Universo. Vós em fim que consentistes, que o vosso Amado PRINCIPE, e toda a Sua Real Familia, com o soccorro dos vossos Generosos Alliados, se salvassem no Rico Imperio do Brazil, derribando, com este feliz sucesso, o gigantesco projecto, que Buonaparte, tinha concebido de appoderar-se das Americas, e que pérfidamente subjugados, reduzidos ás escassas producções do vosso Paiz, e opprimidos com o grave pezo de Contribuições violentas, chorareis para sempre perdido o vosso Rei, a vossa Religião, as vossas Colonias, e com ellas o vosso Commercio, forçadas vossas Esposas, prostituidas, e violentadas as vossas Virgens, agrilhoados os vossos filhos e irmãos, e como escravos condemnados a findarem com suas Esposas os seus dias entre os gelos do Norte, quando milagrosamente vos achasteis remidos pela heroica resolução dos Hespanhoes, cujo exemplo seguirão os Habitantes das vossas Provincias, conseguindo com o auxilio dos vossos generosos amigos Inglezes, lançar fóra do vosso Paiz os débeis Exercitos dessa Nação pérfida, que formava o ridiculo dos vossos Theatros, sempre aborrecida pela sua immoralidade, e inconstancia, e olhada com o horror, e des-

pre-

prezo que merecem a ousadia, e a libertinage: He possivel, que agora que se trata de expulsallos de huma vez fóra de Hespanha, fazendolhes perder até a esperança de jámais tornarem a profanar os vossos Templos, o vosso Throno, e os vossos usos; de exercer os saques, e de carregar-vos com os ferros da mais infame Escravidão, vos mostreis tão remissos em unirvos com os vossos Irmãos Hespanhoes, e com os vossos amigos Inglezes para a conclusão de huma causa tão commum, tão necessaria, e tão justa? Póde prezumir-se que a virtude Luzitana tenha degenerado em liberdade Franceza, com apêgo ás suas maximas? A Europa o não acredita; porém tambem não póde deixar de considerar a vossa demora como hum reprehensivel descuido, opposto ao vosso antigo systema. Que seria do vosso Paiz, sem o transporte dos effeitos das suas Colonias, que fórmão a baze do vosso Commercio? Que Soberania poderão mostrar os pomposos edificios das margens do Téjo, se não forem adornados com o ouro do Brazil? Quando poderieis vós, em quanto Escravos de Buonaparte, entregar sem interrupção, a vossa attenção ao Commercio, e os vossos braços a Agricultura?

Ah

Ah Portuguezes! Que grande será a vossa desventura, se pelo vosso descuido tornais a ser desgraçadamente obrigados a curvar a cabeça ao cutello do nosso inimigo commum! Eia pois, Nobres Lusitanos, recordai na vossa memoria os Viriatos, os Gamas, os Andrades, e outra infinidade de tantos Heroes, que forão o assombro de Roma, da Asia, e da Africa, e fizerão a gloria da vossa Patria: Imitaios, e univos sem perda de tempo com os vossos Irmãos Hespanhoes, e com os vossos valerosos alliados Inglezes, para lançar para lonje dos Pirinéos esses malvados, cheios de susto, de confusão, e de opprobio. E se por acaso em Lisboa (porque nas Provincias não he possivel) ha algum Portuguez, tão indigno deste nome, e tão desgraçado, que não seja fiel amante do seu PRINCIPE, da sua Religião, e da sua Patria; conduzi esse monstro para lonje do vosso Paiz, de donde mais não torne a inficionar a Patria, e ser a sua affronta. Vede, que a demora he perigosa, e que se não deve perder hum só instante. Agora he que se preciza de valor, de união, e de firmeza.

Nunc animis opus est, nunc pectore firmo.

N. 10.

ELOGIO

A OS

RESTAURADORES DE PORTUGAL

No Anno de 1808.

LAMENTOS DE HUM MILITAR,

E

AVISO ÁS NAÇÕES DO CONTINENTE:

FEITO POR

JOÃO XAVIER TABORDA PINHATELLI, Cavaleiro da Ordem de Avis, Fidalgo de Solar conhecido, e Coronel agregado ás Milicias da Guarda.

LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA.

Anno M. DCCC. VIII.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

. . . . . PORTUGAL VENTUROSO!
Quem não vê que tu és o Povo amado,
A quem no Grande Affonso hum Rei foi dado?

Do mesmo Author no Elogio aos felizes annos de S. M. a Rainha N. S.

DEDICATORIA

A SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR.

SENHOR,

A BONDADE, com que V. A. R. permittio, que o seu Augusto Nome ornasse o Frontespicio de algumas das minhas Poezias, me impõe a honorifica, e gostosa obrigação de dedicar-lhe esta, e muito mais, Senhor, quando ella não he senão as vozes de huma alma, que

tem por V. A. R. , o mais profundo respeito , o mais excecivo amor , e a mais verdadeira lealdade : porém que Portugues haverá , que não tenha por V. A. , e por toda a sua Real Familia estes mesmos sentimentos ! Ah ! Senhor ! quem me dera ter huma Eloquencia tal , que podesse fazer a fiel narração da lealdade Portugueza , e do seu amor pelos seus Augustos Soberanos ! quem poderá explicar a saudade que lhe produzio o tristissimo dia de 29 do passado Novembro ! quem a raiva , e o odio contra o ferreo Jugo com que nos quiz flagellar a malvada , e abjecta Nação Franceza ! quem o valor , a energia , e a boa vontade com que as Provincias deste Reino leal , e o do Algarve se prestárão promptamente a libertallo , mal que se ouvio a primeira voz da Restauração , sem temer as tyrannias das tropas francezas , que vagavão por ellas ! diga-o o Glorioso Douro , o Algarve , e a piquena Aldea da Junça , meia legoa de Almeida , que as repelírão , e lhe derão algum castigo , matando-lhe muitos francezes , com a felicidade de não morrer algum Portuguez , e digão-no as infelizes , mas leaes , e valerosas Evora , e Beja , Alpe-

drinha, Leiria, e Guarda, que não chorão as suas grandes perdas, porque tiverão a Gloria, e a força de matarem mais de cinco mil daquelles vis, daquelles Tyrannos! que expreções haverá bastantes, que possão dar huma inteira noticia do famoso, e para sempre memoravel dia, quinze do passado mez de Setembro, principalmente no gostosissimo instante em que outra vez se arvorou no Castello desta Capital a Bandeira de V. A., ventura que nos foi annunciada pelas Salvas Reaes de Artilheria, por girandolas de fogo, e repiques de todos os sinos! Como ha de pintar-se o execivo prazer com que os corações abafados de pena! de raiva, e dôr; principalmente desde o fatal, e negro dia primeiro de Feveiro, agora exultando de alegria, de prazer, e de satisfação, não cabião em si, e enchião os ares de Acclamações, e vivas, repetindo a qual mais gritava. = Viva o Nosso Amado Principe Regente, viva a Real Familia. Viva Portugal! Viva Inglaterra, e Hespanha, vivão os Nossos Aliados! e morrão Napoleão, e os Francezes. = *Acclamações, e vozes, a que os fortes, e honrados Hespanhoes, e Ingle-*

zes, correspondião com vozes fortes, e semblante de verdadeiros Amigos! A commoção era geral, e todos se distrahião com allegria. As mãis mais ternas vinhão ás jánellas augmentar os vivas, esquecendo nos berços os tenros filhos, e as que os tinhão nos braços os levantavão ao Ceo, para dar-lhe as graças por este prazer, por este beneficio! Os homens de todas as classes corrião huns para os outros, com o rosto banhado em allegre pranto, a dar-se reciprocos parabens, e abraços, e não só os amigos, e os indiferentes, até aquelles que havia tempos não querião ver-se, e menos fallar-se, agora insensivelmente se abraçárão, se-fallárão, e ficárão outra vez amigos. Todos gritavão com prazer, e todos choravão de allegria! Eu mesmo, que desde os tristes dias em que perdi os amaveis Pais, a quem devo a grande, e gostosa obrigação de me educarem na Religião Romana, e no mais constante systema de lealdade, e vassalagem, não permitti jámais aos meus olhos que chorassem, por julgar improprio a hum Militar o pranto, chorei tambem então, e choro ainda agora ao escrever estas allegrias com huma commoção con-

soladora. Seguírão-se doze dias de geraes luminarias, e ainda vai havendo muitas particulares com decorações Magestosas: todos se prestárão espontaneamente a polas, havendo muitos, que com todo o gosto empregárão nos materiaes para ellas o dinheiro, que tinhão para jantar aquelles dias. Em huma palavra, Senhor, o amor, e a lealdade, que tem os Hespanhoes, e os Portuguezes aos seus Augustos Soberanos, não póde explicar-se nem em prosa, nem em verso; porque he pequena a Relação mais larga, e he nada todo o estro, e toda a poesia. E se tanto nos allegrou a figura, qual será o prazer, qual a commoção de allegria, quando virmos o Augusto figurado? Como será ditoso o suspirado momento, em que o Patrio Téjo vir subir sobre as suas crystallinas ondas as brilhantes Náos, que hão de restituir-nos a Sagrada Pessoa de V. A., e a Real Familia! Feliz eu, e os mais, que agora vimos esta ditosa restauração; porém muito mais felizes aquelles, que tiverem a ventura de ver aqui a V. A., e a Familia Real, e a honra de beijar-lhe as mãos: Augustas Mãos

a quem só he devido empunhar o Septro do Grande Affonço, e Familia Augusta e Regia, de qnem eu só quero, e podia ser vassalo. Mas eu tenho cançado a V. A. R., e seguramente hei enternecido o seu amânte, e piedosissimo Coração. Senhor, perdoe V. A. R. os transportes de huma alma fiel, que anima a quem tem por Gloria, e por ventura o ser com o maior, e mais profundo respeito

De V. A. REAL

Hum dos mais leaes, mais amantes, e mais humildes vassalos

Lisboa 4 de Outubro
de 1808.

João Xavier Taborda Pinhatelli.

PROLOGO.

A Terrivel molestia de Herpes miliares, que me tem opprimido desde o meio do mez de Junho, e que logo me incapacitou de todo o serviso, chegando a ponto de não poder suportar nem a camisa sobre o corpo em cincoenta dias; resistindo á molestia, ás receitas, e cuidados, dos excellentes medicos, e habillissimo cirurgião, me impedio o prazer, e a gloria de entrar no honroso número dos Restauradores de Portugal: ainda nos felizes dias dos Combates da Roliça, e do Vimeiro, em que forão batidos os Francezes, julgava eu, que não podia haver maior dôr, que as dôres que me davão os Herpes semeados pelas costelas desde o estomago, até o espinhaço; mas apenas soube da derrota dos Francezes, e que discorri, que já não havia occasião de eu poder ainda combatelos unido aos honrados Heroes, que acabavão de fazer-lhe a guerra; conheci então, que havia dôr maior, poisque acho agora, que he mais aguda, e mais duravel a de não ter servido nesta Restauração. Talvez julgue assim, porque as dôres dos Herpes já são

muito pequenas; e espero, que se extingão, e esta, que julgo maior certamente, me atormentará por toda a minha vida.

Raivoso pois da minha desgraça, e ao mesmo tempo allegre pela Gloria de Portugal, lancei mão da penna, e fiz estes Versos nos dias 23, 24, e 25 de Agosto, o que deve desculpar-lhe os erros, e a falta de energia, porque mal podia ter muita quem estava cuberto de causticos, e opresso de dôres.

Não se me estranhe, que nestes Versos não elogiasse particularmente aquelles honrados Heroes, que mais trabalhárão, e mais se distinguírão nesta ditosa Restauração; porque a total falta, que aqui havia de noticias das Provincias, tudo me fazia ignorar; mesmo não sabía de meus Irmãos, e só agora sei felizmente, que elles entrárão na Restauração como devião; que meu Irmão Francisco Xavier Ferreira Taborda esteve com o Regimento, de que he Major, guarnecendo Castello-Branco, e que o outro, que he Miguel Antonio Ferreira Taborda, Tenente Coronel Graduado, que está no pequeno lugar da Junça, bloqueando Almeida, tem tido o valor, e a fortuna de ter repelido, por vezes, a Tropa Franceza, que sahe da Praça, a fazer sorti-

das, e lhe tem morto bastantes Francezes.

He certo, que eu queria, e devia fazer particulares Elogios ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo do Porto, e aos Excellentissimos Senhores Generaes do Reino do Algarve, e do Exercito combinado da Beira, porém o distincto merecimento destes Herces he o seu verdadeiro Elogio, além de que elle está feito pela Sabia Providencia, poisque ella fez que estivesse na Santa Sé do Porto nesta occasião aquelle grande Prelado, cujo Sagrado Nome será sempre repetido com amor, com veneração, com gratidão, e com respeito, emquanto houver Portuguezes: inspirou ao Nosso Amabilissimo Soberano a sabia eleição, que fez do dito Excellentissimo General do Algarve para Governador de Portugal; e que para Commandar o Exercito do Norte, fosse eleito hum Fidalgo de huma familia, que tem feito á Real Coroa Portugueza grandes, e distinctos serviços, em Portugal, na America, e Africa, desdeque o Grande Gomes Freire de Andrade, Senhor de Bobadella, na fatal Batalha de Alcacer respondeo judiciosamente ao Senhor Rei D. Sebastião, que acnde elle estava com quatro filhos, não faltavão soldados.

Bunq.º inv. Carv.º esculp. e hum fiel Am.º o fereçeo á

O Coronel João Xavier Taborda Pinhatelli,
Caval.ro da privativa Ordem Militar de S. Bento de
Avis, e Fidalgo de Solar conhecido:
Taõbem chamado o Filozofo Moral.

ELOGIO.

I.

Ditosa Musa Amiga, e bemfeitora,
Que em tempos de prazer, em claros dias
Me deste a Aurea Lyra, a voz sonora
Para cantar alegres profecias:
Vem agora inspirar-me,
Cantar os Portuguezes me ensinua,
Q'esta acção, bemque minha, inda he mais tua.

II.

Ah! não fujas de mim como a saude,
Que ha setenta e dois soes de mim voando
De longe com promessas vás me elude,
Emquanto o mal meus dias vai calando:
Fazendo que eu suporte
Sem ser Heroe, o fogo, a dôr, e a pena,
Do grande filho da enganada Almena.

III.

Se o meu cruel destino ingrato, e duro
Fez inuteis meus braços, minha espada,
Que eu queria ensopar no sangue impuro
Da gente mais perversa, e mais malvada;
Ao menos com meus versos
Louvemos os Heroes, que vem marchando,
Do jugo vil a Patria libertando.

IV.

Nem fiquem sem louvor os que em seus Povos
Mostrárão grande brio, e lealdade
Não querendo acceitar esses Reys novos
Que lhe queria dar a crueldade:
E emquanto os grandes Vates
Se não lembrão ainda de cantalos,
Vamos nós Musa minha convidalos.

V.

Se hum Joven entre Damas disfarçado
Para não ir da Troia á guerra ardente
Foi objecto do Canto mais louvado,
E o que á Epopea deu ser eminente,
Vós que deixais gostosos
Espozas, Filhos, Pais, lares amados,
Com tanta, e mais razão sereis cantados.

VI.

Porém que Musa ha sabia, e bastante,
Que louve a heroecidade Portugueza,
A do Nobre Hespanhol bravo, e constante,
E a da amiga fiel Nação Ingleza?
Oh! terraquea Trindade,
Praza aos Ceos, que a pezar da negra inveja,
Vossa forte união eterna seja.

VII.

Então não haverá no mundo inteiro
Quem se atreva a arrostar tres Nações fortes,
A quem não cega a sede do dinheiro,
Nem dão por ambição traidoras mortes:
Unio-as a virtude,
E a virtude fará que sempre unidas
Do resto das Nações sejão temidas.

VIII.

Divina Musa, que em sonoros brados
Cantaste para gloria Lusitana,
As armas, e os Varões asignalados,
Que forão muito além da Taprobana (*a*),
Se inda hoje viveras,
Cantáras com mais estro, e mais contente,
Quem nos liberta a nós, e ao Continente.

IX.

Mas faltas tu, e faltão os Cantores
De Afonso, de Malaca, e Ulysea,
Eo do Heroe que nasceo entre pastores,
A quem Romana mão deo morte fêa.
Ah! que Roma imitando
Os Galos nos promettem couzas dignas,
E só obrão depois traições indignas.

(*a*) Estes quatro versos são do Poema do Author feito ás melhoras de S. A. R. no anno de 1789. glosando os de Camões.

X.

Mas o mundo inda tem grandes Cantores,
E eu lhe rogo, que cantem dignamente
Os Nobres, os Fieis Libertadores
De Portugal, e mais do Continente,
E eu basta-me a ventura
De ter sido o primeiro que intentasse
Cantalos, bemque a tanto não chegasse.

XI.

E tu, Senhor, que em grande escarneceste
O vil usurpador, que o mundo inteiro
Pertendia usurpar só com a peste
Da vil intriga, e sordido dinheiro,
Torna ao Throno de Affonso,
E alli estes Heroes sempre estimando,
Vai seus grandes servisos premiando.

XII.

Bem sei, Senhor, que o Throno Lusitano
Abranje as quatro partes da Esfera;
E só hum caviloso, audás, tyranno,
De ires ver teus Estados mal dissera:
Mas vem por este modo
Dar fim á nossa affita saudade,
E premear assim a lealdade.

XIII.

Queremos ver teus Filhos, tua Espoza,
As Grandes Tias, e essa Mãi Augusta,
Que memoria fará sempre saudosa
Desde a frigida Zona á Zona adusta:
E os olhos que chorárão
Com raiva, com saudade, e agonia
Agora chorarão com alegria.

XIV.

Mas este pranto doce, e consolante
Tambem o hei de ver, e inda primeiro,
Quando outra vez, no ár vir tremolante,
O Escudo que te deo Deos Verdadeiro:
E os Galos hão de velo,
E então verão qual he mais excelente,
Se ser do Mundo Rei, se de tal gente (*a*)

XV.

A Europa não quer de si distante
Hum dos Monarchas, que ella adorar deve:
E em quanto o de Suecia, Heroe constante,
Reprime a furia audaz, que a ambição teve,
Vem tu fazer felices
Os Povos, que deixaste por salvalos,
Quando quiz a traição sacrificalos.

XVI.

O Teu Nome, Senhor, e o Grande Nome
De Jorge, e de Gustavo, sempre amados
Hão de ser, e os que em boca sempre tome
A fama por Heroes mais estimados,
Que quantos tem havido,
Pois destruis a dura, e vil cadea,
Que ao mundo quiz lançar a traição fea.

(*a*) Camões. *Nota do Editor.* Esta estrofe se vio admiravelmente verificada no dia 15 de setembro ao meio dia.

XVII.

A tal ponto a ambição tinha sub'do,
Que quiz a Portugal dar hum Rei novo;
Como se ser pudesse recebido
Do mais leal, do mais amante povo!
Quanto a mim estou certo,
Que antes sofrêra a morte, ou o tormento,
Que quebrar meu primeiro juramento.

XVIII.

Mas eu nunca temi esta desgraça,
Nas promessas de Ourique confiado:
Sou de Raça fiel: constante Raça,
A quem não muda o Tempo, nem o Fado.
O que huma vez seguimos,
E não he da virtude reprehendido,
Até morte hade ser sempre seguido.

XIX.

Já no tempo do Rei, que foi chamado
Em Castella o Cruel, meus Ascendentes
Perdêrão por leaes o alto Estado,
Q'tinhão entre os grandes mais potentes,
E a Portugal vierão:
Aonde o Rei Fernando generoso
Senhorios lhe deu, e Cargo honroso (*a*).

(*a*) Falla de seu XII. Avô Garcia Rodrigues Taborda, Conde de Taboada, que sendo em Castella Senhor de muitas Villas, e Lugares, por não seguir o máo partido de Henrique de Trastamara, que matou a seu Irmão e Rei D. Pedro, o Cruel, emigrou para este Reino com seu filho, e seus primos, aonde o Senhor Rei D. Fernando o fez seu Mordomo Mór, Meirinho Mór do Reino, e Alcaide Mór

XX.

E depois por leaes tudo perdêrão
Na batalha fatal de Barcarena:
Pelo Rei, que aclamárão, combatêrão
Com tropa mal armada, e bem pequena
Vencidos forão logo;
Mas sempre nos ficou a vaidade
De mais que tudo amar a lealdade.

XXI.

Por tanto não duvido da ventura
De virem meus Irmãos incorporados
Nesse Exercito de honra nobre, e pura,
Que os Portuguezes torna afortunados.
Exercito de Gloria,
A quem os Galos chamão Insurgentes,
E eu chamo-lhe Leaes, Heroes Valentes.

---

de Leiria, e lhe deo o Senhorio de algumas Villas, segundo se ve na sua Chronica, cujas merces se conservárão nos seus descendentes até Estevão Tabor da V. Avô do Author, que tudo perdeo por ser hum dos que aclamárão o Senhor Infante D. Antonio em Santarem, e que entrárão na Batalha principiada em Barcarena, e perdida na Ribeira de Alcantara.

XXII.

Não deixo de temer, que a enfermidade (*a*)
Os pudesse empecer, pois são doentes,
E indaque ninguem tem melhor vontade,
Contra os males não ha homens valentes:
Porém torno a animar-me,
Pois na ultima guerra molestados
Servirão como os sãos, e bons Soldados (*b*).

XXIII.

Oh! praza aos Ceos que tão doce esperança
Não venha por ser minha a ser frustrada,
Pois seo receio tanto esta alma cança,
Que seria se a visse desgraçada!
Sim, Princepe adoravel,
Quero que os meus mostrando o zelo nosso
Te sirvão bem já que eu inda não posso

XXIV.

Mas logoque este mal tão rigoroso
Me deixe livre o corpo, e o movimento,
Eu hirei bem depreça, e bem gostoso
Unir-me a esse nobre ajuntamento.
E se á Hespanha mandares
Para os Pyrinéos alguns Guerreiros,
Manda, Senhor, que eu seja dos primeiros.

(*a*) Falla de seus dois Irmãos Francisco Xavier Ferreira Taborda, e Miguel Antonio Ferreira Taborda.

(*b*) *Nota do Editor.* Agora se sabe, que entrárão na revolução, e que o segundo, que he Tenente Çoronel com exercicio de Major no segundo Regimento da Guarda, tem obrado com valor, e sciencia no Boloqueio de Almeida.

XXV.

Ninguem julgue, que possão mais os Galos
A' Peninsula vir impunemente,
Q'os Leões Hespanhoes sabem matalos,
E delles não estremecem certamente.
Cá serão destruidos
Em quanto houver no mundo Portuguezes,
Honrados Hespanhoes, Nobres Inglezes.

XXVI.

Não hade cá tornar, dizia em iras
A respeito do bravo, e bom Belesta
Em hum dos Roes das perfidas mentiras,
O Galo que aqui fez de Abelha mesta:
Mas voltou glorioso
Para mostrar da Galia a fatuidade
E que nunca já mais fala verdade.

YXVII.

Oh Ceos! oh Santos Ceos! e que lembrança
Fui agora fazer destas mentiras (*a*),
Que querião roubar minha esperança
Fazendo-me sofrer raivas, e iras!
Ah! que este sofrimento
Tão preciso á prudencia, e a virtude,
Me roubou o meu ser, minha saude.

(*a*) Falla dos Editaes, e Gazetas que aqui publicarão os Francezes.

XXVIII.

O pezar de não ter forças bastantes
Para logo mostrar a falsidade
Dos libelos infames, petulantes,
Que querião extingir a lealdade:
Estas raivas, e dôres
Meu sangue, minha bilis exaltárão,
E os herpes que padeço me gerárão.

XXIX.

Sem elles, oh! fieis libertadores;
Quem podera impedir-me que voasse
A pedir-vos com belicos Ardores
Que da Gloria tambem participasse?
Meu Cargo me darieis:
Ou aliàs em honra, em alegria,
De tambor, de soldado serveria.

XXX.

Eu sou aquelle que ha só sete annos
Mostrando meus espiritos Portuguezes
Persuadi, ensinei aos Lusitanos
A não temer a furia dos Francezes:
E com poucos soldados,
Tive a audacia, o furor, tive a ventura
D'esperar oito mil em noite escura.

XXXI.

Mais de huma legoa longe do meu Campo,
Fui esperar os fortes inimigos:
Mas os soldados com que alli de campo
Erão taes que não temem os perigos.
Em vão os esperámos;
Mas ninguem, que não vinhão, persumia,
Porque o virem jurava certo espia.

XXXII.

Tres noites fomos pois a esperalos
Nas ladeiras de hum Rio vadeavel,
Com tenção de impedilos, ou matalos,
Sebem que o contrario era mais provavel:
Porém julguei preciso
Expôr-me a mim, e mais alguns soldados,
Para livrar os Corpos acampados.

XXXIII.

Depois fui alvorado em Brigadeiro
Das Tropas que acampei com disciplina:
E alli fui nos trabalhos o primeiro (*a*)
E segui a melhor Marcial doutrina:
E depois fui mandado
A reformar os Postos avançados,
E governalos com Marciaes cuidados.

XXXIV.

Depois formei as linhas da defeza
Da Beira situada ao meio dia:
E logo fiz armar com bem presteza
Toda a gente que nella ainda havia
De dardos, e espingardas
Augmentando-lhe o brio, e a lealdade,
Que he propria aos Portuguezes na verdade.

(*a*) Assim mesmo servindo de Brigadeiro era o primeiro a ajudar a limpar o Campo, e armar as barracas.

XXXV.

Porém que faço agora em recordar-me
Do tempo, em que mostrei que era Soldado;
Se não posso infeliz sequer curar-me
Dos herpes que me tem atormentado?
Feridas dolorosas,
Que não me deixão livre o movimento,
E que sempre me dão cruel tormento.

XXXVI.

Porém posso afirmar bem calculando,
Que mais não tornem cá os viis Francezes,
Em quanto a Santa liga for durando
Entre nós, entre Hispanos, e os Inglezes:
E Vós Nações do Norte
Abraçai da Inglaterra a influencia,
Se não quereis viver em penitencia.

XXXVII.

Que vistais só de preto, e pardo escuro:
Que não tenhais café, asucar, nada
Que possa regular-vos, quer o duro
Coração, que aborrece a paz amada:
E pertende orgulhoso,
Que Nações que são livres, sem remorço
Se façáo penitentes por hum Corso.

XXXVIII.

Ás Armas, Nações Nobres, e potentes,
He tempo de sahir da indolencia:
Atacai os traidores, insolentes,
Que matárão seu Rei com inclemencia:
Tendes certa a Victoria:
Já os não achareis tão atrevidos;
Pois já sabem que pódem ser vencidos.

XXXIX.

Os Heroes de Austrelites, e de Gena:
Do Marengo, e outros choques que memorão
Já tomão de fugir a dura pena,
E em Hespanha, e Portugal vencidos forão:
Já tremem dos Inglezes:
Batidos forão sempre nos ataques,
Porque aqui não he Ulme, nem ha Maques.

XL.

Contentai Soberanos os Soldados,
Que estão a vosso soldo, e ficai certos,
Que logo vão á guerra denodados
Passando rios, bosques, e desertos:
A justiça he vossa:
E o Deos, que tem do mundo o regimento,
Vos dará da victoria o vencimento.

XLI.

Retorne o mundo á paz, que antes gosava:
E a França novo Rei no Throno veja:
Torne a reinar a Raça que reinava,
E quem vassallo foi, vassallo seja:
A occasião he esta!
Aliàs reccai, oh Soberanos!
Essa sorte infeliz dos Reis Hispanos.

XLII.

Retornem os mais Reis aos seus Thronos:
E os seus Vassallos vejão confundidos,
Que por mais máos que sejão proprios donos,
Sempre melhores são que os ingeridos.
Finde a louca mania,
De intentarem vassallos petulantes
Sem ter justiça alguma ser Reinantes.

XLIII.

Mas eu não tanto admiro, que hum vassallo
Se queira fazer Rei sem ter justiça,
Quanto admiro aquelles que a coroallo
Concorrem com prazer, sem ter cobiça:
Eu julgo que em tal caso,
Cada vassallo, que elle pertendia,
Aspirar a ser Rei tambem devia.

XLIV.

Mas ha almas pequenas, que preferem
Huma vida infeliz, e vergonhosa,
E expo la aos perigos jámais querem,
Bemque a morte lhe dê fama honrosa.
Infelizes viventes,
Quanto he melhor morrer n'huma Batalha,
Que ser tido em conta de canalha.

XLV.

Não entendais, que quando os oppressores
Recebem sacrificios sem decencia,
Que pedirão talvez ameaçadores,
Ou mostrando dos premios a apparencia,
Que obrigados vos ficão:
Fallando, as vossas obras agradecem;
E em si mesmos vos mofão, e aborrecem.

XLVI.

E tu, França, que fazes, que adormeces
Na vil escravidão que te acalanta,
E dos teus interesses já te esqueces?
Que gloria tens! que lucro em guerra tanta!
Ainda não comprehendes
Que o teu Rei, seus Irmãos já Soberanos
Por serem todos Reis são teus Tyrannos!

XLVII.

Se víras, como eu vi, os teus conscriptos
Entrar em Lisia em ar de mendicantes
Descalços, quasi nús, de fome afflitos,
A dez, e a doze já quasi espirantes,
De tenção mudarias:
Verdade he que engordárão, estão vestidos:
Mas ou prezos, ou mortos são vencidos.

XLVIII.

Que mal vos fazem pois estes Patricios,
Que assim os condemnais logo a tortura,
Como sentenceados já por vícios
Ao desterro, á galé, á morte dura?
Pais, e Mãis insensiveis!
Com que tigres de Hircania vos criastes,
Que assim tratais os filhos que gerastes?

XLIX.

Se alguem fosse atacar os vossos lares,
Abolir vossas leis, e saquear-vos,
Então por terra, e sobre os bravos mares
Deveis todos á guerra dedicar-vos:
Porém sem causa justa
Querer tudo entregar á guerra dura,
Não só he tyrannia, mas loucura.

L.

Que lucra a França em ter hum Rei Wesfalia?
Que Hollanda ingrata aos Principes d'Orange
Tenha outro, e Irmão do Rei de Italia?
Que lucra em fim no que esta gente abrange?
O que ella tem lucrado
He cada dia ver filhos perdidos,
E em Hespanha, e Portugal serem vencidos.

LI.

Onde está o Commercio, com que a França
Mandava a varios portos mil Navios?
Agora manda pares para a dança
Que ficão em combates, e extravios,
A' Patria não voltando:
Bom Commercio, bons lucros, bella Arte
Vos tem feito aprender o Bonaparte.

LII.

He tempo, França, he tempo, emenda o erro,
E vê que até vencendo es desgraçada:
Retornem os teus Reis desse desterro,
Que lhes deu a facção mais depravada:
Conhece o teu perigo,
Pois quem aos Reis d'Hespanha foi ingrato
Não póde a outrem ser nem bom, nem grato.

LIII.

Se hum homem que roubou, ou deu veneno
Deve em satisfação perder a vida,
Mesmo até quando o roubo he bem pequeno,
E o veneno foi dado á Esposa infida,
Quem rouba quanto póde,
E de tantas mil mortes he culpado
Ha de ficar no Throno idolatrado?

LIV.

Não creas no que diz contra os Inglezes:
Nem que, porque hoje estão do Mar Senhores,
He que mette na guerra aos Francezes,
E as Nações a quem dá damnos, e dôres;
Está visto o intento,
Não lhe importa que morra a mais da gente,
Comtanto que domine o Continente.

LV.

Ora se eu avançasse este discurso
Antes dos Reis d'Hespanha serem prezos,
Seria condemnado sem recurso,
E de todos tratados com desprezo:
Mas visto hum tal successo,
Quem he que não vê bem minha verdade,
E a quem não faz horror tanta maldade?

LVI.

De Arles o Arcebispo em Profecias
Vos diz o mesmo que eu aqui vos digo:
Seguias, que tereis felizes dias,
E será todo o mundo vosso amigo:
Sempre as tive por certas,
E agora porque mais as jutifique,
Bem certas vejo as feitas em Ourique.

LVII.

Se desprezais conselhos tão amigos,
Não mais tereis ventura, nem bonança,
E todos vos terão por inimigos
Sem fazerem de vós mais confiança.
Quem ha de em vós fiar-se,
Depois de ver trahidos os Hispanos
Por modos tão traidores, e tyrannos!

LVIII.

Aindaque da Europa bem no meio
Vos pôz por nosso mal a natureza,
A prudencia, a cautella, e o receio
Saberão bem frustrar vossa destreza.
He preciso banir-vos:
E nunca mais alguem ter com a França
Amizade, contrato, ou aliança.

LIX.

Pelo menos Castella, e Lusitania
Isto devem fazer judiciosas:
Pois nem feras nutridas na Hircania
Nos farião traições tão perniciosas:
Agora experimentamos,
Que, bemque a guerra muito mal nos faça,
O ter comvosco paz he mais desgraça.

LX.

Até vossa linguagem prohibida
Deve ser nas Nações acauteladas;
Poisque o ser ella em todas tão sabida,
Espalhou as Doutrinas depravadas.
Seduções ingenhosas,
Que logo induzem moços inexpertos,
E que aos Estados fazem máles certos.

LXI.

Os livros que ella tem de sã Doutrina,
Capazes de instruir, e ser seguidos,
He justo que em versão mui genuina
Por ordem sejão logo traduzidos:
Mas com muito cuidado,
Porque ha poucos sem ter huma passagem
Contraria á Religião, ou Vassallagem.

LXII.

A Moral, e a Virtude destas gentes
São erroneas, são falsas, cavilosas;
E bem se vê que chamão insurgentes
As gentes mais leaes, e mais briosas:
Tudo a seu gosto invertem:
E para conseguirem seus intentos,
Pizão Leis, não tem fé, nem juramentos.

LXIII.

Quando forão a Roma, alli Romanos
Dizião ser, e amar a Christandade:
No Egypto forão logo Musulmanos;
E em fim nunca tem fé, nem lealdade.
E ainda haverá quem crêa
No grande Consul, sempre bem disposto
A não ter outra lei mais que o seu gosto!

LXIV.

Famoso Pite! que em eterna fama
Has de ser entre os Homens respeitado,
E a quem minha Musa agora acclama
Por Heroe de hum juizo sublimado!
Agora se conhece,
Que esses Planos de Guerra, que ostentavas,
Erão glorias que já advinhavas.

LXV.

A' lerta pois, briosos Castelhanos,
Continuai nessa Gloria adquirida,
E confiai nos nobres Lusitanos
Que por vós devem dar, e expôr a vida:
He propria conveniencia
Que seja sempre eterna esta amizade
Na maior união, e lealdade.

LXVI.

Não possão mais Estrangeiras intrigas
Perturbar nossa paz, nossa aliança,
Qu'ellas hão de lembrar rixas antigas
Para afracar a nossa confiança:
Mas nós conheceremos,
Que esta união, que fez só a virtude,
Sua existencia faz nossa saude.

LXVII.

O local que nos deu a Natureza
Mostra bem a união que ter devemos:
A qual França não quer pela certeza
Que tem do grão poder que unidas temos:
E para mais banilla
Seria bom tornar inacessiveis
Nos Pirineos os passos accessiveis.

LXVIII.

Aindaque fiquemos como Ilhados,
Não emporta, pois temos nos dois mares
Bellos Portos onde hão de ser buscados
De todos, nossos fructos singulares:
Cuidemos na Marinha;
E nossa boa fé, nossa verdade
Com todos nos dará santa amisade.

LXIX.

E tu, Musa, emquanto não podemos
Cantar a hum, e hum cada Heroe forte,
Que sempre respeitar, e amar devemos,
E em quem não deve ter poder a morte,
Renova as Profecias,
Que fizeste fundada nas de Ourique,
Feitas ao filho Heroe do grande Henrique.

LXX.

Demostra agora aos homens duvidosos,
Como eu fundava bem minha esperança,
Como erão meus discursos judiciosos,
Arespeito da Casa de Bragança.
Quando afirmei ditoso,
Que no Throno de Affonso sublimado,
Só quem seu Neto for será coroado.

LXXI.

Perdei Galos já agora a esperança
De enganar outra vez os Portuguezes:
De excluirdes a Casa de Bragança:
De vencer os Hispanos, e os Inglezes:
Todos tres vos vencêrão:
E vistes que este he o povo amado,
A quem no grande Affonso hum Rei foi dado.

LXXII.

Mas já devo depôr a aurea Lyra,
Porque as dôres dos herpes continuando,
Fazem que a debil voz já mal respira,
E que as cordas vão já desafinando:
Outra vez inspirar-me
Virás em melhor dia, em melhor hora,
Ditosa Musa Amiga, e bemfeitora.

FIM.

EPISTOLA

ÁS

SENHORAS PORTUGUEZAS,

NA OCCASIÃO DE IREM PARA A GUERRA

OS

REGIMENTOS DE PORTUGAL,

NO PRINCÍPIO DO ANNO DE 1809.

FEITA POR HUM PATRIOTA MILITAR.

J. X. F. T.

Da Nobre Lusitania
Revolvamos os Fastos bem sabidos:
Quem achou taes Heroes? tão escolhidos?

Por hum Irmão do Author em huma Canção de Elogio á Rainha Nossa Senhora.

NÃo choreis oh Lusas Ninfas
Pelos Nobres Militares,
Pois que devem ir contentes
Defender os Patrios Lares.

Em lugar do terno pranto,
Vejão nos lindos semblantes
A certeza que já tendes
De os vêr voltar triunfantes.

Mostrai-lhe que o vosso agrado,
E o louvor da gente honrada,
Só se troca pela palma
Na dura guerra cortada.

Que de Paris a fraqueza
Enojou até a Helena:
Em quanto inda hoje se louva
O grande filho de Alcmenna.

Que julgais judiciosas,
Como as nossas Indianas,
Que premeavão discretas
As Victorias Lusitanas.

Que os Ulisses, os Aquilles
São dignos de ser amados;
E os Adones, e os Narcizos
Só devem ser desprezados.

Que só he famoso Heroe
O que faz gloria em morrer
Pelo Rei, e pela Patria,
Pelo seu nobre dever.

Em lugar das cantilenas
Da saudade, e da ternura,
Cantai-lhe as acções heroicas
Ganhadas na guerra dura.

Não precizais ir buscallas
Entre as Nações estrangeiras,
Que achareis na Lusa Historia
Mil nobres acções guerreiras.

Cantai-lhe do Heroe Magrisso
Os desempenhos guerreiros:
E o combate Inglez ganhado
C' os seus nobres companheiros.

Cantai-lhe de Algibarrota
As acções grandes, briosas,
Com que as vencedoras Quinas
Ficárão mais victoriosas.

Cantai-lhe do Condestavel
O valor, e a heroicidade,
Que a Portugal conservárão
A espirante liberdade.

Cantai-lhe do Gama, e Castro
As acções, e o valor forte:
E de outros Heroes, em quem
Não teve poder a Morte.

Cantai-lhe de Dio a guerra,
E a defeza mais pasmosa,
Que até agora vio o Mundo,
E a batalha mais gloriosa.

Cantai-lhe de João quarto
A Acclamação admiravel,
Por cujo bem desfrutamos
A liberdade estimavel.

Cantai-lhe os leaes Vassallos,
Que felizmente o acclamárão,
E que por esta ventura
O sangue, e as vidas trocárão.

Cantai-lhe o valor sublime,
Com que vencêrão por vezes
Aos bravos Leões Hispanos
Os valentes Portuguezes.

Porém explicai-lhe logo,
Que estas antigas lembranças
Nunca devem alterar
Nossas novas allianças.

Por que se outros tempos fomos
Dos Hespanhoes inimigos,
Agora seremos sempre
Os seus mais leaes amigos.

Nem deve deixar de amar-se
Huma Nação tão briosa,
Tão nobre, tão esforçada,
Tão leal, tão valorosa.

Nação que foi a primeira,
Que fiel soube vencer
Esses traidores infames,
Que nos vinhão porteger.

E que ha de forte, e constante
Ficar sempre victoriosa
Dessa gente sem vergonha,
Vil, indigna, e cavilosa.

Gente sem brio, e sem fé,
Que mata o Rei verdadeiro,
Para ser depois escrava
De hum baixo audaz estrangeiro.

Porém hão de ir castigallos
As tres Nações, ajudadas
Dessas que até agora forão
Por mil traições enganadas.

E verão quânto perdêrão
Esses perfidos Francezes,
Em perderem a amizade
De Hespanhoes, e Portuguezes.

Pois se em quanto a conservárão
Forão temidos, prezados,
Agora são o ludibrio
De todos, e desprezados.

Já todo o Mundo deseja,
Que acabe esse Fanfarrão,
A quem vis Francezes chamão
O invencivel Napoleão.

Este a quem o vil Lagarde,
Diabolico Intendente
Chamou humas vezes Anjo,
E outras o Omnipotente.

Devendo melhor chamar-lhe
O Ante Christo infernal,
O Tyranno dos viventes,
Que a todos tem feito mal.

Hum Lucifer humanado
O inimigo de Deos,
Que abule os Sacros preceitos,
E quer que valhão os seus.

Inventor de taes perfidias,
Que se nos fossem contadas,
Ninguem credito lhe dera;
Mas em fim são praticadas.

Pois quem pensar poderia
As traições, os vis enganos
Com que ingrato atraiçoou
Os Augustos Reis Hispanos.

Quem podia imaginar
A portecção infernal,
Com que mandou o Tyranno
Defender a Portugal.

Só elle, alma creadora
De traições, e de maldades;
E que tem para cumprillas
Junós, Murates, Lagardes.

Estes grandes Generaes
Tirados do pó da terra,
Fanfarrões entre os amigos,
E pouco fortes na guerra.

Bem se vio esta verdade
No combate do Vimeiro,
Aonde o fofo Junot
Foi em fugir o primeiro.

Quando foi, julgou que achava
Alli tambem alguns Maques,
Mas achou leaes Inglezes,
Que o vencêrão nos ataques.

Por isso se aqui luzia
Mui soberbo na parada,
Foi a pé, e envergonhado
A embarcar-se na Armada.

Ah praza aos Ceos que elle, e todos
Quantos seguem Napoleão,
Se embarquem hoje com elle
Para o Reino de Plutão.

He certo que esta viage
Lhe destina a sua maldade,
Mas convinha ao Mundo todo,
Que fosse com brevidade.

Mas pois esta pressa util
Não he em nosso poder,
Tratemos constantemente
De os irmos combater.

Vamos unir o valor,
Que he proprio dos Portuguezes
Ao dos bravos Hespanhoes,
E ao dos honrados Inglezes.

E Deos Arbitro do Mundo,
Fonte da Santa Justiça,
Defenderá nossa causa,
Contra a causa da cobiça.

Cantai-lhe tambem de agora
A Restauração gloriosa,
Que fez aumentar aos Lusos
A antiga fama honrosa.

Cantai-lhe como no Algarve,
Mostrárão lealdade e brio,
Desde o Grande Vice-Rei
Thé o menor Algarvio.

Como Lopes, e o Sargento
Não temêrão em Olhão
Levantar entre os Francezes
A voz da Restauração.

Como aproveitou Cabreira
O momento de alegria
De virar contra os Francezes
Promptamente a Artilheria.

Pagando militarmente
Essa divida fatal
Contrahida em Rossilhon,
Agora em Portugal (*)

Cantai-lhe aquelles que forão
Passar empolados Mares,
Só por não quererem ser
Dos Francezes Militares.

Hum Lecor, hum Vasconcellos,
Que forão para os Inglezes,
Para com elles voltarem
A auxiliar os Portuguezes (**).

E aquelles que daqui forão,
Sem temerem os perigos,
Unir-se aos leaes, que vinhão
Expulsar os inimigos.

(*) Belchior Bravo Cabreira, que com seus honrados Irmãos foi prizioneiro no Rossilhão depois de batalharem com valor, agora prizionou em Faro o General Francez, e alguns Francezes.

(**) O Coronel Lecor, e o Tenente Coronel Vasconcellos, Ajudante das Ordens do Excellentissimo General do Algarve.

A's Ordens de Freire e Andrada;
E de Pereira Forjaz,
Guerreiros, Sabios, Prudentes
Sempre na guerra e na paz.

Com quem vinha Canabarro
Digno Chefe da Policia,
Mostrando sempre constante
Zello, prudencia, e pericia.

Cantai-lhe a Vellez formando (*),
E pagando á sua custa,
Hum Corpo de Voluntarios,
De gente forte e robusta.

Cantai-lhe o General Leite (**),
E ao Costa, e Teive, e outros mais
Que em Evora combatêrão
Com forças bem desiguaes.

Cantai-lhe como em prodigio
Se arvorou em tanta parte,
Sem dar-se aviso huns aos outros
O Regio Luso Estendarte.

Como no Alem-Téjo, Béja,
E Evora sempre famosa,
Mostrárão leal valor,
E a constancia mais briosa.

(*) Jorge Vellez, Coronel de Milicias.
(**) O Excellentissimo Francisco de Paula Leite, e o Illustrissimo José da Costa de Ataide Teive.

Sendo taes que nem lamentão
Os males mais desgraçados,
Por serem pelos motivos
Para nós os mais sagrados.

Como na Beira Alpedrinha
Mostrou o maior valor,
E a já herdada lealdade
Taborda em Pennamacor (*).

A tempo que outro Irmão,
Imitando os Ascendentes,
Desprezou, zombou da morte
Por dois modos differentes.

Pois que andou quatorze legoas
Doente, e quasi a espirar
Para o bloqueio de Almeida,
Desejando batalhar.

Desejos que cumprio logo,
Pois os malvados Francezes
Lhe fizerão bem mostrar
O brio, e o valor por vezes.

Sendo Deos tão seu amigo,
Que das balas o livrou;
E até com tantos trabalhos
Do mal que tinha o sarou.

(*) Francisco Xavier Ferreira Taborda, Sargento Major, que foi quem na Villa de Pennamacor promoveo, e fez a nova acclamação, segundo se mostra por attestações: e o Irmão he Miguel Antonio Ferreira Taborda, Tenente Coronel graduado que foi doente para a guerra desde a Villa de Movimenta da Serra, até Almeida para guarnecer o bloqueio que se fazia á Praça guarnecida de Francezes.

Oh! Divina Providencia!
Louvada sejas mil vezes,
Pois gostas de soccorrer
Aos Leaes Portuguezes.

E se os não soccorres sempre,
Tu sabes, Senhor, porque,
E eu te louvarei por tudo,
Que assim mo ensinou a Fé.

Cantai-lhe esses Homens Grandes
Da nossa Universidade,
Que em Coimbra, e na Figueira
Mostrárão a lealdade.

E a promptidão com que logo
Fizerão polvora, balas:
Mostrando bem serem filhos
De Minerva, e mais de Pallas.

Cantai-lhe o Vice-Reitor,
A quem a sabia Regencia
Deo o governo das Armas,
Tendo já ó da Sciencia.

E como este Grande Luso
Tirou das Letras produtos
Para unir em si mesmo
De Minerva os attributos.

Cantai-lhe do alto Douro
Os Habitantes honrados,
De quem fugírão tremendo
Os grandes Gallos Soldados.

Quando o cruel Loison,
Pior Tigre que os de Hircania,
Deixou os bens que roubára
Na briosa Lusitania.

Cantai-lhe o valor, e a honra,
Com que o famoso Silveira,
Levantou em Villa Real
A Regia Lusa Bandeira (*).

E o Irmão, Correa, e Borges,
Que corrêrão com valor
A combater os Soldados
Desse Loison traidor.

E o Serqueira, e o Lacerda,
Distinctos restauradores,
Que no seu valor e zelo
Imitárão seus Maiores (**).

Todos nobres Milicianos;
Porém não he novidade,
Que em Portugal as Milicias
Obrem com Heroicidade.

Porque apezar das más linguas,
Ingratas, e seductoras,
Tem sido aqui as Milicias
As Tropas restauradoras.

(*) O Brigadeiro Francisco da Silveira, e seu Irmão Antonio da Silveira, Coronel de Milicias, o Tenente Coronel de Trancoso Fonseca, e João Borges da Serqueira, filho do Coronel da nota seguinte.

(**) Bernardo do Carmo Borges de Serqueira, Coronel de Milicias, e o seu Tenente Coronel Antonio de Lacerda.

Cantai-lhe esse General,
Que dá gloria aos Lusitanos,
Depois de luzir nas guerras
Dos fieis Americanos (*).

Cantai-lhe do Porto o Bispo,
Que a Divina Providencia
Alli poz para amparallo
Na mais preciza urgencia.

Mas nem eu, nem vós podemos
Cantar tantos predicados
Como tem, como admiro
Neste exemplo dos Prelados.

Só o Cantor do Parente,
A quem chamou Castro forte,
Cantára este que hade
Como elle zombar da Morte.

Mas não quer a Natureza
Produzir outro Camões,
Apezar das profecias
Dos traidores fanfarrões.

Perdoai este desvio,
Que aqui faço do motivo,
Porque a criticar Francezes
Sempre ha desejo vivo.

(*) O Excellentissimo Senhor Manoel Jorge de Sepulveda.

E então logo os critiquei,
Dizendo a alguns sem ter medo,
Que alli viera o Camões,
Como Pilatos ao Credo (*).

Que muito que assim fallasse!
Se este coração leal
Não estimava o viver
Vendo assim a Portugal!

E assim julgo que era todo
O Portuguez verdadeiro,
Desde o negro fatal dia
O primeiro de Fevereiro.

Dia em que de Napoleão
Se vio o Edito malvado,
Que devia ser por elle
Aos Infernos levado.

E pois que fallei agora
Nestas raivas, nestas penas,
Lembrai-lhas tambem vós outras,
Oh Ninfas, nas cantilenas.

Dizei-lhe que estas lembranças
Lhe aumentem mais o furor,
Com que devem atacar
Os vassallos do traidor.

(*) Falla do diabolico Edital do primeiro de Fevereiro de 1808.

Que tratem de combatellos
Até os fazer morrer,
Porque não ha contra tigres
Senão morrer, ou vencer.

Grande erro faria o homem,
Que ante hum Tigre se humilhasse;
Porque só conseguiria
A propria morte apressar-se.

E por tanto o melhor partido
He sempre o de batalhar,
Pois talvez que mate o Tigre,
Que he o meio de escapar.

Que não deixem seduzir-se
Com as Capitulações,
Pois nellas promettem bens,
E depois só dão traições.

E por tanto he melhor morte
A gloriosa na batalha,
Do que a lenta, vil, e triste
No jugo da vil canalha.

Além de que se os traidores
Cá podessem entrar, logo
Passarião sem piedade
Tudo a ferro, tudo a fogo.

Que he pois melhor combatellos
Até o ultimo suspiro,
Sem desmaiar no combate,
Sem fazer algum retiro.

Porque ainda que os que morrem
Já não gozão da victoria,
Gozão della os seus conjuntos,
E ao menos morrem com gloria.

Que a vida he cara e preciosa
Se se passa em alegria,
Mas he hum pezo terrivel
A quem vive em agonia.

E que por tanto he melhor
Morrer co'as armas na mão,
Do que viver tristemente
Debaixo da escravidão.

Que estas reflexões que faço
Não são de desanimar,
São doutrinas Militares,
São lições de acautelar.

Que haja prudencia e cautela,
União, zelo, e constancia,
Valor, destreza, e teremos
De vencermos a jatancia.

Eia pois, oh Lusas Ninfas!
Vosso canto, vosso amor,
Sirva agora só aos Lusos
De lhe aumentar o valor.

Dizei-lhe que nunca póde
Ser vencida huma Nação,
Senão quando desanima,
E põe as armas no chão.

Pois he preciso que tenha
Tanta gente o oppressor,
Que traga cinco soldados
Para cada defensor.

Porque hum morre na jornada,
Outro morre de doença,
E os tres morrem na vantagem
Que tem a boa defensa.

Dizei-lhe em fim, Lusas bellas,
Que a Fama os ha de louvar,
Pois bem se póde ir á guerra
Só por tal honra lograr.

Assim fareis aumentar-lhe
O herdado esprito guerreiro
Dos seus Maiores, Vassallos
Do grande João primeiro.

E porque mais se accrescentem
Seus nobres Marciaes furores,
Dizei-lhe que se vencerem
Lhe hei de dar dignos louvores.

E tu Musa se até agora
Me tens benigna inspirado,
Peço-te que lá na guerra
Não desprezes o meu lado.

O fogo, a morte, e os estrondos
Não te fação medo ter,
Pois nunca morre senão
Quem devia então morrer.

São os dias dos humanos,
Pelo Abterno constituidos,
E depois nem delle mesmo
Podem já ser preteridos.

Hirás pois comigo á guerra,
E nos Campos de Mavorte
Cantaremos os Heroes,
Que desprezarem a morte.

Tu de hum lado do outro a Honra,
Ambas me haveis de animar,
Para imitar meus Maiores,
Para nunca os injuriar.

Tu mesma has de inspirar-me
Esse entusiasmo guerreiro,
Que faz que os homens não fujão,
E querem morrer primeiro.

Lembrar-me-has a doce inveja,
Que engenhosa me causavas,
Quando os Castros, os Aquilles,
E os Reinaldos me mostravas.

Pois melhor que ninguem sabes
Que estas forão as lições,
Que me déste, e que murmurão
Os preversos mandriões.

Que como haver não poderão
Teu Estro Divino, entendem
Que murmurando os que estudão
Sua preguiça defendem.

E sabes tambem que nunca
Me deveste outro cuidado,
Q'aquelle que sempre tive
De fugir ao ocio amado.

Mas nem assim escapei
A'quellas linguas malvadas,
Que chamão defeito ás prendas,
Que devem ser estimadas.

Porque ignorão que a Poezia
He hum Dom Celestial,
E que só criticar devem,
Quem de hum tal Dom usar mal.

E até chegão a affirmar
Estes malvados Profetas,
Que nunca serão guerreiros
Os Militares Poetas.

Sem reparo a que houve hum Cesar,
Hum Frederico segundo,
A quem por Armas e Letras
Sempre ha de aclamar o Mundo.

A que houve hum Ilens, e outros
Que quando a Espada embainhavão,
Com Versos d'alta Poezia
A mocidade educavão.

A que houve hum dos Heroes Gregos,
Que das Batalhas sahindo,
Em Cantar e fazer Versos
He que se hia devertindo.

Assim nós tambem contentes,
Estes Heroes imitando,
Ora cantaremos Versos,
Ora hiremos batalhando.

No Exercito dos Lusos,
Ou nos d'Hespanha empregado,
Mostraremos quanto á Guerra
Nos temos sempre applicado.

Já naquella em que mostrei
Que sabia desta Arte,
M'acompanhaste benigna
Acampado, e em toda a parte.

Até naquellas tres noites,
Que esperei os inimigos,
Mostraste junta a meu lado
Não temeres os perigos.

Pois mesmo quando esperava
Batalhar com os Francezes,
Me trazias á memoria
Os Poemas Portuguezes.

Alli trouxeste o Camões,
A Malaca, a Ulysseia,
Sabendo que aumenta os brios
A lição da Epopeia.

Lembraste-me o Grande Alfonso,
E Viriato o Pastor,
Pois quem ama estes exemplos
Nunca lhe falta o valor.

E por isso compozemos
Versos sem sentir aballos
A' cabeça da Vitella,
E ás caldeiras dos Escallos (*).

Agora farás o mesmo,
Pois que o morrer, ou viver
Só está nas mãos Divinas
Do que a tudo deo o ser.

Vamos pois... porém que digo?
Musa esconde o teu prazer,
Pois talvez que a negra intriga
Inda nos possa empecer.

Póde ser que com idéas
Cavilosas lisonjeiras,
Nos embarasse que entremos
Nas Regias Tropas Guerreiras.

Mas se isto assim succeder
Não fiques Musa agastada,
Que tambem sem farda e soldo
Vai á Guerra a gente honrada.

Se não formos alistados
Com os Nobres Militares,
Hiremos aventureiros
Servir na Terra e nos Mares.

(*) Versos de galanteria que o Author fez na Campanha de 1801, que he a Guerra de que falla.

E verá a dura intriga,
Q'apezar do seu poder,
Amamos leaes, e honrados
A Patria, o Rei, e o Dever.

FIM.

Thomaz Joaquim da Motta e Silva, Juiz de Fóra nesta Villa de Penamacor e seu Termo, pelo Principe Regente Nosso Senhor, etc.

ATtesto que Francisco Xavier Ferreira Taborda, Sargento Maior do Regimento de Milicias desta Comarca, e morador nesta sobredita Villa, foi o primeiro individuo della que me propoz a gloriosa Aclamação de S. A. R., e posto que eu já trabalhava no mesmo projecto a instancia, que o dito me fez na presença de muita parte da Nobreza; não só corroborou a minha anterior resolução; porém concorreo para accelerar a gloriosa Aclamação, que se executou com toda a solemnidade, e no fim da qual o sobredito improvisou huma energica Oração para animar a todos, vaticinando os felizes successos que experimentamos. Foi hum dos Membros da Junta Provisional do Governo; e Commandando vinte e dois dias quatro Companhias do seu Regimento, aqui de guarnição, se empregou com todo o disvelo e zelo para prevenir toda a defensa, e para conservar a boa harmonia entre a Tropa, e o Povo, mostrando em todas as suas acções o espirito de Lealdade e Patriotismo que o anima; pelo que o julgo digno da contemplação de S. A. R. E por esta me ser pedida, a mandei passar, que assignei. Penamacor 15 de Dezembro de 1808.

O Juiz de Fóra.

Thomaz Joaquim da Motta e Silva.

Conheço e reconheço a letra do nome supra ser do meu Juiz de Fóra, Thomaz Joaquim da Motta e Silva, desta Villa Penamacor, 15 de Dezembro de 1808. Nuno Ferreira Galhardo, Tabellião escrevi.

Em testemunho de verdade.

Nuno Ferreira Galhardo.

Esta Attestação prova a nota da pag. 10.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1809.
Com Licença.

N.11.

RESPOSTA
A'
PROCLAMAÇÃO
DO
GENERAL AUGERAU
DESMASCARADO NESTA ANALYSE,

QUE DEDICA AO SENHOR
J. J. DE C.

JOSE' DANIEL RODRIGUES DA COSTA,
LEIRIENSE.

LISBOA M.'DCCCIX.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Foi sem malicia, e sem erro,
A boa idade dourada,
Seguio logo a prateada,
Não tardou muito a de ferro,
Que tudo trouxe á espada.

Sá de Miranda. Cart. 2.ª

Ao Sr. J. J. de C.
íntimo Amigo do Author.

EPISTOLA.

AMigo, a quem muito prezo,
Que tens honra, e singeleza,
E que sempre abominaste
A vil canalha Franceza:

Nesta minha producção
Verás, que foi meu intento,
Augerau desmascarar,
Que formou torres no vento.

Tu, que detestas os crimes,
Que ás virtudes dás valor,
Que, porque muitas pratícas,
Mereces muito louvor:

Esta Analyse te offreço
Da fallaz Proclamação,
Que Augerau aos Catalães
Fez em tom de prégação.

E os malditos Jacobinos,
Que só desgraças recordão,
Tenhão mais este motivo,
Com que de raiva se mordão.

Amigo, o mundo virou,
Firme caracter não tem;
E viver longe dos homens
No tempo de hoje he hum bem.

Inimigos huns dos outros
Trabalhão na confusão,
Tem os ouvidos de pedra,
Tem de ferro o coração.

Fazem que a mola real
Do mundo seja o dinheiro,
Que a virtude ande escondida,
Que o vicio saia a terreiro.

Por causa deste metal
Andão gentes contra gentes,
Nem amigos ha seguros,
Nem segurança em parentes.

Transtornou-se a raça humana
Que compunha a sociedade,
Sem dinheiro se escurece
A mais nobre qualidade.

Moral, e Filosofia
Fugindo as azas sacodem,
Estudão agora os homens
Em fazer o mal, que podem.

O tempo não pára, corre;
A fome não falta, cresce;
E o recurso de escapar-lhe
De todo desapparece.

De mais a mais se mudou
Nos homens a condição;
Os que mal podem comsigo,
He que mostrão compaixão.

Hoje he martyrio viver,
Ter casa flagello forte;
Fique o mundo ao despotismo,
Seja hum beneficio a morte.

He certo que a Providencia
Inda nos tem acodido;
Mas por quanto passa o homem
Para se ver soccorrido?

Se quer vender, ninguem compra,
Porque está no mesmo estado;
Até peças de ouro, e prata
Tem no seu valor quebrado.

Vivemos só de esperanças;
Mas, Amigo, em quanto a mim,
Primeiro que o mundo mude,
Ha de elle de nós dar fim.

He preciso nova gente,
Huma nova educação,
Porque os costumes presentes
São todos de perdição.

Eu de longe estava vendo
Certo transtorno geral,
Mas atinar não podia
Nos caminhos deste mal.

De quanto fiz imprimir,
De tudo se fez desprezo,
Derão-se muitas rizadas,
Não se lhe soube dar pezo.

Escrevi criticos Opios,
Onde claro se mostrava
A laxidão dos costumes,
Que aos vicios se encaminhava.

Fiz Almocreve de Petas,
Temos de Petas fartura;
Fiz hum Comboy de mentiras,
Fazenda, que inda hoje atura.

Espreitei hum Mundo Novo;
Em mundo novo nos vemos;
E no Barco da Carreira
Tolos degradados temos.

Armei o Hospital do Mundo,
Sem conto enfermos tem vindo,
Huns feridos pela guerra,
Outros de fome cahindo.

A Camara Optica expuz
Com vivissimas pinturas,
Fiz ver do mundo, e dos homens
Os baldões, as travessuras.

Estas Obras, que se apontão,
Tem laivos de profecias,
Forão feitas como annúncios
Dos nossos funestos dias.

Afferrados aos peculios
Sebastianistas eu vejo,
Que a antigos papeis se lançáo
Como rato avança ao queijo.

E se tantos alfarrabios
Os credulos entretem,
Minhas Collecções com elles
Fação número tambem.

Fôra vaidade, e tolice
Querer de Profeta aprenda,
Mas ha certos pensamentos,
Que hum acaso os recommenda.

Hoje vejo muito certos
Os calculos, que imprimia;
Não sou Preto do Japão,
Mas sou Branco de Leiria.

Para a vida regular-se
Documentos escrevi;
Todos gostárão de os ler,
Porém seguillos não vi.

As verdades amargavão,
E parte dellas callei,
Se então rirão, e hoje chorão,
O remedio não lho sei!

Ler novidades da Praça,
Ler Correios, ler Diarios,
Abelhas do meio dia,
Telegrafos, Semanarios,

He com que nos consolamos
Nesta época infeliz,
E todo o povo de aposta
A quem mais mentiras diz.

Fal-

Falso revéz faz o Cambio
Subir sem termo, nem taxa,
Alcança-se huma victoria,
Só hum quarto o Cambio abaixa.

Os escrupulos voárão,
He mui rara a consciencia,
Remorsos poucos os sentem,
Eis a triste consequencia.

Esta doutrina presente
Eu entendella não sei,
Não he este o Cathecismo,
Que na escóla decorei.

Dirão que me não importe
O Mundo, e seu labyrintho;
Mas he da Lei natural
Chorar eu o mal que sinto.

Amigo, guarde-te o Ceo,
Por mim, e por ti lhe rogo,
O Mundo a escrever me incita,
Perdoa o meu desafogo.

Se nesta Carta se encontra
Hum prognostico sisudo,
Tenha fim de Repertorio,
Dizendo, Deos sobre tudo.

Resposta á Proclamação do Marechal do Imperio Augerau, Duque de Castiglione, Grande Aguia da Legião de Honra, Dignatario da Ordem da Coroa de ferro, Grão Cordão da Ordem de Carlos III., Commandante em chéfe do Exercito de Catalunha, Ex Mestre de espada preta em Setubal.

Dada

Por hum Portuguez, que com a sua penna tem todo o imperio sobre os impostores, Avaliador dos infatuados Duques da nova França, Aguia sagaz em conhecer o Machiavelismo da Legião da Deshonra, &c. &c. &c.

HEspanhoes, Catalães, venho para o meio de vós.

Hespanhoes, Catalães, contai com mais hum demonio, perturbador do vosso socego, usurpador dos vossos bens, hum atraiçoado ladrão, hum hypocrita refinado, e hum traidor encuberto, a exemplo de Miolis em Roma, Junot em Lisboa, Soult no Porto, Murat em Madrid, e de toda a

mais canalha, em que huns são imitadores dos outros, que esta he a regra da generalissima quadrilha.

S. M. o Imperador dos Francezes, e Rei de Italia me deo o commando dos seus Exercitos na Catalunha.

S. M. o Imperador, e Rei dos velhacos teve mui acertada eleição, que entre a canalha vil de Vossas Insolencias, seria huma injustiça tirar a Vossa Insolencia esse lugar; mas tome sentido por onde entrou, não venha a ficar na Hespanha pelas custas, que o Corso mette os cães na vinha, fica de fóra, e pouco se lhe dá que levem tiro... Infeliz Exercito!

Hespanhoes, conheço-vos, e amo-vos.

O Sr. Augerau cuida que fallar com o intrepido Povo da Hespanha he render finezas a Madamas? Ora o Ceo lhe pague tão doces expressões de amor. Todos estes Sr.' Generaes Francezes são dotados de tal perspicacia, e ternura, que logo conhecem todos, e amão tudo. O grande Duque de Abrantes em Lisboa se jactava do mesmo: nesta parte imitão bem a presumpção das fei-

feiticeiras ; creio que he mania da Nação affectar que conhecem tudo, que sabem tudo, que previnem tudo ; mas cahem na rede como o peixe engodado pela isca. Senhor General , quem conhece hum tal povo, não vem metter-se com elle. Dizer que o conhece, he demaziada bazofia , e não pequena loucura affirmar que o ama, quando todos sabem, que amor Francez he amor de gato.

Como seduzidos por humas pérfidas insinuações, victimas infelices e desgraçadas, instrumentos cégos de hum gabinete inimigo da França, e da humanidade.

O resentimento da razão contra a injustiça não precisa ser seduzido; cada hum bem sabe o mal, que sente para se desaggravar delle; e o gabinete inimigo da França não faz mais que ajudar a destruir, e a dispersar ladrões , e ladrões tão temiveis por se cobrirem para os seus fins com a capa da virtude affectada em palavras; ladrões disfarçados na exposição, e desavergonhados na prática.

Muitos e muitos de vossos irmãos se obsti-

não

não em prolongar huma guerra, cujo successo nunca foi duvidoso.

Successo nunca duvidoso, chama o Sr. General a andar a sua Tropa ha mais de anno a conduzir Francezes ao matadouro, descalços, rotos, esfaimados, dormindo pelos matos, sempre em sustos? a matar alguns desgraçados individuos, que encontrão dispersos? a accommetter fracas, e afflictas mulheres? a arruinar casas por gosto, furtando a roupa, que achão nellas? alli fatigados para saquear dous cordões de ouro, e huma salva, acolá fugindo com as cavalgaduras dos Lavradores, contentando-se muito de se fazerem senhores de huma Aldêa, a que pegão fogo, de huma Villa, em que se fortificão por oito dias, se a tanto chega? Que heroicas acções! Quanto papel pardo ha no mundo, todo será pouco para a fama escrever tão nobres feitos das tropas aguerridas do pérfido Bonaparte. Porém que admira isto, e que se póde esperar desta gente! Se até houve Generaes Francezes, que em Lisboa mettêrão na algibeira, e levárão para França as maçanetas de latão, que tinhão as seges da Casa Real, em que andavão! Sr. General, o que

não

não he duvidoso he o que já se conseguio; mas o que ainda se não fez, traz comsigo muita incerteza. Que tem conseguido a França da Europa? Encarcerar familias, confundir as Leis, perturbar o socego público, estorvar a cultura das terras, e fazer assassinios! meu inimigo, outro officio: Hespanha, e Portugal hão de ser da França, quando as burras parirem ovelhas.

Negão, e repellem os beneficios, e favores, que lhes faculta, e quer prodigar-lhes hum Augusto Soberano, hum heróe, que creou o Ceo na sua bondade, para a felicidade, e para a gloria da Europa, e do mundo.

Vamos a estes beneficios, e favores concedidos pelo tal Augusto, que pela frase com que se explica este periodo, não sabemos se o Ceo creou a elle, ou se nos quer dar a entender que elle foi quem creou o Ceo. Forte montão de fanfarronadas! Hespanhoes, desta vez ficais todos beneficiados! ide para o Coro; mas vêde se tendes algum vintem para contribuições de resgate das vossas propriedades, e ide aprom-ptando o resto para resgate das vossas pessoas, que he o que succedia a Portugal, se

se

se não vão tão depressa. Hespanhoes, creai os vossos filhos para a gargalheira, e quem morrer acaba os seus dias: apromptai abundancia de rações, ainda que as vossas familias fiquem sem comer; recolhei nas vossas casas patifes Officiaes Francezes, fazendo pantomimas, e batendo o pé na casa para terem cama d'alto, e fica cumprida a protecção, que se promette, que este he o lote dos beneficios mais ordinarios: ainda ha outros mais sublimes, que calo por modestia.

Hespanhoes, o heróe da França vos ama, e estima: o seu virtuoso coração appetece, e precisa da vossa felicidade, e dita.

Ora seja esta a primeira vez que o Senhor Augerau falle verdade, quando diz que o heróe da França appetece, e precisa da felicidade dos Hespanhoes. Haja vista aos roubos, que manda fazer. Tomára o Corso achar muita gente feliz para lhe acarretar os thesouros para França.

O Deos, que tributou a Napoleão o seu valor invencivel, lhe deo tambem a bondade, e a terna humanidade.

Fóra com tal charlatão enthusiasmado!

Que

que atrevimento não he o deste pedante! Deos he que tributa aos homens, ou os homens he que tributão a Deos? Napoleão com bondade, e humanidade! quem achou ainda estes thesouros em semelhante monstro!

Napoleão está gemendo por vossos males, e infortunios; tem hum coração de pai.

Coitadinho! He até onde póde chegar a ternura! Mas o peior he conhecer-se que elle em lugar de coração de pai tem hum coração de toiro, tem huma condição de barbaro: nunca offereceo aos olhos do mundo hum só lance, em que mostrasse o amor de hum pai: sempre foi de bronze para os filhos, que os outros crião. Todo o homem, que he sensivel, sabe dar valor á sua vida, e á do seu semelhante; mas esta boa qualidade já mais appareceo em Napoleão, a sua má conducta em breve se prova pela escolha, que faz de individuos para seus Generaes; porque elles são a cópia daquelle original.

E como tal está padecendo muito pelos golpes terriveis, que já vos tem dado.

Ora mette lastima até aos seixos o triste estado, e padecimento, a que os nossos flagellos tem reduzido o Sr. Napoleão: lá o achará!

E que ainda mais vos darão os seus formidaveis Exercitos, se tardais muito mais em escutar a voz da verdade, se permaneceis mais tempo em huma cegueira funesta.

A voz da verdade na boca de hum Francez he a voz da impostura, voz de veneno encoberto, voz de hum traidor, dirigida por traidores, que queimados vivos lentamente, e atanazados de espaço a espaço, frigindo-se-lhes ao mesmo tempo hum braço, ou huma perna, ainda seria hum leve castigo para satisfação de tantos crimes. *Perdei pois humas esperanças inuteis, desdizei-vos de hum amor falso, de huma honra criminosa.*

Não são inuteis as nossas esperanças: inuteis serão para o Corso, e para o seu vil Emissario, que crimina nos póvos o que devia louvar-lhes. Quem defende a sua Patria de Vandalos, a sua Religião de attentados, e insultos, os seus bens de tyrannos esfaimados, as suas familias de homens sem Lei Divina, nem humana, e até a propria pessoa de mãos sanguinarias, não se funda em esperanças inuteis, nem desiste com facilidade do projecto, a que se propõe; póde succumbir á força, porém nunca para

fi-

ficar vivo escravo de huma fera ; e desta razão , deste heroismo se reveste toda a Peninsula.

Que armando vos contra hum Rei verdadeiramente Pai , o Augusto irmão do grande Napoleão , enoja , e vai irritando contra vós o Ceo , que vo-lo deo na sua clemencia : deixai huma esperança inutil.

Ora pois assim seja ; fique sendo o Mano José d'aqui em diante o Rei Bamba de desertos. Meu General Missionario , he verdade que o Ceo por este meio se quer desaggravar , servindo-se para nosso maior castigo dos diabos da França ; porém estecastigo he merecido pelos nossos erros , e pela desenvoltura dos nossos costumes ; mas esperamos no mesmo Ceo que o esforço , que todos mostrão em defender de malvados a Santa Religião , nossos amaveis Soberanos , e nossos antigos Lares , ha de ser o justo meio , por onde hum Deos , que tudo governa , ha de applacar a sua ira.

Deos protege a França , hum Deos dirige Napoleão , cobre-o , e abriga-o com suas azas , e até prende a victoria ao seu carro triunfal.

Deos protege os verdadeiros Christãos ; a Aguia de páo he que dirige Napoleão ,

cobre-o, e abriga-o com as suas azas, até que alguem lhas ponha no costado, que he o que os seus mesmos lhe devião ter feito; mas virá tempo, em que se agite a tempestade, e que alguma centelha lhe abraze o carro triunfal.

Valerosos Hespanhoes, submettei-vos!... A Europa se vai submettendo, e se rende.

Não me posso conter: o Sr. General he muito asno! Valerosos Hespanhoes, escorvai as armas, fechai os ouvidos a patranhas, e contiuuai na heroica resistencia; e o Sr. Augereau mande para França em Boletins a artificiosa mentira de que a Europa se submette, e se rende, que lá (sabe Deos com que custo) inda se engole essa pilula.

Hespanhoes, conheço-vos, e vós tambem tendes de conhecer-me.

Sim, Senhor, deixe correr o tempo, que todos havemos de ser conhecidos melhor do que hoje nos conhecemos.

Ha muitissimo tempo que sei estimar-vos; e no caso de vos submetterdes, encontrareis certamente em mim hum amigo verdadeiro.

Forte homem! grande homem! grande homem! forte homem! não ha no mundo huma

ma estimação mais occulta: estimar o Sr General os Hespanhoes ha tanto tempo, e elles sem o saberem! parece cousa de encanto! Deos lhe page tão sincera amizade! O Senhor Augereau he velhaco do quarto voto. *Vós por vós mesmos, vossos bens, tudo vosso ficará sagrado para mim.*

Sim; ninguem póde duvidar que o Senhor Augereau, e os seus satélites sempre forão muito affeiçoados a cousas sagradas. Por toda a parte, por onde andárão, lançárão mão dos Calices, Patenas, e outros preciosos Vasos do Culto Divino; não desfazendo a respeito da mesma affeição no Sr. Junot, que esse até teve muita devoção com alampadas e castiçaes. Por este motivo não duvideis, Hespanhoes, que este General Esgrimidor tudo quanto encontrar de valia ha de tomar por cousas sagradas *O erro, e a culpa encontrarão a indulgencia.*

Piedoso General, disfarçar he bizarria! Mande as suas indulgencias para seu Amo, que não crendo nas de Roma, talvez goste das suas.

A moderação, a lealdade, a fidelidade podem estar seguras do nosso auxilio, e amparo.

Segurissimas, Sr. Augereau, segurissimas:

mas: he o mesmo que pôrem-se ao abrigo de huma parede velha cheia de brechas em dia de tempestade.

Porém trema, e estremeça a perfidia!... Para o rebelde, que se obstinar, para o malvado, que soprar, e avivar o fogo da discordia, não haverá perdão algum: o raio, posto já por cima de suas cabeças, está para cahir.

Misericordia... misericordia... já vai passando a trovoada, lá vai para as partes da França, lá irá cahir o raio.

Cidadãos extraviados, voltai já, voltai a vossos lares.

Não se póde voltar com essa pressa; deixe vasar mais a maré.

Artistas, tomai de novo vossos trabalhos, e uteis fadigas: bons Aldeãos, deixai a espada, vinde de novo tomar o arado; correi, e apressai-vos para cultivar com quietação, e paz a herança de vossos pais; dai-vos pressa em vir fecundar estes campos, que ha demasiado tempo estão desamparados.

Os Artistas estão onde Vossa Insolencia sabe, nos trabalhos da guerra dando cabo de Francezes; e os Aldeãos desamparárão os campos, porque jurárão de já mais Francez comer pão, que elles cultivem; era bem

bom

bom metterem-se os pretinhos na roça para sustentarem seus inimigos! O carissimo prégador cuida que toda a gente da Peninsula perdeo o juizo; pois desengane-se que os ha por cá muito finos.

E vós, Hespanhoes fiéis, que recolheis os fructos felices, o premio de vossa fidelidade, juntai vossa voz com a nossa.

E vós-outros, Hespanhoes fiéis, que recolheis os fructos felices, o premio da vossa fidelidade, juntai vossa voz com a nossa dos Portuguezes, e clamai ao Ceo contra os pérfidos da França, que são a causa de se verem tantos Reinos perdidos, tantas Praças desoladas, tantas viuvas em flagello, e tantos orfãos em desamparo: producções estas da bondade, e humanidade do Imperador mais iniquo, que tem apparecido.

Chamai esses pobres infelices irmãos vossos, que andão errados, dizei-lhes, que os amamos, que Napoleão esquecerá seus erros, suas culpas.

Chamai a esses pobres infelices irmãos vossos, que estão dispersos, e dizei-lhes, que vos ajudem á defeza da causa geral, para de huma vez se extinguir a praga da França, e amaldiçoai esses barbaros, que

fi-

ficão conhecidos em todo o mundo, para em todas as épocas a gente se separar delles, como de viventes tocados de peste.

E que a vossa felicidade fará sempre o objecto constante da sua inquietação como pai.

Aqui se torna a encontrar, pela segunda vez, o titulo de pai em Napoleão. Ora já que o Sr. General assim o quer, fique sendo daqui por diante o Imperador Paipai.

Dizei a esses irmãos extraviados, que me verão sempre disposto, e prompto para mandar seus rogos aos pés do Throno daquelle Monarca mui amigo da verdade.

Isto agora he que he muito! the os mesmos animaes se espantarão de ver este grande ponto de humildade! Descer hum General a Procurador de causas! forte rasgo de benificencia! esta he bem semelhanta á de Junot, que roubando em Portugal quarenta milhões perdoava huma terça parte. Pois a respeito de Monarca mui amigo da verdade! aqui certamente houve erro de imprensa; porque se deve entender hum Monarca mui amante da mentira, hum embusteiro, hum falso em quanto falla, e em quanto pratica.

Que tem o amparo de nossas armas, e que for-

formidaveis contra os rebeldes, e malvados em qualquer número que sejão, seremos em todo o tempo os apoios, os defensores dos habitantes submettidos, e fiéis; e que castigaremos os ultrajes commettidos contra elles.

Isso he que he fallar sinceramente, ninguem póde duvidar de semelhantes apoios em tudo o que for castigar, e tirar: não fallem ao Sr. Augereau em mais nada, que estas duas cousas ficão a seu cuidado. *Porém dizei-lhes tambem, e principalmente que a clemencia tem seu termo, ao qual finalmente succederão os dias de vingança.*

Clemencia, diz este Senhor! donde veio ella aos Francezes? Ora he bom descaramento! He pasmar ver como este ridiculo General dispõe dos tempos predizendo futuros! Trema o Imperador Paipai, o novo Rei Bamba, seus Generaes, e toda a mais cáfila, dos dias de vingança, que esses he que se mostra não estarem muito longe, para fazerem entrar a França nos seus deveres.

Hum Exercito poderoso se vai espalhando pelo vosso territorio, vem hum Exercito formidavel.

Sr. General, presentemente a tropa Fran-

ceza he como a tropa de papelão das casas de Opera, que estão a passar á vista dos espectadores de hum lado para outro lado por espaço de huma hora, e sempre os mesmos figurando muitos. Quem vio em Portugal marchar de noite os soldados Napoleonios para o termo de Lisboa, e entrarem pela manhã por diverso sitio parecendo outros, que vinhão juntar-se com os da Cidade, não toma medo ao papão pelotiqueiro; e esses Exercitos, que Vossa Insolencia está esperando em seu soccorro, certamente vem pelo ar nas azas dos mosquitos, como vinhão os 25$000 homens, que o palrador Junot mandava vir por Bragança, quando as Aguias já andavão de aza cahida: tome o meu conselho, Senhor bailarote, deixe-se disto, pegue nas ferrugentas, e vá para as Praças ensinar a dar botes com pé atraz, que além de ser vida mais segura, o tostão de cada dia tem muita valia.

E será desgraçado quem se atrever a resistir-me, pois não escutarei mais que huma justa indignação, hum mui justo furor, e nenhum de vós poderá escapar de huma terrivel vingança.

Bum bum bum... acabou-se apolvora...

es-

escapou muita gente... forte bravezá!.. o homem está damnado. Ah bom tiro!
Ainda está fumegando Saragoça.

He porque ainda tem chaminés.
E igualmente vós, Póvos da Catalunha, que quizerdes ou vos atreverdes a seguir o mesmo exemplo, olhai para as suas cinzas, seus destroços, e tremei.

Diga-me, Sr. Augerau? que utilidade tirou a França da ruina dessa Cidade? das victimas do seu Povo, e dos desacatos commettidos contra o culto de Deos? Eis-aqui a bondade do Grande Imperador, o amor de pai para com os Póvos, a clemencia dos seus Generaes, a Religião dos seus Exercitos! He este o bom procedimento de quem conhece, e teme hum Ente Supremo? E tem o Sr. General o desaforo de trazer-nos á memoria a immortal Saragoça! Hespanhoes, a fama do vosso heroismo ha de ser eterna, assim como o ha de ser a triste memoria do procedimento da degenerada França, onde se não encontra nem hum vislumbre da moral. Os Francezes aonde chegão, conduzem a pôs si a deshonra, a indigencia, a libertinagem, e o sangue. E por isso, valerosos heróes da Hespanha, quem ma-

mata hum Francez, mata huma fera, e livra a humanidade de mais este verdugo.

Lisboa 30 de Setembro de 1809.

Os homens contra os homens levantados,
Por cubiça, e capricho movem guerra,
Deixão miseros Póvos assolados,
Cobrem de sangue, e corpos toda a terra:
Andão por oiro, e joias engodados,
Nenhum esta ambição de si desterra;
Dão valor ao metal, á pedra rica,
Só a vida que tem sem valor fica.

Sahio á luz do mesmo Author o Folheto N.° 11 da divertida Obra da Camara Optica, que com os Folhetos antecedentes se vendem na loja de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, e nas mais já annunciadas, onde tambem este Folheto se fica vendendo.

N. 12.

DOIS DOCUMENTOS UTEIS

PARA A HISTORIA,

TRADUZIDOS DO ORIGINAL FRANCEZ

PARA O IDIOMA HESPANHOL,

E DESTE PARA O PORTUGUEZ,

POR J. M. C.

A S. M. I.

Napoleaõ Imperador dos Francezes, Soberano da Ciſalpina, Senhor preſumptivo da Elvecia, Batavia, Paiz de Hannover, e da Liguria, Proprietario do Ducado de Parma, Protector dos Reinos de Heſpanha, e Napoles, Conquiſtador do Egypto, e Deſtructor da Ilha de S. Domingos.

PARIS.

Anno ultimo da Républica Franceza, huma, e indiviſivel.

CIDADAÕ IMPERADOR.

A Creditarias tu, quando em 1790, hiamos juntos a 200 réis por cabeça, á Rua do Dia, porta de Santo Euſtaquio, e depois voltavamos a tomar a noſſa chavena de café, e hum

copinho de licor na Rua do Máo; acreditarias tu (torno a dizer) que chegarias a ser Imperador dos Francezes, e hum dos Principes mais poderosos da Europa? A pezar de tão extraordinaria revoluçaõ, naõ posso humilhar-me a chamar-te Magestade Imperial; se tal fizera, me pareceria estar vendo representar o Arlequim Imperador, ou o alimpador das chaminés feito Principe, ou finalmente a Torixe mudando de estado, e de fortuna; o mais que por agora posso fazer, he naõ te chamar por tu, e desde hoje te darei o tratamento de vós. Eu vos dou muitos parabens pela vossa exaltaçaõ ao Throno, de que me alegro bastante; mas quando penso em tal, me lembra a historia de Sisto V. que guardava porcos antes de chegar ao Pontificado. O que me tem bastante desgostado saõ as desgraças do actual tempo, para as quaes dizem que vós tendes contribuido muito, e que o nosso Estalajadeiro se vio obrigado a levantar o preço da nossa antiga comida, pondo a 320 réis por cabeça; porém como esperamos que fareis felices aos vossos subditos, e vassallos, revivendo o tempo de Henrique IV. que queria que em toda a França cada panella tivesse huma galinha; devemos estar na certeza de que a nossa estalagem naõ só voltará ao seu antigo preço de 200 réis, mas tambem a 120 réis; o que seria huma grande vantagem para nós, succedendo tornardes ao vosso estado primitivo, o que muito bem póde acontecer, ainda que viveis com a mesma cautella que tinha o bom Thaddeo, na opera comica do Rei de Córcega Theodoro, na qual ainda que chegou a ser General, occultou sempre debaixo dos seus bons vestidos, o avental de cosinha, porque naõ sabia (assim mesmo se explicava) o que lhe succederia para o futuro.

Todos esperamos que extinguireis com hum bom governo, as fataes impressões que produziraõ entre a gente erudita, os prognosticos sinistros das duas desgraçadas expedições; isto he, a do Egypto, e a de S. Domingos; que saõ de máo agouro para a terceira que meditaes contra Inglaterra. A primeira, e segunda custáraõ á França 80 mil homens, e 800 milhões, e toda a Marinha, incluza a de S. Domingos; e a isto se deve tambem juntar a propagaçaõ em Africa, e America do mesmo horror, em que está o nome Francez na Europa. A

terceira expediçaõ certamente cuſtará muito mais, á excepçaõ da Marinha, porque naõ ſe póde perder o que naõ exiſte.

Mas o que haveis perdido por huma parte, tendes recuperado pela outra, como ſe collige da comparaçaõ que ſe póde fazer entre os dois heroes do antigo, e novo mundo. Seria preciſo hum novo Plutarco para comparar exactamente ao famoſo Deſalines, com o grande Bonaparte.

Deſalines he o primeiro dos Negros, vós ſois o primeiro dos ſelvagens amulatados, como acontece com Deſalines: vós naõ naſceſtes no paiz que tendes ſubjugado, e vos fizeſtes nomear Chéfe por alguns dos voſſos Generaes, e empregados, em nome da Naçaõ, que tudo ignorava.

Da meſma ſorte que Deſalines mandou degolar a muitos, vós fizeſtes o meſmo, até com os voſſos amos, com a differença, de que aquelle os tinha em ſeu poder, e vós os mandaſtes prender, e arrancar de hum paiz eſtrangeiro e neutral.

Tambem no modo de executar taes crueldades vos diſtinguis notavelmente; Deſalines ignorava o modo de enforcar com ſuavidade aos que deſcuidadamente dormiaõ, e vós inventaſtes a hydropeſia, e apoplexia com que deſpachaes para o outro mundo aos Generaes, e mais peſſoas que vos aborrecem neſte.

Admiramos tambem, ainda que proviſionalmente, a prodigioſa mutaçaõ de eſtado, e fortuna inaudita da voſſa familia Imperial, a quem chamaremos a familia ſacra. Eu vou dar de paſſagem huma ligeira idéa da origem, e progreſſos das novas Altezas Imperiaes e Sereniſſimas, que ſe querem apparentar com a Naçaõ Franceza: Ah! que diriaõ voſſos Avós ſe hoje reſuſcitaſſem!

Todos ſabem que o paterno ſe vio obrigado a fugir de huma aldéa immediata a Bilbáo, no principio do ultimo ſeculo, aonde era lavrador, refugiando-ſe em Córcega para eſcapar ao ſupplicio da forca a que eſtava condemnado, e para ſer alli deſconhecido, mudou o appellido de Bonaparte, em Buonaparte. Voſſo Avô materno foi paſſeleiro na Suiſſa em Baſiléa; eu o conheci muito bem, e ſei que morreo de prazer quando vós a 18 Brumaire (9 de Novembro) lhe offereceſte o voſſo retrato guarnecido de diamantes.

O Abbade Feſch, ſeu ſobrinho, e voſſo Tio, ſendo Conego da pequena Collegiada de Córcega, chegou á Dignidade Imperial de Arcebiſpo de Leaõ, e Cardeal da Santa Igreja. Voſſo irmaõ Joſé, do humilde eſtado de officiniſta, ſubio ao ſublime de preſumptivo herdeiro da Coroa Imperial, e ſua mulher chamada Clari, he natural da mais baixa canalha de Marſelha. Eu conheci ao voſſo irmaõ Luciano, quando era guarda-armazem de ferragens em S. Maximiano de Provence, com o ſoldo de 1800 francos, vivia diariamente em huma caſa de paſto do meſmo povo; e como eſtiveſſe alli endividado, e naõ podendo pagar, namorou, e pedio para ſua eſpoſa huma filha da caſa, a qual lhe foi dada depois de muita difficuldade, e levando por dote a divida do noivo: já morreo eſta pobre mulher, o que ſenti baſtante porque era a melhor de toda a familia.

Tratou logo de caſar com outra irmã, ainda que deſgoſtoſo, porque além de ſer pobre, e muito fêa, já tinha ſido regeitada por hum tal Ovoiſon, filho de hum carniceiro de Córcega. A terceira irmã foi dada a Lebrun, o qual tinha ſido condemnado ás galés, (ſegundo affirmaõ) e depois foi General do Exercito em S. Domingos, onde morreo; e alli por ſuas tyrannias, e crueldades ainda excedeo ao ſeu ſucceſſor Deſalines. O voſſo illuſtre Collega Bavochi, filho de hum moço de bilhar, caſou com huma de voſſas irmãs, e foi General, e Embaixador no tempo da guerra contra Portugal, ignorando o motivo porque naõ ſe faz agora muito caſo delle. A outra caſou com Murat, que foi cabelleireiro (1), e actualmente he Marechal do Imperio, e Governador de París, aonde nos inſulta depois de nos ter antigamente penteado com toda a perfeiçaõ, e trata com deſprezo aquelles a quem em outro tempo fazia humildemente a barba; porém temos eſperanças que tudo tornará aos ſeus antigos eixos, e cada hum occupará o lugar que lhe correſponde: relativamente a S. M. I. Jozeſa, voſſa eſpoſa, que já ſe intitulou Veau-Barnoiz, e cujos anteceſſores viveraõ em Orleans, e no anno de 1645 lhe mu-

(1) Foi Ajuda de camera, e reunia ao meſmo tempo as habilidades de coſinheiro, e mordomo, que exerceo em muitas occaſiões.

dáraõ o appellido ridiculo de Beauvi, no de Vean-Aruiſi, naõ deixará de lembrar-vos as novas, e lindas ſcenas que fazia em minha caſa com os ſeus amantes, de cujo número eu podera ſer, pagando; porém naõ o quiz fazer, por me lembrar de hum preceito de meu Pai, que me dizia; ſe naõ temeſſe a Deos, ao menos devia temer o galico.

Que deſgraça he o ter eſta ſenhora chegado a ſer impotente, e eſteril!!! ſe tivera hum filho, ſeria o ſucceſſor da voſſa coroa, e o filho da Naçaõ; porém como tudo eſtá tranſtornado em França, em lugar de chamar aos vaſſallos = meus filhos = podia muito bem dizer-lhes = meus pais = fui teu amigo, e ſou teu inimigo = Rubricado =

MOREAU A BONAPARTE.

DESDE A SUA PRIZAÕ.

SE a tua ambiçaõ ainda requer victimas, deſcarrega o golpe, porém naõ calumnies aos que aſſaſſinas; banha-te no ſangue dos innocentes, mas privando-os da vida, naõ intentes deſpojallos da honra: ſe eſperas de mim ſúpplicas, e rogos, naõ leâs mais eſte papel: no carcere aonde a tyrannia me precipitou, conſidero-me ainda mais elevado que tu no Throno adquirido pela uſurpaçaõ; eſte he o ſentimento de todos os homens juſtos, e a mais remota poſteridade confirmará eſta ſentença. No ultimo termo de minha vida, proximo á eternidade, te cito, pela tua traiçaõ contra a Patria, e contra mim: lembra-te do ajuſte, que fizemos no dia 8 de Setembro de 1799 em preſença de Sieyes, Tayllerand, e de Lefevre. Prometti morrer ao teu lado para deſtruir hum Directorio iniquo. Tu juraſte, que ſe eſtabeleceria hum Governo, naõ tyranno; naõ dependente de huma ſó vida, mas ſim juſto, firme, e liberal, capaz de promover a liberdade aos Francezes, e de ſe fazer acredor do reconhecimento das mais Nações. Quando pouco tempo depois parti a commandar Exercitos deſorganizados, e abatidos, tuas ultimas palavras, foraõ „ Conheço o teu amor „ pela Patria, volta victorioſo, e a França formará a admi„ raçaõ meſmo dos ſeus rivaes, e contrarios, tanto pela li„ berdade que reinará no ſeu centro, como pela generoſida„ de das ſuas negociações. „ Acaſo tens cumprido eſtes juramentos que fizeſtes á Patria deſgraçada? Só te vejo rodeado

de eſcravos proſtituidos, tyrannos orgulhoſos, eſpias infames; e vís aduladores. Em toda a Europa deſde Sicilia a Moſcow, tu, e o teu governo ſaõ temidos, e odeados. Nega ſe pódes eſtas verdades. Ha muito tempo que tens imitado a Scila Dictador, imita-o ſó por hum mez como particular Concidadaõ, e te convencerás que os affagos de huns Principes envilecidos, e egoiſtas, ſó conſeguem por meio a adulaçaõ de huns Cortezãos infames, e as liſonjas de Conſelheiros corrompidos. Como eſta ſerá provavelmente a ultima vez que te eſcreva, penſa no que te digo, naõ como reconvençaõ de hum rival prezo, porém ſim como confiſſaõ ingenua de hum patriota que morre, e morrendo te perdoa a ſua morte, e tua ingratidaõ. Pertendes que os meus Concidadãos eſtejaõ felices, e contentes com o teu governo? ſerá aſſim, porque os eſcravos naõ tem opiniaõ, ou pelo menos naõ ſe atrevem a manifeſta-la: tu és mortal como eu, e ſe amas aos Francezes faze que ſua felicidade naõ dépenda unicamente da tua vida: tens baſtante talento para conheceres que o Imperio eſpirará comtigo na familia de Bonaparte; os outros pertendentes de familias igualmente levantadas do nada, lutaráõ para ſe anniquillarem huns aos outros, e occupar hum Throno que ſó póde ſubſiſtir poucos annos. Em quanto á eſcolha de nomeares o teu ſucceſſor, tem preſente que Luiz XIV. deſcendente de 50 Reis, depois de ter reinado mais de 70 annos, naõ eſteve cadaver cinco minutos ſem que a ſua ultima diſpoſiçaõ foſſe deſtruida, apezar de ter ſido approvada pelos Principes do ſangue, ſanccionada pelo Parlamento; e applaudida de todos os ſeus Cortezãos; e que o Duque de Marné ſe vio prezo no momento que penſou governar como Regente. Se queres libertar noſſos netos dos males que affligíraõ noſſos pais; ſe queres que naõ conheçaõ a ſcena de horror, e eſcandalo de que temos ſido teſtemunhas; entrega o Throno de França ao ſeu legitimo Senhor, e limita-lhe ſua authoridade; ſeja por ti conſtituido Rei, porém vigia-lhe o deſpotiſmo: eſte era o plano de Pichegru, era o meu, e o de Georges: com eſte plano he que eſtá intimamente ligada a tua conſervaçaõ; pois neceſſitavamos de tua fortuna, do teu talento, e do teu anthuſiaſmo para que no ſeio da paz vigiaſſes no reinado de hum Principe, que

apezar de ſer abatido pelas deſgraças, ſem eſtes obſtaculos, ſem eſtes grilhões, e algemas, poderia intentar exceder os limites de ſuas prerogativas. Nem tu, grande Juiz, nem a turba de eſpias que te rodeaõ poderá jámais provar o contrario do que acabo de referir-te. Minha mulher, meu ſogro, e meu irmaõ nada ſouberaõ deſte projecto juſto, e legal. Contemplaria o dia da minha morte com muito mais prazer que aquelles em que triunfei, ſe tivera eſperança de que ſerviſſe para fazer a minha Patria floreſcente, livres, e felices aos meus Concidadãos taõ dignos da liberdade. = Firmado = *Moreau.* =

Com Licença da Meza do Deſembargo do Paço.

N. 13

BUONAPARTE

SEM MASCARA.

TRADUCÇÃO DO HESPANHOL

POR

F. I. J. L.

LISBOA;

NA NOVA OFFICINA DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

ANNO DE 1808.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Casa da Gazeta.

O Universo inteiro, as varias Nações, e Povos, e os verdadadeiros Francezes são os que hão de julgar este discurso: a cada hum separado, e a todos em geral dirijo a minha voz; não, não deve, pois, considerar-se este trabalho como huma producção magestosa de eloquencia, mas sim como hum monumento consagrado á verdade: deve olhar-se como huma homenagem á Nação Hespanhola, Nação na verdade entorpecida até aos presentes dias, porém Nação, que vai despertando de seu lethargo: desejarei, que meus discursos sirvão de electrisala, de sustentar o fogo sagrado que já a anima; pois que a minha intenção he concorrer quanto me seja possivel, e caiba em minhas faculdades, para que os Castelhanos recobrem seu antigo esplendor.

Hum miseravel Corso, chamado Bonaparte, educado em França a effeitos de generosidade de Luiz XVI., como tivesse adquirido bastantes conhecimentos mathematicos na classe de Discipulo da Escola Militar, obtem de justiça hum posto de Alferes no Exercito; a revolução se prepara, incendea-se a guerra; e entre os facciosos da parte Oriental da França, se conta como huma das principaes cabeças a este officialito, que por certo assumpto pertencente á polvora causou tal tumulto, e motim em Marselha, que a municipalidade o teve preso, e confundido por vinte e quatro horas.

Soldado ditoso vôa de hum a outro posto, e chega ao grão de simples General. A França então, depois de ter passado huma série incalculavel de desgraças havia posto á sua frente hum Directorio. Compunha-se este de cinco individuos, a qual mais destruidor. Não podendo tolerar o povo de Paris os attentados deste governo, seus roubos tão publicos, sua desenfreada ousadia, se sublevou contra seu dominio. O Directorio ordenou ao General Menou, que passasse todo o Paris a cutello, e este se nega a tão barbara commissão. Então este pobre Corso, que sem saber porque motivo tinha regressado

do Exercito se acha á vista de Barrás, de cuja concubina era bem recebido. (1)

Barrás já cançado desta prostituta, põe suas vistas neste jovensito, e lhe confere o commando de París na noite de 12 a 13 de Vendemiaire (5 de Outubro); recebe sua nomeação ás quatro da manhã; ás sete os canhões, e obuzes collocados nas bocas das ruas de maior passagem da dita Capital começão a descarregar, e ás nove já dezeseis mil almas de todos os sexos, e idades tinhão perecido por ordens deste abominavel moço. Satisfeito Barrás com hum golpe tão magistral lhe cede a sua concubina, nomeando-o General em Chefe do Exercito de Italia. Nem hum só cavallo possuia, e hum tal Seguin rico surrador lhe offerta quatro: com elles marcha.

Chega a Italia, alli se cobre de gloria como guerreiro, pelas suas rapidas conquistas, e como politico por varios tratados; porém na volta desta expedição se divisão assassinatos, destroços, saques, e os maiores horrores, que cabem na guerra, quando quadrilhas de salteadores tem á sua frente a hum foragido, que por adquirir a aura popular dá amplissima, e licenciosa liberdade a seus Satélites. Os historiadores imparciaes destes tempos calamitosos não podem deixar de fazer huma

---

(1) Bom será dar aqui hum exacto resumo da historia desta concubina, a quem gazeteiros indecentes, impostores, traidores á verdade, a si mesmos, e á posteridade se atrevem a dar o nome de virtuosa Imperatriz. Josefina era esposa do Conde de Beauharnois. Este militar distinguido, cheio de honra, e merecimento, era Chefe da Commissão Militar; nada se fazia sem sua participação. Os Commissarios da Saude pública, e Segurança geral, que tinhão por seu cabeça a Robespierre, Cuthon, e San Just arrogão a si hum poder inaudito: a Beauharnois se prostituio a estes antropófagos. Vio com elles publicamente, e vio com indifferença morrer sobre o cadafalso a seu esposo, a quem podia salvar. Desaparecerão estes monstros, e o Directorio lhes succede. A Beauharnois se entrega a estes crueis ambiciosos, e quando o dissoluto Barrás se cançou della, a vendeo com hum Generalato ao denodado Bonaparte, a quem a natureza creou impotente; sem dúvida para priva-lo da faculdade de dar a vida a monstros semelhantes a elle. Esta Josefina, jogadora, dissoluta, e excessivamente prodiga, chegou a este Throno, tinto de tantos milhões de victimas, pelas maiores infamias, e prostituições: e esta he a mulher a que chamão a virtuosa Josefina, a benefica Imperatriz. A esta mulher os Francezes deshonrados, degenerados, sem virtudes, sem moral incensão dáriamente; e esta mulher he a que consumindo todos os dias cabedaes enormes se vê adulada por esses vis gazeteiros que tão infames se tornão com semelhantes elogios.

bela comparação de sua conducta , com a que distinguia ao mesmo tempo o illustre General Moreau , contendo seu Exercito no meio do orgulho de brilhantes victorias , que lhes fez obter , sem permittir , que suas Legiões se deshonrassem como as do malevolo Corso. O roubo achava em seu Exercito prompto castigo. O assassinato no de Bonaparte assignaladas recompensas : testemunha de tão abominavel procedimento he a sua Legião de Honra , formada sómente para este fim.

Já seu nome começava a fazer sombra ao Directorio , e se julgava humilhado por sua obediencia ao Governo , quando propoz a expedição ao Egypto. O Directorio acceitou com sofreguidão este projecto desvairado para desfazer-se do Corso. Este chegou ao Egypto ; e as victorias , os triunfos , as conquistas terrestres , e o combate naval em Abukir , que com tanto fausto e encarecimento annunciárão as gazetas , vem a rematar em que o Corso foge , deixando seu Exercito na situação mais critica , obrigado a huma prompta capitulação , e a receber hum asylo a bordo dos Navios Inglezes para poder voltar á França. Entre tanto o Corso , protegido por sua fortuna , atravessa o Mediterraneo , illude a vigilancia Britanica , e chega a Frejus. Como seja seu natural caracter violar todos os direitos, desembarca sem precaução alguma , quando os mesmos Soberanos , a virem do Levante , se sujeitarião a alguns dias de quarentena , cumprindo com as leis , que para segurança dos Povos dicta a humanidade. Despresando tão sagrado uso corre a San Cloud , onde seu destino lhe havia preparado hum Consulado. Quem não conhece esta espantosa historia , e o tecido de delictos , que se lhe tem seguido , suas quixotadas contra a Inglaterra , suas horriveis acções contra a Austria , a leviandade ou cegueira d'ElRei de Prussia , o valor do da Suecia , as guerras na Polonia , a escandalosa confederação do Rhin , todos esses Reinos creados para servir de pública zombaria , e todos esses reisinhos , irmãos , parentes e primos seus ? Finalmenre , a quem se occulta a desmedida ambição deste Protêo ?

Porém se elle tem feito tremer o Continente com suas atrocidades , honradas com o glorioso nome de victorias , sua sorte o esperava na Hespanha , para que os Hespanhoes tão pacificos , tão oppostos a toda a injustiça , tão mal recompensados por sua amisade tão inalteravel , tão curadoura e custo-

sar, como funesta no combate de Trafalgar, arrancando-lhe a mascara, o expozessem com toda a sua fealdade aos olhos de toda a Europa, e rasgassem em fim o véo de huma ambição, que não offerece igual a historia do mundo.

Nações, Povos de todos os climas, ouvi a verdade não exaggerada, a verdade imparcial, e pura.

A Hespanha gosava de socego em quanto o Corso ancioso maquinava a sua destruição.

Principia semeando a discordia na Familia Real. O Principe herdeiro se vê prezo, accusado de haver intentado assassinar a seu Pai. A que horrivel encadeamento de enganos, e imposturas não deo lugar esta prizão, e quão ignominioso perdão a terminou? Pouco depois o Rei, em vesperas de abandonar sua Capital, de mui diverso modo que o Principe de Portugal, se vê detido por seus Vassallos, os quaes instruidos dos pérfidos intentos de Napoleão tomão tão boas medidas, que Murat, que tinha vindo expressamente a figurar de mediador, e a apresentar-se como protector acha tudo concluido; destruido o governo de dezoito annos de iniquidade; e tudo isto sem se derramar huma só gota de sangue. Mas verdade seja os soldados do Corso, tão humanos, não terião completado sua empreza sem cortar as cabeças a meia Hespanha.

No meio desta revolução ElRei Carlos irritado pela perda involuntaria de seu privado cede a Coroa a seu Filho, e o povo escuta esta novidade com o mais ardente enthusiasmo: o Joven Monarca se detem alguns dias em Aranjuez em consequencia das primeiras occupações de seu Reinado.

Ao mesmo tempo hum esbirro, hum novo explorador despachado por este malvado entra na Capital de Fernando VII. em traje de cómico, no meio de mil filas de Vandalos ardilosos, entre quadrilhas de Satélites terriveis, despidos, carcomidos de miseria, levando em seu aspecto o ar ameaçador, e o assombro caracteristico do crime. Horrorisa com sua entrada: todos os corações se comprimem á chegada deste fanfarrão saltarêlo.

No dia seguinte, depois de huma entrada tão apparatosa e insolente, o Joven Monarca elevado ao Throno sem sublevação, sem intriga pela vontade suprema e expressa do Povo; se apresenta na sua Capital pouco antes entregue a algu-

mas desordens. Renasce a tranquilidade; huma turba immensa vozeando jubilo vôa a receber seu Soberano; fileiras de pessoas de todos os sexos, e idades lhe abrem o passo sem necessidade de formação de soldados, de Tropas, apparato terrivel, que empregão os malvados.

Que portentosa differença! Que constraste! Fernando sem fausto, sem pompa militar, levando por defensa o coração de seus Vassallos, com o vestido mais singello, entra em sua Capital, quando hum estrangeiro se introduz á frente de cincoenta mil homens com hum luxo ridiculo, e toda a ostentação de huma entrada triunfal.

Murat começou pedindo hum prezo, seu amigo, da maior importancia para o Estado, e como então se achasse o Infante D. Carlos detido em Bayona, e o Rei em caminho para aquella Cidade, fiado nas repetidas promessas do perfido Corso manda entregar o Réo, julgando evitar maiores damnos.

Carlos IV. e a Rainha partem tambem para França.

Já havia largo tempo que ElRei se achava em Baoyna, tendo-se negado a passar a fronteira; porém o incauto Beauharnois Cunhado da virtuosa Imperatriz Josefina tinha-se arrojado aos pés de Fernando, e derramando copiosas lagrimas havia-lhe supplicado, fosse a França visitar Bonaparte, e o candido Fernando cede, e marcha. Chegado a Vitoria, o Povo se oppoz, a que seguisse seu caminho, e hum iniquo chamado Savary lhe offerece sua cabeça para segurança da viagem. Chegou em fim Fernando a Bayona, alli em vez dos braços de hum intimo e caro alliado acha huma prizão: põem-se-lhe por guardas Satélites do Corso, e obrigado a huma cessão, tão injusta, como nulla, he encerrado no centro da França.

Que pagina da historia do mundo apresenta hum attentado semelhante, huma tão manifesta violação de todos os direitos? São por ventura estes, os que tem o Corso á immortalidade? Ah! Sem dúvida os mais famosos salteadores de estrada tem iguaes direitos; porém morrem sobre os patibulos!

Madrid soffria pacifica, e em silencio huma perfidia tão atroz, desmantelados e destruidos seus passeios, pelas revistas do presumido Murat, e insultante insolencia de todos seus sequazes: em fim suas intrigas secretas conseguem trahir-nos em 2 de Maio.

O Povo mal armado quer rechaçar semelhantes salteadores. Estes, superiores em número, disciplina, e armas, observão sem embargo disso a victoria incerta pelo desesperado valor dos Hespanhoes. Tinhão-se feito prisioneiros por huma, e por outra parte: estes malvados possuidos de terror se valem da voz dos Ministros do Conselho Real; promettem paz, e o Povo, o Povo tão justamente irritado larga as armas á voz de seus Magistrados: duas horas depois de tão fatal condescencia vêm estes desgraçados arcabuzear a seus companheiros, que tendo cahido nas mãos destes canibas, julgavão seguras suas vidas em rasão das promessas anteriormente feitas: no centro de Madrid se assasinão seculares, Sacerdotes, meninos, mulheres, e Religiosos com seus veneraveis habitos (1): vê-se depois deste novo atentado desarmar aos Madrilenos: declara-se por fim huma guerra atroz á Hespanha, teritorio sagrado, pois que se tinha entrado nelle com a oliveira pacifica nas mãos, e com o pretexto de fazer guerra mais activa ao inimigo commum.

A fim de sugeitar a Andaluzia, se destaca o General Dupont hum dos mais célebres, que militão debaixo das bandeiras do Corso: este se acha obrigado a deter-se no caminho depois de ter saqueado Cordova.

Para sobmetter a Valença, envião o General Moncey homem ao parecer respeitavel, que se soppunha nada digno de achar-se entre tão iniqua turba: detem-se finalmente em Cuenca, e sahe dalli cheio de agradecimento ao favoravel acolhimento, que havia encontrado, e em quanto prossegue seu caminho até Valença, hum ladrão chamado Caulaincourt (2) que o segue, para pagar esta divida, ordena sem motivo algum o saque desta Cidade, e já apenas existe Cuenca.

Entretanto Madrid vê convertidos seus mais agradaveis passeios, os deliciosos jardins de seu Monarca, em fortificações

---

(1) He necessario observar, que em quanto se tirava tão horrivelmente a vida aos infelizes Madrilenos, estes mesmos mais generosos, que os soldados de Napoleão occultavão, e punhão a cuberto de todo o insulto, aos que tinhão alojados, e se encontravão desgarrados pelas ruas.

(2) Este he o digno irmão do [illegible] o valoroso e desgraçado Duque de Enghien.

ameaçadoras, e seus habitantes avistão, para sua consolação, fossos, palissadas, e bocas de fogo.

Em todas as Cidades, em todos os lugares, aonde os Hespanhoes possuidos de huma justa indignação querem defender seus Direitos, se attrevem os Francezes a denominá-los *insurgentes e rebeldes*: saqueão, e entregão ás chamas quanto terreno podem occupar, quando o esforço Hespanhol não detem suas quadrilhas incendiarias.

Murat cansado de revistas, de prizões, e paradas, passa a devastar o Palacio de nossos Reis, e quando tudo está prompto para a partida, pretextando enfermidades, de que devêra envergonhar-se, sahe no meio de seus numerosos roubos a receber por prémio de seu querido Cunhado a investidura do Reino de Napoles, ou do Reino de Hollanda.

Chega José: acha o *coitado* hum Palacio devastado, sem guardas, sem serviço, de donde não se atreve o pobre a sahir, mais semelhante a hum prisioneiro, que a hum Rei: dicta Ordens, promulga Decretos, e se faz proclamar; não se cumprem as suas Ordens, seus Decretos provocão a riso azombaria, e a lastima sua Proclamação.

Bonaparte excessivamente acautellado se retira de Bayona, desde alli sabe, que respeitando, segundo as suas Ordens, a Religião os Luteranos, Calvinistas, Judeos, Arabes, Tartaros e Mamelucos, que tem enviado á Hespanha saqueão as Igrejas, profanão os vasos Sagrados, e os vendem publicamente sobre as ruinas dos Povos reduzidos a cinsas: o Corso se enche de satisfação.

Alli convoca hum congresso, a fim de formar huma Constituição para a Hespanha: reune-se em parte este congresso á força de ameaças e sedicções: e não faz mais do que firmar huma Constituição feita de ante-mão, e dictada pelo *Sapientissimo* Imperador.

Porém os espiritos se inflamão, organisão-se os Cidadãos, já os Hespanhoes pelejão, vê-se morto o General Lefebre, prisioneiro o General Dupont, e em fuga o General Moncey: vê-se o pobre José cuberto de vergonha, cheio de medo, empregar não obstante isso (segundo o costume da familia) os ultimos instantes de sua agonia na Hespanha em roubar os thesouros públicos, e o pouco, que Murat deixou, para depois fugir no meio de seus Satélites geralmente atemorisados.

Por fim fugirão: Madrid se entrega ao regosijo: por fim respira: porém, Hespanhoes, tomai medidas acertadas, prestai ouvidos a hum amigo de vossos direitos, a hum amante de vossa Patria.

Hespanhoes: pouco ha, que dormieis, por fim haveis despertado; porém não descanceis mais. Visinho de vós está o Tyranno usando de sua politica sombria: talvez sua raiva lhe faça encontrar meios de vingar-se, ao menos intentá-lo ha por todas as maneiras, pois tem recebido de vós outros a affronta mais terrivel, que jámais tem denegrido seus famosos louros. Não são os seus Generaes postos em fugida, nem seus soldados mortos, as culpas, que não vos perdoaria: todas estas victimas as olha como holocausto devido á sua gloria.; porém vós o tendes provocado, haveis ferido seu amor proprio, mofado de seu orgulho, e obrigado seu irmão a huma fuga vergonhosa. Sem dúvida se compunge, se magôa de não poder contar entre seus subditos, a

José Napoleão I. por graça de Deos, e da Constituição do Estado, Rei das Hespanhas e das Indias, cego Tributario, e Vassallo submisso de Napoleão Imperador e Tyranno dos Francezes, Tyranno de &c., Tyranno de &c. &c. &c.

Eis-aqui, Hespanhoes, o que nunca saberá perdoar-vos, e nada omittirá para sua vingança.

A's armas: depois de o ter humilhado, he forçoso destrui-lo.

Cidadãos sem ordem, sem disciplina, sem tatica, tem anniquilado, tem aprisionado, tem posto em fuga esses generaes illustres por seus furores, esses esquadrões cubertos do pó de cem batalhas, esses numerosos batalhões creados, aguerridos, e encanecidos nos acampamentos.

Os Austriacos, os Granadeiros Prussianos, os Russos, dizem, que tem cedido ao seu valor mil victorias: agora, Hespanhoes, apparecem outros ante vós; elles fogem, elles desapparecem, e não querendo peleijar comvosco vos abandonão seus reductos, suas muralhas, suas munições, e seus víveres; porém por isso não vos manejeis com frouxidão. A's armas, Hespanhoes.

O mundo vos admira , e vos contempla : todos os corações estão a vosso favor : haveis accommettido huma alta empreza , e he preciso levá-la ao fim : conservai-vos firmes , organizai-vos , marchai , fortificai-vos , fazei formidavel vossa fronteira , enviai Commissarios a todas as Potencias : fazei, que ressoe o ar com vossa justa indignação , annunciai , que tem chegado o dia da vingança ; a terra , o mar , todos os Elementos reunidos concorrerão , com todos os habitantes do Globo para assegurar-vos a victoria : tudo , tudo está a vosso favor : o Ceo vos destina a ser a primeira Nação do Universo , pois sois os primeiros , os unicos, que tendes resistido a este monstro devorador.

A's armas : he preciso , que desapareça da face da terra.

Todas as Regiões , todos os Povos , todas as familias rogão por vós outros : todos os mortaes levantão as mãos ao Ceo para que David extermine a Goliat.

Recordai-vos , valorosos Hespanhoes , de que Roma pagã, e Roma christã sempre arrojarão de si quanto teve o nome de Corso , e que nem ainda para escravos os quizerão os Romanos : fazei mais que os Romanos. Veja-se a Corsega , por ter sido Patria de tão infernal aborto , reduzida a cinsa ; digna homenagem aos Manes dos valentes , mortos em defensa de seus lares. Lêa-se em vossas Bandeiras :

Paz ao Universo !

Guerra ao abominavel Corso !

Ide valorosos Hespanhoes ! Deos vos contempla , e vos assistirá.

A's armas , ás armas , ás armas , Fernando VII. será a recompensa de vossos esforços.

N. 14

PERFIDIA,

OU

POLITICA INFERNAL.

DIALOGO

ENTRE

LUCIFER, E BONAPARTE.

LISBOA:
NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

Anno 1808.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

DIALOGO

ENTRE

LUCIFER, E BONAPARTE.

Luc. WEll come, sir, well come.

Bon. Que he isto, Principe das Trévas? Apenas pizo a entrada da tua lugubre morada, logo me insultas, dando-me as boas vindas em huma linguagem que aborreço? He este o premio com que pertendes corresponder aos meus relevantes serviços?

Luc. Qual linguagem, nem quaes serviços: pelo que respeita á linguagem, ella vai a ser universal entre as Nações que se prezão de bom gosto; e no que toca aos serviços, eu mandei-te chamar por esses seiscentos diabos, que estão presentes, e me não deixarão mentir, por não poder já aturar tantos despropositos, ou para melhor dizer, insolencias tantas, que até me principiavão a horrorisar.

Bon. Despropositos? Que! Não estava eu senhor de toda a Italia? Não dominava em quasi toda a Alemanha? Não estive a ponto de me apossar da Hespanha toda, aonde tinha de commandar debaixo do nome de meu caro Irmão? As minhas Trópas, recebidas nos braços dos Portuguezes, não calcárão ellas aos pés por tanto tempo, esta vale-

rosa, mas crédula, e desgraçada Nação? A final, a Europa toda, toda a Asia, a Africa, e America, pensas tu, que havião de escapar ao jugo de hum homem manhoso, que extrahindo o dinheiro, e riquezas dos povos todos, sabia armar huns contra os outros, e brigar separadamente com estes, para depois atacar aquelles? Não tratava eu de estabelecer o Imperio universal sómente com o fim de extinguir a Moral, e a Religião, para depois offerecer tudo a teus pés, posto que ensanguentado, e moribundo?

Luc. Mais de manso, meu Bonaparte; he necessario que tu reflictas na pessoa com quem fallas. O Imperio a que lançavas os fundamentos, era para ti, e para teus caros, posto que estupidos, Irmãos. Quando tu improvisavas sobre tão quimericas façanhas, nem mesmo de teus infelices Vassallos te lembravas. Oh! (*á parte.*) fóra daqui, canalha infernal, que tenho de conversar em particular com este homem.... Agora, Napoleão, que estamos sós, vamos por partes: Dizei-me huma cousa; sendo tu tão amigo de sangue, não te lembraste de assacinar o Imperador d'Austria, quando estiveste só com elle na barraca de Austerlitz?

Bon. Isso era huma acção muito indecorosa.

Luc. Pois tu ainda respeitas o decóro das acções?

Bon. E que satisfação havia eu de dar ao Mundo? Além de que os Russos, e Prussianos ainda estavão com as armas na mão

Luc. Podias dizer, que elle Imperador, subornado pelos Inglezes, tinha projectado assassinar o teu Exercito; assim como dissestes em outro tempo, fallando d'ElRei de Sardenha,

Bon.

Bon. Não me lembrou isso.

Luc. E porque não envenenaste o Imperador da Russia nos banquetes de Tilsit?

Bon. Isso lembrou; mas que desculpa podia ter huma perfidia semelhante?

Luc. Inglezes no caso: Não te tinha dito que atribuisses tudo aos Inglezes?

Bon. Porém, lá não estavão Inglezes.

Luc. Tambem os Inglezes não estavão em Madrid, e tu disseste, que a revolução tinha sido lembrada, e suggerida por elles.

Bon. Tambem me não occorreo esta escapatoria, confesso o meu erro, Senhor Diabo.

Luc. Adiante. E o Pontifice Romano, porque o não mataste, quando elle foi a París, para depois te declarares Papa?

Bon. Mas ninguem me havia de reconhecer por tal.

Luc. Tambem não houve até agora quem te reconhecesse por Arbitro da Europa, e com tudo, tu não perdes a occasião da baforada, arrogando-te hum titulo, que se não criou para ti.

Bon. E eu podia ser Papa, sendo leigo, e casado?

Luc. Não: mas tambem tu, sendo impotente, te deixaste intitular *Todo Poderoso*, e nem por isso te escarrárão na cara, como merecias; porque esse atributo compete unicamente ao Creador do Ceo, e da Terra.

Bon. E que me dizes á politica Machiavelica, com que prometti Hannover a ElRei de Prussia, para me ficar desembaraçada a victoria de Austerlitz, e com que depois, em lugar de cumprir o que promettêra, o ataquei, e lhe roubei a metade do Reino?

Luc. Ainda podias fazer mais : como tu estás na posse de cumprir assim as tuas promessas, podias offerecer-lhe a conquista dos Antipodas, o Paiz das Amazonas na America, e os Paizes baixos na Europa; podias á sombra destas offertas, servir-te das suas forças, e assassinalo em fim, e ao seu Exercito.

Bon. E elle cahiria nessa?

Luc. O' lá se cahia : Quem podendo unir-se á Russia, e Austria para peleijar de acordo contra o inimigo commum, deixou perder tantas vantagens, e suas consequencias, para depois peleijar só, e perder tudo, não ha nada em que não caia.

Bon. Ora dexeimos bagatellas, tratemos agora de cousas hum pouco maiores: Que me dizes ao emprestimo dos dous milhões de cruzados, pedidos aos Portuguezes, por principio de protecção, logo á entrada do meu Exercito, que por esquecimento tinha marchado sem dinheiro? Que te parece a politica, a fina politica do meu Junot, que até extorquio esta quantia, sem encarregar nem a minha, nem a sua consciencia, ainda que a dívida nunca seja paga, como tinhamos acordado entre ambos?

Luc. Sem encarregar a consciencia?

Bon. Sim: Porque Junot, usando da costumada candura do seu genio, logo declarou que o emprestimo era forçado. Os Portuguezes mesmo, logo assentárão de não fallar mais nisso, para que se lhe não pedisse alguma demazia : Chiton (disserão huns aos outros) façamos da necessidade virtude, não afugentemos a protecção do Grande Imperador, e de Junot: se os emprestimos amigaveis, e vo-

voluntarios se convertem muitas vezes em calotes, de hum emprestimo forçado que podemos nós esperar?

Com effeito, os Portuguezes não entregárão o seu dinheiro a nenhum prodigo, ou ocioso; porque Junot, dobrou logo a orelha á sota para fazer paroly, e continuar o jogo até levar a banca á gloria.

Que me dizes á protecção dos quarenta milhões, que Junot, por hum effeito de amizade, e misericordia dividio em tres pagamentos? Ah! Que se os Portuguezes soubessem em quanto importou o primeiro terço, elles não deixarião de admirar as especulações deste habil traficante.

Luc. Ora dize-me; e em quanto importou, aqui para nós, a galanteria desse primeiro terço.

Bon. Olha, Principe do Inferno, como as pratas forão entregues a Junot, sem conta, pezo, nem medida; como algumas das outras partes integrantes da contribuição Militar, erão tão insusceptiveis de hum calculo exacto, como o valor das Propriedades que se suppunhão captivas, e era necessario resgatar; Junot, que se não adestringira a dar satisfações á Nação, escreveo-me particularmente sobre o assumpto, e me disse, que ainda não tinha feito a conta pelo miudo, mas que, grosso modo, podia já contar com os quarenta milhões debaixo de ferrolho, sem fallar nas crescenças, que elle reservava para supplemento de qualquer desfalque, quebra, ou engano que pudesse haver.

Luc. E aonde pára esse dinheiro? Já veio?

Bon. Não, amigo.

Luc. Não veio, nem virá; porque nem tu, nem

Junot, derão a esta extorção o calor necessario: e entre tanto os Portuguezes que não sabião por qual delicto tinhão perdido o dominio das suas Propriedades, e se achavão dentro do anno, e dia; propozerão contra Junot, e seu Exercito, huma acção de força nova na Cidade do Porto, aonde com testemunhas fidedignas, e com huma boa prova de instrumentos ministrados pelos Inglezes, tiverão de plano Sentença a seu favor; e para fixar a Jurisprudencia sobre este ponto, vierão pela Roliça, ao Vimeiro, onde então se achava o Tribunal Supremo das Justiças, e ahi em presença do General Inglez, se assentou sem discrepancia de votos, que a tal contribuição era antes huma rigorosa bifação, ou surripiação.

Bon. Não importa: elle sempre veio alguma cousa em ar de contrabando, e não se perdeo de todo o fruto das minha fadigas. Além disto, o Governo de Portugal foi anniquilado: a Fidalguia, e huma parte do seu Exercito, precisada a viajar contra sua vontade, está detida em França: as Bandeiras desta grande Nação, firmadas com tiros de artilheria Portugueza, tremulão sobre as Torres, e Fortalezas do Reino: as minhas Aguias estão esvoaçando sobre as portas dos Arsenaes, e Palacios Regios; e contas tu por nada estas façanhas?

Luc. Já lá vai tudo isso: tudo desappareceo; *bem como as arêas do deserto, ao sopro impectuoso do vento do Meio dia.*

Bon. Com effeito; os taes Portuguezinhos são mais espertos do que se pensava em França; mas em fim, eu fiz as possiveis diligencias para os illudir, e ultimar a projectada empreza.

Tu

Tu sabes as felicidades que lhes prometti, e sabes que eu podia fazer promessas, mas não realizar felicidades. Prometti-lhe de extinguir os pobres, e principiei pelos ricos, para que soubessem todos, que no Tribunal da minha Justiça, não ha distincção, ou accepção de pessoas.

Luc. Mas dessa sorte, tu augmentavas o número dos pobres, prometrendo extinguillo.

Bon. A politica, demasiadamente fina, tem seus espinhos, e contradições .... Prometti-lhe novos Canaes; não daquelles que conduzem agua para fertilizar os Campos, mas outros de nova invenção, por onde todo o oiro daquelle Reino, fosse correndo, ou escorregando para o meu Imperio, e de meus Irmãos; porque todos tinhamos muita precisão daquelle metal: os Portuguezes, não achárão bem deiradas estas duas pirolas; porque os meus Generaes, e Soldados presenciarão, que elles se andavão surrindo huns para os outros, principalmente depois da chegada dos *meninos perdidos*.

Prometti-lhe novos Camõeszinhos, e foi então que elles perderão o seu disfarce, e soltárão os diques a hum riso imprudente. Velhacos! Elles não ignoravão, que a repartição dos talentos, não cabia na esfera da minha inculcada omnipotencia: hum olho de menos (dizião os atrevidos) desterro, naufragio, pobreza, e Hospital, nisto nos póde elle fazer imitar Camões: Talentos, tomara-os elle para si, e para seus Irmãos.

Prometti-lhe hum Rei legitimo; e então não se rirão, antes carregando huma vizeira capás de assustar os mais intrepidos Guerreiros, dizião huns aos outros, mas em segredo. Nós temos hum Prin-

ci-

cipe legitimo : o Ceo foi quem o ornou de tantas virtudes, para nos fazer presente delle : se elle está contente com os Vassallos , os Vassallos estão com elle contentissimos, e não o perdêrão já mais da lembrança , posto que o perdessem de vista. Ah , caro Principe ! Nós não queremos ver sobre o Throno de Portugal , hum Rei que não seja da Casa de Bragança : o nosso sangue está prompto para se derramar ; estão promptas as nossas vidas, para se sacrificarem denodadamente á defeza dos vossos direitos , e dos nossos : Imperador barbaro , e injusto ! Leva embora a nossa prata , e o nosso oiro ; leva os diamantes , mas não nos prives de huma dadiva do Ceo , da unica esperança, consoladora esperança , que nos resta sobre a terra.

Luc. Com effeito ; tu não podias fazer aos Portuguezes huma injustiça mais clamante. Mas , amigo , a conferencia já tem sido maior do que devêra , e como tu cá ficas para sempre , temos muito tempo para conversar. Que tolices ! Que erros de politica ! Que incoherencias não avançaste por toda a parte ?

Pensavas tu , que a Senhora dos Mares , com os antigos Portos d'Africa , e da Asia todos francos , e de mais a mais com o novo Commercio da America Portugueza , não poderia dispensar por algum tempo , ou ainda para sempre , o Commercio da Europa ; e que poderia a Europa subsistir sem Commercio algum , nem seu , nem estranho ?

A França , a disgraçada França , privada até da mesquinha communicação , ou correspondencia dos seus mesmos Portos huns com os outros , poderia subsistir , e não poderia subsistir a Inglaterra com tantas ressursas , e franquezas , abonadas por hum milhão de fiadores ? Igno-

Ignoras por ventura, que fechando tu os Portos aos Inglezes pela parte de dentro, elles os ferrolharão pela parte de fóra, e que em consequencia disto, quem ficou incurralado fostes tu, e os teus alliados? A rapina das tuas Aguias, que finalmente havia de acabar hum dia; poderia bastar para a subsistencia da numerosa Nação?

Essa Marinha com que sonhavas, e com que pertendias abater a Marinha de Inglaterra, que he della? Aonde estão os Vazos, a gente, os mantimentos? Qual era o ponto da reunião das tuas quimericas Esquadras? Por onde havião de sahir os Navios, que mares havião de surcar para se unirem? Que esperavas tu?...

Bon. Alto lá, Senhor Diabo: então visto isso não fiz eu nada?

Luc. Não digo tanto: olha, eu fui em outro tempo a estrela da manhã, mas hum pensamento de soberba indisculpavel, me enfarruscou de maneira, que fui destacado do Ceo, e obrigado a troçar aquelle glorioso nome, pelo infame epitheto de pai da mentira: depois desse estrondoso baque, eu quero pela primeira vez fallar-te a verdade.

Tu tinhas qualidades que me fizerão conceber de ti grandes esperanças; e a que me dava mais no goto, era a tua soberba; soberba, que quasi quasi emparelhava com a minha: eu tive o desacordo de querer exaltar o meu Throno sobre o Throno do Altissimo, e tu tiveste a pouca vergonha de consentir, que te chamassem Omnipotente.

Eu estava vendo, quando tu atacavas o morro de Gibraltar, sem receares que os Inglezes te esmorrassem as ventas; estava vendo, quando a tua

Ca-

Cavalleria, e Infanteria, atravessando o Canal ánado, fazia huma descida á Inglaterra, ou hião huns, e outros por terra, destruir na Asia as Feitorias Inglezas: mas como me não fazia conta, que tu morresses tão sedo, fui eu quem te tirou da cabeça tanta quimera.

Bon. Mas a minha politica...

Luc. Qual politica, nem meia politica: tu querias levar tudo á espada, esquecendo-te muitas vezes do adagio = Con arte, e engaño se vive medio anno; com engaño, e arte se vive la outra parte. =

Bon. Oh Hespanha! Oh Portugal! Oh Inglaterra! Eu tenho estas tres Potencias atraveçadas na goella, e parece-me que tenho nella cravadas tres espinhas de Baleya. Ah, que se eu tornasse ao mundo....

Luc. Não fazias nada; já estás muito conhecido nas suas quatro partes. Olha; tu, querendo destruir as tres Pontencias de que fallas, déstes no laço que presentemente as une, hum nó tão apertado, e cégo, que nem eu mesmo me atrevo a desatar.

Tu não poderias já mais, nem por aluvião, grudar a Inglaterra com as Costas da França de maneira, que os Francezes lhe podessem fazer a Guerra a pé enxuto: por már, sabes muito bem, que os Francezes são como os macacos, que em cahindo na agua, juntão rabo com cabeça, e se deixão ir ao fundo: *Ergo*, de destruição de Inglaterra não fallemos mais.

Bon. Mas a Hespanha...

Luc. Qual Hespanha, nem meia Hespanha: Eu receio que os valerosos Hespanhoes, embainhando as espadas, levem a páo todo o resto da canalha

Fran-

Franceza, que entrando naquelle Reino rôta, e esfrangalhada, se hia levantando pouco depois com o santo, e com a esmola; quero dizer, com os Santos de prata, porque com os de páo não tem os Francezes devoção.

Os Leaes Perinéos, já offerecêrão as suas cabeças, para sustentar o pezo da artilheria, com que as pertendem coroar, sem distincção alguma de calibres: muralhas de bronze, parapeitos, e baluartes, baterias cobertas, fógos cruzados, reductos, e tudo que ha de grande, e respeitavel na arte da Guerra, tudo vai a pôr-se em pratica: Os Perynêos, querem ser instrumento de huma defeza, que todo o resto do continente não seja capás de contrastar.

Bon. E o Portugal?

Luc. Portugal, está coberto com hum escudo muito superior ao de Minerva: As promessas do Campo de Ourique são infalliveis: O seu Amavel, e Respeittavel Principe, assim he que está ausente, mas elle deixou ahi hum Governo assizado, que acaba agora de restabelecer-se, e sabe tomar medidas justas, para se fazer respeitar dos inimigos, e abraçar cordialmente pelos amigos. Vai organizar-se hum Exercito de heróes, que saberáõ perder as vidas, e as fazendas, mas não a honra, nem o patriotismo: o merecimento, he o padrinho que os candidatos invocão, para occuparem os postos, e defenderem a patria: ex-aqui o que fizeste com a tua politica.

Bon. Entretanto: eu vejo estas infernaes masmorras entulhadas de almas, cujos córpos ainda talvez estejão gotejando sangue: habitantes infelices deste me-

medonho paiz, que póde ser tivessem outro destino se eu não imollasse tudo ao meu furor. E hão de ficar sem premio tantos serviços?

Luc. Não; tu terás hum lugar bem junto a mim: a desesperação, a raiva, os remorços, ex-aqui o premio que terás por toda a eternidade. Dexo-te livre a lingoa para as blansfemias, os olhos para as lagrimas de sangue, de que no Mundo tinhas tanta sede, e por agora, eu vou encarregar a outro Diabo, a destruição da Europa (se isso for possivel) já que tu desempenhaste tão mal a minha commissão.

Disse; e batendo as azas como de morsego, furou as sombras, e se apartou em fim do heroe, que a Corsega vomitou sobre a face da Europa, na força do seu furor. Alviçaras oh raça humana; o monstro horrendo dará o ultimo urro; e será ferrolhado de maneira, que não veja mais a luz do dia; per omnia sæcula sæculorum. Amen.

N. 15

BREVE RESUMO

DA

GERAÇÃO EXECRANDA

DAS

MAGESTADES CORSEGAS IMPERIAES E REAES.

NA NOVA OFFICINA DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

ANNO M. DCCC. IX.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ADVERTENCIA.

DEscobrir os meios faceis para que todos conheção a vil ralé, a géração indigna do homem brutal, que o mundo odêa, foi o motivo, porque resumi a noticia da mais pessima gentalha que piza a terra. Desta sorte os pequenos podem saber em geral, por preço modico, o que os eruditos, e oppulentos podem ver em volumes grandes, e obras elegantes. Ningnem deve ignorar a prosapia desta familia sacra, para lhe tributar os devidos perfumes. Eu nada accrescento, pela brevidade do resumo, ainda não digo huma parte, do que se acha escrito. Em outra occasião saberá o Público, a casta dos Generaes, e outros parentes deste Carnifero Malvado.

NAções civilisadas, Nações incultas, viventes racionaes do Orbe inteiro, dizei qual he a raça infame, que brotou o mortal, que á face do mesmo Orbe, ousa acclamar-se o Monarca do Universo, o Imperador o Grande, o Omnipotente, e se atreve a dizer, que suas mãos manejão as redeas do Governo moral, e politico do Mundo todo? Não conheceis o Monstro, que assim blasfema? Ignorais ainda quem elle seja? Não conheceis o que subio ao Throno da Nação Christianissima, por degráos de traições, e de perfidias? Monarcas prezos com aleivosia, Monarcas expatriados, Nações saqueadas, e invadidas, Provincias incendiadas, Templos profanados, a Religião com desprezo ultrajada, e tanto sangue derramado, de milhões de victimas innocentes, sacrificadas á ambição enorme de hum implacavel Tyranno, não vos dão hum claro conhecimento do seu coração perverso e deshumano? A experiencia de tantos males successivos, e prolongados não vos fazem ver o funesto resultado, da época da preocupação, e cegueira humana? Se pelos effeitos tendes conhecido as causas; porque não conheceis este individuo pelas suas acções? Tudo quanto nelle se descobre he vil, pequeno, e abjecto. He só grande na maldade. Vil o tronco donde procede, pequeno o corpo, que o figura. Vil, pequena, e abjecta a terra, em que nasceo. A mesma natureza a quiz separar do Continente, para que este se não infestasse com a producção de hum tal Monstro.

Appareção á face do Mundo; e todos conheção estes vís impostores, taes como elles são. Tiremos-lhe a mascara com que tem illudido a tantos espectadores. Vamos ver as qualidades destas modernas Magestades Imperiaes e Reaes, para tratarmos daqui por diante este congresso de Salteadores, e de Patifes, como merecem. Sua origem, e seus

principios mais remotos são desconhecidos. Até seus Bisavôs temos noticia; porém inferimos, que todos os seus Predecessores serião ou mais vís, ou *Ejusdem furfuris*.

PATRIA.

Em hum canto de huma pequena porção de terra, por nome Corsega, que no Mediterraneo o mar circula, existio o carcomido tronco da venenosa arvore, que produzio taes ramos.

BISAVOS.

Carlo Buona teve o grande, e alto emprego de ser hum taberneiro, (1) e por ladrão, e assassino morreo nas Galés de Genova em 1724. Sua mulher chamada por alcunha De la Birba, por sua vida licenciosa, morreo na Casa da Correcção. Esta boa parelha, dignos Bisavôs do Imperial e Real Imperador, tiverão hum filho que cuidou muito em imitar seus Pais, chamado Josefo.

AVOS.

Josefo Buona pelas suas prendas, boa conducta, e educação esteve proximo a morrer enforcado, em huma Aldea junto a Bilbáo, senão fugisse para a Corsega, aonde exerceo o honroso cargo de carniceiro, em Ajacio (2).

(1) Todo o Taberneiro deve ter hum bisneto Rei de Botelhas.
(2) Cidade na Ilha da Corsega.

Foi cabeça de Salteadores, e dizem, que por algumas proezas, que fez com os seus sequazes, juntou ao appelido de Barte, o de Buona: outros, que tomou este nome para ser alli desconhecido, o que parece mais verosimil, porque todos os criminosos assim o praticão. Sua mulher se chamava Histria, filha de hum cortidor em Bastia. (1) Tiverão hum filho chamado Carlo, começando neste o appelido de Bonaparte.

PAIS.

Carlo Bonaparte foi Soldado de tarimba, deo baixa por empenho de Mr. de Marbœuf Governador da Corsega, e lhe alcançou hum pequeno Officio. Sua mulher chamada Letitia concubina do dito Governador, e filha de hum Procurador, outros dizem, que de hum ferreiro, ou pasteleiro na Suissa de Basiléa, ficou viuva, e com nove filhos, que temos a desgraça de os ver existir, para com sua malevolencia infestarem a Europa inteira.

FILHOS DESTES, E IRMÃOS DE BONAPARTE.

José Bonaparte irmão mais velho, antes da Revolução era hum pobre escrevente de hum Letrado de Ajacio, e depois por ser traidor, vil, e pérfido á sua Patria, seguindo varios Postos na Revolução, seu irmão Napoleão o fez Rei de Napoles, e depois o mandou para a Hespanha, aonde quer ser o Rei por força. Sua mulher era da gente mais ordinaria de Marselha (2), mas de melhores costu-

(1) Cidade Capital da Ilha da Corsega.

(2) Cidade Episcopal da França na Provença, com Porto de Mar no Mediterraneo.

mes, do que os da raça de seu marido. Eis hum Rei deste baralho, proximo a despir as vestiduras reaes, e a recolher-se ao bastidor (1).

NAPOLEÃO

Napoleão segundo filho, porém o primeiro de todos os malvados, que tem apparecido nas differentes épocas do Mundo, nasceo a 15 de Agosto de 1769. Foi educado á custa do Estado, no Collegio de Autun (2), e depois na Escóla Militar de Brienne (3). Assentou praça de Cabo de Esquadra, subio ao Posto de Alferes, e conhecendo os Revolucionarios o seu pérfido coração, e má conducta o chamárão a si para executor de suas atrocidades, que elle praticava á sangue frio. Tinha 12 annos, quando pregou na parede do Collegio hum cão, que elle estimava, por lhe ter comido a cêa, e para mais o atormentar, cortava delle pedaços até o matar. Envenenou a filha de huma lavadeira, que se achava pejada delle, sendo a filha, e a mãi victimas da sua crueldade. Na noite do enterro principiou a namorar outra irmã da desgraçada. Regozijava-se de ver nos Hospitaes as afflicções, e agonias dos moribundos, e as opperações as mais perigosas dos enfermos, arremedando, entre os seus sócios, os tristes gestos destes desgraçados. Assassinou com sua propria mão homens, mulheres, e crianças francezas em Tolon (4). Oito mil

(1) Senhor Napoleão, seu mano Pepe, prefére na antiguidade a V. M. I. e R., e sua Demencia (perdôe que me enganei) e sua Omnipotencia não póde pervérter esta ordem. Não leve isto a mal, deixe-o ir aqui primeiro.

(2) Cidade de França em Borgonha.

(3) Cidade de França na Provincia de Champagne.

(4) Cidade de França na Provença, com Porto de mar no Mediterraneo.

de todos os sexos em Pariz. Similhantes, e maiores barbaridades na Italia, aonde forão espingardeados 10:090 habitantes. Forçadas 5:042 virgens. Violadas 14:626 casadas. Muitas Cidades, e Aldeas incendiadas; e immensas passarão pelas penas militares. 65:200 de seus habitantes reduzidos á ultima miseria. Alli mandou enterrar meios vivos os seus soldados, que não davão esperanças de vida (1). No Egypto diz: que venera a Mahomet, que professa o Alcorão, e que he inimigo declarado do Pontifice, e dos Christãos. Com esta perfidia rouba, assassina, e assóla. Em Jafa (2) por serem muitos, e difficil o transporte dos seus soldados enfermos, manda envenená-los. Hum Medico recusa esta commissão; porém executa-a hum Boticario. Chega a primeiro Consul; manda assassinar os mesmos que o elevarão, e desterra o seu Protector, e amigo de sua mulher Barrás. Emprehende novas guerras. He coroado Imperador a 2 de Dezembro de 1804. Pretende ser senhor universal do mundo todo, anniquilar a Geração dos Reis, e destruir a Cabeça da Igreja (3), elevando só seus irmãos, e alguns Generaes por necessidade. Sua mulher Josefina viuva de hum Visconde, era amiga de Barrás. Este lha deo, e o fez logo General, e Bonaparte o estimou vendo que por sua protecção podia mais facilmente elevar-se. Eis o homem a quem linguas blasfemas tem chamado o Prodigioso, e o Protector da Religião! (4).

---

(1) He facto certo, provado com pessoas fidedignas.

(2) Villa da Ciria na Terra Santa.

(3) He implacavel o odio, que este Monstro tem á Igreja. Lá vai levado com violencia de Roma para França, o nosso Pastor, e Pontifice Romano, como criminoso, entre escoltas de pérfidos Francezes.

(4) Se destes ainda restão alguns: Sem embargo dos embargos: Casa de Doidos, ou fiquem logo sem cabeça: feliz porém o mortal, que degradar do mundo este Tyranno da humanidade. Qualquer que elle seja, eu lhe invejo a sorte, e ainda que apoz do Monstro, poucos minutos lhe restem de existencia, valem mais que dilatados annos sem esta gloria.

LUCIANO.

Luciano Bonaparte terceiro filho, em 1790, era hum pobre caixeiro de hum mercieiro por miudo em Bastia. O Patrão o despedio por alguns furtos, e elle se unio a huns matadores, e salteadores de Marselha. Foi hum dos guardas do seu innocente Rei, e acompanhava as victimas destinadas ao supplicio, no tempo da Revolução; portando-se com escandalo, e violencia nos lugares, que depois occupou. Em huma Assemblea, aonde se achavão mais de 200 Senhoras, e duas irmãs suas, e huma destas mulher de Murat, disse, que não havia alli huma só, com quem elle não tivesse tido os seus particulares. Casou com huma mulher vil, que ou morreo envenenada, ou existe na Casa da Correcção. Casou outra vez com a filha de huns Estalagadeiros, contra vontade destes; e por morte desta, casou com outra irmã, que já tinha sido regeitada pelo filho de hum carniceiro da Corsega (1). Não sendo Luciano dos mais queridos de seu irmão Bonaparte, retirou-se na companhia da senhora Letitia, sua santa mãi, para Roma; e de lá se transportou á America Ingleza, conduzido pelos Inglezes, e alli disfruta sem susto os milhões, que a bom tempo roubou na Europa.

LUIZ.

Luiz Bonaparte filho quarto, era hum pobre escrevente de hum Commissario da Policia de Marselha. Acom-

(1) Feliz Estalajadeiro de quem os Reis, e Imperadores são seus parentes.

panhou Napoleão á varias terras, portando-se como maroto, e libertino. No Egypto, e na Prussia foi atacado do Planeta Mercurio; sendo a todos patentes as suas molestias. Bonaparte o casou com sua enteada Francisca de Beauharnois, a quem Luciano, e outros muitos pertendião. Teve logo tratamento de Alteza; seu irmão o fez Condestavel do Imperio Francez (1); e sendo Imperador, usurpando o Reino de Hollanda, o fez Rei dos Hollandezes, que gemem debaixo do poder de hum Monarca intruso. Eis hum ordinario escrevente, com sua casaquinha esfarrapada, e meias com pontos, hum Rei com calças. Que prodigio! Que methamorfose!

JERONYMO.

Jeronymo Bonaparte quinto filho, e irmão mais moço de Napoleão, nasceo em 1785: foi hum paquete brejeiro, e moço de recados, em huma ridicula estalagem, frequentada por carreiros. Tinha 10 annos, não sabia ler, nem escrever (2). Seu irmão o mandou ensinar a huma escóla pública em Basle (3). Enfronhado no A B C, o applicou á Marinha: fez em varias terras as mesmas proezas, e insolencias, que seus irmãos, porque não devia degenerar da Casta. Tinha 16 annos fizerão-lhe certa amputação (4). Assistio á morte desgraçada, e barbara de huma sua concubina, que mandou deitar aos cães de filla, por ciumes. Gostava de ver os tormentos dos justiçados. Huma senhora que queria violar, matou-se a si mesma;

(1) Que Condestavel! Que Imperio! E que Imperador!

(2) Podia sem susto levar qualquer cartinha de nó, e sem obrea, e quantas levaria!

(3) Basle, ou Basiléa, Cidade da Suissa.

(4) Se seguisse o estado Ecclesiastico, a que são pouco inclinados, seria necessaria alguma dispensa.

e elle raivoso mandou matar o Pai, ficando esta familia desgraçada; e outros insultos, que a brevidade não permitte. Casou com huma senhora de familia respeitavel da America, o que seu irmão não levou a bem, mas pôde-lhe fazer, o que fez aos seus Soldados doentes, e dar-lhe outra do seu agrado. Eis hum brejeiro de recados, Hum Rei de Vestfalia (1).

FILHAS DE LETITIA, E IRMÃS DE BONAPARTE.

PRIMEIRA FILHA.

Madame Bachiochi, irmã mais velha do Côrso fazia o officio de moça de queijeira, em hum pequeno Casal arrendado por seus Pais, perto de Ajacio. Casou com Bachiochi, que tinha huma fabrica de tecidos de algodão. Foi este casamento reputado huma grande fortuna naquelle tempo, para a misera familia Bonapartence. Por ser bom homem, são ambos desprezados por Bonaparte. He a melhor de todas as irmãs, e respeitada na Corsega, como mais virtuosa, porque á similhança de sua mãi, teve só hum filho antes de casar.

SEGUNDA FILHA.

Madame..., que por nome e sobre nome não perca, era costureira de Madame Rambaud, modista de Marselha, de quem foi aprendiz 6 annos. Teve só dous filhos de Julien, homem casado na mesma Cidade. Foi depois para

(1) Oh! Loucura dos homens! Oh! Cegueira humana! Quem não vê a preocupação, em que o mundo existe!

Roma, e seu irmão á casou com hum Principe Romano; Santa Cruce, vil, e traidor á sua Patria. He altiva, e blasfema na sua conversação. Eis huma Princeza, sendo hum anno antes huma pobre costureira.

TERCEIRA FILHA.

Madame Murat, foi aprendiz da Modista, da qual sua irmã tinha sido costureira. Casou com Murat, que fazia barbas, isto he, barbeava, penteava, e servia algumas vezes de cosinheiro, quando foi ajuda de camera (1). He altiva, e para todos insolente. Seus amantes erão os mais rebeldes, e traidores. Foi rival de sua cunhada, a enrugada Josefina. No que diz respeito á sua honra, não ha que dizer. Antes de casar, teve só dous filhos, de Batiste, Actor de París, e dizem más linguas, que teve hum de seu irmão Luciano (2). Eis huma Rainha de Napoles, ha pouco aprendiz de costureira, que bem, e mal enfiava a sua agulha.

QUARTA FILHA.

Paulina, irmã mais moça, quiz seguir a vida bélica; e por isso na idade de 14 annos fugio de casa de sua mãi, com o Cabo de Esquadra, Cervoni, desertor Sárdo. Quando Bonaparte já era Grão Senhor, foi achada cheia de mazelas, e de trapos, em huma casa de mulheres infames, na Rua de Saint-Honoré (3). Seu irmão a casou

(1) Senhor Murat, Senhor Marchal do Imperió, Senhor Governador de París, Senhor Lugar-Tenente da Hespanha, e agora Senhor Rei de Napoles: diga-me, tem obra feita?

(2) Viva a bella sociedade: viva quem he tafula, e fóra P. . .

(3) Longe da minha porta taes Princezas!

com le Clerc, homem malvado, filho de hum moleiro; mas já era General; ficou viuva, e lembrando-se do seu Sardo, entretinha-se com alguns amantes, demorando por isso mais de seis mezes, o casamento que Bonaparte lhe fez com Burguence Principe Romano, o qual recebeo com muito gosto, a casta mão da sua Paulina. Eis de huma Prostituta esfarrapada, huma Princeza.

MÃI DOS BONAPARTES.

Letitia Raniolini, mãi do Grande Imperador (1), era filha de hum Procurador, outros dizem, de hum ferreiro, ou pasteleiro, na Suissa de Basiléa. Casou com hum soldado aos 16 annos, e aos 15 já tinha tido huma escorregadella, com hum Frade. Ficou viuva, e ficou sem amigo, que era Mr. Marbœuf, que morreo na Revolução. Subsistia então de algumas modas, e galantarias de suas filhas. He hypocrita, e supersticiosa, effeitos de mulher de pouca criação. Consulta siganas, tem o seu quarto cheio de vidrinhos de espiritos, para prolongar a vida, bocetinhas de pós, e reliquias de Santos, que lhe disserão serem bons para as felicidades de seu filho, neste mundo (2), ao qual tem muitas vezes persuadido, que se desquite, por odio, e raiva que tem á sua nora, de a tratar como mulher baixa, e ordinaria. He muito boa mãi para filhos viciosos (3), e por causa de algumas desordens entre os filhos com Bonaparte, vive em desagrado, e existe em Roma.

---

(1) Esta Mãi do Grande Imperador será filha de alguma Imperatriz? Já disse que não: e agora digo, que servia de Concubina aos Governadores da Corsega, e o marido de Espião.

(2) Sim; porque no outro todos sabem as felicidades que o esperão.

(3) Quer dizer, que he dos filhos huma boa. Al. . . .

MULHER DE BONAPARTE.

Josefina la Pagerie, nasceo na Martinica (1), de familia nobre, porém pobre. Foi educada em França, e casou na idade de 22 annos com o visconde Alexandre de Beauharnois revolucionario, e inimigo do seu Rei: forão ambos prezos por suspeitos, elle foi guilhotinado, e Josefina o seria, se o seu Protector Barrás lhe não valesse. Antes, e depois da morte de seu marido foi muito desenvolta, e escandalosa. Apparecia nos lugares publicos muito deshonesta, com o corpo meio nú, sem trage, nem modo de viuva, applaudida nos theatros, e cafés pelos tafues, como senhora de bom gosto, e desabusada (2). Barrás a casou com Bonaparte. Ausente o seu noivo, padeceo suas faltas; e encobrindo o cancro do peito esquerdo, se valia, para subsistir, de alguns restos dos seus encantos (3). Chega Bonaparte a ser consul: hum Decreto a manda tratar como Rainha; mas como ignora os termos de Soberana, huma velha revolucionaria lhe he destinada para a educar. Então ella se vinga de suas rivaes, e muitos dos seus amantes forão exterminados, e perdidos. Chega seu marido a Imperador, ella pretende, que seu fausto, exceda por excessivo a todas as Imperatrizes (4). Porém em Baiona esquecida já dos modos de Soberana, que aprendera, applaudio o landum, que dançavão os granadeiros da Legião Portugueza, em huma rua da mesma Cidade; esses miseraveis, que Chefes pouco

(1) Ilha na America septentrional.

(2) Não pense Senhora Josefina, que só na França ha Senhoras de bom gosto, e pimponas, como V. Realissima Magestade, saiba, que tambem cá temos Pampulba, Cotovia de baixo, Cotovia de cima, Taipas, Bairro Alto, Rua suja, e no dia de hoje *Ubique*.

(3) Como he Americana, não deixará de ter alguns quindins.

(4) He Imperatriz madrasta, o roubo da França, e o saque das Nações, he que o paga.

atinados introduzirão em França (1). Quando seu consorte esteve ausente (mais de nove mezes) teve hum aborto (2), e ficarão-lhe dous filhos do primeiro matrimonio para augmentarem o número da raça vil.

FILHOS DE JOSEFINA DO PRIMEIRO MATRIMONIO.

Eugenio de Beauharnois filho de Josefina, e não sei se do Visconde Alexandre, seu defunto marido, creado na liberdade revolucionaria, e vendo sua mãi elevada a hum throno, fez-se altivo, estragado, e brutal. Tinha 22 annos gabava-se, que tinha por sua conta seis amigas. Quando a mãi recusa dar-lhe dinheiro, insulta-a de palavras, e chama-lhe P... vieille (P... velha), e como he nome, que tanto lhe convém, dá-lhe logo tudo quanto lhe pede. Para ficar huma noite com a Clotilde da opera, e ter a basofia, de que ella faltasse aquella mesma noite, a hum Principe Russo, a quem já tinha promettido, e de quem recebera 200 Luizes; deo-lhe hum relogio cravejado de diamantes, avaliado em doze mil cruzados (3). Deo em penhor de 72:000 huma caixa de joias a hum estalajadeiro, que o achou na cama da mulher, para que o não matasse, e no outro dia foi resgatada a caixa. Eis o Vice Rei de Italia, que com seus perfidos Generaes á testa de Falanges Italianas persegue agora a Austria, que pretende livrar

(1) Se não houvessem traidores, já o monstro estaria devorado. Qual tem sido o vosso interesse traidores, cobardes, e aleivosos?

(2) Senhor Imperador V. M. I. e R. sendo hum aborto da humanidade, não he capaz de fazer abortar sua consorte? Aonde existe a sua Omnipotencia abortosa? Veja o que os outros já fizerão, e faça o mesmo.

(3) Não lhe custaria muito, porque seria furtado: vejo, agradame, he meu: este o direito Francez, que lhe faz adquirir o dominio de todas as cousas.

da perfida invasão Franceza os seus Estados, dando a todos o exemplo, para que a imitem.

Francisca de Beauharnois irmã de Eugenio, não tem os costumes dos seus parentes. He amavel, fiel, e liberal. He realista, e teve o desafogo de dizer ao Corso, que elle a faria feliz, se restabelecesse no Throno de França a Luiz XVIII. Qualquer que tivesse esta corage pagaria com a vida, e ella mesma, se elle a não estimasse tanto. He commedida no vestuario, e despezas; e das immensas sommas com que Bonaparte a obsequea, soccórre muitas familias desgraçadas pela Revolução. Sustenta, e manda educar muitas crianças orfãs de Pais, que forão guilhotinados. He muito airosa no seu corpo, bella nos seus modos, porém modesta, conservando em hum Paiz de malvados, e libertinos boa reputação (1). Teve innumeraveis pertendentes, até Luciano, e hum illustre mancebo, a quem ella antés da Revolução estava promettida, o qual por esta causa ou foi morto, ou vive desgraçado, nos certões de Caienna (2). Bonaparte a casou com o libertino, estupido, e malvado Luiz, por agora Rei de Holanda.

Esta, em summa, a abominavel familia Bonaparte-ce, géração da mais vil ralé da raça humana, a quem a Grandeza de alguns Thronos, e a antiga, e illustre Prosapia de Grandes Senhores, espontanea, e livremente se sub-

(1) Parece-me impossivel em Franceza tantas virtudes. Não sei se acredite o Author. Em hum Paiz corrompido, entre parentes estragados, marido libertino, e a excessiva paixão de tal Padrasto: entre tudo isto ser esta Senhora tão honesta! He maravilha. Se assim he, he falso dizerem alguns papeis que proximamente, neste anno de 1809, ella fugira de seu marido para Alemanha onde se achava Bonaparte por estar pejada delle. A Francisca he boa rapariga, e não he capaz disso.

(2) Caienna, Possessão Franceza na America Meridional, tomada aos Francezes em 1809 pelos Portuguezes, á força d'armas.

metterão, sem se acobardarem de tão indigno abatimento; denegrindo, e manchando, com seu iniquo proceder, os florescentes ramos de suas familias nobres. Estes espiritos baixos sejão riscados da memoria dos homens, por indignos de ostentar o caracter de seus antepassados, aviltando-se a hum bando de patifes, servindo-os como seus escravos, quando em outro tempo pisavão aos pés seus amados compatriotas. Bem a pesar seu, os que ainda não morrerão no cativeiro, estão supportando os tristes effeitos da sua inconsideração, e má conducta, debaixo do jugo tyranno daquelle aleivoso Corso, que tem constituido sua elevada fortuna, na desgraça de espiritos fracos, e corrompidos. Arrastem as grossas cadêas desse tyranno, que tanto estimárão; e se acaso lhe restarem ainda alguns momentos, em que conheção sua infidelidade, o nosso desprezo, e o espirito patriotico, que nos anima, lhe augmente a pena, e lhe sirva de maior castigo. A Patria por elles está offendidida, e vassallos traidores, jámais lhe podem ser uteis. Saibão, que a honra nos anima, e nos conduz á gloria, que o seu heroe, já se assusta, e já treme da constancia heroica de honrados, e valorosos peitos, e que todos nós estamos promptos a vencer o monstro, e todos os seus sequazes, ou a morrer pela Religião, pelo Rei, e pela Patria.

F I M.

N.° 16

PINTURA HORRIVEL
DA
FRANÇA,

Publicada em Inglaterra para servir de admoestação tremenda, e de aviso instructivo a todas as Nações do Mundo civilizado.

TRASLADADA DO INGLEZ EM PORTUGUEZ.

DEpois d'huma revolução summamente atroz, brutal, e cheia de ignorancia, revolução, em que se confundírão e violárão todos os principios da politica humana, reformou a França as naturaes e leves imperfeições, que são inseparaveis da Sociedade civil, fazendo-as desandar em males por extremo flagiciosos e infernaes, que forão causa de ficar de todo perdido o estado social. A grande Bastilha de París, que por certo não encerrava mais que cinco réos de crimes atrozes, passou pela refórma de se lhe substituirem milhares de cadêas semelhantes em todos os Departamentos Francezes, cheias de masmorras, feitas com a maior arte para privar da vida, apôs os mais crueis tratos e pungentes agonias, a milhões de pessoas generosas, leaes e innocentes,

cuja natureza, formada por costume e educação, não podia encobrir a aversão, que tinhão a taes horrores revolucionarios, pelos quaes ficou inteiramente perdido o systema social.

Os direitos feudaes tambem se reformárão em conscripções militares por extremo barbaras; e os donos de terras e herdades, depois de se verem obrigados a fazer caminhos para a serventia mais do povo, que de seus proprios prédios, sem que o Público lhes pagasse o seu trabalho, ainda que feito algumas leguas de suas habitações, são agora algemados, bem como escravos d'Africa, com seus filhos, e compellidos a passar ás frígidas regiões do Norte, ou aos ardentes desertos do Sul; a fim de que, padecendo fomes, molestias de climas tão estranhos, feridas e mutilações de membros, hajão de conquistar hum Imperio para algum Chefe malvado, escolhido entre os forçados das galés pela sua fereza desenfreada, o qual provou ser bem proprio para o decantado fim de fazer o homem social degenerar em bruto sofrego e indomavel.

Huma revolução tão monstruosa produzio hum monstro de governo da sua propria especie ainda mais hórrido. Hum doudo, empunhando o terrifico sceptro de escorpião, he quem traz consternado e prezo com durissimas cadêas hum povo desatinado, sofrego, e que parece ser huma raça de monos; e com o terrivel instrumento do expediente militar, que faz as vezes de Lei, vai engodando aquella desgraçada gente á

que extenda de mão armada por todo o mundo o proprio dominio, que ella amaldiçoa no seu coração, desejando ver-se desbaratada por hum inimigo estúpido e cheio de terror pánico, cuja conquista só he devida ao engano de lhe inspirar medo por hum assalto fingido, ao que Bonaparte chama o seu segredo de sahir vencedor; mas toda a historia o qualifica e apregôa por huma manha Franceza.

O monstruoso governo de França, ainda que esteja disfarçado com fórmas juridicas e instituições mui especiosas, he o estado mais barbaro de força militar, que tem desacreditado os annaes da sociedade humana, envilecido o seu decóro, e desorganizado a sua energia: he muito mais terrivel que a independencia da vida selvatica, ou ainda mesmo que o instincto brutal; porque n'um tal estado cada pessoa se vê em hum pé de igualdade, e he assaltada ou defendida por esforços individuaes; sendo que debaixo do barbaro governo militar de França, cada individuo está exposto a hum assalto desigual d'hum poder público, prostituido por hum patrocinio pessoal, de que goza quem o exercita; e deste modo fica a sociedade sendo hum monstro, que devóra os seus proprios filhos; ao mesmo tempo que se estes passassem a hum estado de instincto selvatico ou brutal, seria isso huma refórma verdadeira por onde se poderia dar ainda remedio á vida agonisante dos desgraçados habitadores de França, atalhar a despovoação daquelle paiz, e impedir a iminente extensão do mal por todo o mundo.

Debaixo da presente barbarie cruel, insocial e revolucionaria, a que em França se dá o nome de governo, não póde haver seguridade senão no caprichoso e momentaneo asilo de protecção, comprado com o enorme sacrificio de cabedal e grande risco da segurança futura; pois são tão amiudadas as alternativas de valimento, que muitas vezes se vem lançados na mesma masmorra patrono e cliente; e se dalli consegue sahir a victima, he pela influencia d'hum protector rival, que tem de esperar a mesma mudança de patrocinio militar pelo modo com que maneja a força pública prostituida, de que póde fazer uso.

Como cumpre fallar aqui sem o artificio da declamação, e fazer com que esta tremenda advertencia seja huma exposição de factos, será justo relatar os horriveis effeitos de patrocinio, de que ultimamente se recebeo noticia em Londres por hum viajante Americano, o qual era hum democrata inadvertido, que se mostrava disposto a favorecer a contingente policia de França, por não ter elle capacidade para conhecer pela força da razão as milhares de fórmas com que alli se modifica de contínuo o bem e o mal, que graduão e constituem o systema social, em que a coacção e a liberdade tem de passar por huma modificação dictada pelo juizo do povo.

Conta o tal Americano, que indo de jornada com outros passageiros em hum coche de posta, succedeo hum dia pedir-se na estalagem pelo que lhes fora ministrado hum preço mui exorbitante:

como não quizessem porém pagar a quantia exigida, appareceo logo hum Juiz de Paz (que estava a salario do estalajadeiro, e que tinha comprado o Officio, a cujas funções de patrocinio se havia assignado huma contribuição annual), e mandou que se pagasse o rol da despeza, aliàs não permittiria que o coche tornasse a partir. Em quanto se disputava o negocio, aconteceo apear-se na mesma estalagem o General Berthier, o qual deo logo ordem ao Ajudante de Campo, que comsigo levava, para que puzesse na rua o Juiz de Paz, e disse aos passageiros que não pagassem mais que o que estavão acostumados a dar por huma comida semelhante á que lhes acabavão de servir, e que logo proseguissem no seu caminho. Este facto, ainda que sirva de crédito á generosidade de Berthier, era com tudo em rigor hum acto de violencia militar, que se não poderia praticar em paiz algum, onde o Direito Civil tivesse alguma existencia.

Outro facto, que prova mais decididamente o caracter da barbarie militar e a futilidade da Lei, he o seguinte: Certo crédor encontrou o seu devedor em huma das ruas de París, e exigio d'hum modo peremptorio que ajustasse com elle contas. O devedor, vendo-se em aperto, buscou asilo em casa d'hum Funccionario público, o qual, informado do caso, deo logo ordem aos seus criados para que fossem lançar mão do crédor, e o conduzissem a huma das enxovias da Cidade, onde esteve dez mezes encarcerado, e só pôde dalli

sahir por huma vicissitude de despotismo, soborno e valimento, que deixou o patrono do devedor privado do seu cargo.

Desnecessario será produzir mais exemplos desta natureza, ou ainda proceder com instancia em factos tão bem attestados, para provar que em França não ha Lei, e que só reina ahi huma simples força e expediente militar, huma vez que se contemple, profunda e imparcialmente, a natureza do governo de Bonaparte, cujos receios pessoaes e ciumes de seu proprio poder e vida, em que tem parte hum milhão de tyrannos subalternos, empregados em lugares públicos, com muitos milhões de adjuntos, devem tornar altamente perigosa a altercação pessoal por conseguir justiça pública, ou ainda mesmo privada; porque, ¿quem ousaria arriscar-se a hostilidades n'um paiz, onde todos os mezes gira por cada provincia huma lista de proscripção, para sepultar vivas em mui escuras e estreitas masmorras as victimas, que altamente clamão contra a oppressão pública, ou que se resentem d'huma velhacaria particular, armada com a venal prostituição da força pública?

Tal he o deploravel estado de miseria social, em que os infernaes reformadores da França ameação deixar inundado e destruido o mundo, fazendo o homem retrogradar muito abaixo dos annaes da historia selvatica até descer aos sordidos limites do instincto brutal e sofrego; fazendo com que a pyramide do poder social fique removida da sua base natural, proveniente do

costume, lei e educação (ao que elles chamão reforma), e invertendo-a para polla em hum ponto de vontade arbitraria, de que não ha exemplo ainda entre Nações meio civilizadas e selvagens, em cuja situação deve sem delonga vir a ficar por terra ao choque de Chefes competidores, cuja dynastia não póde merecer respeito, nem ter permanencia; e assim terá de deixar o mundo sepultado em huma interminavel alternativa de anarchia e confusão, causando por toda a superficie do globo huma miseria e desolação, em gráo tal que se não póde calcular.

¡Póvos d'Inglaterra, dos Estados Unidos d'America, e da Peninsula! Póvos a quem esta admoestação se dirige mui em especial, e pelo modo mais capaz de fazer em vós a mais profunda impressão, concentrai toda a energia do vosso entendimento, toda a ternura do vosso coração (por onde ficais caracterisados tão avantajadamente a todas as demais Nações) na vossa faculdade intellectual, onde se faz essencialmente aquella judiciosa combinação de idéas sensiveis, que fórmão o grande padrão comparativo do bem e do mal, para que assim possais avaliar a inestimavel preeminencia de politica social de que gozais, por muitas que sejão as suas imperfeições, e os gravames que produz, em contrariedade da deploravel condição da barbara França e dos seus brutaes subditos; contemplai as ferinas ameaças d'hum tyranno, que na linguagem d'hum demonio tem declarado ao seu exercito,

que por cinco seculos ha de fazer vingança do povo Britanico (em cuja ameaça sem dúvida comprehende os seus descendentes Anglo-Americanos), pela antiga e inevitavel guerra que faz á França; e contemplai a infeliz sorte de toda a politica humana, politica de todo inconnexa com a indignação, até que o selvagem imperial a deo a conhecer, para provar que elle era hum monstro, e fazer ver que a arte declamatoria era hum meio sobejamente fraco para exprimir os verdadeiros horrores do seu poder, ameaçando que com o tempo e futuridade havia de reduzir toda a especie humana á mais incalculavel miseria.

A pezar de factos tão atrozes, não deixa de haver legisladores tão fracos e sordidos, e autores tão perversos, que entrão em apologias a favor do governo Francez, e que procurão induzir o povo Britanico á sujeição, dizendo-lhe que Bonaparte não poderia levar comsigo a propriedade territorial de que o mesmo povo goza, ou enfraquecer as armas dos camponezes; e que em quanto se consentir a qualquer escriturario de cartorio público fazer neste o menor peculato, e em quanto se concederem recompensas a serviços sem merecimento, ou se augmentarem os tributos, não podem os Inglezes dizer que tem paiz digno de se conservar.

Em resposta a suggestões tão pérfidas e cavillosas, contemplem os Inglezes e seus descendentes que o seu peculiar temperamento moral, formado pela força da sua imaginação e ternura do seu coração em huma barra de aço, não pó-

de dobrar-se como o temperamento de chumbo dos escravos de França, sendo por conseguinte forçoso rompello antes que a tyrannia possa subjugallo; e que nenhuma conquista se póde conservar em Inglaterra ou na America, até que se tenha conseguido transferir para outro ponto, ou extirpar os seus habitantes; porque huma plebe como a Ingleza, em levantamento, por effeito do seu espirito de camaradagem e de affeição reciproca, seria capaz de accommettèr e destruir quaesquer tropas de fóra, que levadas de ambição se atrevessem a abandonar as muralhas d'huma fortaleza, para se expôrem ao assalto de huma paizanagem determinada por sympathia á morte ou á liberdade.

¡Póvos Inglezes, Americanos, etc.! não consintais que huns estolidos de entendimento technico, nos seus discursos e gazetas vos enganem com a sua affectada linguagem de liberdade e igualdade, dizendo-vos que o triunfo do monstro he devido á corrupção e tyrannia d'hum governo regular. Esses nescios se envolvem em contradicções interminaveis; por quanto asseverão que a corrupção e a tyrannia são simultaneamente a causa, assim do desbarato, como da conquista, desde que o triunfante poder da França he hum systema sem exemplo da mais perigosa e inaudita corrupção, e do mais cruel e furioso despotismo, onde a licenciosa venalidade do funccionario público vende abertamente a sua indispensavel traça de proteger a liberdade, os bens

e a vida do subdito, a todo aquelle que o procura, desde o Prefeito até o camponez.

¡Não, Inglezes! A verdadeira causa de conquista he a crueldade excessiva d'hum Chefe tonto, e a estupidez d'hum povo semelhante a huma raça de monos, que se deixa levar por terror a hum heroismo insano, mas de jactancia, para extender a perda do estado social de França por todo o mundo, mediante bandos armados de conscriptos mui moços, a quem dá impulso o terror, com a rançosa manha Franceza de assalto fingido, manha tão conhecida na historia antiga como na moderna, e que tão evidentemente se tem descoberto pelas baionetas Britanicas. Estes tremendos esforços do desvario e terror dos Francezes pedem que as Nações em torno fação esforços e sacrificios, que os seus Governos não podem realizar por sobrepujarem muito a sua energia moderada. O povo, vendo-se senhor de si, he em toda a parte capaz de levantar-se contra os seus proprios Governos, conhecendo que são debeis, para se submetter á conquista dos Francezes; mas a sua pérfida e louca deslealdade terá de ser premiada com conscripções militares para os frigidos desertos da Tartaria, ou para os ardentes areaes da India, a fim de exaltar ao throno do Mogol algum malvado revolucionario de França, escolhido entre os forçados das galés no seu paiz, onde o padrão da preeminencia humana, bem como tudo o mais, se vê reformado, de virtude e prudencia, em desatino sem consideração, em

vileza sem principio, e em huma sofreguidão brutal destituida de toda a ternura humana.

O Continente da Europa, ao cahir debaixo do dominio da França, se parece com huma Náo de guerra da primeira ordem, que vai a pique em hum porto: no redemoinho, que então faz, arrebata e deixa tragadas no mesmo sorvedouro as embarcações em torno, que nenhum homem de mar, por mais que saiba da Nautica, póde salvar. Isto se vê exemplificado nos baldados e confusos esforços das Nações conquistadas, que facilitárão a sua destruição.

¡Inglezes! De todas as Nações só vós possuis na sympathia do vosso temperamento moral hum remedio certo para as ameaças desta catastrofe: tendes na vossa natureza capacidade para formar fasces de força moral e fysica, e para fazer em pedaços as isoladas varas dos alliados e subditos de França. Não he justo encobrir-vos o sobresalto motivado pelo deploravel estado em que agora se achão todas as classes do povo, depravadas pelo luxo, pela corrupção, por huma litteratura frivola e pela inadvertencia, de que se podem temer effeitos funestissimos, taes como mudanças repentinas de Governo, que venhão a parar n'uma guerra civil; mas, a pezar dos mais terriveis desastres, a vantagem que levais ao resto do genero humano na vossa comparativa preeminencia moral e na vossa força fysica, todavia terá de conservar o dominio do Oceano, manter o estado existente de civilização prática em paizes

ultramarinos, e conduzillo pelo progresso do melhoramento intellectual á perfeição de que he susceptivel a humanidade: para dar effeito a tão ponderoso objecto, não tendes que fazer mais que inscrever nas vossas bandeiras militares, por mar e por terra, o seguinte segredo de victoria:

¡*Para diante, e briga travada com o inimigo*! —Julio Cesar, Machiavel, e o Marechal de Saxe declarárão uniformemente, que *quem atacasse os Francezes de perto, não poderia deixar de ficar vencedor.*

Aqui cumpre expôr ao mundo aquelles principios, que guião o entendimento e a vontade do homem, que dirige a toda a especie humana esta ultima tremenda e mui interessante admoestação:

„ As minhas idéas e os movimentos do meu coração, diz elle, tem adquirido alguma expansão pela consummada experiencia que procede do entrar especulativamente e fazer giros universaes pela ampla comprehensão da faculdade intellectual, ou formando comparações de razão, para conhecer e avaliar, no puro meio da natureza, a verdadeira prática e theorica dos interesses humanos, no tempo e futuridade. Huma especulação de tanto momento me revelou a grande sciencia de Chymica animal, a qual ensina que os indestructiveis átomos de materia, que constituem a essencia universal da natureza, circulão de contínuo por todo o ente sensitivo, por effeito d'hum modo particular de actuar, até que vem a formar hum completo systema de paciencia, donde resul-

ta á materia huma retribuição em razão milionesima de bem e de mal, assim em tempo como em futuridade, passando pelo modo de agencia humana: este descobrimento da verdadeira constituição da natureza eleva o meu animo acima de todas as considerações de bem pessoal e momentaneo. Não tenho parentes, bens, nem Patria: o meu interesse integral, como huma parte eterna, material e constituinte da natureza, em todos os tempos e em todos os systemas, me impelle e dirige a augmentar o bem e a diminuir o mal, por todo o systema sensitivo, como o unico culto verdadeiro da natureza: e por effeito deste sagrado predicamento de humanidade universal e consummada, rogo ás Nações civilizadas do Continente que comparem, com as forças sólidas da razão, e não com idéas technicas de sciencia, os males toleraveis e o despotismo moderado de Governos regulares, e vejão se elles, em comparação dos horrores revolucionarios da França, não fazem com que a peior condição dos Estados do Continente seja a mais venturosa liberdade.

„ Com toda a instancia peço aos Estados meio-civilizados d'Asia que contemplem, em comparações judiciosas, a terrivel situação a que os reduziria huma conquista dos Francezes. Em vez d'hum despotismo limitado por costume, por leis e pela superstição, o systema Francez de patrocinio pessoal soltaria o demonio da vingança, que reina no temperamento Asiatico; e toda a população viria a ficar destruida pela prostituição d'hum

poder protectivo para dar effeito a hum resentimento individual: a ameaça d'huma catastrofe tão temerosa, ó Póvos d'Asia, torna o despotismo a que agora estais sujeitos, por cruel e arbitrario que seja, hum mal ditoso, judiciosamente comparado com os horrores revolucionarios da França.

„ ¡Inglezes, Americanos, Póvos da Peninsula, etc.! rogo-vos com toda a instancia que deis attenção ás comparações apontadas, as quaes, provando que o estado selvatico da Asia he huma felicidade em comparação do de França, vos põe no caso de recorrerem todos os demais Povos consternados pela barbaridade Franceza ao vosso mui distincto estado de exaltada liberdade e de progressivo aperfeiçoamento. Não consintais que esta vivificante consolação desalente, mas que antes anime o povo na resistencia que faz á corrupção, procurando corrigir o vicio, e não mudar a Constituição ou o Governo. „

Apostrofe do Traductor aos seus Compatriotas.

¡Portuguezes! Levados d'hum puro ardor patriotico julgámos dever offerecer á vossa consideração este Quadro horrivel, que hoje apresenta a França no despenho da sua revolução. Persuadidos estamos de que as suas verdades, em quanto aos nossos Compatriotas judiciosos verdadeiramente, doceis, e que prézão, quanto he justo, a qualificação de *leal*, que tão constante e inalteravel-

mente tem caracterizado a nossa Nação, só serviráõ para consolidallos no desprezo, odio e abominação com que por certo olhão as detestaveis maximas da França em toda a sua generalidade. Como porém he de presumir, por desgraça, que entre nós ainda haja desses chamados *Tafues*, por não dizer homens perdidos, e de todo entregues a devassidão, que possão ser partidistas encobertos dos Francezes, e que nesse secreto intuito queirão com a maior malicia achar alguma razão no seu infame procedimento, esquecidos das perfidias, roubos, desacatos, crueldades, mortes e violencias de todo o genero, que praticárão tão indefensavelmente no nosso Paiz; e ainda mais esquecidos do esbulho summamente cavilloso do throno d'Hespanha, e da mortandade, saques, desacatos, roubos, deflorações, torpezas feitas com a maior violencia a Freiras e a mulheres casadas, chegando muitas daquellas forçadas victimas d'huma brutal sensualidade a perder a vida naquelles violentissimos lances, além dos estragos de toda a qualidade e devastações tão inauditas ahi praticadas, que deixão muito atrás a maior barbarie, de que faz menção a Historia; confiamos que á leitura das mesmas verdades mudem de conceito, e fiquem conseguintemente tão convencidos, como os bons e fieis Portuguezes, de que os Francezes são a maior peste do estado social, e que cumpre resistir em todos os modos á sua infecção. Desde já queremos lisongear-nos com a esperança de que resulte daqui

huma uniformidade de sentimento a respeito dos nossos inimigos; e que neste estado, segundo o principio de que todo o povo unanime tem em si a razão sufficiente da sua defensa, se lhes possa sempre fazer huma resistencia forte, e efficaz. Eia pois, Portuguezes! animo unido; e quando ouvirdes que contra vós se dirigem Francezes, seja sempre a vossa senha *dvante*, *dvante*, *vamos a travar com elles briga de perto*, para que assim fazendo intrépida e mui confiadamente vejamos verificado o proloquio de Julio Cesar, Machiavel e Saxe, na victoria certa que, nesse caso, delles haveis de alcançar.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.

Com Licença.

N.º 17.

PARAPHRASE

AO

CAPITULO XIV.

DO

LIVRO DE ISAIAS.

POR

JOSÉ ACCURSIO DAS NEVES.

LISBOA M. DCCCIX.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ADVERTENCIA.

A Benignidade, com que o Público illustrado me tem feito a honra de se não desagradar das minhas Obras, posto que destituidas de merecimento, me dispensaria talvez da satisfação, que vou dar-lhe; mas eu não quero passar por hum Visionario, em hum tempo, que abunda em Visionarios. Penetrado da grande semelhança, que observo entre os successos, que cantava Isaias no Capitulo XIV. do seu Livro, e os que actualmente se principião a desenvolver na Europa, lembrei-me de escrever a seguinte Paraphrase, em que procurei seguir de perto o texto Latino, ajuntando alguns rasgos de imaginação apropriados a dar melhor a conhecer a semelhança, e fazer sentir verdades uteis á grande causa das Nações, que tem sido o fim constante dos meus escritos. Sei muito bem, que Isaias exercitava a sua linguagem Sagrada sobre o livramento dos filhos de Jacob, e a ruina do Rei de Babylonia: a applicação da minha Paraphrase não custará tanto trabalho, para se achar, como se tem empregado nestes ultimos tempos em procurar a Besta do Apocalypse.

PA-

PARAPHRASE.

TUdo erão typos na Lei antiga, que devião realizar-se na Lei do Evangelho; e typos erão ainda os factos principaes da Historia do Povo Hebreo, como ensinão os Escritores da Igreja. Que typo o deste Povo assolado por hum soberbo, e ambicioso Déspota, que desde as margens do Eufrates estendia hum Imperio usurpado sobre todos os Thronos da Asia Occidental, o seu Templo destruido, os seus Vasos Sagrados roubados, e profanados, o seu Governo anniquilado, os seus Sacerdotes, os seus filhos captivos, e todo elle arrastando as cadêas da mais dura escravidão! Que typo o deste mesmo Povo libertado, e o Déspota confundido pela Mão Poderosa do Senhor! Taes erão os objectos, que com huma Eloquencia Divina cantava Isaias, o primeiro, e o mais sublime de todos os Profetas.

Filho de Amos! Reparte comigo algumas faiscas do fogo Divino, que te inspira. Mas eu não posso pertender tanto: não tocarei com impura mão a Arca do Testamento, para não cahir mor-

to como Oza. Permitte sómente á minha voz profana repetir de longe os écos da tua Linguagem Divina.

I.

O ímpio póde impunemente exercitar os seus crimes sobre a terra ; mas he sómente em quanto se não enche a medida das suas iniquidades , que o Senhor tem prescripto. O Deos das misericordias tambem he o das vinganças, e completa a medida , o castigo não tarda ; o ímpio he ferido de morte : *Prope est ut veniat tempus ejus , & dies ejus non elongabuntur.* Póde o ambicioso , o cruel Usurpador levantar as mãos ímpias sobre o Povo escolhido , sobre as Nações fiéis , onde se prestão puros holocaustos ao Deos Unico , e tirar-lhes os seus Principes. Póde huma Dynastia inteira , cujos troncos Christianissimos forão entregues ao algoz , ser proscripta , e banida do territorio , onde dava as leis , e a felicidade aos Póvos. Póde huma outra respeitavel Dynastia Reinante , sempre conhecida por Catholica , ser desenthronizada , despojada , e mettida em ferros ; ser arrojada huma das mais antigas casas do Continente de hum bello Reino , que possuia , para huma Ilha , ainda hoje célebre , porque servia na antiguidade de lugar de desterro para os facinorosos de hum grande Imperio , onde tem por abrigo as ondas. Póde a Familia Real mais

pro-

proxima, mais ligada ao Summo Sacerdote, por antigos respeitaveis laços, ser igualmente despojada do seu Throno, e perseguida até as adustas Costas de outra Ilha, que huma célebre montanha abraza com as suas chamas. Póde em fim aquelle ímpio expulsar do Continente para as afastadas praias de hum novo Mundo aquella Dynastia Fidelissima, em que a verdadeira Piedade andou sempre por herança, anniquilar Governos, destruir Nações, e atrever-se em fim contra o mesmo Summo Sacerdote, insultando-o, roubando-o, e derribando o do seu Assento. Mas em fim chega o tempo, em que o Senhor se compadecerá do seu Povo: *Miserebitur enim Dominus Jacob*: elle tornará a dar-lhe os seus Soberanos legitimos, e naturaes: *& eliget ad huc de Israel*; restituindo á sua Patria todas essas Dynastias, todos esses Principes perseguidos, e desterrados, para nella passarem dias de descanço entre os braços dos seus amados vassallos: *& requiescere eos faciet super humum suam.* Para consummar esta grande Obra o Senhor não só armará os Soberanos, e os Póvos opprimidos, mas tambem a estes se ajuntaráõ os Estrangeiros, que instruidos pelo exemplo dos seus visinhos da sorte, que se lhes prepára, farão com elles causa commum, para destruirem o Tyranno: *Adjungetur advena ad eos, & adhærebit domui Jacob.*

II.

Volve a roda fatal, a que chamão da fortuna, que porém não he senão movida pela Mão occulta da Providencia. Os oppressores, que até aqui tyrannizavão os Póvos, são agora arrastados por estes ao seu lugar: *Et tenebunt eos populi, & adducent eos in locum suum.* Os Póvos, que supportavão os seus ferros, passaráõ a exercitar sobre elles o seu Imperio nos ditosos paizes, que o Senhor tem abençoado, e a fazellos seus captivos, de Senhores que antes erão: *Et possidebit eos domus Israel super terram Domini in servos, & ancillas; & erunt capientes eos, qui se ceperant, & subjicient exactores suos.*

III., e IV.

Assás tendes padecido, Póvos innocentes; mas quando Deos puzer termo aos vossos trabalhos, ás vossas exacções, e á vossa escravidão, então levantareis a voz contra o Tyranno da nova Babylonia: *Et erit in die illa: cum requiem dederit tibi Deus a labore tuo, & a concussione tua, & a servitute dura, qua ante servisti: sumes parabolam istam contra Regem Babylonis, & dices:* então lhe perguntareis ousadamente: *Quomodo cessavit exactor, & quievit tributum?*

V.

V., e VI.

Acabou o Reinado dos ímpios; porque o Senhor esmagou o Sceptro, que usurpavão: *Contrivit Dominus baculum impiorum, virgam dominantium.* Derribou o monstro, que na indignação, e no furor das suas conquistas estragava os Póvos com feridas irremediaveis; que no frenesi da sua ambição sujeitava, e perseguia cruelmente as Nações. *Cædentem Populos in indignatione, plaga insanabili, subjicientem in furore gentes, persequentem crudeliter.*

VII.

He chegado o feliz tempo, em que a Terra libertada póde em fim respirar das convulsões violentas, que lhe imprimia o Tyranno, e entregar-se ao descanço, e ao silencio: a Terra se alegrou, e exultou de prazer: *Conquievit, & siluit omnis terra; gavisa est, & exultavit.*

VIII.

Verdugo da Humanidade, flagello do Mundo! Não só perseguias os viventes, mas exercitando cruezas, de que nenhum outro deo o exemplo, despregavas o teu furor até sobre os entes insensiveis: as Cidades, os campos, e os bosques participavão dos transportes da tua raiva. Não só pois as crea-

turas animadas, até ás faias, e os cedros se enchêrão de prazer com a tua queda: *Abietes quoque lætatæ sunt super te, & cedri Libani.* Debalde tens pertendido eternizar na tua execranda familia o Imperio, que usurpaste: debalde tens sancciona-do com os Direitos da metralha, e das baionetas as arbitrarias Leis do teu Throno vacillante; debalde em fim assentaste á roda de ti a cáfila dos teus, para te succederem, e abrazarem ainda a Terra com os furores da sua vingança. Comtigo acabou tudo: desde o momento, em que cahiste, nenhum dos teus poderá levantar-se, para nos opprimir: *Ex quo dormisti, non ascendet, qui succidat nos.*

IX.

Estremeceo o proprio Inferno diante dos teus passos, e te suscitou inimigos: tu os acharás até entre os Sectarios de hum Profeta falso, unidos em hum Imperio de monstruosa grandeza: *Infernus subter conturbatus est in occursum adventus tui, suscitavit tibi gigantes.* Todos os Principes da Terra, os Soberanos de todas as Nações levantárão-se nos seus solios: *Omnes Principes terræ surrexerunt de soliis suis, omnes Principes nationum.*

X.

Todos elles, até aqui curvados, e abatidos;

ago-

agora firmes, e desassombrados, te diráõ cheios de prazer, e admiração: Tambem tu foste ferido, e sem te valer a Omnipotencia, que arrogaste, és tornado hum fraco mortal, como nós! *Universi respondebunt, & dicent tibi: Et tu vulneratus es sicut & nos, nostri similis effectus es!*

XI.

Os teus crimes pedião alta vingança, e milhões de victimas innocentes, que fizeste arrastar aos Altares da tua Ambição, clamavão por Justiça. O sangue innocente achou vingadores, e foi á tua propria soberba a que conduzio o teu cadaver ao abysmo: terás por cama a polilha, por cobertura os bichos: *Detracta est ad inferos superbia tua, concidit cadaver tuum: subter te sternetur tinea, & operimentum tuum erunt vermes.*

XII.

Não és tu aquelle astro luminoso, que te mostravas no Oriente mais radiante que a estrella da manhã, e despregando raios para todas as partes, tudo enchias com a tua luz até as mais remotas praias do Occidente? Como pois foste precipitado das alturas, como cahiste por terra, tu que eras o açoute das Nações? *Quomodo cecidisti de cœlo, Lucifer, qui mane oriebaris? Corruisti in terram, qui vulnerabas gentes?*

XIII., e XIV.

He possivel, impostor, temerario, que te vejamos reduzido a este abatimento? Tu, que só fallavas em Deos, para enganar os Póvos; que no Egypto, e na Syria affectavas adorar os Deoses do Egypto, e da Syria, que porém no fundo do teu coração não acreditavas em Deos, e te julgavas a unica Divindade! Tu, que ousaste arrogar huma missão evidentemente celeste, o poder do raio, e a propria Omnipotencia de Jehova; que acceitavas, e exigias honras Divinas; e que no delirio da tua fatuidade querias remontar sobre as nuvens, collocar o teu Throno sobre os astros ao lado dos ventos, e igualar-te ao Altissimo! *Qui dicebas in corde tuo: In cœlum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis. Ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo.*

XV.

Verumtamen, tu não eras senão hum desprezivel bicho da terra, hum fraco, hum impio mortal: receberás a pena proporcionada á tua soberba, e aos teus crimes: *Ad infernum detraberis in profundum laci.*

XVI.

XVI.

Que espectaculo para os que te virem no opprobrio, tendo sido testemunhas da tua grandeza! Elles se inclinaráõ, e exclamaráõ, fixando sobre ti os olhos: He este o Heróe, que abalou o Mundo? He este o Usurpador, que destruio os Reinos, abateo os Thronos, assolou as Nações? *Qui te viderint, ad te inclinabuntur, teque prospicient: Nunquid iste est vir, qui conturbavit terram, qui concussit regna?*

XVII.

He este o que despovôou a Terra, e destruio as suas Cidades, o que retinha nos ferros tantos Póvos opprimidos, o que arrastava immensos cativos nas suas legiões, ou os conservava em dura prizão, sem lhes dar a liberdade? *Qui posuit orbem desertum, & urbes ejus destruxit, vinctis ejus non aperuit carcerem?*

XVIII.

Debalde arrojaste os Soberanos dos seus Thronos, e arrancaste tantos Principes amaveis do seio dos seus Vassallos, e da sua Patria, pertendendo ainda manchar a sua gloria com imposturas. Elles voltaráõ á Patria, elles reinaráõ em paz sobre os seus Vassallos, dormiráõ no meio da sua gloria,

e descançaráõ nos seus jazigos: *Omnes Reges Gentium universi dormierunt in gloria, vir in domo sua.*

XIX.

O fructo dos teus crimes recahio em fim sobre a tua cabeça: foste o expulso para longe do teu sepulcro, como hum tronco inutil, manchado, e confundido com aquelles, que morrêrão á espada, e descêrão como hum cadaver podre ás profundidades do abysmo: *Tu autem projectus es de sepulchro tuo, quasi stirps inutilis pollutus, & obvolutus cum his, qui interfecti sunt gladio, & descenderunt ad fundamenta laci, quasi cadaver putridum.*

XX.

Cruel assassino, depredador infame, que por meio das traições, perfidias, mortandades, compras, e de todos os crimes familiares a hum Usurpador da tua ordem, ousaste, não só introduzirte na Jerarquia dos Soberanos, mas levantar sobre elles o teu Throno! Acabárão as tuas grandezas, és tornado ao lodo immundo, de que sahiste. Em vão pertenderás ainda ser admittido á communicação com os Reis: nem no tumulo poderáõ os teus ossos misturar-se com os delles; porque tu foste o que perdeste os Reinos, que usurpáras, o que as-

assassinaste os Póvos : *Non habebis consortium, neque cum eis in sepultura : tu enim terram tuam disperdisti, tu populum tuum occidisti.* Nem tu, nem a tua parentella poderáõ já mais figurar sobre a terra : *Non vocabitur in æternum semen pessimorum.*

XXI.

Assim como o virtuoso attrahe benção para os seus, o malvado transmitte maldições. Abrahão mereceo a Graça do Senhor, e toda a sua geração ficou bemdita : peccou Adão, e toda a Raça Humana participou do castigo. Altos Juizos de hum Deos Incomprehensivel ! E quando toda a familia de hum ímpio he ímpia, e execranda ella mesma ; quando pelos seus crimes, e attentados se tem tornado a inimiga de Deos, e dos homens, que póde ella esperar do Ceo, e da Terra? Preparai os filhos para o sacrificio, pela iniquidade dos Pais : não são elles os que hão de levantar-se da lama, em que forão precipitados, não são os que hão de herdar os Reinos, e o Imperio usurpado, e encher o Mundo de Cidades : *Præparate filios ejus occisioni in iniquitate patrum suorum : non consurgent, nec hæreditabunt terram, neque implebunt faciem orbis civitatum.*

XXII.

XXII.

O Senhor dos Exercitos levantou o seu Braço Omnipotente sobre esta raça infame, e determinou anniquilar até o nome dessa nova Babylonia, a soberba Capital do seu Imperio, os seus restos, e a sua prole; porque até a prole deve ser negada a hum ímpio, que ameaçava reduzir o Mundo a hum deserto: *Et consurgam super eos, dicit Dominus exercituum: & perdam Babylonis nomen, & reliquias, & germen, & progeniem, dicit Dominus.*

XXIII.

A hum deserto, só occupado por ouriços, e coberto de aguas estagnadas, reduzirá o Senhor essa criminosa Cidade: ha de varrella, e desfazella com huma vassoura: *Et ponam eam in possessionem ericii, & in paludes aquarum, & scopabo eam in scopa terens, dicit Dominus exercituum.*

XXIV., e XXV.

Taes as Resoluções do Senhor dos Exercitos, que jurou executallas da mesma fórma, que as havia traçado. E he na terra de Deos, onde se tributa a Deos o verdadeiro culto, que hão de ser

des-

destruidos os Inimigos do seu Nome. Elles errarão pelas montanhas desta terra ; mas nellas hão de achar a sua ruina , e as montanhas sacudirão o jugo dos seus hombros: *Juravit Dominus exercituum , dicens : Si non , ut putavi , ita erit : & quomodo mente tractavi , sic eveniet : Ut conteram Assyrium in terra mea , & in montibus meis conculcem eum , & auferetur ab eis jugum ejus , & onus illius ab humero eorum tolletur.*

XXVI.

He esta a sentença , que o Senhor proferio sobre toda a Terra , estendendo a sua Mão sobre todas as Nações : *Hoc consilium , quod cogitavi super omnem terram , & hæc est manus extensa super universas gentes.*

XXVII.

Foi o Deos dos Exercitos quem a proferio , e não ha quem a possa infirmar ; foi a sua Mão a que se estendeo , e não ha forças , que a possão desviar : *Dominus enim exercituum decrevit , & quis poterit infirmare ? & manus ejus extenta , & quis avertit eam ?*

XXVIII.

E quando se vos faz esta Profecia ? No anno ,

em

em que receberá golpes mortaes hum Déspota, tão ímpio, como Achaz: *In anno, quo mortuus est rex Achaz, factum est onus istud.* Hum Déspota, que com Achaz reine tyrannicamente sobre hum Povo, tão santo na sua origem, como Judá; que, como Achaz, roube, e profane os vasos Sagrados; que, como Achaz, introduza a abominação no culto do Deos verdadeiro, e destrua os seus Templos; que, como Achaz, sacrifique aos Deoses estrangeiros, quando lhe fizer conta; e contra o qual os Póvos do Oriente, os Dominadores da Syria, hão de reunir as suas armas ás dos Adoradores de Jehova, como as unírão contra Achaz.

XXIX.

E tu, Nação insolente, e orgulhosa, que semelhante ao Povo Philistheo curvas hoje os hombros ao jugo do Usurpador, mas antes delle fazias curvar as Nações visinhas, não te alegres, por se abater o Sceptro do Tyranno. Não herdarás delle o Imperio usurpado, não exercitarás mais os furores revolucionarios sobre a Terra; porque o Senhor tudo tem previsto, e da estirpe da Serpente sahe o basilisco, e a geração deste, que absorve as aves: *Ne lætetis Philisthæa omnis tu, quoniam comminuta est virga percussoris tui: de radi-*

ce

ce enim colubri egredietur regulus, & semen ejus absorbens volucrem.

XXX.

O Senhor não desembainha em vão a sua espada; não tira o seu Povo de hum cativeiro, para o deixar cahir em outro; não o arranca ao Despotismo, para o deixar cahir na Anarquia. A huma dominação iniqua, e tempestuosa hão de succeder Governos justos, e racionaveis: ha de restabelecer-se o antigo Systema da Balança Politica, para que os pobres (os pequenos Estados) e os seus Primogenitos (os Principes que os governão) possão viver em socego á roda de ti, sem serem mais perturbardos pelas emprezas da tua ambição. E se tanto he preciso, o Senhor acabará comtigo, e com as tuas reliquias: *Et pascentur primogeniti pauperum, & pauperes fiducialiter requiescent: & interire faciam in fame radicem tuam, & reliquias tuas interficiam.*

XXXI.

Soberba Cidade, criminosa Porta, (Corte) em cujos muros se asylão tantos monstros! clama, enche os ares com os teus bramidos; porque toda a Nação foi reduzida ao abatimento: *Ulula porta, clama civitas: prostrata est Philisthæa omnis.*

Do

Do Norte vem já marchando os Exercitos, que hão de reduzilla a cinzas, e quem haverá, que escape aos seus golpes? *Ab Aquilone enim fumus veniet, & non est, qui effugiet agmen ejus.*

XXXII.

Que resposta darás ás intimações, que te fizerem por seus mensageiros as Nações, que se armárão contra ti? *Et quid respondebitur nunciis gentium?* O Senhor jurou destruir Ninive, e perdoou-lhe: he ainda tempo de merecer a mesma indulgencia, emendando a longa, a desgraçada série dos teus erros passados. Mas o Senhor não aplacará a sua ira, senão de hum modo compativel com a segurança, e tranquillidade do seu Povo, porque foi elle quem o fundou, e he nelle, que o seu Povo põe todas as suas esperanças: *Quia Dominus fundavit Sion, & in ipso sperabunt pauperes populi ejus.* Amen. Amen. Amen.

N. 18

A BESTA
DE
SETE CABEÇAS,
E
DEZ CORNOS,
OU
NAPOLEÃO,
IMPERADOR DOS FRANCEZES.
EXPOSIÇÃO LITTERAL
DO
CAPITULO XIII. DO APOCALYPSE,
POR
HUM PRESBYTERO ANDALUZ,
VISINHO DA CIDADE DE MALAGA.

LISBOA. M. DCCC. X.

NA NOVA OFFICINA DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

V 14

Qui in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet: qui in gladio occiderit, opportet eum gladio occidi. Hic est patientia, & fides Sanctorum.

Apocalyp. Cap. XIII. v. 10.

O que fizer a outro escravo, em escravidão acabará: quem com espada matar, com espada he preciso que morra. Aqui está a paciencia, e a fé dos Santos.

Do Apocalypse de S. João no lugar citado.

PROLOGO AO LEITOR,

OU

INTRODUCÇÃO CONVENIENTE A' SEGUINTE

EXPOSIÇÃO.

ALguns homens, menos religiosos que ignorantes, virão com pouco apreço o Sagrado Livro do Apocalypse, sómente porque o não entendião. S. Dionysio de Alexandria escreveo doutamente contra elles, e reprehendeo sua impiedade com admiravel discrição. " Eu, lhes dizia este Santo Padre, não posso entender os escuros enigmas „ deste Divino Livro; porém creio que nelles estão escon„ didos alguns grandes mysterios, mui superiores á minha „ intelligencia: não devo medir, nem ponderar estas cou„ sas com a minha propria capacidade, senão venerar „ com profundo acatamento tudo o que he Divino, e at„ tribuir á sua muita elevação, e á fé a obscuridade que „ tem a respeito de nós: não reprovo, em fim, o que não „ entendo; mas antes admiro muito, reconhecendo a mi„ nha insufficiencia, tudo o que se eleva sobre as luzes „ do meu entendimento. „ (1)

Outros Sabios mais tímidos, e desconfiados de si mesmos, do que irreligiosos, tão pouco quizerão dedicarse ao estudo deste Sagrado Livro, porque se persuadírão que seus emblemas mysteriosos annunciavão successos mui distantes, e que não era possivel decifrallos, até que chegasse o tempo do seu cumprimento. Em parte poderamos desculpar sua negligencia, se S. João não houvera exhorta-

(1) Dionys. Alex. apud Eusebium. lib. 7. Histor. Ecl. C. 20.

do a todos á sua lição , e meditação com estas palavras: " Bemaventurado o que lê , ouve , e guarda nos segredos „ de sua alma as palavras desta Profecia. „ (2)

Outros, em fim, animados por este Divino Conselho , se applicárão constantemente a seu estudo , e approveitárão maravilhosamente ; pois ainda que , pelo commum , não forão mui felizes na interpretação de muitos enigmas , deduzírão doutrinas utilissimas pertencentes ao Dogma , e aos costumes. Tão certo he " que toda a Es- „ critura Divina he util para ensinar , para convencer , e „ corrigir em justiça. „ (3)

Os Expositores antigos entendêrão commummente, que nos emblemas profeticos deste Livro se fallava sómente do Anti-Christo, e das perseguições que soffrerá a Igreja nos tempos deste capital inimigo seu ; e crêrão que a variedade de emprezas ou figuras contribuia sómente para explicar com mais extensão , e plenitude huns mesmos feitos , e pessoas. Pelo contrario , alguns interpretes modernos quizerão referir todas as Profecias do Apocalypse ás perseguições que affligírão a Igreja nos seculos da sua infancia , principiando desde o tempo do seu Divino Author , levando-as huns até Juliano Apostata , outros á innundação dos Vandalos , e alguns até á ruina do Imperio Grego pelos Mahometanos.

O Illustrissimo Boussuet , dizem os Authores Francezes, que foi o inventor deste systema , ou novo Plano de interpretar o Apocalypse ; (4) e ainda que ao principio des-

(2) Apocalyp. 1. v. 3. (3) II. ad Tim. III. v. 16.

(4) Muito antes que o senhor Boussuet principiára a ser conhecido no Orbe Litterario , havia sido morto na Santa Fé da nova Hespanha o V. Gregorio Lopes , natural de Madrid , o qual deixou escrito hum precioso Commentario do Apocalypse , em o qual observa pontualmente este celebrado Plano , cuja invenção se attribue a este doutissimo Bispo. O Senhor Filippe 3.º fez presente desta obra á Sé Apostolica como hum milagre de seu Author , porque sem haver estudado Sciencia alguma , nem a Grammatica Latina , expoz com muita clareza , e

desagradou a muitos como exotico, depois visto com mais reflexão por alguns Sabios, o applaudírão, seguírão, e aperfeiçoárão, e finalmente chegou a contentar a todos os modernos. Entre estes deve contar-se, como Expositor mais célebre, o doutissimo Agostinho Calmet, o qual entre os amantes do novo systema procedeo com mais moderação. Explicou os Emblemas profeticos até ao Capitulo XIX., segundo o Plano de Boussuet, ainda que variando muitas vezes de objectos nas applicações; porém desde o XXI., venerando, como cumpre, o juizo dos PP., e Expositores antigos, se conformou com elles, entendendo do Anti-Christo, das tribulações, e successos mais proximos á consummação do Mundo, quanto disse S. João nos tres ultimos Capitulos.

O célebre Cura de S. Sulpicio da Chetardye dividio em muitas partes o Apocalypse, como correspondentes a outras tantas Epocas Ecclesiasticas, e desce até aos tempos de Lutero, annunciado, segundo pensa, em aquella estrella que cahio do Ceo ao tocar hum Anjo a quinta trombeta: mas ao fallar da sexta disse que não podia fazer a applicação desta Profecia, porque se falla nella de cousas não vistas até ao seu tempo, e reserva prudentemente sua applicação para os que viverem então, ou depois, que são os unicos que pódem fazella felizmente, e com

---

erudição o Livro mais escuro de toda a Santa Biblia (Nesta Exposição dá o Texto Sagrado traduzido ao Castelhano, enlaçando-o com sua glosa com tanta graça, e arte que tudo junto parece huma leitura continuada, cuja fórma, parecendo-me mais agradavel, e util que outras tenho procurado imitar na exposição deste Capitulo.) Pouco depois deste presente tão solemne, occorreo a ruidosa contenda, que este sabio Prelado teve com o Senhor Feneloh, Arcebispo de Cambray, a qual se terminou finalmente em Roma, depois das agres controversias que referem os Historiadores. Então póde muito bem ter noticia, e haver lido Boussuet a Gregorio Lopes, e depois em sua exposição seguir o Plano deste Veneravel, occultando, como bom Francez, a fonte Hespanhola de onde tomou a idéa. Sempre, os Francezes, forão usurpadores ambiciosos das glorias Hespanholas.

com propriedade. Muito me agrada este pensamento, e mais me agradaria se o houvesse ampliado até ao Capitulo XIX., em o qual houvera procedido mais acorde com seu dictame, e sua divisão de tempos houvera sahido mais regular em as distancias, e mais conforme aos notaveis acontecimentos da Igreja.

Se este insigne Parroco houvesse visto os successos infelizes de nossos dias, acaso huma de suas Epocas teria principiado desde o Capitulo XII., e explicado com elles os enigmas do Capitulo XIII. Não forão inimigos mais crueis da Igreja, Diocleciano, Maximiano Herculeo, Galerio Maximino, nem Juliano, que o he ao presente Napoleão Bonaparte: nem nas historias daquelles Imperadores se lêm tão pouco acontecimentos que sejão tão análogos aos que annuncía S. João neste Capitulo, como os que estamos vendo na perigrina historia deste Tyranno. Porque, pois, diremos que os feitos sanguinarios daquelles são objectos mais dignos desta Profecia, que as espantosas crueldades de Napoleão? As Ptofecias do Apocalypse não se limitão aos acontecimentos dos primeiros seculos do Christianismo; discorrem por todos os grandes successos da Igreja, disse o Padre Santo Agostinho, (5) e chegão até ao fim do Mundo em que voltará Jesu Christo a julgar as acções de todos os homens. E na verdade que temos sobrados motivos para pôr os do tempo presente ao lado dos maiores, e mais acima de muitos que obtiverão a qualificação de grandes.

Porém deixemos a cada huma das opiniões em sua merecida estimação, e demos a seus Authores a honra, e applauso, que tão dignamente adquirírão com o estudo, e a meditação. Elles, ainda que por distinctos rumos, nos abrírão com summo trabalho os caminhos mais se-

(3) Liber Apocalypsis totum hoc tempus complectitur quod a primo ad ventu Christi, usque in saeculorum finem quo erit secundus ejus ad ventus excurrit. De Civit. Dei lib. II. cap. 2.

seguros da interpretação deste Livro mysterioso, e nos allumiárão com as tochas mais ou menos brilhantes de suas explicações; para que nós seguindo suas luzes possamos evitar os precipicios de huma sinistra intelligencia.

Eu, pois, meditando algumas vezes sobre a direcção dos mais communs convenho, que todos vão a terminar no verdadeiro objecto destes sagrados vaticinios, e por tanto creio que sem violencia alguma podemos conciliar os diversos Planos das opiniões mais plausiveis. Os Santos Padres, e Expositores antigos fallárão commummente do Anti-Christo como objecto principalissimo delles, e os interpretes modernos se detiverão na descripção dos Tyrannos, que perseguírão a Igreja annunciados com elle em huns mesmos emblemas, e palavras como figuras insignes deste reprobo. O mesmo S. João escreveo, (6) que em seu tempo havião muitos Anti-Christos, chamando taes a quantos imitão na impiedade, e tyrannia a este Corifeo dos inimigos do nome Christão. Não he, pois, huma cousa nova na Escritura Santa annunciar debaixo de huma mesma figura, e com humas mesmas palavras distinctos feitos, e pessoas.

Jesu Christo, cabeça de todos os Justos esteve representado nos mais insignes que o precedêrão, e não rara vez annunciado como objecto mais principal nas palavras que o Oraculo Divino dirigio immediatamente a alguns delles. Tambem discorro que assim como os Justos das idades mais proximas á vinda do Messias, o figurárão com mais propriedade, e semelhança que os antigos, e nenhum tanto como seu Precursor immediato; assim Napoleão mais proximo que outros tyrannos, ao menos em mil annos, ao Anti-Christo, o reprezenta com mais viveza, e propriedade que nenhum dos antigos. E esta, e não outra, he, a meu ver, a causa de que a este Tyranno se accommodem mais felizmente que aos passados, todas as circunstancias que refere S. João nos Emblemas desta Profecia.

Po-

(6) Epist. 1. Cap. II. v. 18.

Porém, Leitor meu, se não te agrada esta combinação de opiniões, nem a applicação que tenho feito da grande besta a Napoleão, ou te desgosta o estillo, e methodo com que explico este Capitulo, corrige, e melhora sem malicia o que não for do teu prazer, e dize-mo com caridade para minha instrucção, e emenda; mas se de todo este papel houver alguma cousa que te agrade, bemdiz a Deos, que he o unico a quem se deve toda a honra, louvor, e gloria.

Vale.

COPIA
DO
CAPITULO XIII. DO APOCALYPSE,

Segundo a Traducção do Illustrissimo e Reverendissimo Padre Filippe Scio de S. Miguel, Bispo de Segovia.

Verso 1.° *E Vi sahir do Mar huma besta que tinha sete Cabeças, e dez Cornos, e sobre seus Cornos dez Coroas, e sobre suas cabeças nomes de blasfemias.*

2.° *E a besta que vi era semelhante a hum Leopardo, e seus pés como pés de Urso, e sua boca como boca de Leão. E lhe deo o Dragão seu poder, e grande força.*

3.° *E vi huma de suas cabeças como ferida de morte: e foi curada sua ferida mortal. E se maravilhou toda a terra apoz da besta.*

4.° *E adorárão ao Dragão que deo poder á besta, dizendo: Quem ha semelhante á besta? E quem poderá combater com ella?*

5.° *E lhe foi dada boca com que dirá palavras de altivez, e blasfemias: E lhe foi dado poder de fazer aquillo quarenta e dois mezes.*

6.° *E abrio sua boca em blasfemia contra Deos, para blasfemar seu Nome, e seu Tabernaculo, e aos que morão no Ceo.*

7.° *E lhe foi dado que fizesse guerra aos Santos, e que os vencesse. E lhe foi dado poder sobre toda Tribu, e Povo, e Lingua, e Nação.*

8.° *E o adorárão todos os moradores da terra: aquelles cujos nomes não estão escritos no Livro da*

vida do Cordeiro que foi morto desde o principio do Mundo.

9.° *Se alguem tem orelhas, ouça.*

10.° *O que fizer a outro Escravo, em escravidão acabará: quem com espada matar, com espada he preciso que morra. Aqui está a paciencia e a fé dos Santos.*

11.° *E vi outra besta que subia da terra, e que tinha dois Cornos semelhantes aos do Cordeiro, mas fallava como o Dragão.*

12.° *E exercia todo o poder da primeira besta em sua presença: e fez que a terra, e seus moradores adorassem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada.*

13.° *E fez grandes maravilhas, de maneira que ainda fogo fazia descer do Ceo á terra á vista dos homens.*

14.° *E enganou aos moradores da terra com os prodigios que se lhe permittirão fazer diante da besta, dizendo aos moradores da terra, que tenhão a figura de besta, que tem a ferida de espada, e vivêo.*

15.° *E lhe foi dado que communicasse espirito á figura da besta, e que falle a figura da besta: e que sejão mortos todos aquelles que não adorarem a figura da besta.*

16.° *E a todos os homens, pequenos, e grandes, ricos, e pobres, livres, e servos fará ter hum sinal em sua mão direita, ou em suas frentes.*

17.° *E que nenhum possa comprar, ou vender senão aquelle que tem o sinal, ou nome da besta, ou o número de seu nome.*

18.° *Aqui ha Sabedoria. Quem tem intelligencia calcule o número da besta: porque he número de homem: e o número della seiscentos e sessenta e seis.*

EX-

EXPOSIÇÃO LITTERAL
DESTE CAPITULO.

Verso 1.° *E Vi huma besta* que em seu nascimento foi, como todas as creaturas humanas, livre, racional, e semelhante á imagem substancial de Deos, por cujos méritos foi tambem elevada, nas agoas do baptismo, á alta dignidade de filha sua adoptiva; mas ella com horrivel ingratidão desprezou estas honras Divinas, quiz comparar-se ás bestas que não tem entendimento, e seguindo em tudo seus brutaes appetites se fez semelhante a ellas. Vi, pois, *que* esta besta *sahia do mar* que rodêa huma pequena Ilha do Tirreno, (7) chamada Corsega, *e tinha sete cabeça, e dez cornos, e sobre os cornos dez coroas.* Em huma cabeça, que era como a mais natural, e propria da besta tinha quatro cornos coroados que demonstravão outras tantas potestades supremas, de que se fez dono com a astucia, e a violencia no Continente da Europa: a França, a Italia, ou República Cisalpina, a Genova, e a Veneza. As outras seis cabeças, que nascião como de seus dois costados, tinhão cada huma outra haste com sua coroa, as quaes erão outros ramos de sua familia a quem com iguaes, e maiores injustiças fez Principes em distinctas Provincias, e Reinos como Hollanda, Westfalia, Ba-

 vie-

(7) Mar Tirreno chamão os Geografos ao que se estende desde a Calabria á Sicilia até ás Costas Hespanholas do Mediterraneo, porém rigorosamente Mar Tirreno, ou Inferno, disse Flores em sua clave Geografica, he o que medeia entre a Toscana, e a Corsega, e desce até á Sicilia.

viera, Napoles, Portugal, e Hespanha. *Sobre* todas *estas cabeças estavão* escritos *nomes de blasfemias*, porque á grãa besta se attribuia hum poder absoluto, illimitado, e independente para obrar, e outras perfeições, que são proprias, e privativas do Ser Supremo.

2.° *E a besta que vi era semelhante a hum Leopardo*, em cuja variedade de manchas, e cores estava significada a facilidade com que a astuta besta se accommodava á observancia das diversas Seitas, e Religiões que seguem os homens, segundo era conveniente para conseguir seus depravados intentos. Humas vezes parecia Musulmano entre os Mahometanos: outras hum zeloso Rabbino nas Synagogas: ante o primeiro Vigario de Jesu Christo parecia ser hum perfeito Catholico, e o mais obediente filho da Igreja Apostolica Romana: entre os Lutheranos, Calvinistas, e outros Sectarios mofava de muitos artigos que crê, e ensina a Santa Igreja Catholica, e dos principaes pontos de sua veneravel disciplina: e entre os abominaveis Deistas, e Materialistas fallava com ímpio desprezo da immortalidade da alma, da Resurreição, e castigo eterno dos máos. Assim andava a horrenda besta entre humas, e outras gentes, descubrindo successivamente as diversas manchas de sua pelle. Mas quando andava, *seus pés erão como pés de Urso*, mui parecidos certamente ás plantas humanas, pois á maneira que sabia fingir a especie de religião que mais lhe convinha adoptar, affectava igualmente em seus procedimentos muitas virtudes moraes, que são proprias dos homens bons; huma verdadeira amizade, desejos de paz, a felicidade dos homens, e a prosperidade de seus amigos, e alliados; porém com estes passos, ao parecer tão humanos, quando o julgava opportuno, obrava subitamente como o Urso, com a maior violencia, deshumanidade, e fereza. *E sua boca era como boca de Leão*: devorava cruelmente Reinos, e Provincias inteiras, sem compadecer-se jámais dos lamentos, e queixumes das infelices Victimas; mas á maneira do Leão não

tra-

tragava a besta todos os despojos de suas grandes prezas, deixava dellas varios pedaços, para que os comessem outras féras de sua casta, e sequito. E para que o monstro podesse causar estes horriveis estragos em tantos póvos, e em tão diversos Paizes, *lhe deo o Dragão* infernal, permittindo-o Deos, para castigar muitos delictos dos homens, *seu poder, e grande força.*

3.° *E vi huma de suas cabeças como ferida de morte.* Esta cabeça era o mesmo Reino da França, que nos principios da sua espantosa revolução, e singularmente no tempo do terrorismo, e da dominação de Robespierre esteve mui dividido em si mesmo, sem ordem, e padecendo convulções tão horriveis, que houvera sido certamente dessolado, e feito despojo de seus inimigos que por todas as partes o cercavão, e combatião. Mas neste mesmo tempo em que a ferida parecia incuravel, voltou a besta do Egypto aonde havia ido pelejar com outras féras, conheceo a debilidade do governo, e com maravilhosa intrepidez, e manha se apoderou do mando da Republica, fallou imperiosamente, e principiou a governalla com o titulo de Primeiro Consul, deo nova fórma a todas as cousas, destruio diversos partidos, reunio as vontades dos Cidadãos, organizou os Exercitos, e impoz muito respeito, e medo aos inimigos internos, e externos, e desta sorte *foi curada sua ferida mortal, e se maravilhou toda a terra*, quando vio esta cura tão extraordinaria, e prodigiosa: e todos ião *apoz da besta*, celebrando com admirações seu muito poder, sabedoria, e destreza.

4.° A pouca Religião de seus nescios admiradores, e a excessiva adulação de seus Panegyristas os levou ao extremo de celebrar tambem os vicios, e as injustiças da besta: veneravão sua altiva soberba, sua detestavel astucia, e sua fereza como dotes mais que humanos, ou perfeições divinas; e deste modo vierão a adorar, *e adorárão* cégamente *ao Dragão*, que deo poder á besta, do qual como origem procede a tyrannia, a astucia, e a soberba; pelo

que

que se disse no Livro de Job, (8) que foi constituido, desde o principio, Chefe supremo, ou Rei sobre todos os filhos da soberba. *E adorárão* tambem *a besta* como a huma cousa divina, dizendo: *quem ha semelhante á besta?* Ninguem defender-nos como ella: seu valor, sua força irresistivel, e sua grande sabedoria o fazem digno de que seja sempre o nosso Chefe supremo, e de que se perpetue nelle, e em seus descendentes a authoridade suprema. *E quem poderá pelejar com a besta?* tão cheia de poder, e authoridade, que até, cheios de temor, os Principes das Potenciaś visinhas, olhavão já como proxima a sua ruina.

5.° E neste tempo *lhe foi dada tambem boca*, e lingua para fallar, *e effectivamente fallava* com muita magestade *cousas grandes*, expressões enfaticas, e elegantes, e cheias de arrogancia, e altivez: e em meio de suas palavras misturava muitas *blasfemias* contra as cousas Santas, interpretando com impiedade a Santa Lei de Deos, e torcendo com violencia muitas Sentenças do Evangelho, applicando-as em hum sentido mui contrario ás intenções de seu Divino Author. Porém Deos que aborrece sobremaneira aos blasfemos, e soberbos como o vimos nos castigos dos Reis Sennacherib, Nabuco, e Balthasar não ha querido soffrer por muito tempo suas blasfemias horrorosas, nem sua inchada soberba: *E lhe deo poder para que obrasse com esta altivez, despotismo, e tyrannia quarenta e dois mezes*, e nada mais; cujo tempo foi tambem assignalado a outros tyrannos mui semelhantes á besta, como forão Antioco Epifanes, segundo lemos no Livro Santo de Daniel, (9) a Diocleciano, Valeriano, Maximino, Licinio, e Juliano o apostata, como dizem as historias das perseguições da Igreja. (10) Deve, pois, notar-se que esta besta de quem fallamos, foi coroada, e enthronizada solemnemente em 2 de Dezembro de 1804, e proclamada em os dias immediatos nas Provincias, ou Departamentos da

(8) Cap. LXI. v. 25. (9) Cap. XII. (10) Calmet, e Gregorio Lopes. hic.

da França; e que em Junho de 1808, quando seus Exercitos entravão dessolando as Andaluzias, se cumprírão os 42 mezes, ou o tempo assignalado pela Divina Providencia a seu tyrannico poder, e crueis triunfos: e com effeito desde aquelle tempo cessárão as suas victorias, seus Exercitos se tem apoderado do terror, e desde então vemos que vão soffrendo derrotas em todas as Provincias de Hespanha, e Portugal; suas forças terrestres, e maritimas se anniquillão por momentos, e seus cégos alliados vão sendo participantes de seus proprios males.

6.° Mas desde o dia em que a besta foi collocada no Throno da França, e se vio exaltada ao gráo mais eminente de poder que conhecemos na terra, descobrio sem rebuço algum toda a sua impiedade, *e abrio sua boca em blasfemias contra Deos*; o que fazia a obcecada besta não sómente de palavras, senão tambem por escrito, e mais frequentemente com os desejos, e a intenção: tambem blasfemava em seus subditos, comprazendo-se muito com os que erão inimigos de Deos, aos quaes com o seu máo exemplo dava occasião, e licença para blasfemar seu Santo Nome, como disse de David o Profeta Natan: " tua „ escandalosa conducta tem sido causa de que tenhão murmu- „ rado, ou blasfemado de Deos seus inimigos. „ (11) Sem temor algum nem reserva fallavão já publicamente os inimigos da Religião Catholica Romana, escarnecendo como a besta seus Dogmas, e Doutrina Santa, desprezando *o Divino Tabernaculo* aonde habita real, e corporalmente o Filho Eterno de Deos vivo, e derribando dos Altares as Imagens Sacrosantas *daquelles que morão no Ceo.*

7.° E tambem *lhe foi dado* poder para *que fizesse guerra aos Santos, e os vencesse*; isto he, aos Christãos, e aos Vassallos de outros Reis, que vivião quieta, e pacificamente debaixo da suave, e justa dominação de seus legitimos Soberanos: ficárão, pois, vencidos, e derrotados

(11) II. Reg. Cap. XII. v. 14.

dos muitos Principes da Europa, seus Exercitos por força, ou com vil astucia, occupárão innumeraveis Provincias, e a besta *estendeo seu poder*, e dominação tyrannica *sobre toda a Tribu, e Povo, e Lingua, e Nação* da parte mais culta, e poderosa do Mundo.

8.° *E o adorárão todos os moradores da terra*, não os bons Christãos, nem os homens honrados; senão os máos, os ímpios, os espiritos debeis, e inconstantes *cujos nomes não estão escritos no Livro da vida do Cordeiro, que foi morto* entre as sombras e figuras dos antigos sacrificios, *desde o principio do Mundo.*

9.° Porém vós-outros, homens illustrados, e virtuosos que aborreceis a mentira, a iniquidade, e a perfidia, ainda que estejão cobertas com os esplendores do Throno, e a pompa do manto imperial não accrediteis que o ser Supremo verá com indifferença tão atrozes crimes, ou que sua justiça inexhoravel não castigará para escarmento de muitos tão escandalosas abominações: vós-outros principalmente, oh Christãos, cujas orelhas abrio o Sagrado Ministro em o baptismo com a saliva mysteriosa, para que podesseis ouvir as Divinas Revelações, e crer seus innefaveis mysterios, *ouvi se ainda conservais abertas vossas orelhas*, isto he, a fé sobrenatural que então se vos infundio, *ouvi* a Sentença irrevogavel que tem decretado o Eterno, o Immutavel, o Omnipotente, o Justo contra a besta horrenda que se attreveo a pôr suas iniquas mãos sobre seus Ungidos, e manchar seu Tabernaculo, e a levantar sua orgulhosa fronte, e voz sacrilega contra o Ceo.

10.° *O que fizer a outro escravo, em escravidão acabará: e quem com espada matar, com espada he preciso que morra.* Cativeiro, e morte são as penas que estão decretadas no Ceo contra o Tyranno do Mundo. Este lugar he o unico da Santa Biblia aonde se lê a primeira parte desta Sentença, e me parece que nella se nos quer significar a summa injustiça, a horrivel perfidia com que Napoleão tem feito Cativo seu ao innocente, ao amavel,

ao

ao verdadeiro Rei Catholico das Hespanhas Fernando VII. a injusta, a sacrilega, e escandalosa oppressão do Primeiro Vigario de Jesu Christo o Papa Pio VII. o Pacifico Cativeiros execraveis, que carecem de exemplo nas historias attendidas as circumstancias de amizade, e beneficencia ingenua com que havião honrado constantemente a desconhecida besta estas duas Columnas da Religião Catholica. Esta horrivel ingratidão, e negra perfidia, nunca commettida entre puros homens, hão elevado até ao summo esta especie de delictos; ou como disse S. João em outro Capitulo: (12) estes peccados tem chegado até ao Ceo; Deos tem chamado a juizo estas raras iniquidades tão singularmente monstruosas, e tem decretado contra a delinquente besta huma Sentença particular que nunca havia proferido: *O que fizer a outro escravo em escravidão acabará.* Depois convem tambem que seja cumprida a outra parte da Sentença Divina: *quem com espada matar, com espada he preciso que morra*; a qual pronunciou Deos a primeira vez fallando com Noé ao sahir da arca com sua familia. (13) A mesma que repetio Jesu Christo fallando com S. Pedro, e agora novissimamente o Evangelista São João, fallando contra a besta. Em seu cumprimento me parece que estou já vendo a Napoleão agitado da negra cólera, e sua trémula mão armada de hum instrumento de morte para privar-se de huma vida que deve ser aborrecida até de si mesmo. Convém, pois, que seja derramado seu sangue como o de outros tyrannos; que derramárão tão cruelmente como elle o sangue humano. *Aqui*, pois, em o infallivel cumprimento desta Sentença Divina está apoiada a paciencia, o soffrimento; *e a confiança dos Santos*, e homens bons, aos quaes tem mortificado a besta com suas crueldades, e guerras injustas, e tyrannas. Oxalá que nossos peccados não retardem o cumprimento desta Sentença, ou que nossa ingratidão, e pouca veneração ao Deos

C dos

(12) Apocalyp. XVIII. v. 5. (13) Gen. IX. v. 6.

dos Exercitos não nos envolva entre as desgraças, e castigos fulminados contra a besta, e seus adoradores.

11.° *E vi outra besta que subia da terra*, isto he, do continente, differente da primeira que sahio do mar, ou da Ilha já mencionada, *e que tinha dois cornos semelhantes aos do Cordeiro*, não qualquer, senão do Cordeiro Divino que tira os peccados do Mundo: em cujos cornos, segundo a frase da Escritura, está significada a Potestade Espiritual, (14) que estabeleceo Jesu Christo no Reino de sua Igreja, e conferio solemnemente a seus Ministros, singularmente aos Bispos, em os quaes reside a Divina Potestade assim de ordem como de jurisdicção, debaixo da authoridade, e governo do Pontifice Romano, Cabeça Visivel da mesma Igreja. Este he na verdade o corno, ou a Potestade Saudavel que erigio o Senhor na Casa de David seu servo, como cantou Zacarias, Pai do Baptista, (15) quando celebrava o cumprimento daquelle Oraculo do Profeta: *illuc producam cornu David*; *paravi lucernam Christo meo*: (16) Quer, pois significar-nos o Profeta da Lei da Graça nesta segunda Besta hum Bispo da Igreja Catholica, legitimamente consagrado, hum Pastor da primeira ordem, que com péle de Ovelha occulta a fereza de seu coração, que trocando inteiramente seus officios pastoraes se occuparia em ajudar com seus malignos conselhos, e suggestões a primeira besta, para que mais facilmente conseguisse seus depravados intentos, pelo que continúa o Profeta *que fallava como o Dragão*, de quem recebeo seu iniquo poder como a outra besta. Por esta causa chamava o Padre S. Ireneo a esta segunda besta *hyperaspistes*, ou Escudeiro da primeira. Tal he propriamente o pérfido Bispo, o vil apostata *Talleyrand*, Ministro das Relações Exteriores do Imperador Napoleão, besta terrestre, a quem adequadamente convém quanto della segue dizendo o Sagrado Texto.

12.

(14) Maldon. in Luc. Cap. 1. v. 69. (15) Luc. ubi supra. (16) Psalm. 131.

12.° *E exercia todo o poder da primeira besta em sua presença*, em virtude da muita confiança que fazia desta segunda a primeira, á qual commummente encarregava esta a execução dos planos, e projectos, que se havião meditado, e acordado entre as duas. *E fez que a terra, e seus moradores adorassem a primeira besta*; a cujas vís adorações derão principio os Francezes; quando pelos conselhos, e persuasões da besta segunda depositárão na outra a Potestade suprema constituindo-a cabeça de toda a Nação, não já com a denominação de Primeiro Consul, senão com o muito alto, e magestoso titulo de Imperador. " A Fran-
„ ça, *cuja ferida mortal foi curada* pelo Grande Napo-
„ leão, quando estava proxima a fallecer entre as facções
„ sanguinarias da mais horrorosa anarquia, deve sua exis-
„ tencia, e saude á sua sabedoria admiravel, e irresistivel
„ força. A conservação da Pátria depende hoje deste ge-
„ nio verdadeiramente divino, e elle só; administrando
„ como Imperador a authoridade suprema, póde elevar
„ esta grande Nação a hum gráo de poder e gloria á de
„ todos os Imperios que tem conhecido o Mundo. " Assim arengava desde as Tribunas o iniquo Talleyrand, em favor da sua adorada besta.

13.° *E fez grandes maravilhas* com estes, e outros discursos semelhantes para confirmar a Napoleão em sua premeditada dignidade imperial. Não deixou sua astucia meio algum que não pozesse em movimento até conseguir os votos, e obter o consentimento da multidão em que abundavão demasiado os néscios, as almas débeis, corações corrompidos, e espiritos allucinados. Mas em fim sempre deve admirar-se como hum prodigio, que o Povo Francez, que acabava de derramar com a maior crueldade o sangue de seu legitimo Soberano; se olvidasse tão depressa do seu intimo aborrecimento aos Monarcas; e elegesse para Imperador seu a hum aventureiro de nascimento obscuro; a hum intruso, ao monstro sanguinario que sahio da Corsega. Nem foi menor o prodigio que

obrou tambem esta segunda besta, quando abusando das sagradas Sciencias ajudou com ellas ao horrivel monstro para que enganasse ao Papa Pio VII., fazendo-lhe crer, que quem novamente occupava o Throno dos Reis Christianissimos, era hum zeloso defensor da Religião Christã, e que seria mais constante protector da Sé Apostolica, se S. Santidade condescendendo a suas humildes súpplicas, se dignasse de passar á Capital da França, para ungilo com o Oleo Santo. Tão astutas, e sagazes forão as razões que suggerio a segunda besta á primeira, tão lisongeiras as promessas desta, e tão fina a hypocrisia de ambas que podérão seduzir ao innocente Coração do Papa; em cuja piedosa alma havia tambem tomado então melhor lugar a candura, e sinceridade do que a cautéla, e prudencia. Em fim com admiração do Mundo logrou o horrivel monstro que o mesmo Pontifice Romano o ungisse com suas mãos sacrosantas, o assentasse sobre o legitimo Throno dos Bourbons, e pozesse sobre sua cabeça a augusta Coroa de Carlos Magno. Então vimos baixar do Ceo ao Espirito Santo invocado pelo Papa nesta sagrada Ceremonia, e que deixou marcada a besta com o caracter civil, ou politico de Imperado Augusto: este he acaso *o fogo* que a segunda besta entre seus varios prodigios *fez descer do Ceo á terra* (verdadeiramente maldita, e reprobra) *á vista dos homens.*

14.° *E enganou os moradores da terra com estes prodigios que se lhe permittirão fazer diante da besta*, pois na verdade quando a vimos consagrada pela Cabeça Visivel da Santa Igreja, e como approvada, e ratificada com a Divina Unção a occupação do Throno da França, creo o Mundo Christão, que Bonaparte não era já hum tyranno abortado do abysmo; senão hum enviado de Deos para proteger a sua Santa Igreja, e fazer felices aos homens, destruindo a tyrannia dos outros Principes da terra. Este pensamento enganou a muitos, e os dispoz para que facilmente condescendessem aos Conselhos da segunda besta

ta , que exhortava , e persuadia *a todos os habitantes da terra dizendo , que tenhão a imagem , ou figura da besta* que teve virtude sciencia para fazer viver sua principal cabeça *quando estava ferida mortalmente.* Como se dissera aos Francezes : devemos abolir nossa antiga legislação , que he summamente repugnante á liberdade humana , e á dignidade do Povo : convém que formemos outra mais compativel com os direitos de huma natureza racional , e livre , e mais conforme ao grande genio , ou altos designios do regenerador do Mundo. Assim se deo principio á formação do Codigo Napoleão , ao qual com toda a propriedade se póde chamar imagem , e figura da besta , porque além de ter seu proprio nome , he huma expressão do seu entendimento , e huma manifestação de sua vontade. Por esta razão chamou tambem Salomão á eterna Sabedoria (regra infallivel das acções humanas) clarissimo Espelho da Magestade Divina , e imagem da sua infinita bondade. (17)

15.° Annunciada , pois , ao Povo a formação do novo Codigo , se procedeo , estando já acordados , e estendidos seus Capitulos por ambas as bestas , á sua solemne publicação : com a qual , e acceitação geral de todas suas Leis , logrou Talleyrand *dar espirito á imagem da besta* , propria feitura de suas mãos , ou o que he igual em significação , valor , authoridade , e força de Lei ao Codigo Napoleão. Desde então principiou a imagem , ou Codigo a fallar imperiosamente , e os subditos ou escravos da besta , que são innumeraveis , a adorar ou venerar sua figura , observando com toda a reverencia a nova legislação , sobpena de soffrer o ultimo supplicio , que indefectivelmente padecião quantos resistião , ou se negavão a veneralla. Assim se cumprio litteralmente o que disse o Sagrado Testemunho : *que deo espirito , ou vida á imagem da besta : que fallasse a imagem da besta , e que sejão mortos todos aquelles que não adorarem a imagem da besta.*

16.

(17) Sap. VII. v. 26.

16.° A muito risco se expunha certamente quem não reconhecia, e venerava a authoridade suprema de Napoleão, ou não apreciava as constituições do seu Codigo. Sobre a observancia destes dois pontos era mui zelosa a grande besta; e seus vís adoradores, principalmente o Pseudoprofeta, fazião muitas pesquizas, e executavão os mais crueis castigos contra alguns infractores, muitos levemente suspeitosos, e não poucos calumniados para espalhar o terror, e o espanto por todas as Provincias do Imperio, e obrigar a todos promptamente ao respeito, e obediencia do Tyranno. Por estes meios iniquos, e violentos, *fizerão que todos os homens pequenos, e grandes, ricos, e pobres, livres, e servos tivessem hum sinal em sua mão direita, ou em sua frente*, o qual era como hum indicio certo de que veneravão o poder da besta, e respeitavão suas Leis.

17.° Chegou, pois, a fazer-se tão geral e necessaria a pratica de levar esta divisa, ou signal significativo de submissão, e respeito á besta, *que ninguem podia comprar, ou vender senão aquelle que tinha o sinal, ou nome da besta, ou o número do seu nome.* De tal modo chegou a envilecer-se toda a Nação Franceza, que não já a força senão a lisonja, e a vaidade os obrigava a levar divisa, ou caracter de seu novo Imperador: baixeza pestilente que inficionou aos naturaes de outros Reinos, que á imitação dos corrompidos Francezes, fazião ostentação com hum orgulho insoffrivel, de pertencerem á grande Nação. Com estes vís artificios de abominavel cobiça logravão em todas as partes fazer mais vantajosas suas negociações, e Commercio. Finalmente chegou a tão alto ponto nesta materia a tyrannia de Napoleão, que até as Potencias neutraes ficárão privadas da liberdade em seu Commercio, senão se sujeitavão a levar a divisa, ou caracter de seu nome.

18.° Este nome da besta he na verdade o mais escuro, e mysterioso dos emblemas deste Capitulo; pelo que con-

clue

clue o Profeta : *Aqui ha Sabedoria. Quem tem intelligencia calcule o número da besta : porque he número de homem* : quer dizer, no dictame mais commum dos Sábios que o nome proprio da besta ha de importar hum número definido , *e este he seu número seiscento e sessenta e seis.* Os antigos Expositores disserão que nesta besta marinha está figurado o Anti-Christo , e que por este número se annuncia juntamente o nome proprio deste peccador abominavel : tem crido que este homem do peccado estabelecerá seu Imperio na Palestina , ou Terra Santa , e dando demasiada liberdade ás conjecturas , não duvidarão affirmar que professará a religião Mahometana , que collocará seu throno em Jerusalem , e que seu nome será MAOMETIΣ , como o do primeiro chéfe ou inventor desta barbara Seita. Este nome assim pronunciado importa o número seiscentos e sessenta e seis que disse S. João, segundo a virtude numeral das letras Gregas. Assim escreve o Reverendissimo Padre Scio em sua Traducção Castelhana da Santa Biblia em huma nota que anda annexa ao fim deste Capitulo , onde faz a demonstração seguinte :

M vale	40
A	1
O	70
M	40
E	5
T	300
I	10
Σ	200
Somma	666

Os Expositores modernos como Boussuet , Calmet , e outros muitos que os seguem , crerão que por esta besta esteve annunciado algum dos mais cruéis Imperadores ethnicos que perseguírão a Igreja de Jesu Christo : buscá-

rão

rão o número do proposto enigma em seus nomes, e o achárão em Diocleciano: dizem que seu verdadeiro nome foi Diocles, e que se ao nome ajuntarmos em latim *Augustus*, resulta do valor de todas estas letras o número seiscentos e sessenta e seis, segundo a virtude dos números romanos; como o demonstra a conta seguinte:

D vale	500
I	1
O	0
C	100
L	50
E	0
S	0
A	0
U	5
G	0
U	5
S	0
T	0
U	5
S	0
Somma	666

Ambas as Exposições tem o merecimento de ser agudas, e engenhosas: oxalá que fossem igualmente sólidas! A primeira finge algumas circunstancias summamente arbitrarias, e sobretodas o nome de MAOMETIΣ, que poderá ser o do Anti-Christo, ou outro cujas letras importem o expressado número, bem no modo que havemos entendido até agora, ou em outro que todavia a ninguem tem lembrado. Na segunda exposição como se falla de cousa passada se advertem com mais clareza as impropriedades. As circunstancias da besta não se achão todas em hum só Tyranno: algumas mui principaes he necessario ac-

accommodallas a todos os Imperadores, que perseguirão a Igreja, ao número das perseguições, e as mesmas á idolatria, e á Capital do Imperio Romano. Huma circunstancia não póde applicar-se mais que a Valeriano, outra a Maximiano Herculeo, outra a Galero Maximino, varias, ainda que communs, a Juliano o Apostata, e sómente a Diocleciano o número do nome; e ainda para achar-se he necessario valer-se do que usou antes de Imperador, e aggregar-lhe como Appellativo o Augusto que não póde ter até que obteve a dignidade suprema, em cujo tempo quiz chamar-se para sempre Diocleciano, e não Dioclés.

Mas na presente exposição não se acha inconveniente algum: todas as circunstancias da primeira besta se accommodão sem violencia alguma ao Imperador Napoleão, a quem tão pouco falta seu Escudeiro figurado na besta segunda, segundo temos visto na applicação que fizemos ao Bispo Talleyrand, a quem litteralmente convem quanto della refere o Oraculo Divino. Por tanto não será inutil o empenho de buscar por todos os caminhos em seu nome o mysterioso número, que será o sinal mais proprio, e distinctivo da besta.

Napoleão póde ser nome Latino, composto das vozes *nasus* e *leonis*, do mesmo modo que de *caput leonis* se formou Capoleão, e de *caput vaccae*, Cabeça de Vacca. Assim discorre Jeronymo Francisco Zanetto em seu Commentario, ou explicação do Sello de Alesina filha dos Marquezes de Monferrato. (18) O Marido desta Princeza (a qual

(18) Achou-se este Sello entre as preciosidades que de seu rico Museo deixou em Veneza Carlos Gonzaga, Duque de Mantua, quando esteve refugiado nesta Cidade fugindo da ira de Leopoldo. Comprou-o Zanetto celebre antiquario, o qual escreveo hum Commentario mui erudito explicando o escudo de armas, as varias pinturas, e emblemas que adornão o Sello com o seguinte Epigrafe: *Sigillum Alesine. Filie Marchionis Montis ferrati: Uxoris Neapolionis de filiis Ursi.* E commentando esta inscripção demonstra que houve varios Napoleões na illustre

qual se faz neta de Affonso, Rei de Castella) se chamou Napoleão; e crê que foi filho de hum Sobrinho do Papa Nicoláo III. da familia dos Ursinos, na qual se acha com frequencia o nome de Napoleão, usado alguma vez como gentilicio. Outros pensão, diz o mesmo Zanetto, que Napoleão teve sua origem de Poncio, ou Ponciano, o que não julga verosimil, pela nenhuma semelhança que tem este nome com aquelle.

Tambem póde ser Napoleão nome Grego, em cuja lingua he mais verosimil que se ache o nome annunciado com o número seiscentos e sessenta e seis; porque S. João escreveo seu Apocalypse neste idioma. Nelle póde muito bem estar escrito com dois pp, e para que se pronuncie longa, e não breve a penultima syllaba *le* deverá escrever-se com dithongo de *ei* deste modo *le-i*: e observando a propriedade desta lingua deve anteceder ao nome hum O como articulo seu, escrevendo assim: O'NAPPOLEIOΣ: escrito pois deste modo achamos no valor destas letras o número seiscentos e sessenta e seis, como o demonstra a conta seguinte:

O'

familia dos Ursinos, demais do que expressa o mesmo Sello. Hum Cardeal da Santa Igreja Romana se chamou Napoleão Ursino: e o mesmo nome teve hum dos tyrannos que opprimio Roma durante o tempo que os Papas residirão em Avinhão. Veja-se huma collecção de varios opusculos (monumentos da idade média) intitulada: *Symbolae litterariae*, impressa em Roma em o anno de 1752. Tomo III. aonde está o citado Commentario de Zanetto.

O'	articulo vale	70
N	. . . . .	50
A	. . . . .	1
P	. . . . .	80
P	. . . . .	80
O	. . . . .	70
L	. . . . .	30
E	. . . . .	5
I	. . . . .	10
O	. . . . .	70
M	. . . . .	200
	Somma	666

(19) Desgraçado o nosso tempo, em que havemos visto hum Tyranno, que se não for o annunciado por S. João neste Capitulo, o parece tanto que se equivocará sempre com seu verdadeiro original. Porém se Napoleão for o monstro figurado nesta besta marinha, felizes nós, os Hespanhoes, que temos vindo a conhecello quando está já cumprido o termo do seu poder. O temivel he, e digno do maior sentimento, que nossos peccados possão dilatar seu castigo, e nossa escandalosa impenitencia fazer-nos participantes das horriveis penas que estão já decretadas contra elle. São muitos os Hespanhoes que levão todavia sobre si o caracter abominavel da besta a quem vemos prostrar-se sem pudor ante sua imagem para tributar-lhe adorações.

(19) Quando já tinha escrito, e posto em limpo este papel para levallo á imprensa chegou casualmente ás minhas mãos huma lamina gravada em Inglaterra, na qual estava pintada a besta marinha, segundo a descreve S. João, e debaixo huma linha que dizia *Buonaparte*. Depois estavão tres linhas que seguem: *A besta monstruosa = como se descreve no Livro da Revelação = Capitulo XIII.* = Logo estavão escritos os versiculos primeiro, e ultimo. A' mão direita da estampa se lia o abcedario latino até á letra U, e na frente de cada letra figurado seu valor,

A impiedade, ou a irreligião he a primeira divisa do monstro que sahio da Corsega, e a cada passo descobrimos entre a multidão de verdadeiros Christãos, Hespanhoes degenerados, que fazem galla de levar em suas frentes este sinal ignominioso. A perfidia, a injustiça, a hypocrisia, a adulação, o egoismo, a crueldade, a ambição, o orgulho, e a soberba he outra divisa das duas bestas horrendas que obrigão a trazer no peito, e levar em sua mão di-

---

e no meio huma linha que dizia *Romano methodo de contar*. A' mão esquerda estava escrito *Napolean Buonaparte*, e na frente de cada letra o número correspondente ao seu valor, conforme o methodo, ou avaliação da direita, nesta fórma:

A . . .	1	Buonarparte	N . . .	40
B . . .	2		A . . .	1
C . . .	3		P . . .	60
D . . .	4		O . . .	50
E . . .	5		L . . .	20
F . . .	6		E . . .	5
G . . .	7		A . . .	1
H . . .	8		N . . .	40
I . . .	9		B . . .	2
K . . .	10		U . . .	110
L . . .	20		O . . .	50
M . . .	30		N . . .	40
N . . .	40		A . . .	1
O . . .	50		P . . .	60
P . . .	60		A . . .	1
Q . . .	70		R . . .	80
R . . .	80		T . . .	100
S . . .	90		E . . .	5
T . . .	100			
U . . .	110			666

Este methodo de contar não he o que nós recebemos dos Romanos, nem sei o fundamento que teve o Author Inglez para acabar em *an* o nome de Napoleão. Temo que haja sido sómente para achar o número revelado. Mas sempre he mui apreciavel para mim o ver que em Inglaterra se venera esta Divina Profecia; que se crêa que Napoleão he o annunciado nella, e que se tenha empenho em achar no seu nome o número 666, o que confirma o meu pensamento, achando-lhe algum valor.

direita muitos vís Hespanhoes. A grande meretriz que vio S. João assentada sobre a besta marinha, (20) a mysteriosa Babylonia, França, Mãi fecunda de abominações, (21) tem embriagado a muitos Principes, e a innumeraveis habitantes da terra com o vinho da sua prostituição; e varios Hespanhoes se tem ajuntado tambem, incauta, ou maliciosamente a beber no copo de ouro que leva em sua mão, cheio de immundicias abominaveis. (22)

Sahi, pois, oh Povo meu, repetirei como hum éco, a voz do Ceo que ouvio S. João; saiamos todos desta Cidade nefanda, não aconteça que participemos de seus delictos, e das terriveis pragas com que Deos vai a atormentar a todos os seus moradores: (23) purifiquemos com huma verdadeira penitencia as immundicias com que tem manchado as nossas almas a impudica meretriz, e detestemos para sempre suas impiedades, e blasfemias. Assim conseguiremos que accelere Deos o castigo da besta, e a ruina do seu imperio; que depressa cante a Hespanha a desejada Victoria, sua liberdade, e independencia, e celebre os triunfos do Cordeiro Divino com aquelle Cantico novo, que sómente pódem cantar os filhos de Deos representados nos cento quarenta e quatro mil, (24) que tem nas suas frentes o nome adoravel de Jesus, com o de seu Eterno Pai, a quem com o Espirito Santo seja dada a virtude, divindade, sabedoria, Fortaleza, e benção. Amen. (25)

O. S. C. S. E. C. A. R.

---

(20) Apocalyp. Cap. xvii. (21) Ibid (22) Ibid.
(23) Apocalyp. Cap. xviii. (24) Apocalyp. Cap. xli.
(25) Apocalyp. v. v. 12. 14.

N.° 19

SENTINELLA
CONTRA FRANCEZES,

POR ....

D. ANTONIO DE CAPMANY,

DEDICADA

A O

EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. HENRIQUE HOLLAND,

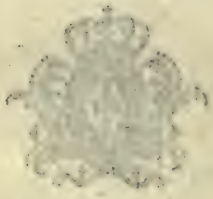
LORD DA GRÃ-BRETANHA.

Nesta obra judiciosa e jovial se manifestão as maquinações, e caracter de Bonaparte, e a ignorancia, e indolencia de D. Manoel de Godoy, ao qual, no tempo da sua privança, escreveo o Author duas cartas, que aqui vão inseridas.

TRADUZIDA DO HESPANHOL.

LSIBOA. Na Impressão Regia. 1808.

Com licença.



DEDICATORIA DO AUTHOR.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. HENRIQUE HOLLAND,

LORD DA GRÃ-BRETANHA.

NAõ são os titulos da amizade, nem os do reconhecimento, que sómente me obrigão a dedicar ao respeitavel Nome de V. E. o desafogo deste meu afflicto coração. Doce cousa he o amor entre os homens; gratissima a memoria do favor recebido; mais doce porém he o amor á Patria, e a consolação de apoder chamar LIVRE aos olhos de hum Lord da Grã Bretanha, onde sómente se pronuncía, e se conhece esta sagrada voz em toda a extensão do seu significado; e onde, como a hum Sagrado, tem podido refugiar-se as reliquias do moribundo Patriotismo, que conseguírão escapar á espada exterminadora do tyranno dos Thronos, e da humana sociedade. A quem, pois, com mais direito poderia eu dirigir es-

te primeiro ensaio da redempção Hespanhola, e da liberdade da imprensa, senão a hum Sabio Inglez, sempre amante da Hespanha, e dos Hespanhoes, até compadecer-se, como se tivesse de as soffrer, das calamidades, que nos ameaçavão pela torpeza, e desaforo do despotico Privado, que preparava nossa perdição? ¡ Oh! lembranças ternas, e preciosas de nossas familiares e francas conversações em Madrid! ¡ Quantas vezes em nossos solitarios passeios contemplaveis, Milord, com profunda meditação nosso alegre horizonte; e vendo o clima, e o terreno, que a próvida natureza nos tinha distribuido, não podieis reprimir vossa affeição! ... Estes generosos sentimentos bem os testificou V. E. a quantos tivemos a fortuna de tratallo, e de admirar seus profundos conhecimentos politicos e literarios, realçados com sua grande modestia, e ingenua amabilidade. V. E. conhecia o que haviamos sido os Hespanhoes, e o que poderiamos ser debaixo de-huma

mão sabia; porque conhecia nossa historia economica, politica, e militar; e buscava, e lia nossos livros, attrahido de nossa linguagem, e delles tirava novas illustrações com hum esforço, e affinco, como se se tivesse encarregado do Officio de Chronista dos Reinos de Hespanha.

Eu soube, por huma feliz casualidade, que V. E. perguntára por mim nos principios de nossa interrompida correspondencia. Sim, Milord, vivo ainda, depois de ter tido tantos motivos para aborrecer a vida: vivo, sim, para ver o castigo dos que me tinhão prezas as mãos e a lingua: vivo para prégar o Santo Nome de Deos dos Exercitos, o triunfo da virtude, e as glorias da Patria: vivo, em fim, para que passe, pelo mar livre, das minhas ás vossas mãos este testemunho da minha inalteravel fé e gratidão. Communicai-me, Milord, as vossas ordens, senão quereis deixar ociosos meu amor e obediencia; e fazei-me participante do gozo de vos-

sa alma, desde que a lealdade Hespanhola abrio á generosidade Ingleza o grande theatro desta Peninsula, onde podem brilhar o valor, e a honra de ambas as Nações, pois ha campo para todas.

Milord, sou com o mais profundo respeito o mais affectuoso, e agradecido Servidor

De V. EXCELLENCIA

Antonio de Capmany.

Madrid 15 de Setembro de 1808.

SENTINELLA CONTRA FRANCEZES.

NÃo he este o tempo de estar com os braços encruzados quem póde empunhar a espada, nem com a lingua pegada ao ceo da boca o que póde usar do dom da palavra para instruir e animar os seus Compatriotas. A nossa preciosissima liberdade está ameaçada, a Patria corre perigo, e pede defensores: desde hoje todos somos Soldados, huns com a espada, e outros com a penna. Já chegou o dia, em que os corações podem sahir da oppressão: e eu posso accrescentar que felizmente cheguei á época da minha idade, em que o homem de bem, e o bom Cidadão, nem por esperar melhor fortuna, nem por temer a morte, devem atraiçoar a sua consciencia. ¿ Que diria de mim a Patria? ¿ Que pensarião os bons, e os máos do meu silencio? ¡ Eu agora emmudecido! Eu, que ha tantos annos não tenho empregado a minha penna, e o meu zelo senão em honra e gloria da minha Nação, ficarei agora sem dar sinaes de vida! no momento, em que o inimigo da Europa maquina sua escravidão, ou sua desolação! Mãos ás armas, e Deos abençoe a nobre intenção de tão santa empreza.

Depois de tantos, e tão varios papeis, publicados dentro e fóra da Corte, já em prosa, já em verso; desde a retirada das Tropas Francezas, (que desastroso caminho levem); que titulo podia eu escolher senão repetir algum dos usados já nesta época de desafogo nacional, debaixo dos nomes de Dia-

logos, Avisos, Conselhos, Clamores, Proclamações, Lamentos, e outros allegoricos? Mas, lembrando-me que entre nossos escritos anda hum, intitulado *Sentinella contra Judeos*, me pareceo titulo adequado para applicallo aos Francezes de nosso tempo, peiores que Judeos em seus pensamentos, e mais crueis que Troglodytas em suas obras, desde que se deixárão regenerar pelo impio e atroz Napoleão (chamado no seculo Bonaparte); pois tem por dita, honra, e brazão, não com pequena vaidade e orgulho nacional, o prostrarem-se a seus sordidos pés. Adorão alli com temor, e com tremor seu nome execravel, e beijão, com o mais humilde respeito, e *Sensibilidade* convertida em instincto, as cadeias imperiaes, com que Sua Imperial Magestade os tem ido enlaçando em fraternidade imperial, fazendo-lhes esquecer a moderna republicana, e a antiquissima Christã, para formar a grande familia de escravos escolhidos, que compõem hoje o Imperio Francez, não o sendo seu augustissimo intruso Imperador, aborto de huma Ilhota, de cujos benignos naturaes se diz, como em proverbio, *que não perdoão nem ainda depois de mortos.*

Supposto pareça já intempestivo o officio de *Sentinella* entre meus Compatriotas, que com mui custosa experiencia tiverão de desenganar-se das depravadas intenções do atrocissimo Corso, que a titulo de íntimo Alliado nos tinha deixado sem camiza, e com o de Protector vinha agora tirar-nos a pelle, que era a unica cousa que nos restava, não será inutil, nem fóra de tempo prevenirmo-nos contra qualquer temor, ou desconfiança, que pudessem infundir em animos apoucados o poder de suas armas, a fama de suas victorias passadas, e os Decretos de sua vingança; ou contra toda a esperança de paz, ou de amnistia, que nos offerecesse sua perfida politica, sustentada

por seus intimos Conselheiros, tão iniquos comõ seu amo : porque S. M I. e R. nunca errou na escolha de seus Ministros, nem na de seus fieis Generaes, que cumprem rigorosamente seus atrozes preceitos, não só como bons servidores, mas como servos vís.

Alguns annos ha que eu bem previa, olhando para o systema, que seguia este afortunado usurpador na carreira de suas conquistas, que a Hespanha não seria o menor objecto de sua insaciavel ambição ; porque tarde ou cedo devia invadilla, logo que acabasse de cortar, ou de abrir os craneos ás outras testas coroadas, para revestir-se depois com o titulo de *Rei* dos *Reis*, que se fazia tributar o vanissimo e soberbo Tygranes deslumbrado do seu poder. Mas confesso que me enganei, e que perdi o jogo com boas cartas, crendo que elle suspenderia a invasão com temor de perder com ella os dominios de ambas as Americas ; pois rompia o canal por onde só podia, e devia vir á França em huma paz geral o ouro, e a prata do novo mundo, e suas ricas producções, em troca das remessas de generos das fabricas Europeas, cuja absoluta ruina era inevitavel.

Mas por fim a sua natural impaciencia, a sua errada confiança, e a ignorancia de seus astutos Conselheiros, que respirão o ar, que lhes quer repartir, o precipitárão em consummar seu malvado projecto, apenas se desembaraçou de inimigos no Continente ; e depois de ter desfrutado, como fazenda propria, os fundos do nosso Erario com os pretextos, que lhe dava aquelle iniquo, e fatal Tratado de alliança perpétua, que nosso ignorante e timido Godoy, muitos annos antes de ser traidor á Patria, ajustou, e firmou com o venal Directorio. Os males e calamidades, que temos soffrido, e soffremos ainda, são datados desde aquelle imprudente, e ignominioso Acto,

que foi o preludio da sabedoria e sagacidade diplomatica do flammante Principe da Paz, em cujas inexpertas e desgraçadas mãos estava entregue o leme desta grande Monarquia, e o esteve, até que elle mesmo metteo a pique o navio e a tripulação.

Por aquelle violento Tratado ficou a Hespanha escrava e tributaria da França perpetuamente. Desde então ficou esta Monarquia politicamente conquistada, e como tal tem sido sempre tratada pelo Governo Francez. Seus Embaixadores nos adulavão logo na sua chegada, depois nos ameaçavão, e por fim se despedião cheios de thesouros e de presentes, e muito ricos das noticias de nossas miserias, filhas da negligencia e fraqueza de nosso Governo, depositado com absoluta soberania nos torpes braços daquelle dissoluto mancebo, que não os tinha abertos de dia e de noite, senão para apertar nelles bellezas prostituidas á lascivia de hum Ottomano baptizado, que com tão custosos sacrificios vendia os favores, as honras, e os empregos do Estado. E como o Corso sendo Consul, e depois sendo Imperador não queria que hum só ordenhasse a cabra, mudava tanto a miudo seus Mensageiros, os quaes vinhão com novas instrucções, e com pertensões mais insolentes: e deste modo se repartia entre muitos o fruto de sua interessada missão, levando cada hum para a sua amada França parte da substancia da desprezada Hespanha.

Por aquelle infame Tratado nos vimos duas vezes constrangidos a romper com a Inglaterra, padecendo perdas e ruinas imponderaveis em nosso Commercio e navegação, na Marinha Militar, e em nossas fabricas; interrompida toda a communicação com as Indias, patrimonio do Imperio Hespanhol, e separados os irmãos desta Peninsula dos daquelle he-

misferiò, que ha tres seculos herdárão a lingua, as leis, a honra, e a Religião da Hespanha.

Por aquelle infame Tratado tivemos de armar, e manter esquadras auxiliares para perdellas em todos os combates, em que por ordem do sapientissimo Napoleão temos sabido combinar nossas forças maritimas com as Francezas, ou proteger seus desvairados projectos navaes, para cujo acerto a fortuna não lhe tem sido tão propicia como nos de terra: alli não tem podido valer-se de seus pessimos artificios. Por ajudar o nosso íntimo amigo e alliado, ou mais depressa por lhe obedecer, vimos destruida em menos de seis annos nossa Marinha com perda de oito náos de tres pontes, vinte e seis de linha, e outras tantas fragatas; aniquilados nossos arsenaes, sacrificados muitos milhões, e a vida de mais de 20$ homens embarcados. Só a memoria da batalha de Trafalgar nos faz estremecer, a cuja fatal acção nos obrigou a ignorancia, petulancia, e impaciencia Franceza, sustentada pelo desatinado e irresoluto Godoy (confunda-o Deos, amen). Bonaparte instava por momentos na sahida da grande armada, não para pelejar, mas para levar nossos navios a Toulon; pois desde que sahirão de Cadis, já não erão de Hespanha, nem havião de voltar a ella. Antes o mar os tragasse, ou os consumisse o fogo, se se tivessem podido salvar tantos milhares de victimas, do que augmentar com as nossas forças as do Tyranno, que havia de vir depois conquistar-nos. Em fim, se nos fosse possivel cerrar nossos corações á dor e á compaixão, ganhámos naquelle funesto dia huma victoria contra Napoleão, que não póde lograr seu pérfido plano de colher intactos nossos navios, e salvas nossas tripulações em seus portos, cuja custosissima mantença devia correr por conta do nosso Erario: nova sanguisuga do san-

gue da nossa Nação, com o qual hia engordando o Grande Roubador da Europa.

Por aquelle infame Tratado nos esteve arrancando esse Napoleão com soberbas petições o subsidio de tropas em dinheiro, pois lhe fazia mais conta do que em carne; a razão de doze milhões de patacas por anno, cujos prazos nos pedia com a authoridade de hum Soberano sobre seus Vassallos; e ao menor retardamento nos ameaçava com a conquista. Mas, crescendo depois sua soberba com seu mesmo poder; e nossa timidez com a nossa debilidade, nos tirava dinheiro, carne, e esquadras.

Por aquelle infame Tratado, accommettido Godoy por huma parte pelo Governo Britanico, que não queria permittir que com os nossos milhões engordasse o dragão da França; e por outra ameaçado das iras daquelle dragão se intentava separar-se da sua obediencia; em vez de lha negar com firmeza, armando cem mil Hespanhoes, dos quaes nenhum teria ido ao Norte como forão depois (¡ que dor, e que ignominia!), e contando com as forças da Inglaterra, que teria feito causa commum, preferio renhir com o Gabinete Inglez, até imputar a bravata ao Ministro, que então residia em Madrid: que enviaria a Napoleão 60$ Hespanhoes para o desembarque de Inglaterra. ¡ Quantas desgraças chovêrão sobre nós por causa desta primeira desavença diplomatica. Nos primeiros tres mezes de guerra perdeo a Nação em navios, carregações, e prata o valor de 40 milhões de patacas.

Mas, me dirão, aquelle Godoy, instrumento de nossa ruina, ainda antes de ser traidor, que provocava a guerra, e não podia deixar de ver proximo o rompimento, ou o perigo das hostilidades maritimas, ¿ como não despachou a tempo, e com segre-

do, dos nossos portos, avisos á America, ás Canarias, e ao encontro de nossos retornos para suspender toda a navegação, e evitar tanta ruina? Mas ¡ que podiamos nós esperar daquelle Idiota, aconselhado de sua propria ignorancia, que em tres quartos de hora, meio em pé, meio sentado, com o cigarro n'huma mão, e com a outra beliscando alguma beldade de sua devoção, despachava a immensidade de negocios dos dous mundos, huns de palavra ao oraculo, e outros com breves e escuras resoluções ao tyranno?

Poucos dias antes desta precipitada ruptura com o Ministro Britanico, que degenerou em pendencias e injurias pessoaes, podia aquelle Privado, se o não estivesse de razão e de juizo, ter libertado a Hespanha para sempre do pezado jugo daquelle ruinoso Tratado, que elle mesmo deixou que nos puzesse perpetuamente o Governo Francez, tão bom amigo nosso então, como o he o actual. Veja-se a sã e leal intenção, com que estão concebidos os seus Artigos, tão laconicos, como ambiguos, para encobrir a malicia, e engano de seu contexto com a estudada brevidade, e apparente singeleza de suas clausulas dictadas e ampliadas em París como agora as da recente, e sabia *Constituição*, sem haver-nos deixado em hum e outro caso mais intervenção do que o trabalho de traduzillas, e firmallas. ¡ Oh! França, quando Pagã, e quando Christã; ora Monarquica, ora Republicana; já sábia, já barbara, já livre, já escrava; sempre por systema inimiga da Hespanha! E vós, Hespanhoes, sempre honrados e generosos, e sempre enganados!

Chegou pois a hora, magnanimos filhos deste nobre paiz, de vos regenerardes por vossas proprias mãos, e não pelas impias do Déspota, que vos vinha roubar vossa liberdade. Já chegou a hora de sa-

cudirdes tão pezada carga, que vos opprimia, fazendo a guerra ao Grande Napoleão, grande em fereza, grande em perfidia, e grande em crueldade: pois sómente com a guerra podeis quebrar tão duras e affrontosas cadeias.

Com a guerra vingaremos de huma vez tantos aggravos, como temos padecido vinte annos consecutivos, e tantos males que nos tinhão abatidos, e a ponto de abysmar-se a nossa Nação. Napoleão via muito proxima esta fatal sorte, como elle mesmo nolo diz em suas Proclamações, para lhe agradecermos o annúncio do mal, e a consolação. Com effeito ninguem podia conhecer melhor nossas desgraças do que o mesmo que as tinha causado: assim guarde para os seus o remedio, que sua innata beneficencia, e notoria compaixão nos tinha preparado. ¡ A quantos de nós nos teria já destinados para limpar as botas a seus brutaes Couraceiros, ou para accender o cachimbo a seus impudicos e insolentes Mamelucos!

Com a guerra abriremos nossos portos, cerrados ha tres annos, por obedecermos aos barbaros e antepoliticos decretos do iracundo Napoleão, que tinha feito de todas as praias e costas da Europa hum tristissimo deserto para bloquear e afaimar a Inglaterra, segundo a sua sentença de fanfarrão, ao tempo que lhe deixava todos os mares conhecidos, e não conhecidos abertos ao seu Commercio, e sujeitos ao seu Imperio. ¡ Que profundo, e sabio politico! ¡ Que sagaz calculador, tirar a si dous olhos para tirar hum ao inimigo! ¡ Por não deixar entrar o inimigo em sua casa fechar-lhe as portas, e ficar encerrado nella, sem poder receber soccorro da alheia, nem sahir a buscar a sua subsistencia, nem elle, nem seus amigos e aliados! Pois a este horroroso extremo nos tinha reduzidos, não sendo nosso Soberano. Que nas

costas da sua usurpada França mandasse fechar os portos, e as portas, pois já havia mandado cerrar as bocas aos obedientissimos escravos do seu despotismo, nisto tudo usava da sua suprema authoridade, consentida por elles. Mas exercella na nossa Hespanha, obrigando-nos por hum precipitado Decreto seu, feito em Varsovia, a morrermos de fome e de miseria, sem communicação directa nem indirecta com o resto das Nações, he insolencia e soberba inaudita intentallo, e humilhação e paciencia mais inaudita soffrello, e obedecer-lhe o nosso desgraçado Governo, deshonrado pela insensibilidade de Carlos IV., e pela ineptidão e descaramento do divinizado Valido.

Com a guerra abriremos o antigo Commercio e communicação com a Inglaterra, gostosa de se reconciliar comnosco; pois sabe que a nossa Nação, feita ludibrio dos caprichos de hum monstro da fortuna, não tinha parte nem na guerra, nem na paz; e anciosa de receber nossos frutos de hum e outro hemisferio, nossas producções da natureza e da arte, nossas lans, nossa amizade, nosso trato generoso e franco, com o qual conformava tanto o seu. Contando nós com o seu poder e auxilios, e ella com o nosso valor, constancia, e união, se fundará huma alliança natural e indelevel, huma vingança commum, hum odio eterno contra o inimigo commum do Continente, contra essa França vil e deshonrada, que se tem deixado fazer escrava, barbarizar, empobrecer, e consumir por hum tyranno forasteiro, que converteo seus habitantes em ladrões armados, inimigos naturaes do resto dos humanos.

Com esta guerra navegaremos, restauraremos nossa aniquilada Marinha, nossas decahidas fabricas, nossa semi-morta industria, nosso tráfico maritimo e terrestre. Cerraremos para sempre o contrabando dos

Pyrineos, convertendo em Ilha nossa Peninsula: e não veremos mais as caras de pastel de tantas modistas, e bofarinheiros, que tinhão, como praga de gafanhotos, empestado as nossas Cidades. Não nos introduzirão nossos caros visinhos mais generos de suas brilhantes fabricas, nem mais tabaco n'alma dos canhões e obuzes, e nos carros cubertos e equipagens de seus indecentes Generaes, Contrabandistas ao entrar, e ladrões ao sahir d'Hespanha.

Com esta guerra terrivel, mas saudavel, instrumento para a nossa eterna prosperidade, não nos inocularão mais o impio filosofismo, e a corrupção de costumes de seus venenosos livros, que tanto damno tem causado á mocidade, transformando os homens e as mulheres em arremedos de sua linguagem, idéas, e fingida moralidade theatral; porque entre os Francezes tudo he farça, começando pela virtude. A gente, que chamamos culta e literata, todos erão filhos de Hespanha; mas grande parte tinhão seu coração em França, quero dizer, que enamorados de seus livros, estavão casados com os Authores: e deste casamento ¿ como poderão sahir Cidadãos defensores da Patria que nunca amárão? Trataremos amigavelmente com os Mouros, que não nos desprezão, nem aborrecem, e nos guardão a fé, que não conhece o infame Governo Francez. Elles nos darão trigo, gallinhas e gados se necessitarmos, e cavallos para a guerra. Não virão tirar-nos o pão e a carne, de que elles abundão, nem o vinho que elles não bebem, e nos enviarão tamaras, mel e cera, em lugar de balas, azevre, e chammas de polvora, com que nos tem regalado os Christianissimos Francezes.

Com esta guerra virão os fructos e cabedaes da America, detidos ha quatro annos: surcaremos o Oceano outra vez, abrindo as communicações entre as duas

Indias, e renascerá o contrato maritimo, de que nos tinha privado o barbaro Napoleão, desde que nos atou ao carro de sua esteril e funesta gloria.

Com esta guerra tornaremos a ser Hespanhoes rançosos, a pezar da insensata casquilharia, isto he, tornaremos a ser valentes, regulares e graves. Teremos Patria, a amaremos e defenderemos, não necessitando que nos proteja o Protector tyranno da escrava Confederação do Rhin. Teremos costumes proprios, aquelles que nos fizerão inconquistaveis ás armas e á politica estrangeira. Cantaremos nossos romances, bailaremos nossas danças, vestiremos ao nosso antigo trajo. Os que se chamão Cavalleiros, montarão nobres cavallos, em vez de tocar o forte piano, e de representar domesticos dramas sentimentaes, que fedem a Francez. Tornaremos a fallar a nativa lingua de nossos avoengos, que andava já mendigando, em meio de tanta riqueza, remendos de geringonça gallicana. Aprenderemos o Arabe, o Grego e o Inglez, e depois o Italiano e o Alemão, se se libertarem do dominio Napoleonico; e se-não, não. Nossa lingua tornará a ser da moda, quando o engenho e o sizo dos Hespanhoes produzirem obras dignas da posteridade, e quando a moral e a politica, cuja jurisdicção vamos a fixar, sahirem em trajo e linguagem Castelhana.

Com esta guerra reconquistaremos não dominios Ultramarinos, que nos attrahirião outras novas; mas, o que he mais glorioso e precioso, nosso nome, aquelle nome em outro tempo tão respeitado de cultas e de barbaras Nações. Renovaremos nossa antiga força fysica e moral, que fórma a energia politica dos Governos, e a melhoraremos com novas leis fundamentaes, estribadas sobre bases eternas e indestructiveis. Daremos exemplos de sabedoria aos mais povos da

Europa, da maneira que hoje lhos damos de fortaleza e valor para recobrar a liberdade perdida, em cuja heroica empreza temos tido a gloria de ser os primeiros. Aprendão as Nações do escravo Continente a arte de quebrar a barbara cadeia que supportão: nós as ensinaremos a vencer, ou morrer para não serem vencidas.

Com esta guerra expurgaremos a guia de forasteiros dos nomes asquerosos das familias reinantes Napoleonicas, e de seus Satellites coroados. Recuperaremos a liberdade de publicar a Gazeta de nossa Corte toda da nossa colheita, ou eleição, e não dictada a beneplacito dos Embaixadores de França, que tinhão atadas as mãos ao Compositor nos artigos concernentes a noticias Politicas, e Militares do resto do mundo; pois devião copiar-se servilmente do mentiroso *Monitor* e *Publicista* de Paris, unicos periodicos, que se permittia ler, e extractar. Esta dura dependencia, por não dizer cativeiro, teve de padecer alguns annos o nosso Governo; obrigado a manter enganada e allucinada a Nação, ignorante do estado politico da Europa, e da verdade dos feitos que desfiguravão, e dos que occultavão os papeis publicos de França, que só dizião o que seu Ministerio lhes mandava, ou lhes permittia dizer.

Com esta guerra, unica salvação da Patria, sahiremos do perigo espantoso de perecer todos ao rigor de huma fome geral, se na ultima desgraça nos não tivesse favorecido o Ceo com a abundante colheita do anno passado e do presente; pois os Decretos do barbaro e iracundo inimigo da Inglaterra, antes de nos haver conquistado com as armas, nos tinhão cerrado os portos desta Peninsula a toda a bandeira. Nem de Mouros, nem de Christãos, em represalia e despeito da Inglaterra, podiamos esperar soccorro em

caso de necessidade. ¡ Que horrorosa perspectiva se apresentava á minha imaginação, quando, para augmentar mais os meus temores, via entrar legiões de demonios, ou Francezes, para nos comer o nosso pão!

¿ Que seria já de nós se se tivesse repetido a carestia e miseria do anno de 1804 com a sobrecarga de nossos parcos e compassivos hospedes, de cujas mezas teriamos esperado, como cães, alguma migalha que roer? Nove mezes antes da menor hostilidade esteve imposta ás duas Castellas a contribuição de 200$ arrateis de pão, 5$ fangas de cevada, 6$ arrobas de palha, e 100$ arrateis de carne, diariamente. Accrescentem-se as perdas e desperdicios causados pelas violencias da exacção arbitraria.

Com esta guerra ficaremos livres de ter outras, pois de dous seculos a esta parte todas tem sido pela França, ou contra ella. Por estar seu territorio entreposto no meio de nós, e dos outros povos da Europa, não nos poderemos abraçar como irmãos, mas lhes estenderemos as mãos pelos portos maritimos, que visitará a bandeira Anglo-Hespanhola; por estes lhes communicaremos nosso esforço, nosso exemplo, e nossa eterna amizade contra o commum tyranno, escandalo da terra.

Com esta guerra nos resguardaremos da molestia, e asco de dar ouvidos á fastidiosa turba de Sabichões, Ideólogos Filosofos humanistas, e politechnicos, tudo n'huma peça, que, sem perjuizo dos que viessem depois, nos hião introduzindo *Escolas centraes*, *normaes*, *elementares*, *institutos e estabelecimentos de beneficencia*, por não nomear, segundo o estilo Hespanhol e Christão, fundações, ou casas de *Caridade*, ou de *Piedade*, ou de *Misericordia*; e tudo para formar o espirito e o coração á Franceza moderna. Já nos tinhão introduzido, como mysterio de

huma segunda redempção do genero humano, certa regeneração mecanica da juventude á *Suissa Pestalozziana* (*), debaixo da immediata protecção do pueril, frivolo, vão e estouvado Generalissimo de mar e terra, o qual não satisfeito de haver *desmoralizado* a quantos homens e mulheres tinhão de esperar seu favor, queria ultimamente humilhar-nos a ponto de exigir que os pais e mãis se tornassem bestas, e seus filhos máquinas, pois necessitavão de riscos de penna, e cartas de jogar para pensar, e de regras e de mestres para saltar como cabras montezes, ou trepar como macácos. Bem disse huma pobre mulher, quando ouvio contar taes exercicios e habilidades: *Esta parece-me Escola para ladrões.* Os pais, por adulação ao altissimo protector, se tinhão por ditosos, se logravão entregar seus tenros filhos a esta barafunda de loucos, donde havião de sahir estupidos, ou *pernique-brados.* ¡ E depois nos admiraremos nós, se ao Idolo Moloch sacrificavão os antigos Carthaginezes tantos meninos para o applacar! Mas aqui o nosso idolo se cançou dos holocaustos, como se cançava de tudo, e lançou por terra a ara e os sacrificadores. Sómente nos tem faltado que outra casta de filanthropicos tivessem estabelecido hum anfitheatro de *Craneologia*, para dar ao sexo feminino da Corte motivos de filosofar, ou de bacharelar.

Com esta guerra em fim seremos melhores Christãos; porque, acostumados nos successos adversos a levantar os olhos ao Ceo para lhe pedir favor, e nos prosperos para lhe dar graças, se arraigará e crescerá,

(*) Henrique Pestalozzi, Suisso, era hum célebre Mestre de Escola, que ensinava aos meninos por hum novo methodo a Arithmetica, Geometria, Geografia, &c., o qual consiste em certas figuras representat vas, como riscos de pennas, esferas, &c. Ha em Madrid huma destas Escolas.

e florescerá a verdadeira piedade, e sazonará em nossos filhos.

Hespanhoes de todos os sexos, idades, estados e condições, com todos fallo. Não penseis que nesta guerra, ainda mais santa que a das Cruzadas, trabalhamos para nossos filhos e netos, de mais perto nos toca; pelejamos para nós mesmos, e por salvar agora na fervura nossa pelle. Sabei que Napoleão vai tão depressa nas façanhas militares, que não quer deixar nada que fazer a seus successores; e parece que se afadiga por gozar em vida do incenso da fama pósthuma. Cortemos já os voos ás aguias.

Esta guerra he mui differente de quantas temos sustentado dentro e fóra de casa por sua natureza, causa, fim e consequencias. He na sua primeira origem defensiva; e assim não depende de nossos desejos, nem de nossa mão o seu remate: pede por sua qualidade mais vigilancia e constancia, e grande severidade contra os remissos, vacillantes, ou suspeitos. Trata-se de vencer, ou viver escravos. Na guerra de successão, que affligio a Hespanha, não se tratava de defender a Patria, nem a Nação, nem a Religião, nem as Leis, nem a nossa Constituição, nem a fazenda, nem a vida, porque nada disto perigava naquella luta. Disputava-se sómente qual dos dous pertendentes e litigantes á Coroa d'Hespanha devia ficar possuidor, no supposto de que não podia deixar de recahir em hum dos dous, estando extincta a linha varonil da casa Reinanta. Estava a Nação dividida em dous partidos, porque erão dous os rivaes, mas nenhum delles era infiel á Nação em geral, nem inimigo da Patria. Huns aos outros se chamavão rebeldos e traidores, sem que na realidade nenhum o fosse, pois todos erão e querião ser Hespanhoes, assim os que acclamavão a Carlos d'Austria, como a Filippe de Bourbon. Era hum plei-

to de familia entre dous nobilissimos Principes, muí dignos cada hum de occupar o throno das Hespanhas. Com nenhum perdeo a Nação sua honra, independencia e liberdade; só a Coroa mudava de individuo, mas a Monarquia ficava illésa. Agora trata-se de perder tudo ás mãos d'hum atroz Conquistador, que, tendo-nos roubado o legitimo Soberano, nos tira o direito e o uso da soberania Nacional. Os Romanos nas suas guerras civís defendião a Republica, não contra hum tyranno, nem outra Potencia estrangeira, que intentasse impôr-lhes o jugo de suas armas, e de suas leis; mas contra algum de seus mesmos Cidadãos, que aspiravão a levantar-se com o Governo. O primeiro teria sido huma ignominia, o segundo podia ser huma desgraça. A guerra civil era hum mal domestico, a liberdade pública podia perder-se, mas não o povo Romano ser conquistado por outra Potencia. Sylla e Mario, Cesar e Pompêo erão Romanos, e erão companheiros e combatentes. Cromwel, Inglez, dominou os Inglezes, mas não veio de fóra a conquistallos. Robespierre, Francez, dominou e aterrou a Nação Franceza; e Bonaparte, General Francez, usurpou o mando supremo, sem invadir com Exercitos estrangeiros o territorio da Republica. Mais toleravel, e menos ignominioso seria que o vão Godoy se tivesse levantado com a Monarquia, ajudado de nossas mesmas Tropas ganhadas, ou enganadas; e não que hum estrangeiro, auxiliado de Tropas de outra Potencia, entrasse para subjugar não menos que a gloriosa Monarquia e Nação Hespanhola. Só de pensallo me envergonho e me confundo.

Temos visto já o porte, maneiras e conducta das Tropas e Generaes, que tinha enviado para sujeitarnos o fementido Napoleão. São peiores que os barbaros de nascimento, porque tem todos os vicios e ma-

licia de Nação civilizada, e não a singelleza da selvagem. Atila deteve o seu furor ás portas de Roma ao ver o Papa S. Leão, que vestido de Pontifical sahio ao seu encontro com a Cruz e os ciriaes: e o soberbo ladrão Dupont teria lançado os olhos para ver se erão de ouro, e se na tiara brilhava algum grande topazio para o punho da sua espada. Por menos temiveis e odiosos teria eu os Agarenos, porque estes não dissimulão o que são, nem fingem o que não são. Creem em Deos, e em pena e gloria eterna, e se póde esperar delles alguma virtude moral. Elles levantarião suas Mesquitas, e nos deixarião nossos Templos e nossos officios: nos prohibirião nossos sinos, não por cobiça, mas por causa da Religião: pagariamos nossos tributos, e não nos embaraçarião orar ao Senhor, nem nos darião o impio exemplo da incredulidade. Torno a dizer, que antes quero ser conquistado de Mouros, do que de Francezes; porque he mais sensivel soffrer o desprezo do que o odio. Quando desembarcárão os Africanos em Hespanha entrárão como inimigos, como conquistadores, como propagadores do Alcorão: não nos enganárão com pretextos, nem titulos de amizade e protecção: não quebrantárão pacto, nem alguma alliança, pois não a havia: não faltárão á sua palavra, pois não a tinhão offerecido: nos colhêrão desapercebidos, mas não enganados. Além disto a invasão dos Mouros se executou por mar; e huma vez cortada a passagem por nossas forças navaes, se lhes frustrárão as esperanças dos soccorros d'Africa, e ainda assim custou huns setecentos annos acabar de expulsallos do nosso paiz. Considere-se agora, ¿quando chegaria a ver-se a Hespanha livre destes fementidos conquistadores, francas suas communicações com a Matriz sobre hum mesmo Continente?

Por outra parte parece inexgotavel a mina de Soldados de Napoleão, até que rompa seus laços a Europa. Já sabemos que elle não peleja sómente com Francezes, senão tambem com Tropas de todos os Soberanos, que tem a dita de ser seus alliados, feudatarios, ou escravos, que he a mesma cousa, e dos conscriptos dos Estados e Republicas Italianas, que, para tirallas da sua debilidade e fraqueza nas actuaes circunstancias, as incorporou ao territorio do Imperio Francez, que já abarba com os limites do Imperio Ottomano. Em seus Exercitos só o systema militar, a tactica, e o idioma da ordenança e do commando são Francezes, como tambem a rapacidade *regulamentada* dos saques, a deshumanidade de suas violencias, e a impiedade de seus sentimentos.

Ainda menos ha que esperar, segundo o confirma a experiencia em todos os tempos, que o Francez se cance com as fadigas e perigos das campanhas: se o arrancão chorando da casa paterna, volta a ella cantando, ou bravateando. Nem ha que esperar que afrouxe pela justiça da nossa causa: a guerra parece que he seu alimento, e prescinde do fim, por que peleja: já morre por coroar Reis, já por desenthronizallos; hoje pela liberdade, á manhã pelo despotismo. Vai á guerra como o cavallo: o clarim o alenta, e corre com o ginete Christão contra o Mouro; cahe o ginete de huma lançada, monta-o o Mouro, e parte com o novo dono contra o Christão. Nos Chefes já he outra a causa: hontem comião com colhér de páo, e hoje lhes faz nausea a baixella de prata, com que os serve o seu patrão: hontem de baixos não se vião entre o pó, e á manhã apparecem subidos nos hombros da fortuna, até á elevação das honras, e do fasto oriental das riquezas, fruto das rapinas e concussões, que clamão ao Ceo vingança.

Se perguntais aos Francezes, por que soffrêrão os primeiros actos do despotismo absoluto de Bonaparte vos dirão, que por não cahirem nos horrores de outra revolução, cançados já de verter o sangue de seus filhos, irmãos e parentes. E ao mesmo tempo que, por huma contradicção propria de cabeças Francezas, allegão este temor, entregão ao tyranno estes mesmos filhos, irmãos e parentes, para que vão morrer longe da sua Patria mais de hum milhão de mancebos, não para a gloria e defensa da sua Nação; pois por nenhuma he invadida, senão para saciar a feroz ambição de hum Insulano forasteiro, que sujeitou primeiro a França para subjugar depois os mais Reinos.

Não he de hoje o meu desengano, são de data mais antiga os meus prognosticos sobre as fataes consequencias, que algum dia poderia experimentar a nossa Patria pelas iniquas maquinações deste tyranno solapado. Tenho sido muitos annos sentinella muda, porque nunca pude gritar *quem vive*! nem chamar *ás armas*! Desde a primeira paz de Campo-Formio, quando entregou a Republica Veneziana, logo que a teve democratizado, ao Imperador d'Austria, no mesmo tempo, em que em suas Proclamações chamava Déspotas e tyrannos a todos os Reis da terra, entrevi seus malignos e hypocritas designios; porque desde então desconfiei da sua moderação e singeleza democratica. Este General novel servia á Republica para melhor subjugalla depois: a este fim se detinha na Italia, fazendo della Republicas em mineatura, illudindo e roubando seus habitantes, e pagando a literatos, para que corressem as Cidades como outros tantos apostolos da liberdade. Todavia me recordo da falla pathetica, que hum tal Monje, inimigo de Monjes e de Monjas, pronunciou á pacifica Republicazi-

nha de S. Marinho. Desde aquella época de farças revolucionarias se começárão a temer de seu coração hypocrita grandes calamidades nos povos seduzidos, como se tem visto depois com dôr e espanto. Onde plantava com tanta ceremonia arvores da liberdade, levantou depois forças em memoria de sua benignidade paternal. Dai-lhe graças da felicidade e tranquillidade que gozais, Piemontezes, Genovezes, Milanezes, Venezianos, Bolonhezes e Parmezanos, pois até o nome vos tirou para vos confundir entre a grande manada de seus mansos subditos.

A nossa precipitada e desatinada Paz de 1795 com a Republica Franceza tinha proporcionado a esse intrepido aventureiro as tropas Francezas, que estavão na Catalunha para a invasão da Italia. Este foi o primeiro theatro de seus talentos e triunfos militares, para o que não contribuirião pouco a disposição dos animos daquelles naturaes, e a nenhuma vontade das tropas em sacrificar-se contra huma causa, que ao principio lisonjeava tanto os homens que raciocinavão, e os que padecião.

Impaciente e desesperado de poder chegar a consummar seus ambiciosos designios, parte para o Egypto sem objecto, nem motivo em sua viagem: toma Malta ao ruido de doces canhonaços; tira aquella Ilha e inconquistavel praça á Ordem por traição concertada com os Cavalleiros Francezes, para que cahisse depois em poder dos Inglezes seus inimigos. Chega a Alexandria, e perde sua esquadra; sóbe ao Cairo, banha-se no Nilo, visita as Pyramides, faz suas genuflexões na Mesquita, e volta á Europa açoutado para ser depois o verdugo della.

Faz-se Consul em Paris com a modestia Romana; porque Rei, ou Dictador seria então titulo odioso. Mas ¿ quem lhe deo esta nova authoridade? Pri-

meiramente as baionetas de seus colligados, e logo huma Constituição traçada por elle mesmo, e ampliada e firmada naquelle momento por huma duzia de compadres, aquentando-se á chaminé. Chamar-se primeiro Consul, sendo tres os revestidos deste titulo de farça, era na substancia chamar-se unico; pois os outros dous erão seus acolythos. Fingindo traições e conjurações, faz vitalicio seu Consulado; e fingindo outras, o consegue perpétuo e hereditario.

Hia correndo com passos de gigante para o mais pomposo e elevado titulo, que lhe désse mais poder, mais vaidade, e mais direitos á sua ambição. Queria dominar a Europa, convertendo-a em patrimonio do novo Imperio Francez; porque não podia intentallo com o titulo só de Consul, que não se estendia mais além do territorio da Republica: nome vão e caduco, que ainda conservava aquella que logo se chamou Grande Nação, e hoje não he mais do que a grande manada de bestas de Napoleão primeiro. Conquistou a França, e suas pertenças e annexas com o titulo de Imperador; invadio e aterrou todos os Estados, que podião fazer-lhe sombra; e o que não lhe conveio conquistar com aquelle titulo, o tem subjugado com o moderado, mas mais soberbo, de Protector. Debaixo deste manto cobre S. M. I. outras Magestades Reaes, e Altezas Ducaes, que tem a honra de ser seus primeiros vassallos, os quaes póde chamar hum dia a París por hum *Edecan* do seu Alguazil mór Savary, para que vão calçar-lhe as esporas, e pegar-lhe no estribo n' hum dia de revista geral.

Quem o fez Consul o fez Imperador. ¿ Como se fabricou esta violenta, illegal e pretendida eleição? Todo o mundo o sabe. Intitulou-se e intitula-se Imperador dos Francezes, e não de França. ¿ Qual se-

ria o fim deste titulo, porque em todas as suas palavras ha mysterio ? ¿ Seria para adular a vaidade de seus novos subditos, por conhecer que são muito faceis em se deixar deslumbrar ? ¿ Seria para dominar com esta dignidade em todos os paizes, por onde se derramão, e estendem suas numerosas e ambulantes tropas, pois já não ha territorio na Europa, que não esteja manchado com as pégadas dos seus Soldados ? E havendo em quasi todos os Estados da Europa Francezes armados, que estão de posse dos povos, vem a ser de facto Imperador de todos, Napoleão.

Faltavão sómente a Hespanha e Portugal no número dos ditosos paizes comprehendidos dentro dos imaginarios e illimitados ambitos do Imperio Francez; e Napoleão, a quem já o mundo sahe estreito, cabendo todo elle n'hum çapato, não pôde soffrer que o Occidente permanecesse mais tempo independente e livre, sem reconhecer-se seu vassallo. Enviou suas tropas, pizárão o territorio Hespanhol; e como aquellas nunca fazem as suas jornadas debalde, se apoderão primeiramente de hum Reino, e depois de outro sem declaração alguma de guerra, nem ainda ameaça de hostilidade, só por aquelle principio do novo Direito-Napoleão, que onde pizão Soldados Francezes, alli manda o seu Imperador.

Todo o mundo sabe, e não póde acabar de o crer, a iniquidade e violencia da occupação de Portugal, e a inaudita perfidia e vileza, com que esse Imperador sem honra, fé, nem consciencia, sem palavra de Rei, nem de homem, nem de ladrão, usurpou a Coroa de Hespanha, sem haver posto o pé nella, para cedella, como patrimonio seu, a seu querido irmão José debaixo do colorido titulo de *Rei*, por não chamar-lhe claramente seu Vice-Rei; pois tinha de receber as suas tropas sem poder man-

dar hum Sargento, suas leis sem poder alterallas, suas ordens sem poder desobedecer a ellas, e suas instrucções sem poder interpretallas. A Corte apparente seria Madrid, e a Metrópole París. Haveria Embaixadores entre ambas, como o requer a etiqueta: o de França seria hum Superintendente e zelador de nosso Gabinete, e hum Comitre da Nação; e o d' Hespanha hum assistente ao Solio Imperial; e por grande distincção teria a honra de concorrer á parada com o chapéo na mão ao Sol e á chuva. Celebrar-se-hião Tratados publicos, e serião mais os secretos entre o Imperador d' Hespanha em París e o Vice-Rei d' Hespanha em Madrid: e bem se deixa inferir que os dictaria o Sultão ao Beglierbey, e que a nós não nos deixarião mais parte nestes enredos diplomaticos do que a de traduzillos em Castelhano.

Depois de occupada militarmente a Hespanha, e entregue ao irmão a Lugar-tenencia Real, não he crivel que o deixasse encommendado á fidelidade Hespanhola, sempre suspeitosa como violentada. E tanto para sua custodia pessoal, como para a tranquillidade dos povos que tanto lhe convinha, e sobre tudo para guardar nossos portos e costas contra as sonhadas invasões do tão decantado Coco, *o inimigo commum*, que n' huma palavra he a Inglaterra, nos protegeria, deixando-nos dentro desta Peninsula duzentos mil homens em acantonamentos e guarnições; mantidos, comidos e bebidos á custa de novas contribuições, e sem quebrantar artigo algum da nova Constituição, pois não o ha para este caso. Por isto nos dizia e consolava o grande Amurátes n'hum de seus bandos, ou artigos de seus diarios de Madrid: que não haveria quintados, nem recrutamentos em nossas Provincias. Claro está, pois não haviamos de

ter Exercito nosso Nacional, segundo o dicta a segurança do Conquistador.

É como nesta empreza e plano do Imperador e Rei se levava o fim caritativo, e muito Christão de *casar as duas Nações*, frase que soltavão certos Emissarios seus, por não dizer incorporallas, he de presumir que se reservasse, quando menos, hum caminho militar desde Bayona até Lisboa, cortando-nos huma tira da pelle de touro de Estrabão de cinco, ou seis leguas de largura para passarem e repassarem suas tropas, ao modo do que se reservou na Polonia para a communicação com Saxonia, onde tem outro Vice-Rei coroado.

Com este arbitrio muito singelo e cómmodo, e a necessidade de hum contínuo auxilio de tropas suas para nossa defeza, não se faltava á promessa da integridade desta Monarquia, e de sua independencia. Já se vê que não nos desmembrava Provincia alguma, nem desfalcava a borda de nossas costas e fronteiras para incorporallas ao territorio Francez, nem para cedellas a outro Soberano; mas muito bem podião reservar-se, como em deposito e segurança provisional, praças, postos e montes, e soar sempre *integridade* na apparencia. E mantendo aqui seus Exercitos com o nome de auxiliares, se deixava em seu sentido natural a palavra *independencia*; ¿ mas de quem se fallava, da coroa, ou dos vassallos?

Se se casavão as duas Nações era muito justo que, assim como a Franceza nos enviava a sua mocidade guerreira para guardar-nos, nós lhe correspondessemos, enviando á disposição do seu Imperador a nossa, para pagar-lhe a generosidade de nos ter dado o exemplo. Não havia outra desavantagem nestes alborques senão que, tocando a elles hum clima benigno, e terreno fertil, de bom pão, bom vinho, bom

azeite, e ricos frutos e frutas, os Hespanhoes, desposados antes de casados, irião militar, isto he, morrer debaixo das azas das aguias Imperiaes, ou consumir-se talvez onde não comessem mais pão de trigo, nem provassem vinho, nem vissem a cara ao sol em oito mezes do anno. Mas tambem terião o gosto e a honra de ver-se casados com Lutheranos, Calvinistas, Judeos, Atheistas, e máos Christãos, e de ir pelejar com quem nos não tem feito damno. Esta he a mais cruel, e a mais deshumana das tyrannias.

Não ha exemplo nas Historias de que hum conquistador armasse por força a seus cativos para levallos a pelejar contra seus inimigos. Vale mais não dar quartel a semelhantes invasores, isto he, morrer com as armas na mão, do que ter de tomallas depois em serviço do inclemente vencedor.

Só os Turcos e Berberescos sujeitão os cativos Christãos ao remo, mas não ao serviço das armas. Muito menos consta que os Sarracenos, dominadores d'Hespanha, levassem os conquistados a pelejar nas guerras, que sustentavão dentro, ou fóra de nossa Peninsula. Elle vende os prizioneiros de guerra, ou faz que sirvão em suas bandeiras, ou os destina a trabalhos publicos, como se fossem escravos comprados, ou os deixa perecer de fome e miseria; porque não he costume seu soffrer a carga da mantença dos desgraçados, que cahem vivos em suas mãos. Isto se praticava quando se conhecia e guardava o direito das gentes; mas este feroz tyranno já acabou com todos os direitos, e quer acabar com todas as gentes.

Execravel prodigio da natureza he, por certo, Napoleão, amfibio entre homem e féra, pois tirou da infamia Nero e Calígula. Ao primeiro fez mal o summo poder, e ainda tardou seis annos em romper com todas as leis do pudor e da humanidade: tanto tempo

houve para custar a seu bom natural, e á sua educação o corromper-se. Mas Napoleão parece que foi máo antes de ter aprendido a sello, antes de o poder ser, e ainda antes de desejallo. O abysmo o gerou, e ainda por isso nos cala seu pai; elle he filho sómente de suas obras. ¡ Oh! Madama Leticia! Boa alegria annunciaste ao mundo no dia de teu portentoso parto! Antes de usurpar o mando supremo, era Déspota; e antes de Déspota, foi já tyranno.

Nasceo para destruição do genero humano. Assim que se vio com unhas, as ensaiou para despedaçar, como faz o tigre desde pequeno. Não ha industria humana que o domestique. Não he animal caseiro, foge logo para o monte, e para as brenhas; não póde viver no povoado Busca como querido asylo de sua fereza o campo de batalha; porque o palacio não se fez para elle: alli tem suas delicias e seu regalo; o fumo da polvora he seu incenso, a vista dos mortos seu recreio; dorme em colchões de cadaveres, e outro dia nos dirão, que come assado de carne humana, porque ainda não acabou a carreira destes barbaros passatempos. E este deshumano, dizia a Europa, e seus estupidos Francezes lho acreditavão, que na guerra buscava a paz. Eu bem creio que quando não lhe fique a quem fazer a guerra, terá paz, excepto comsigo mesmo. ¡ Infeliz delle então! O ocio o consumiria. Em que passaria o tempo? com huma mão sobre outra? Não tem mais do que huma paixão, e esta suffoca todas as outras. Quer dominar a terra, ainda que seja ficando só nella; depois pedirá azas aos demonios para subir a conquistar a Lua.

Alguns Sabios tem dito, que para o que o homem tem que aprender, he mui curta a vida; mas eu accrescento que he muito larga para aquelles que tem de padecer. ¿ Que seria de nós se a vida deste tyran-

no não estivera sujeita ao prazo commum da mortalidade ? De seus filhos nada terá depois o mundo que temer; por isto cuidou já a natureza em que os monstros fossem infecundos.

Não conhece algum freio em suas aleivosias e crueldades : não tem religião que o contenha , nem consciencia que o accuse, nem vergonha que o faça córar , nem temor do odio das Nações que o acobarde, de cuja opinião não necessita; pois já não existem a seus olhos. Elle dirá para si : pois que tudo posso, tudo quero. Elle conta com sua fortuna, como Cesar contava com a sua; mas Bonaparte cuida, com maior recato do que Cesar, na sua vida. Entre outras graças, que deve á sua fortuna , he a da saude de que goza, a que basta para a tirar a todo o mundo. Vive enfermo, e nunca está enfermo; e assim a sobriedade, que n'outro seria virtude, nelle he necessidade , ou temperamento.

Dizem que come depressa, propriedade de lobos e raposas. Dizem tambem que dorme pouco, eu não o duvido; he pensão de todos os tyrannos, que a todas as horas vêm pendente sobre suas cabeças hum cutélo que os ameaça. O mesmo acontece aos avarentos , que ordinariamente são madrugadores , porque até os dedos se lhes antolhão ladrões , e fogem de sua propria sombra. Elle não tem Patria, nem domicilio, nem bens de raiz; todos são móveis, porque todos são roubos.

A nenhum paiz ou Nação tem , nem póde ter amor; todos são para elle, e nenhuma he sua. Onde acha Soldados , alli tem sua Patria. Se á manhã o expulsassem de França, a troco de mandar, iria, se pudesse, com seu Exercito para Marrocos. Pois ¿ não foi ao Egypto proclamar-se Soberano, e a jurar sobre o Alcorão , por não sujeitar-se ao Directorio ? Elle

não tem Nação, nem Religião elegida: serve-se daquella que mais serve para seus fins. Seu Catholocismo se reduz a ouvir Missa diante de seus Cortezãos com a mesma devoção e intenção, com que fazia seu *Namás* (*) na Mesquita do Cairo em presença dos Musulmanos.

Tem a ousadia de chamar-se Imperador por graça de Deos, o qual nem ama, nem teme, nem reconhece; diria melhor, por paciencia de Deos e da dos homens. Elle mesmo deo a si o titulo, e por suas proprias mãos se pôz a Coroa Imperial; e para maior pompa daquella Comedia religiosa, e humilhação do Summo Pontifice, se faz ungir aquelle fementido usurpador por Pio VII. Elle se tem feito o que he, e a quanto não sentirá de não poder fazer-se hum membrudo Nembrot, para espantar com sua figura, e descabeçar, quando se agasta, n'hum dia tres Ministros, n'outro dia tres Senadores, e n'outro tres Generaes? Dizem que brama de ira como hum javalí S. M. I., e que a aspereza de suas palavras, e a de sua voz bem manifestão o fundo de sua doçura e amabilidade.

Toma por divisa huma aguia, quando devêra tomar hum tigre; mas tão mesquinhamente representada em seu mesquinho brazão, que mais parece milhano, que espreita a preza, do que ave nobre e generosa; symbolo proprio da rapacidade de seu daninho coração. Muda seu primeiro nome, e logo o appellido, que não seria de linhagem; e depois o novo nome, que se não lê em algum Martyrologio, o converte em appellido eterno de sua augustissima familia e parentella, e linhas transversaes, diagonaes

(*) Oração, que fazem cinco vezes no dia os Mahometanos.

e adoptivas, e com a mira de *napoleonizar* a quantas testas coroadas se dignar consentir, ou desovar sobre a face da terra.

Este heroe por graça de seus vís e venaes gazeteiros, já que não tem podido fazer-se homem, ajunta a ferocidade com a vaidade. Como nunca está contente, nem farto de timbres, nem titulos, á manhã se intitulará *Napoleão-Kan*, e dias ha que merece este nome Tartaro. *Cesar Augusto* he nome muito conhecido, e manuseado por estudantes. *Faraó* e *Nabuco* sabem á Historia Sagrada. *Soldão* e *Califa* cheirão a Arabe, e contra esta gente guarda não sei que resentimento de certa burla no Egypto. Chame-se de huma vez Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores, e seja a ultima blasfemia de sua ambição e arrogancia: ainda que o titulo que mais propriamente lhe ajusta por suas obras seria o de *Açoute de Deos*, que ninguem lhe póde disputar, e que mais o merece do que o atroz Atila.

Tenho-o dito varias vezes, e o repito agora, que as tres épocas terriveis nos annaes do Mundo são: o Diluvio universal, Mafoma e Bonaparte. Aquelle pertendia converter todas as Religiões n' huma, e este todas as Nações para ser elle a sua cabeça. Aquelle prégava a unidade de Deos com o alfange, e este não o nomeia hum, nem Trino, pois só prége, ou faz prégar, sua propria divindade, consentindo que lhe dêm seus infames e sacrilegos adoradores, os periodistas Francezes, o titulo de *Todo poderoso*. Elle mesmo tem chegado a crer-se tal, e lho tem feito crer a cobardia e vileza das Nações, que se tem deixado subjugar. Só a Hespanha o obrigou a reconhecer-se, que não era antes, nem he agora senão homem, e homem muito pequeno, a quem a fortuna cega tem feito grande aos olhos dos povos amedrentados com

o terror de seu nome, que medem a grandeza do poder pela das atrocidades.

A' Colossal estatua de Nabuco derribou huma pedra despegada de hum monte vizinho; deo nos pés, onde tinha a fraqueza. He cousa digna de admiração, que os unicos, que atégora tem abatido a vaidade de seu saber e poder a este heroe militar, tem sido cabalmente os homens que elle mais desprezava, ou que menos temia. Hum barbaças de S. João d'Acre, com mais traças de Monje do que de Soldado, sem ter jámais lido a tactica de Vegécio, nem de Folard; os barbaros e indisciplinados Mamelucos; os agrestes e brutaes Kosacos; e os miseraveis, froxos e supersticiosos Hespanhoes, aos quaes julgava dormindo a intrepidez e confiança Franceza. A Europa o vê, e não acabará de o crer: nossos inimigos pensavão que dormiamos, e elles erão os que sonhavão.

Este genero de guerra he novo para a sua tactica victoriosa: he guerra domestica, he guerra de Nação, he guerra de Religião; he, finalmente, guerra de valentes antes de serem Soldados. Na Italia e na Alemanha só com a intimação de hum Trombeta se rendião as Praças mais respeitaveis da Europa, sem cahirem as muralhas, como em Jericó. Em todos os postos e defensas militares se entregavão prizioneiros, aqui seis mil, acolá dez mil, acolá quinze mil, e em Ulm trinta mil: o que digo dos Austriacos, digo dos Prussianos. Em oito dias desfez Bonaparte todo o Exercito Prussiano de 200$ infantes, e 40$ cavallos; e antes de hum mez não existia Rei na Prussia, nem Monarquia Prussiana. ¡ Catastrofe pasmosa e inaudita, cujas causas não são difficeis de adivinhar! desaffeiçoados, cobardes e traidores. Havia Exercito, e não havia Nação. E dentro de Hespanha aquellas mesmas tropas e Generaes vencedores ¡ não podem

render Cidades abertas, defendidas por mulheres e paizanos mal armados, e meio vestidos!

Desenganemo-nos de huma vez: todas as Praças se tem tomado como Pamplona, Barcelona, e a Cidadella de Figueiras por soborno, ou traição: desta sorte cahião Magdeburgo, Spandau, Stettin, etc. Estes são outros caprichos da fortuna, que ainda se não cançou de Napoleão. Não conhece hum traidor, hum desleal, que pudéra fazer-lhe perder n' hum dia o fruto de huma campanha: o servem com lei de filhos até os seus escravos. A Republica teve tantos inimigos domesticos, tantos infieis, tantos emigrados, tantos desertores das bandeiras patrioticas, e o despotismo tyrannico; conta tão leaes servidores! Antes bem temos visto que os emigrados, que havião encontrado tanta caridade, e generosa hospitalidade entre nós, não vião a hora de voltar á França, de reconciliar-se com a nova tyrannia, não sendo já a Nação, a cujo despedaçado seio se restituião, a mesma que antes abandonárão.

Não digo nos Exercitos, mas nem nas Cidades, nem nos governos politicos tem soffrido, nem temê, os attentados, nem ainda os intentos de hum traidor: até os estrangeiros, que arrancou algemados de seus lares, o servem com a vontade e o pensamento. Alli já não ha hum louco, hum bebado, hum furioso, hum fanatico, daquelles que n' outro tempo enviárão ao outro mundo quatro de seus legitimos Reis: casos atrozes, que não refere a Historia de algum Reino Christão.

Ha oito annos que aos Francezes promette a paz, e cada dia se aparta mais dos caminhos, que conduzem a ella; e não obstante isto, não tem pejo de se deixar adular com o appellido de *Pacificador* do Continente, e *Arbitro* da Europa: este ultimo titulo

he o que mais o lisonjea. Teve mais de hum anno deslumbrados e occupados a seus novos subditos, a quem não se atrevia então dar este nome, com o plano do desembarque de Inglaterra, tudo a fim de que lhes não ficasse tempo, occasião, nem motivo de maquinar contra a sua pessoa, e despotismo consular; pois bem conhecia elle a difficuldade e vaidade da empreza. París e a França era o que queria conquistar; e o conseguio, segurando desde então seu usurpado e pouco firme solio, por onde havia de subir depois á dominação Imperial.

Homem que tenha promettido mais, e que tenha cumprido menos do que Napoleão, não o citão as Historias. Ainda não cumprio a promessa de esculpir em letras de *ouro maciço* os nomes dos valorosos, que morrêrão em Austerlitz, Jena e Eylaud. Não pensaria então que havia de ser tão extensa a lista dos mortos, ou conheceria depois que os gratificados não se havião de queixar. Talvez não alcançaria o ouro de suas minas, ou rapinas para tanta sumptuosidade, e esperaria recolhello dos despojos dos templos de Hespanha e Portugal, segundo a ancia e voracidade, com que suas tropas e Generaes tem lançado suas sacrilegas mãos sobre estes thesouros.

¿ Como pois poderieis esperar, Hespanhoes, demasiadamente cheios de bondade e generosos, que aquelles, que tratavão com tanta crueldade os indefensos e pacificos Portuguezes, que não tinhão disparado huma só espingarda contra seus injustos invasores, ¿ podião usar comvosco de piedade se vos entregaveis, nem de clemencia se lhe resistieis? Este primeiro exemplo de suas deshumanidades, executadas ás portas de vossa casa, e as executadas antes na Italia e Alemanha, e outros paizes sujeitos á perfidia e violencia de suas armas, não podia apartar-se de vossa

vista, nem de vossa memoria a sorte, que vos esperava.

Não obstante não faltavão pessoas singelas, ou cégas, que acreditárão que as tropas Francezas vinhão em paz e em amizade, ainda depois de se terem apoderado por dólo e surpreza das praças de nossa fronteira. Da primeira não duvido, porque querião conquistar-nos sem vencer-nos: a segunda era hum absurdo esperar amizade do inimigo commum de todas as Nações. E era ainda cousa mais absurda o crer que passavão seus Exercitos ao campo de Gibraltar. O mesmo havia pensado Bonaparte no sitio daquella praça, que o Sofi da Persia; e para isto ¿ nos inundou com 150ⅭⅭ homens, além de 30ⅭⅭ nossos, com que podia contar de auxiliares? E para esta empreza ¿ trazia tantos trens de artilheria de campanha, e tão numerosa e escolhida cavallaria, apparatos todos de Exercitos volantes, e não de armas de sitiadores?

Não era menos desatinada a idéa de que estas forças se dirigião á Africa; ¿ mas a que? ¿ e contra quem? Nem ¿ com que transportes, nem quando, haverião de effeituar a passagem do Estreito sem huma náo, nem huma fragata, á vista de esquadras Inglezas, que terião feito pasto dos peixes a quantos loucos se tivessem embarcado? A Africa, que cobiçava Bonaparte, era a Hespanha, e os Africanos eramos nós.

Quando vimos os pontos militares, que tomavão em Castella, os movimentos hostís de seus acantonamentos, sua mesma inacção depois, e a provisão de galheta em casa de *amigo* e *alliado*, como elles dizião, e no celleiro de Hespanha, que lhes subministrava pão branco e fresco, ¿ havia que duvidar hum momento de que vinhão dispostos a guerra offensiva e defensiva; pois as prevenções erão iguaes ás precau-

ções? Verdade he que não degolavão Frades, nem violavão Freiras, nem saqueavão e profanavão templos, porque então não lhes convinha irritar os povos, senão illudillos.

Não faltou quem acreditasse, pouco antes da entrada de Murat em Madrid, que as praças de nossa fronteira se tinhão entregado como em deposito para a segurança da hospedagem dos amigos, que vinhão soccorrer-nos. Desde logo vírão os mais sinceros e preoccupados, que a traição tinha aberto as portas de casa aos ladrões. A infamia era sobejamente manifesta, para que os animos se aquietassem. ¡ Desgraçada Hespanha! ¿ A que Nação tem acontecido tal desventura, que o mesmo pastor mate os rafeiros, para que entre são e salvo o lobo no aprisco?

Animo e confiança em Deos, Barcelonezes! Não faltarão auxilios, ministrados pelo engenho e valor, que vos livrarão da amarga oppressão que padeceis. Caso raro por certo, e o mais lamentavel, que causará espanto ás idades vindouras: assim vossa restauração, e a conservação dessa formosa e magnifica Cidade, prostituida hoje pelas immundas plantas desses vís Soldados do aleivoso Napoleão, corre por conta de todos os esforçados e valerosos Hespanhoes, e do soccorro de nossos generosos alliados.

Todo o Hespanhol prudente, e ensinado pelos acontecimentos politicos, que huns apôs outros succedião desde o anno 1800 na Europa, devia estar desenganado da conducta de Napoleão ácerca do que se temia, ou se devia temer, de seus designios, quando vimos desfilar seus Exercitos por nossas Provincias. Já havia tempo que eu vaticinava a tempestade. A conducta dos espurios Hespanhoes Izquierdo e Herbás, enamorados da França, e enriquecidos nella, in-

dicava que a Patria que lhes deo o ser, a riqueza, e as honras, era já para elles perigosa morada.

Além disto havia ultimamente em París huma especie de moda de aprender o Hespanhol, de querer tomar conhecimento de nossa litteratura, e do estado de nossas Sciencias, e os Periodistas solicitavão correspondencia com Sábios de nossa Nação. Observava eu tambem que em seus papeis publicos não nos desprezavão, nem injuriavão, como costumavão antes, com os epíthetos de ignorantes, barbaros e supersticiosos; esta repentina e desusada moderação e cortezia era para mim o testemunho mais suspeitoso de sua nova politica; porque em França hoje os escritores vão de acordo com os Governadores.

De alguns annos a esta parte compravão os nossos livros, cousa nunca vista nem ouvida, digão-no os Livreiros de Madrid. Tenho visto enviar a París entre outras obras de legislação e economía os cadernos do Concelho *de la Mesta* (*), e as Condições de Milhões, deliciosa leitura para o gosto e genio de hum Francez. Tambem começava a moda de traduzir na sua lingua alguns Authores nossos, costume que se tinha perdido desde os primeiros annos do reinado de Luiz XIV. Igualmente observava que vinhão visitar-nos alguns viajantes Francezes, muito curiosos de nossas cousas, huns como fysicos economistas, e outros como amantes das nobres artes; huns vinhão a medir gráos do meridiano, e talvez espiavão nossas serras, e brenhas; outros a explorar nossas minas de metaes; outros a estudar o modo de pastorar nossas ovelhas merinas; outros a criação e raças de nossos cavallos; e outros a correr nossos estabelecimentos

(*) Junta, que vigia sobre todos os negocios concernentes aos gados.

publicos, bibliothecas, museos, collecções de nossos pintores famosos, e restos de antiguidades Romanas e Arabigas, cujas noticias, cópias e annotações recolhião com tal fervor, que mais parecia essa diligencia inventario do que curiosidade. Tambem observei que nos primeiros dias da chegada de Murat a Madrid, esgotárão alguns de seus Officiaes de guerra, e tambem de penna, todos os Diccionarios e Grammaticas Hespanholas e Francezas de nossas lojas de livros. Compravão cartas geograficas, e perguntavão por planos estadisticos, especialmente os Chefes do Estado maior, e de Fazenda. ¡ Que maior amor, nem maior amizade se podia desejar de nossos vizinhos, que não querião deixar canto da nossa casa, nem movel, que não visitassem com indizivel gosto ! Notei que perguntavão pelo estado de nossas fabricas, ou como elles dizião *des tableaux des manufactures*, até homens que não tinhão disposição, nem destino para instruir-se nestes objectos.

Isto he bom, dizião alguns imprudentes Hespanhoes já então: antes muito máo, lhes respondia eu, que não contava entre as obras de bom affecto tanto interesse disfarçado com o vêo de curiosidade. Ninguem devia ignorar que Bonaparte tinha jurado em seus *irrevogaveis Decretos* o exterminio dos ramos reinantes dos Bourbões, e assim começou por Napoles, Parma, Etruria, e seguio por Portugal. Com esta experiencia ¿ como haviamos de esperar que se livrasse deste córte o ramo principal de Hespanha, nem que pensasse fazer hum enxerto com o pimpolho, que sobresahia para o conservar? Mas confesso tambem que cheguei a crer, entre dúvidas e esperanças, que talvez se verificasse, attendendo que só assim se poderia evitar a perda das Americas.

Eu via por outra parte o estranho ardor de hum

Francez para a compilação da nossa gazeta da Corte, offerecendo huma indemnização annual á Real Impressão. Parecia huma especulação mercantil de huns particulares; e não era senão hum plano mui politicamente meditado do Governo Francez, simulado debaixo do projecto de huma tentativa de interesse particular. Mas o empenho do Embaixador Beauharnois, e seus officios a favor dos agentes desta empreza, e da livre introducção nestes Reinos de hum novo periodico, intitulado: *A Abelha Hespanhola*, que se publicava em París, acabou de descobrir os verdadeiros fins do hypocrita Embaixador, o mais fiel executor, ou cooperador das perfidas e malignas idéas de seu augusto amo e concunhado o Imperador, desde o dia, em que entrou como hum farroupilha indecente em Madrid, até áquelle, em que depois de ter acabado de adereçar com grande pompa e apparato oriental sua casa nova, desappareceo como hum facinoroso, que acaba de commetter hum grande crime: com effeito havia concluido já sua ultima commissão.

¿Não erão todos estes actos preludios de que se nos approximava a hora, em que nem a faculdade de fallar, nem a liberdade de escrever nos ficaria, e que só nos deixarião a de pensar para maior pena? Assim se verificou logo que entrou o precursor Murat em Madrid. Dalli a breves dias se apoderou do privilegio de nossa gazeta, e do diario, encommendando-a nas mãos de huns famintos Satellites seus meio militares, meio literatos, que devião embolsar-se do producto, repartindo huma gratificação determinada entre alguns Hespanhoes renegados, que os ajudavão em tão patriotica obra, huns occultamente, e outros á cara descoberta. Já desapparecêrão todos, lançando elles mesmos com a sua fuga da Corte sobre o Exercito Francez a sentença e o castigo de seu delicto. He

lastima que não se fossem em sua companhia alguns centenares mais. Tambem fugio o author da *Abelha*, má vespa o aguilhoe outra vez até París. Este tinha voltado á sua Patria debaixo do escudo, divisa, e salva-guarda dos inimigos della, e era outro dos Emissarios, que nos vinhão prégar a dita que nos esperava, e não conheciamos, e o vôo que tomaria o *genio* Hespanhol protegido do *genio* tutelar da França.

A funesta sorte que eu via cahir sobre as mais Nações desde o anno de 1805, me anticipava o temor sobre a que ameaçava a Hespanha. Até os semblantes dos bofarinheiros Francezes, que corrião estas ruas, e entravão em nossos cafés, apregoavão em sua alegria a esperança de alguma grande fortuna; e certas palavras emfaticas que soltavão, entre lastima e admiração, hum anno, e ainda dous antes de entrarem as tropas Francezas, bem me annunciavão que estavamos destinados para herança delles.

Em desconfiança, cautela e malicia não me tem ganhado o coxo, ex-Bispo, e mal casado Principe de Benevento, no seculo Talleyrand, esse olho direito de Napoleão; nem me tem illudido com suas mysteriosas artes esses astutos oraculos da diplomacia Franceza, esses conselheiros íntimos dos perfidos designios do Raposo Imperial. Este se digna ouvillos, e consultallos de vontade, ou por necessidade; mas a mim, recolhido em meu estudo, e dissimulando o que alli estudava, ¿ quem podia ouvir-me ? ¿ quem perguntar-me, no reinado do intruso Governador universal desta Monarquia ? Ninguem desprendia os labios em sua presença, nem aquelles que devião assistir de officio a seu despacho, e que podião aconselhar-lhe o que convinha á honra e conservação da coroa. Todos os mais não tinhão outro direito senão o de respirar, com muita moderação, o ar das alfaias de suas ante-

salas, ou de suas cavalhariças, nem outra obrigação senão a de applaudir com humilde e reverencial riso os disparates de S. E., e as insolencias de S. A., aos quaes qualificavão de proverbios de Salomão os mais sabios daquelles sevandijas, a quem tinha concedido o privilegio de o ver em pannos menores, ou cuja adulação tinha comprado com empregos, ou com esperanças, que he o que sómente tem ficado a muitos.

Sem embargo, quando já não pude duvidar de que o nosso fatal destino se nos avizinhava, e de que a torpeza e impericia deste Privado ignorante e voluvel hia accelerando nossa ruina, tive a liberdade patriotica de dirigir-lhe os dous papeis, que aqui se introduzirão, para contello na manía de escrever proclamações, nas quaes queria mostrar á presente geração e ás futuras, até onde raiava sua eloquencia popular. Prova dellas, entre outras anteriores, foi a proclamação, a mais ridicula, insensata e antipolitica, que no mez de Outubro de 1806 dirigio em seu nome á Nação, para a inflammar e chamar ao campo de Marte, sem dizer-lhe quem era o inimigo verdadeiro, ou fingido. Saibão v. ms., amigos leitores meus, que o inimigo real era Napoleão, e que hiamos a entrar na ultima collisão do Norte. Mas com a noticia da batalha de Jena teve de arrepender-se: com isto descobrio seus intentos, e ficou mal com todos. Para expiar as intenções daquella tão imprudente e intempestiva proclamação, teve de consentir no cruel sacrificio dos 20$ homens nossos, que enviou ao Norte a serviço de Napoleão, como em refens de nossa lealdade futura: este foi o principio da mortal sangria de nossas forças militares, para tirar-nos o poder de lhe resistir em qualquer invasão. Por isto desde Varsovia instava com tanta actividade, e até com ameaças, na prompta sahida destas tropas.

Já eu tinha previsto, e dito muitas vezes entre meus amigos: este Godoy, segundo indica a carreira de sua conducta, aspira á Regencia, ou á Coroa, e conta com a protecção de Napoleão, depois que este lhe tem dado o máo exemplo para tão altos desejos. O Corso, accrescentava eu, o sustenta em seu ambicioso plano; e depois de o haver deixado precipitar-se n' hum abysmo de attentados, e aniquilar o poder de sua Nação, virá expulsallo a pontapés, chamando-se nosso libertador, que he o mais descarado e tranquillo modo de conquistar. Pergunto eu agora, ¿Se aquelles cégos e fátuos Hespanhoes (e entre elles Militares, Letrados e Theologos) que celebravão, ou referião com complacencia as victorias de Bonaparte no Norte, conhecião que cada huma era huma batalha campal contra a Hespanha? Sem dúvida não o conhecião; e he esta brutal ignorancia que os deve ter confusos e arrependidos; ou o conhecião, e estes merecem que a Patria os conheça agora para os entregar á vingança pública. Desde então observei os successos com o meu óculo de ver ao longe; e vi claramente o que os outros não querião ver, ou não enxergavão. Os Francezes imaginarião que porque estavamos mudos, eramos surdos e cégos?

No meio destes temores e annuncios, que rodeavão meu coração sobresaltado, padecia eu a dôr e raiva de ver annunciados em cartazes e periodicos nossos: *Codigo-Napoleão*, *Vida de Napoleão*, *Catecismo de Napoleão*, traducções em Castelhano, e vendidas ás rebatinhas. ¡Horror e vergonha de nossa Nação! via, e não queria ver, dependuradas nestas tendilhas, e lojas de estampas, manchadas as portas e as paredes com *retratos de Napoleão*, illuminados e por illuminar, de todos os tamanhos; e via alli, com hum palmo de boca aberta, patólas de barrete, de cabelleira, e de

cbroa, que se apinhoavão para contemplar com curiosissima admiração, quando devêra ser com horror, a imagem do heroe, que logo nos enviaria 100$ baionetas, e 20$ traçados, para nos trazer a felicidade que não conheciamos, e que já temos começado a experimentar. E tudo isto ¿era outra cousa senão ir-nos familiarizando com a vista deste tyranno, cobrando-lhe certo amor com a mesma admiração? ¿Não era de algum modo chamallo com estas demonstrações, e acclamallo já em corações simples, ou corrompidos? Gravemente offendêrão a Patria os traductores, os censores, os impressores, os livreiros, gravadores, e compradores. Nessa rua das carretas, por haver sido o theatro principal de taes escandalos, deve fazer-se huma fogueira, onde ardão publicamente tão execraveis monumentos.

Voltando agora á época de meus temores e agouros, de que tenho fallado mais acima, o primeiro papel, que dirigi então ao Generalissimo Godoy, foi este: = » Excellentissimo Senhor, = Se V. E. con» templa util alguma vez meu zelo, e minha pessoa » nas actuaes circunstancias, offereço resignadamente » á sua disposição ambos os auxilios de hum bom Hes» panhol, e fiel vassallo. Tenho Patria, e a amo, » não de boca, como acontece a muitissimos, senão » de coração. E ainda que meus annos não me per» mittem esgrimir a espada, não me cahio ainda a pen» na da mão. Offereço a ElRei e á Patria quanto de» vo, pois offereço tudo quanto posso; e a V. E. » sempre minha profunda veneração e obediencia. » = Deos guarde a importante vida de V. E. muitos » annos. Madrid 8 de Novembro de 1806. »

Consta-me que não lhe desagradou a minha offerta, e o meu bom zelo. Este não socegava com esta passiva approvação, que foi o que pude arrancar á

sua constante indolencia. Aos quatro dias lhe dirigi outro papel, que, já que o não despertasse do lethargo, o instruisse do que poderia fazer ainda comnosco antes de nos ver sacrificados com os demais povos da Europa, e he do theor seguinte: = « Excellentissi-» mo Senhor, = Não satisfeito meu amor á Patria » com a curta offerta, que tenho feito a V. E., e se-» guro de que qualquer pensamento, que arroje o espi-» rito que me anima, não póde desagradar a quem co-» nhece minha boa intenção, me atrevo a expôr á al-» ta comprehensão de V. E. algumas idéas, nascidas » de meus ardentes desejos de voltar os Hespanhoes a » seus antigos affectos e caracter, que vão perdendo » lastimosamente de alguns annos a esta parte, com » mingua daquella reputação, que souberão sustentar » na paz e na guerra seus antepassados, para fazer » respeitavel a sua Nação entre as estranhas e inimi-» gas. — Não he só a força fysica dos corpos, senão » a força moral dos animos, a que constitue a força » de huma Nação: não basta o poder das armas, nem » a destreza em seu manejo, para constituir o vigor » de huma Monarquia, se faltão o espirito, a con-» fiança e o brio nos que tem de a defender; e o ze-» lo e boa vontade nos que tem de contribuir com os » meios da defensa. — A opinião he a rainha dos ho-» mens, e esta a vejo apagada, ou muito fria, em » meus compatriotas, os quaes parece terem-se esque-» cido da nobreza de sua origem, da grandeza de seu » paiz, e da gloria de suas antigas façanhas, desde » que perdêrão seus costumes, seus usos, suas manei-» ras, seu trajo, sua linguagem, e até suas preoccu-» pações, que alguma vez são de grande auxilio para » vencer a seus inimigos, ou ao menos, para não ser » vencido delles. — Os homens necessitão sempre de » hum idolo, ao qual sacrifiquem seu repouso, seus

» bens, e até seu proprio sangue. Em outro tempo a » Religião fazia obrar prodigios: o appellido *Santia-* » *go* ! convocava, e alentava os guerreiros; o nome de » *Hespanhoes* ! inflammava porque desvanecia; e a me- » moria de *Patria* infundia desejos de salvalla, ao no- » bre, ao plebeo, ao Clerigo, e ao Frade. Mas hoje » que com a inundação de livros, estilos e modas Fran- » cezas se tem effeminado aquella severidade Hespa- » nhola, levando por outra vereda seus costumes, com » hum genero de aversão á ordem de vida de seus pais; » hoje que nem se lêm nossas Historias, nem nossas » Comedias, nem nossos Romances e Chácaras, tratan- » do tudo de barbaria e ignorancia; hoje que he mo- » da, gala, e boa criação celebrar tudo o que vem do » outro lado dos Pyrineos, e esquecer-se affectada- » mente de tudo o que cheira a nosso paiz, até des- » prezar o que a natureza nos tem dispensado tão ge- » nerosamente; hoje, digo, não resta outro recurso » para fazer-nos respeitaveis e fortes, senão inspirar » ao povo confiança, e ás gentes de *bom tom* vergo- » nha de sua degradação. — ¿ Que importaria a hum » Rei ter vassallos, se não tivesse Nação? Fórma a es- » ta, não o número de individuos, senão a unidade » das vontades, das leis, dos costumes, e do idioma, » que os encerra, e mantem de geração em geração. » Com esta consideração, em que poucos tem feito re- » flexão, tenho prégado tantas vezes em todos os meus » escritos e conversações contra os que ajudão a enter- » rar nossa lingua com seu trato e seu exemplo, em » quanto fallão, escrevem, e traduzem: meu objecto » era mais politico do que grammatical. — Onde não » ha Nação, não ha Patria; porque a palavra *paiz* não » he mais do que terra, que alimenta pessoas e bestas » a hum mesmo tempo. Bom exemplo são disto a Ita- » lia e a Alemanha nesta occasião. Se os Italianos e

» os Alemães, divididos e repartidos em tantos esta-
» dos de interesses, costumes e governo differentes,
» tivessem formado hum só povo, não terião sido in-
» vadidos, nem desmembrados. São grandes regiões,
» descritas e assinaladas no mappa; mas não são Na-
» ções, ainda que fallem hum mesmo idioma. ¡ O gri-
» to geral, *Alemães*! *Italianos*! não inflamma o es-
» pirito de algum individuo, porque nenhum delles
» pertence a hum todo. — O homem deve reger-se pe-
» los preceitos do Evangelho; mas as Nações pelas
» regras de sua conservação. Não ha proximo entre
» ellas; o odio reciproco as mantem sem temer-se,
» nem invejar-se, e cria a emulação, que he mãi de
» grandes acções. A Nação, que vive enamorada de
» outra, está já meio vencida, deixando pouco que fa-
» zer n' huma invasão á força das armas. Talvez de-
» vem a esta fatal disposição de seus inimigos grande
» parte de seus rapidos triunfos os Exercitos France-
» zes. — Se a opinião está enferma, deverá curar-se
» pelos meios oppostos aos que a puzerão em langui-
» dez. Os Poetas, que até aqui não se dedicão senão
» a cantar amores e victorias em composições heroicas
» e lyricas, poderião exercitar seu talento em canti-
» gas e romances populares, que despertassem idéas
» de honra, valor e patriotismo, referindo proezas de
» esforçados Capitães e Soldados nossos em ambos os
» mundos, já contra Indios, já contra infiéis, contra
» inimigos da Hespanha em Africa, Italia e Flandres,
» pois em abundancia as offerece a Historia. E com
» estes canticos, repetidos em bailes, em praças, fes-
» tas e theatros, se daria saboroso pasto ao povo, e
» se excitaria sua actual indolencia desde que de seus
» olhos, e de seus ouvidos vão desapparecendo as dan-
» ças e canções de nossa antiga invenção. — Poderião
» igualmente contribuir para manter este espirito na-

» cional as corridas de touros, que nas actuaes circuns-
» tancias me alegrára eu que não se achassem aboli-
» das. E como tenho olhado sempre este divertimento
» público, como nascido e creado em Hespanha, só-
» mente exercitado por Hespanhoes, e inimitavel em
» Reinos estranhos; tinha escrito em outro tempo hu-
» ma apologia delle contra os Hespanhoes de *novo cu-*
» *nho*, entes nullos hoje para a Patria: preferindo eu
» esta que chamão fereza Hespanhola, que nos póde
» fazer temiveis, á molleza e ninharia filosofica do
» dia, que nos tem feito despreziveis aos olhos dos
» mesmos que no-la tem inoculado. — Com este mo-
» tivo, e para que veja V. E. o que então pensava eu
» no que dizia, ou para melhor dizer, predizia, to-
» mei a liberdade de incluir os tres Diarios (*), em
» que manifestei a minha opinião ha seis annos, e me
» conservei anonymo, por não ser apedrejado da gente
» que chamão de bom gosto. — Supplico a V. E. dis-
» simule a minha ousadia, e os meus erros, se se po-
» dem chamar taes o desafogo do são e patriotico co-
» ração de quem deseja vivamente a gloria e dita de
» V. E., cuja importante vida rogo a Deos guarde
» por muitos annos. Madrid 12 de Novembro de
» 1806. »

Consta-me que leo tambem este papel, e mui vagarosamente, voltando do passeio; mas sem se ter visto de hum, nem de outro algum fructo desde então. Quiz trasladar aqui estes dous documentos do meu zelo patriotico, e de minha previdencia sobre o estado de enfermidade politica, em que se achava a minha Nação, a qual não podião curar já as exhortações, nem os Sermões de hum idiota causador de sua proxi-

(*) São os Diarios de Madrid dos dias 16, 17 e 18 de Setembro do anno de 1801.

ma calamidade, aborrecida sua pessoa ainda dos mesmos, que lhe devião sua fortuna. ¡ Qual seria a tribulação de meu inquieto animo combatido de tão funestos presagios, quando outros não vião mais terra que a que pizavão, e não lhes tiravão o somno os triunfos de Napoleão! ¡ Oh! ¡ bemaventuradas almas, que tendes dormido descançadamente, até que a trombeta de Murat vos chamou a juizo! Mas eu tive a desgraça de padecer antes de sentir, e de soffrer a morte antes de morrer.

¡ Oh! ¡ incautos Hespanhoes! ainda creio que não tendes temido tudo o que poderieis temer das iniquas idéas de Bonaparte, feito senhor de Hespanha. Previeis estas e outras mudanças, contribuições, conscripções, abolição de vossas leis, ruina de vossa santa Religião, perda das Americas, etc. etc. ¿ Estaveis porém seguros de que não havia de pôr a Hespanha pelo modêlo dos demais paizes, que domina mediata, ou immediatamente? Estaveis seguros de que, tomando em tudo por pauta a sua organizada França, não vos dividiria em departamentos, districtos, prefeituras, etc., tirando o nome e a existencia politica a vossas Provincias, e talvez o mesmo nome de Hespanha, impondo-lhe o de Iberia, ou Hesperia, segundo a mania pedantesca de suas transformações, para que assim nossos netos não se recordassem de que paiz forão seus avós? ¿ E sabeis, se para maior castigo e despeito seu, nos teria preparado outro genero de dôr e affronta? ¡ Se nos restituiria Godoy com toda a sua pompa e fasto!

¡ A' lerta, Hespanhoes! Não espereis humanidade, nem amizade dos Francezes: desconfiai de suas palavras, e detestai suas obras. N' outra occasião tinha eu dito por lhes fazer favor: he necessario ler seus livros, e queimar seus authores, porque seu coração

nunca tem estado acorde com seus labios. He gente revoltosa por genio natural em sua casa, e revolucionaria por politica nas alheias. Não podem socegar em algum estado; travessuras e enredos he seu officio em todos os tempos. Bem o declara e define hum antigo rifão delles, que li em huma collecção, e não me tem esquecido: *Quand le Français dort, le diable le berce*, (quando o Francez dorme, o diabo o embala). ¿ Não he isto dizer-nos que o diabo não quer que desperte, temendo não lhe tire o officio?

Com que emfase filanthrópica apregoavão que com sua entrada na Italia hião abolir o vil commercio dos castrados destinados á musica, como a ultima degradação da especie humana; palavradas de sua pomposa filosofia. Não queria que cantassem sopranos, e tem feito chorar depois os Soberanos daquelle desgraçado paiz. A humanidade de Napoleão necessita de homens inteiros, que lhe gerem escravos para a guerra, que he o theatro de seus divertimentos.

¡ A' lerta, Hespanhoes! repito. Nada acrediteis do que vos annunciem os Francezes, nem quando vos acariciarem, nem quando vos ameaçarem. Tem perdido ao mundo suas maximas e suas fanfarronadas. Ao Imperador de Russia chamavão, quando lhe declarárão guerra, Principe inexperto e miseravel, rodeado de estouvados, e á sua Nação prodigalizavão os epithetos de barbaros e ferozes Scythas, que ameaçavão os Estados da Europa. Acabou-se a guerra, fez-se a alliança, e já Alexandre he hum joven heroe, sua Corte o centro da politica, seu governo illustrado, suas tropas valentes, e sua Nação respeitavel. Como elles escrevem de tudo com magisterio, dizem alguns de seus militares modernos, e o propagão não sem mysterio, que as praças são inuteis, segundo o systema moderno da guerra; mas ao mesmo tempo

elles guardão bem as suas, guarnecem e fortificão as que tomão, ou, mais depressa, as com que os presenteão seus inimigos. Se não servem, ¿ porque se apoderárão de todas as do Rhin, e fronteiras de Hollanda, para formar huma barreira impenetravel, que rodêe os limites da França? Se não servem, ¿ porque o primeiro artigo, que sua iniquidade exigio do traidor Godoy, foi a entrega de Pamplona, Figueiras e Barcelona? ¿ Porque as mantem com tanto vigor? Bem sabem esses embusteiros, que se estas fortalezas não estivessem em seu poder, não terião tido o atrevimento de entrar em Hespanha, nem appareceria muitos mezes ha hum penacho Francez em Catalunha, nem em Navarra? ¿ manter-se-hião nestas duas Provincias, não tendo estes dous pontos de apoio, para suster-se e restabelecer-se?

Já tendes visto com desprezo e enojo a aleivosia das obras de Napoleão, e as venenosas frases da amizade que nos professava, e da prosperidade que nos annunciavão suas proposições, e as exhortações que nos dirigião os que o servião na execução de seus designios depravados.

Perguntai á França desde que seu invicto Imperador a governa ¿ que prosperidade lhe tem adquirido? ¿ que socego e commodidades desfrutão as familias? ¿ que esplendor as artes? ¿ que progressos as Sciencias? ¿ que augmentos a população? ¿ que actividade as fabricas? ¿ que riqueza o commercio? ¿ que grandeza sua navegação? ¿ que fructos sua doutrina moral e religiosa? ¿ que liberdade os engenhos? E vos responderá que tudo está aniquilado; que aquelle florecente Reino se converteo em quartel de Soldados; e que em suas antes formosas Cidades não reina senão o rigor de hum despotismo civil e militar. Os restos da população, que ficou depois da primeira guerra,

chorão ainda o sangue de mais de hum milhão de victimas: e os pimpolhos, que nascêrão das cinzas da grande devastação que fez a facha da revolução, crescêrão, e vão crescendo para serem arrancados e transplantados no campo sanguinolento e horroroso da morte. Considerai pois Hespanhoes, ¡ que fortuna vos esperava, vós, que ereis o objecto da cobiça e ambição dessa féra atroz, se desta sorte tem posto os seus, que elle chama seus filhos, em cujo bem se desvela, como elle o diz, ha oito annos, sacrificando os a seus loucos triunfos! Com effeito elles são os que pelejão, e elle só o que triunfa, e sua inerte parentella a que goza.

Por outra parte ¿ podereis duvidar da moderação do supremo arbitro de vossa sorte? Vos deixo: não quero reinar em vossas Provincias, vos deixarei vossa Religião, e vos conservarei vossa independencia, e a integridade da Monarquia. ¿ Podia ser mais insolente hum vencedor, concedendo aos rendidos estes pactos por capitulação, ou por clemencia? Conforme isto, ¿ elle podia prohibir-nos o exercicio de nossa Religião, entregar-nos, ou vender-nos a outro tyranno, como costuma, e fazer retalhos da Hespanha?

Huma das causas, que allegava para vir reformar-nos, foi que nossa Monarquia era *velha*, isto he, que não estava á moda Franceza; ¡ que insultante gracejo! Vinha reparar nosso Erario dilapidado e exhausto; e para alliviallo, nos enviava a leve carga de 120$ homens armados, sobre as fracas costellas da pobre *velha*. Via, como elle disse, nossos males, e queria remediallos, depois de os haver causado, e sido cumplice das maldades do ladrão domestico. — Queria dar á Hespanha o esplendor, gloria e poder, que teve em outro tempo. ¿ Que seria da França, e de seu vão Imperador, se recobrassemos as antigas forças?

Compadecia-se de nossa debilidade, pois não podia ver esta decadencia de hum vizinho por seu máo governo. Embusteiro sem vergonha: esta dissipação, este debil governo he o que te tem dado as forças e a ousadia para vir insultar-nos. He cousa para rir; será a unica vez que se contará na Historia, que huma Potencia se desvele em contribuir para o augmento de forças e de prosperidade da vizinha, quando todos os governos, para sua propria conservação, ou preponderancia, se aproveitão da debilidade hum do outro, ou a procurão, como o tem feito a França Republicana, e depois a Monarquica comnosco.

Não quiz tirar, nos diz, o governo a Godoy, a quem chama *homem sem talento nem costumes*, por não dar hum desgosto a seu amigo e alliado Carlos; e logo lhe dá o maior pezar com o maior insulto e aleivosia, arrancando a este amigo a Coroa e a liberdade, e a seu primogenito e legitimo successor o sempre amado FERNANDO VII.; e ao mesmo tempo patrocina e ampara o malvado, a quem antes tinha qualificado de inepto e immoral?

E como nossas leis são velhas, vinha dar-nos outras novas: esta he a ultima tyrannia e humilhação, que podem soffrer os povos vencidos do conquistador. Pois ¡ qual será a soberba e vaidade de Napoleão, que se faz nosso legislador antes de nos conquistar! Diga-o a nova *Constituição Hespanhola*, com que nos presenteou sua sabedoria e beneficencia, monumento escandaloso de nossa futura escravidão. Queria que beijassemos, sem levantar os olhos, nem as sobrancelhas, hum miseravel folheto de 34 folhas em 12.°: que em tão succinto espaço estava escrito o destino eterno das Hespanhas, como se se tratasse de enviar hum regulamento provisional para huma nova colonia de negros n'huma ilhota deserta, ou de imprimir o ca-

derninho das obrigações de Cabos e Sargentos. Na pequenhez do volume está o maior desprezo; e na brevidade estudada de seus artigos a maior injúria com a maior malicia. Grande paciencia he a nossa, se não he maior a indolencia. De tantos Juristas, Literatos, Estadistas, e outras pessoas doutas e patrioticas, ¿ como atégora não tem sahido alguma penna, que esmiuce, desfaça e *polverize* este codigo de enganos, de insidias, perfidias e desvarios? O peior não está no que alli se diz, senão no que se não diz. Pequeno he o volume na theorica; mas ¡ quão grande e pezado sería o de sua prática!

Se nós resistimos ás violencias deste invasor injusto, por não querer ser seus escravos, nos chamão rebeldes; e se não resistimos, nos tratão como taes, nos desarmão, nos ameação, nos roubão, ou carregão de contribuições. O primeiro tiro, que sahe de hum povo, he expiado com degolações ou incendios. Tamerlan não decretava a morte aos povos, que sitiava até ao terceiro dia. No primeiro arvorava bandeira branca, no segundo encarnada, e no terceiro negra. A ninguem enganava; a intimação era tão clara como concisa.

Bonaparte atégora não tem combatido senão com Exercitos, e não com Nações: o respeito que estas merecem, quando pelejão pela sua casa, e dentro de sua casa, não entra nas maximas da politica particular, que elle tem formado para si. ¿ Quem lhe tem dito que não goza dos direitos da guerra o que defende sua Patria, e seus lares com suas mãos, ou com suas armas? Para resistir aos que vem roubar-lhe seus bens, e sua liberdade, todo o paizano he Soldado: a falta de uniforme não lhe tira esta qualidade, he Soldado nato.

¡ Se pensaria Napoleão, que penetrar pela Hes-

panha era atravessar a Suabia, a Saxonia e Westfalia, cujos paizanos se deixão dormir andando! Aquellas boas gentes, que não usão das mãos senão para se deixar desposar, estão acostumadas a passar em cada guerra do jugo de hum Soberano a outro, sem poder conservar amor a algum. E além destas causas politicas, já de desmembrações, já de incorporações e transmutação de vassallagens, sem poder chamar Patria á terra, que se perdia por huma parte, nem á que se ganhava, ou permutava pela outra, em qualquer estado ou mudança o povo era servo de costume e de nascimento.

Aos povos protestantes, além de todas as expressadas causas de sua tranquillidade e desamparo, a irrupção dos Exercitos Francezes, e ainda a conquista, devia ser menos odiosa e temivel. Alli não ha Igrejas que roubar, imagens sagradas que despedaçar, Santuarios que profanar, esposas de Christo que violar, etc. Tudo he pobreza e simplicidade, sejão Lutheranos, Calvinistas, ou filiações destas Seitas, onde vivem como irmãos. E como Napoleão não lhes havia de introduzir o Catholicismo, que os poderia alvoroçar, nem outro culto que os pudesse desunir, lhes era indifferente a invasão de hum conquistador, que não professa alguma religião, e que as tolera todas.

¿ Pensava porém o grande politico e sagaz Napoleão conseguir o mesmo recebimento dos Hespanhoes, que ha dous mil annos conservão este nome; que compõem huma só Nação independente e livre, e que professão a Fé Catholica desde os tempos Apostolicos? A' voz de *Patria*, de *liberdade* e de *Religião* ¿ como não se havião de inflammar os corações, e de levantar as mãos de doze milhões de almas, que se honrão com estes amados titulos?

Deviamos temer que o plano de despotismo, que

vai estendendo o astuto Bonaparte pela Europa, depois de havello provado bem em França, veria plantallo na Hespanha. A isto chama elle regenerar, isto he, civilizar á sua maneira as Nações, até que percão seu antigo caracter, e a memoria de sua liberdade. Igualar, uniformar, simplificar, organizar tudo, são palavras mui lisonjeiras para os theoricos, e ainda mais para os tyrannos. Quando tudo está raso e solido, e todas as partes se confundem n' huma massa homogenea, he mais expedito o governo, porque he mais expedita a obediencia. Entre hum centenar de bolas, todas de hum mesmo pezo e materia, collocadas sobre hum plano em fórma de círculo sólido, dando hum leve impulso á do centro, todas se movem a hum tempo, até as da circunferencia. ¡ Quão descançadamente governa então o Déspota! Só com menear hum dedo se move toda a máquina por grande que seja; e só com abrir a boca, ou arquear as sobrancelhas, como o Jupiter de Homero, estremece a terra, e tremem os filhos dos homens.

Este Déspota he Napoleão, e as bolas do circulo são os Francezes. Na França *organizada*, que quer dizer agrilhoada, não ha mais que huma lei, hum pastor, e hum rebanho, destinado por constituição para o matadouro. Por isso não encontra este pastor contradicção a seus caprichos, nem obstaculos a seus desejos: sua vontade he a lei suprema, á qual servem todas as outras. Conta com a mais céga obediencia de mais de 40 milhões de cabeças, que a seus olhos não fórmão mais que huma só: fortuna que desejou tanto, e não póde conseguir, o Imperador Calígula, para degolar de hum só golpe a todo o povo Romano.

O afortunado Bonaparte, quando usurpou a soberania Consular, e depois a Imperial, já encontrou

tudo feito. Nasceo gigante, e usou logo de suas forças. Não havia já na França Clero, nem Nobreza, nem Parlamentos, nem Provincias: mantinha ainda dentro e fóra 400$ Soldados aguerridos, e 50 Generaes de esforço e talento de que lançar mão. Abolio todos os monumentos commemorativos de republica; mas conservou tudo o que accommodava aos seus fins, como o nosso Tratado de alliança, que não devia ter subsistido logo que se mudou o governo e constituição Franceza. Mas ¿ quem havia de resistir, nem onde se havia de reclamar contra esta injustiça e violencia, sendo o potentissimo Napoleão parte, juiz, e verdugo neste processo?

Em França, pois, não ha Provincias, nem Nações; não ha Provença, nem Provençaes; Normandia, nem Normandos: riscárão-se do mappa seus territorios, e até seus nomes. Como ovelhas, que não tem nome individual, senão o ferrete commum do dono, lhes tem assinalados huns terrenos demarcados, já com ribeiras, já com rios, já por serras, com o nome de departamentos, como se dissessemos *devesas*, e estes divididos em districtos, como se dissessemos *malhadas*. Alli não ha Patria assinalada para os Francezes, porque nem tem nome a terra que os vio nascer, nem a do pai que os gerou, nem a da mãi que os deo á luz: os montes e os rios lhes dão a denominação como ás plantas e frutos da terra. Nascem e se crião no campo, e morrem no campo de batalha. Todos se chamão Francezes, promiscuamente, como quem diz carneiros, debaixo do cajado do grão-maioral Imperial. Assim está assegurado seu throno, sem temor de sublevações, nem descontentamentos de Provincias, que, competindo em emulação, poderião empregalla algum dia, em qual começaria a levantar a bandeira da impaciencia de tão pe-

zado jugo. Esta unidade e indivisibilidade, que conveio então ao mando despotico do Directorio, tem convindo depois ao mais despotico de Bonaparte. Isto se chama simplificar, systemizar o governo, e regenerar huma Nação, até fazer degenerar os homens de seu primeiro destino, cortando-lhes todos os vinculos dos affectos naturaes e sociaes: alli se vê destinado, antes de sahir á luz, o fruto do ventre das mãis para assassinos de seus semelhantes.

Não quiz espantar-nos o tyranno, quando fallou de regenerar-nos, com que entrava em seu plano a violencia de tão terrivel transformação. Já nos disse acolá, não sei qual dos dous irmãos, em seus paternaes conselhos, que lhe interpretárão e amplificárão em Castelhano muito rasteiro nossos oradores de Bayona, o grande desejo de que não padeça a Nação os desastres, a que a exporião as *convulsões* das Provincias. Saibão pois S. M. I. e R., e a R. de seu caro irmão, e saibão os eloquentes expositores de seus adoraveis decretos e pacificos *sentimentos*, que as convulsões de nossas Provincias (Deos lhes conserve este ardor) lhes tem dado a salvação, e tem salvado a Nação inteira. Este corpo amortecido e desesperado não podia menear-se da cóva, em que o traidor da Patria o tinha lançado, sem que primeiro se electrizasse algum de seus membros, e justamente começou pelas extremidades. Cada Provincia se espreguiçou, e se sacudio a seu modo. ¿Que seria já dos Hespanhoes, se não tivera havido Aragonezes, Valencianos, Murcianos, Andaluzes, Asturianos, Gallegos, Extemenhos, Catalães, Castelhanos, etc.? Cada hum destes nomes inflamma e desvanece, e destas pequenas Nações se compõe a massa da grande Nação, que não conhecia nosso sabio conquistador, sem

embargo de ter sobre o bufete aberto o mappa de Hespanha a todas as horas.

Não percais da memoria, amados compatriotas meus, que o Francez he animal indefinivel: prega virtude, e não a tem; humanidade, e não a conhece; quer a paz, e busca a guerra; destroe com huma mão o que edifica com a outra. Elles forão os authores e prégadores das Cruzadas á Terra Santa, e os primeiros que as ridiculizárão em seus escritos. Forão fundadores da Ordem dos Templarios, e os primeiros que a abolírão de hum modo deshumano. Fundárão tambem a de S. João, extincta e perseguida em França pela revolução; até que da Ilha de Malta lançou fóra Bonaparte os Cavalleiros, para cahir depois em poder dos Inglezes. Entre elles se fundou a Ordem dos Cartuxos, para castigo de seu buliço e loquacidade; e como em tudo são extremados, inventárão a da Trapa, em castigo de sua glotonaria. Dizem que forão os primeiros Christãos, e tambem os primeiros que tem mofado deste santo nome. Em hum Concilio de Clermont se instituio a Commemoração dos Defuntos; e agora não rogão nem por vivos, nem por mortos. Elles assegurárão a Cadeira Pontificia em Roma, e defendêrão o patrimonio de S. Pedro; e agora zombão do Papa e de S. Pedro, e o despojão de seus bens depois de mil annos de posse. O Francez tem a vivacidade e docilidade do cavallo, que com a mesma alegria e paciencia se deixa montar de Trajano, que de Napoleão.

Oh! ditosos os moradores das Ilhas, que, cercados de mar, não participais dos sobresaltos e estragos do Continente! ¡Oh! Vesperas Sicilianas tão famosas na Historia, quando poderemos acompanhar-vos com Completas, para que os Anjos cantem Laudes no Ceo! Tambem vos tinha decretado a escravidão.

Não lhe bastando a terra, quer dominar a agua, e arrancar ao Inglez o sceptro dos mares, ao tempo que estende mais seu dominio com os vãos esforços, que tem feito até aqui, chamando-lhe *inimigo commum*, para excitar a indignação commum de todos os povos, como se o amor, ou o odio se mandasse com decretos imperiaes. ¡ Que seria do mundo todo, se a Inglaterra não lhe tivesse atalhado os passos, e cortado as azas neste elemento! ¿ Que invasões de conquistadores? Que desembarques de sanguinarios piratas de pólo a pólo. Este furioso, e mal aconselhado heroe, pretendendo abater o poder da Inglaterra, tem dado cabo da Marinha de todas as Potencias, e da sua propria.

¡ A' lerta, leaes e bravos compatriotas meus! Sentinellas sois vós todos contra os Francezes, e contra aquelles Hespanhoes, se os ha, que os temem, ou não os aborrecem, porque estes os ajudarião á manhã, se pudessem. ¿ Não tendes visto com assombro e escandalo, como os tem servido alguns, que a troco de alcançar empregos, vendo a Patria escrava e afflicta, sollicitavão, ou esperavão ser sobreestantes de nossos inimigos para exercer algum mando sobre os escravos patricios seus? Esta perversidade sómente se tem visto nas Regencias berberescas, onde os que mandão e apaleão os cativos Christãos, e os prendem ao remo, e lhes cortão os braços, se não remão, são os renegados, aquelles que, por terem alguma authoridade sobre os seus desgraçados companheiros, se despojão da Religião de seus pais, do amor á sua Patria, e de todo o sentimento de vergonha e humanidade.

¡ A' lerta Hespanhoes! deixai que esses loucos Transpyrenaicos vos chamem barbaros, com tanto que vos reconheção temiveis e inconquistaveis. Queixavão-se de nossos caminhos, e de nossas moradas: oxalá que não tivessem sido tão cómmodos para rece-

bellos em nenhum tempo, nem em paz nem em guerra, nem para que tantos mancebos nossos tivessem podido passar nossa fronteira! Moradas da Arabia, e caminhos de cabras, lhes deviamos nós ter preparado; e em vez de estradas espaçosas, barrancos e penhascos atravessados, para que não pudessem correr pela posta, nem rodar sua artilharia. A civilização ás vezes mata as Nações. Desde que o Duque de Saboia abrio hum magnifico caminho, rompendo enormes penhas, deixou de ser o porteiro de Italia.

Hespanhoes illustres, Provincias que vos honrais com este timbre glorioso, e que juntas formais a Potencia Hespanhola, e que reduzindo vossas vontades a huma só, fareis para sempre invencivel a força nacional: união, fraternidade e constancia. Cada movimento que vos desviar destes tres pontos, he huma brécha que abris ao assalto de nosso inimigo: elle não espera maior victoria, e esta não a póde alcançar com suas armas, e só com as nossas proprias mãos. O astuto e insidioso Napoleão não dorme; e assim desvelai-vos em alimpar o sagrado territorio Hespanhol de desleaes, hypocritas, e desaffectos á causa commum. Nosso Soberano está prezo na infiel França, mas a soberania está livre em Hespanha. Seu Real Palacio vos espera e aguarda que chegueis, Deputados da união e authoridade suprema, para abrir as portas, que o luto nacional tem cerradas.

F I M.

Na pag. 45 linha 24 em lugar de *collisão*, lea-se colligação.

N.º 20

SENTINELLA

CONTRA

FRANCEZES.

SEGUNDA PARTE.

POR D. ANTONIO DE CAPMANY.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1809.

Com Licença.

SENTINELLA

CONTRA

FRANCEZES.

SEGUNDA PARTE.

POR D. ANTONIO DE CAMILLO.

LISBOA.

SENTINELLA CONTRA FRANCEZES.

SEGUNDA PARTE.

Por D. Antonio de Capmany.

TOrno a pegar da penna, amados Leitores, mais de agradecido, que de confiado. Eu bem conheço que não tinha dito tudo o que podia, nem tudo o que exigia a importancia do assumpto, nem com toda a vehemencia de que era capaz a minha indignação; não quiz extender-me a mais paginas temendo me julgasses por pezado, e presumido, pois não ignoro que nesta fome geral de devorar papeis terieis de estimar as rapidas pincelladas de huma mão livre, mais que quadros completos. Assim o executei não sei se com felicidade, persuadido de que satisfazia o que devo á Patria, e á reputação que até aqui me tem deixado gozar pacificamente o favor das gentes. Porém a presteza com que se tem despachado a primeira impressão, e a ancia com que se busca a segunda, me tem alentado a vestir de novas côres, e realces a materia que he de si inexgotavel. O bom acolhimento que a Sentinella vos tem merecido me obriga a conresponder-vos com huma segunda parte, manifestando-vos o meu agradecimento com esta nova demonstração, que se abriga em meu

peito. Esta a sinto inextinguivel até a minha morte, porque he a que me sustenta a vida, e conheço ma augmenta, e alarga. Meu escripto, sem eu o esperar, se tem feito célebre: isto he huma fortuna, que nem sempre costuma acompanhar o merecimento. Praza aos Ceos produza o fruto a que me propuz, exaltando animos sãos e generosos, e inflammando o dos tíbios, e cobardes!

Busco e não acho qual seja a causa de tão geral acceitação; se he meu nome, eu me envergonho; se minha ousadia, me honro com ella; se meu estillo, já mais tive outro; se as verdades que inculco, estas tem o seu pezo em si mesmo; se a liberdade que annuncio, esta sempre a tenho amado, sem podella pregoar com a lingua, permanecendo sempre em meus labios até esta época ditosa. O publico saberá melhor, que eu, onde está o ponto.

Eu só posso dizer-lhe, que quando escrevo cousas tão peregrinas, e terriveis, não me lembro de mim: a imaginação anda como a roda em hum moinho, o coração quer sahir-se a publico a prégar, sem pedir-me licença, e não sei onde está meu corpo. E assim rogo ao público, que se saboree com meu papel, pois lhe não tem desagradado, e que o reserve como prato novo, que se servirá em a sagrada meza da patria no dia do grande banquete da liberdade nacional. Rogo-lhe tambem que se não lembre de mim, se não para mandar-me no serviço do bem commum: lede o livro, e não bosqueis o author; não sou eu o que falla, se não hum espirito que não tem nome, mas que tem patria. Nesta segunda parte, como na primeira, fugi de prolixas narrações de successos, que todo o mundo sabe, e que entre todos os papeis impressos destes ultimos tempos se tem repetido. Tratei de mover ao leitor antes de persuadillo: assim fujo de lugares communs, de sentenças subtis, e de pontos de controversia politica. Não formo opinião para ga-

nhar a do povo; fundo-me sim na razão, que não he de ninguem, e toca a todos.„ Quem quizer apartar o vulgo de suas opiniões, diz D. Diogo de Saavedra, perderá o tempo, e o trabalho. Nenhum meio melhor que fazer-lhe dar de olhos em seus erros, e que os toque„ O mesmo pertendo eu fazer com o commum dos Leitores: quero que palpem com suas proprias mãos os males, e os perigos. Destes ha alguns, que se não conhecem, e são os mais irreparaveis, porque chegão primeiro que o remedio.

Deixo aos Discursistas politicos do tempo o empenho de desertar sobre bases, principios, elementos, e direitos da authoridade, que nos hade reger, e salvar. O que nos háde salvar he a unidade, a união, e a communhão dos fieis Hespanhoes: hum poder conhecido, e reconhecido. Legal he tudo aquillo, que a extrema necessidade nos obriga a abraçar; e legitimo tudo aquillo, que a vontade geral deseja, aprova, e consolida sem intervenção de mãos estrangeiras. Deixemos aos ociosos e namorados de sua sciencia, ou de suas especulações sociaes que se apurem em organizar o melhor governo em sua imaginação, e em silencio. Tratemos todos agora de qual será a melhor Guerra, que he nossa primeira obrigação, e o maior perigo, que nos dá prazos ao discurso, pois vem pela posta. Este he o negocio supremo, em que devem occupar-se nossas cabeças, e nossas mãos.

Eu me refiro segunda vêz ao nosso Saavedra, para o presente caso, por não sahir de Hespanha, aonde escrevo: „ O dizer verdades, mais para descubrir o máo governo, que para que se emende, he huma liberdade, que parece divertimento, e he murmuração; parece zelo, e he malicia. „ Eu não penso tão sinistramente de todos os escriptos anonymos, que tem sahido a publico. Em todos respira patriotismo, e em alguns desacompanhado de prudencia. Em todos se descobre grande amor á liberdade, mas sem que possa-

mos distinguir qual he o significado, que applicão a esta voz o mesmo que á da independencia. São palavras favoritas de todos; porém espantão-me nesta occasião. Quero conceder a todos a melhor intenção, assim como o melhor nome. E voltando as costas á Corte, e aos Cortezãos, tendo em vista outras terras, onde a singeleza, e pureza de sentimentos naturaes obrou o primeiro prodigio de nossa defeza, e continúa, sem discursos, nem theorias, trabalhando para a redempção da Hespanha. O' illustres, e valerosas Provincias! nem os livros, nem os Politicos, nem os Philosophos vos ensinárão a vareda da gloria. O vosso coração vos arrancou do arado, e das searas para o campo de Marte, e vos disse: Sangue generoso, sangue Hespanhol; para que o conservo em vossas vêas senão para derramallo em defeza da Patria, que vos deo o sêr, e juntamente o valor. Vós-outros, pacificos Cidadãos, que dormieis em o profundo somno da escravidão, em que vos tinha adormecidos ha annos o terror do tyranno, levantastes o grito da Guerra sem precisão de caixas, nem de clarins, e vos armastes antes de ter armas. O ferro primeiro esteve em vossos peitos, que em vossas mãos. Já temos visto depois que o vosso coração se acha casado com vossa espada, e que he casamento de amor, e não de interesses vis: seja para sempre indissoluvel.

Vós tendes feito ver ao mundo que o Povo he a Nação, pois de sua massa sahe tudo. O Sacerdote, o Magistrado, o Guerreiro, e até a Sabedoria. A elle não o podem enganar, nem desalentar a perfidia, nem a corbardia dos traidores publicos, quando vê com seus proprios olhos o perigo, e a traição, e se sente com animo, e forças para arrostallos.

Eu me inclino a crêr, e sirva-me agora de lisonja, e de consolação, que não contribuio pouco para avivar a luz natural em a mente do povo o dilatado jugo, que tinha soffrido. Os escandalos, e monstruosidades,

que chegavão aos ouvidos de huns, e aos olhos de outros para maior tormento, os acostumárão a raciocinar, sem necessidade dos estudos de Condillac, de puro exercitado na murmuração, que he o pasto ordinario nos máos governos. Reprimieis vossos suspiros ao passo que crescião vossos aggravos; porque crescia ao mesmo compasso o temor do poder iracundo. Em fim, o enojo despregado em Aranguez contra Godoy vos entre-abrio huma porta á esperança; e o funesto dia dois de Maio, memoravel em os fastos de Madrid, e em os annaes de nossa Nação, vo-la abrio de pár em pár á vingança, que não pôde desafogar seu vecindario contra sessenta mil faccinorosos armados, que o tinhão sitiado. Desde então jurastes, e o haveis cumprido, o eterno voto de vingar as atrozes mortes, que padecêrão nas boccas das espingardas francezas vossos indefensos Irmãos, a quem a fortuna lhes não concedeo a dita de morrerem pelejando: ultima satisfação naquelle ultimo, e desesperado trance. Perecestes, desventurados Habitantes de Madrid, ás mãos de vossos inimigos, atados como cordeiros, com o desconsolo de não entenderem vossas queixas, e clamores os mesmos que os condemnavão, nem os que vos havião de tirar as vidas; nem vós as fataes, e breves palavras de vossa sentença pela ignorancia do idioma: terrivel, e nunca experimentada afflicção! Era tal a precipitação do juiz, e a do verdugo, que algumas vezes chegárão a vossos ouvidos, a condemnação, e os tiros ao mesmo tempo, sem que vos permittisse a furia, e a inhumanidade daquelles impios a consolação de morrer como Catholicos; mas que importa, se morrestes martyres! Daveis vozes como christãos, e os incredulos filhos de Napoleão as não escutavão; mas o Ceo vo-las ouvia. A obscuridade da noite augmentava a vossa afflicção, e desamparo, para que não tivesses a consolação de volver os olhos a vossas habitações, regadas com as lagrimas de vossas esposas,

Pais, Irmãos, e Amigos no momento mesmo em que hieis a regar com vosso sangue o Prado, que alegres terieis passeado o dia antecedente; mas os Anjos vos vião, e pedião a seu Senhor, e ao vosso o desaggravo da innocencia sacrificada. E o Senhor disse: Eu vos vingarei, e tem cumprido sua palavra.

Para conseguir a verdadeira independencia de nossa Nação por todos os seculos dos seculos, he preciso principiar pela reforma de nossos costumes, não só como christãos, mas tambem como Politicos. Emendemo-nos primeiro a nós, antes de querer emendar o governo. Temos Leis para fazer-nos melhores; e as que nos faltarem para não temer a tyrannia, e a invasão, se hão de achar na sabedoria, e previsão daquelles que a Nação eleger para conservar seu poder, sua gloria, e sua perpétua segurança. Corrijamos nossos costumes tornando a ser Hespanhoes de cunho, e de calças atacadas, para que não possão vir os Francezes açoutar-nos como a meninos da escóla. Mudemos a pele velha, que em certa gente assás illustrada cheira a Francez; mas isto ha de ser obra de nossas mãos. Tratemos de fazer tudo o contrario do que faziamos, despindo-nos com huma santa córagem de todos os habitos, que nos tinha introduzido o pestifero exemplo dos que erão, e tem sido sempre nossos inimigos. Principiemos esta patriotica empreza, purificando primeiro nossos labios, e depois nosso coração: vou a explicar meu conceito. Se tarda mais tempo em vir a nossa redempção, graças á aggressão de nossos perfidos alliados, não só se acabava de estragar a lingua Hespanhola; mas se teria acabado inteiramente com o reforço de gabachos, que vinhão assentar seus reaes em nossa casa, como na sua mesma; pois que não só se tinha alterado a indole, e frase, mas tambem o vocabulario Castelhano, com a pestilencia de tanto traductor jornaleiro, e da adulterina parólla de tantos mancebos, que vinhão da romaria de

París transformados em arlequins. Não obstante ainda vivia a pobre velha, a pezar do contínuo garrote, que ha annos lhe dava a cultissima juventude de ambos os sexos. Napoleão, que tudo queria renovar, não se lembrou em seu plano da regeneração, senão da velhice da nossa Monarquia, e não da Lingua, que não he menos velha.

Não se experimentava a dissonante, e affectada estrangeira sómente na falla, mas tambem em o tom, em a acção, nas maneiras, e em todos os accidentes do trato civil. Não vimos nós, poucos annos ha, convertidos em monos dos Francezes, rapar-se de repente nossa juventude, como os donatos dos Conventos por não terem nem hum pello de Hespanhol? Ao menos naquelles tempos, que nossos Avós se tosquiavão, havia homens de bigode: e nestes ultimos? homenszinhos, que nem parecião homens, nem mulheres. Tudo já se tinha trocado: a elles apenas lhe tinha ficado cara, e ellas andavão descaradas; e tomem-nos em hum, e outro dos dois sentidos. Até a mantilha se tinha perdido, pois já não era touca, nem véo, havendo sido em seus principios manto, que só ficou para imagens. Já não havia sáia, nem roupinha, senão sotána de clerigo emigrado: novo artigo, e nova ganancia para os mesmos modestos Francezes, que até o genero trazião da sua terra, a seda, o fio, e a propria agulha com que cozião. Estas costureiras contrabandistas, pois comião por duas fórmas, hião extendendo á rua sua jurisdicção, que antes não passava dos estrados. Anteriormente nossas mulheres lhe tinhão sómente entregado as cabeças a seu capricho, e depois se entregárão todas desde a cabeça até aos pés. Dentro de pouco tempo lhe tirarião os çapatos. Das senhoritas de bom humor não digamos quão mudadas estavão: porque já não fallavão nem suspiravão, nem namoravão como suas mãis. Parecião ellas, como seus obsequiadores, trazidas á Hespanha, e não nascidas em seu terreno;

e para persuadillo ao público tinhão nisto posto tanto esmêro, que até tinhão perdido o andar Nacional, aquelle passo firme, e airoso, por imitar o dos Francezes, que parece vão pizando tripas.

Se volvemos a consideração a cousas mais sérias, veremos maiores transtornos em as idéas moraes com maior dôr, e com maior escandalo. Os esposos se chamavão amigos, ainda que o não fossem, por não darem os nomes proprios de marido, e de mulher, que cheira a gente ordinaria, e não são da recente cultura do bom tom. Os pais, e os filhos se chamavão tambem amigos, e se tratavão como taes: e o mais fino da urbanidade, e Filosofia sentimental era deixarem-se aquelles enganar por escrito, e de palavra por meninos de dez, e de quinze annos pouco mais, ou menos. A este passo a palavra cortezã amizade hia usurpando os direitos, e rompendo os sagrados, e antigos vinculos do amor conjugal, do amor paternal, e do respeito filial.

Tão pouco havia já meninos, ou meninas, moços, ou moças; pois se lhes havia de chamar jóvenes á franceza, ainda que acabassem de sahir da casca. Ao pai se lhe havia de chamar papá, e mãi mamá; ainda que os filhinhos podessem já ser pais, por ser huma das regras da delicada criança, que articulassem como mamões, e innocentes, muitos que não terião papas na lingua. Não ha muitos dias que em huma rua me encontrou certo jóven, que passava dos vinte, educado, á perfeição, que me disse: papá me incumbio de fazer a V. M. huma visita; e eu como admirado, lhe disse: que! he morto seu pai de V. M. creio que me entendeo, ainda que se fez desentendido. Não quizera fallar aqui das gesticulações, e cortezias como á tartaruga, mettendo, e tirando a cabeça por entre os hombros em que se tinhão exercitado nossos moços pullidos e outros, que sem o serem, os querião imitar. Erão tão esmerados alguns nos movi-

mentos de cabeça para saudar, já abaixando, já levantando os olhos, que me parece via as cabeças dos gatos de gesso, que vendem os grisões. Já senão saudavão com a mão, senão com os dedos. Que economia de tempo, e de trabalho, se fosse para empregar melhor o que subrava! Se se saudarião assim os Lacemonios, que erão escassos de tudo, até de palavras? Nesta moda marcial ninguem tem perdido mais que as Senhoras mulheres, que esquecidas do seu sexo, e do respeito, que se lhes guardava em outro tempo, se tem deixado tratar como varões as matronas, e as donzellas. Nada terão ganhado seus costumes com esta familiaridade philosophica, ou antes conforme aos Quakeros.

Fallo destes desvarios como de peccados passados: chamo-lhe peccados, porque tambem peccão contra á patria os que se esquecem della. Eu olho tudo como cousas, que existírão, mas já não existem, pois não posso resolver-me a crêr que continuem: quero contemplar os dous sexos emendados, e arrependidos. Vesti ao revéz dos Francezes, de qualquer modo que vos parecer contrario, ainda que seja á moira, á turca, ou á persiana.

Ditosos vós, Hespanhoés do campo, e das aldêas, aonde não havia entrado similhante corrupção, nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, pois que não tendes degenerado do caracter, traje, e linguagem de vossos Avós, e do amor herdado á terra, que vos vio nascer, e vos verá morrer! Agora o tendes manifestado com vosso valor, e desprezo da vida, arrojando da vossa vista os ladrões de vossos bens, honras, e familias. Ditosos tambem os Monges, e os Frades, que observantes fieis da sua regra, gastão sempre a mesma roupa, o mesmo traje, a mesma côr, e o mesmo córte, sem temer os estragos da inconstante, e custosa moda; que aos do seculo nos despe, quando nos veste! Ditosos, em fim, os musulmanos, que obrigais aos

inconstantes Francezes a que regulem as côres, a qualidade, o tiro dos tecidos, que vos envião de suas fabricas, ao vosso inalteravel uso, e systema de vestir! Só vós lhes tendes atado as mãos ás suas invenções.

Deixo de ponderar aqui os damnos, que tem feito, não só á nossa lingua, e modo de pensar, como tambem aos costumes, ás malditas novelas Francezas, já traduzidas, já originaes, que corrompem os Corações, com capa de fortalecellos em perigosas lutas, e queimão por onde passão, sem ver-se huma unica sentelha. Entre as personagens sempre sahe hum Marquez, hum Conde, huma Condeça, hum Barão, huma pupilla, hum tutor, hum tio, que vai, ou vem dos banhos. Em todas as partes ha fogareiros, sofá, piano forte, ainda que seja em huma aldêa, ou na casa de hum vaqueiro. O almoço he chá, ou caffé com leite: ás scenas sempre são em huma quinta de recreio, e sempre ha jardins, fontes ou salgueiros, chorões, aonde vão chorar os meninos suas penas. Os amantes vão, e vem em sejes de posta, e as amadas tambem, pois nunca lhes falta huma Tia, ou a filha da ama que as acompanha. Sempre apparece hum Coronel, ou Capitão, ou hum figurão, que namora, seduz, ou lança a mão ao sable, ou á pistola. Taes farças nunca temos tido, nem teremos por cá, nem nossos olhos estão costumados a estes objectos. O cravo entre nós seria huma guitarra, o almoço chocolate, ou óvos fritos, o jardim he a horta de couves, e pimentos, a fonte hum manancial rustico, e a quinta he o quintal. A senhorita não he senhora, senão donzella: não tem seje para fugir, e se monta nas ancas do cavallo de seu amante, que costuma ser hum D. Felix, ou hum D. Diogo, sem mais titulos. Não pertendo tirar exemplos de virtude nem de humas, nem de outras historêtas, se bem que no maior recato dos estrangeiros está escondido o maior veneno; além de que os caracteres, as situações, e a linguagem tem muita differença

de nossos habitos, e usos. Já principio a ver a aurora da legitima locução Castelhana, e ainda da eloquencia, segundo se manifesta em alguns dos escriptos patrioticos deste tempo da liberdade: porque com mais, ou menos ornato, e valentia todas são producções do proprio numen, e não traducções, nem imitações do Francez, aonde ninguem terá ido buscar modélos neste genero. Que será quando o talento se vá desentumecendo do duro pezo das cadêas, que acaba de soltar! Não quero extender-me aqui a tudo o que pede a refórma dos abusos introduzidos em nossa lingua até desabusalla inteiramente. O dicionario hispano-galo comporia hum bom volume, e o deixo para outra occasião, se o Ceo ma conceder. Por agora desejo vêr desterradas as palavras assemblea, bello sexo, detalhar, organizar, requisição, secção, resultado, authoridades constituidas, Agentes do Governo funccionario público, e até a de regeneração, que tantos suspiros nos custa, não sendo em estilo mystico, nem tão pouco *arma* por tropa. A mesma voz Central ainda que Castelhana, me incommóda, só por vêlla usada em França para estabelecimentos politicos, e literarios de sua louca revolução. Além de que em Hespanhol não recebe esta voz accessão que se lhe quer attribuir no significado de principal, ou capital.

Aqui me acho atacado sem saber por onde deite a passear a minha fantezia: tudo são monstros de differentes figuras, que me sahem ao encontro: por todas as partes me assaltão horrores, e escandalos, que não conhecêrão os seculos. Corro em fim os olhos, e accommetto outra vez com Godoy, a quem o nobilissimo Imperador abriga, e trata de Serenissimo Principe, para com este novo insulto fazer-nos novo genero de guerra. Conserve-lhe todos os titulos, e honras, que quizer, e dispense-lhe outros de nova invenção, até a de Satrapa, que aqui lhe conservaremos seus Soldados, emolumentos, e Estados até que venha edificarnos com suas consortes.

Bem quizera, e poderia eu internar-me no labárintho deste minotauro; porém quem me daria o fio, ou as azas para sahir ao porto da claridade? Sua vida occulta está tão internamente unida com a de pessoas demasiado conhecidas, que o recato, e o respeito nos manda cubrir por agora com hum denso véo. Só poderei dizer por via de supplemento ao bosquejo, que tenha feito desse traidor, e archypirata, que seu despotismo, dissolução, e insolencia, sostidas pelos mesmos, a quem offendia inteiramente, e soffridas dezoito annos seguidos por doze milhões de Hespanhóes, não tem exemplar nas humanas, nem divinas letras. Os privados, cujos crimes occupão algum lugar na historia, ou forão victimas do Povo, ou do poder de seus rivaes, ou do enojo dos Principes desenganados: e assim quasi todos morrêrão em hum cadafalso. Porém este malvado, zombando da authoridade Soberana, e do respeitavel nome da Nação, não tem conhecido vergonha, nem remorsos, e tem sobrevivido a seus deleites, amparados de outro mais vil, e delinquente, do que elle, e mais poderoso.

O' vós, Guardas de Córpos, os mais offendidos deste ingrato tyranno, companheiro vosso, quando era homem, porque o livrasteis do furor popular em aquelle memoravel dia de Aranjuez, quando cahio vivo em vossas mãos? Quizésteis obrar como humanos, e como Cavalheiros com hum cobarde réo, que nem era homem, nem Cavalheiro. Morre-se naquelle momento, já que o Ceo parece o tinha destinado á vingança Nacional, tantos annos reprimida! E ficou salvo: e vós, logo depois, tivesteis que andar divididos, e dispersos, como bandada de passaros á vista do espantalho. Murat, que veio tirar-vos dentre as mãos a preza, que não soubesteis suffocar com ellas. Convêm guardallo vivo para sacar-lhe os thesouros com suas declarações, dizieis, e dizião outros; e vós o guardaveis para que fosse declarar o nosso miseravel estado ante Napo-

ção. Os milhões já não estavão em Hespanha ; mas sim huns na França , e outros em outras partes , para onde tinhão passado por varios conductores occultos , e manobras judaicas. Elle não nos deixou aqui mais , que a horrenda memoria de seu nome , e de seus escandalos , e estragos.

Deixou-nos a odiosa vista de seus palacios , pois já não podia caber em hum a sua vaidade , os quaes hoje são propriamente palacios encantados , parecendo-nos sonho o que temos visto , e o que vemos. Este homem tinha-se feito demente com tanto poder , e tanto gozar : desvanecida teria a cabeça com o fumo de tanto incenso , como se lhe offerecia em verso , e em prosa , e até mesmo nos templos de hum Deos , aonde jámais entre Catholicos tinha penetrado a idolatria do poder humano. O' Sagrada Oratoria ! A que vil officio te havia prostituido a venal adulação ! Nós admiramos que a Cezar Outaviano lhe erigisse hum altar a gent l Tarragona ; quando as effigies deste malvado inimigo da Patria , e escandalo da Christandade , se introduzião , e collocavão nas casas do Senhor , fugindo dos Santos de sua vizinhança ? Enchião as paredes de adornos , quando devião cubrir-se de luto : os sinos tocavão á festa , devendo tocar a rebate. Estas sacrilegas demonstrações não serão cridas da posteridade , e nós apenas as creremos dentro de pouco , pelas termos presenciado. Chorem o seu peccado os que se desnudárão de todo o respeito humano , e divino para humilhar-se a tanta baixeza ; e choremos nossa cobardia , pois que o consentiamos com a nossa paciencia.

Não contribuiria pouco nossa indulencia a fomentar a ousadia , e as esperanças de Napoleão , para vir a subjugar com o apparato de suas I egiões huma Nação tão habituada a soffrer , e a calar. Mas esta mesma paciencia forçada nos tem dado depois o espirito , e o esforço para não soffrer mais. Disse o Povo , e só tu soubeste dizello : até aqui chegou minha oppressão ; e não

passou dalli. Chegão os males a tal extremo, que sua mesma gravidade traz ás vezes o remedio. O burro quando não póde aguentar mais, se lança ao chão com a carga: porém a nós nos tem succedido o mesmo que ao camello, que humildemente ajoelhado, quando lhe carregão mais do que póde levar, se levanta. Perdoai-me, Leitores, que use de tão baixas imagens, porque temos chegado a tempo, que não se encontrão simbolos para ensinar os homens, senão nos animaes.

A este miseravel estado de indifferença nos havia reduzido o poder tremendo do privado: nome execravel que deve riscar-se desde hoje de todos os dicionarios. Porém era todavia mais miseravel, e abominavel o damno, que sua estragada vida fazia aos costumes públicos, e domesticos. Pensavão seus aduladores mais chegados, que fazião mais agradavel serviço a esse monstro, imitando o nos vicios: e a adulação julgava que com elles poderia grangear-lhe a vontade, da qual pendia a distribuição de todas as graças. Tambem quando se cançava de servicioso, mudava de objecto a seu querer, e queria parecer sábio. Contemplando-se superior a todos em poder, tambem pertendia sello nas qualidades do animo, e do intendimento. Em todos os assumptos disputava S. E. sem ter aberto jámais hum livro, o mesmo nas artes da paz, que nas da guerra. Dictava regras aos arquitectos, aos pintores, e mais artistas, que chamava, para que guiados por suas desvariadas idéas trabalhassem em suas obras; e assim nunca se acabava nada, senão a paciencia dos professores. Tambem dava maximas de moral, e de politica ao seu modo, que alguns bestiaes aduladores recolhião como sentenças de Platão, ou de Catão, e houve quem as fizesse repetir a seus filhos. Palrava de táctica com a satisfação de hum Montecuculi, ou de hum Alexandre Farnesio. Animava os Militares á guerra, sahindo com botas, e esporas á salla de sua Corte, cheirando a ambar por não espantar as damas; e com estas forças que

duravão sete, ou óito dias, tem feito suas campanhas. Julgava como outro Apollo do merito das composições poeticas que o temor, ou a esperança lhe dictavão; e mantinha para consolar-se, e fomentar sua cansada lascivia em os momentos ociosos, poetas, e poetisas de camera que lha atiçassem. Trinchava em tudo, não deixando fazer nada aos que o podião ajudar, e livrallo do riso, e censura pública: quanto se imprimia em seu nome era parto de sua penna, e bem se conhece. Em fim, não havia genero de gloria, que quizesse renunciar. Tinha tambem sua biblioteca virgem, e brilhante, sem custar-lhe cinco reis, como seu serralho provisional, cuja manutenção corria por conta das mãis, ou maridos, e a recompensa dos favores, por conta do Erario. Tambem picava em erudição historica; e para que se veja até onde raiava seu bom gosto neste genero, entre seus cavallos tinha hum, a quem tinha posto o nome de Trajano. Se daquelle virtuoso Imperador tinha tal conceito, que o converteo em bruto, profanando seu augusto nome, qual lhe merecêrão os mortaes, que immudecião na sua presença? Ao sobredito cavallo chamava-lhe o seu amigo, porque se queixava de não poder achar hum entre os homens; e tinha razão, pois não merecia o déspota outros amigos que bestas. Ah! Se o bruto tivesse podido fallar, bem sei eu o que lhe houvera respondido e enojado: eu não sou teu amigo, e nem o quero sêr: se sou Trajano, sóbe-me desde agora ao palacio, e tu desce á cavalharice.

Desgraçado Homem, carregado de tantos, e tão enormes vicios, que não dérão lugar a nenhuma virtude, com a qual podesse occultar nem ainda a mais servil adulação! O que temos visto nestes ultimos annos, não o tem visto, nem tornarão a ver talvez os Seculos. Tudo tem sahido desmentido: nossos discursos, e a experiencia das cousas passadas. Folheemos os livros: calem-se Tacito, Salustio, e Seutonio, envergonhe-se

o mesmo Machiavelo. Tornem ao Mundo, e verão quão pequenos forão, e como a desordem, e a loucura do Império tem desmentido nestes ultimos tempos a maior parte de suas Sentenças, e observações politicas. A experiencia lhes mostrou que houve, e haveria sempre desafforos contra a justiça, e a razão; mas não contra a mesma natureza. Que diria agora nosso politico Saavedra, se lesse o que nos deixou escrito na seguinte maxima fundada na ordem natural das cousas humanas? „ Quando o valimento de hum privado (dis-„ se) he grande, ao mesmo Principe, author seu, dá „ zelos, e temor, e procura livrar-se delle. Reconhe-„ ce o Principe, que a Estatua, que tem levantado faz „ sombra á sua grandeza, e a derriba. „ Isto terá succedido, e he o que deve succeder; porém estava reservado para nossa desgraça, que experimentassemos tudo ao contrario. Aqui o Principe jámais teve zelos, nem temor: quanto mais levantava a Estatua, mais amor recobrava á sua altura: quanto mais sombra fazia esta, com maior segurança se acolhia debaixo della; e tão longe estava de derriballa, que se abraçou com ella no ultimo perigo, para cahirem juntos a obra, e seu author. O favorito já levava o Sceptro, e Carlos só a Coroa para ter alguma cousa de Rei. Que bem se poderia dizer desse infeliz Soberano o que se disse de Claudio: que de tal maneira se tinha abandonado a seus favoritos, que senão lembrava, que era Imperador, só se lho dizião. A penna cahe, e a mão se encolhe, envergonhada de se empregar por mais tempo em descrever as dissoluções, e crimes deste monstro, author da nossa perdição. Apartemos a vista até da sua memoria, e deixemos-lhe que goze em má hora na casa do nosso inimigo os agazalhos de outro monstro maior do que elle. Tão pouco quizera trazer outra vez á memoria o retrato de Napoleão: este nome me indigna, e sua figura me faz extremecer. Eu já disse ha oito annos, vendo seu retrato em huma caixa: este tem cara de here-

siarca , e certamente que nunca á vi assim a ninguem! Que funesto presentimento me inspiraria sua fisionomia para retratar por ella seu coração? Não o tratei de herege , nem de apostata , porque nunca teve Religião que deixar , nem que abraçar : li em seu rosto huma profunda hypocrisia , e em sua vista prespicaz , e sombria , huma malvada intenção ; e por tanto se me representou como fundador de huma nova seita , já fosse politica , já religiosa. O Mundo o tem visto depois com espanto , e eu tive a dôr de ver realizada minha apprehensão. Meditabundo , sério , tetrico , de poucas palavras , e de muita intrepidez , desterrados de seu rosto o riso , e affabilidade , ambicioso de mando , e de gloria : eis-ahi Mahomet escripto , e escarrado ; e para completar o parallelo , tambem tocado de epilesia , como o filho de Meca. Ambos vierão ao Mundo para arruinar os fundamentos da verdadeira fé , e do Imperio dos Reis , e ambos tem feito correr rios de sangue humano nas tres partes do mundo. O que o Profeta Arabe não pôde acabar por sua mão , pois morreo no meio da carreira de suas emprezas , o acabárão seus califas.

Mas o Corso faz todos os estragos por si mesmo , cuida de sua vida mais , que Mahomet , que em hum banquete morreo envenenado com hum prato de guizado. O Corso não convida , nem he convidado : o mesmo fazia nosso Godoy , quando crescendo no poder , crescia seu temor. Como os malvados se conhecem sem se verem , nem conhecerem-se !

Para maior desgraça do genero humano principiou o Corso suas sanguinolentas carreiras desde muito moço , e a sua continuação ameaça até consumar seus dias. A mesma desventura nos cahio com Godoy , que tinha consumado já todas as maldades antes dos quarenta annos. Ao menos os Romanos tinhão algum genero de lenitivo no meio da oppressão. Senão mudavão de tyrannia , mudavão de tyrannos muito a miu-

do ; e já que não achavão allivio a seus males , achavão o gozo de ver morrer os seus authores ás mãos da vingança popular, ou da impaciencia pretoriana. Houve Imperador que não governou seis mezes, e algum nem seis dias : entre a acclamação , e o enterro costumava mediar hum curto espaço : e o primeiro, e ultimo dia erão ao menos dias de alegria. Mas Napoleão respira , para não deixar respirar aos que tantos annos ha que padecem.

Não se contenta com o titulo , e a soberba de Imperador : aspira á de Creador. Já que não póde dizer eu criei o Ceo , e a Terra , e fiz o Homem á minha imagem, e semelhança, trabalha por regenerallo , isto he, por mudar-lhe a natureza ; que já o tem conseguido , segundo o temos experimentado com seus Francezes. Na fórma humana dos córpos nenhum poder tem sua soberba : quanto não sentirá sua arrogancia , por não lhe nascerem Homens com quatro braços para fazer-lhes disparar duas espingardas ao mesmo tempo, e saquear com quatro mãos? Huma Lei , e huma lingua no Continente , e hum rebanho de carneiros de huma mesma lã : eis a paz , e harmonia universal, que tanto deseja ; e depois venha o Anti-Christo. Sem dúvida não será Napoleão , porque daquelle se conta que semeará dinheiro com ambas as mãos , e este o recolhe todo para si.

Tudo quer abolir : aborrece tudo o que traz o sêllo de antiguidade. Quer que tudo seja obra de suas mãos. Não quer nem os restos , nem o nome , nem a memoria do feudalismo, e faz feudos do Imperio Francez ás novas Sobranias , que cria. Não queria titulos, nem distincções hereditarias , para não tirar os Francezes da igualdade; e acaba de crear Duques , Condes, Barões, e Nobres. Nada quer velho , nem nossa Monarquia; e toma dos Romanos a Legião, os Vélites, o Tribunado, o Senado, o Perfeito, e Senado Consulto, e dos Gregos o Odeon, e Atheneo, &c.

Já não póde mudar a ordem de nascerem os Ho-

mens : tem inventado o modo de os fazer morrer. A execução da pena capital he nova na justiça civil, e só conhecida entre a Soldadesca. Os patibulos altos, como de degolladouro, garrote, e principalmente o de forca, se estabelecêrão para que sua vista amedrontasse, e servissem de público exemplo. Naquelle estado ao menos tem o justiçado a consolação de fallar ao Povo, de despedir-se de seus Amigos, de invocar o Ceo, e de excitar a admiração, ou a compaixão dos espectadores, com sua fortaleza, ou com sua resignação, antes de dar o pescoço ao verdugo. Porém o desgraçado, que vai a arcabuzar (não fuzilar) sem levantar os pés da terra, espera o tiro, como hum tímido Coelho em hum curral, sem poder extender as vistas ao Mundo para despedir-se delle. Rodeado de verdugos, pois a este Officio tem reduzido seus Soldados, fecha os olhos, e lhe abrem o peito seis balas, deixando banhada em sangue a terra, aonde fica estendido. E para que se junte a esta crueldade a maior infamia, o Soldado Francez he verdugo, e Ladrão em huma peça. Deixa nú ao desgraçado, que entregárão á sua discripção, tirando-lhe a roupa antes que os tiros lha arruinem, e destruão. A penna cahe-me da mão, e não posso proseguir.

Já que não póde formar outro Mundo, se apressa em transformar seus Habitantes em bestas. Não póde mudar a Geografia fysica, e natural, nem o curso dos rios, nem as cordilheiras dos montes, nem o assento das Cidades, nem as barreiras da natureza; porém transtorna os limites politicos das Provincias, e Reinos; encurta, ou alarga as fronteiras: tira, ou junta territorios, de maneira que destroe Reis em hum Paiz, e os levanta em outro; e muda ou risca seus antigos nomes. O Atlas do Mundo está em branco, como depois do deluvio; e os gravadores estão com o buril na mão, esperando, antes de traçar as linhas dos Estados, que S. M. I. acabe de fixar de huma vez o ultimo destino do Continente Europeo.

Acabou-se o estudo da Geografia: todos sabemos o nome da terra, em que temos nascido, e não podemos advinhar o daquella em que morreremos. Acabou-se tambem o da historia, pois perdêrão sua existencia, e no seu nome as Nações, e Póvos que derão assumpto á memoria dos historiadores, e pasto á curiosidade dos viajantes. Já não existem, Nação Hollandeza, nem Veneziana, nem Genoveza, nem Helvecia, nem Lombardia, nem Piemonte, nem Toscana, nem Estados Pontificios, nem Cidades Anseaticas: tudo ha tragado o ventre do Império Francez. Estes Estados tão famosos em os annaes da idade média, se devém considerar como os da Grecia, e d'Asia menor depois das Conquistas de Mahomet, e Selim, Imperadores dos Turcos. Aonde estão hoje os Reinos de Ponto, d'Armenia, de Lydia, Caria, Secilia? Onde Jonia, Phrigia, Troia? Onde Macedonia, Tracia, &c. Os viajantes, e antiquarios buscão seus assentos em vão: e de muitas insignes Cidades, nem as pedras tem ficado. As Conquistas de Napoleão não seguem a ordem, nem systema das antigas. Agora não deixa Leis, costumes, usos, privilegios, classes: tudo transtorna até o Culto Divino. Introduz sua moeda, seu idioma, suas fórmulas, e regras de Governo, sua Constituição politica, e Militar, e seu Codigo civil: muda os nomes aos institutos, que se digna deixar em pé: e o peior he, o derraman com as Tropas, e commissionados, que envia ás Conquistas, a perversidade de seus costumes, e a sua impiedade: em huma palavra, reduz á escravidão as almas, e os córpos. Isto se chama entre os Francezes organizar, isto he, descompaginar.

Depois de saquear, e organizar os Paizes a seu arbitrio, lhes muda até os nomes vulgares, e conhecidos, latenizando-os ao uso antigo, porque os eruditos de París só são consultados para estas pedanterias. Porém como S. M. I. se cança de tudo, ou muda de vistas, os torna outras vezes á sua communi denominação. Já temos visto como o Minalesado se chamou ao

principio Republica Transalpina, logo Cisalpina, conforme o Oriente, por onde a contemplavão aquellas cabeças desorientadas. Não contente o Corso com esta ultima denominação, a chamou Republica Italiana, voz que annunciava já a sorte futura de toda a Italia; e finalmente a converteo em Reino de Italia para senão andar com mais recatos, nem dissimulações. Assim temos visto como o Tigre I. e R. tem ido colhendo prezas, quando alguns o julgavão dormindo, até alcançar com suas garras o cabo de Otranto; e ao recolhellas tem levado de hum refilão os Estados do Papa, e a Toscana. Graças ao mar, que livrou das suas garras a Sicilia, porque não he féra, que se lance á agua, e nem quer molhar as unhas.

Porque não mudaria este Prothe a Cidade de Napoles em Panthenope, e o Reino em Magna Grecia, como mudou a Toscana em Hetruria, o Genovesado em Liguria, a Hollanda em Batavia, Flandes em Belgica, a Suissa em Helvecia. Já tem voltado estes Estados á sua propria, e moderna fysionomia, tirando lhes a ultima mascara. Não he isto jogar com as Nações como os meninos com seus bonitos? Como não mudaria o Conquistador o nome de Portugal em o de Lusitania, que sôa com retundidade Romana? Elle se entende, e Deos o entende a elle.

Com estas transfornações, desmembrações, e incorporações ficão de tal sorte destroçados, e confundidos os Estados, que cahem debaixo do seu poder, seja como Imperador, como Rei, ou como protector; que ainda que por morte, ou loucura do monstro, que os governa, se descompozesse a grande máquina, que tem levantado na Europa, seria impossivel, sem huma especie de resurreição, que tornassem á sua primeira ordem, e estado: as differentes peças, que se separárão della, humas encaixadas em outras, e outras desbaratadas. Daqui nascerião novas querellas entre os herdeiros, pertendentes, e visinhos: novas guerras, no-

vas calamidades para os infelizes Póvos, que terião que soffrer o rigor do remedio, acaso tão duro como o mal que padecem. Parece-me que escuto os lamentaveis gritos daquelle que deslocou huma perna, quando o Cirurgião lha põe no seu lugar.

Em outros tempos não soffrião as Provincias, e Póvos conquistados semelhantes transtornos. Não erão alterados seus usos, Leis, costumes, fôros, e fórma de Governo; nem moeda, e as Contribuições experimentavão mudança. Não havia mais novidade, que a de receber hum Vice-Rei, ou Governador Estrangeiro com seu Secretario, e encabeçar as cedulas ou edictos com o nome do novo Principe, que lhes tocava por sorte, ou por cessão, conquista, ou herança. Que succedeo em Napoles, Sicilia, Sardenha, Milão, e Paizes Baixos, quando era da Coroa de Hespanha! Não experimentárão mais mudança, que a dynastia do Soberano. Erão Vassallos de Hespanha, sem serem Hespanhóes, mas Napoleão usurpa tudo, porque não he herdeiro de nada, senão do inferno, e por tanto tudo transtorna, ou incorpora na massa do Imperio Francez, para que jámais possão segregar-se os infelices Póvos sem desfazer-se o Corpo que os tragou, e converteo em sua substancia. Amarga, e desconsolada idéa, deixando-se de ser o que foi: perder sua Patria, e até seu nome? Francez serás, com laço de tres côres te honrarás, e passarólla comerás, que mal te saiba.

Não fallemos mais deste monumento da nova tyrannia: contentemo-nos os Hespanhóes, que aqui poderia mudar primeiro a corrente dos rios, que os corações. Fallaremos de seu espirito de rapacidade, com a qual engoda seus Exercitos, para que soffrão pacientes as fadigas, e perigos da guerra, pela esperança dos saques. Este genero de táctica vandálica assás a conhece toda a Europa, e nós a acabamos de experimentar da furia brutal, e barbara de seus filhos, tão parecidos a seu Pai, que nada faz com decóro, senão com sua na-

tural fereza. Nos vicios ha ainda certa maneira, que os doura, e lhes dá certa temperança para tirar-lhe parte da sua fealdade. Na antiguidade tambem houve famosos ladrões; mas os que se lisonjeavão de astutos, e politicos por não offender a Religião dos Póvos, e a Santidade dos Templos, costumavão saquear com graça, e sem estrépito, e com sua finura parece que querião pagar o preço do roubado. Quando Dionysio, tyranno de Sicilia, tirou á estatua de Jupiter a capa de ouro que tinha posta, disse: no verão he pezada, e no inverno não abriga. Outra vez vendo a Esculapio com barbas de ouro, disse: não parece bem, que não as tendo Apollo seu Pai, as tenha o filho; e lhas tirou. Napoleão porém rouba, como Verres, e seus Soldados como Alano. He assim que tem enriquecido seu grande museo de París: formado quasi todo dos monumentos, e preciosidades dos Gabinetes da Europa, e despojos das Cidades, e Cortes, que tiverão a desgraça de receberem tal hospede. Desejava tambem ter a espada de Francisco I., e não teve valor para a vir buscar: eu lha daria pela ponta, sem a tirar do cabide de armas. A noticia deste sacrificio, quando foi entregue a Murat, foi para mim huma cruel estocada. O valor Hespanhol a conquistou em Pavia, e tua perfidia, cobarde Corso, no-la tira das mãos, como regalo. Já a tem em seu poder: junte-a com a de Carlos Magno, e a de Federico o Grande, esse comprador de ferro velho, e toque-as depois no coração para provar a sua tempra. París foi algum tempo o emporio das sciencias, e das artes, hoje he o armazem geral das rapinas, centro do despotismo, e o sórdido deposito de todos os vicios do Imperio Francez. Alli triunfão, e se regalão como Sardanapalos os Generaes, e Pretores, que tem vindo das conquistas carregados de crimes, e de thesouros. Não ha véo, nem razões com que desculpar as barbaridades, que commettem os féros Soldados de Napoleão em os

Templos. Conceda-se á sua cobiça, e impiedade, que saqueem os Sacrarios, e as Sacristias, que carreguem com os Santos se são de prata, ou de ouro, porque alli saceão sua cobiça com o valor do metal; mas que degolem as Imagens Sagradas, e se entretenhão em descabeçallas, como se fossem sensiveis, não tem desculpa, nem como odio, nem como diversão. A fraqueza da natureza humana não póde servir de pretexto, como nos mais excessos. Os Moiros farião isto, mas neste caso obrarião por hum principio de sua Religião, isto he, o horror á idolatria. O mesmo farião, e tem feito os protestantes nas guerras de Religião, pelo mesmo principio. Mas os Francezes, que não professão nenhuma, porque principio obrão deste modo? Seus Officiaes o permittem, e os Generaes os não castigão. Sequer podião perdoar a estas Imagens, algumas como modélo da escultura, já que os Francezes se honrão como protectores, e conservadores das bellas artes. Seu gosto não consiste já hoje senão no paladar, e na sensualidade, e em fazer derramar lagrimas áquelles, que lhes tem dado hospedajem.

Mas que se póde esperar de Exercitos de ateistas, nova praga no Mundo, e desconhecida na Historia? Permitte-se entre elles toda a crença; mas nenhum Culto: o Christão, o Judeo, o Herege, o Gentio á força de perder todo o Exercicio de Religião, falto de exemplo, e de conselho, em sua vida errante, e feroz dos Exercitos, onde vão incorporados como irmãos, não em Christo, mas sim em Napoleão, se convertem em Homens sem humanidade, nem piedade, nem sentimento algum de moralidade. Só se permitte, e prescreve a idolatria nos Exercitos, e nos vastos dominios do Imperio Francez, não a de Ceres, nem a de Cibeles, emblema da agricultura, e da civilização dos Póvos, mas do numen maléfico de Napoleão, Imperador por sua palavra, e Omnipotente pela de seus infames adoradores, e heróe pela dos que valem mais,

e podem menos do que elle. Vive l'Empereur he o juramento, e a diaria invocação de seus Soldados na guerra, e na paz. Vive la liberté foi antes quando os Francezes erão mais sábios, e mais loucos. Vive la paix foi o penultimo, quando espirava a Republica. Com tão augusta salutação se levantão hoje os que soffrem a escravidão, e os que a defendem com as armas. Não tem outra deidade a quem invocar, porque não vem outra a quem temer.

Ao Céo não levantão os olhos senão os usurarios, e os astrónomos, que são os unicos sábios que os incommodão: e não sei como se tem esquecido de dedicar-lhe algum novo astro, ou alguma constellação de máo agoiro, prestando-lhe seu nome; ou de desalojar dos nichos de Zodiaco algum signo, como o Senhor Escorpião, ou o Senhor Cancer, collocando em seu lugar a funesta figura de Napoleão. Tão pouco comprehendo, porque sendo a botanica hum dos Estudos, que tem deixado salvos, e livres em seu Imperio, a não tem immortalizado seus professores, baptizando com o nome deste monstro alguma planta da familia das venenosas? Mas dirá elle para si: minhas obras me tem immortalizado: em quanto houver Homens, meu nome jámais se lhe riscará da memoria, meu Reino he deste Mundo, esteja Deos em os Ceos, pois lhe não hei de vêr a cara.

Em França tudo sôa ou revolução, ou regeneração. No tempo do furor democratico tiravão-se os nomes dos Reis, e dos Santos, das praças, e ruas, e estabelecimentos públicos, convertendo-os em nacionaes, e Republicanos. Vem o Corso Napoleão a regenerallos, e tudo se Napoleoniza, e com seu nome se rebatisão Póvos, praças, ruas, theatros, museos, passeos, portas, navios, institutos, e Lei. Falta só dizer se: Napoleão me valha. = Viva Napoleão. = Napoleão ajude a V. M. = vá V. M. com Napoleão: do modo que temos dito até aqui, Deos me valha: viva

Deos. = Ajude Deos a V. M. : vá V. M. com Deos.

Quizera despedir-me para sempre de Napoleão , e não tornar a empregar a penna em tirar-lhe o retrato: he mui difficil dar-lhe a verdadeira côr , porque nenhuma tem constante. Seu nome me enjôa , e sua memoria me afflije; e tão presente o tenho , que em sonhos batalho com elle , e com seus Exercitos para dar fim de huma vez a tão larga, e renhida contenda.

Sonhei as noites passadas (tal era o desejo que tinha de pacificar mui depressa a Europa sem disparar hum tiro) que me tinha convertido em Gigante enormissimo de vinte legoas de altura, calçando hum çapato de humas duas legoas de largo. E como para minha empreza não necessitava de armas, nem do uso de meus braços , recommendei a aniquilação dos que ha tantos annos inquietão a terra sómente ao pezo de minhas pizadas. Sahi a passear ao afflicto continente ; e em quatro passadas me puz de Madrid em Danzick , e em pouco mais desde Compenhague á Calabria. E sem perder jornada como quem sacode o pó dos çapatos , esmaguei , á maneira de formigas , da primeira pégada dez mil couraceiros Francezes , mais adiante quarenta batalhões de Linha , em huma parte dez mil Dragões , em outra seis mil Gendarmes : de hum pontapé deitei a voar por sima das nuvens toda a casta de canalha ligeira, chasseurs , tirailleurs, velites , e voltigeurs , e de hum coice rodárão até affogar-se no Rhin todos os Mamelucos , elles , e seus cavallos , com seus alfanjes , espadas , e pistolas. E logo dando huma meia volta puz os pés sobre París , e esmaguei toda a guarda Imperial , e o Senado Conservador : ao Imperador não o pude divizar por mais attentos que fictasse os olhos. Acordei , pois que o pezadello era insoffrivel , e achei , o que he Napoleão, outra vez huma formiguinha neste globo invesivel na immensidade do universo , e exclamei : Oh Deos Eterno ! Só tu és o Al-

tissimo: só tu ó Grande, e não os Imperadores, que representão a força do seu vão poder na miseravel mansão dos mortaes! Mal haja o que inventou a polvora, e o primeiro que a usou para a guerra! Servisse para Castellos, e artificios de fogo, que fosse para regozijo, e diversão dos Póvos, e não para seu terror, e destruição. Desde então tem ficado ociosos os braços, e o valor pessoal dos Homens, e a força, e brio dos Cavallos, e dos ginetes, que sem poder despregar seu impeto, e velocidade, quando convinha, hão de soffrer o destroço da bala de canhão, ou o da metralha. Quando as luctas campaes se decidião a arma branca, o paisano distava menos do Soldado; ou diga-se com mais propriedade, não havia Soldados de officio, e de ordenança. Mas os Francezes, já que não inventárão a polvora, forão os primeiros que dérão o máo exemplo á Europa, mantendo em pé de guerra hum Exercito permanente. No Reinado de Carlos VII. se formou hum Corpo de deseseis mil homens enrigementados: e Luiz XIV. veio depois possuido de sua ambição a dar o peior, e o mais funesto exemplo a todas as Potencias grandes, aniquilando seus Póvos, e seu Erario para pôr em campanha Exercitos de duzentos, e trezentos mil combatentes. Que levas, e que sobrecarga de contribuições para os gastos de tão formidaveis armamentos!

Diz-se que inventárão as bombas, e as baionetas. Quando he que inventárão huma cousa boa para consolação do Homem? Já inventárão a guillotina para abbreviar-lhe a morte, cortando cabeças, como quem descabeça maçarocas de milho.

Tambem inventárão a Máquina das gargalheiras de ferro para conduzir irmãmente os conscriptos ao Campo da honra, onde acharáõ a seus irmãos de armas, que lhes darão a boa vinda. E dizem que está tambem montada esta Máquina, e com tal artificio, e delicadeza, que o pobre filho de Napoleão, que não segue

o compasso da manada de seus companheiros agrilhoados, ou se faz algum movimento em contrario, fica affogado, sem que ninguem lhe ponha hum dedo em sima. Rasgos de tão inhumana crue'dade sómente os tenho lido em huma antiga relação do que fazião os Arraezes com os cativos Gelleotes, a quem para obrigallos a remar com diligencia, e sem sessar, quando davão caça a hum baixel de Christãos, lhes passavão hum laço corrediço pelo pescoço, atado á ponta do guião do remo, de maneira, que quando de cançados não podessem vogar mais, soltando o remo das mãos ficassem enforcados. Para mais terror ajuntava o Commandante outra mais horrorosa inhumanidade: cortava de hum só golpe de alfanje hum braço ao remeiro mais frouxo, e com elle hia pela coxia açoitando os outros. Não quizera que lessem estes exemplos os Maquinistas Francezes, que podião applicallos a suas ga'eras, quando tiverem marinha: bem que alli sem estes vexames todos remão ha dias.

A'lerta, Hespanhóes! Sentinellas sois todavia, e não ha que abandonar o posto nem de dia, nem de noite: não nos apanhem desprevenidos. Devemos temer o Francez, que leva ao hombro a pedra de amolar, ou nos vende meias, como aquelle que leva a espingarda: he gente de guerra, pois está disposta a tomar as armas contra nós, quando se lhe proporcione occasião. O belfurinheiro deixará suas ninharias, e pegará nas armas, se o seu Governo o determinar. Bem claro o tem visto a cativa Barcellona, quando o infame General Duhesme fez armar aos paizanos Francezes, que se achavão domiciliados dentro daquella Cidade para ajudallo na fad ga da guarnição, e na oppressão dos mesmos, que lhes tinhão dado entrada, albergue, e boa amizade. Os mesmos tanoeiros, taberneiros, e commerciantes, que moravão em nossas Villas, e lugares, servírão ùltimamente de espias ás tropas Francezas, que nos vinhão a conquistar. Estes inimigos com sobscripto de paz, não

nos tem causado menos damnos , que os armados. He bem excellente o proverbio que diz : Que o hábito não faz o monge. Assim se vio no levantamento de Portugal de 1640, quando abusando da bondade, e hospitalidade Hespanhola enviava a França ao Duque de Bragança alguns milhares de Soldados á desfilada em hábito de peregrinos com o titulo de romaria a Sant-Iago de Galliza , que era então entre elles a commum devoção ; e salvos com este titulo , passavão não só livres por Hespanha , mas ainda os mantinha a nossa piedade, e lhes dava hospedagem.

De todas as maneiras nos tem feito a guerra , humas vezes com as armas , e outras com a penna. Que elogios , e que justiça lhe devemos, fallando de nossas letras , e sciencias , e das pessoas doutas , que honrárão a historia , a poesia , e as humanidades , antes que elles as conhecessem ! O sábio , e modesto Mablynega ao P. Marianno o verdadeiro talento para a historia , só porque era Frade. Deixo este campo aberto aos sábios Hespanhóes , que desejarem entrar nesta contenda , a qual não he do meu proposito.

Se passamos a ler seus viajantes , a paciencia , e moderação não podem soffrer tantas tolices , e desatinos , como tem escrito em suas relações , equivocando tudo com sua natural ligeireza , ou fingindo o que só existia em sua louca fantazia. Tenho lido em huma viagem feita por Hespanha , escrita por hum certo Conde , que no estanque do Palacio Real do Bom-Retiro ha quatro Cappellas , huma em cada angulo , e são quatro noras cobertas. O viajante não quiz assomar a cabeça para inteirar-se do destino daquellas quatro casinhas. Porém como havia de querer-se desenganar hum Francez , que não queria perder a occasião de pintar-nos supersticiosos ! Outro viajante nos conta , que ao entrar em Madrid pela rua de Alcalá , vio hum espectaculo encantado : tantas filas de Laranjos ; e os baleões cheios de monos , e papagaios. Elle era *el Toranjo* , o mono , e o papagaio.

Este dos viajantes não he ramo menos fecundo, que o anterior, para que se exercite a penna de alguma pessoa de bom gosto, zelo, e instrucção, que faça conhecer ao público Hespanhol a dezattenção, e ignorancia com que escrevem de nossas cousas os mesmos authores, que se vendem por testemunhas de vista. Mas com que olhos vem esses aturdidos? Eu crerei, que não são olhos, senão antolhos, segundo he a paixão, e vileza com que fallão do que nem examinão, nem conhecem, só para redicularizar nos. Fatigado, e enfastiado estou já de fallar de nossos inimigos. Napoleões, Francezes, e Godoys deixai-me em paz; nem vossa sombra quero vêr, nem mais ouvir o vosso odioso nome. Vou a consolar-me com meus Hespanhóes, dirigindo ás differentes classes, que compõem a Nação, meus votos, e meus patrioticos affectos.

Illustres Hespanhóes, que compondes o Corpo da Nobreza: armados correi ao Campo da honra. A destincção de cada Cavalheiro, e de cada Magnate consiste agora; em qual será o primeiro, e qual offerecerá maiores dons sobre as aras da Patria. Vós tendes mais que defender, que as outras classes, porque sobre os trabalhos, e injurias communs a todos; como Christãos, e como Cidadãos, hieis a soffrer o ultimo abatimento, e miseria, e ainda a perder a vossa existencia politica. Eclipsado o lustre de nossas familias, e a honra herdada de vossos Avós, Napoleão hia a reduzir vossas rendas a huma cousa bem pequena; porque S. M. I. não gosta de ricos, senão de pobres de espirito, e de bolsa.

E vós tambem, Ministros do Sanctuario, dignai-vos prestar-me ouvidos nesta occasião: não pertendo admoestar-vos sobre o que deveis fazer nesta luta da Religião com a impiedade, mas sim dar-vos os agradecimentos do que tendes praticado. Escutai minhas debeis palavras, se vos he licito ouvir a hum profano, pois todos temos, nos tempos da clamidade geral, ple-

na missão para prégar a defeza da Patria, da qual todos somos membros vivos.

Zangãos perjudiciaes á agricultura, á industria, á povoação, e gentes innuteis á sociedade humana: assim vos tratava a eloquencia politico-ecconomico-filosofica dos sábios da França, e debaixo deste despreciavel emblema, vos qualificava o systema exterminador de Napoleão. Já estarieis destinados pelos que vinhão a regenerarnos, a tomar huma enchada, ou hum fuzil; perdendo vossa existencia, e até o nome. Assombravão esta classe de Milicia, que elle tem ido reformando por onde passa a sua. Bem conhecia que poderia vosso influxo, sem dar-nos as armas, fortalecer-nos o animo para tomallas. Não sois uteis para a força dos Estados, dizião seus venaes escriptores; mas ao mesmo tempo Murat, e José contavão com vosso auxilio mais que com suas baionetas. E senão, porque vos encarregavão, que empregasseis vosso exemplo, e vossa authoridade para applacar o Santo Enojo dos Póvos, prégando-lhes a submissão ao Governo intruso de n ssos inimigos? Então chamavão, e convocavão as cabeças, e Prelados de ambas as Classes, como Ministros do Senhor, e directores das almas: e isto não era confessar vosso poder, e temello ao mesmo tempo? Seria esta a unica vez, que se lembrarião em Hespanha, de que havia hum Deos, e huma alma immortal.

Mostrárão aquelles pérfidos, e incredulos adoradores de Baal Napoleão, quão grande era a necessidade, que tinhão de vós para consumar a obra de suas iniquidades. Querião que prégasseis aos Hespanhóes paz, mansidão, paciencia, e obediencia, como se vós fosseis estrangeiros; mas já vírão com subeja dôr, que accendeis o fogo da vingança contra os inimigos do Ceo, e da Terra.

Quanto trabalharia sua nescia politica para depois seduzir os Frades em ambas as Americas, porque não havião de ignorar Napoleão, e seus magos, que alar-

ga conservação, e segurança daquellas vastas Regiões do Imperio Hespanhol se deve quasi inteiramente aos Prégadores do Evangelho? Com que esperanças tão lisonjeiras iria o intrépido Dupont a tomar posssesão de Cadiz, e Sevilha, para abrir desde aquelles dois Imporios immensos rumos á ambição, e cubiça de seu amo, e Senhor? Mas este novo Hercules não logrou lançar vistas ao grande Pai das aguas do Oceano, e teve que dizer non plus ultra nos Campos de Baylen, e sepultar alli sua gloria.

Poderia eu tão pouco esquecer-me do destincto lugar, que occupais em minha memoria, e na de todos os meus compatriotas, nesta Santa luta, vós, ó nobres Habitantes do outro emisfério, filhos illustres do sangue Hespanhol, descendentes dos povoadores, conservadores do novo Mundo, e sectarios do Evangelho, cuja primeira luz enviou a essas Regiões a piedade, e grandeza dos Reis Catholicos? Já que a natureza vos collocoutão apartados de vossa Mãi, que não podeis vir a soccorrella com vossos braços, e vosso valor herdado, em sua extrema necessidade, e perigo, senão com vossos desejos, favoreceia entretanto com a vossa prata, e com o vosso ouro, e seja a primeira vez que este metal, que tantos males tem causado no Mundo sirva a bem do genero humano. Já não passará ás cobiçosas mãos dos Francezes, com o qual nos fazia a guerra aquella ingrata Nação. Fechados estão os Pirinéos, fechados os Pórtos, fechada toda a amizade, e trato humano, e cortadas as mãos dos que nos arrancavão os thesouros de nosso Erario, que era tambem vosso.

Defendei com os poderosos auxilios, que vos deo a liberal, e rica natureza a vossa antiga mãi, que por velha, queria o insolente Corso lançalla n'hum pardieiro, e dar-vos outra remoçada, e vestida á Franceza moderna.

Tambem vos queria cazar este incestuoso com

seus filhos adoptivos ; e não sabia que estaveis casados comnosco ha tres Seculos. Elle julgaria que não havia mais Hespanhóes que enganar , e vencer , que ós que vivemos em Hespanha ; e não sabia que a Coroa de Fernando conta vinte e quatro milhões de Vassallos em ambos os Mundos. Que volte a enxugar as lagrimas aos afflictos representantes do Commercio de Burdeos , e de Bayona , que lhe choravão sua miseria ao passar por aquellas Cidades , implorando sua providencia , onde lhes disse : tende paciencia , he perciso soffrer para serdes felices : vós commerciareis nas Colonias Hespanholas , e Portuguezas. Tal era o plano que levava n'algibeira , para fazer de nós , e vós o Patrimonio , e a herança de seus filhos primogenitos. Procure outros recursos , ou forge-se outro hymisferio : já não tem mais terra que a que piza ; e o mar ha dias lhe tem negado sua obediencia.

A todos os Póvos a quem promette prosperidade os exhorta a que soffrão , e fação sacrificios , que os Francezes chamão privações. Parece hum Missionario Apostolico , que prega mortificação , e penitencia , menos para si. Quantos annos ha que se zomba com estas frazes da paciencia dos Homens ? Quer acrisolar-nos mais para fazer-nos dignos do summo bem que nos tem preparado. Offerece continuamente paz , e felicidade aos habitantes desgraçados , que compõem o Imperio Francez , inculcando a abstinencia , e desnudez para seguir o bloqueio da Inglaterra. Que importa , dirá elle , que não venha mais cochenilha , nem anil , nem páo de tinta da America ? vistirão panno de côr da lã , porque são seus borregos. Em quanto á falta de algodão , seus naturalistas já buscárão outras plantas , que supprão seu uso , e commodidades. Pelo que respeita á falta de assucar de cana doce , seus quimicos tirárão substancias equivalentes de uvas , e patarabas em seus laboratorios. Isto se chama entre elles forçar a natureza , por não deixar nada inviolado de suas mãos. Passarão sem pimen-

ta ; canela , nem cravo , que hoje vem por mão dos Inglezes , pois não são artigos da primeira necessidade. Quer Napoleão provar que o Homem , ainda em sociedade póde vestir-se de lã , ou de peles , e calçar alparcas. Temperar com pimentos , alhos , e cominhos , e tambem comer em huma maceira , como o porco. Porém vemos que desta parsimonia , austeridade , e salvajaria , que prega este féro reformador da vida humana , não he elle quem nos dá o exemplo , nem elle , nem seus aulicos , e íntimos servidores , Heliogabalos em todos os sentimentos , cuja gula despovoa os elementos. Que esses assassinos dos Homens (não quero dizer de seus semelhantes á Franceza , porque elles não se assemelhão a ninguem) não vejão mais em suas mãos vossas salutiferas plantas , vossos divinos balsamos , nem o páo santo , nem a santissima quina. Vivão como quizerem , e morrão , como puderem. Não farão sabão com nossa barrilha , nem panno com a nossa lã , nem sogas com o nosso esparto , salvo pedindo-o para se enforcarem.

Vós tendes o ouro , ditosos irmãos nossos do novo Mundo , e nós temos o ferro para fazer a guerra ao assolador de ambos. Que mais temos já que pedir á Providencia , que nos tem irmanado a todos com os generosos Inglezes , abrindo-nos os mares para que nos possamos dar outra vez as mãos , e abraçar a vossos jovenes bizarros , que quizerem vir a ser companheiros , e testemunhas de nossas victorias.

Poderia minha penna esquecer-se de tributar a devida honra , e reconhecimento aos guerreiros , que estão á vista do inimigo na campanha , e aos alistados , que voltão aos exercitos a ser companheiros de seus gloriosos trabalhos ? Oh ! Vós todos irmãos de armas , e de vontade : filhos não de Marte , que he mentida deidade , senão de Hespanha , mãi verdadeira de Varões esforçados ! Eu não penso aggravar-vos , recommendando vos o valor , que he o vosso patrimonio ; tão

pouco a vingança dos ultrajes, que tem recebido a Santa Religião de vossos Pais, pois a tendes jurado; tão pouco a constancia, quando se trata de salvar a Patria ameaçada, e offendida; tão pouco o amor que deveis a Fernando, digno de amor, e de compaixão, que reina em nossos corações. Ah! Que esta preciosa Coroa não lha póde tirar o cruel Napoleão, nem a que lhe lavrão os Anjos no Ceo! Perdoai-me, marcial e valente juventude, que vos encarregue a obediencia aos Chefes, que vos conduzem ao Campo da Gloria, e a vigilancia, e a mais rigorosa disciplina, que he a que salva as vidas, ou he a que as faz vender caras ao inimigo. A Patria vos está vendo, bizarros Guerreiros, e os que não podemos acompanhar-vos com as armas, vos seguimos com os corações. Nestes se gravarão vossos nomes com vossas façanhas; e não em metaes insensiveis, e deste modo passará por herança a doce memoria dellas, de geração em geração, que durão mais que a historia. Nunca entregueis as armas ao inimigo, senão pela ponta: nunca vos deixeis colhêr vivos, senão mortos. Nunca vos espante o número das fileiras inimigas, nem seu formidavel apparato. Recordai-vos do que respondeo hum Capitão Grego, ao que o queria atemorizar, ponderando lhe as enormes forças do Rei da Persia, antes de dar-lhe a batalha, dizendo-lhe: são tantos, que encubrirão o Sol com suas settas: melhor lhe respondeo, porque pleijaremos á sombra. A outro que temoroso o advertio: os inimigos estão ao pé de nós, lhe disse com serenidade: e nós ao pé delles. Enviou-lhe a dizer o potentissimo Xerxes, desprezando seu curto número de combatentes: rende as armas; e o valente Spartano lhe contestou: vem tu buscallas. Aonde quer que vos leve a fortuna, levais a Patria comvosco. Quando morrerdes todos, iremos os velhos, os meninos, e as mulheres a enterrar-nos comvosco; e as Nações, que passarem a esta desolada Região suas habitações, sua servidão, lêrão attonitos: Aqui jaz

Hespanha livre. E eu dou aqui fim a este escrito por não morrer antes do tempo.

Advertencia aos Leitores escrupulosos.

Quando digo na primeira parte da Sentinella pag. 1., lin. 11, que podem sahir *del plejo* os corações, não se tome o pelejo por errata de peito, como alguns tem pensado. He metafora usada por Antonio Peres em huma de suas cartas onde diz: *infelices tiempos aquellos en que no osan salir del pelejo los corações.* Eu a adoptei para igual caso, não só por vella affiançada em tão grande mestre, como porque tem mais energia, e evidencia, sahir *del pelejo*, que sahir do peito; e não he este lugar para dar minhas razões.

Quando digo em a pag. 25., lin. 19., que em França morrêrão quatro de seus Reis a ferro, não tendo sido na realidade mais que dois, quero contar os attentados contra suas vidas, como assassinatos verdadeiros. Henrique IV. não morreo da primeira ferida, mas morreo da segunda que lhe deo Ravillad; e Luiz XV. foi ferido por Pedro Damiens, bem que escapou do golpe mortal. Contei como victimas os attentados dos regecidas, que he o que vem a proposito.

Quando na pag. 64, lin. 5, e 6., chamo Conde de Benavente a Tayllerand, e não Principe, foi por equivocação, causada talvez do fastio, que senti por ter de nomear tal movel. Bonaparte o fez Principe, e eu Conde; e agora digo, que para mim, nem he huma, nem outra cousa, e sinto tello corrigido na reimpressão. Equivoquei o appellido Tayllerand por Tellayrand, e o não quiz emendar, porque hum coxo, ex-Bispo, e casado, não póde ser senão o mesmo, e sempre o mesmo, e quiz que sahisse estropiado tambem de minhas mãos.

Deixo á prespicacia dos Leitores a correcção das que são propriamente erratas, serão algumas, attendendo o terem-se feito reimpressões fóra da minha vista, e de minha noticia, como encubar por encubrir, pag. 12, lin. 2, na primeira parte, e algumas outras desta natureza.

F I M.

Indice

Exposição dos factos e maquinacoens da Usurpação da Hespanha —— N.º 1.º

Manifesto dos acontecimentos de Aranjuez Ma[illegible] Bayona —— N.º 2.º

Manifesto de dôr, amôr, e ternura de Ferndº 7.º [illegible]

Constituição de Hespanha feita em Bayona — N.º 4

Representação de Ferndº 7.º a seu Pai — N.º 5

Manifesto aos Hespanhoes pela Rainha de Portug[illegible] D. Carlota Joaquina infante d'Hespanha — N.º [illegible]

Representação da Dita e do Infante D. Pedro a D. Joa[illegible] N.º e sua resposta —— 7.º

Proclamação de Jose Acursio das Neves — N.º 8.

Proclamação dos Hespanhoes ao Portuguezes N.º [illegible]

Elogio aos Restauradores de Portugal —— N.º 10.º

Epistola às Snrs. portuguezas

Resposta a Proclamação do Gal. Augerau — N.º 11.º

Dois documtos. uteis pa. a Historia — N.º 12.º

Buonaparte sem mascara —— N.º 13.º

Perfidia ou Politica Infernal — N.º 14.º

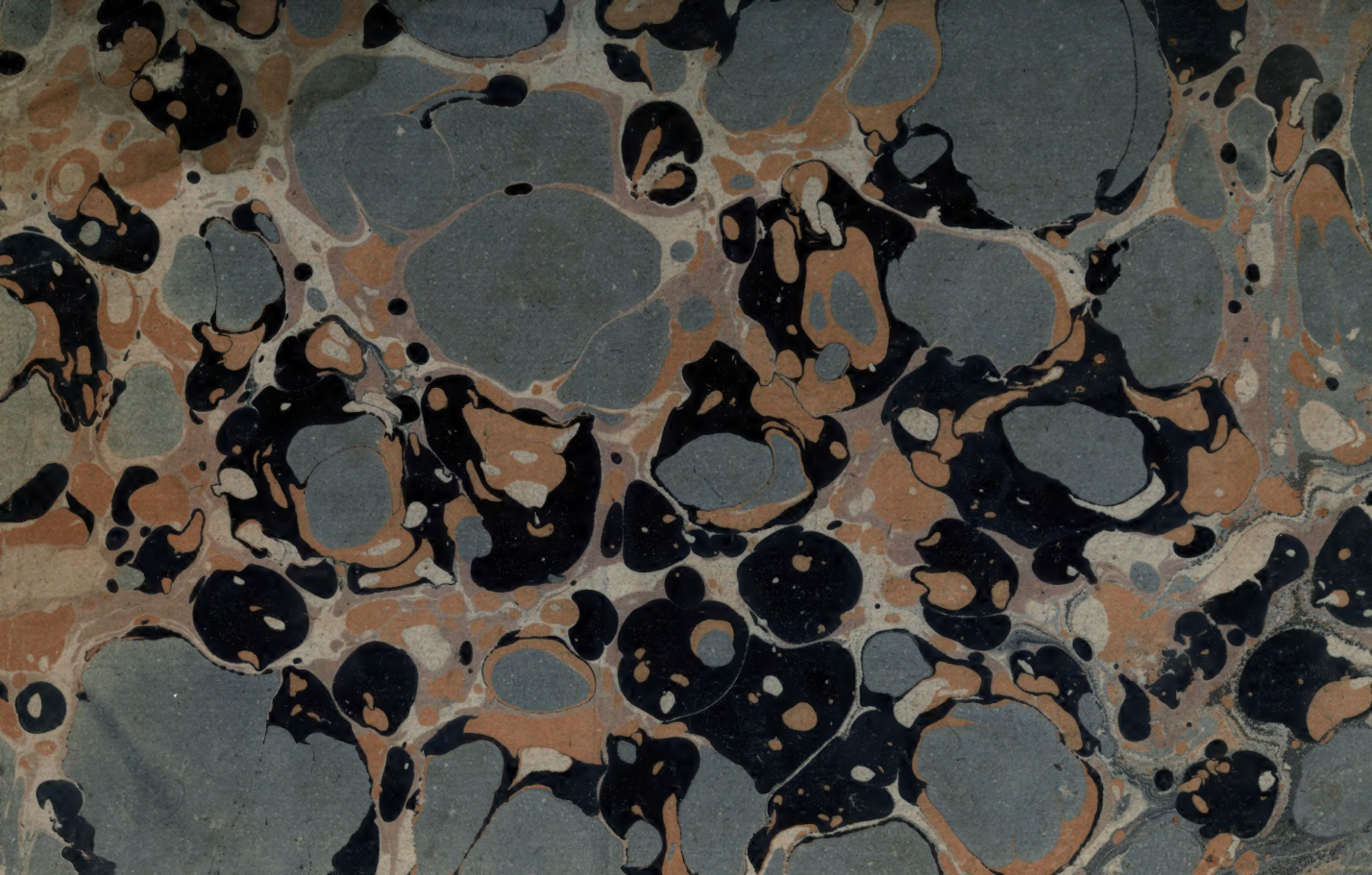
Descripsão da famª. de Bonaparte N.º 15.º

Pintura horrivel da França — N.º 16.º

Parafrase ao Capº. 14 do Pº. de Isaias — N.º 17.º

A Besta de sete Cabeças —— N.º 1

Sentinella contra Franceses — N.º 1

Sentinela contra Franceses 2.ª p.te N.º 2.º

Fim